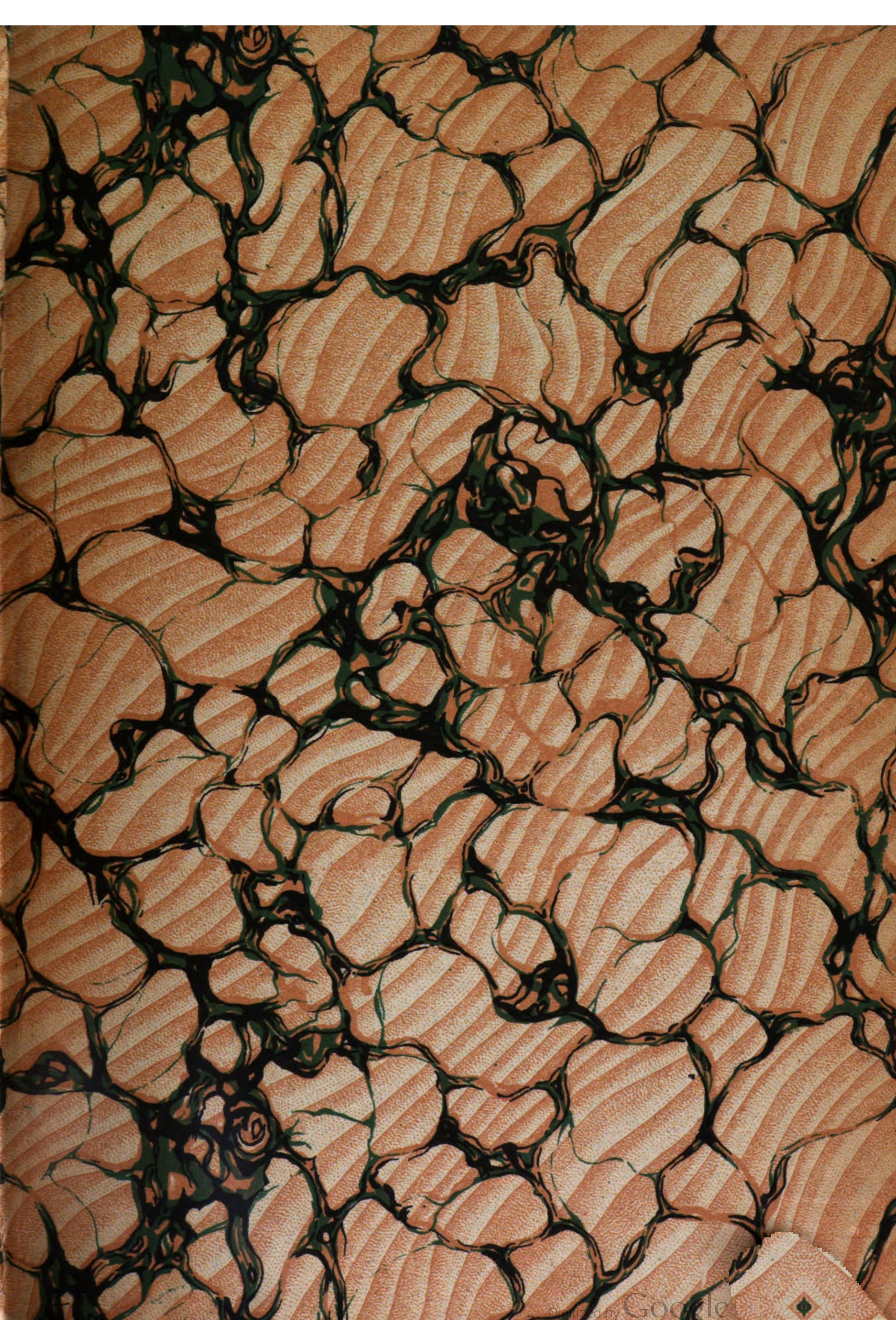

Stanford University Libraries
3 6105 027 584 197





REVISTA LUSITANA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portuguezes e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
e Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOL. IX

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1906

ADVERTENCIA



ÃO obstante o desinteresse pecuniario dos seus editores e director, e o concurso generoso e gratuito dos seus collaboradores, tem a *Revista Lusitana,* que foi fundada em 1877, passado até hoje por muitas vicissitudes, devidas a várias causas, entre as quaes avulta a demora nas respectivas imprensas, porque quando se dá aos operarios portugueses trabalho de que possam auferir lucro, elles, que se queixam sempre de falta de meios de subsistencia, oppõem geralmente mil obstaculos para o realizar.

Entendendo eu que só se a *Revista Lusitana* se imprimisse na Imprensa Nacional de Lisboa, por ser entre nós o primeiro estabelecimento d'este genero, eu poderia attingir o ideal que com a fundação da mesma tive em mente, dirigi-me ao Ministerio das Obras Publicas, baseando-me no artigo 7.º do decreto, com força de lei, de 24 de Dezembro de 1901, e pedi que a *Revista Lusitana* fosse mandada imprimir naquella Imprensa em nome do Museu Ethnologico Português. O actual Ministro, o Sr. Conselheiro Antonio Ferreira Cabral Paes do Amaral, depois de ouvir o parecer favoravel do Sr. Conselheiro Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, Director Geral Interino das Obras Publicas, deferiu benevolamente ao meu pedido; e posso pois agora

annunciar aos leitores que a *Revista Lusitana* entrou em nova phase: d'ora avante, isto é, a partir do vol. IX, sairá com maior regularidade e será mais nitidamente impressa do que até 'qui,—o que de certo lhe attrahirá outros collaboradores, e incitará os antigos a honrarem-na mais vezes com o seu auxílio.

Em nenhum logar melhor do que no começo do 1.º fasciculo do vol. IX poderia eu memorar e assinalar este impulso que o nobre Ministro, —convencido de que o conhecimento da historia é, como diz um grande Mestre, *ce qui distingue par-dessus tout les nations civilisées de celles qui ne le sont pas*[1], e apoiado na informação do Sr. Conselheiro Director Geral Interino das Obras Publicas, desvelado e constante protector do Museu Ethnologico, que lhe deve relevantissimos serviços—, se dignou de tão boa mente conceder aos estudos de que trata a *Revista Lusitana*. Cumpre-me tambem citar aqui os nomes dos Srs. Conselheiros João da Costa Couraça, Chefe da 1.ª Repartição da Direcção Geral das Obras Publicas, e Cesar Augusto de Mello e Castro, Chefe da 9.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Publica, os quaes, animados do mesmo zêlo patriotico, puseram em execução, com toda a presteza, o despacho ministerial, e facilitaram d'essa maneira o andamento da impressão da *Revista*.

*

Os oito volumes da *Revista Lusitana* publicados até hoje comprehendem:

A) Artigos e notas sobre:

a) a evolução geral da nossa lingoa;

b) grammatica,—phonologia, morphologia, syntaxe—, sobretudo na parte historica;

---

[1] Gaston Paris, *La Poésie du Moyen Age*, I, 253 (4.ª ed.).

c) lexicologia portuguesa;
d) etymologias de palavras da lingoa corrente, e de nomes proprios antigos e modernos (onomastico);
e) diálectologia, em todos os seus ramos;
f) historia da litteratura portuguesa;
g) *folk-lore*, isto é, litteratura popular, lendas, costumes, festas, superstições;
h) hierologia lusitanica;
i) grupos ethnicos do nosso país, antigos e modernos;
j) epigraphia.

B) Textos archaicos importantes para o conhecimento da lingoa e litteratura portuguesas.

C) Correcções a textos publicados noutros logares.

D) Biographias de alguns philologos e ethnologos fallecidos.

E) Críticas extensas, ou meras indicações, de obras philologicas e ethnologicas (livros e periodicos).

F) Noticias do movimento scientifico lá de fóra a respeito de Portugal nos assuntos proprios da *Revista*.

Estes trabalhos são, na maxima parte, producto de especialistas nacionaes; mas alguns ha que o são de especialistas estrangeiros.

*

Para prova de que a *Revista Lusitana* é acolhida com agrado nos centros scientificos, mencionarei aqui os titulos

das publicações periodicas, notaveis todas, que tem permutado com ella:

PHILOLOGIA

Archivio Glottologico Italiano;
Bulletin Hispanique;
Literaturblatt für Germanische und Romanische Philologie;
Modern Language Notes;
Revista Crítica de Historia y Literatura Españolas;
Revue Hispanique;
Revue des Langues Romanes;
Romania;
Studj di Filologia Romanza.

ETHNOLOGIA

Archives Suisses des Traditions Populaires;
Archivio per lo Studio delle Tradizioni Popolari;
Mélusine;
Portugalia;
Revue des Traditions Populaires;
Wallonia;
Zeitschrift des Vereins für Volkskunde.

HISTORIA PROPRIAMENTE DITA

Boletín de la Real Academia de la Historia;
Rivista di Storia Antica.

*

Espero que, em vista dos melhoramentos materiaes que hoje se introduzem na *Revista Lusitana*, ella proseguirá, cada vez mais activamente, na realização do seu programma, e continuará por isso a merecer acceitação entre os estudiosos.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1906.

Dr. J. Leite de Vasconcellos.

FABULARIO PORTUGUÊS

(Vid. *Revista Lusitana*, VIII, 99)

VOCABULARIO

No presente Vocabulario collijo apenas vocabulos das seguintes especies:

1) aquelles que estão hoje completamente fóra de uso, por ex.: *guarnimento;*

2) aquelles que, com quanto não estejam totalmente fóra de uso, tem porém uso restricto, por ex.: *talante;*

3) aquelles que são fórmas archaicas de vocabulos ainda vivos, por ex.: *coobra;*

4) aquelles que tem alguma significação ou emprêgo syntactico, diversos dos da actualidade, por ex.: *curar;*

5) aquelles que apresentam particularidades orthographicas que possam induzir em êrro de pronúncia, por ex.: *reignar.*

Pois que o meu intuito não é só tornar intelligivel de todos os leitores o texto das fabulas, mas tambem contribuir para o vocabulario geral da lingoa portuguesa com alguns elementos, não hesitei em juntar frequentemente aos vocabulos notas lexicaes e etymologicas.

Os algarismos romanos referem-se aos numeros que tem as fabulas; os algarismos arabicos ás linhas de cada fabula, posto que estas não estejam numeradas no texto[1] (não os faço referir ás linhas de cada pagina, para facilitar a separata que tiro d'este artigo, pois que ella ha de levar paginação nova).

Como, por um lado, a orthographia do texto é bastante variavel, pois ahi se lê, por ex. *hestoria* e *estoria, se* e *sse, llobo* e *lobo, comta*

---

[1] Os leitores que quiserem seguir com attenção o que digo no Vocabulario devem numerar as linhas das fabulas (de 5 em 5, por exemplo).

e *conta, ssiluado* e *syluado;* e, por outro lado, não havia vantagem em conservar na ordem alphabetica estes archaismos orthographicos, que não revelam differença de pronúncias, e são só para os olhos: uniformizo a orthographia dos vocabulos segundo as regras usuaes, e indico entre parenthesis, adeante dos respectivos numeros, a orthographia originaria.

A

aa, asa: xxiii, 30. Alterna com *ala.* Os *aa* são etymologicos: lat. a l a.

aar, ar: iii, 15; xiv, 2 (haar), 5.—Os *aa* poderão ser etymologicos: lat. a e r e.

aaz. Vid. *az.*

aazo, occasião, causa: xlviii, 4. Os *aa* podem ser etymologicos. A respeito do etymo vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.,* 2.ª ed., § 164.

abanador, abano para enxotar as moscas: xxiii, 31.

abastar, bastar, ser sufficiente: lxiii, 9.

abolver, revolver a agoa para a turvar: ii, 8.

abúter, f., abutre: vi, 8.—A *abúter* corresponde *abútere* (pl. *abúteres*) nas *Decadas* de Barros: vid. *Dicc. da Ling. Port.,* publicado pela Academia das Sciencias. Comquanto *abutre,* nas suas differentes fórmas (*abútere, abuitre,* etc.), seja masculino nos AA. classicos, aqui é feminino: cfr. *abestruz* ou *avestruz,* que é tambem masculino e feminino. O facto nada tem estranho, se nos lembrarmos que em latim ha varios nomes de animaes que estão nas mesmas circunstancias, como, para só citar nomes de aves: *accipiter, anser, perdix, phoenix, turtur:* vid. Neue, *Formenlehre der Lateinischen Sprache,* i (1877), 612, 613, 615, 617. Para a adopção do genero feminino podia concorrer o cuidarem muitos autores antigos «que estas aves todas são femeas, e que sem commercio masculino concebem unicamente do vento», como diz o P.ᵉ Manoel Consciencia, *Academia Universal,* Lisboa 1732, p. 133.—A par de *abuitre,* com as suas variantes, havia tambem em port. arc. *avuitor,* no *Canc. da Vatic.,* n.º 321 (avuytor).

aceiro, aço: xxxvii, 3 (aceyro).

acerca, perto (adverbio): liv, 2 (açerqua). Esta accepção adverbial está hoje antiquada.

achegar, aproximar: xl, 10; l, 8; lxi, 40.

acó, cá: lv, 5 (aquo).

acostar, encostar, chegar: xxviii, 13.

adormentar, adormecer: XXXIV, 19.

adubar, arranjar, tratar: XI, 9 (em sentido ironico).

afaago, afago: XLV, 21 (afaaguo). Os *aa* são etymologicos: cfr. hesp. ant. *afalagar*, mod. *halagar*. Origem germanica. amb.

aficadamente, com afinco, encarecidamente: VIII, 5.

afremosentar, aformosear: XX, 7, 14.

aginha, de pressa: XLIII, 3 (agynha). Alterna com *asinha*.

al: III, 20 (all), na phrase: «*all* dizem com as lingoas e *all* teem nos seus corações» = uma cousa .. outra cousa.

ala, asa: XXIII, 17 (alla). Alterna com *aa*. Latinismo.

alá, lá: XXXVIII, 14 (alla).

alcalde: XXXIV, 11 (alcayde). Nas instituições medievaes era o governador de um castello ou provincia. Á definição ajuda a expressão que se lê na l. 36: «nem percades por ende a *terra*». Cfr. A. Herculano, *Hist. de Portugal,* IV (1.ª ed.), 134-135.

aldea, aldeia: XII, 2, 3.

alegaçom, allegação: LX, 9.

alevantar, levantar: XXI, 9 («nos nom *aleuantemos*»). Alterna na mesma fabula, 12, com *levantar* («nom sse podem *leuamtar*»).

algo, bem: VIII, 7. Propriamente *algo* é o lat. aliquod, mas no nosso texto tem a significação que indíco, i. é: o lobo faria muito bem á grua, dar-lhe-hia muito dinheiro, ou outra cousa de valor. *Algo* «equivale a alguma cousa, fazenda, bens»: *Dicc. da Ling. Port.* de Moraes; *receber algo,* ib. Em gallego ant. «et que gannaua grand' *algo*»: *Cantigas* de Affonso o Sabio, II, 296. Hesp. ant.: «partir sus *algos*» = sua fazenda: *Dicc.* da Acad. Hesp.—Cfr. *fidalgo* = filho d'algo.

algũa, alguma: passim.

alguu, algum: XI, 3. Os *uu* são etymologicos: vid. s. v. *ũu*.

alheo, alheio: V, 11: XL, 29.

alimalia, animalia: XVI, 9; XLVI, 12. No primeiro passo alterna com *animalia*. A fórma antiga mais usual é esta ultima e *alimaria,* por ex.: no *Leal Conselheiro*[1] e noutos textos.

alimpar, limpar: XXIII, 10.

amaestramento, ensino, doutrinamento: XLI, 25. Cfr. o voc. seguinte. Alterna com *ameestramento*.

amaestrar, ensinar, doutrinar: XXXII, 30; XL, 27. Alterna com *ameestrar*, *amoestar* e *amostrar*.

---

[1] Quando eu citar o *Leal Conselheiro,* entenda-se que sigo a edição de J.-I. Roquete, Paris 1854 (comquanto não seja isenta de defeitos).

amar, desejar: LV, 10, na phrase «eu amo mays». Cfr. fr. *j'aime mieux*.

ameaçar (intransitivamente), fazer ameaça: XI, 5.

ameestramento, ensino, educação: LV, 18. Alterna com *amaestramento*. Cfr. *amostramento*.

ameestrar, ensinar, educar, doutrinar: XIV, 10; LV, 18. Cfr. *amaestrar, amoestar* e *amostrar*.

amoestar, admoestar, avisar, ensinar, exhortar: prol., 15; XIX, 19; XXII, 9. Cfr. *amaestrar, ameestrar, amostrar*.

amorío, cordialidade: LXIII, 5.

amostramento, ensino, exhortação: XLII, 17. Cfr. *ameestramento* e *amaestramento*. Tambem em hesp.: *amostramiento*.

amostrar, ensinar, avisar, mostrar: XXXIII, 12; XXXVIII, 1; XXXIX, 1; XXXV, 12; XXXVI, 12. Cfr. *amoestar, ameestrar* e *amaestrar*. Em hesp. arc. *amostrar* no sentido de «instruir ó enseñar»; vid. *Dicc.* da Acad. Hesp. No *Poema de Fernan Gonzalez*, ed. de Marden, Baltimore 1904, vem *demonstrar* na mesma accepção, estr. 2.—Nas fabulas de Marie de France encontra-se tambem o correspondente vocabulo *mustrer*, em correlação com *essample* «exemplo», como nas nossas, mas significa «mostrar», «contar»: «e por essample li *mustra*», prol.; «cest essample vus vueil *mustrer*», IV, 15[1].

andar, ir: XII, 2 (amdar); XXVI, 1 (id.); XXVII, 1 (id.), 11 (id.); XXIX, 2, 3. O quarto passo é: «amdava a caçar das alimarias aa ssilua = ia ao bosque caçar; cfr. no *Leal Conselheiro*, cap. VI, p. 47: «se me vem hũa voomtade de hir a monte ou caça», onde *hir a monte*, que significa «ir á caça grossa», representa a fórma primitiva da expressão. Em ital. *andare* significa «ir»; o *Dicc.* da Acad. Hesp. traz tambem *andar* = «ir», em accepção familiar.

anojar, enfadar, molestar: XXIII, 19.

ante. Emprega-se: 1) como preposição, e significa—perante, deante de: XLV, 16 (amte); 2) como adverbio, e significa—anteriormente: LI, 10 «comcorda com as outras duas *amte dictas*»[2], e—pelo contrário: LXII, 7 (mas amte); 3) fazendo parte de uma locução conjunccional, *ante que*—antes que: XLVIII, 13 (amte que).

antre, entre: IV, 1 (amtre); XVI, 4 (id.); XXX, 2.

---

[1] Vid. *Die Fabeln der Marie de France*, ed. de Karl Warnke, Halle 1898. Cfr. tambem L. Foulet na *Zeitsch. f. rom. Philol.*, XXIX, 316.

[2] No ms. está tambem em duas palavras. Hoje escrevemos *antedicto*, considerando *ante-* como prefixo, por isso que *ante* já não se usa como palavra avulsa.

apostar, concertar, compôr, dispôr: XLVI, 18.—Em hesp. arc. *apostar* «componer», «ataviar» etc.: vid. *Dicc.* da Acad. Hesp.—Deriv. do lat. p o s i t u s[1].

aquel, aquelle: XXXI, 9 (aquell); XXXII, 25 (id.); XXXIV, 11 (id.).

aquello, aquillo: IV, 5 (aquelo); XVI, 17.

aqueentar, aquentar, aquecer: X, 8. Os *ee* são etymologicos: arc. *acaentar*. Deriv. do lat. c a (l) e r e.

aquesta, aqueste, esta, este: passim. Alternam com *esta* e *este,* sem differença de significação, como se vê d'estes exemplos: «*Aqueste* Exopo», prol. 6; «*Este* Exopo em *aqueste* sseu liuro», prol. 9; «E assemelha *este* sseu ljuro, prol. 13. Na moralidade das fabulas lê-se a cada passo: «Per *aquesta* hestoria», «Per *esta* estoria», «Em *aquesta* hestoria», «Em *esta* hestoria». O emprêgo de uma ou de outra d'estas fórmas dependia provavelmente do gôsto do escriptor, que assim variava o estilo.

aquesto, isto: XLIX, 8.

ardimento, atrevimento, ousadia, audacia: XXIX, 15. Cfr. *ardir*.

ardir, atrevimento, ousadia, audacia: XXIX, 9. Cfr. *ardimento*. A palavra *ardir* creio que não foi ainda registada nos nossos diccionarios; pelo menos não vem no *Elucidario,* nem nos Diccionarios da Academia, de Moraes, do Çaturra, de Cortesão. Propriamente *ardir* é verbo, mas está aqui em accepção de substantivo (verbo substantivado).—Cfr. fr. ant. *hardir* e mod. *enhardir;* ital. *ardire*. De origem germanica: cfr. got. h a r d u s «rude», «aspero»; all. h a r t «duro», «forte».

Arguo, Argo: XLIV, 15 (Arguu), 17 (id.), 22 (id.), 29 (id.).—Vid. a annotação que adeante farei a esta fabula.

armuzello, certo apparelho ou armadilha de apanhar peixes: XXXIV, 47, 48. O segundo passo contém a definição: «o pescador pesca os peixes com o *armuzello*»[2].

---

[1] Digo que a palavra vem de p o s i t u s, e não de *posto,* por causa do hespanhol. Em port. arc. ha *aposto* no sentido de «adequado», por ex. na *Lenda de Barlaão e Josaphate* (*sic*), sec. XIV, ed. de Vasconcellos Abreu, p. 6: «deolhe .. mancebos autos e *apostos*»; mas aqui a palavra tem como etymo o lat. a p p o s i t u s «apropriado».

[2] Esta palavra é sem duvida a mesma que *armazello,* citada por Viterbo, *Elucidario,* s. v. «santello», como vinda nas actas das côrtes de Lisboa de 1434. Resta porém saber se é effectivamente *armazello,* ou se estará *a* por *u*. Consultando eu sobre o assunto o Sr. Pedro de Azevedo, Conservador da Torre do Tombo, respondeu-me o seguinte: «Não encontro as actas das côrtes de Lisboa de 1434. Mesmo ellas não foram em Lisboa, mas sim em Leiria e depois em

arrefẽes, refens: XXXVIII, 10, 11.

arrepeender, arrepender: XLVII, 12, 13, 14. Alterna, ib., 15, com *rrepemder* («e rrepemdermo-nos»). — Os dois *ee* são etymologicos: lat. r e p e n i t e r e = *r e - p e n e t e r (e). (Em *rrepemdermonos* escreveu-se só um *e,* talvez porque *rrepem* || está em fim de linha no ms.).

arriba de (= a riba de), acêrca de: III, 2; X, 2. — Tambem podia transcrever-se *a rriba de.*

arroido, ruido, sussurro: LVII, 3 (arroydo); briga: XIV, 13 (id.); XXIII, 40.

arteficioso, artificioso, feito com arte, distincto: I, 7.

arvor, arvore: XIII, 4, 9; XV, 1.

asconder, esconder: prol. 18 (ascomdido); XLIV, 6 (ascomder); LII, 6 (id.). Alterna com *esconder* no prol. 19, e em XLIV, 9.

asinha, de pressa: XV, 10. — Vid. *aginha.*

asseentar, sentar: XIX, 3, 12. — Os *ee* são etymologicos: lat. *a s - s e (d) e n t a r (e).

assembrado, reunido: XXX, 12 (assenbradas).

assi, assim: prol. 18 (assy); III, 3 (id.); tão: XV, 6 (assy); XXXVII, 8 (id.).

Santarem (J. P. Ribeiro, *Memoria sobre as Fontes do Codigo Philippino* nas *Memorias de Litterat. Port.*, II, 80). D'estas côrtes ha uma certidão de bastantes capitulos no cartorio da Camara do Porto». Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, secção dos Manuscritos, existe uma cópia das actas das mencionadas côrtes de Santarem, segundo a citada certidão da Camara do Porto, mas, num rapido exame que nella fiz, não encontrei lá infelizmente nenhuma das fórmas da palavra de que se trata. — Esta é possivel que desapparecesse do uso geral; pelo menos não a encontro no glossario do *Estado Actual das Pescas em Portugal,* de Baldaque da Silva, Lisboa 1891. No *Dicc. da Ling. Port.* de Fonseca & Roquete vem, como palavra arcaica, *armasello* (com *s*), a que se dá a seguinte definição: «armadilha ou rede de pesca»; mas provavelmente isto baseia-se no *Elucidario.* O Caturra, no *Novo Diccionario,* s. v. «*armasêlo*», repete, resumindo-o, o que diz o Dicc. precitado; só não appõe á palavra nota de arcaismo. — Já depois de composto na imprensa o que fica dito, se publicou outro texto em que se lê *armuzello,* mas no sentido de «anzol»: vid. *Rev. Lusit.*, VIII, 247 (texto do sec. XIV). Em vista de esta repetição da fórma *armuzello,* com *u,* é possivel que o *armazello* do *Elucidario* seja inexacto, e portanto os *armasellos* dos diccionarios que o copiaram. — Talvez *armuzello* derive do lat. h a m u s «anzol» por cruzamento com a palavra *armar* (e *armadilha*). Incidentemente notarei que *ancinho* (variante popular *encinho*) me parece resultar do cruzamento de h a m u s ou *h a m i c i n u s com u n c i n u s (que vive no it. *uncino*), d'onde viria *(h) a n c i n u s, que explica juntamente o it. *ancino.* Á mesma familia pertence *anzol,* e pertencerá tambem *engaço* (gall. *angaço,* hesp. *angazo*).

assolver, absolver: LX, 9.

astroso, de mau agouro, mofino: XV, 11 (id.); XXII, 3.

atá que, até que: IX, 4 (ataa), 8 (id.); X, 11 (id.).—Os dois *aa* de *ataa* são orthographicos (para indicarem *a* aberto) e não etymologicos: arab. hatta[1]; cf. hesp. arc. *ata.*

atanto (d'), tanto: XLI, 28. Cfr. *d'atanto* e *atanto* em D. Denis, *Liederbuch,* ed. de Lang, vv. 817 e 905.

atrevessar (se não ha êrro no ms.), atravessar: VIII, 3 (atreuessar). Alterna com *trauessado,* VIII, 12[2].

auga, agoa: X, 2; II, 6 (augua); XXIII, 6 (id.); LVII, 4 (id.).—Embora se escreva por vezes *augua,* soava *auga,* como o prova X, 2 (e é ainda hoje fórma popular); *-gua* é mera representação de *-ga.* Vid. adeante a secção da Orthographia, e o vocabulo seguinte.

augacento, aguacento, aguado: XIX, 4 (augaçemto). Vid. *auga.*

avangelho, evangelho: XLV, 37. Ainda hoje é fórma popular.

avantagem, vantagem: XLIII, 13.

avante (d'), perante: XXIV, 2 (dauamte); XXVIII, 5 (dauante).

aventura (per), por acaso: XXIII, 32 (auentura).

avemturança (bem), bem-estar, prosperidade: VII, 12 (auemturamça): XVI, 13 (auemturanças).

aver. Vid. *haver.*

aversidade, adversidade: LXI, 69 (auerssidades).

avir, advir, acontecer: XXXIV, 4 (aueo).

avondar, bastar; II, 10 (auonda).—No mesmo sentido se diz ainda hoje na Beira-Alta *bondar.*

az, ala, fileira: XXX, 4 (aazes), 5 (id.).—Em *aazes* os dois *aa* são meramente orthographicos, pois o etymo está no lat. acie-.

B

bibera, vibera: XXXVII, 1, 3, 4.

bogio, bugio: XXIV, 2, 3. Tambem ib., 7, se lê *bugio,* com *u,* como hoje se escreve.

boo, bõo, bom. Não ha duvida de que estas duas fórmas da mesma palavra alternam entre si. Os exs. de *boo* são muito nume-

---

[1] Dozy & Engelmann, *Glossaire des Mots Esp. et Port. deriv. de l'Arabe,* Leiden 1869, p. 286.

[2] Como em VIII, 12, a phrase é *na guargamta trauessado,* poderia suppôr-se que *trauessado* estaria por *atrauessado,* tendo havido na escrita fusão do primeiro *a* com o *a* final de *guargamta;* todavia Moraes cita *travessar,* e ha em gallego ant. *travessar,* em hesp. ant. *travesar* em fr. *traverser,* etc.

rosos: II, 28; XI, 2, 12; XIX, 23; XXIII, 30, 39; XXV, 16; XXVII, 27, 30; XXX, 18; XL, 3; XLVI, 5; L, 18; LVI, 11, 14; LXII, 20; e no plural (*boos*): XXVI, 20; XXVII, 27; XXXVI, 14; LXII, 20. Tal abundancia de exemplos mostra que em *boo* não falta til, e que pelo contrário essa fórma era viva, como hoje o é ainda no povo, simplificada em *bó* (Beira-Alta); em gallego mod. *bó*. Exemplos de *bõo*, escrito por vezes *boom* e *bom*: XXV, 2; IV, 20; VIII, 21, 22; XIV, 4; XXVII, 26. Ha uma fabula, XXVII, em que, como se vê, concorrem *boo* (duas vezes), *boos* e *bom*; ha outra, XXV, em que concorrem *bõo* e *boo*. Os *oo* são etymologicos: lat. bo(n)u-. lat. *bono- = bonu-. O feminino é sempre *boa*, que corresponde a *boo*: II, 13; III, 18; XXVII, 30; no pl. (boas): XXVII, 29[1].

braadar, bradar: II, 9; XIII, 12; XVII, 11. Mas *bradar*: XVI, 8 (bradaua), sem ser em fim de linha; provavelmente escapou um *a*. —Exemplos de *braadar* empregado transitivamente: XLVI, 9-10 («braadar altas vozes»); LII, 8 («eu b[raa]darey[2] altas vozes»).— Em *braadar* os *aa* são etymologicos: cfr. hesp. *baladrar*, onde se mantem o *-l-* etymologico que desappareceu em português.

branchete, certo cãozinho: XVII, 1 (bramchete), 2 (id.), 8 (id.).—Esta palavra, que não encontro archivada ainda nos nossos lexicos, é sem duvida a mesma que a hespanhola *blanchete*, a que os diccionarios dão a significação de «perrillo ó gato blanquecinos», «perro faldero»[3]. O *ch* mostra que ella veio do francês (*blanchet*) para as lingoas da Peninsula.

brasfamar, blasphemar: XXXIII, 10.

burgês, burgues: XXXVI, 1, 6, 7.—Como a palavra se repete tres vezes, é mais que provavel que não haja erro de *g* por *gu*,

---

[1] Se na lingua actual existe *bô* (pop.) e *boa*, que correspondem a *boo*, a par de *bom* e *bõa* (pop.), que correspondem a *bõo*, não admira que no ms. se encontre *boo* conjuntamente com *bõo*. Hoje é ainda frequente em Lisboa ouvir á mesma pessoa (nas proprias classes que tem certa educação) *bõa* a par de *boa*. E quantas incertezas não temos na orthographia, correspondentes ás incertezas da pronúncia? Por ex.: *noite* e *noute*; *Doiro* e *Douro*. Nas nasaes citarei *lage* (fórma usual) a par de *lagem* (que tambem tem algum uso, e que é mesmo dada pelo *Dicc. de Rimas* de E. de Castilho e por outros). Igualmente é frequente em Lisboa, até na gente culta, *menʒa* (que porém não se escreve) concomitantemente com *mesa*.

[2] Restituí *b*[*raa*]*darey*, com dois *aa*, e não com um, porque o espaço os exige.

[3] *Dicc. de la Leng. Cast.* da Acad. Hesp., s. v.; *Nuevo diccion.* de R. Barcia, s. v.

embora na fab. III, 8, esteja *legemos* = leguemos[1]; de facto o uso geral do ms. é representar por *gu* o *g* guttural. Com *burgês* cfr. *burges* em Viterbo, *Elucidario,* s. v., comquanto elle a par cite *burgues*[2]; e cfr. principalmente hesp. arc. *burgés*[3] e fr. *burgeois.* Deve entender-se que o *burgés* do Fabulario, a ser exacta a explicação que dou, vem directamemte de burgense-, como o hesp. e o fr., ao passo que a moderna fórma *burgués* deriva de *burgo;* tambem em hesp. mod. ha *burgués,* que, do mesmo modo, vem de *burgo.*

buscar: emprega-se intransitivamente em XXI, 3.

C

1. **ca,** porque: XX, 11; XLI, 9; etc.—Do lat. quia ou quā.

2. **ca,** do que: XVII, 17.—Do lat. qua(m).

cabrom, cabrão, bode: XXXII, 17. Na mesma fab., 2, emprega-se *bode* como synonymo. Alterna com *cabram* em LX, 2, 5, 10, a não haver, como parece que não ha (pois *cabram* repete-se tres vezes), erro de *a* por *o.*

cajom, occasião, causa: XXXIX, 11, 15. Em II, 24, *buscar cajom (comtra rrazom)* = buscar pretexto.

cam, cão: V, 11; XXXVI, 9. A pronúncia era certamente *cã* (no pl. *cãaes:* XXXIII, 6); cfr. gall. *can* (= *cã*), hesp. ant. *can.*

carniça, carne morta, em grande quantidade: VIII, 2.

çarrar, fechar[4]: LVIII, 2.

cárrega, carga: XLIII, 2 (carregua).

carretar, acarretar: XIII, 8; XXIX, 10. Comquanto nas phrases onde entra esta palavra as palavras antecedentes a ella terminem em *a,* não parece que *carretar* seja êrro por *acarretar,* pois Moraes cita tambem *carretar.* Cfr. o subst. vb. *carrêto,* que faz presuppor esse verbo.

caso (per), por acaso: XXXIV, 4.

---

[1] A fórma *legemos* = *leguemos* é de origem litteraria (a fórma popular que lhe corresponde é *liemos*), e por isso nunca ahi *g* podia ser palatal; o conjunctivo baseia-se em *legar,* por analogia com os outros conjunctivos da 1.ª conjugação.

[2] Neste caso e em *burges,* Viterbo escreve por êrro *ʒ* em vez de *s.*

[3] Vid.: *Dicc.* da Acad. Hesp., s. v.; M. Pidal, *Gram. Hist. Esp.,* Madrid 1904, p. 126; Meyer-Lübke, *Gram. der Rom. Spr.,* II, § 473.

[4] Em português moderno (pelo menos na Beira), *cerrar,* fallando de porta ou janella, significa «fechar incompletamente», «encostar»; mas na fabula de que se trata, *çarrar* significa «fechar completamente», como o hesp. *cerrar.*

castigamento, acto de castigar, correcção: XXXVI, 13.—Vid. *castigar*.

castigar, emendar, corrigir.—Vid. outros exs. classicos d'esta accepção em Moraes, *Dicc. da Ling. Port.* É a do lat. castigare, em phrases taes como *castigare vitia*.

celestrial, celestial: XL, 34 (celestriall).

cento, cem: «çento olhos» (bis), XLIV, 23; mas esta expressão alterna com «çem olhos», ib., 15.—Na lingoa moderna *cento* emprega-se como substantivo, mas nos textos arcaicos, como aqui, *cento* póde empregar-se adjectivamente, como em latim, no sentido de «cem». Outros exs. dos seculos XIV e XV são: «cento annos» na *Vida de Santa Maria Egipcia*[1]; «Nosso Senhor outorga .. cento por hũu», no *Leal Conselheiro*[2].

certo, certamente: I, 7 (çerto). Adjectivo adverbial.

cervo, veado: XLIV, 1 (çeruo).—Que a palavra foi muito usada em port. arc. mostra-o ainda o onomastico moderno, que mantem como que estereotypadas muitas palavras antigas, neste caso *Cerva, Cervo, Cervos, Cerveira*.

chanto, pranto: XXXIV, 7.

cheo, cheio: LV, 6.

cobiiça, cobiça: V, 11 (cobijça). Os dois *ii* são etymologicos: *cupi(d)itia; cfr. prov. *cobezeza*. A nossa palavra tem aspecto semi-popular. Vid. infra *cobiiçar*.

cobiiçar, cobiçar: XV, 8 (cobijçar).—Vid. supra *cobiiça*.

collo, pescoço: VIII, 15.—A palavra hoje é pouco empregada neste sentido.

color, côr: X, 5.—A palavra apparece noutros textos antigos, por ex.: nos *Ined. de Alcob.*, I, 234; no *Leal Conselheiro*, p. 264 (traducção de um *Tratado* de S. Thomás). A par de *color* encontra-se tambem na litteratura antiga frequentemente *coor*. Na *Cronica Troiana* (gallego do sec. XIV) ha igualmente *color* e *coor*. A fórma *color* é mero latinismo. Só *coor* é legitimamente popular (mod. *côr*), pois -L- latino syncopa-se.

como, quando, logo que: XXVII, 12.

companha, companhia: XL, 5.

comparaçom, comparação: XI, 15.

---

1 *Anciens Textes Portugais*, publicados por J. Cornu, Paris 1882 (extr. da *Romania*, XI), p. 25.

2 Cap. XXXII, p. 190.

compeçar, começar: IX, 12; XX, 2; XXXIV, 44.—Alterna com *começar* (XVII, 9).

comprido, cheio, provído: XXXIV, 51; completo: XLIX, 5.

compridoiro, necessario, respeitante: I, 8-9; LXIII, 18.

comprir, convir, competir, importar: XI, 3; LV, 10; XXI, 10; XXIII, 34.

condiçom, condição: VI, 2 (comdiçom); XIII, 17 (id.), etc.

confêsso, confissão: LX, 6. Alterna com *confissom* na mesma fabula.

confissom, confissão: LX, 13 (comfissom). Vid. *confêsso.*

conhocente, conhecedor: VIII, 21 (conhoçemtes).

conhocer, conhecer: I, 6 (conhoçesse); IV, 18 (conhoçer). Alterna com *conhecer,* XXVIII, 9 (conheçeo).—A fórma *conhocer,* muito frequente na lingoa antiga, é mais arcaica do que *conhecer,* porque assenta no lat. cognoscere (cfr. hesp. *conocer*), ao passo que *conhecer* me parece ser mera dissimilação de *conhocer,* facilitada talvez pela presença da palatal *nh;* em gallego mod. ha *conhecer,* como em português mod., e *conecer,* por influencia do hesp. *conocer;* em gallego ant. ha *coñoscer,* como no nosso texto.

conselhar, aconselhar: XXXVII, 9 («eu te conselho»).

contestar, XXVI, 18, na phrase: «a pequena força nem se deve *contestar* com a grande», i. é: não deve disputar, bater-se.—Todavia o Sr. Epiphanio Dias nota-me que talvez deva emendar-se em *contrastar,* de acôrdo com XXXVII, 14.

contra, na direcção de: II, 7.

contrastar, contender, medir-se: XXXVII, 14. Vid. supra *contestar.*

contrairo, contrario: XXXII, 34; LVIII, 15. *Fazer contrairo:* vid. a annotação á fab. XXV, 9.

coobra, cobra: LIX, 1, 3 (vid. *Erratas*). Alterna com *cobra* em LIX, 9, com um só *o,* porque no ms. esta palavra está em fim de linha. A duplicação do *o* em *coobra* é etymologica: lat. *co(l)obra = colubra.

coraçom, coração: IX, 22; XXII, 11.

cordeiro. Apesar de a palavra *cordeiro* ser masculina, e em port. arc. existir *cordeira,* que lhe corresponde como fórma feminina[1], nota-se na fab. LV, 9, que o cordeiro, fallando de si, diz *filha,* e mais abaixo *ssegura* (embora o lobo, ib., 5, lhe chame *filho,*

---

[1] Por ex., na *Vida de Eufrosina* (sec. XIV): «quem foy aquel que espadaçou a minha *cordeyra?*» em Cornu, *Anciens Textes Portugais,* p. 6.

porque *filho* estará aqui em sentido geral). E de facto na fab. LVIII, que concorda com esta, a *cordeiro* corresponde *cabrita*. Por isso, na mente do autor, *cordeiro* parece ser nome epiceno; e dar-se-ha aqui a especie de concordancia que os grammaticos chamam syllepse de genero[1].

couce, calcanhar: XXIX, 14. O cavallo diz ao asno: «nom quero em ty luxar os meus *couçes*», i. é. «patas traseiras». Do lat. calce-, «calcanhar»[2]. Ainda hoje dizemos metaphoricamente «no *couce* da procissão», por «na retaguarda».

cousa, nada: IV, 6, na phrase «que lhe nom prestára *cousa*». Cfr. *Leal Conselheiro,* cap. X, p. 62–63: «sem o Padre, *cousa* nom poderia fazer». Os exemplos d'este uso em port. arc. são numerosos. Cfr., quanto á evolução do sentido, o fr. *rien* < lat. rem «cousa».

cras, amanhã: XX, 12.

creer, crer: IX, 18; XV, 15.

cruevees, crueis: XIII, 16 (crueuees). O singular é *cruevel* ou *cruevil,* por isso que no ms. alternam entre si adjectivos em *-vel* e *-vil* (e *-bile*): vid. nota 4 á fab. LVI; o sing. de *cruevees* não se encontra por extenso. A fórma *crueuees* alterna com *cruees* em XXXI, 15; sing. *cruel,* LXII, 12. Noutros textos antigos encontra-se tambem *cruevel* e o pl. *crueviis*[3]. Deve admittir-se que no lat. vulg. da Lusitania houve o adjectivo *crudébilis, correspondente a *crudelis,* por analogia com outros, como *flebilis, delebilis*[4].

---

[1] Convem a este proposito observar o seguinte: Em algumas terras da Beira-Baixa (Fozcôa) e do Baixo-Minho (Braga, Guimarães) não se usa a palavra *cordeira,* e sómente *cordeiro* (ou *cordeirinho*), que tanto se applica ao macho, como á femea: os *cordeiros;* todavia no Minho o mais vulgar é *anho, anha* (*anhinho, -a*); e em Fozcôa ha *borrègo* e *borrêga,* com quanto estes nomes se dêem a animaes um pouco mais velhos que o *cordeiro.*—Em hesp. ha *cordero, -a;* em mirandês *cordeiro, -a.* Quanto ao gallego, os diccionarios só citam *cordeiro* (Javier, Piñol, Valladares); não encontro nelles *cordeira.*

[2] Cfr. o seguinte exemplo em Phedro, *Fabul.*, I, XXI, 8-9:

... Asinus, ut vidit ferum
Impune laedi, *calcibus* frontem extudit.

[3] Vid. *Ined. de Alcobaça,* II, 268 e 109, fórmas já colligidas por Cortesão, *Subsidios para um Dicc. da Ling. Port.,* s. v.

[4] A formação é comtudo irregular, porque os adj. em *-bilis* são formados de verbos, e o *e* de *flebilis* e *delebilis* pertence ao thema: *fle-bilis, dele-bili-s* (thema ampliado); ao passo que *crudelis* é formado do adjectivo *crudus,* com o suffixo *-eli-s.* Neste caso o povo regulou-se apenas pela terminação, e substituiu *-élis* por *-ébilis.*

cruevelmente ou **cruevilmente,** cruelmente: LVI, 7 (crūeūlmente); e vid. a respectiva nota. Cfr. *cruevees.*

cuitelada, cutelada ou cutilada: LIV, 2. Na mesma fab., linha 6, vem *ferida* como synonimo. Propriamente *cuitelada* significará aqui «pancada com um cutelo», e não «ferida com derramamento de sangue», como hoje; cfr. *espadeirada* na lingoa usual, e *firir* neste Vocabulario.

cujo, de quem: IX, 10 «cuja era a casa»; XLIV, 31 «cuja ha (= *a*) cousa era».

curar, ter cuidado de (empregado transitivamente): LXI, 4 («avia curado sseus caualeiros»). Cfr. o lat. curare.

D

dapno = damno: II, 10. O *p* não tem valor phonetico, é meramente orthographico.

dar. Vid. a annotação á fab. XXIII, 27.

débile, debil: XXXVII, 13 (debille).

demostrar, mostrar: III, 21.

dereito, -a, justo, -a: VI, 4 (derejta); LXI, 40 (derejto), 65 (id.). Substantivado: «segundo *derejto* da ley», LX, 8; «segumdo derejto canonico e ciuel», LX, 14.

desapossado, sem fôrças, fraco: LXI, 3.—Ao exemplo que traz o *Elucidario* de Viterbo (sec. XIV) junte-se pois mais este, e o que vem no *Leal Conselheiro,* cap. I, p. 16: *desaposados* (sec. XV).

descontamento, desconto: VIII, 17 «sseja descomtamento do seruiço» = seja em desconto. Deriv. de *descontar.*

desembargar, desembaraçar: IX, 11.

desemparar, desamparar: XXX, 21 (desamparar).

desperar, perder a esperança: LVII, 15. O proprio texto dá a definição: «aquelle que perde a esperança, ligeyramente sse despera». O verbo não vem nem no *Dicc.* de Moraes, nem no do Caturra; apenas este e o de Cortesão citam *desperança.* Etymo: lat. desperare.

despreçar, não dar apreço, desprezar, depreciar: I, 13; XI, 14–15; XXXIII, 13; LVI, 12.

destroir, destruir: XLVIII, 5 (destroyr).

1. **Deus.** Na fab. LX, 13–14, lê-se: «a confissom fecta per medo e temor nom vall segumdo derejto canonico e çiuell, nem *ssegumdo*

Deus». Vê-se pela enumeração *dereito civel, dereito canonico,* que *segundo Deus* quer dizer—direito que provém de Deus, i. é, *direito divino*[1]. Tambem no testamento de D. Affonso II (sec. XIII) se lê: «e elles as depártiã segũdo deus»[2]. No *Leal Conselheiro* (sec. XV) encontro: «aquella tristeza, que he *segundo Deos,* obra peendença stavel para a saude; a tristeza do segle obra morte», onde *segundo Deos* se oppõe a *do segle,* i. é, «mundana», e significa como o proprio D. Duarte explica mais adeante: «aquella [tristeza] que descende de Deos»[3]. Outro ex. da mesma obra: «ao sprito da tristeza, que nom he *segundo Deos,* devemos a fugir»[4].

2. **deus** = plural? Vid. a annotação á fab. XLVII.

Diaboo, Diabo: XLV, 42.

dinheiros. No plural, em circunstancias em que nós hoje poriamos collectivamente o singular: «hũa ssoma de *dinheiros*», XXXV, 5; «ho auaro he seruo dos jdolos .s. dos *dinheiros*», XLII, 20–21; «quem serue aos *dinheiros* serue aos jdoles», XLII, 21; «cobijça de *dinheiros*», XLV, 32. Cfr. no *Leal Conselheiro* (sec. XV): «nom pensem que a justiça de Deos he cousa que se possa vender como se dessem pellos pecados *dynheiros*»[5]. Em hesp. do sec. XIV:

.. aora que estas lleno
.. de pan e de djneros ..[6]

discreçom, discrição: LVI, 17. Alterna com *discriçom:* vid. este vocabulo.

discriçom, discrição: XXXVI, 13. Vid. *discreçom.*—A fórma *discreçom* está mais proxima do lat. d i s c r e t i o n e- do que *discriçom;* todavia esta alterna, como vemos, com aquella. Tambem

---

[1] Num documento do sec. XVI encontro expressamente *dereito deuino:* «do arroz dous dizimos, hũ que he *dereito deuino,* que eu tenho por bulla do santo padre, e outro dizimo de direito (*sic*) a [prepos., ou por *á*] minha fazenda». Vid. *Archivo Hist. Port.*, I, 380.

[2] Este testamento foi publicado pelo Sr. Pedro de Azevedo na *Rev. Lusit.*, VIII, 80 ss. O trecho que cito vem a p. 82. Repete-se a phrase a p. 83.

[3] Cap. XVIII, p. 110.

[4] Cap. XVIII, p. 111.

[5] Cap. LXXXVIII, 426.—No cap. LXII, p. 236, *dinheiros* póde porém tambem estar no sentido geral de «moedas».— O *dinheiro* era uma moeda antiga.

[6] Arcipreste de Hita, *Libro de Buen Amor,* ed. de Ducamin, Tolosa 1901, est. 255.

no *Leal Conselheiro* (sec. xv) se lê *descliçom* p. 25, *discliçom* p. 28, *discreçom* p. 46.—Em hesp. ant. ha *discriçion,* tambem com *i*[1].

doctor. O *c* não tem valor phonetico, é meramente etymologico: lat. d o c t o r. A fórma genuina no nosso texto é *doutor.*

donezinha, dònin̈ha: xxv, 13. Esta fórma não estava ainda archivada nos nossos diccionarios.

doo, dó: x, 5; LXI, 27.—A duplicação do *o* é etymologica: lat. d o l u s, que vem no *Corp. Inscr. Lat.,* XIII, 905; a esta fórma corresponde hesp. *duelo,* prov. *dol,* fr. ant. *duel.* Cfr. *Literaturblatt für Germ. u. Rom. Philol.,* XXVI, 206.

douctor, doutor: VII, 11. Vid. supra *doctor.*

durar, supportar: XXIX, 20; XLI, 5.—A palavra, neste sentido, não foi ainda archivada nos nossos lexicos. Cfr. em hesp. arc. *endurar* «soffrer»[2], e fr. *endurer,* por ex. na phrase «endurer le froid». Tambem no Cancioneiro de D. Denis se acha *endurar* no mesmo sentido[3].

duravil. Póde ser assim, ou *duravel.* Vid. xx, 12, 13 e respectivas notas.

E

el, elle: prol. 11 (ell) e passim.

elamento, elemento: xx, 8.—Esta fórma encontra-se tambem num ms. do sec. xv, da Bibliotheca Nacional[4]. Não foi ainda archivada nos nossos lexicos. O *a* por *e* póde explicar-se por influencia do *l* seguinte.

---

1 O *i,* por *e,* tanto em port. como em hesp., é provavel que resulte de influencia do de d i s c r i m e n, d i s c r i m i n a r e; o *cl* das fórmas usadas por D. Duarte resulta da oscillação que na lingoa antiga havia entre esse grupo de sons e *cr,* oscillação motivada originariamente pela phonetica (cfr. *craro, claro; cramol, cramor, clamor*), embora depois influisse nella a analogia falsa, como aqui. Escusado sería notar que todas as fórmas que cito nesta nota e no texto são de origem litteraria.

2 *Poema de Fernan Gonçalez,* ed. de Marden, Baltimore 1904, p. 49, est. 339 a:

No se omne en el mundo que (lo) podies[s]e *endurar.*

Incidentemente notarei que este verso me parece dever corrigir-se assim:

No se omne en el mundo que-l' podies[s]e endurar.

3 Vid. *Das Liederbuch,* ed. de Lang, Vocabulario, s. v. *endurar.*

4 *Cod. illuminado,* n.º 94.

ello, isso: XXIII, 29; XXXIV, 20.

emiigo, inimigo: XVI, 15 (emijgo); XXXIX, 13 (emijgos). Alterna com *imiigo:* vid. este vocabulo. No *Leal Conselheiro* (sec. XV) tambem: *emiigo*, p. 15, a par de *inmiigo*, p. 256.—O duplo *i* póde ser orthographico. Para ser etymologico, era preciso admittir a serie: inimicu- > **imi(n)icu* > **imĩigo*.

empeeçer, empècer: XIII, 17; XXXVII, 4.—O duplo *e* é etymologico: lat. *impe(d)escere. Cfr. *Leal Conselheiro*, p. 30 e 240.

empero, porém, comtudo, todavia: XII, 18. Cfr. *pero*, que tem porém outro sentido.

encalçar, ir no encalço: VI, 8 (emcalçou).

encommendar, recommendar, deixar ao cuidado de: LV, 2 (emcomendou).

encontrar. Este verbo apresenta no Fabulario tres construcções: 1.ª) transitivamente: «aquell asno o encontrou», XXIX, 21; 2.ª) reflexamente: «encontrou-sse com hũu pastor», XXVII, 3; 3.ª) intransitivamente, no sentido de *ter encontro:* «hũu asno encontrou com hũu porco montês», XI, 1; «hũu leom .. emcomtrou com hũu asno», XVI, 2. A ultima construcção é completamente arcaica. Cfr. em hesp.: «un asno que encontró con un león»[3].

ende. Em XXVII, 16, «e *d'emde* a poucos dias», significa *ahi*. Em XXXIII, 3, «e tomava por *ende* grande prazer», e XXXIV, 36, «nem percades por *emde* a terra», significa *isso*. Na origem *ende* < lat. inde significava «d'ahi»; mas assim como *onde* < lat. unde, que significava *d'onde*, passou a significar *onde*, por causa da juncção pleonastica da preposição *de*, assim *ende* passou a significar *ahi*. O mesmo parallelismo se encontra na significação translata *isso*, pois *onde* tambem póde significar *o que: por emde* «por isso», como *por onde* «pelo que».

enderençar, dirigir, encaminhar, dispôr, tratar de: III, 1.—Póde juntar-se mais este exemplo aos que traz Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, noutra accepção.—A par de *endereçar*, que se encontra já tambem nas *Cantigas* gallegas de Affonso o Sabio (por ex.: II, 282), no *Leal Conselheiro* e na *Cronica Troiana*, temos em port. mod. *endereçar*, e em port. e gall. antigos *aderençar*.—No Minho existe ainda o verbo *enderençar* e o subst. verbal *enderença*, usados na linguagem das tecedeiras; em Trás-os-Montes *enderença* designa certa peça do carro.

---

3 *Libro del Sabio Ysopo*, Sevilha 1533, fab. XI, fls. XVIII-r.

engratidõe, ingratidão: VIII, 23 (emgratidõoe).—A terminação *-õe* < lat. -tudine (neste exemplo ingratitudine) é ainda corrente nos sec. XIV e XV: vid. Cornu, *Études de Phonol. Esp. et Port.*, p. 27.

enjuria, injuria: II, 6 (emjuria); XVIII, 12 (idem). Alterna com *injuria* em II, 15.

enjurioso, injurioso: XXIII, 36, 37.

entençom, intenção: XXV, 17 (emtençom).

entender, tencionar: XII, 8 (emtemdya). Cfr. *Leal Conselheiro,* p. 44: «entendo screver».

entom, então: XIV, 6 (entom).

entrementes, entretanto: XXVIII, 15 (entrementes que: «emquanto»).

entrevir, acontecer: XXXVIII, 21 (entreueo). Cfr. hesp. *intervenir, entrevenir,* «acontecer», no *Dicc.* da Acad. Hesp.

enveja, inveja: prol., 8 (emveja).

enxemplo, exemplo, fabula: XVIII, 12 (emxemplo), e passim.—O nasalamento inicial é frequente em palavras que começam pela syllaba *ex-*. Cfr. num texto do sec. XIV a seguinte phrase, onde *enxemplo* apparece no mesmo sentido que no Fabulario: «asy como diz hũu *enxenplo* de hũu sabedor que tiinha hũu filho que muito amava»[1]. D. Duarte, sec. XV, emprega a palavra no sentido de «proverbio» no *Leal Conselheiro,* cap. XXXIX, p. 223, e no sentido usual em muitos outros logares, p. 194, etc. Em hesp. arc. ha tambem *enxyenplo,* com *en-* inicial[2].—A respeito de *exemplo* (port.) e *enjiemplo* (hesp.), no sentido de «proverbio», cfr. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Tausend Portugiesische Sprichwörter,* p. 20, n.º 2.

er. Encontra-se na fab. XXXIII, 4, como particula reforçativa, junto de um verbo: «er esguardou, espelhamdo-sse na fonte». Do uso de *er,* quer nesta fórma, quer na fórma *ar,* se encontram muitos exemplos até o sec. XIV[3]. O Sr. Julio Cornu explicou *er* pelo pre-

---

[1] Cornu, *Anciens Textes Portugais,* p. 29.

[2] *Poema de Fernan Gonçalez,* est. 349-d:

Dellos toman enxyenplo los que han de venir.

Ed. de Marden, Baltimore 1904.

[3] Vid. Viterbo, *Elucidario,* s. v. *er* e *her.* Viterbo (como J. Pedro Ribeiro já notou) interpretou inexactamente *er* por pronome pessoal ou demonstrativo.

fixo *re-* tornado independente[1]. Em apoio de tal explicação está o facto de em francês arcaico se encontrar *re* tambem como adverbio[2]. Da vitalidade do prefixo *re-* em português e hespanhol falla a Sr.ª D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusit.*, III, 183. Esta vitalidade favorecia o emprego adverbial do prefixo.

errar, aggravar, offender, causar damno: XIX, 25.—Junte-se mais este exemplo aos que trazem Moraes e Cortesão nos seus Diccionarios. Tambem na *Demanda do Santo Graal,* sec. XIV: «por Deus, se vos errey en algũa ren»[3]. Em hesp. arc.: *errar* «ofender», «agraviar»[4].

ervanço, grão de bico: XII, 5 (ervanços), 23 (heruamço). Cfr. tambem Moraes, *Dicc.,* s. v. «ervanço».

***escarnecer.** Empregado transitivamente: «ho rico .. escarneçe ao proue», XI, 16. Cf. Moraes, *Dicc.,* s. v.

escarnho, escarnio: XV, 13.

escarnido, escarnecido: XXVIII, 16. Participio do verbo ant. *escarnir.*

escatimoso, offensivo, malicioso: XXIII, 14.—Este adjectivo não estava ainda archivado nos nossos lexicos. Cfr. hesp. *escatimoso* no mesmo sentido.

escuitar, escutar: XXIII, 13 (escuytou).

escusar, justificar: LXI, 11.

esguardar, olhar, attender, observar: XXV, 16; XXXIII, 4; XL, 17; XLIV, 17, 18. (Talvez deva pronunciar-se *esgardar*).—Vid. *guardar.*

espaancar, espancar: XXXVI, 5.—Os *aa* são etymologicos, pois o etymo remoto está no lat. p(h)a(l)anga.

espcrever = escrever. O *p* não tem valor phonetico.

especia, apparencia: LIII, 8. Numa phrase: *so espeçia,* como em lat. sub specie.

esplandor, esplendor: I, 6 (esplamdor).

esqueecer, esquecer: XXVII, 25 (esqueeçer). Os *ee* são etymologicos: *esquecer* < *escaecer* < lat. *ex-ca(d)escere.

estávil, estavel: XXXIV, 42 (estauyll).

---

[1] *Romania,* IX, 580. Cfr. o mesmo periodico, XI, 87, onde junta exs. de *er* na linguagem dos personagens populares dos Autos de Gil Vicente.

[2] Meyer-Lübke, *Gram. der Rom. Spr.,* II, § 613, III, § 492.

[3] Fl. 181-v., *b:* apud Cornu, *Romania,* XI, 93.—Outro exs., no texto impresso, pp. 63 e 98. Este ultimo é: «porque sentya que *lhe errára* do que auja feito».

[4] *Dicc.* da Academia Hespanhola.

esto, isto: III, 21; IX, 20: XXVI, 2, etc.

estoria, historia: prol. 9; I, 10 (hestoria).

estórva, estôrvo: XXXIII, 11. Cfr. *torva* no *Leal Conselheiro*, cap. XLII, p. 237. Tanto *estórva* como *estôrvo* são substantivos verbaes de *estorvar; torva* é subst. verbal de *torvar*[1].

estrever, atrever: XXX, 21 (*estrevendo-sse em ell*); LXI, 12 (estreuesse). Com a expressão *estreuendo-sse em ell* cfr. em port. classico *atrever-se em alguem*[2].

estroso, mofino, mezquinho, desditoso: XXIII, 11. Alterna com *astroso:* vid. esta palavra. No passo citado a mosca dirige-se á formiga: «como já te disse, tu és *estrosa* cousa»; ella diz *como já te disse,* porque na l. 3 chamára-lhe *formiga mizquinha,* d'onde se vê que *mizquinho* é synonismo de *estroso.*

F

(Procurem-se com *f*- as palavras que no texto vierem com *ff*-)

fallar. Usado intransitivamente na expressão *fallou e disse,* passim; cfr. num texto do sec. XIV «e o ydollo *falou-lhe e disse*»[3]. Usado transitivamente: «fallar .. cousas», XXXII, 6. Nós ainda hoje dizemos: *fallar uma lingoa.*

fame, fome: VIII, 1; XLI, 7, 10.

fazenda, cousa, bens: XLIV, 24, 25. Na phrase «nom as faça fazer por outrem», onde *as,* segundo a minha interpretação, se refere a *fazendas,* revela-se-nos uma alliteração thematica (figura etymologica): *fazer fazendas.* Synonimo de fazendas é *fectos* = feitos,—na l. 28: «o senhor .. melhor vee sseus fectos». Cfr. em Moraes «*fez fazenda* de bom cavalleiro», i. é, fez feitos, *Dicc.*, s. v. «fazenda».

fecto = feito. O *c* não tem valor phonetico, é mero latinismo (*factu-*). Ortographia corrente neste e noutros textos antigos.

fedente, «que fede», «que cheira mal»: XXIII, 33. Adjectivo uniforme, não ainda archivado nos nossos lexicos. Do lat. foe-

---

[1] Cf. sobre os substantivos verbaes em geral, os meus *Respigos Camonianos,* I, Lisboa 1904, pp. 41-43.

[2] *Dicc.* da Acad. e *Dicc.* de Moraes, s. v. —Em hesp. ant.: «atreuiendo-me en la uuestra mesura»,— *Crónica general,* cap. XXXVI, ms., apud Marden, *Poema de Fernan Gonçalez,* Baltimore 1904, p. 156.

[3] Cornu, *Anciens Textes Portugais,* p. 32.

tente-, partic. pres. de foetere; cfr. hesp. *hediente,* e na lingoagem pop. port., *fedentinha, fedentinhoso, -a* e *fedença*[1].

feito, fazenda, facto. O primeiro significado, —no plural—, está em XLIV, 28 (fectos); vid. s. v. *fazenda.* O segundo está em VII, 2 (*de fecto*).

fendedura, fenda: LVIII, 10.—Não vem nos Diccionarios de Moraes, Caturra e Cortesão. Cfr. hesp. *hendedura.*

feo, feio: XXXIII, 5, 14 (ffeos).

ferida, pancada: XXXVI, 10 (fferidas). Vid. *firir.*

ferir, Vid. *firir.*

filhar, tomar, apanhar: XV, 10; XVI, 5; XLVI, 9.

fim. Do genero feminino: XXXI, 16, «maa fim»; LI, 8 «esguardar à fim» (= attender ao intuito). Ha ainda hoje na lingoagem da Beira uma phrase estereotypada onde *fim* mantem o seu antigo genero (finis em lat. é masc. e fem.): «a fim do mundo».

firir, bater, espancar: XXXVI, 4. Alterna com *ferir* em XXXVI, 6; XLIII, 6. Ha outros exs. de *firir* em português e gallego antigos.—Aqui *firir* está no sentido do lat. ferire. Vid. *ferida.*

fiuza, confiança: LIX, 8. No *Leal Conselheiro,* p. 237, vem *feuza,* com *e.* Fórma ainda hoje popular (Extremadura). Tambem é usada como appellido.

fogir, fugir: LVII, 11. Alterna com *fugir* noutros logares da mesma fabula.

fôrça, violencia: VI, 18, na expressão allitterada *fazer força.* Cfr. a definição dada em Moraes, *Dicc.:* «a violencia que se faz, usando do que não é proprio o forçador, entrando a outrem por suas terras e herdades, tolhendo a outrem o uso do seu: *fazer força*»,—definição que evoca os tempos do feudalismo. Cfr. tambem em gallego do sec. XIII, com fórma alatinada: *fórtja*[2].

---

[1] *Fedentinha* significa «mau cheiro» (subst. fem.); e applica-se tambem a uma pessoa ruim de aturar («é um *fedentinha*»): Beira-Alta, Baixo-Douro. Nas mesmas duas accepções se emprega *fedença* («está aqui uma *fedença*», B.-Alta e B.-Douro: «F. é um *fedença*», B.-Douro»). Quanto a *fedentinhoso, -a,* significa no Baixo-Douro «desageitado», «mal feito», «mal arranjado» (por ex. «cousa *fedentinhosa*»).—Á mesma familia de palavras pertencem estas: *fedanho* (= fedenho) «importuno», e *fedanhar* (= fedenhar) «importunar», ambas usadas em Moncorvo, e a phrase *á fedoca* «desajeitadamente» dada pelo Caturra no seu *Dicc.* (o Caturra diz que *fedoca* vem de foedus, mas contra isto protesta o -D- intervocalico). Cfr. tambem o gall. *fedento.*

[2] *Docum. Gallegos de los sigl.* XIII *al* XVI, n.º 2, linha 23 (p. 2).

fremoso, -a, formoso, -a: prol. 9 (ffremosas); I, 3; XI, 8. Cfr. *fremosura.*

fremosura, formosura: XXI, 2. Cfr. *fremoso.*

freo, freio: XIV, 11.

frol, flor: XX, 17 (froll). Alterna com *flores* no prol., 13, e com *fror.* Vid. *fror.*

fror, flôr: prol., 14. Vid. *frol.*

fruito, fruto: prol., 14.

fundo, baixo (subst.): II, 3, «da parte de fundo»; III, 13, «tirava pera fundo». Na fab. L, 7 «[as rãs] meterom as cabeças do fundo da auga», a ultima expressão significa *de baixo;* talvez *do fundo da agoa* esteja mesmo por *de fundo,* com *do* por *de,* ou por influencia da labial, como na expressão popular *do baixo* por *de baixo,* ou por êrro de copia.—Na *Visão de Tundalo,* publicada na *Rev. Lus.*, III, texto do sec. XIV, lê-se *cayr en fundo,* p. 104. Em textos gallegos do sec. XIV encontra-se tambem *en ffondo* «pelo lado de baixo»[1]. Moraes cita *rua a fundo* como antiquado[2]. Ainda no sec. XVI se dizia *Mondim de Fundo* a povoação que hoje se chama *Mondim de Baixo*[3].

G

gaado, gado: XXVII, 4; XXXII, 13, 15. Os *aa* são etymologicos; cfr. hesp. *ganado.*

galardom, galardão, pago, agradecimento: X, 16 (gualardom). Á expressão *dar maao galardom* corresponde a expressão moderna *dar mau pago.* Vid. *grado.*

gançar, ganhar, adquirir: XXIII, 21 (guançoso). É frequente em textos do sec. XIV e XV *guançar, gançar, gaançar.* Do radical de que veio *ganhar* (origem germanica) deve ter provindo para as lingoas da Peninsula um verbo *ganar, d'onde viesse o hesp. *ganar,* e o port. prehist. **gãar,* com que se relaciona *gaança* (*gança*) e *gaançar* (*gançar*); á mesma familia pertence hesp. *ganancia* (d'onde o port. mod. *ganáncia*), hesp. *ganado,* port. ant. *gaado* = **gãado* (mod. *gado*), gall. e port. do Alto-Minho *gando.*

---

[1] *Docum. Gallegos de los sigl.* XIII *al* XVI, p. 121, etc.

[2] *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. «fundo».

[3] Documentos mss., que publicarei noutro logar.—Cfr. *Moita Fundeira,* como quem dissesse «Moita de Fundo», isto é «Moita de Baixo», nome de um logar no concelho da Sertã.

gardar. Vid. *guardar*.

garnimento. Vid. *guarnimento*.

gargantoice, gula: LII, 18 (guargamtoiçe).—Deriva de *gargantom*, que vem no *Leal Conselheiro*, p. 187, na fórma pl. *gargantões*, «comilões», «gulosos», e na *Visão de Tundalo* (vid. *Rev. Lus.*, III, 106: *gargantooens*). O *Leal Cons.* contém varias vezes *gargantoice:* pp. 192, 193, 194; *gulla e garganturyce*, p. 286, expressões synonimas e allitteradas.

gaviam, XXXI, 2, 5, etc. A pronúncia era de certo *gaviã;* cfr. hesp. *gavilan*, mir. *gabilã*.

gema, pedra preciosa: I. 4. Lat. gemma. Na moralidade, I, 15, em vez de se repetir a palavra *gema*, emprega-se a definição: *pedra preçiosa*.

gesto, semblante: LIII, 3.

grado, agradecimento: VIII, 22, «dar maao grado», que corresponde a *dar maao galardom* em X, 16. Vid. *galardom*.—Do lat. gratum (adj. neutro substantivado). Cfr. *en grat* em provençal[1]; *savoir bon gré* em francês. No *Leal Conselheiro*, p. 83, e em varios outros textos: *de grado* «de vontade».

gram, grande: X, 12, em próclise.—Cfr. *Rev. Lusit.*, VIII, 11–12.

grua, femea do grou: VIII, 5.—O vocabulo ainda não foi, neste sentido, archivado nos nossos lexicos; pelo menos não o encontro nem em Moraes, nem no Caturra, nem em Cortesão. Cfr. hesp. ant. *grua*, fr. *grue*. Do lat. *grua-, por grue-[2].

gualardom. Vid. *galardom*.

guançar. Vid. *gançar*.

guardar, olhar: V, 3 «guardou na auga» = olhou para a agoa. (Talvez deva pronunciar-se *gardar*). Cfr. fr. *regarder*. E vid. neste vocabulario *esguardar*.

guargantoice. Vid. *gargantoice*.

guarnimento, apparelho do cavallo: XXIX, 24. (Talvez deva pronunciar-se *garnimento*). Moraes, *Dicc.*, cita o vocabulo apenas no plural.

guisa, maneira: VI, 4 («em tall guysa»), 14 («per esta guisa»), XXXII, 19 («per esta guysa»).

---

[1] Bartsch, *Chrestomathie Provençale*, 5.ª ed., 110-42.

[2] Entre *grou* (por *gruus, *gruu-) e *grua* ha o mesmo parallelismo phonetico que entre *dous* e *duas*.

H

(As palavras que não se encontrarem com *h*- procurem-se sem elle)

haver, ter: II, 18 («nom ey tanto tempo»); IV, 12 («nom avia per hu paguar»); etc. No prol., 18, alterna *aver* e *ter* no mesmo sentido. Assim se justifica o *sse ha* de LV, 15 (e vid. nota respectiva). Em XL, 33, *haver* está substantivado e significa *riqueza,* palavra que mesmo lhe corresponde ib., 35.

hi, ahi: IX, 9, «d'hi»; XV, 3, «per hi» = ahi perto.

homem. Ao seu emprego como pronome indefinido, como o fr. *on,* me refiro no capitulo da Syntaxe.

homildosamente, humildemente: II, 5.—Vid. *homildoso.*

homildoso, -a, humilde: II, 23.

honra, acolhimento respeitoso, estimação: XXI, 2, «as aues fezerom grande *homrra* aos pãaos por a fremosura d'elles». Cfr. a ideia opposta em «*desonrrar* de maas palauras», XXIII, 2.

humecidio, homicidio: XLV, 31-32 (humeçidio). Alterna com *omiçidio* em XLV, 39.

I

(As palavras que no texto estiverem com *j*- procurem-se com *i*-)

ignocente. Mera variante orthographica de *inocente* ou *innocente* (II, 27 ignoçentes). O *g* resulta de confusão do lat. *ignoscens,* de *gnoscere,* com *innocens,* de *nocere,* e de haver varias palavras que se escrevem ora com *gn* ora com simples *n.*

imiigo, inimigo: XVI, 14 (jmijgos); XXXVIII, 18 (id.), 21 (id.), 22 (id.). Alterna com *emiigo;* vid. este vocabulo.

infiindo, infindo: XIV, 14 (jmfijmdos). Os dois *ii* são etymologicos: lat. infinitu-.

inico, iniquo: XXXI, 15 (jnicos).—Com quanto de origem litteraria, *inico* é a fórma corrente na litteratura antiga: cfr. Camões, *Lus.,* IX, 59, «passaros *inicos*» em rima com *bicos.* A fórma actual *iniquo* é restaurada pela latina iniquus.

J

ja nunca, jamais, nunca mais: XXXIV, 26; LIX, 8. Cfr. *jamais nunca* no *Leal Conselheiro,* p. 115.

jajũu, (adj.), que está sem comer: XII, 22 (jajuum). É o sentido do lat. ieiunus. Cfr. na *Demanda do Santo Graal* (texto do sec. XIV): «os caães .. seiam *ieiuus* de VII dias»[1].—Vid. outros exs. em Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v.

Jovis, Jove, Juppiter: VII, 6 (Jouis); L, 4 (id.), 5, 11, etc.—É o ant. nominat. lat. Iouis (por *Iuppiter*).—A titulo de curiosidade acrescentarei que em linguagem de giria, em certos pontos do país, se diz *Jobes* por «Deus».

L

(As palavras que no texto estiverem com *ll-* procurem-se aqui com *l-*)

lãa, lã: IV, 13 (llãa), 14. Os *aa* são etymologicos: lat. lana.

ladram. Vid. *ladrom.*

ladrom, ladrão: II, 18; VII, 1; LVIII, 8. Alterna com *ladram* em LXI, 9.

latino, latim: prol., 6. Vid. a annotação respectiva.

leam. Vid. *leom.*

legar, ligar: XL, 19 (leguado), 21 (legauam). Cfr. *legamento* no *Leal Conselheiro,* p. 41.

leixar, deixar: V, 10 (*bis*); XXIII, 31.

leom, leão: VI, 14. Na fabula XXVII alternam *leom*, *liom* e *leam.*

lhe, lhes: VIII, 21. Vid. o que digo nas Observações Grammaticaes.

ligeiramente, facilmente: XXXVIII, 20 (ligeyramente); LVII, 15 (id.). No mesmo sentido se encontra essa palavra no *Leal Conselheiro,* pp. 22, 75, e em hesp. arc. *ligeramente.*

ligeirice, ligeireza: XXX, 10 (ligeyriçes).

ligeiro, facil: XXI, 12 (ligeyro). Cfr. *ligeiramente.*

liom, leão: VI, 5. Vid. *leom.*

livrar, deliberar: XLIX, 3 (liuraram). D'esta accepção se aproximam alguns dos exemplos que traz Moraes no Diccionario.

lixosamente, immundamente, çujamente: XXIII, 24. Vid. *lixoso.*

lixoso, immundo, çujo: XXIII, 26 (lixosso); XXIX, 11. Alterna com *luxar* em XXIX, 14; vid. este vocabulo.

luxar, manchar, çujar: XI, 8; XXIX, 14; XLII, 5. Alterna com *lixoso,* XXIX, 11; vid. este vocabulo. Ha outros exs. de *luxar* em por-

---

[1] Otto Klob na *Rev. Lusit.*, VI, 336. Provavelmente deve ler-se *ieiũus.*

tuguês ant. Em gallego tambem alterna *lujar* (= luxar) com *lijar* (= lixar): vid. Valladares, *Dicc. Gall. Cast.*, s. v.; e já na *Crónica Troiana*, texto gallego do sec. XIV, temos *luxar* «manchar».— Parodi, na *Romania*, XVII, 69, explica o gallego *lujar, lijar* por *lutulare, explicação admittida por Körting, *Lat.-Rom. Wb.*, 2.ª ed., n.º 5761; mas ha difficuldade phonetica.

M

maa, má: prol., 7; XXV, 7. Os *aa* são etymologicos: lat. m a (l) a.

madre, mãe: IX, 15; XXVI, 6; XXXIV, 8. Não se usa *mãe* no nosso texto.

maginar, imaginar: LXI, 37.—Por se ler em Camões *maginar* ensina-se ás vezes nas aulas que temos aqui uma *licença poetica;* mas o nosso texto prova que *maginar* é da prosa, e existem outros exemplos: *maginar* em Azurara e no *Cancioneiro* de Resende[1], etc. Deu-se a apherese (lat. imaginari, imaginare) por confusão de *i* + *m-* com o prefixo *in-*.

mais, mas: I, 5; XXI, 13 (mays). Alterna com *mas* em: LIX, 5 (no ms. *mas* está em fim de linha); XII, 30; XXXIV, 32; XXXV, 9, etc.

malandante, malaventurado, infeliz: XLIV, 26, onde saiu, por êrro typographico, *maladante* em vez de *malãdante.*

malecioso, -a, malicioso, -a: XIII, 8 (maleçiosa).

mancebo, criado, serviçal: XLIV, 11 (mançebo). Ibid., 29 e 30, o auctor emprega *seruo* e *seruidor* como synonimos d'este termo.— Cfr. Gama Barros, *Sobre a significação da palavra «mancipium»*, na *Rev. Lusit.*, IV, 247, onde mostra que *mancipium* e *servus,* nos mais antigos textos da idade-media, eram synonimos entre si, e que já no sec. XIII «a significação de *mancipium* correspondia á de *mancebo,* quer no sentido de individuo que servia por soldada, quer no sentido de adolescente»[2]—. Na fab. XLVII, 14, *mancebo* (mançebos) tem a significação actual de «joven»; e nesse sentido emprega D. Duarte tambem a palavra no *Leal Conselheiro,* p. 184, com o substantivo correspondente *mancebia* «juventude», ahi contraposto á palavra *velhice*[3].

---

[1] Vid. Cortesão, *Subsidios para um Diccionario,* s. v.

[2] Loc. cit., p. 264. Este artigo foi reproduzido na *Hist. da Adm. Publ. em Portugal,* II.—Cfr. tambem Pedro de Azevedo, no *Archivo Hist. Port.*, I, 290.

[3] Entre *mancipium* «servo» e *moço* «joven» ha a mesma relação sematologica que entre *moço* «serviçal» e *moço* «joven».

maneira, moderação: XXXVI, 13. O passo é: «deuemos auer *maneira com discriçom*», i. é: moderação discreta.

mango, cabo: XXXIX, 2, 3 (manguo). Trata-se do *mango* de um machado.

manhãa, manhã: XLVII, 17. A expressão *de manhãa* nesse passo significa «amanhã», pois que está contraposta a *oje*.

mantiimento, mantimento, sustento, comida: XXVII, 12 (mantijmento).—Os *ii* são etymologicos, pois esta fórma está por **manteimento*, de *manteer;* cfr. hesp. *mantenimiento*. Tambem em Azurara se encontra *mantiimento*[1].

marteiro, martyrio: XLIII, 17 (marteyro).

matar. Na expressão *matar-se com ell*, XXVI, 4, *matar-se* significa «bater-se»; cfr. hesp. *matarse con uno* «reñir», «pelear con él»[2].

medês, mesmo: II, 2 (aquell medes); XXXIX, 15 (ell medes); XLI, 33 (assy medes). Em todos esses exs. *medês* reforça o pronome ou adverbio a que vem junto. Cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 27, *esso medes*, e p. 46, *aquel medes*. Na *Rev. Lusit.*, VIII, 9, me referi a este pronome.

meesmo, mesmo: XL, 30.—Os *ee* são etymologicos; cfr. ital. *medesimo*.

meestre, mestre: XVII, 16.—Os *ee* são etymologicos: arc. *maestre* < lat. ma(g)istru-. Todavia *maestre* não provém directamente do latim, como o mostra o *-e*[3].

meezinha, remedio: XXVIII, 4. Cfr. tambem *Leal Conselheiro*, p. 234: «por as esmollas recebem *meezynha* as nossas chagas». Ainda hoje se usa *mèzinha* no sentido de remedio caseiro («fazer uma *mèzinha*»,—Beira). Em Trás-os-Montes (Norte) essa palavra significa virtude medicinal («tal herva tem *mèzinha*»). Tambem em provençal achamos *mecina* no sentido de remedio: «Al vostre mal

1 Cortesão, *Subsidios para um Dicc.*, s. v.

2 *Dicc. de la Leng. Cast.* (da Acad. Hesp.), s. v.

3 A fórma normal em port. devia ser *maestro*, como em hesp. e ital. A par de *maestro*, ha *maestre* em hesp., mas noutro sentido. Provavelmente o nosso obsoleto *maestre*, d'onde saiu *meestre*, e por fim *mestre*, vem do hesp. *maestre* ou do fr. arc. *maiestre*. De facto, nos exemplos que conheço do uso antigo de *mestre* em português, como *mestre-sala*, *mestre* no sentido de «médico», *mestre do Templo*, etc., a palavra relaciona-se com instituições sociaes, e podia pois vir de fóra com ellas. No sentido moderno de «mecanico», dizia-se antigamente *mesteiral*.

queretz *mecina*»[1]. Na Estremadura *mèzinha* passou a ter a significação restricta de «clister».—Os *ee* de *meezinha* são etymologicos: *me(d)ecina < lat. medicina-.

mente. Nos adverbios: vid. o que digo na Morphologia.

mentres que e **em mentres que**, emquanto: v, 2; XXXIV, 18.

meo, meio: III, 10.

meolo, miolo: prol., 18.

mercadaria, mercadoria: XLIII, 2. Este vocabulo creio que não estava ainda archivado nos nossos lexicos. Elle encontra-se em varios textos dos secc. XV e XVI, pelo menos,—por ex.: «per maneira de *mercadaria*»[2]; «de falsas *mercadarias*»[3]; «nam resguatando porém na dicta terra nenhũas *mercadarias*»[4]; «que os compradores nã paguẽ das dictas *mercadarias*»[5]. Conheço ainda mais exemplos.—Cfr. hesp. *mercaderia*.

merçee, mercê: XXI, 14.

mester. 1) Locução—*faz mester* «é preciso»: XL, 12; XLI, 29, 2) Plural—*mesteres* «necessidades», no seguinte passo, LXI, 20: *muytos ajudey ao tempo de sseus mesteres,* isto é, por occasião das suas necessidades, quando tinham necessidades.

meter, pôr: XIX, 3; XLII, 8.

[**mi.** Comquanto em XXIII, 12, em XLII, 11 e 13 (vid. nota respectiva) e LVI, 13 se leia *my,* e a fórma nasalada tenha sido precedida de outra sem nasal no uso geral da lingoa, é provavel que nestes passos haja mera falta de til, pois *mim* (mym) é muito frequente no ms., e em XLII concorre *mym* com *my*. Todavia cfr. o que se disse s. v. «bõo»].

milhor, melhor: IV, 6; XII, 31. No *Leal Conselheiro,* por ex. a p. 175, tambem se lê *mylhor*.

mintira, mentira: IV, 17.

missegeiro, mensageiro: XXXVIII, 7 (missegeyros). Alterna com *missig-;* vid. este vocabulo.

---

1 *Flamenca,* 2.ª ed. (P. Meyer), v. 3023.

2 *Leal Conselheiro,* p. 192.

3 *Cancioneiro de Resende,* 1.ª ed., fol. XXV-r, col. 1.ª, verso 10. Sirvo-me do magnifico *fac-simile* feito pelo Sr. Archer M. Huntington.

4 Foral da ilha de S. Thomé dado por D. João III em 1524, fl. 4: ms. da Torre do Tombo, gav. 7, maço 16, n.º 4. Este texto foi-me indicado pelo Sr. Pedro de Azevedo.

5 Do mesmo Foral citado na nota antecedente, fl. 5-v.

missigeiro, mensageiro: LXI, 49 (missigeyro). Alterna com *misseg-;* vid. este vocabulo.

misurado, comedido: XXXVII, 13. Mas *mesura,* LIII, 3.

mizquinho, -a, mezquinho, -a: XXIII, 3; XXXIX, 8 (mizquynha); XLII, 22 (mizquynho); XLVIII, 18 (myzquynhas).

molher, mulher: VII, 1.

moor, maior: XLIX, 15.

mua, mula: XXII, 2.

N

nehũu, -a: L, 21. Em XXXIV, 25 *nhehũa.* Noutros casos *nhũu* e *nhũa,* que podem ler-se respectivamente *nehũu* ou *nẽhũu*, e *nehũa* ou *nẽhũa.* A graphia *nhũu* ou *nhuũ* não é caso unico: vid. *Archivo Hist. Port.,* I, 419 «*nhuũ* trabuto». Se se encontra *nẽhũu* em muitos textos, por ex. nos *Anciens Textes Port.* (sec. XIV) de Cornu, p. 33, e no *Leal Conselheiro* (sec. XV), p. 25, tambem se encontra *nehũu,* por ex. em um doc. do sec. XV no *Archivo Hist. Port.,* I, 319, *nehũa* nas *Cantigas* de Affonso o Sabio, p. 395, *niú* (por *niũ*) em Viterbo, *Elucidario,* e *neún* em Cortesão, *Subsidios.* Comquanto entre n e c u n u- e *nẽ hũu* seja legitimo admittir *nehũu* (neũ), nada mais facil tambem do que ter-se ás vezes omittido por esquecimento o til.

neiciamente, nesciamente: LIII, 16 (neyçiamente).

neicio, nescio: LIII, 15 (neyçio).

nembrar, lembrar: LVI, 12.

nembro, membro: XLI, 24.

nhũu. Vid. *nehũu*[1].

nojo, damno: XXII, 4 (faço nojo); XXIII, 24 (id.); enfado: LVI, 6.

nojoso, desgostoso: XV, 13.

nom, não: passim.

nunca. Vid. *já.*

O

obidiente, obediente: LVIII, 13.

official, empregado de justiça em geral: LII, 15 (ofiçiaaes). D. Duarte dá a definição no *Leal Conselheiro,* p. 32: «*dos officiaes,*

---

[1] Hoje na Extremadura diz-se em próclise *nhuma* (vid. os meus *Dialectos Extremenhos,* I, 35); mas esta fórma, que resulta de *n'nhuma* < *nenhuma,* nada tem com a do Fabulario.

em que se entendem os mais principaes, conselleiros, juizes, regedores, veedores, scrivães e semelhantes».

omem. Vid. *homem.*

ora. 1) Em VII, 9, corresponde a «agora», como na lingoa moderna. 2) Com relação a *pouca d'ora* vid. *pouco.* 3) *tall ora* «então», XLVII, 17; cf. ital. *talora* «algumas vezes».

orto, pomar: prol. 13. É corrente na orthographia antiga: cfr. *Orto do Sposo* (titulo de um ms. do sec. XIV) e *Garcia d'Orta* (autor do sec. XVI).

outrossi. outrosim: XXXVIII, 11 (outrossy).

P

paancada, pancada: XVII, 12 (paamcada); XLIII, 9 (id.).—Os *aa* são etymologicos: cf. *espaancar* (supra), e hesp. *palancada.*

pаão, pavão: XXI, 2, 4, 5.—Os *aa* são etymologicos: cf. *pavão* <lat. p a v o n e-.

padre, pai: II, 16; XXXIV, 8; XXXVI, 14.—No nosso texto não se usa *pai.*

pam, pão: XLI, 21, onde por erro typographico saiu *pom.*

parecer, apparecer: XXXIV, 18 (pareçia).

parte, noticia: XXXIV. Cfr. na ling. corrente *dar parte,* dar noticia. Em X, 3, *não sabia de si parte,* não dava conta de si. Em XLV, 19, *chamou-o a de parte,* i. é, de parte, á parte.

passar, ultrapassar, exceder: XL, 34. Cf. no *Leal Conselheiro,* p. 175: «a despesa .. *passa sobre* a recepta». Em XXXIV, 49, lê-se: *passa de sabedor;* vid. a annotação respectiva.

passareiro, passarinheiro, caçador de passaros: XXXI, 12.

passos. Na phrase *a poucos passos,* VI, 5, d'ahi a pouco.

pee, pé, garra: XIV, 2.

peendença, castigo: XLV, 34 (peemdença); XLVII (peemdemça).

peiorar, piorar: XLIII, 13 (pejora), 15 (id.). Mas vid. *peor.*

peor, pior: XV, 12; XXV, 10.—Comquanto hoje se escreva muitas vezes *peor,* a pronuncia é sempre *pior;* porém no tempo da redacção do Fabulario pronunciava-se de certo *peor,* com *e.*

pequeno, pouco (substantivado), pedaço: XLII, 7, (me dees hũu pequeno d'elle). Nesta accepção creio que o vocabulo não se acha nos nossos lexicos. Todavia no *Leal Conselheiro,* p. 331, lê-se: «hũa pequena d'afeiçom» (= uma pouca de, um pouco de); e ainda do sec. XVII posso citar este passo: «hũas velinhas .. com o pavio tão cortado que .. era necessario, para as accenderem, cortarem hũa

pequena de cera com os dentes» (= uma pouca de, ou um pouco de)[1]; e *Pão partido em pequeninos* (= pedacinhos), é o titulo de uma obra de Manoel Bernardes, Lisboa 1694.

per, por: prol. 8; xv, 3; xvii, 7. Corresponde a «para» em xiii, 27 (onde alterna com *por: per comer, per viver*), e xli, 25 (*per nosso amaestramento*).

pera, para: passim.

percatar, precatar: xxix, 31.

perdom, perdão: lix, 4.

perfia, porfia: xli, 15, 23.

pero, por isso: ii, 7; xxv, 11. Do lat. per ho(c).—Em xx, 6, e xxiii, 10, *pero que*, por isso que.

persoa, pessoa: i, 6 (perssoa); xi, 9; xxiii, 27. Esta fórma encontra-se tambem no *Leal Conselheiro*, vid. o respectivo glossario. Na *Cronica Troiana*, texto gallego do sec. xiv, ha *persona* (vid. vocabulario), que deve talvez entender-se por *persõa*. Em gallego moderno ha *persoa* e *persoiña*.

pesar. Em xxxviii, 23: *faziam d'elas maao pesar*, i. é, causavam-lhe damno. Cfr. no *Dicc.* de Moraes *fazer mao pesar de alguem*.

physico, medico; viii, 4 (phisico); xxviii, 7 (id.).—Cfr. em fr. ant. *fisicien*[2], medico, ingl. *physician*, hesp. ant. *fisico*[3]. D. Duarte no *Leal Conselheiro* distingue entre *fisicos* e *solorgiãaes*[4]; igualmente na *Hist. do imperador Vespasiano* (impressa nos fins do sec. xv) se lê: «e nom se podem achar *fisicos* nem *celorgiãos*», p. 44 da 2.ª ed. (feita por Esteves Pereira). Gil Vicente escreveu o *Auto dos Fisicos*. Na actual linguagem da Estremadura (Porto de Mós) *physico* ou *fisico* decaiu da sua antiga accepção nobre, e passou a significar *curão*, isto é, «curandeiro»: assim se diz «o *fisico* d'aquella terra», «o fisico d'aquell'outra», conforme as localidades em que elles habitam. Parallelamente a *fisico*, tinhamos em port. ant.: *fisica* «medicina»[5]. No fr. da idade-media *physique* tinha tambem essa significação[6].

---

1 *Centinella contra os Judeus*, trad. por Pedro Lobo Correia, Lisboa 1710, p. 152; mas a 1.ª ed. é de 1688.

2 Sobre o sentido pejorativo que esta palavra póde ter tido, cfr. Jaberg, na *Zeitsch. f. rom. Philol.*, xxvii, 54.

3 *Libro de buen amor* do Arcipreste de Hita (ed. de Ducamin), est. 252-d.

4 P. 59.

5 D. Duarte, *Leal Conselheiro*, p. 135.

6 Vid. *Dict. génér. de la langue fr.*, s. v.

piadoso. piedoso: XLVII, 7. Mas *piedade* no mesmo logar. Do lat. pietosu-.—Tambem no *Canc. de Resende*, I, 356, *piadade*, fórma ainda hoje corrente no povo.

pidir. pedir: L, 15; LX, 5.—É corrente em textos do sec. XV e anteriores e posteriores: vid. *Arch. Hist. Port.*, I, 56, 299 e 420; Sousa Viterbo, *Tapeçarias*, p. 15; *Doc. para a hist. da typographia*, I, 24. Hoje ainda popular (Sul).—Cfr. *siguir*.

poboo. povo: XLIX, 8.—Os *oo* são etymologicos: lat. popu-(l)u-.—Fórma corrente em português arcaico; alterna com *povoo*.

poborar. povoar: XLIX, 1.—Cfr. Viterbo, *Elucidario*, s. v. *pobrar, pobramento*, etc. No *Arch. Hist. Port.*, I, 420, *povorar* (sec. XV), I, 302, (sec. XVI).

poderio. poder, faculdade: VII, 14. A expressão *poderio .. de mal obrar* póde traduzir-se em latim por *facultas laedendi*, o que mostra bem o sentido de *poderio*. Cfr. *poderoso*.

poderoso. que tem poder, potente, capaz: VII, 15, *poderoso de filhos* = que ficava potente com a ajuda dos filhos; LXIII, 8, *era poderoso de lhe guardar sseu gado* = podia guardar, tinha poder, capacidade, para guardar.—Cfr. nos *Doc. Gallegos de los sigl.* XIII *al* XVI: «non seian poderossos dea dar nen arrendar» (i. é, senhores, livres de a dar, etc.), p. 118, l. 6-7; *poderoso de* em Moraes, *Dicc.*, s. v.; em prov., C. Appel, *Provenzalische Chrestom.*, 1895, n.º 7, l. 34: «li retenc pueih sa terra *e'n devenc poderos*».

poer. pôr: XL, 14.

pollo, -a. pelo, -a: II, 25; XIV, 11. Alterna *pollo* com *pello*.

poo. pó: XXXVII, 7.—Os *oo* são etymologicos: *polo, cfr. *Rev. Lusit.*, II, 364, e III, 297, nota.

poomba. pomba: LI, 1.—Os *oo* são etymologicos: **paomba* < lat. pa(l)umba.

porém. por isso: XLI, 72; XLII, 6; LIII, 15.

porque. visto que: XLV, 19; para que, XXXVI, 11. Na expressão *ssem porquê* «sem motivo», XXXVI, 4, 5, e LVII, 7, a palavra, por ser independente, e não proclitica, recebe accento na ultima syllaba.

pos (em). atrás de: XVII, 17 (*amdando em pos ell* = indo atrás d'elle).

pouco. Locução adverbial: *loguo a pouca d'ora*, ou sòmente *a pouca d'ora*, XLIV, 8, 11; LIV, 3; o que significa «d'ahi a pouco». Corresponde-lhe: *depois, a pouco tempo*, XLVIII, 10; i. é: «depois, passado pouco tempo». Cfr. ainda: *pouco estando*, LV, 3; *hũu pouco estando*, LVIII, 5.—Temos outros exs. em textos port. antigos: «e em *pouca d'ora* alongou-se», na *Demanda do Santo Graall*, p. 83; *a*

pouca d'oora na *Visão de Tundalo* (vid. *Rev. Lus.*, VIII, 252). Ambos são do sec. XIV.—Á expressão *a pouca d'ora* corresponde *a poca de ora* ou *a poca d'ora*, e *en poca d'ora* em hespanhol antigo: vid. *Poema de Fernan Gonzalez*, ed. de Marden, est. 518–c, 689–d (vid. tambem p. 132; e confere no mesmo poema: *a poca de sazon*, est. 34–a); e Arcipreste de Fita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, est. 134–d. Cfr. o synonimo provençal, do mesmo typo syntactico, *en breu d'ora*, em Bartsch & Koschwitz, *Chrestomat. prov.* (6.ª ed.), 286–12[1].

preçado, -a, de preço: XXIX, 13; de aprêço: LVI, 2.

preçar, apreciar, prezar: LVI, 11.

preguntar, perguntar: XXXIV, 21 (pregumtou); LXII, 5 (id.).

preposito, proposito: III, 22.

presentar, apresentar: XLV, 15 (pressemtarom).

pressa, apuro, apêrto, urgencia: XVI, 15; XXV, 3.—A evolução sematologica foi a mesma que em *apêrto*.

prestar, emprestar: IV, 6.

prestes (adj.), pronto: XI, 4; XXIII, 31.

priigo, perigo: X, 14 (prijgos); XII, 24 (prijguo); XXX, 19 (prijgo) XLIV, 13 (prijguoo).

primeira (da), primeiramente: .. Cfr. hesp. *de primero*.

probe, pobre: XII, 23.

proverbio, proverbio: XIV, 14.

probeza, pobreza: XII, 30.—Alterna com *prov-*; vid. este vocabulo.

prol, proveito: III, 18 (proll). Em XVIII, 10, é feminino (tua proll). Em XXXIV, 29, *tam de proll*, i. é: «tão fidalgo», «tão nobre». Cfr. *Dicc.* de Moraes, *homem de prol;* fr. ant. *preu d'homme,* mod. *prud'homme,* prov. *prodom,* ital. *produomo.*

prove, pobre: XI, 14.—Cfr. *proveza.*

proveitar, aproveitar, dar proveito: XXXIII, 17.

proveza, pobreza: XII, 29; LV, 16.—Alterna com *prob-;* vid. este vocabulo.

provencia, provincia: XLIX, 4 (prouemçias).—Este vocabulo creio que não foi ainda archivado nos nossos lexicos; apenas Vi-

---

[1] O texto diz:

s'en breu d'ora no m'autreyatz
que, s'el vos ama, vos l'amatz.

A locução de que trato não vem assignalada no glossario da *Chrestomathie.*

terbo, *Elucidario,* traz *provença* como do sec. XIV. Nos *Dialigos de S. Gregorio,* ms. do mesmo seculo, existente na Bibliotheca Nacional[1], fls. 19-v., lê-se tambem *provencia.* Numa cantiga que ouvi em 1904 em Castro Laboreiro (Alto-Minho) entra *probencia;* aqui a cito:

Adeus ó billa d-Acrasto,
Probencia de Trás-os-Montes,
No dia que te num béjo
Meus olhos som (ou *sõu?*) duas fontes[2].

Cfr. *Proença,* nome de terra e appellido.

pulso. Vid. *tocar.*

pungir. picar, ferrar (em sentido physico): XXII, 3.—Flexão: *punguo,* 1.ª pessoa do pres. do indicativo.

Q

quebrantar. quebrar (em sentido material), despedaçar: XIV, 6 (quebramtar-sse-ha); quebrar (em sentido moral), interromper: XXXVIII, 16 (quebrantauan as tregoas).

quedar. ficar: XV, 16 (os homẽes quedam em vergomça).

queente. quente: X, 9.—Os *ee* são etymologicos: por *caente* < lat. c a (l) e n t e-.

queentura. quentura: VII, 7-8.—Os *ee* são etymologicos; vid. *queente.*

querelar-se. queixar-se: LXI, 19.

R

(Vid. com *r-* as palavras que no texto começarem com *rr-*)

rãa, rã: III, 3 (rrãa)—Os *aa* são etymologicos: lat. r a n a-.

rabaz, adj., que arrebata: LXI, 72, na expressão «lobos rrabazes». Analogas expressões se encontram em Sá de Miranda, *Obras,*

---

[1] Marcação bibliothecal: $\frac{\text{ant. 73}}{\text{mod. 182}}$.

[2] A cantiga contém um êrro geographico, pois *Crasto* (que ahi soa *Acrasto*) não fica em Trás-os-Montes; ella porém é mera adaptação local de outra que começa:

O Villa Real alegre,
Provincia de Trás-os-Montes.

O povo attendeu só á rima, e não ao sentido.

ed. de D. Carolina Michaëlis, *lobo roaz, lobo rapaz, lobo robaz:* vid. p. 930. O adjectivo é pois especialmente applicado a *lobo.*

racionavil. racionavel: xx, 16 (rracionauyl).

razoar. discorrer, conversar: xxxii, 6 (rrazoar). Cfr. *Archivo Hist. Port.*, i, 418, num texto do sec. xv, no sentido de «apresentar razões», «discorrer», «allegar».

razom. razão: viii, 4; xxiv, 4 (rrazom).

regelado. gêlo: x, 3 (rregelado).—Participio de *regelar,* tornado substantivo concreto; cfr. na lingoa commum *gelado,* certo doce muito frio. Este vocabulo creio que é agora archivado a primeira vez.

reignar (rreignar) — reinar. O *g* é meramente orthographico: lat. r e g n a r e.

reinha. rainha: xxiii, 9 (rreynhas).

rem. cousa: xxxiv, 25 (rrem), na phrase estereotypada «por nhenhũa rrem do mundo». Na poesia dos nossos trovadores é muito frequente *nulha ren*, por ex. no *Cancion. da Ajuda,* vol. i, pp. 119, 141, 147, etc., por imitação, supponho eu, do provençal *nulla ren* (*nulha, nuilla,* etc.[1]).

repender-se. arrepender-se: i, 14 (sse reepemdem), xlvii, 15 (rrepemdermo-nos).—Alterna com *arrepeender* (com dois *ee*).

rezom. razão: lxi, 63 (rrezom).—Alterna na mesma fabula em *rrazom:* 66 (bis).

riba. Vid. *arriba.*

ribaldo. mau, velhaco: ix, 14 (rribalda).

riir. rir: xlv, 17, 18 (rrijr). No texto saiu, por erro typographico, *ryr* em vez de *rijr.* Os *ii* são etymologicos: lat. r i d e r e (com mudança de conjugação; propriamente *r i d i r e).

rogar. Empregado transitivamente: «este roussinoll ho rrogaua .. que», xxxi, 4; «andaua rrogando paremte[s e a]mygos» —

---

[1] Tambem no *Canc. de D. Denis,* ed. de Lang: *nulha cousa,* v. 153; *nulha sazom,* v. 568; *nulha rem,* v. 1042; *nulha rem* «nada», vv. 677, 1178, etc.; *per nulha rem,* vv. 683, 689. Cfr. expressões analogas em provençal (Bartsch & Koschwitz, *Chrestomat.*, Marburgo 1904): *si m'escomet de nulla ren,* col. 272–1; *per nuilla ren,* col. 75–18; *no· i pot nulla ren parlar,* col. 273–21; *qu'en nulla sasom non pejura,* col. 271–18. Assim como hoje na nossa lingoa literaria ha muitos francesismos, tambem na dos trovadores havia certos provençalismos. Digo que *nulha rem* (ou *ren*) será um d'elles, por isso que o lat. n u l l a não podia dar *nulha* em port. (a geminação -ll- deu -*l*-); discordo pois de J. Cornu, *Gram. der port. Spr.*, 2.ª ed., § 129. Sobre o *lh* prov., cfr. *Romania,* xxxiv, 334.

andava implorando, LXI, 16.—Na ling. pop. mod. usa-se *rogar*, transitivamente, no sentido de «convidar homens para o trabalho agrario»; d'ahi se fez o substantivo concreto *roga* «conjunto de gente que vai rogada para a vindima» (Douro).

rostro. rosto: XXIII, 8 (rrostro).

roussinol. rouxinol: XXXI, 2 (rroussinoll).

rovelver. revolver: XX, 3 (rroueluer).—Esta fórma, se não ha êrro, está em vez de **rovolver* (dissimilação vocalica); e **rovolver* resultaria de *revolver* por influencia da labial *v* no *e* surdo.

S

(Vid. com *s-* as palavras que no texto estiverem com *ss-*)

sabedor. sabio: prol., 6 (ssabedor); VII, 3 (id.). Empregado ora como substantivo, ora como adjectivo, e muito usado nos seculos XIV e XV: por ex. *Anciens textes port.*, de Cornu, pp. 28 e 29; no cod. illuminado n.º 47 da Bibliotheca Nacional, fl. 31; no *Leal Conselheiro*, p. 411; na *Hist. do imperador Vespasiano*, 2.ª ed., p. 62, etc.

sabor. gôsto, prazer: XXXII, 2 (ssabor), na phrase: «o comia a sseu gram ssabor».—Ainda hoje *a sabor* se emprega em alguns casos: «ao sabor do vento», «ao sabor da fantasia», etc.

saborido. saboroso, em sentido physico: prol., 18 (ssaborido); XXXII, 10 (id.).

saborosamente: XXI, 5, na phrase *muy ssaborosamente*, i. é, com muito contentamento, muito contente.

Salamam. Salomão: XXXIV, 43 (Ssalamam).

sapiencia. sabedoria: I, 15.—Latinismo (de origem ecclesiastica) tambem usado noutras lingoas romanicas.

scapar. escapar: XXIII, 32.—Alterna com *escapar*.

scarnecer. escarnecer: XIX, 8 (scarneçiam); XXI, 8 (id.).

scudeiro. escudeiro: XLV, 5 (scudeyro).—Alterna com *esc-*: 13, 17.

seer: 1) ser: VI, 9 (sser); 2) estar: LXI, 52 (ssee); 3) sentar-se: LXI, 42 (sseer). Este verbo, no sentido de «sentar-se», alterna mesmo com *asseemtar*: «o caualeyro .. *possesse* a *sseer*, e o uaqueyro outrossy sse assemtou», LXI, 42.

segurar-se. ficar seguro, sossegar, tranquillizar-se; LIV, 4 (sseguraram-sse). Cfr. *seguro*.

seguro. tranquillo: LV, 15 (sseguro).—Cfr. em hesp. ant. *seguro* «tranquillo» em Berceo: vid. Lanchetas, *Gram. y vocab.*, s. v.

sembrante. semblante: XL, 3 (ssenbramte).

semelhar, parecer: V, 7 (ssemelhaua). Alterna na mesma fabula com *pareçer*.

semelhavil, semelhante: II, 15 (ssemelhauil).

sempre e nunca, nunca (emphaticamente), em tempo algum: XII, 35. Cfr., quanto á fórma, o hesp. *siempre jamas*, «siempre com sentido esforzado» (*Dicc.* de la Acad.).

senhor: XXXIV, 14. Nas instituições medievaes *senhor* era o individuo que tinha, por concessão do soberano, a jurisdição de uma *terra*.

senom. senão: XXXIV, 8 (ssenom).

seo, seio: X, 6 (sseo).

sermom. discurso: XXIII, 14 (ssermom). Cfr. *fazer longuo sermom* em Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo* (sec. XVI), ed. de Epiphanio Dias, Lisboa 1905, pp. 78, 82, 96, etc.

siguir. seguir: XXXIV, 41 (ssiguyr). Cfr., quanto ao primeiro *i*, *pidir*.

silva, selva, bosque: XXVII, 11 (ssilua).—Ainda no onomastico temos *Silva Escura*, etc.

similidom. proporção, conformidade, semelhança: XV, 6 (a phrase é: «sse tu ouuesses assy fremosa voz com tu has as ssimilidõoes do teu corpo», i. é, se tivesses voz conforme ao teu corpo); XX, 14.

so. sob: III, 13; XLVI, 1.—Alterna com *sob* em LXII, 18.

soberboso. soberbo: II, 22 (ssoberboso).

sodairo. sudario, pano de enxugar o suor: LXI, 39 (ssodairo).

soer, costumar: XXXV, 7 (ssoya).

solamente. sómente: XX, 12 (ssolamente); XXV, 15 (id.); XXXIV, 50 (id.).—Tambem se lê *solamente* no *Leal Conselheiro* (por ex. a p. 25, a par porém de *soomente*, por ex. a p. 53), e noutros textos.

soombra. sombra: V, 3, 4 (ssoombra). Os *oo* são etymologicos: cfr. *Estudos de Philol. Mir.*, II, 217.

sospeiçom, suspeição: LV, 17 (ssospeyçom).

sosteer, soffrer, aguentar: XLI, 4 (ssosteemos).

soterrar, enterrar: XXXIV, 4 (ssoterrado).

sperança, esperança: XX, 11 (speramça).

suso, acima, supra: *suso dicto*, XXXII, 20; XXXIII, 12; XXXIV, 40. Tambem no *Leal Conselheiro* se lê *suso dictas*, p. 89, etc., a par de *suso scriptas*, p. 14.

T

tal, na expressão «*por tall que* nom ladre» = para que não ladre: LII, 4.

talante. Vid. *talente*.

talente, vontade: L, 2 (talemte); LXIII, 3 (id.).—Alterna com *talante* em XII, 14 (talamte); XXIII, 10; XXVII, 11 (talamte). Noutros textos portugueses antigos oscillam tambem *talente* e *talante:* vid. as observações de Roquete no *Leal Conselheiro*, p. 267, nota 1. Em hespanhol antigo dá-se o mesmo: «desit me vuestro *talante*», Arcip. de Hita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, est. 664–c, «sabre vuestro *talente*», id., est. 676–c. Hoje usa-se ainda em português *talante* em algumas expressões estereotypadas («a seu talante»), mas não *talente*.

talhar, cortar: VIII, 15, «talhar o collo» = degollar.—Na lingoa moderna usa-se ainda *talhar* nesse sentido, mas só em certos casos: talhar um fato, talhar o bicho (em ling. pop.), etc.

taxo, teixo, no sentido de fruto do teixo: XXXV, 18 «hũu fruyto que ha nome *taxo*». Tambem nos fabularios latinos da idade-media se encontra *taxum* neste sentido[1].—Para os antigos, a arvore chamada em latim *taxus*, era de caracter infernal, por ter fruto venenoso. O nosso Fr. Isidoro de Barreira insiste no caracter peçonhento do teixo, e cita as auctoridades da antiguidade romana que o abonam, Ovidio, Plinio, etc.[2].—No Fabulario *taxo* é mero latinismo por *teixo*. Esta palavra hoje usa-se pouco; não foi assim porém outr'ora, pois no onomastico moderno resta ainda do passado *Teixedo, Teixeira, Teixello, Teixoso*.

teer, ter: 1) em sentido commum, XIV, 11; 2) na expressão «partio-sse das aues, e nom quis *teer* da hũa parte nem da outra», XXX, 7, i. é: ficar, ser partidario; cfr. fr. *tenir pour quelqu'un* «ne point abandonner son parti»[3].

---

[1] Vid. Fabulas do *Anonymus Neveleti* (= Walter Anglicus) no *Lyoner Yzopet*, ed. de W. Förster, Heilbronn 1882, p. 126, fab. XLIX, v. 13; «vitat auis *taxum*». Alguns mss. tem *toxum* e *tantum* (vid. *loc. cit.*, nota; e Hervieux, *Les Fabulistes latins*, I, 2.ª ed., 342).

[2] *Tratado da significação das plantas*, Lisboa 1698, pp. 329–330 (a 1ª. ed. é de 1622).

[3] *Dict. génér. de la lang. fr.*, t. II, p. 2136, col. 2, in fine.

terra: 1) synonymo de «alcaidaria», territorio que está sob a alçada do *alcaide* (vid. esta palavra), XXXIV, 36; 2) synonymo de «reino», XLV, 7, pois alterna com esta palavra, *ib.*, 4.

tiçom, tição: XIII, 10.

tirar, puxar, III, 13; XLV, 8-9 («*tirou fora* de ssua espada»).— Cfr. o fr. *tirer*.

tocar, na expressão «leixa-me *tocar teu pulso*», XXVIII, 8; hoje diriamos «tomar-te o pulso». Cfr. lat. *tangere venam, venarum pulsum attingere*.

todalas, todas as: XVI, 9. Alterna com *todas as*.—Propriamente *todalas* está por *toda'las* = *todas las, com assimilação do *s* ao *l* do artigo arcaico e absorpção consecutiva.

todo, tudo: XVI, 16.

tolher, impedir, vedar: VI, 13.

trabalhar de, esforçar-se por: XVII, 15, 16; XIX, 21.

tras (em), atrás de: XLIV («os cãaes corriam em tras ell»). Esta expressão não foi ainda, como creio, archivada nos nossos lexicos.

[**travessado,** atravessado: VIII, 12 (trauessado). Alterna com *atrauessar* na mesma fabula, l. 3. Vid. o que se disse s. v. «*atravessar*»].

trautado, tractado: XXI, 8.

trebelhar, brincar saltando: XVII, 4, 7, 8; XVIII, 15. Vid. *trebelho*.

trebelho, brinco: XVIII, 16.—Têmos em português dois vocabulos nesta fórma, os quaes não devem confundir-se: 1) *trebelho*, substantivo abstracto e verbal derivado de *trebelhar*,—é o que se emprega no Fabulario; 2) *trebelho*, substantivo concreto,—no sentido de peça do jogo do xadrez, etc. De modo que *trebelhar* vem do subst. concreto *trebelho;* e o subst. abstracto *trebelho*, vem, como digo, de *trebelhar*. O Caturra, no *Novo Dicc. da ling. port.*, confundiu em um só estes dois vocabulos, originariamente distinctos.—Aos textos citados por Viterbo e Moraes, em que se lê *trebelho* nos dois sentidos, junte-se mais: *Vida de Maria Egipcia*, sec. XIV, publicada por Cornu[1], p. 16; *Demanda do Santo Graall*, ed. de Reinhardstoettner[2], p. 14 (*trebelho, trabelho*, e certamente por êrro *trabalho*).

---

[1] *Anciens textes portugais*, Paris 1882, extr. da *Romania*, vol. IX.

[2] Vienna de Austria 1887.

treedor, traidor: XVI, 5; XXX, 21.—A fórma *treedor* presuppõe outras anteriores: **traedor,* **traìdor,* esta ultima com o dissyllabo *aì* (não ditongo), por assentar directamente no verbo *traír,* de que foi considerada substantivo verbal (agente). A moderna fórma *tràidor* (duas syllabas) assenta em t r a d i t o r e-.

trelladado, trasladado (partic. de *trelladar*): prol., 5.

tremeter de, cuidar de, occupar de: XXI, 14.

treiçom, traição: XXX, 13 (treyçom).

tribulaçom, tribulação: XLIII, 12; LVII, 14–15.

tribulado, attribulado, dorido: XXVII, 3.

triigo, trigo: XII, 5 (trijguo, 23 (id.); XXIII, 5 (id.), 17 (trijgo), 23 (trijguo).—A fórma *triigo* encontra-se noutro texto ant., citado por Cortesão, *Subsidios para um Dicc.,* s. v. Se *ii* tem valor phonetico, poderá admittir-se que a evolução da palavra foi: t r ī t ĭ c u- > *tridigo*[1] > **triidgo* > *triigo.*

U

(*U* consoante: vid. *v*-)

u, onde: IV, 12 (hu); XIII, 3 (id.), em que alterna com *onde* (omde) na l. 4.—Provavelmente *u* era já arcaismo, pois é raro nestas fabulas.

ũa, uma: passim.

ũu, um: passim.—Os *uu* são etymologicos: lat. u n u-.

usar: 1) teimar, porfiar, permanecer, ser useiro e vezeiro, XXIV, 11; 2) *usar com,* ter uso com, ter trato com, XXXV, 4, 7 (cfr. hesp. arc. *usar con*).

V

vãa, vã: na expressão *uãa gloria,* XXXIII, 3; e *uãas glorias,* XXIX, 29. O segundo exemplo mostra que estas expressões valem por duas palavras, e não por uma, como hoje.

vaxelo, certa vasilha: XIX, 4. Era prato ou outra semelhante, pois o texto diz: *hũu vaxelo muy larguo.* Esta palavra creio que não está ainda archivada nos nossos lexicos.—Do lat. v a s c e l l u m, deminutivo de *vas* «vaso». A mesma palavra existe noutras lingoas romanicas com sentido variado: fr. *vaisseau,* ital. *vascello.*

---

[1] Representado pelo hesp. ant.: vid. Pidal, *Gram. Hist.,* 2.ª ed., § 96–1.

veer, ver: IV, 12; XVI, 3.—Os *ee* são etymologicos: lat. videre > *ve(d)er(e).

vergonça: 1) vergonha, XV, 16 (vergomça); XVII, 17 (id.); 2) = *pudenda:* XLII, 3.—Do lat. verecŭndia, i. é *ver'gondia, onde -dia, por estar depois de consoante, deu normalmente *-ça,* como em *verça* < vir'dia (de vir'dis); cfr. hesp. *verguenza.*

vérmẽes, vermes: XLIII, 14. Presuppõe o sing. *vérmẽ,* que Viterbo, *Elucid.,* cita como do sec. XIV.—O etymo está no lat. vulg. *vermine-, deduzido de verminosus; cfr. hesp. arc. *bierven,* ital. *vérmine.*

vertude, virtude, no sentido de «capacidade», «valor», como o *virtus* latino: XXX, 10.—A fórma *vertude* é corrente no sec. XV: em D. Duarte e Azurara; no cod. illuminado n.º 94 da Biblioteca Nacional, tambem do mesmo sec., fl. 90-r, lê-se igualmente *vertude;* e ella existe ainda hoje na lingoagem do Alemtejo: Vid. *Rev. Lusit.,* II, 24.

vesso, verso, no sentido de «sentença»: XL, 25.—A mesma palavra, no sentido porém de «verso» ou «versiculo», se encontra nos *Ined. de Alcobaça,* III, 12, em um texto já citado por Cortesão, *Subsidios,* s. v. Esta é a legitima fórma portuguesa,—do lat. versu-, com *ss* por RS, como em *avêsso* < adversu-; talvez mesmo *vesso* se pronuciasse *vésso.* A fórma *vérso* é mero latinismo.—No sentido de «sentença» ou «adagio» temos em Gil Vicente, III, 371, *verso.* Cfr. tambem hesp. arc. *viesso*[1].

vezinho, vizinho, VII, 2.—É a fórma legitima portuguesa, do lat. vulg. *vecinu-, e toda a gente, que não falla com affectação, assim pronuncía hoje, embora, por influencia do lat. classico *vicinus,* se escreva *vizinho.*

vianda, comida: XIX, 3.—Gallicismo já antigo.

viir, vir: XXIX, 32; XL, 14; XLIV, 14.—Os dois *ii* são etymologicos: lat. venire.

vilania, palavra propria de vilão, injuria: «conpeçou a dizer muyta *vilania*», XXIX, 7; «e disse muyta vilania», LXI, 56.—Neste sentido não vem nos lexicos.

villão, camponês, rustico (por opposição a *fidalgo*): X, 3 (villãao; LIV, 2 (vilãaos).—Cfr. hesp. *villano.* Ainda hoje na ilha da Madeira *villão* corresponde a aldeão, çaloio, etc.: Cupertino de Faria, *O Archipel. da Madeira,* Setubal 1901, p. 152.

---

[1] Vid. D. Carolina Michaëlis, in *Festschrift Adolf Tobler,* 1905 p. 21 e nota 3.

vistir, vestir: XXI, 4.

võotade, vontade: XXII, 4.—Os *oo* são etymologicos: lat. vo-(l)untate-.

vurmo: XXVII, 8, na expressão «o pastor .. tirou-lhe a espinha e muyto *uurmo* que já trazia», á qual corresponde no P.e Manoel Bernardes, *Nova Floresta,* II (1708), 159–160, quando se occupa da mesma fabula: «tirey-lhe o abrolho, espremi-lhe *o sangue pòdre e materias* que já tinha criado»,—d'onde se vê qual é a definição de *vurmo*. Ainda hoje dizemos *esvurmar*.—Fórma antiga, parallela a *vurmo,* é *brumo*. G. Baist, na *Zs. für Rom. Philol.,* XXVIII, 111, diz, sem probabilidade nenhuma, que tanto *vurmo* como *brumo* podem ter vindo do francês *gourme*.

ERRATAS DO VOCABULARIO

S. v. *afaago:* cfr. na lingoa moderna *fàgueiro,* onde *à* (por ser atono, mas aberto) testemunha a antiga duplicidade do *a;* está por *faagueiro*.
S. v. algo: cfr. *muito algo* nos *Anciens Textes* de Cornu, p. 1.
Emende-se alguu em algũu.
O vocabulo armuzello talvez signifique no nosso texto «anzol».
No artigo correspondente a gançar, l. 1, emende-se *guançoso* em *guanço-o*.
S. v. mi: emende-se na l. 2 *tenha sido* em *fosse*.

CONSIDERAÇÕES GLOTTOLOGICAS

I

GRAMMATICA

No Vocabulario precedente archivei todas as palavras antigas que se encontram no nosso texto. Agora convem que eu especifique os caracteres archaicos que a phonetica, a morphologia e a syntaxe do mesmo texto apresentam; na secção consagrada á phonetica farei algumas considerações a respeito da orthographia. Depois do estudo da grammatica direi duas palavras acêrca do estylo das fabulas. Por fim procurarei determinar a epoca da lingoagem.— Para as etymologias das palavras citadas vid. o *Vocabulario.*

A) PHONETICA

1. As vogaes atonas apresentam algumas oscillações: *i* alterna com *e; u* alterna com *o,*—o que succede, quer quando as vogaes são iniciaes, por ex. *emiigo—imiigo, ermida—irmida* (*hirmida*), *enjuria—injuria,* quer quando, sem serem iniciaes de palavras, estão comtudo em syllaba inicial, por ex. *fogir—fugir, podia—pudia—pudera, bugio—bogio.* Ora se mantem *o* e *e* em circunstancias em que hoje ha *u* e *i,* ora succede o inverso: *arroido, molher, custume, sobio, firir, legar, mester, milhor, mintir, missigeiro, misurado, mizquinho, vertude, vistir, obidiente, destroir.* Phenomenos avulsos: *enxemplo* (*e* nasal inicial), *piadoso* (hoje *piedoso*).

A terminação latina -VNT nos verbos deu *-om,* por ex. *comérom, disserom, tomárom,* mas *ouvéram,* preter., LVII, 5, e *víram,* LVII, 11, se não ha erro de *a* por *o;* -ANT deu *-am,* por ex. *estávam,* excepto *engánom,* XV, 15; -ENT deu *-em,* por ex. *procédem.* Provavelmente as terminações verbaes atonas *-am* e *-em* soavam ainda *-ã* e *-ẽ,* e não *-ão* e *-ẽi* (-ãi), como hoje.

Nos verbos as terminações *-eo, -io* absorvem a enclitica *o* (*os*): *comeo* = comeo-o, II, 21, e III, 16; *vios* = vio-os, III, 14; *ferio* = ferio-o, XII, 17; *recebeo* = recebeo-o, XXXIV, 31. Este uso é corrente noutros textos antigos (portugueses e gallegos).

2. A vadunt corresponde *vaam,* LIX, 12; a stant corresponde *estam,* prol. 13. Temos *-om* no futuro: *acusaróm,* XLV, 12.

3. Mantem-se os digraphos tonicos *-ea* e *-eo* (hoje *-eia,* e *-eio*): por ex. *aldea, alheo, cheo, feo, freo, meo, seo.* Atonos: *leom* (a par de *liom*), *meolo.* Temos tambem *peor* < lat. peiore-, a par de *peiorar* < lat. peiorare.

4. Mantem-se o ditongo *ui* (hoje reduzido a *u*) em *cuitelada, escuitar, fruito;* e o ditongo *au* (hoje reduzido a *a*) em *trautado.*

5. Quando da syncope de certas consoantes entre vogaes iguaes resultaram ditongos ou digraphos que na lingoa moderna estão reduzidos a vogaes simples, oraes ou nasaes, o texto mantem os ditongos ou os digraphos:

-L-	-N-	-D-	-V-
aa	*algũu*	*cobiiça*	*pãao*
afaago	*arrepeender*	*creer*	
braadar	*bõo*	*empeecer*	
coobra	*gaado*	*fiees*	
cruévees	*homẽes*	*meezinha*	
diaboo	*infiindo*	*pee*	
doo	*jajũu*	*seer*	
estávees	*lãa*	*treedor*	
fiees	*manhãa*	*veer*	
maa	*peendença*		
notávees	*rãa*		
paancada	*sosteer*		
poboo	*teer*		
poo	*ũu*		
poomba	*vãa*		
queente	*vérmẽes*		
voontade	*vĩir*		

É de notar que, a par de *braadar,* se encontra *bradava,* XVI, 8; a par de *coobra* se encontra *cobra,* LIX, 9 (em fim de linha, porém); a par de *seer* se encontra *ser,* XXVIII, 20, e *serás,* XXVIII, 9; tambem se encontra *fe,* XXIX, 29, e *rria,* XLV, 19, a par de *riir,* duas vezes, *ib.,* 17 e 18. Primitivamente as duas vogaes resultantes da syncope pronunciavam-se distinctas uma da outra, como se prova dos versos dos Cancioneiros; com o andar do tempo as duas vogaes fundiram-se em uma só, mas continuou a escrever-se *maa, poo, seer.* O encontrar-se no nosso texto *ser* a par de *seer,* e por outro lado o encontrar-se ahi *vaas,* XLIII, 6, *ataa, oo* a par de *ho,* e *antiiguo,*

onde a duplicação das vogaes não é etymologica, faz crer que a oscillação da pronuncia se dava já no tempo em que se escreveu o nosso texto, ou pelo menos no da execução do manuscrito; todavia podia o copista ter-se ás vezes enganado[1]. — Em *moor* temos tambem *o* duplo.—A par de *bõo* o texto apresenta *boo:* vid. o *Vocabulario.*

6. Da syncope de -N- em -ONE- e -ANE-, e de -D- e -N- em -ÚDINE-, resultou respectivamente *-om, -am, -õe* (e *-om*), sons que hoje estão reduzidos a *-ão:*

-ONE-		-ANE-	-VDINE-
cabrom	*razom*	*cam*	*mansidõe*
cajom	*sermom*	*gaviam*	*multidom*
condiçom	*suspeiçom*	*pam*	*simildom*
confissom	*tiçom*		
ladrom	*treiçom*		
leom	*tribulaçom*		

Em *galardom,* de origem germanica, e em *afam,* de origem desconhecida, temos respectivamente tambem *-om* e *-am.* — Do pl. -ONES, -ANES e -ÚDINES veio respectivamente *-õoes, -ãaes, -õoes,* por ex. *ladrõoes, cãaes, simildõoes.* — A par de *cabrom* temos *cabram,* LX, 2, 3, 5 (tres vezes; a repetição mostra que não é erro de escrita); a par de *leom* (*liom*) temos *leam,* XXII, 10, mas o mais usado é *leom;* a par de *ladrom* temos *ladram,* LXI, 9; a par de um exemplo duvidoso de *capom,* temos cinco vezes *capam,* LXII, 2, 3, 5, 7, repetição que mostra não haver êrro de *am* por *om.* — O lat. -ANV está representado igualmente por *-ãao,* como em *irmãao,* XXVIII, 7, *grãao,* XXIII, 20, *vilãao,* XI, 7, *mãao,* XVII, 3, *sãao,* XXVII, 10, palavras cuja terminação corresponde á lat. -ANV-; cfr. ainda *louçãao,* XXIX, 3, < > hesp. *lozano,* a que alguns attribuem origem germanica (got. l a u s), mas que poderia vir do lat. *l a u t i a n u-, derivado de l a u t u s.

[1] Possuimos provas de que oscillação de *ee* para *e* existia já no tempo de D. Denis, pois este rei-trovador, se contava, por exemplo, *sóo* como dissyllabo, contava *bem* (de *bẽe* < b e n e) como monosyllabo: vid. *Liederbuch,* ed. de Lang, n.º 36, etc. — Claro está que, assim como hoje umas pessoas dizem *pouco,* outras *pôco,* ou uma mesma pessoa diz, conforme as circunstancias, ora *bõa,* ora *boa,* ora *noite,* ora *noute,* tambem na epoca em que começou a simplificação dos digraphos ou ditongos havia de haver variações de pronúncia.

7. De non veio *nom,* hoje *não;* de sunt veio *som,* hoje *são.*

8. Na classe das consoantes labiaes temos: -B- > *v* em *avondar* < abundare; *proveza* a par de *probeza;* temos *b* por v em *bibera* < vipera e *proberbio* < proverbium; temos -BILE- > *-vil* em *estavil,* a par de *débille,* XXXVII, 13 (latinismo); temos *poborada.*

9. O s- (*s impuro*) está representado, ora por *s-*, ora por *es-*: *sperança — esperança, scudeiro — escudeiro.* Cfr. *escapar — scapar,* onde *es-* (*s-*) provém de ex-; *escarnecer,* a par de *scarnho,* de origem germanica. — Depois de semivogal está *s* reduzido a *j* em *cajom* < (oc)casione-. — Havia constante differença entre *s–ç* e *ſ–z.* Em *mizquinho* o *z* tem origem arabica; cfr. hesp. *mezquino.*

10. -QVO está representado por *-co* em *inico.*

11. Grupos de consoantes: BL- > *br* em *brasfemar;* FL- > *fr-* em *fror;* -M'L- > *br* em *sembrante.*

12. PHENOMENOS GERAES. Dá-se prothese de *a* em *abastar, abolver, abúter, achegar, alevantar, alimpar, arrefées, arroido.* Epenthese em *celestrial.* Metathese em *afremosentar, percatar* a par de *precatar* (confusão de *pre-* e *per-*), *probe,* e em *-airo* por *-ario: contrairo, sodairo.* Apocope em *árvor, el.* Apherese em *maginar.* Syncope em *simildões.* Assimilação em *assolver, aversidade, trelladado, vesso.* Dissimilação vocalica em *arteficioso, homecidio, malecioso, vezinho;* consonantica em *frol* por *fror.* Por influencia do *r* temos *çarrar,* e do *l* temos *elamento* (em ambos os vocabulos mudança de *e* em *a*).

ORTHOGRAPHIA

13. O que se vae dizer é natural complemento não só da phonetica, estudada a cima, mas do que se disse na introducção d'este trabalho.

14. As vogaes tonicas estão ás vezes duplicadas: *oo* (interjeição «ho», que porém alterna com *o,* II, 18, e com *ho,* XV, 5), *ataa, trijguo, prijguo, imijgo, antijguo.* Cfr. § 5. — Caso avulso é *obeedecer,* LVIII, 14.

15. Ditongos e digraphos:

A vogal tonica do ditongo nasal ou oral, cujo segundo elemento é *e* ou *o,* duplica-se geralmente: *capõoes, pinhõoes, simildõoes, cãaes, irmãao, mãao; quaaes, saae, maao, paao, dooe.*

A subjunctiva *i* dos ditongos está geralmente representada por *y: muytas, foy, vay, mays, dey.* Todavia tambem se encontra *i* e *j: pois, depojs.*

16. Uso de *j*, *y* e *i*:

É frequente *j* por *i*: ex. *ajmda, jroso, ljvro, jmçertas, jmverno, jmfijmdas, jrmida,* a par de *liuro*, etc. É frequente *y* por *i*: *guysa, ssy, cayr, ty, aguya,* a par de *guisa, aguia,* etc. Em *seia*, XI, 27, temos *i* por *j*; mas *seja*, XI, 29. Parece-me porém que o mais geral é *y* nas tonicas e *j* nas atonas; *i* por *j* é raro.

17. Uso de *g* e *gu*:

Ha alguns casos raros de *g* por *gu* antes de *e* e *i*: *legemos*, III, 8 (em fim de linha), *algem*, XI, 13 (tambem em fim de linha), XXIV, 14, *fugeyra*, XIII, 11 (com um pequeno traço sobre o *g*: representará o *u?*), *ágia*, XXX, 14 (em fim de linha). Estes exemplos são pouco comprovativos de que realmente o escriba queria com *g* representar *gu* (i. é., podem ser enganos ou recursos para poupar espaço); alem d'isso, em contraposição com elles mesmos, encontra-se *alguem*, XVIII, 14, *aguia*, XXX, 3. A respeito de *burgês*, vid. o *Vocabulario*.

Na fab. LXII, 14, lê-se *fugo* «fujo». Comparavel a esta fórma é *fugades*, que se lê no codice illuminado n.º 94 da Bibliotheca Nacional, sec. XV ou anterior, fl. 89, e *fugan*, que se lê na *Cronica Troiana*, sec. XIV, Vocab., II, 331. Comquanto não fosse impossivel que no lat. vulg. da Lusitania houvesse *fugo e *fugam, talvez porém em todas estas palavras *g* valha *j*.—Cfr. tambem *corriga* no *Leal Conselheiro*, p. 139, e *elegam*, que Roquete cita na nota àquelle passo.—No citado cod. illuminado ha tambem *mangar* = manjar.—Comquanto no nosso ms. fosse mais natural estar *fuguo*, se o *g* tivesse o seu valor de guttural, todavia nem sempre o escriba representou o *g* por *guo*, por ex. *trijgo* (a par de *trijguo*).

Exemplos de *gu* por *g*: *amiguos, antiguo, augua, cáguado, diguo, enguordar, foguo, greguo, guaado, guaallo, guarguanta, luguar, meygua, traguo, trijguo, vimguamça,*—a par porém de *auga, engomar* (quasi em fim de linha), *trago, gaado, galardom, guarganta, trijgo.*—Em *linguoa* o *o* mostra que depois do som guttural se fazia, como hoje, ouvir uma vogal labial.—A razão de se empregar *gu* está em querer frisar-se perfeitamente que *g* não tinha o valor de *j* que muitas vezes se lhe dava, mesmo antes de vogaes que não fossem *e* e *i*.

18. Uso de *qu*:

Parallelamente a *gu* por *g*, temos *qu* por *c* em *açerqua*.

19. Uso de *u* e *v*:

Usa-se *u* por *v* entre vogaes, entre vogal oral e consoante liquida, e ás vezes depois de palavra proclitica: *aues, deuemos, leuou,*

ouuesse, crueuees, proueyto, aleuamta, mouer, rroueluer, durauyll, ssouella, caualo, aueo, louuado, auysados, viujam, auer, guouernasse, auemturança, caualeyro, leuantar, marauilha, uissem, numerosos preteritos em *-aua, nouo, liuro, liurar, seruiço, eruanço, eruas, seruo, aruor, coruo, çeruo, palaura, calua, ssalue, ssiluado, aboluer; o uelho, hũa uez, dez uezes, e uergonça, dá-uos, ell ueo, a uos a uyda, muyto uurmo, ho uaqueyro.*

Usa-se *v* no principio de palavra e depois de nasal: *vivia, veredes, virtuosamente, vãao, venhã, velhaco; voamdo, emveja, comvida.*

Todavia tambem ha excepções, sobretudo á primeira regra (*u* entre vogaes).

20. Uso de *h:*

Usa-se *h* antes de *u* em *hu, hũa, hũu, hultimo, hunhas, husar* (a par de *ussar*). Antes de *i* em *hi, higuarias, hirmida* (a par de *jrmida*). Alem d'isso em *ho* (a par de *o*), *haos* (a par de *aos*), *he, haar* (a par de *ar*), *hestoria* (a par de *estoria*), *houtro* (a par de *outro*), etc. Pelo contrario falta *h* em muitas palavras em que hoje se emprega: *oje, omildoso, aver.*

21. Consoantes iniciaes dobradas:

É frequente no principio haver *ss-;* tambem se encontra muitas vezes *ff-*, e ás vezes *ll-: ssua, ffoy, llãa.* Quanto a *rr-*, vide o que digo na Introducção.

22. Consoantes mediaes dobradas:

Entre vogaes, *l* e *ll* oscillam: *villãao, vilãao.* Notavel é entre vogaes o uso, por vezes, de *-ss-* por *-ſ-* (isto é *s* sonoro), tambem existente noutros textos: *pressença, quassy, pressentar, misseria, ussar.* Alem do uso normal de *ss,* como hoje, encontra-se: *comverssar* (a par de *persoas*), *emssynos* (a par de *emsinaua*), *consselho.* Ás avéssas, temos *s* por *ss* em *comese,* XIX, 7.

23. *L* final:

O *l* final de syllaba, ou *l* gutturalizado, é frequentemente representado por *ll*[1]*: ell, proll, cruelmente, mall, aquell, quall, vill, froll, peytorall, rroussinoll, sylluado.* Todavia tambem se encontra *vil* (em fim de linha, XI, 24), *qual* (em fim, V, 4; mas *qual* tambem noutras circunstancias), *ssiluado.*

24. Em certos casos em que ha crase de vogaes, o ms., como outros muitos textos, representa apenas o som resultante: *comeos* = comeo-os, *d'aguia* = da aguia. Cfr. § 1.

[1] Cfr. *Rev. Lusitana,* I, 64.

B) MORPHOLOGIA

Tratarei successivamente dos nomes, dos pronomes (com os artigos), dos verbos e das particulas.

a) Nomes.

25. O plural do substantivo *sol*, VII, 5, é *soles*, VII, 7, e não *soes*, como hoje. Fernão de Oliveira, na *Gram. da Linguagem Port.*, 2.ª ed.[1], p. 109, dá uma regra conforme com esse exemplo: «*sol* fará *soles*, e não *soys*, e *rol roles* e não *rois*, por differença das segundas pessoas d'estes verbos: *soyo, soes*, por *acostumar*, e *royo, roes* por *roer*». — Os nomes em *-am, -om, -em*, fazem respectivamente o pl. em *-ãaes, -õoes, -ẽes*: vid. §§ 6 e 15. — Sobre o pl. de *deus* (*deos*) vid. a annotação que faço á fab. XLVII, 2.

26. Como vimos no § 8, os adjectivos latinos em -bilis estão representados no singular por *-vil* e *-bille*. O seu plural é em *-vees* (§ 5): *estávees*, XX, 10, *cruévees*, XIII, 16 (vid. Vocabulario); mas *cruees*, XXXI, que presuppõe o sing. *cruel*.

27. O adj. *grande*, quando proclitico, apocopa-se frequentemente, tomando a fórma *gram*, o que succede tanto antes de substantivos masculinos, como de femininos, começados por consoante: *gram temor*, XI; 10, *gram vergonça*, XXXIV, 27; antes de vogal emprega-se *grande*, que póde tambem empregar-se antes de consoante, mas menos vezes que *gram*[2]: *grande arroido*, LVII, 2, *grande enveja*, LXI, 5, — *grande temor*, LVII, 3, *grande sanha*, L, 12; no pl. é *grandes*: *grandes golpes*, LXI, 34, *grandes vozes*, XXX, 6. — Na lingoa moderna perdeu-se o uso geral de *gram*, que ficou apenas estereotypado em certas expressões litterarias, como *grão-mestre*. Em hespanhol, porém, é ainda corrente, *gran sermón, gran yegua*.

b) Pronomes e artigos.

28. Como pronomes demonstrativos temos: *aqueste, aquesta* (a par de *este, esta*), *esto, medês, aquell*[3] (a par de *aquelle*), *aquello, ello*. Como pronomes pessoaes: *ell*, tanto em proclise, como em

---

[1] A 1.ª ed. é de 1536.

[2] De uma estatistica que fiz, que, comquanto não seja completa, é porém extensa, vê-se que *gram* se emprega 24 vezes antes de masculino, e 8 vezes antes de feminino, ao passo que *grande* se emprega 3 vezes antes de masculino e 2 antes de feminino.

[3] Os exs. que colhi de *aquell* são em proclise. — No pl. *aquelles*.

pausa[1] (a par de *elle*[2]), plural *elles;* em *com tigo* a preposição vem separada do pronome, XL, 14, 22 (cfr. no *Leal Conselheiro,* p. 116, *com mygo*); *lhe,* plural, II, 25; VII, 4; VIII, 21; XLVIII, 11 (a par de *lhes*[3]). Como pronomes indefinidos: *al .. al* (III, 20), *algo, algũu, algũa, cousa* (IV, 6), *todo* (neutro) «tudo».—A respeito de *homem* empregado como pronome, semelhante ao *on* fr., vid. Syntaxe, § 35-c e § 39-f.

29. Artigos: *ũu, ũa.* O artigo definido conserva o *l* quando ligado com certos pronomes ou particulas que terminam em *s* e *l: ambalas,* XXX, 3, *todalas,* XL, 34 (a par de *todas as,* XVI, 9), *pollo* (que alterna com *pelo*).

c) VERBOS.

30. Phenomenos communs:

A 2.ª pessoa do pl. do indic. e conj. terminam em *-des,* e a do imperat. em *-de:*

percades, XXXIV, 36	*ajudade,* XLI, 9
tomedes, XXXIV, 36	*dade,* XLI, 9
veedes, XLVIII, 4	*comede,* XIX, 15
veredes, prol., 11	*fazede,* XLVIII, 5
morredes, III, 12	

um exemplo avulso de syncope é *dees,* XLII, 7, na 2.ª pessoa pl. do pres. do conj.—A 3.ª pessoa pl. do pres. e imperf. do indic. e do pres. do conj., do condicional, do fut. do conj. e do pres. do infinit. termina respectivamente em *-am* e *-em,* terminações que de certo soavam *-ã* e *-ẽ* (cf. § 1):

I	II	III
curam	*devem*	*seguem*
levavam	*scarneciam*	*sobiam*
accusariam	*defendam*	*viessem*
desprecem	*escondessem*	—
filhassem	*tiverem*	—
enganarem	*escarnecerem*	—

sendo excepção notavel *enganom,* XV, 15, 3.ª pess. pres. indic. (se não ha erro de *o* por *a*).—A 3.ª pess. pl. do pret. indic. termina

[1] Por. ex.: XXXIV, 15 e 29; LXII 10.
[2] *Elle* acha-se tambem em proclise: V, 5.
[3] Por ex.: XXI, 11.

em *-om: compeçarom, comerom, cobrirom;* excepções notaveis (se não ha erro de copista) são: *ouveram,* LVII, 5 (mas *ouverom* nos outros casos, XLIX, 5, etc.) e *viram,* LVII, 11 (mas *virom,* L, 8). — Na 3.ª pess. pl. do fut. indic. temos *accusaróm,* XLV, 12[1], a par de *averám,* XXXIX, 14 (como o fut. é formado de *aver,* notarei que a 3.ª pess. pl. do pres. é constantemente *ham,* por ex. XXIII, 17).—Na ligação do pronome com o futuro, ora se intercala aquelle, como no português literario moderno, ora não, como na lingoagem popular: *faze-lo-hemos,* XLVII, 17, (em port. mod. *fa-lo-hemos*); *fará-o,* V, 9; *matar-t'á,* XLIV, 8. Futuro periphrastico: [*a*]*vemos seer:* XLVIII, 20.—O part. pret. é uma vez em *-udo: veençudo,* LXI, 50, a par de *vencido* e de outros muitos exs. em *-ido.*

31. Verbos avulsos:

AVER

ouveram (pret. perf.), LVII, 5
ave (imper.)[2], XVIII, 10

DAR

dey «deu»[3], XII, 4
dees, XLII, 7
dade, XLI, 9

ESTAR

esteverom, XLI, 15
estever, 1.ª pess., XXIX, 16
estemos (conj.)[4], LVII, 9

FAZER

fize a ty, VIII, 14
fezeste, II, 15; VIII, 14; XII, 22
feze-o[5], III, 10; XIV, 8; LXI, 60; XXX, 14
fezemos, XLIX, 9
fezerom, XLVI, 8; XVII, 12
fezera, XII, 7; LX, 7
fezesse, XIII, 12; XLVI, 4; XXV, 4
fezesses, LIII, 8
fezessem, XIX, 20; XXV, 5
fezermos, XLVII, 16
fará-o e *faze-lo-hemos:* § 30
fazede, XLVIII, 5

IR

vaas «vaes»[6], XLIII, 6

---

1 Tambem no *Leal Conselheiro,* p. 280: *poderóm.*

2 Lat. habe.

3 Lat. de(d)it. É fórma corrente no sec. XIV (*Demanda do santo graall*). Mas este é o unico exemplo do Fabulario; a par ha *deu.*

4 Lat. stemus.

5 Quando independente é *fez,* IV, 13. Cf. *pose-a.*

6 Cf. *Estudos de Philol. Mirandesa,* I, 443.

MORRER

mouras[1], XXIII, 33
mouram, XXXI, 16

morreredes, IV, 12

PARIR

páira[2], 1.ª pess., IX, 5

PVNGIR

punguo, XXII, 13

POER

sing. *pom*[3], XX, 1, etc.
pl. *poem*, prol., 9; XX, 11
pose-a, X, 7
pose-sse, LXI, 42, 45
pose o pé, XXVI, 2

REQVERER

requere, XXVI, 18

SABER

saibya[4], XLV, 37

SVBIR

sube (imper.), III, 8

SEER

1.ª pess. sing.: *soo*[5]: VI, 8; *som*: LVI, 10, 12; LXI, 53; XXVIII, 7; XXXVI, 6; XXXIX, 8; *soom*: XI, 4
see[6]: LXI, 52
som, 3.ª pess. pl.: II, 16; VIII, 21, XXIV, 11, XXXIII, 15

fuy «foi»[7]: XVI, 9
forom: III, 10

seerem: XII, 25

TEER

tem[8]: pr., 18; XX, 18
teemos: VII, 9
teendes: XLII, 4
teem[9]: pr., 17; III, 20; IX, 21

tiinha[10]: IX, 3

terremos[11] (fut.): VII, 10

—

sosteemos (=sos-teemos): XLI, 3

---

[1] Lat. *morias, por *moriaris*.
[2] Lat. pariam.
[3] Lat. *ponet, por *ponit;* cf. gall. e mir. *põ*.
[4] Parece resultar de *saiba* + *sábia* (lat. sapia-).
[5] Talvez seja erro por *sôo*.
[6] Lat. sedet. A fabula diz *ssee asseentado* «está sentado». Ha certo pleonasmo, pois sedere já de si quer dizer «estar sentado».
[7] É fórma corrente no sec. XIII (Cancioneiros). Mas é o unico ex. do Fabubario: o usual é *foy*.
[8] Lat. tene(t). Cfr. *pom*. O *-e* apocopou-se por estar desprotegido.
[9] Lat. tenen(t). O segundo *e* conservou-se por estar protegido pelo *-n(t)*.
[10] Lat. vulg. *tenia > *tĩĩa. Cfr. *viinham*.
[11] Por *tenremos* (*teneremos). É fórma corrente no sec. XV e anteriores. Cfr. *verrá*.

VALER	VĨIR
val: LX, 13	*veo*[1]*:* III, 2; IV, 14
	veerom: XVII, 11
	viinham[2]*:* XXXVIII, 4
	verrá[3]*:* XLIV, 7
	—
	aveo (= a-veo): XXXIV, 4
	entreveo (= entre-veo): XXXVIII, 21

d) PARTICULAS.

32. Nas preposições e locuções prepositivas temos: *per; por* no sentido de «para» (I, 2; V, 12; XIX, 6, etc.; cfr. *Leal Conselheiro,* p. 180); *pera; contra; antre; em pos; acerca; perante; arriba de; per diante* «perante»; *d'avante; em tras* (XLIV, 2); *ante* «deante de» (XLV, 16.)

33. Nas conjuncções e locuções conjunccionaes: *mais* (VIII, 21) a par de *mas* (XXIII, 19); *pero; mentres que; ataa que; em pero; como* «quando»; *entrementes que; em mentres que; depois que.*

34. Nos adverbios e locuções adverbiaes: *atanto; ende; suso; er; acerca; sollamente; cras; hi; hu* (a par de *onde*); *sempre e nunca; entom; assi; ora* «agora»; *acó; da parte de fundo; da primeira* (XLIX, 10); *ja nunca* (XXXIV, 26; LIX, 8); *d'atanto; tanto* «tão» (X, 2; XLV, 36); *senom; ante* «anteriormente» (LI, 10). Adjectivos empregados adverbialmente: *certo; forte* (II, 9). Em *cortês mente* (XXXIX, 2) temos o suffixo ainda separado, como se conservasse o seu primitivo valor de substantivo; pelo contrario está junto ao adjectivo em *cortesãmente* (XII, 5, onde por êrro saiu *cortesamente*[4]).

C) SYNTAXE

35. Orações impessoaes expressas de varias maneiras:

a) Com o verbo no plural, por ex.: «nom lhe *podem* contradizer», VI, 19; «*scarneciam* d'ella», XIX, 8; outros exs. XXXIV, 15, e LX, 8.—Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.,* § 112-b.

---

[1] Preterito (forte) em *-o,* de *venu- < > veni(t).
[2] Cfr. *tiinha.*
[3] Por *venrá* (**venirá*). Cfr. *terremos.*
[4] Foi o Sr. Epiphanio Dias quem me advertiu d'este êrro.

b) Com *diz*, em narrações, por ex.: «*e* no Avangelho *diz*», XLV, 37; «*diz* que foy hũa vez hũu leom», XLVI, 1; «no exemplo *diz*», VIII, 22.—Nos *Anciens textes portugais* de J. Cornu, Paris 1882, encontram-se varios exemplos analogos, do sec. XIV: «asy como *cõta* de hũu homẽ», p. 27; «de aquell velho de que *falla* na léénda de Sancto Andre», p. 30; «hu *conta* que lhe veo gram tẽptaçõ carnal», p. 32. O *Conto de Amaro* publicado por Otto Klob na *Romania*, XXX, 504 sqq., começa assim: «*conta* que em huũa provĵcia auya huũ hõem bóó que auya nome Amaro» (p. 507). Ainda hoje no povo é frequente começar-se uma narrativa impessoalmente por *diz*.

c) Com *homem*, que serve de pronome, como o fr. *on*, e o prov. *om* (*hom*), por ex.: «e *homem* que está em prosperidade em este mundo nom deue escarneçer do minguado», XXIX, 30; «o mal que *homem* faz», XLV, 33. Na origem *homem* tinha o seu valor de substantivo e era o sujeito logico e grammatical, o que se vê ainda nestas phrases: «por nhũa gram tribulaçom que *o homem* aja», LVII, 13; «poucas vezes póde *o homem* empeeçer na razom», LXI, 66, onde até vem precedido do artigo; e no plural «*os homẽes* nom deuem a fazer a outrem o que elles nom queriam que a elles fezessem», XIX, 20–21 (a ultima oração é impessoal, com o verbo no plural, como supra, § 35–a). Nestes exemplos basta só um salto, para passar, de *homem*, como substantivo e sujeito logico, para *homem*, como pronome e sujeito meramente grammatical. A ideia geral, contida em *homem*, tornou-se indefinida.—São numerosos os exemplos d'este uso em português antigo: cfr. as notas de Roquete ao *Leal Conselheiro*, p. 268.

36. Repetição pleonastica da conjuncção integrante *que*: «ajmda nos ensina mais, que, sse nos alg(u)em ssauda, *que* nos nom assanhemos», XI, 13; «promettendo-lhe que, sse o désse ssãao, *que* lhe faria muyto algo», VIII, 6–7.—Este phenomeno é muito frequente em português, sobretudo quando ha grande separação entre o *que* e o predicado. O mesmo succede em latim: Madvig, *Gram. Lat.* (trad. port.), § 480, obs. 2.

37. Particularidades de concordancia:

a) Sujeito (collectivo) no singular e predicado no plural: «toda *gemte* te lança de sy, com nojo que de ty *ham*», XXIII, 29. Apesar de na primeira oração estar *lança*, no singular, na ultima apparece *ham*, no plural, por estar um pouco mais longe de *gente*; podia tambem *ham* considerar-se impessoal, cfr. § 35–a.—Sobre este uso na nossa lingoa literaria cfr. o meu opusculo *O texto dos Lusiadas*, Porto 1890, p. 31 sqq.

b) Dois sujeitos no singular e o verbo no singular: «a emjuria e uergonça nom *he* d'aquell que a rreçebe», XVIII, 12–13; «nem lobo, nem outra anymalia nom lhe *fazia* dapno», XXVII, 13.—Isto succede frequentemente em português quando os sujeitos são mais ou menos synonymos, como aqui. Cfr. no *Leal Conselheiro,* p. 280: «a prudencia e discreçom *quer* obrar acabadamente»; nos *Lusiadas,* V, 38: «este clima e este mar nos *apresenta*».

c) O participio passivo, que faz parte do tempo-composto de um verbo, concorda em genero e numero com o complemento directo d'esse verbo: «peccados que auemos *fectos* (= feitos)», XLVII, 16.—São tão numerosos os exemplos d'este uso em português antigo, que nem valeria a pena citar mais nenhum: «todos avjam *feita* esta promessa», *Demanda do Santo Graall,* p. 18; «tenho *vystos* e *ouuvydos* muitos enxempros», *Leal Conselheiro,* p. 212; «quem vos tivesse *furtada!*», Gil Vicente, III, 66. Vid. as notas de F. Dias Gomes, *Mem. de Litt. Port.,* IV, 65, e as de Roquete ao *Leal Conselheiro,* p. 82. O uso é commum a outras lingoas romanicas: vid. Diez, *Gram. des l. rom.,* III, 269 sqq., onde tambem cita a nossa lingoa archaica.

38. Emprego das preposições.

Preposição A:

a) Depois de *andar* (exprime o termo do movimento): «andar *a hũa aldeia*», XII, 2; «andaua a caçar das alimarias *aa ssilua*», XXVII, 11.—Hoje emprega-se nestes casos *ir*.

b) Depois de *creer:* «nós nom quisemos creer *ao bõo comsselho* da amdorinha», XLVIII, 8; «nom deuemos creer nem ssiguyr *aa voomtade da molher*», XXXIV, 41.—Mas *creer em,* LIII, 12–13.

Preposição DE:

c) Na expressão: «tam rrico e tam *de proll*», XXXIV, 29, exprime a qualidade.—Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.,* § 153.

d) Ligada com o artigo definido, constituindo o que os franceses chamam *artigo partitivo:* «*farás de tua proll*», XVIII, 10, «compeçou a talhar *das arvores* quanto lhe prazia», XXXIX, 6 (= *a cortar arvores.* A palavra *quanto* é complemento de amplitude: cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.,* § 122); «tomaram *do pam* pera dallo aa boca», XLI, 21; «deram-lhe *da augua* a beber», XXXIV, 21; «queria dar-lhe *do pão*», LII, 3.—Sobre este uso em port. ant., hesp. ant. e outras lingoas romanicas, vid. Diez, *Gram. des l. rom.,* III, 39 sqq.

Preposição EM:

a) Depois de verbos de movimento, exprimindo logar para onde: «voou *em hũa arvor*», XXXI, 11; «ir em *parayso*», XLIII, 16;

«sube em cima de mim, III, 8-9.—Este uso, que é corrente no português do Brasil, acha-se hoje limitado a algumas phrases, como *sair em terra, cair no laço*; cfr. Moraes, *Dicc.*, s. v., onde se citam outros exemplos classicos: *passou em Africa, sairem os Mouros na ilha*. São tudo exemplos em que em latim se empregaria *in* com accusativo. O português moderno, com as excepções que citei, e alguma outra que não me occorra, rejeita este uso, e só emprega *em* nas circunstancias em que em latim se empregaria *in* com ablativo.

b) Nas expressões «guardou na *auga*», v, 3 = olhou para a agoa. Cfr. lat. *inspicere in speculum*.

c) Na expressão «quando forom asseentados na messa», XIX, 3 e 12.—Hoje dizemos *assentados á mesa*, exprimindo-se com *a* a proximidade: cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 134.

d) Depois de *usar* em: «husam ssempre em ellas» [em malicias], XIX, 11, onde *usar* significa «porfiar», «ser useiro e vezeiro».

Preposição POR:

a) Depois de *curar*: «curar *por a sçiençia*», I, 12 (cfr. hoje *olhar por*); mas na mesma fab., l. 13, «curam *d'ella*».

b) Na expressão *por o de Deus*, XLIII, 17, = por causa de Deus. Vid. a respectiva annotação.

39. Emprego dos pronomes e dos artigos:

a) Os pronomes pessoaes *el, ti* podem empregar-se com o valor de accusativos, sem preposição, como complementos directos: *enforcariam ell*, XXXIV, 15[1]; *achar ty*, I, 9; *amar ty*, LXII, 12; *nom temo ty*, XXII, 7. Todavia tambem se diz pleonasticamente, e com preposição, como hoje: *se te a ty achasse*, I, 5.

Quando em português temos de empregar hoje *mim, ti*, etc., como complementos indirectos, isto é, com a funcção de dativo, emprega-se pleonasticamente *me, te*, etc., antes, e não simplesmente *a mim, a ti*; no nosso texto ha exemplos do emprego de *a mim, a ti*, mas sem repetição pleonastica de *me, te*: «graças que tu *fezeste a mym*», VIII, 14; *dey vida a ty*, VIII, 14-15; *eu fize a ty*, VIII, 15; «estes nom *perdoam a mym*», XVI, 10-11; *fazes a mym*, I, 5; «todalas animalias *vencem a mym*», XVI, 10.

O uso de *mim, ti, si*, isto é, das fórmas tonicas do pronome pessoal, e de *el* (*elle*), *vós*, etc., como accusativos é muito frequente na literatura antiga: sec. XIII, «vos ten(h)ades *ele* en uossa uida»[2];

---

[1] No português do Brasil diz-se hoje tambem assim.

[2] *Rev. Lusitana*, VIII, 39 (artigo de P. de Azevedo).

sec. XIV, «eu matarei uós»[1]; sec. XV, «salvaae mym creente e obediente a vós»[2]; «e sabe reger sy e os outros»[3]; «ty servyndo»[4]; «ouve, Christo, mym»[5]. Tambem em gallego do sec. XIII: «pignore el por v solidos»[6].

b) Em português moderno é de uso na lingoa literaria intercalar os pronomes atonos *me, te, o,* etc., nos futuros e condicionaes dos verbos (tmese), por ex. *louvar-te-ha*[7]; só a lingua popular diz *louvará-te*[8]. O nosso texto tem exemplos dos dois empregos: *fa̧e-lo-hei, fará-o, darei-te,* XXVIII, 8.

c) Emprego de *nehũu* por «ninguem»: «nhũu nom deue brincar com alguem ssem ssua voomtade» XVIII, 14; «nehũu que está em liberdade nom se faça sseruo» I., 21.—Cfr. no *Leal Conselheiro,* p. 290: «*nenhuũ* deve d'escolher os moços guyadores dos exercitos guerreadores».

d) O pronome indefinido *todo* junta-se ao seu substantivo sem de permeio se empregar o artigo *o: toda jente,* XIX, 21, e XXIII, 25; *todas bondades,* XXXIV, 51; *todo sseu proueyto,* XXXV, 21; *toda cousa,* XLIII, 18. Este uso é tão geral em toda a literatura portuguesa antiga, inclusivè a classica, que não vale a pena citar exemplos. Em português moderno é raro[9].

e) *Homem* póde empregar-se sem artigo, com as funcções de pronome sujeito: vid. § 35-c. Cfr. tambem: «o coraçom uill he aquell que faz *homem* sseer pera pouco», XXII, 11-12. No seguinte passo «ela nom poderia ja nunca achar *homem* que a tanto amasse», XXXIV, 27, *homem* póde ser pronome indefinido, valendo por «ninguem», ou póde ter o seu valor proprio, pois hoje tambem assim se diria.

f) O pronome relativo *cujo, cuja* póde empregar-se como predicativo, contrariamente ao uso da lingoagem moderna, que só o admitte como attributivo: «tornou a cadella, *cuja* era

---

1 *Demanda do Santo Graall,* p. 31. Não deve entender-se *matarei-vos,* porque a frase completa é: «ou vós me matade, ou eu matarei vós».

2 *Ineditos de Alcobaça,* I, 235.

3 *Leal Conselheiro,* p. 289.

4 *Ibidem,* p. 478.

5 *Ibidem,* p. 479.

6 *Doc. galleg. de los siglos* XIII *al* XVI, p. 16.

7 Vid. Epiphanio Dias, *Gram. port.,* § 188.

8 Vid. a minha *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise,* p. 147.

9 Cfr. os meus *Dialectos extremenhos,* I, 19.

a casa» (= de quem era a casa), IX, 10; «como sseu dono avia, *cuja* a cousa era» (= de quem a cousa era), XLIV, 31. Isto é muito frequente na litteratura antiga.

g) O pronome *qual* alterna com *que*, mas emprega-se em muitas circunstancias em que hoje se empregaria mais facilmente *que*, por ex.: «este autor viuia, *o quall* se chama Exopo», prol. 3; «ó gema preçiosa e nobilissima, *a quall* jazes em aqueste vill luguar!», I, 5.

h) Emprêgo pleonastico ou redundante do pronome demonstrativo: «o serviço que se faz de voontade, aquelle é bem feito», XXV, 14. Hoje diriamos: «o serviço que, etc., é bem feito», ou «o serviço que, etc., *esse* é bem feito», ou «aquelle serviço que, etc., é bem feito».—Cfr. Madvig, *Gram. lat.*, § 489.

i) Neste exemplo, «jnoçente *do que* ho lobo a acusava», XXIV, 8, está *do que* em vez de *d'aquillo de que*, com omissão da preposição *de* entre o demonstrativo *o* (= aquillo) e o relativo *que*. Cfr. em Bernardes, *Nova Floresta*, (não indico o logar, pois cito de memoria), «que vem *a quem* lhe doe a fazenda». Citei outros exemplos n-*O texto dos Lusiadas*, Porto 1890, p. 46. Póde dizer-se que o relativo absorveu em certa medida a funcção do demonstrativo.

j) Na expressão «nom quis teer *da hũa parte* nem *da outra*», XXX, 7, *hũa* vem precedido de artigo, por estar contraposto a *outra*. Todavia em XXV, 10, lê-se: «sse os rratos me faziam dapno d'*hũa parte*, tu m'o fazias *da outra*»; e em V, 8: «assy perdeo *hũa* e a outra». Em fr. tambem se diz *l'un et l'autre*, mas ahi *un* está substantivado.

k) Não se usa o artigo definido em «as mais *de vezes*», XLV, 35, LI, 3, expressão em que hoje se diria *das vezes*.—Na seguinte phrase sentenciosa, «*rrazom* mostra que rreçeba mal aquell que com outrem quer trebelhar» XVIII, 14-15, omitte-se o artigo antes de *rrazom*, para esta palavra ter o caracter mais geral possivel.

40. Emprêgo do modo conjunctivo:

Neste passo, «em aquesta estoria o doutor .. diz que quando a probeza sse toma com alegria de coraçom, nom sse deue chamar probeza, mas rriqueza, porque a probeza he a mays ssegura cousa que no mundo *sseja*» (XII, 28-31), a oração relativa, que é de sentido consecutivo, e está depois de um superlativo, tem o verbo no conjunctivo (em contraste com a lingoa actual). Assim tambem em francês: vid. Epiphanio Dias, *Gramm. francesa*, 8.ª ed., § 342-*b*.

Neste passo, «aqueste Exopo .. sse comta que *fosse* morto .. per emveja» (prol., 6-8), o conjunctivo está tambem em contraste com a lingoa moderna, pois hoje diriamos *fôra*.

41. Emprêgo do modo infinitivo:

a) Depois de certos verbos o infinitivo ora se construe com preposição, ora sem ella:

AVER: [*a*]*uemos seer* (futuro periphrastico),—cfr. § 30;

COBIIÇAR: *cobijço de te ouuyr*, XV, 8;

COMEÇAR e COMPEÇAR: *começou de creçer*, XLVIII, 10 (e outros exs. em XVII, 9); *compeçou tirar e dar com ssua espada*, LXII, 34; *compeçarom a dizer* .. *e morder* (no primeiro caso com *a*, no segundo sem preposição), IX, 12;

CREER: *o homem cree a auer avantagem*, XLIII, 13;

CUIDAR: *cuydas a brincar comigo*, XVIII, 7;

DEVER: *deuemos de fazer bem*, XVII, 14 (outro ex. ib., 7); *deuèras a auer medo*, XVII, 6 (outro ex. XIX, 20); *nom deuemos esperar*, XVII, 10;

ENTENDER: *aly lhe emtemdya de dar*, XII, 9;

ESPERAR: *esperar de fazer bem*, XVII, 10;

OUSAR: *ajmda ousas de falar?*, II, 20;

PROMETER: *prometeo de lhe dar ssaude*, VIII, 8.

b) Infinitivo regido de preposição a servir de sujeito: «a mym praz mays *de comer* trijguo .. que gallinhas» XII, 23.—Este uso, de que ha mais exemplos em português antigo, é raro em português moderno, onde porém se encontram estes exemplos: «convem *a saber*», «custa *a crer*», «custou-me *a ganhar*». Noutras lingoas romanicas é elle corrente: *il me reste de* (sujeito logico).

c) Na seguinte expressão «feria o seruo ssem *seu mereçer*» XXXVI, 6–7, o infinito está substantivado e precedido do pronome possessivo = «sem seu merecimento», i. é, «sem elle o merecer». Cfr. *sem lh'o merecer*, II, 28, e *ssem sseus mereçimentos* (= sem estes lh'o merecerem), XXXI, 17.

42. Emprêgo do participio:

a) Exemplos de participio absoluto em que o sujeito vem anteposto ao verbo, contrariamente ao uso moderno[1]: «e elle morto, morreram os paes» XLI, 24; «e as palavras dictas», XII, 28 (a par de «e ditas as palavras» XXV, 12), «ell depenado partio-sse» XXI, 7.

b) No seguinte exemplo, o participio do presente exprime circunstancia de tempo, e vem acompanhado de preposição, por o verbo subordinante exprimir sentença: «nós ssenpre ssosteemos

[1] Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 249-obs.

grande afam em andando de cá e de llá em muytos trabalhos», XLI, 3-4. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 240-*b*.

43. Comparação:

a) Na phrase «fará-os ladrões assi *como si*», VII, 9, esperar-se-hia na ultima parte d'ella *assi como elle* (*é*), mas o sujeito *elle* foi attrahido para o caso do complemento de *fará*, e tornou-se *si* (não *se*, por ser tonico: propriamente *como a si*).—Dá-se em latim o mesmo phenomeno: «suspicor, te eisdem rebus, quibus m e i p s u m, commoveri», em vez de *quibus ipse* (*commoveor*); vid. Madvig, *Gram. lat.*, § 402-b.

b) Quando se estabelece uma comparação, a oração comparativa é expressa negativamente: «eu me comtento mays do meu grão, que tu *nom* te comtentas das rriquezas de rreis», XXIII, 20; «eu amo mays meu senhor que *nom* a ty», LII, 7.—Na lingoagem popular ainda hoje se observam factos analogos.

44. Negação:

Emprêgo pleonastico de *nom* depois de uma expressão negativa: «nem lobo, nem outra anymalia nom lhe fazia dapno», XXVII, 13; «nenhũa criatura *nom* poderia viver, VII, 8; «nehũa *nom deue* brincar com alguem ssem ssua voomtade», XVIII, 14; «padre, nem madre nem paremte nom a podiam d'aly tirar», XXXIV, 8-9 (cfr. no primeiro membro a falta de *nem;* hoje dir-se-hia *nem padre, nem madre*).

45. Collocação:

a) Inversão do pronome possessivo: «com grande minha perda», XXV, 11.

b) Collocação do sujeito entre o pronome pessoal dativo e o predicado: «merçee que lhe Deus faz», XXI, 14.

c) Collocação do adverbio (que ás vezes fáz de complemento directo) antes do infinitivo dependente de um verbo:

«mais poderio lhe damos de *mal* obrar», VII, 15;

«pera poder muito *mais* furtar», VII, 16;

«a mym praz mays .. comer mall, que *bem* comer e sseer sempre seruo», XL, 23.

d) Inversão do infinitivo junto do verbo de que elle depende: «aquelles que enganar podem», XXXV, 15.

e) Inversão do predicativo: «persoas que useyras ssom», XXXV, 14.

46. Varias particularidades:

a) Na phrase «aquell que de rrapina viue, muytas vezes lhe acontece que perde o corpo», XXXII, 22. Anacolutho. Corrente nos proverbios: vid. em B. Pereira, *Adagios*, os que começam por *quem*.

b) Outras particularidades vão citadas nas Annotações ás fabulas.

II

ESTYLO

As nossas fabulas constam de duas partes: enrêdo e epimythio (ἐπιμύθιον) ou moralidade. O enrêdo é em parte narrativo, em parte dialogado.

Em geral o estylo é muito simples e familiar; os dialogos muito naturaes. Ha algumas fabulas até de admiravel singeleza, por ex. XI, XXVIII, XXXI. A fab. XXIX é notavelmente elegante.

Como particularidade do estylo do autor notarei o costume de coordenar asyndeticamente ora dois adjectivos, ora dois substantivos: *astrosa fedente,* XXIII, 33; *falsa ribalda,* IX, 14; *maa maliciosa* (alem d'isso synonymos e allitterados), XXV, 7; *doutor poeta* e *sabedor poeta,* passim. Outra expressão adjectiva synonyma, mas syndetica: *debille e fraco,* XXXVII, 13. Nos verbos: *esguardou e vio,* XL, 17; *rrazoar e fallar,* XXXII, 6; *fallou e disse,* passim[1].

Não são raras as antitheses: *assy aos estranhos, como aos amigos, ca muytas vezes de pequeno seruiço rreçebe o homem boo gualardom,* XIX, 22 (moralid.); varios exs. nos dialogos da fab. XXIII.

---

[1] Nos nossos textos antigos são muito frequentes as expressões synonymas, já por hábito ou mero pleonasmo, já porque uma d'ellas era nova, e ficava a velha para a explicar melhor, ou vice-versa, já porque uma era popular e outra literaria, já finalmente porque havia certas differenças de sentido (em verdade poucas serão no uso da lingoa as expressões absolutamente synonymas entre si; ha quasi sempre alguma differença). Por ex.: *quite e livre,* a cada passo na lingoagem da chancelaria; *emmendar e correger,* sec. XV (*Archivo Hist. Port.,* I, 199); «chegado em *divodo e parentesco* a nós», sec. XV (ib., I, 442); *autos e apostos,* sec. XIV (*Iffante Josaphat,* p. 6); *manda e testamento,* sec. XV (collegiada de S. Estevão de Valença, na T. do Tombo), e em lat. barbaro *manda et testamentum* (*Rev. de Guim.,* VI, 75); *proes e percalços,* sec. XVII (allitteração; *Archivo Hist. Port.,* I, 117); *gulla e gargantuyce,* sec. XV (allitter.; *Leal Cons.,* c. L, p. 286); *estuigar e apressar* (ib., c. LXXXVI, p. 411, numa trad. da *Vita Christi*); *aaras e altares,* sec. XVI (*Esmeraldo,* 2.ª ed., p. 151); *teve e ouve,* sec. XV (*Hist. de Vespasiano,* 2.ª ed., p. 45); *respondeo e dixe* (ib., p. 43); *falloulhe e disse,* sec. XIV (Cornu, *Anciens Textes,* p. 32). Nas demais lingoas romanicas succede o mesmo; cfr. Wilmotte, *L'évolution du roman français,* Paris 1903, p. 46, nota 1, onde, a outro proposito, cita muitos exs. do sec. XII, em poetas. Corrente é tambem em francês antigo a expressão *ver ou printemps:* cfr. Cl. Merlo, *I nomi romanzi delle stagioni,* Torim 1904, p. 41, nota.

Temos o que os rhetoricos chamam «chiasmo» na fab. XL, 22–23: *A mym praz mais viuer em mynha liberdade e comer mall, que bem comer e sseer sempre seruo.*

Frequentemente a citação de proverbios e ditos moraes anima o estylo:

Buscar cajom comtra rrazom, II, 24;

A lingoa nom ha osso,
Mais rrompe o dosso (XIV, 16);

Muytas vezes o mell
Sse mistura com ffell (XV, no fim);

A todo homem servirás;
A quem errares, d'ell te guardarás (XIX, no fim);

Malãdante he aquell
Que sseu aver nom vee (XLIII, 26–27);

Cam que muyto ladra, poucas vezes morde (LIV, 8-9);

Quem neyçiamente cree, neyçio he chamado e neyçiamente peca (LIII, 15);

O boy pequeno aprende de arar do grande, e quem quer castigar o leom, ffere o cam (XXXV, 9).

Ás vezes porém o dizer fica sobrecarregado de sentenças, umas litterarias, outras ecclesiasticas: XXXIV, moralid.; XXXVI, 6 sqq.; LXI, 62 sqq.

A estes defeitos accrescem outros: dialogos notavelmente pesados, XXIII; narração deselegante, LXI, 30 sqq.; confusão do sing. com o plur., XXIV, moralid., e LXII, moralid.[1]; syntaxe desleixada, LVII, 2; XLVIII, 15; LXI, 7.

Sem embargo, esta obra, pelo seu assunto, constituia grande novidade para o tempo, —habituados, como todos estavam, ao enfado da prosa puramente mystica—, e devia ser muito saboreada pelos leitores a quem o autor a destinava.

[1] Com estes dois ultimos exemplos cfr. *Leal Conselheiro*, cap. RVI, p. 259: «Dos virtuosos *amigos* nom devemos duvydar quando nom vyrmos o contrairo, porque som cousas contrairas avello por *amigo*».



A linguagem do Fabulario ou *O Livro de Esopo*, é sensivelmente semelhante, embora talvez um pouco posterior, á dos textos contidos no Cod. Alcobacense n.º 266, publicados pelos Srs. J. Cornu[1], Vasconcellos Abreu[2], Otto Klob[3] e J. J. Nunes[4]. Todos elles são do sec. XIV. Quem os ler, encontrará quasi a mesma grammatica, o mesmo estylo, o mesmo vocabulario que no nosso. Por exemplo[5]: a *comê'-o*, corresponde *comeos* AT 23, *rrecebias* T 256; a *engratidõoe* VIII 23, corresponde *sobigidõe* J 7; a *som* (*soom*), 1.ª pess. de *seer*, corresponde *som* (a par de *sam*) T 261, *soom* AT 7, *sõ* J 8; á 3.ª pess. pl. pret. em *-om* corresponde *-om* em T, *-om* e *-ã* em AT, *-am* e *-om* em A, *-õ* em J; á 2.ª pess. pl. *-des* corresponde a mesma terminação em todos os outros textos; a *estávees* corresponde *ssemelhavees* AT 3, *semelhavees* J 11, *donzees* A 6.

Alguns d'estes phenomenos são communs a textos posteriores, por exemplo ao *Leal Conselheiro*, escrito entre 1428 e 1438; mas outros já não existem nessa data, por exemplo a terminação *-des* dos verbos, que no *Leal Conselheiro* está syncopada (*podelloees*, *compraaes*)[6].

Se compararmos agora *O Livro de Esopo* com a *Demanda do santo graall*[7], que é dos meados do sec. XIV, observaremos que este texto, a par de phenomenos communs ao nosso, como mostrei no estudo da Grammatica e do Vocabulario, apresenta alguns que, por serem mais archaicos, não apparecem n-*O Livro de Esopo*, por exemplo, *al de meo* 69, *migo* 78, *chus* 80, *sya* (imperf. de *ser*) 6,

---

1 *Anciens textes portugais*, Paris 1882 (extr. do t. XI da *Romania*).

2 *Lenda dos santos Barlaão e Josafate*, Lisboa 1898. — Este trabalho devia intitular-se *Vida do honrrado Iffante Josaphat*, pois é assim que começa o texto. — Cfr. sobre elle Epiphanio Dias in *Zs. für Romanische Philologie*, XXVII, 465 sqq.

3 *A vida de Sancto Amaro*. Paris 1901 (extr. do t. XXX da *Romania*). — Este trabalho devia intitular-se *Conto de Amaro*, pois assim começa o texto.

4 *Historia do cavalleiro Tungullo*, in *Revista Lusitana*, VIII, 249 sqq. — Outra redacção d'este texto, contida no Cod. Alcobacense n.º 244, foi publicada pelo Sr. F. M. Esteves Pereira na mesma *Revista*, III, 101 sqq.

5 Abreviaturas que adopto: AT = *Anciens textes*, J = Josaphat, A = Amaro, T = *Tungullo*.

6 Vid. o meu artigo «Fórmas verbaes arcaicas no *Leal Conselheiro*», publicado in *Mélanges Chabaneau*.

7 Ed. de Reinhardstoettner, Berlim 1887.

seuerom (perf.) 10, *certas* (adv.) 83, *caer* 93, *toste* 81; tambem na *Demanda* são correntes certos phenomenos que só accidentalmente se encontram n-*O Livro de Esopo*, como: participios em *-udo* (*perdudo* 2, *metuda* 3, *conheçuda* 4, *veudo* 11, *sabuda* 86,—ao lado, todavia, de *vỹndo* 11, e de *conhocido* 7, etc.); a particula *er* 5, 6, 34, 82; *dei* = deu 47, 93 (a par de *deu*, porém, p. 111, etc.); *rem* 20, 81.

Alem dos archaismos *er*, *dei*, *rem* e *-udo*, que só uma vez se lêem n-*O Livro de Esopo*, e que são communs, como disse, a elle e á *Demanda*, lê-se lá, tambem uma só vez, *fuỹ*, fab. XVI, 9 (se não é êrro), a par de *foỹ*; a fórma *fuỹ*, que vem nos Cancioneiros, por exemplo em D. Denis, v. 1575 e 1582[1], é já no tempo da propria *Demanda* completamente archaica[2].

A conclusão que creio que se deve tirar d'esses factos é que, por um lado, a lingoa do Fabulario ou *O Livro de Esopo*, no seu estado actual, fica entre a da *Demanda do santo graall* (mais antiga) e a do *Leal Conselheiro* (mais recente), e que, por outro lado, o nosso texto é até certo ponto modernização ou leitura nova[3] de outro anterior, tendo escapado ao copista os archaismos citados; certamente a redacção primitiva data do sec. XIV. Comprehende-se que isto assim seja, pois que a lettra do manuscrito é do sec. XV, ao passo que a lingua tem caracteres do seculo antecedente.

Curioso é notar que, assim como n-*O Livro de Esopo* ha expressões que supponho vestigios de redacção anterior, tambem na *Historia de Vespasiano*, que, apesar de impressa nos fins do sec. XV, é talvez copia de um texto mais antigo[4], se observa avulsamente, *dei* = deu, p. 45, como n-*O Livro de Esopo*. Em verdade, poderia suppôr-se *dei* êrro por *deu*; mas, como a cima temos factos parallelos, não é illogico acceitar essa fórma como real. Tambem na mesma *Historia* alternam fórmas verbaes em *-des* (2.ª pess. pl.) e *-es*, aquellas mais antigas do que estas. Na *Historia de Tungullo*, ao lado dos participios em *-ido*, que são os normaes, occorre uma unica vez, como archaismo, *derretuda*[5].

---

[1] Ed. de Lang, Halle 1894.—Cfr. Ad. Coelho, *Theoria da Conjugação*, p. 93, onde tambem cita *fui* em um doc. do sec. XIII.

[2] Com a fórma *foỹ* coexiste na *Demanda* frequentes vezes *foe*: p. 12, 13, etc.

[3] Na Torre do Tombo chama-se *leitura nova* á transcripção que no sec. XVI se fez de documentos mais antigos: cfr. Pedro de Azevedo & Antonio Baião, *O Archivo da Torre do Tombo*, Lisboa 1905, p. 106 sqq.

[4] Vid. a nova edição feita por F. M. Esteves Pereira, Lisboa 1905, p. 24.

[5] Vid. *Rev. Lusitana*, VIII, 243 (art. de J. J. Nunes).

ANNOTAÇÕES ÁS FABULAS

Com as notas que juntei ao texto no pé de cada pagina tive a mira unicamente em torná-lo intellegivel nos passos onde por ventura houvesse alguma dúvida, pelo que ellas são de ordinario apenas paleographicas e phoneticas. As que vão agora seguir-se constituem leve commentario á obra.

Prologo.—*Linhas* 1–2) O *Livro da uida e dos costumes dos philosofos,* a que se allude ahi, é o *Liber de vita et moribus philosophorum* de Walter Burley ou Burleigh (sec. xiv), de que ha uma versão hespanhola, anterior aos meados do sec. xv[1], intitulada *La vida y las costumbres de los viejos filosofos,* a qual se conserva num manuscrito da Bibliotheca do Escurial[2]. Tanto o texto latino como o hespanhol foram publicados por H. Knust em 1886 na *Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart,* n.º 177.—Como é pequena a biographia de Esopo contida no *Liber* de Burley, julgo conveniente transcrevê-la aqui, e parallelamente a respectiva versão hespanhola que está no manuscrito escurialense:

Cap. xxiv. Esopus	Cap. xxiv. Esopo
Esopus, adelphus, poeta, claruit tempore Ciri, regis persarum.	Esopo, adelfo, poeta, clarescio en tienpo de Ciro rrey de Persia.
Fuit autem grecus, de civitate attica, vir ingeniosus et prudens, qui confinxit fabulas elegantes quas Romulus quidam de greco transtulit in latinum, in quibus docet quid observare debeant homines, et ut vitam hominum emendet et ad mores instruat inducit arbores, aves bestiasque loquaces pro probanda cuiuslibet fabula quam si diligenter lector inspexerit inveniet ioca apposita que et risum misceant et ingenium acuant eleganter.	Y fue griego, de la cibdad de Atica, varon yngenioso y prudente, el qual fingio fabulas elegantes, las quales uno llamado Rromulo traduxo de griego en latin, en las quales para demostrar la vida de los onbres y las costunbres que deven seguir introduse a aves y arboles y bestias falantes para provar cada una de las sus fab(u)las, las quales quien estudiosa mente las quisiere acatar fallara tales juegos puestos que mesclan rrisa y agusan el yngenio.
Hic primo anno Ciri regis persarum fertur fuisse peremtus.	De aqueste se dise que ovo seydo muerto del sobredicho rrey de Persia.

[1] Vid. G. Baist, *Die Spanische Litteratur* (no *Grundriss der roman. Philologie,* II-2, p. 413 e n.).

[2] Marcação bibliothecal: h-III-1.

Fica assim manifesto que o prologo do nosso Fabulario não é totalmente extrahido do *Liber* de Burley; este foi apenas lá citado. Á procedencia do resto da obra me referirei quando tratar do estudo litterario das fabulas.—*L.* 2) Çiro rrey de Persia. A menção de Cyro vem no Fabulario apenas como indicação de data (560–529 a. C.), e não porque se estabeleça connexão entre elle e Esopo. É com Creso, rei da Lydia (560–546 a. C.), que a lenda antiga relaciona Esopo. Em todo o caso a epoca é a mesma, o sec. VI antes da nossa era. Cfr. tambem A. Croiset, *Hist. de la littérat. grecque,* II (1890), 466–467.—*L.* 3) Exopo Adelpho. Sem duvida *Adelpho* é aqui sobrenome de Esopo. No citado livro de Burley lê-se tambem: «Esopus Adelphus poeta claruit tempore Ciri»; e na traducção hespanhola: «Esopo Adelfo poeta clarescio en tienpo de Ciro». No entanto Knust viu-se certamente embaraçado com esta palavra, porque a escreveu com letra minuscula, e entre virgulas: «Esopus, adelphus, poeta..», ao que corresponde na traducção hespanhola «Esopo, adelfo, poeta..»,—embora ella, assim escrita, só pudesse representar o grego ἀδελφός «irmão», o que não faz sentido nenhum. D'onde veio porém a Esopo nas obras citadas e no nosso Fabulario o sobrenome de *Adelpho,* se em nenhuma das antigas biographias do fabulista[1] apparece tal sobrenome? É o que vou dizer em poucas palavras[2]. Uma das fontes dos fabularios medievaes foi a collecção latina attribuida a *Romulus,* que no sec. XIII se encontra representada no *Speculum historiale* de Vicente Bellovacense ou de Beauvais[3]. As *fabulae Romuleae* do Bellovacense são precedidas de uma biographia de Esopo em que se lê: «Anno regni Cyri primo Hesopus a Delphis interimitur»[4]. A lenda, segundo a qual os Delphos ou Delphicos mataram Esopo, precipitando-o da rocha Hyampia, é contada por Plutarcho (sec. I–II da e. c.)[5]; e a ella já allude Herodoto (sec. V a. C.)[6]. Sem poder, nem me ser necessario, verificar agora se foi precisamente no texto do Bellovacense, tal como fica transcrito, ou noutro ana-

---

1 Cfr. Savérien, *Histoire des philosophes anciens,* vol. I (1773), p. 143 sgs.

2 Este assunto foi já brevemente tratado por mim na *Revista Pedagogica,* I, 389–390.

3 Digo *Bellovacense,* pois que *Beauvais* vem de Bellovaci. Num livro português, intitulado *Centinella contra Judeos,* de Pedro Lobo Correia, pp. 210 e 211 (ed. de 1710), lê-se «Vicente *Belvacense*».

4 Vid. Hervieux, *Les fabulistes latins,* t. II, 2.ª ed. (1894), p. 234.

5 Vid. *De sera numinis vindicta,* XII.

6 Vid. *Hist.,* II, 134.

logo, que Burley se inspirou, o que contudo se torna evidente deante d'elle é que da expressão *a delphis* = *a Delphis* um copista medieval, por distracção ou ignorancia, fez *adelphus*, tomando, no manuscrito de que se serviu, *-is* por *-us;* alem d'isso juntou a preposição *a* ao nome seguinte[1]. De modo que *adelphus* ou *Adelphus*, respectivamente em romanço *Adelpho* ou *Adelfo*, é na origem palavra fantastica, —*ghost-word* dos Ingleses—, mas temos de acceitá-la como sobrenome de Esopo no *Liber* de Burley, e portanto no nosso Fabulario (e tambem no manuscrito escurialense de que acima fallei)[2]. —Postoque o nome de *Esopo*, quer em grego, quer em latim, Αἴσωπος, Aesopus, tenha σ ou *s*, apparece-nos no Fabulario com *x*. Essa orthographia é usada em varios mss. medievaes: por exemplo, em mss. da Inglaterra, *liber Exopi*, *Exopi fabulae*[3]; da Italia *liber Exopi*[4]. Alem d'isso a orthographia latina do nome do fabulista variou muito: *Ysopus* (em romanço *Ysopo*, *Ysopet*), *Hesopus*, *Ensopus*, *Esopus*, *Hysopo*, etc., umas vezes por influencia da orthographia das lingoas romanicas, outras por falsas ideias etymologicas, etc.; mas d'isso não tenho de me occupar, pois que as unicas fórmas que apparecem no nosso texto são *Exopo*, no prologo, e *Exopy* (genetivo latino), no fim das fabulas.—*L*. 4) Antiochia. Com quanto muitas tenham sido as localidades dadas por patria de Esopo, *Amorium*, *Cotyaeum*, *Mesembria*, *Samos*, *Sardes*[5], não sei que jamais Antiochia fosse considerada como tal. O *Liber de vita et moribus philosophorum*, que, segundo ha pouco mostrei, foi conhecido do autor do Fabulario, diz a este respeito, como vimos, «Esopus .. fuit .. grecus, de *civitate Attica*».

---

[1] Acêrca da facilidade com que *-us* e *-is* se confundiam em geral nos manuscritos da idade-media, diz Lindsay: «En capitales et en onciales, aussi bien qu'en minuscules, la ligature de *-us* ressemble beaucoup à *-is*. Dans l'ancienne écriture minuscule, on emploie parfois la même abréviation pour l'un que pour l'autre»,—vid. *Introduction à la critique des textes latins*, Paris 1898, p. 100. Da juncção da preposição ao respectivo caso os exemplos são tão numerosos, que nem valia a pena insistir nisto; todavia cfr. o que diz o mesmo Lindsay ao fallar da escrita minuscula da idade-media: «Les petits mots tels que les prépositions .. sont habituellement joints aux mots voisins plus longs»,—*ibidem*, p. 19.

[2] No copista que commetteu o erro da troca póde ter influido a ideia de que *Adelpho* ou *Adelfo* era realmente nome e appellido noutras circunstancias, nas quaes provém da citada palavra grega. Ha mesmo um bispo *S. Adelpho*, que se venera em 20 de Agosto. *Adelphus* é tambem *cognomen* romano.

[3] Hervieux, *Les fabulistes latins*, I, 576 (2.ª ed.?).

[4] Hervieux, *ob. cit.*, pp. 591, 592.

[5] Cfr. De Vit, *Onomasticon*, s. v. «Aesopus».

Consultando varios fabularios medievaes, acho tambem nelles alguma cousa que concorda com isto. O *Romulus vulgaris,* para me servir da expressão de Hervieux, diz: «Romulus Tyberino filio. De civitate attica esopus quidam homo grecus»[1]. Vicente Bellovacense diz: «Romulus .. ita scribens: De ciuitate Attica Hesopus quidam»[2]. O *Romulus Nilantius* tem: «Esopus, quidam grecus .. de ciuitate Attica»[3]. Finalmente, no *Romulus Florentinus* lê-se: «Romulus filio suo Tyberi[n]o de ciuitate attica. Esopus quidam homo grecus»[4]. Comprehende-se agora que o autor do nosso Fabulario tomasse, no manuscrito de que se servia, a palavra *Attica,* i. é, *attica* ou *atica,* por abreviatura de *Amtiochia* — *Antiochia,* i. é, *āti.ca*, pois são as mesmas letras, só com a differença do til, que muitas vezes escapa na escrita, e que tambem aqui podia ser considerado abreviatura de outro *t*. Esta confusão proveio, ou de elle saber que Esopo era Phrygio, e haver na Phrygia uma cidade chamada *Antiochia* (embora, que me conste, nenhum biographo antigo, repito, a julgasse patria de Esopo), ou, o que me parece mais provavel, de se lembrar da célebre Antiochia, capital da Syria. Curioso é notar que, se *Antiochia* provém de se ler erroneamente a palavra *Attica,* esta, na obra citada, provém tambem de um erro de interpetação. Todas as phrases que transcrevi se relacionam com uma especie de epistola-prologo que a Tyberino dirigiu seu pae Romulo; como mostra a ultima phrase que transcrevi, a expressão *de ciuitate Attica,* em virtude da pontuação adoptada, não se refere a Esopo, e sim a um dos nomes antecedentes, significando segundo a luminosa explicação de Gaston Paris, não que Romulo ou Tyberino eram naturaes de uma cidade attica, mas que era de Athenas, *civitas Attica* por excellencia, que Romulo escrevia a Tyberino[5]: nos differentes manuscritos, porém, por má pontuação, fez-se da *cidade Attica* a patria de Esopo, e essa ideia passou para os fabularios e para o *Liber* de Burley, d'onde tambem o autor do nosso Fabulario a tomou, interpretando-a ainda peor[6]. — *L.* 5-6) latino.

---

[1] Vid. L. Hervieux, *Les fabulistes latins,* t. II, 2.ª ed., Paris 1894, p. 195.

[2] *Idem, ibid.,* p. 234.

[3] *Idem, ibid.,* p. 513.

[4] *Idem, ibid.,* p. 474.

[5] Vid. G. Paris no *Journal des savants,* 1884, p. 678, nota 2; e Hervieux, *Les fabulistes,* I (2.ª ed.), 302.

[6] Mesmo assim interpretou-a com mais logica do que o traductor hespanhol, pois este, no ms. escurialense, tem «cibdad de Atica», considerando-a substantivo e não adjectivo, como realmente é.

O autor do Fabulario diz *em latino*, em vez de *em latim*, por ter traduzido á letra o original de Burley: *in latinum*.—*L.* 6) Rromulo. Já a cima fallei da collecção medieval de fabulas attribuida a Romulo. Este nome, como Hervieux mostrou[1], deve ser supposto, embora de data muito antiga; em todo o caso, tanto no nosso Fabulario, como no *Liber* de Burley que lhe serviu aqui de base, e noutros tratados da idade-media, representa realmente, para o espirito dos respectivos autores, um verdadeiro individuo, traductor de Esopo.—*L.* 13) frores. A comparação da excellencia de uma doutrina com flores foi sempre predilecta aos tratadistas. Tambem D. Duarte (sec. XV) no *Leal Conselheiro*, prologo, p. 7 da ed. de Roquete[2], diz: «Prazermia que os leedores deste trautado tevessem a maneira da abelha, que passando per ramos e folhas, nas flores mais costuma de pousar, e dally filha parte de seu mantimento». No *Labyrintho* de Eberardus, natural de Bethune (Artois), sec. XIII, lê-se este distico:

Aesopus metrum non sopit: fabula flores
Producit; fructum flos parit; ille sapit.

«.. ces deux vers rappellent les idées répandues dans le prologue »des fables en vers élégiaques. La glose d'un ancient ms. porte ces »mots: *Ysopus est planta; sed Aesopus dat bona verba*»[3].

FABULA I.—*L.* 4) a quall. Hoje diriamos *que*; mas o mesmo modo de dizer se encontra no Prologo: «este auctor viuia *o quall* se chama Esopo».—*L.* 9) achar ty. Vid. na secção grammatical o capitulo da Syntaxe.

FAB. II.—*L.* 24) buscar cajom contra rrazom. Sentença rhythmica, especie de adagio.

FAB. III.—*L.* 12) Dom velhaco, aqui morreredes. No primeiro dialogo da rã com o rato, aquella trata este familiarmente por tu, para o captar; agora, como vae segura de o fazer morrer, trata-o ironicamente por *dom velhaco*, e chama-o por senhor, na 2.ª pessoa do plural.

---

[1] *Les fabulistes*, I (2.ª ed.), 293-305.

[2] Paris, Aillaud, Monlon & C.ª, 1854.—Quando neste trabalho citar o *Leal Conselheiro*, entenda-se que cito sempre esta edição.

[3] Robert, *Fables inédites des* XII[e], XIII[e] et XIV[e] *siècles*, t. I, Paris 1825, p. LXXXIV, nota.

Fab. iv.—*L.* 9) As quaes testemunhas depois que forom examinadas. Esta expressão corresponde a: «depois que estas testemunhas forom examinadas». É um latinismo: *qui cum interrogati essent;* cfr. Madvig, *Grammatica latina,* trad. port., § 448. O pronome relativo vale aqui de pronome demonstrativo.—*L.* 12) E o carneyro. Corresponde a: «e quanto ao carneyro». Modo de dizer usado ainda hoje, sobretudo na lingoagem familiar.

Fab. v.—*L.* 4) duas tamta carne que. Significa: «duas vezes tanta carne que», propriamente «dois tantos como a carne». Encontram-se em textos dos sec. xiv–xvi expressões comparaveis a esta: «e deu seu fruito ẽ *çẽ dobro*»[1]; «e darás de ti fruito ẽ *çẽ dobro*»[2]; «entrou hũua tam grande claridade, que fez o paaço *dous tanto* mais claro»[3]; «e que lançarã a bara[4] *cento* alem do custumado»[5].—*L.* 11–12) por está por extenso no manuscrito.

Fab. vi.—*L.* 5) a ssua caça. É assim mesmo, e não *á sua caça.* Cfr. *a sseus companheyros* na l. 20.—*L.* 16–18) Cfr. o rifão: «Ao pobre não é proveitoso ‖ acompanhar com o poderoso», em Bento Pereira, *Adagios* (appendice á *Prosodia*).

Fab. vii.—*L.* 1) foy significa «houve»; lat. *fuit.*—*L.* 8) herdeyro, por o leão ter parte no despojo de um animal morto.—*L.* 9) assy como ssy. Vid. Syntaxe.

Fab. viii.—*L.* 2) E comendo com gramde pressa. Participio absoluto.—*L.* 22) No emxemplo diz. Vid. Syntaxe.

Fab. ix.—*L.* 6) que lh'a queria emprestar, isto é, que estava disposta a emprestar-lh'a.—*L.* 21) hũa palaura dizem

---

1 *Lenda dos Santos Barlaão e Josafate,* ed. de Vasconcellos Abreu, Lisboa 1898, p. 8, l. 20.—O respectivo manuscrito é dos fins do sec. xiv ou começo do sec. xv: vid. Epiphanio Dias, in *Zeitschrift für roman. Philologie,* xxvii, 465. A lingoa porém é certamente do sec. xiv. Seria mais conforme com a verdade, como já acima notei, intitular esta obra *Vida do honrrado iffante Josaphat,* pois é assim que está no original.

2 *Ob. cit.,* p. 8, l. 24.

3 *Demanda do Santo graall,* ed. de Reinhardstoettner, Berlim 1887, p. 17.

4 = barra.

5 Doc. de 1531, no *Archivo Hist. Port.,* i, 226.

pella boca, e outra teem no coraçom. Cfr. Sallustio: *aliud clausum in pectore, aliud in lingua promptum*[1].

Fab. x.—*L.* 15) d'elles aueremos maaos mereçimentos, i. é, «d'elles mereceremos mal» = d'elles receberemos mal.

Fab. xi.—*L.* 8) fremoso demte. Alem da sua grandeza, o dente de porco é célebre como amuleto, já desde a antiguidade. A expressão nom quero luxar o meu fremoso demte na tua vil persoa corresponde outra analoga em xxix, 14.

Fab. xii.—*L.* 3) moraua. O sujeito é *outro rrato.*—*L.* 28) E as palavras dictas. Nos participios absolutos d'este typo, umas vezes o sujeito está antes do predicado, como aqui, outras depois, como na fab. xxv, 12.—*L.* 30) milhor he a proveza que a rriqueza. Ideia christã, que tambem se encontra em Villon, poeta francês do sec. xv: *Bienheureux est qui rien n'y a*[2].—*L.* 31. seja. Vid. Syntaxe.

Fab. xiii.—*L.* 5) rogaua = rogava-a—*L.* 13) e que lhe queria dar sseus filhos. Depende de *braadar*.

Fab. xiv.—*L.* 11) freo. É ainda hoje expressão corrente *não ter freio na lingoa,* pois suppõe muita gente que o freio ou *trave* da lingoa impede a falla. Cfr. Chervin, *Trad. pop. relatives à la parole,* Paris s. d.

Fab. xv.—*L.* 5 e 11) Branco e nobre concordam com *coruo;* em uelhaco, e astrosa aue, *velhaco* é substantivo (senão seria *velhaca,* a concordar com ave).—*L.* 17–18) Não conheço na tradição precisamente este proverbio, mas conheço outros analogos: Boca de mel | coração de fel[3]; Mel nos beiços, fel no coração[4]. O proprio autor do Fabulario exprime conceito analogo em ix, 20–22.

---

[1] *De conjuratione Catilinae,* cap. ix.
[2] Apud. G. Paris, *François Villon,* Paris 1901, p. 182.
[3] Rolland, *Adagios,* Lisboa 1780, p. 160.
[4] Bento Pereira, *Prosodia,* Evora 1723, p. 228.

FAB. XVI.—*L.* 6) fez [a] muitos mal. Accrescentei *a*, que escapou ao escriba do ms.; cfr. *fazemdo-lhe muyto mall*, XXI, 6, e *que lhe nom fezesse mall*, XXV, 4, onde a *fazer mall* se segue naturalmente complemento indirecto.—*L.* 7) tempo fuy. Esperar-se-hia *tempo foy*. Aqui *fuy*, se não ha êrro por *foy*, é talvez archaismo (vid. Morphologia), e não attracção do sujeito da oração seguinte.

FAB. XVII.—Com o sentido d'esta fabula cfr. o rifão: «Amor de asno || entre a coices e a bocados», em B. Pereira, *Adagios* (onde *bocado* está no sentido de «mordedura», accepção que falta no *Dicc.* do Caturra e noutros). *L.* 14–15) Entendo que o complemento directo de *emssina* é a oração de *que*, e que *aaquelles* é complemento indirecto.—*L.* 15) e trabalham-se = e comtudo trabalham-se.

FAB. XVIII.—*L.* 1) [p]om este doutor emxemplo. Tambem num fabulario medieval italiano se lê *pone l'autore che*[1]. *L.* 8–9) nom me dá nada = não me importa. O autor emprega aqui *dar* por já ter dito antes *dar dez uezes na mynha calua;* o segundo *dar*, empregado em sentido um tanto differente do primeiro, estabelece certo contraste, que ameniza o estylo.—Hoje o mais usual é dizer-se «não se me dá», mas diz-se ainda, por ex. «que mais dá?» (= que mais importa?). Ás avessas o povo diz «não se me importa», com *se*, por «não me importa».—*L.* 10) farás de tua proll. Vid. Syntaxe.

FAB. XIX.—*L.* 6) *todo* «tudo» (archaismo).—*L.* 12) asseentados. Como se refere á raposa e á cegonha, que são palavras femininas, esperar-se-hia *assentadas;* mas o autor emprega o masculino de modo geral. A mesma expressão se repete na *L.* 3.

FAB. XX.—*L.* 7) como «quando».—*L.* 13–14) ca (a alma) he fecta aa ssimildom de Deus. Cfr. *Genesis*, I, 26: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram.*—*L.* 15) fica o corpo terra. Exprime-se a mesma ideia por outras palavras na *L.* 7–8: *o corpo sse torna no elamento da terra;*

---

[1] Brush, *The Isopo Laurenziano*, Columbus (Ohio) 1899, p. 52. Já em latim: *alicui praemium ponere* «propôr»; cfr. tambem *proponere exemplum, proponere exemplar.*

e cfr. *L.* 18: (*as eruas e as aruores*) . . *tornam-sse em terra.*—*L.* 15–18) Acêrca da *alma rracionauyl que rreigna no homem* e da *alma vegetatiua que rreigna nas eruas e nas aruores,* cfr. o que diz D. Duarte no *Leal Conselheiro,* cap. VI: «sam Gregorio declara que participamos d'estas tres almas,—vegetativa, que perteece aas plantas, sensitiva aas bestas, e racional aos anjos»[1].—*L.* 16) da alma vegetatiua. Complemento de respeito.—*L.* 18) tanto . . quanto. Correlativos entre si.

Fab. XXI.—*L.* 10–12) aquelles que em alto querem ssobir . . muytas vezes caem em terra. Este pensamento é muito antigo e espalhado. Em Horacio lê-se:

. . Celsae graviore casu
Decidunt turres[2].

Nos fins da idade-media, Macias o Namorado, diz:

Cando o louco cree mais alto
Sobir, prende mayor salto[3].

Ha tambem estes adagios: *A grande salto, gram quebranto*[4]; *Quem de mais alto nada, mais de pressa se afoga*[5]. E mesmo uma cantiga popular que ouvi no Baixo-Douro é assim concebida:

Eu hei de assobir ao alto,
Ao alto hei d'assobir:
Quem ao mais alto assobe,
Ao mais baixo vem cair.

Fab. XXIII.—No dialogo são um tanto fastidiosas as enumerações, postoque o autor as dispusesse em antithese.—*L.* 6) bebo com taças. Ha aqui hyperbole, pois a mosca não bebe *com taças,* como uma pessoa, mas *em taças.*—*L.* 27–28) nehũa persoa nom dá a mym molesta. Deverá emendar-se *molesta* em *molestia;* o sentido vem a ser: «nenhuma pessoa me causa incommodo (ao passo que a ti todos te incommodam)». Cfr. em hespanhol: *molestia* «enfado».

---

1 Pag. 49.
2 *Carmina,* II, x, 10–11.
3 H. Lang, *Cancioneiro gallego-castelhano,* I (1902), 7.—Cfr. Rennert, *Macias o Namorado, a Galician trobador,* Philadelphia 1900, p. 36.
4 D. Carolina Michaëlis, *Tausend port. Sprichwörter,* n.º 172.
5 *Prosodia,* de Bento Pereira (Adagios).

Fab. xxiv.—*L.* 2) que lhe deuia muytos dinheiros depende de *acusou*. Hoje dizemos mais vulgarmente *de que*.—*L.* 3) jnocente do que ho lobo a acusava = «innocente d'aquillo de que o lobo a accusava». Syntaxe condensada. Cfr. o meu opusculo *O texto dos Lusiadas*, Porto 1890, p. 46.—*L.* 11-12) Ha ás vezes desleixo de estylo, como aqui: *aqueles que ssom . . e aquell que he*. Esperar-se-hia o mesmo numero (singular ou plural) nas duas frases.

Fab. xxv.—*L.* 9) fazias comtrayro. A mesma expressão se lê em xxxvi, 2: *fazia comtrayro do que lhe sseu padre emssynaua*. A palavra *contrayro* tem quasi a funcção de adverbio.—*L.* 14) o seruiço que sse faz de uoomtade, aquelle he bem fecto. Redundancia do pronome *aquelle*. De analogo uso em latim trata Madvig, *Gram. latina* (trad. port.), § 489-*a*.

Fab. xxvi.—*L.* 4) pera se matar com ell. Vid. Vocabulario.

Fab. xxvii.—Esta fabula vem tambem contada em Manoel Bernardes, *Nova Floresta*, como já se disse no Vocabulario s. v. «vurmo». Bernardes colheu-a em Mayolo, *Dias caniculares*, t. v, dialogo i, fl. 791; a fonte é Aulo Gellio, *Noctes Atticae*, V, xiv, que diz tê-la extrahido da Hist. de Apion Plistonices, *Aegyptiacorum* lib. v. O heroe em Bernardes é *Androdo*, na litteratura classica é *Androclus* (houve substituição graphica de *cl* por *d*).

Fab. xxviii.—*L.* 8) sabe por certo = tem como certo (*por certo* é nome predicativo).—*L.* 9) tocar teu pulso, i. é, «tomar-te o pulso». Em latim: *venam tangere* e *venarum pulsum attingere*.

Fab. xxix.—*L.* 3) andaua louçāo, i. é, «caminhava (ia) loução.—*L.* 14) nom quero em ty luxar os meus couçes. Expressão analoga se lê em xi, 8.—*L.* 29) uãas glorias. No *Leal Conselheiro* ha tres capitulos sobre a vangloria (capp. xii a xiv), onde D. Duarte cita os *Estatutos* de S. João Cassiano e as *Collações* dos SS. Padres. Cfr. p. 84: «a Nosso Senhor despraz . . a vãa gloria, que muyto claramente nos mostra taaes abatymentos nas cousas de que nos queremos gloriar e gabar, que bem poderemos conhecer como elle quer de todos nossos bẽes a el seerem dados louvores».

Fab. xxxi.—Deve entender-se que o *gaviam* que figura nesta fabula é a femea, pois na l. 10 se lhe chama *madre*. Como se sabe, o nome *gaviam* (hoje *gavião*) é epiceno.—*L*. 8) choraua de coraçom. Cfr. em provençal: *s'eu chan de boca, de cor plor*,—apud *Zs. f. roman. Philologie*, xxix, 339, n.º 3.

Fab. xxxii.—*L*. 6) Prazer-m'-ia de me rrazoar. Creio que *me* é dativo ethico, e não complemento directo, que é *cousas* na phrase seguinte.

Fab. xxxiv.—*L*. 12–26. Nas palavras senhor, alcayde, terra, temos referencias ás instituições sociaes da idade-media. Vid. Vocabulario.—*L*. 29) tanto é complemento directo de *dizer*.—*L*. 43) Ssalamam diz: *ffemina nula bona*, etc. Salomão era muito lido por este tempo, como o mostra, por ex., o *Leal Conselheiro*, onde elle é citado varias vezes. Todavia aqui a phrase latina não lhe pertence, embora Salomão condemne as mulheres: *Liber proverb.*, v, 5–8. Esta frase constitue um verso dactylico hexametro:

Femina nulla bona, quia ter mutatur in hora

da fórmula –⏑⏑ –⏑⏑ –⏑⏑ –– –⏑⏑ ⏑–; só devemos acceitar que o *ă* de *bona*, por estar na cesura, foi contado como *ā*. O verso, de mais a mais, é leonino, pois *bona* rima com *hora* (assonancia); os versos leoninos, como se sabe, tinham muita voga na idade-media. A ideia expressa no 2.º hemistichio está contida naquillo de Vergilio, *Eneida*, iv, 569–570: *varium et mutabile semper femina*; a mesma ideia se encontra em adagios portugueses, hespanhoes e franceses:

Molher, vento e ventura
Asinha se muda... [1].

Mujer, viento y ventura
Pronto se mudan... [2].

Femme est un cochet à vent
Qui se change et mue souvent [3].

Com o primeiro hemistichio do verso latino da nossa fabula cfr. o que diz D. Duarte no *Leal Conselheiro*, p. 252, fallando das

---

1 *Adagios Portugueses* de Delicado, Lisboa 1651, p. 138.

2 *Refranes* de H. Nuñez, Madrid 1619, fl. 73 *v*.

3 Proverbio francês em um ms. do sec. xiii, apud Roux de Lincy, *Proverbes français*, ii, 490.

mulheres: «Se disserem *poucas som as boas*, eu digo que, etc.». O fabulista não fez pois mais do que traduzir ideias correntes. Comtudo não sei qual é a proveniencia immediata do verso. — *L.* 45) A molher he vaso de demonio. Frase analoga se lê na *Vida de Maria Egipcia*: «ca nom posso eu aver gloria pellas minhas obras que fige en quanto foy[1] *vaso do diaboo*»[2]; e no texto latino da vida da mesma santa: *fui diabolo vas electionis*[3]. — *L.* 46) com outros gramdes sabedores, i. é «e outros grandes sabedores». Tambem em obras francesas da idade-media se diz que a mulher enganou Salomão e outros sabios: vid. P. Meyer in *Romania*, xv, 316 e nota 2. — *L.* 47) A molher he hũu armuzello do demonio. Quanto á fórma, cfr. *Ecclesiastes*, ix, 12: *sicut pisces* capiuntur hamo, .. *sicut capiuntur homines in tempore malo*. Sobre *armuzello* vid. o Vocabulario. Nas Fabulas de Maria de França lê-se:

.. dit hum en repruvier
que femmes sevent engignier:
les veziëes nunverables
unt un art plus que li diables[4].

O editor das Fabulas annota, a p. 362, que tambem no *Roman de Renart*, ed. de Méon, v. 7116, se diz da mulher: *Plus de deables a un art*. É vulgar encontrar nos livros de proverbios muitas diatribes contra as mulheres: cfr. Roux de Lincy, *Proverbes français*, t. i, p. lvii, onde dá amostras tiradas dos *Contredicts de Songecreux*. De modo geral, a litteratura misogynica, ou anti-feministica, tinha grande voga na idade-media. Na *Romania*, vi, 499, dá o Sr. P. Meyer uma lista de varias diatribes. Cfr. *Zs. für roman. Philol.*, ix, 296; e xxviii, 552 (*Proverbia quae dicuntur super natura feminarum*). Assim como se dizia mal das mulheres, tambem se fazia a apologia d'ellas: «Dire du bien, et surtout dire du mal, a été pour le moyen âge, comme pour l'antiquité, un des lieux communs de la littérature», — P. Meyer in *Romania*, vi, 499. Cfr. do mesmo A.: a introducção aos *Contes moralisés de N. Bozon*, Paris 1889, p. xxxii; e um artigo na *Romania*, xv, 315 sqq., onde cita

---

1 «Fui»
2 Cornu, *Anciens Textes*, p. 16.
3 *Acta sanctorum*, April. i, ed. de Antuerpia, 1675, p. 79.
4 Vv. 53-56. Ed. de K. Warnke, Halle 1898, p. 152.

La bonté des femmes, poema contido em um ms. do sec. xv.— Estas discordias litterarias continuaram pelos tempos adeante. Vid. J. F. de Vasconcellos, *Eufrosina,* ed. de 1616, fl. 43 *v* (a favor) e 94 (contra); no segundo passo chama-se ás mulheres *armas do Diabo* e invoca-se *Salomão.* Ainda na litteratura portuguesa de cordel do sec. xviii se encontram folhetos intitulados *Malicia dos homens contra a bondade das mulheres, Bondade das mulheres contra a malicia dos homens,*—etc.—*L.* 49) passa de sabedor, i. é, «é mais que sabedor», «tem grande capacidade». Cfr. no *Dicc. da ling. port.* de Moraes, s. v. «passar»: *passa de doido, passa de experto,* i. é, «é doido de mais», «excessivamente doido», etc.

Fab. xxxv.—*L.* 2) Tayda. A fórma *Tayda* corresponde ao accusativo grego Θαΐδα, nominativo Θαΐς. Em português tambem se tem usado *Thais:* cfr. *Historia das vidas de Santa Maria Egypciaca, S. Thais* e *Santa Theodora,* por Diogo Vaz Carrilho, Lisboa 1737. Thais foi uma cortesã atheniense que, em virtude do seu arrependimento, a Igreja depois santificou.—*L.* 21) amarga. Aqui é verbo.—Na expressão a todo sseu proueyto a preposição *a* tem o valor de «para» ou «em».

Fab. xxxvi.—*L.* 3) *Castigar.* Vid. Vocabulario.—*L.* 4) sem porquê. Vid. Vocabulario.—*L.* 7) *ssem seu mereçer.* Vid. Syntaxe, § 41-c.—*L.* 5) firio. Vid. Vocabulario.—*L.* 9–10) Quem quer castigar o leom ffere o cam: tem aspecto de adagio, tanto mais que no ms. alterna *leom* com *leam;* se aqui estivesse *leam,* a sentença seria rimada.—*L.* 10) *fferidas.* Vid. Vocabulario.—*L.* 13) maneira. Vid. Vocabulario.—*L.* 15) que: depende do *diz* da linha 12.

Fab. xxxviii.—*L.* 5) leuauam a peor. Aqui *a peor* não se refere á ovelha. *Levar a peor* significa «tirar o peor resultado»; o contrario hoje é *levar a melhor* «avantajar-se».—*L.* 21–22) aas ouelhas que .. os lobos .. faziam d'elas maao pesar = ás ouelhas, das quaes os lobos faziam mao pesar. Anacoluthia. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 250-b.—A respeito de *fazer mao pesar,* vid. Vocabulario, s. v. «pesar».

Fab. xxxix.—*L.* 14–15) Para sujeito de dando subentende-se «este», referido a *imijguo,* que está na phrase anterior; lhe refere-se aos *imijguos* da l. 14. Depois de *jmijguo*, na l. 15, podia estar ponto e virgula, em vez de simples virgula.

Fab. xl—*L.* 19) o dya = durante o dia. Na l. 21, porém, está *de dia*. Não me parece que na l. 19 *o dia* esteja por *ó dia* (= ao dia), de acordo com *aa noute*, l. 20, pois sería natural que o ms. tivesse *ao dia*. É vulgar no texto exprimir-se o tempo sem preposição.—*L.* 25-26) este vesso que diz: *ne ssyt alterius*. Ha aqui allusão a um verso das Fabulas do *Anonymus Neveleti:*

Alterius non sit, qui suus esse potest[1]

o qual em um dos manuscritos começa: *Non sit alterius*[2]. Cfr. a ultima parte d'este verso de Phedro:

Regnare nolo, liber ut *non sim mihi*[3].

Fab. xli.—*L.* 25) A expressão *e diz*, a que já me refiro na nota 1 que juntei á fabula, é estereotypada; d'aqui o engano do autor.—*L.* 30) hũu amyguo ssenpre lhe compre = a hũu amyguo ssenpre compre. Anacoluthia. Cfr. a nota á fab. xxxviii, l. 21–22.

Fab. xlii.—*L.* 14) A palavra que transcrevi por jhore não é bem clara no ms. O amanuense escreveu primeiramente parece que *chope* ou *chore*, com o *p* ou *r* junto do *e;* depois emendou o *c* em *j*. Em todo o caso essa palavra é certamente *jorre*, fórma popular de *rroje* (vid. *jorro* em Moraes, *Dicc.*, s. v.); cfr. l. 4–5.—*L.* 18) sseer auaros ao nosso proximo, i. é, para o nosso proximo, para com o nosso proximo. O autor, na moralidade, emprega ora *avaro* (*auaro*), ora *auarento*, para variar o estylo.—*L.* 19) A sigla · s · significa *scilicet*.—*L.* 20) serue aos jdolos. A expressão *servir os idolos* é da Biblia, por ex. em S. Paulo *Ad Corinthios*, I, v. Tambem no *Leal Conselheiro*, cap. xlvi, p. 260, se lê: «aquesto fez a rey Sallamon .. adorar os ydolos .. porque .. foy feito servo de quem nom devera»; e no cap. vxxx, p. 202: «servidõoe dos ydolos».

Fab. xliii.—*L.* 14) depoys que o homem morrer. Emprêgo do futuro do conjunctivo com *depois que;* hoje diriamos *depois de o homem morrer* (infinitivo). Cfr. no *Cancioneiro gallego-*

---

[1] Hervieux, *Les fabulistes latins*, ii, 2.ª ed., p. 327.
[2] Em Förster, *Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. 108.
[3] *Fabulae*, III, vii, 27.

castelhano de H. Lang, I (1902), vv. 438 e 458, *des que eu morrer,* segundo a correcção da Sr.ª D. Carolina Michaëlis[1].—*L.* 17) por o de Deus, não significa «por o mosteyro de Deus» (ellipse), mas, como me indíca o meu amigo e mestre o Sr. Epiphanio Dias, «por amor de Deus». O mesmo illustre professor apresenta-me os tres textos seguintes e illustrações latinas, em apoio d'esta explicação: *pollo meu,* em Azurara, *Chronica da Guiné,* cap. 85, expressão correspondente á latina *meā causā* «em attenção a mim»; *polo seu,* no *Cancioneiro* de Resende, III, p. 617 («.. aconselhado || foy elrrey, qu'era forçado || *polo seu* de me matar», onde *de me matar* é sujeito grammatical de *era forçado* = era forçoso); *polo meu,* em D. Denis, ed. de Lang, v. 53, pag. 14 («e, senhor, nom vos venh'esto dizer || *polo meu,* mais porqu'a vós está mal», passo com o qual se póde comparar este de Cornelio Nepote, *Epam.,* cap. IV: istud quidem faciam, neque *tua causa, sed mea*). Aos textos citados juntarei da minha parte mais dois, que encontrei ulteriormente: «e meus desejos me fazem || contente morrer *por vosso*», no *Cancioneiro* de Resende, 1.ª ed., fl. XLIV-*v,* col. 5, vv. 5-6; e «pero me desamparades, || *por vosso* morrei[2] agora», no *Cancioneiro gallego-castelhano* de Lang, I, Nova-York 1902, vv. 15-16, p. 3, onde deve pois corrigir-se, no Glossario, p. 267, a definição «as your lover» em «por amor de vós».

FAB. XLIV.—*L.* 3) que = de modo que. Cfr. LXI, 40.—*L.* 15) Arguu = Arguo, lat. *Argus,* guardador da vaca Io, o qual tinha cem olhos, como diz Ovidio, *Metamorph.,* I, 625:

Centum luminibus cinctum caput Argus habebat.

Na fabula de Phedro, II, VIII, correspondente á nossa, não se menciona *Argus,* diz-se simplesmente:

Sed ille, qui oculos centum habet, si venerit...

onde *centum* está por «muitos», segundo o estylo latino, mas com visivel allusão a Argo. Esta allusão torna-se realidade nas Fabulas de Gualterius Anglicus, com as quaes as nossas mais directamente se relacionam; ahi se diz, LVIII: *si uenerit Argus*[3].—*L.* 29-30) ę o sseu seruidor nom o vyo = ao passo que o seu servidor não o viu.

---

[1] Na *Zeitschrift für Roman. Philologie,* XXVIII, 225.

[2] = morrerei (fórma arc. do futuro).

[3] Hervieux, *Les fabulistes latins,* II (2.ª ed.), 346.

FAB. XLV.—*L.* 37) Com o versiculo latino cfr. o Evangelho de S. Matheus, x, 26, *Nihil est .. opertum, quod non revelabitur, et occultum quod non scietur,* e o de S. Lucas, VIII, 17, *Non est enim occultum, quod non manifestetur,* etc. As sentenças d'este teor eram muito vulgares na litteratura. Tambem no *Leal Conselheiro,* cap. LXXXIII, p. 403, se lê, em fórma de adagio rimado: «Não ha cousa ascondida || que nom seja descoberta e sabida», sentença que concorda singularmente com a que se lê nos versos do Arcipreste de Hita ou Fita (sec. XIV):

Et segund dis Jesu Christo, *non ai cosa escondida*
Que a cabo de tiempo *non sea bien sabida*[1].

FAB. XLVII.—Não foi sem hesitação que na linha 2 (cfr. nota 6) propus que *deus* se emendasse em *deus*[*es*], porque o manuscrito, no geral, não está muito incorrecto. Levou-me a propôr a emenda o facto de logo adeante se ler duas vezes *deoses,* embora com *o.* Todavia, apesar d'esse facto, e de já um grammatico do sec. XVI legislar que o plural de *deos* é *deoses*[2], seria possivel que a fórma *deus* do nosso Fabulario correspondesse á latina deos, e equivalesse pois realmente ao plural, tanto mais que *deoses,* com relação ao nomin. lat. *dei, dii, di,* ou ao accus. deos, é inteiramente irregular, e por tanto moderna, e que em hespanhol do sec. XIII ha o pl. *díos,* do lat. deos, que, como se vê, é igual ao sing. *díos* (hoje *diós*), do lat. deus[3].

---

[1] *Libro de cantares* ou de *buen amor,* est. 80-81 (*Collección de poetas castellanos anteriores al siglo* XV).

[2] João de Barros, *Gram. da ling. port.* (na *Compilação de varias obras,* ed. de Lisboa, 1785, p. 107).

[3] Cfr. Menéndez Pidal, *Manual de gram. histor. esp.,* Madrid 1905, p. 131 (§ 75-3).—A titulo de exemplo, citarei estes versos do *Libro de Alexandre* (da *Coll. de poetas castellanos anter. al siglo* XV):

Allá sobre los çielos a *los díos* enioauam (est. 252-b);
Alli fueron lamados *los díos* e las deessas (est. 313-a);
Eran enna carreta todos *los díos* pintados (est. 817-a).

D'este modo, *deus* no nosso Fabulario seria um archaismo, comparavel a outros que lá se encontrem, como *dey* «deu», *er* (particula) e *veençudo* «vencido» (archaismo, já se vê, em relação á epoca revelada pela lingoa geral usada no manuscrito).

Fab. xlviii.—*L.* 10) Depois a pouco tempo. Vid. Vocabulario, s. v. *pouco*.

Fab. l.—*L.* 7) fundo. Vid. Vocabulario.

Fab. li.—*L.* 3) d'ellas. Complemento partitivo. Isto é: apanhava algumas d'ellas.—*L.* 4) E esto quantas ell queria = e d'esta maneira tomava e comia quantas elle queria. Aqui esto corresponde, no sentido, ao latim *ita*.—*L.* 8) a fim = o intuito. Vid. Vocabulario.

Fab. lii.—*L.* 3) *do pam*. Vid. Syntaxe.—*L.* 4) por tall que. Vid. Vocabulario s. v. «tal».—*L.* 18) Ao peccado da *gargantoice* ou «gula» se refere tambem o *Leal Conselheiro*, cap. xxxii, posto que não haja semelhança na fórma entre esse capitulo e a fabula.

Fab. liii.—*L.* 15) Cfr. com esta sentença o *Ecclesiastico*, xix, 4: *Qui credit cito, levis corde est*, que D. Duarte no *Leal Conselheiro*, cap. xxxvii, 214, verteu assim em vernaculo: «quem de ligeiro cree, he de leve coraçom».

Fab. liv.—*L.* 4) ssegurarom-sse. Vid. Vocabulario.—*L.* 6) *ssom* = ha. Lat. *sunt*.—*L.* 8) O adagio tem fórma moderna mais generica: *cão que ladra, não morde*.

Fab. lv.—*L.* 1) cordeyro. Vid. Vocabulario.—*L.* 3) pouco estando. Vid. Vocabulario.

Fab. lvi.—*L.* 7) ferir. Vid. Vocabulario.

Fab. lvii.—*L.* 14) aquella por «aquillo» é um exemplo de attracção para *esperança*. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 189, obs.; Madvig, *Gram. lat.*, § 313.

Fab. lviii. (Esta fabula concorda com a lv) —*L.* 3) como tem valor temporal: «logo que», «depois que».

Fab. lix.—*L.* 11) confiar d'aquelles = ter confiança a respeito d'aquelles = contar com aquelles. Tambem em lat. confīdĕre *de aliqua re*.—*L.* 4) lhe deu .. termo a que lh'o pagasse = marcou prazo ao pagamento. O mesmo uso syntactico da preposição *a* se encontra, por ex., nestas phrases do sec. xv:

«se obrigauam per scprituras pubricas a lh'os darem *a çerto tempo*»; «se lhe nom pagassem *a çerto tempo*»[1].—*L.* 14) ssegundo Deus. Vid. Vocabulario, s. v. «Deus».

FAB. LXI.—*L.* 8) de furto (não *do furto*): em sentido indefinido = de furtos.—*L.* 16) *rrogando.* Vid. Vocabulario.—*L.* 20) mesteres. Vid. Vocabulario.—*L.* 30) ho outro dia, do combate = no outro dia, que era o do combate.—*L.* 30–59. Temos nesta narração exemplo de um *duello judiciario, combate singular, desafio, prova por lide,* ou como se lhe quiser chamar. Constituia um dos *juizos de Deus,* a que tão vulgarmente se recorria na idade-media para se decidir da veracidade ou falsidade de um facto; da existencia dos *juizos de Deus* na Peninsula, e especialmente em Portugal, falla A. Herculano, *Hist. de Portugal,* IV (1853), 371–379 (sobre os combates singulares, vid. p. 373 sqq.). O nosso caso apresenta muitas das circunstancias que se notavam nas *lides:* o accusador luta com um campeão do accusado; o combate é á espada; assistem magistrados, aqui representados pelo rei e seus barões. Tambem no romance francês (ms. do sec. XIV) de *Joufroy* um dos combatentes quebra um braço ao outro: cfr. Langlois, *La soc. fr. au* XIIIe *siècle,* p. 31. Sobre combates judiciarios em outros textos franceses medievaes cfr. *Modern lang. notes,* XX, 46; e G. Paris, *Le roman du comte de Toulouse,* Paris 1900, p. 23, nota.—*L.* 35) Ho uaqueyro cobria-sse. Defendia-se, esquivava-se.—*L.* 41) que. Conjuncção consecutiva. Cfr. XLIV, 3.—*L.* 68–70) Parafrase da conhecida sentença de Ennio, em Cicero, *De Amicitia,* XVII, 64: *amicus certus in re incerta cernitur.*—*L.* 70–71) sseu .. sseu. Na phrase a que pertence o primeiro *sseu* ha synese[2]; essa phrase corresponde a *os amigos ninguem os acha ssenom pera leuar-lhe o sseu,* e por isso *sseu* como que se refere a *ninguem.* O segundo *sseu* refere-se a *amyguos,* isto é, aos amigos interesseiros, ou *lobos rrabazes,* como se lhes chama na l. 72.

FAB. LXII.—*L.* 4) que = em que. Ellipse da preposição.

FAB. LXIII.—*L.* 17) per afagos que nos façam: isto é, «em troca de afagos que nos façam», e não «por muitos afagos

---

[1] Vid. *Archivo Historico Português,* II, 48 e 49.
[2] Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.,* § 250-c.

que nos façam», pois em tal caso devia entrar na phrase um adjectivo, como por ex: XLI, 28, «por muy poderoso e rrico que sseia»; XLVIII, 22, «por pequena que sseia»; LVII, 12–13, «por nhũa gram tribulaçom que o homem aja».

As frases latinas que se seguem ao texto das fabulas deve entender-se que foram acrescentadas pelo amanuense do sec. XV que o copiou.

1) O explicit é muito frequente, tanto nos mss. medievaes, como ainda nos primeiros tempos da imprensa; corresponde-lhe hoje «fim». Por ex: num ms. de fabulas do sec. XIII–XIV, da Bibliotheca de Paris, lê-se *Explicit esopus*[1]; noutro, do sec. XIII, da Bibliotheca de Wolfenbüttel, lê-se o mesmo[2]; num livro impresso em 1477 lê-se: *explicit presens vocabulorum materia*[3]. Sería desnecessario citar mais exemplos.

2) Liber Exopy. D'aqui se vê que o titulo da obra era O LIVRO DE ESOPO; por isso o poderia eu adoptar em vez de *Fabulario,* que até aqui adoptei. Ha tambem um ms. das fabulas do Anonymo de Nevelet (= Gualterius Anglicus) que começa assim: *incipit liber Ensopi*[4]. O titulo *Liber Esopi* era apposto frequentemente aos fabularios medievaes[5]. Ás vezes a palavra *Esopo* significava na idade-media «collecção de fabulas»; cfr. um *explicit* em Hervieux, *Fabulistes latins,* I, 577: «explicit liber fabularum qui dicitur *Esopus*»; e outro ibid. p. 578: *explicuit Esopus.*

3) Cum alegorijs. Aqui *alegorijs* = *allegoriis,* no nominativo *allegoriae,* significa «moralidades». Do fabulario italiano de Francesco del Tuppo diz Brush: «The author of the *Del Tuppo* Collection, not content with a mere translation of Walter's text, added thereto various moralizations entitled respectively: .. *Allegoria* or *Exclamatio allegorica* .. *Historialis Allegoria,* etc.»[6]. Conheço um livro italiano intitulado *Bertoldo con Bertoldino e Cacasenno in ottava rima con argomenti, allegorie,* Venezia 1739, onde as *allegorie* são tambem especies de moralizações postas no começo de cada canto. Cfr. o que digo mais adeante, p. 100.

---

1 Apud Förster, *Lyoner Yzopet,* Heilbronn 1882, p. IX.

2 Förster, loc. cit., p. X.

3 Apud Bouchot, *Le Livre,* Paris (1886), p. 46.

4 Apud Robert, *Fables inédites des* XIIe, XIIIe *et* XIVe *siècles,* vol. I, Paris 1825, p. xciij.

5 Hervieux, I, 567, etc.

6 Brush, *The Isopo Laurenziano,* Columbus (Ohio), 1899, p. 35.

4) Deo gratias. Fórmula corrente, e conservada até tarde, no final das obras. Cfr. Buchot, *Le Livre*, Paris (1886), p. 46.—Um dos mss. do Anonymo de Nevelet (= Gualterius Anglicus) termina tambem: *Explicit liber Esopi, deo gratias, amen*[1]. No final do *Isopo Riccardiano* ha uma fórmula analoga a esta[2].

5) A expressão:

FINITO LIBRO SSIT LAUX GLORIA CHRISTO

fórma um verso dactylico hexametro, que deve ser interpretado d'este modo:

Finito libro, sit laus [et] gloria Christo.

Elle era muito frequentemente posto pelos copistas medievaes no fim das suas copias[3]; encontra-se, por exemplo, num ms. do Anonymo de Nevelet que está na Bibliotheca Nacional de Paris, sec. XIV, e noutros do mesmo seculo[4]. Uma das redacções portuguesas da *Estoria do Tungulu* (sec. XIV) termina tambem com elle[5].

6) A expressão:

SCRIPTOR EST TALIS DEMOSTRAT[6] LITRA QUALIS

fórma outro verso hexametro (leonino):

Scriptor est talis demo[n]strat lit[t]era qualis.

Encontram-se não raro nos livros da idade-media fórmulas finaes, analogas a esta: por exemplo, na citada redacção da *Estoria de Tungulu*, o hexametro (leonino):

Qui scripsit scribat, [et] semper cum Domino vivat[7].

Alguns copistas costumavam indicar o proprio nome, o que este porém infelizmente não fez.

---

[1] Vid. Hervieux, *Fabulistes*, I, 508; outros exs. a pp. 510 e 538.

[2] Ghivizzani, *Il volgarizzamento delle favole di Galfredo*, Parte II, Bologne 1866, p. 155.

[3] Cfr. Hervieux, *Fabulistes*, I, 504, 581 e 589.

[4] Cfr. Hervieux, *Fabulistes*, I, 504, 505 e 509.

[5] Vid. *Rev. Lusitana*, III, 120 (artigo de Esteves Pereira).

[6] = DEMŌSTRAT.

[7] Vid. *Rev. Lusitana*, III, 120.

*

Como se disse no logar respectivo (*Rev. Lusitana,* VIII, 99), as nossas fabulas deviam ser adornadas de estampas allegoricas; só porém se fizeram duas, ficando em branco o espaço para as outras. Tambem nisto o manuscrito está de acordo com outros medievaes de fabulas, ornamentados de illuminuras e desenhos[1],—costume que tem durado até hoje.

---

[1] Cfr. Hervieux, *Fabulistes lat.,* I, 510 (sec. XV); I, 528 (sec. XV). E W. Förster, *Der Lyoner Yzopet,* Heilbronn 1882, p. 1.

Em este poeta em .x.º e diz que hũa bibera entrou em casa de hũu fferreyro pa comer algũa cousa e nõ achou em ella senõ hũa lima.

Daceyro

E a bibera começou hũa vez com os dentes e nom lhe podia empeecer E a lima ffalou aa bibera e dizia Oo bibera quamto vees em my todo he nada tu dapnas os teus dentes e a my nom empeeces

Eu som de tamto poder que do ffeyro faço poo assy como se fosse farinha e nõ ha ffeyro no mundo assy forte que ho eu nom ffaça ffazer poo e tu lhaz primeo po eu te conssellho que te nõ tomes comigo porque quanto me tu mays vees eu mays esfarnecerey de ty. tu cuydas ffazer mall a mỹ e fazello a ty

Ensyna este em .x.º este poeta voz e amostra e diz que o homem forte deue sseer mesurado e o homem debille e fraco nõ deue contrastar com o poderoso por que pode dello auer vergonça e dapno

H

Do guaardado seendo sse abastage. Et tenya.
sse dos carnes ho pastor cuydando que o dizia
por fazer bem lançou dessy todolos canes . ho
lobo emtraua ao fato seguro e no tenya na
da . huũ dia o pastor sse partio e leixou o guaardado
na guaarda do lobo . e o lobo chamou outros
lobos e matarõ o guaardado e comerom seu gado que
ssom e partirom sse // Quando o pastor tor
nou e achou tamanho mall foy muy triste

Contanos ho poeta esta hultima estoria e
diz que pera fazermos quenos façam no deuemos
leixar as cousas que nos ssom compridoyras
e de nosso proueyto e no deuemos tomar nem bus
car aquelas cousas pellas quaaes podemos
aver dapno ou uergonça assi dia diz que os
astragoes que sse fazem malicyosamente
empeecem mais que peçonha

Explicit liber esopy cũ alegoriis Deo gracias
Finito libro sit laus et gloria Xpo. Scriptor est talis
demostrat litera qualis.

ESTUDO LITTERARIO

SUMMARIO

Elementos para o conhecimento das fontes das nossas fabulas: *Romulus vulgaris; Anonymo* de Nevelet (= Gualterius Anglicus ou Walter inglês), sec. XII, e sua importancia; acordo d-*O Livro de Esopo,* no numero e assunto das fabulas, com o Fabulario de Walter; differenças avulsas que apresenta *O Livro de Esopo*: conclusão.— Quadro genealogico dos fabularios medievaes.— Caracter do *Livro de Esopo*.— Monumento unico na nossa litteratura antiga.— Obra desconhecida dos que se tem occupado da historia das litteraturas romanicas.

No prologo do nosso Fabulario, ou O LIVRO DE ESOPO, lê-se: *Exopo . . fez este liuro em greguo, e depois foy trelladado de greguo em latino de hũu ssabedor chamado Rromulo.* Se tal indicação fosse exacta, não haveria nada mais facil do que determinar as fontes do Fabulario: elle proviria de Esopo, por intermedio da traducção latina de Romulo. Mas isso não se passou com tanta simplicidade, como vamos ver.

Effectivamente ha uma collecção latino-medieval de fabulas em prosa, cujo autor diz, de acordo com o citado texto do Fabulario: *Esopus quidam homo gręcus et ingeniosus famulos suos docet quid homines observare debeant .. Id ego Romulus transtuli de gręco in latinum.* A esta collecção de fabulas chama Hervieux, na sua preciosa e monumental obra *Les Fabulistes Latins,* vol. I, p. 330, e vol. II, p. 195, Romulus vulgaris ou ordinarius, e reprodu-la na mesma obra, vol. II, p. 195 sqq., d'onde extrahi o trecho transcrito[1]. O *Romulus vulgaris* provém, com outras collecções, de um texto em prosa, hoje perdido, que o precitado autor intitula Romulus primitivus, texto que, por intermedio de uma antiga collecção denominada Aesopus ad Rufum, deriva das Fabulas de Phedro[2].

---

[1] A respeito da obra de Hervieux, vid. a importante noticia que deu d'ella Gaston Paris no *Journal des savants,* 1884, 1895 e 1899. Cfr. tambem *Romania,* XV, 629-631.—Esta obra consta até o presente, que eu saiba, de 5 volumes. Quando citar os vols. I e II, entenda-se que cito sempre a 2.ª edição.

[2] Hervieux, *ob. cit*, I, 666.

Comparando as fabulas portuguesas com as do *Romulus vulgaris,* nota-se que dos quatro livros de que consta a collecção latina os tres primeiros contém muitas das nossas fabulas, mas que as fabulas 45.ª, 61.ª, 62.ª e 63.ª da collecção portuguesa não tem correspondentes na collecção latina, e que pelo contrário as fabulas 8.ª e 20.ª do livro III d'esta collecção, e todo o livro IV, não tem correspondentes na nossa,—o que tudo resulta da seguinte tabella:

Romulus vulgaris		O Livro de Esopo
I	1–12	1–12
	13–16	14–17
	18–19	47–48
II	1	49–50[1]
	2–7	51–56
	8	13
	9–12	57–60
	13–21	18–26
III	1–7	27–33
	8	—
	9–19	34–44
	20	—
IV		—

Logo, o prologo da collecção portuguesa não diz rigorosamente a verdade, embora haja certa concordancia entre as duas collecções, quer nas fabulas em si, quer nos grupos. Isto porém tem a sua explicação, como vamos ver.

Dos tres primeiros livros da collecção de Romulo fez-se no sec. XII, na Inglaterra, uma paraphrase, tambem latina, em disticos, cujo autor, conhecido geralmente pelo *Anonymus Vetus Neveleti,* parece ser um certo Walter (*Gualterius Anglicus*)[2]. Estas fa-

[1] A fabula dos Athenienses que elegem um rei e a das rãs que pedem um senhor a Juppiter são tratadas como uma só na collecção de Romulo.

[2] Hervieux, *ob. cit.*, I, 475–499.— A denominação de *Anonymus Vetus Neveleti,* ou simplesmente *Anonymus Neveleti,* provém de Isaac Nevelet, natural de Basileia, que incluiu esta collecção de fabulas na sua *Mythologia Aesopica,* publicada em Francfort em 1610.

bulas são em numero de 62 ou de 63, conforme se contarem como uma ou como duas as dos Athenienses e das rãs[1]; outros philologos contam só 60, porque duas d'ellas, n.os 61 e 62, não apparecem em todos os manuscritos. Para o meu estudo sirvo-me da edição feita por Hervieux (obra citada, vol. II, p. 316 sqq.) segundo o cod. n.º 14:381 da Bibliotheca Nacional de Paris[2], o qual contém o numero maximo, isto é, 63 fabulas. As fabulas gualterianas coincidem com as de Romulo, excepto duas, n.os 59 e 60, que não vem no *Romulus vulgaris,* e que o poeta colheu noutras fontes: o n.º 59, conto dos grous de Ibyco, que promana da *Disciplina Clericalis* do judeu hespanhol Pedro Affonso (sec. XII); e o n.º 60, duello do cavalleiro com o camponio, cuja fonte se desconhece[3].

O fabulario de Walter gozou de grande acceitação nos fins da idade-media e começos do renascimento[4]: d'elle restam mais de cem manuscritos em muitas bibliothecas da Europa,—França, Allemanha, Inglaterra, Austria, Belgica, Hespanha, Hollanda, Italia e Suiça[5]; d'elle se fizeram muitas edições, desde o sec. XV[6]; d'elle, finalmente, ha numerosas traducções, imitações ou paraphrases, em prosa e verso, em varios idiomas, umas já impressas, outras ainda ineditas[7]. O texto foi tambem muitas vezes glosado e commentado[8]. Entre as traducções contam-se: o *Ysopet I* de Paris ou *Ysopet-Avionnet,* publicado em Paris em 1825 por A. Robert[9];

---

1 Vid. supra, p. 90, nota 1.

2 Cfr. Hervieux, I, 511–514 e II, 316.

3 Vid. sobre este assunto: Hervieux, I, 496, II, 347; Gaston Paris, *La littérature française au moyen âge,* 3.ª ed., § 80; *Grundriss der roman. Philologie,* II–1, p. 409.—Sobre o conto dos grous de Ibyco em especial, vid. *Mélusine,* IX (indice); *Zs. des Vereins für Volkskunde,* VI, 115; cfr. tambem Bédier, *Les Fabliaux,* 2.ª ed., p. 152. A designação de *grous de Ibyco* provém de que a respectiva aventura se attribuia na antiguidade a Ibyco, poeta grego do sec. VI a. C.; e tornou-se proverbial. Diz o nosso Bento Pereira (sec. XVII), *Thesouro da lingoa portugueza,* 2.ª parte, p. 226 (append. á *Prosodia,* ed. de 1723): «*Juizo de Deus:* Ibyci grues».

4 Cfr. Hervieux, I, 475.

5 Vid. Hervieux, I, 503–602.—Depois de impresso o livro de Hervieux, descobriu-se mais um ms. (fragmentario) na bibliotheca de Reims: vid. *Modern language notes,* 1904, p. 198–199 (artigo de P. J. Frein).

6 Vid. Hervieux, I, 602–635.

7 Vid. Hervieux, I, 635–668.

8 Vid. Hervieux, I, 503–606.—Adeante voltarei ao assunto.

9 Vid. as suas *Fables inédites des* XIIe, XIIIe *et* XIVe *siècles,* 2 vols.; cfr. vol. II, p. 585–587.

o *Yzopet* de Lião, publicado em 1882 por W. Förster[1]; o *Libro de Ysopete ystoriado,* em hespanhol, Çaragoça 1489[2]; e varias italianas[3].

Pela comparação que estabeleci d-*O Livro de Esopo* com o fabulario de Walter, adquiri a convicção de que existe absoluta conformidade entre as duas collecções, tanto no numero das fabulas, como nos assuntos. Isso se mostra na tabella que se segue:

	Anonymus Neveleti ou *Gualterius Anglicus*	*Fabulario Português* ou *O Livro de Esopo*	
	Prologo	Prologo	
	1–17	1–17	
i. é: 18–31	18–20	46–48	i. é: 46–60 (59)
	21	49	
	21–A	50 (= 49–A)[4]	
	22–31	51–60 (= 50–59)	
	32–59	18–45	
	60–62	61–63 (= 60–62)	

Excluindo os prologos, temos pois quatro grupos de fabulas em cada uma das collecções; chamando A (1–17), B (18–31), C (32–59) e D (60–62) aos grupos da collecção latina, e A′ (1–17), B′ (18–45), C′ (46–60 = 46–59) e D′ (61–63 = 60–62) aos da collecção portuguesa, verificamos que existe apenas differença na ordem das fabulas de dois grupos: a B com quinze fabulas (porque ha duas com o n.º 21) corresponde C′ com igual numero d'ellas. É vulgar nos fabularios medievaes encontrar-se alteração na ordem das fabulas, o que tem varias causas[5].

---

1 *Lyoner Yzopet,* Heilbronn 1882.—A p. 96 sqq. publica Förster tambem um texto critico do *Anonymus Neveleti* ou Walter.

2 Sobre o *Isopo* castelhano vid. Morel-Fatio in *Romania,* XXIII (1894), 561 sqq.

3 Sobre as collecções medievaes das fabulas italianas em geral, vid. Gaetano Ghivizzani, *Il vogarizzamento delle favole di Galfredo dette di Esopo,* parte I e II, Bologna 1866 (onde se reproduz um ms., do sec. XIV, da Bibliotheca Riccardiana de Florença, ou *Isopo Riccardiano*); e Peabody Brush, *The Isopo Laurenziano,* Columbus (Ohio) 1899, p. 1 e sqq.—As fabulas italianas tem varias origens: Walter, Marie de France, o *Libro delle Virtù,* etc.

4 Á fabula das rãs que pedem um senhor a Juppiter dei o n.º 50.º; podia ter-lhe dado o n.º 49.º–A, de harmonia com o n.º 21–A de Walter.

5 Cfr. K. Warnke, *Die Fabeln der Marie de France,* Halle 1898, p. XII–XIII.

A essa concordancia absoluta da collecção portuguesa com a latina, no numero e nos assuntos das fabulas, juntam-se outras. A comparação que no prologo d-*O Livro de Esopo* se faz d'este com um pomar ajardinado, e com os frutos de casca dura, encontra-se tambem em Walter, e é-lhe especial, pois não vem no Romulo ordinario: *Ortulus iste parit fructum cum flore; nucleum celat arida testa*[1] *bonum*. Na fab. XLIV lê-se *Arguu*, a que corresponde em Walter, fab. 58, *Argus;* esta palavra tambem não vem no Romulo vulgar (I, XIX), e é especial a Walter.

Mas, apesar de tamanhas coincidencias, é *O Livro de Esopo* traducção pura e simples do Fabulario gualteriano?

Da comparação que estabeleci, uma a uma, das fabulas portuguesas com as latinas, apurei o seguinte.

De modo geral, póde dizer-se que as nossas fabulas estão para com as de Walter na relação, ora de parafrase, ora de simplificação, ora de imitação, e raramente na de versão litteral. Á concisão, por vezes sêca e quasi enigmatica, do original corresponde o nosso texto aqui e alem com mais claro e amplo desenvolvimento. Por ex., a fab. 9.ª de Walter, que é apenas narrativa, é n-*O Livro de Esopo* artisticamente dialogada. Tambem succede que no português apparece mudada de quando em quando a ordem das ideias do fabulario latino, como na fab. XVI. Os trocadilhos e ambiguidades do poeta inglês estão por vezes vertidos com elegancia na compilação portuguesa; aquelle tem na fab. 30.ª:

Non ero securus, dum sit tibi tanta securis[2];

neste, fab. LIX, diz-se: «ja com tiguo nom viueria ssegura». Pelo contrário um verso, como este de Walter, fab. 59.ª,

Regis concilium consiliumque sedet,

reprodu-lo fielmente o texto português, fab. XLV: [o rei] «ouue conselho com sseus comsselheyros».—Os epimythios ou moralidades

---

[1] Aqui arida testa está no sentido de «casca», o que se deduz da ordem das ideias expressas antes. O *Ysopet* I de Paris assim o entendeu (Robert, *Fables inédites*, II, 448): *Sus saiche cruse est bonne noiz*, onde *saiche cruse* quer dizer «casca sêca». E tambem o *Yzopet* de Lião (Förster, *Der Lyoner Yzopet*, p. 1): .. *con la cruise qu'est soiche* ‖ *Lo bon noeillon danz soi quoiche*, «como a casca que está sêca esconde em si o bom grão». E o *Ysopo hystoriado* hespanhol (Sevilha 1533, fol. XVI-*r*): «como la *cáscara seca* cubre muchas vezes el meollo».

[2] *securis* aqui «machadinha».

são quasi sempre mais desenvolvidos no nosso fabulario, pois elles contém frases latinas, adagios portugueses, conceitos moraes, e mesmo trechos que no texto latino faziam parte da fabula propriamente dita.—Alterações semelhantes se encontram noutros fabularios medievaes, como no que serviu de modelo a Marie de France[1], nos italianos[2], e no *Yzopet* de Lião[3].

Passemos agora a algumas minudencias.

O prologo compõe-se, como vimos, de duas partes: uma, com a biographia de Esopo, extrahida do *Liber de vita et moribus philosophorum* de Burley ou Burleigh; outra, com o plano do livro, analoga ao prologo de Walter.

Na fab. I diz o gallo á pedra preciosa: *eu sseria mays ledo sse achasse hũa pouca de hisca pera comer.* Walter tem: *plus amo cara minus,* isto é «prefiro cousas menos caras». No *Yzopet* de Lião os vv. 49-50,

> Muez[4] ainz[5] grains de fromant ou d'orge,
> Quar miez[6] me font ourir[7] la gorge...

correspondem melhor ao texto português. Mas Phedro, *Fabul.,* III, XII, tem: *ego . . potior cui multo est cibus.*

Na fab. III a expressão *e o rrato rrespondeo . . que lh'o agradeçia muyto* falta em Walter. No *Yzopet* de Lião corresponde-lhe: *E de ce formant li mercie,* v. 148.

Na fab. IV o carneiro vende a lã e morre de frio, pelo que depois o cão e as testemunhas o devoram. Em Walter faltam as duas ultimas circunstancias, pois se diz que a ovelha, *ovis,* vende o seu vestuario e fica exposta á acção do tempo. O *Isopo Riccardiano* procede como Walter; mas ha outros dois *volgarizzamenti* italianos em que succede como n-*O Livro de Esopo:* «la pecora . . si fa proprio morire, e per giunta mangiare»[8].

Na fab. V o cão, depois de furtar a carne, passa uma ponte. A circunstancia da ponte falta em Walter e em Phedro (nas fabulas de ambos o cão vai nadando), mas encontra-se na collecção intitu-

---

1 K. Warnke, *Die Quellen der Esope der Marie de France,* Halle 1900, p. 4.
2 Peabody Brush, *The Isopo Laurenziano,* Columbo (Ohio) 1899, p. 75.
3 W. Förster, *Lyoner Yzopet,* Heilbronn 1882, p. IV.
4 Lat. melius.
5 Lat. amo.
6 Lat. melius.
7 = fr. *ouvrir.*
8 Codd. Laurenziano, Mocenigo e Farsetti: vid. Ghivizzani, parte I, p. CXV.

lada *Romuli Anglici cunctis exortae fabulae* por Hervieux, *Fabulistes*, t. II, p. 567: *canis per pontem transivit.* A mesma circunstancia apparece no *Isopo Riccardiano:* «andava una volta uno cane con uno pezzo di carne in bocca sopra uno ponte»[1], e nas Fabulas de Marie de France:

passot uns chiens desur un pont[2].

Na fab. x o villão acha a serpente ao pé de um ribeiro, circunstancia que não está bem expressa em Walter. No *Isopo Riccardiano,* pelo contrario, lê-se: «uno serpente aghiacciato nella via infra l'acqua»[3]. Walter diz que o homem levou a serpente para casa. O nosso texto, como o de Phedro, IV, XVIII, e o citado cod. Riccardiano, dizem que a recolheu no seio. Romulo, I, X, diz que o homem *sub latera sua habuit.*

Na fab. XII o cozinheiro bate no rato, o que não acontece no texto de Walter, nem noutros derivados seus que consultei (*Isopet I* de Paris, *Izopet* de Lião, *Isopo Riccardiano, Ysopo hystoriado* hespanhol).

Na fab. XVIII o calvo está ao sol. Em Walter, n.º 32, bem como em alguns dos seus derivados que consultei (*Ysopet I, Lyoner Yzopet, Riccardiano, Ysopo hystoriado*), e no *Esopus moralizatus* (commentario em prosa)[4], não apparece a circunstancia do sol. Esta porém nota-se num fabulario português do começo do sec. XVII, a que mais adeante tornarei a referir-me,—*Fabulas* de Manoel Mendes, da Vidigueira, n.º 54: «repousava á soalheira hum Velho calvo, com a cabeça descoberta, e huma mosca naõ fazia senaõ picar-lhe na calva».

Na fab. XIX a raposa põe de comer á cegonha em um *vaxelo muy largo,* como em Phedro, I, XXVI, *in patina.* A menção da vasilha falta em Walter, fab. 33.ª Alem d'isso, em Walter, a raposa bebe; no nosso texto, lambe.

Na fab. XXI, são muitos pavões que, como em Romulo, II, XVI, e Phedro, I, III, despem das pennas falsas o corvo. Em Walter, n.º 35,

---

1 Ghivizzani, *Favole di Galfredo,* parte II, Bologna 1866, p. 12.

2 *Die Fabeln der Marie de France,* ed. de Warnke, Halle 1898, p. 21.— O mesmo A., no seu livro *Die Quellen der Esope der Marie de France,* Halle 1900, p. 10, cita outros textos (fabularios, etc.), onde tambem se diz que o cão passa uma ponte.

3 Ghivizzani, parte II, p. 28.

4 A respeito d'este *Esopus* vid. adeante, p. 99.

é um só pavão quem faz isso; o mesmo succede no fragmento de um fabulario provençal publicado na *Romania,* III; vid. p. 292, nota. Neste ponto *O Livro de Esopo* está mais proximo de Phedro-Romulo do que de Walter. Alem d'esta differença entre o nosso texto e o de Walter, nota-se que o lat. *graculus* foi traduzido por *corvo,* o que tambem se observa no mencionado fragmento provençal e noutros fabularios medievaes: vid. *Romania,* loc. cit.

Na fab. XXIV o lobo accusa de divida a raposa perante o bogio. Em Walter, n.º 38, como noutros fabularios (*Isopet I, Izopet* de Lião), a raposa é accusada de furto.

Na fab. XXV a dòninha promette ao homem, em troco de este lhe conceder a vida, guardar de ratos a casa no futuro. Em Walter, fab. 39.ª, a dòninha diz ao homem que lhe guardou de ratos a casa, e pede-lhe, em compensação, que a poupe. No latim a resposta do homem contrapõe-se ao pedido, pois é: guardaste-me a casa de ratos, mas foi no teu interesse, pois os comias, e tambem comias o que era meu. No português a resposta é como se o pedido fosse formulado (do mesmo modo que no latim) quanto ao passado, e não quanto ao futuro.

Na fab. XXVI o boi pisa a rã, e esta assanha-se para se bater com elle, dialogando depois com a filha. Em Walter, como em Phedro, I, XXIV, a rã tenta bater-se com o boi por inveja, e o dialogo é com um filho. Mas em Horacio, *Satirae* II, III, 313, um bezerro pisa os filhos da rã:

Absentis ranae pullis vituli pede pressis

Na fab. XXVII ha uma abreviatura, *S^ors.*, que interpretei por «senadores», aventando porém, em nota, que tambem alguem poderia entender «senhores». Curioso é notar que no *Yzopet* de Lião, v. 2186, se diz: *Li senatour et li proudome.* No *Isopo Riccardiano:* «lo signore di Roma»[1].

Na fab. XXVIII ha um dialogo preliminar entre o cavallo e o leão, em que aquelle diz que é muito doente. Este dialogo falta em Walter.

Na fab. XXXII o lobo furta um bode e come-o num silvado; a raposa diz ao pastor que o lobo lhe havia furtado o bode. Em Walter, fab. 46.ª, não se menciona expressamente «bode», só *praeda* e *cibus,* e o lobo está num antro.

---

[1] Ghivizzani, parte II, p. 102.

Na fab. XXXIV a viuva chora a morte do marido em uma ermida onde elle fôra sepultado. Em Walter, fab. 48.ª, falta a menção da ermida, e pelo contrário o A. dá a entender que a sepultura era ao ar livre, pois que diz que, entre outras circunstancias, a saraiva não podia afastar de lá a mulher: *nequit hac de sede reuelli grandine*. No mais os dois textos são semelhantes; só na compilação portuguesa se adaptaram os termos latinos aos usos nacionaes, traduzindo-se *eques* por «alcaide», e *rex* por «senhor».

Na fab. XLVIII é curiosa a coincidencia que se nota entre a frase *ca este villãao quer fazer d'aqueste linho rredes e laços pera nos tomar* e esta do exemplo 6.º do *Libro de Patronio* de D. Juan Manuel (sec. XIV): *podrian facer redes et lazos para tomar las aves;* no mais a fabula e o exemplo não concordam.

Na fab. LX entra um *cabram,* ao passo que em Walter, fab. 31.ª, entra uma *ovis*. No português falla-se de um *moyo de trijguo,* o que corresponde ao *modium tritici* do Romulo vulgar, II, 12. Em Walter a tal expressão corresponde *vas tritici*.

D'esta breve discussão, vê-se que o nosso texto mantem com o latino, a par de concordancias flagrantes, tambem algumas differenças ponderaveis. Notarei ainda outras particularidades d-*O Livro de Esopo,* quanto á fórma.

Cada fabula começa ahi invariavelmente por uma d'estas expressões, com pequenas variantes: [c]*onta-se que,* [f]*oy hũa vez,* [p]*om este doutor* (*poeta, etc.*) *enxemplo e diz,* [e]*m este enxemplo o poeta diz,* [c]*onta este poeta enxemplo,* [d]*iz que foy,* [e]*m aquesta estoria*. Os epimythios ou moralidades começam tambem por fórmulas estereotypadas, como: *per aquesta hestoria, em aquesta estoria, per este enxemplo, pom este poeta este enxemplo, diz este poeta per este enxemplo, conta-nos o poeta,* e semelhantes. Em Walter não acontece isto, porque ahi as fabulas são apresentadas como lições dadas pelo proprio autor dos versos latinos. Já no commentario á fabula XVIII, p. 75, me referi ao *pom;* aqui accrescentarei que as demais formulas são vulgares noutros textos. Em fabulas italianas lêem-se as seguintes, particularmente semelhantes ás nossas: iniciaes das fabulas, *chonta l'assemplo, chonta l'Isopo, dice che, pone l'autore, una volta;* iniciaes dos epimythios, *dimostra l'autore sotto questa favola, per questo assempro,* e outras[1]. Nas fabulas de Marie de France: *ci dit, c'est essamples, par ceste fable*[2].

[1] Peabody Brush, *The Isopo Laurenziano* já cit., passim.
[2] *Die Fabeln* já cit., *passim*.

Em fabulas hespanholas: *esta fabula nos enseña, esta fabula muestra, prueva esta fabula, aqui se recuenta una fabula*[1]. Em Phedro lê-se tambem: *Aesopus nobis hoc exemplum prodidit*, I, III; *testatur haec fabella*, I, V; *Aesopus* .. *narrare incipit*, I, VI; *quondam*, I, VI, XXIV, XXVIII; *dicitur*, I, XXVI; *exemplum egregium*, II, I; *praecepto* III, VIII; *olim*, III, XVII; *hoc argumento*, IV, VIII. Foi evidentemente Phedro que serviu aqui de primeiro modelo parao formulario.

Como notei, quando tratei do estylo das fabulas, p. 65, estas encerram algumas vezes adagios, com os quaes, pela sua fórma breve e incisiva, o compilador pretende incutir melhor no animo dos leitores o sentido moral das narrações que lhes faz. Ora ha uma obra hespanhola do sec. XIV, que já acima citei, o *Libro de Patronio*, ou *Conde de Lucanor*, de D. Juan Manuel[2], onde os exemplos contidos na 1.ª parte terminam tambem com um proverbio ou sentença (em verso); todavia não ha mais nenhuma relação do nosso fabulario com esse *Libro*, como nenhuma ha com o *Libro de los gatos* (sec. XIV)[3], ou com o *Isopete hystoriado* (1.ª ed., 1489), posto que este provenha do *Romulus ordinarius*, por intermedio do *Aesop* latino de Steinhöwel[4].

---

1 *Libro del sabio y clarissimo fabulador Ysopo, historiado y annotado*, 1533 (Sevilha), passim. Ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa.— Da fonte d'esta obra fallo infra, nesta mesma pagina.

2 A actividade litteraria de D. Juan Manuel exerceu-se de 1320 a 1335; vid. G. Baist in *Grundriss der roman. Philologie*, t. II-2, p. 418. As fontes do *Livro de Lucanor* são varias (orientaes, etc.). — Esta obra foi publicada diversas vezes. Tenho presentes as edd. de Gayangos, *Escritores en prosa anteriores al siglo* XV, e de Krapf, Vigo 1902.

3 O *Libro de los gatos* (ed. de Gayangos, *Escritores en prosa anteriores al siglo* XV) é traduzido de Odo de Cheriton (sec. XIII): vid. P. Meyer in *Romania*, XIV, 393, nota 5. Sobre Odo de Cheriton vid.: P. Meyer, *Les Contes moralisés de N. Bozon*, Paris 1889 (Soc. des Anc. Textes), p. XII-XIII; B. Herlet, *Beitr. zur Geschichte der äsopischen Fabel im Mittelatler*, Bamberg 1892, p. 5 sqq. (resumo das fontes: p. 44). As Fabulas e Parabolas de Odo de Cheriton foram publicadas por Hervieux, *Les Fabulistes*, t. IV, 1896, que as acompanha de um estudo litterario, e falla do *Libro de los gatos* a p. 106 sqq.

4 Vid. Hervieux, I, 421, e Morel Fatio, *Romania*, XXIII, 561 sqq.— No nosso Fabulario não encontro vestigios linguisticos de que alguma obra hespanhola influisse nelle; *branchete* (vid. Vocabulario), com quanto eu não conheça esta palavra noutro texto português, e se encontre, por ex., no Arcipreste de Fita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, Tolosa 1901, estr. 1401-1404, numa fabula correspondente á nossa, não é prova sufficiente, tanto mais que a nossa palavra tem *br-*. —O *Livro da vida e dos costumes dos philosophos*, que se cita no prologo do Fabulario, corresponde, como provei a p. 68-69, não á obra hespanhola do mesmo titulo, mas a uma latina, fonte d'esta.

A conclusão ultima a que chego é que *O Livro de Esopo,* com quanto effectivamente se relacione de modo íntimo com o Fabulario do *Anonymus* de Nevelet (Walter), não provém directamente d'este, mesmo com alterações, mas provém de algum texto em prosa, latino ou romanico, derivado do fabulario gualteriano.

Póde muito bem o nosso texto ser traducção modificada de um dos commentarios latinos medievaes que acompanhavam com frequencia os versos do Anonymo de Nevelet, e aos quaes me referi a cima, p. 91. Hervieux cita, por exemplo, manuscritos commentados existentes em bibliothecas de Paris, Marselha, Tréveros, Munich, Ferrara, dos secc. XV e XIV[1].

Da natureza d'estes e semelhantes commentarios, que eram destinados ás aulas, dará ideia o *Esopus moralisatus,* Antuerpia 1504, de que encontrei um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa[2]. Existem notaveis parallelismos entre esse *Esopus* e o nosso, quanto ao formulario. O *Esopus* começa de ordinario assim: *hic auctor ponit documentum, hic auctor ponit aliam fabulam cuius documentum est, hic ponit documentum, hic ponitur una hystoria;* como o leitor se lembrará, pois ha pouco lhe chamei a attenção para isso, *O Livro de Esopo* começa tambem frequentemente: *[p]om este poeta enxemplo.* A não ser, porém, nisto, e num ou noutro caso avulso, não vae mais longe a concordancia entre o texto latino e o português. Como caso avulso citarei a moralidade da nossa

---

[1] *Fabulistes,* I, 504-598.—Os mss. latinos do *Anonymus* que Hervieux, I, 583-585, cita como existentes em Hespanha são desprovidos de commentario (refiro-me aqui á Hespanha, porque, attentas as relações litterarias que em tempos antigos houve entre esse país e o nosso, podia o leitor pensar nelle); talvez porém existam outros manuscritos que escapassem a Hervieux.

[2] O titulo completo é: **Esopus mora- || lisatus cũ bono || cõmento Iterũ tertus de nouo emendatus cum || glosa interliniali. ||**. No frontispicio ha uma gravura que representa o interior de um edificio em que está Christo, de pé, vestido de tunica, nimbado, com o cabello caido para os lados, um globo crucifero na mão esquerda, e a direita erguida com os dedos dispostos em acto de abençoar. Tem ao todo 76 paginas não numeradas. No fim lê-se: **¶ Esopus fabulator preclarissimus cum suis mo= || ralisationibus ad nostri instructionẽ pulcherrime || appositis. Impressus Antwerpie per me Henricũ || eckert. Anno dñi. M. ccccc. iiij. In profesto sancte || Katherine virginis. ||**. Altura das paginas $0^{m},195$; largura $0^{m},148$. A uma breve introducção sobre Esopo, sobre Romulo e o *rex anglie Afferus* segue-se o prologo do Anonymo de Nevelet e as fabulas em numero de sessenta, sendo a ultima a do duello do soldado com o camponio. Os versos estão intermeados de glosas. A cada poesia succede o commento em prosa.

fabula xxxiv, onde se diz que o entendimento da mulher não é estavel, e que esta poucas vezes acaba (ou *acaba bem?*) cousa que comece; o *Esopus moralisatus,* tem aqui: *patet ergo quod mulieres raro aliquid bene terminant, eo quod ex natura sunt instabiles*[1]. Os epimythios do *Esopus* são quasi sempre introduzidos por adverbios: *allegorice, moraliter,* ou ambos; o uso de *allegorice* confirma a interpretação que a p. 86 dei da expressão *cum allegoriis,* isto é, «com moralidades», que se lê no final d-*O Livro de Esopo.*— Para amostra do methodo adoptado pelo commentador, reproduzo uma das suas diluições prosaicas dos versos do *Anonymus:*

36.ª—DE MULA ET MUSCA

Mula capit cursum; nam mulam mulio cogit.
Mule musca nocet verbere siue minis:
«Cur pede sopito currum te tempusque moraris?
»Te premo, te pungo, pessima, curre levis».
Mula refert: «Quia magis tonas, vis magna videri;
»Nec tua verba nocent, nec tua facta mihi,
»Nec te sustineo, sed eum quem sustinet axis,
»Qui mea frena tenet, qui mea terga ferit».

Audet in audacem timidus fortisque minatur
Debilis, audendi dum videt esse locum[2].

Commentario em prosa:

Hic ponit documentum, quod homines naturaliter timidi, videntes aliorum miseriam, nocendo sepe sunt peiores his quam (*sic*) qui ex natura sunt audaces. Quod declaratur nobis sic.

Quodam enim tempore mula trahens currum percutiebatur duris verberibus ab auriga eo quod veloci motu currum non trahebat, quod videns musca cepit morsibus torquere mulam dicens: «O mula, curre velociter, quia ego pungo te». Audiens hoc mula respondit: «O musca, quia vides me castigari, dicis mihi »obprobriosa verba et tamen nec verba nec facta tua nocent mihi, sed solum »auriga qui verberibus me premit».

¶ Concludit ergo quod homines timidi, quando vident alios diffortunatos pati miseriam, magis eis nocent quam potentes. Includitur enim quod timidi audent inuadere audaces dum viderint auxilium, alias non.

---

[1] Fol. 29.

[2] Sigo, já se vê, o texto do *Esopus moralisatus,* que differe, aqui e alem, dos que Hervieux e Förster (vid. supra, p. 92, nota 1) publicaram. Supprimo, porém, por ser inutil reproduzi-las, as glosas interliniares.

N-*O Livro de Esopo* corresponde a estes textos a fab. XXII.

Ao parallelismo que assinalei entre o *Esopo* português e o *Esopus moralisatus* corresponde outro, e talvez maior, entre aquelle e o *Isopo Riccardiano*. Com effeito ha fabulas no *Isopo Riccardiano* que começam d'este modo: *dicie il detto savio che*[1], *conta il savio che*[2]; os epimythios: *per questo essempro ci amoniscie il savio che*[3], *amaestraci qui il savio che*[4], *pone il nostro libro che*[5]. No nosso texto sabemos nós que são frequentes as expressões [*c*]*onta o doutor*, [*p*]*om este poeta, per este enxemplo nos amoesta, querendo-nos amaestrar*. Vejamos outros parallelismos, alem dos meros formularios iniciaes:

O LIVRO DE ESOPO	*ISOPO RICCARDIANO*
..assemelha este sseu ljuro a hũu orto no quall estam flores e fruytos..	..assomigliando questo suo libro a uno giardino nel quale sono molti belli fiori e frutti..
Prologo.	Ghivizzani, II, 1.

Abstrahindo dos adjectivos *molti belli*, devidos á imaginação italiana, a concordancia dos dois textos é completa. Ambos elles distam do texto latino do Anonymo: *Ortulus iste parit fructum cum flore*. E tambem não distam menos do *Esopus moralisatus*, que diz: *in isto libello est flos cum fructu*.

O LIVRO DE ESOPO	*ISOPO RICCARDIANO*
[C]onta-sse que hũa vez hũu asno encontrou com hũu porco montês, e ssaudamdo-o disse com boo coraçom: —Deus te ssalue, senhor porco.. E o porco rreçebeo as doçes palauras por emjuria, e ameaçando com a cabeça, disse: —.. Se não fosse porque nom quero luxar o meu fremoso dente..	Conta il savio che andando uno asino per la selva trovò uno porco salvatico e salutollo e disse: —Fratello, Dio ti salvi.. Lo porco minacciando, disse: —Se non fosse ch'io non voglio lerciare li miei denti..
Fab. XI.	Ghivizzani, pp. 30-31 (tambem fab. 11.ª).

---

[1] Ghivizzani, II, 17.
[2] *Idem*, II, 20.
[3] *Idem*, II, 21.
[4] *Idem*, II, 24.
[5] *Idem*, II, 31.

Quão longe os dois textos estão do do Anonymo, se verá da transcrição d'este:

Audet asellus aprum risu temptare proteruo,
Audet inhers forti dicere: Frater, aue!
Vibrat aper pro uoce caput..
. . . .
Sus tamen ista mouet: Vilem dens nobilis escam
Spernit..

Hervieux II (fab. 11.ª)

O *Esopus moralisatus* está a igual distancia.

Curiosissimo do mesmo modo é notar que, se na fabula do pastor e do lobo, que fecha a nossa collecção, se diz *comta-nos ho poeta esta hultima estoria,* frase semelhante se lê na correspondente fabula do *Isopo Riccardiano,* tambem ahi a derradeira: *per questo ultimo essempro ci amoniscie il savio.*

Mas, assim como entre o nosso *Esopo* e o *Esopus moralisatus* as semelhanças se limitam ás formulas e a casos avulsos, assim a relação que existe entre aquelle e o *Riccardiano* não são maiores do que isso.

Por um lado, estas analogias d-*O Livro de Esopo* com o *Isopo Riccardiano* e o *Esopus moralisatus,* e por outro lado as divergencias que ha entre aquelle e o texto gualteriano, fazem de facto crer que, como acima aventei, houve uma dissolução latina, em prosa, dos versos do *Anonymus* de Nevelet, d'onde provém directamente as nossas fabulas, —dissolução que o compilador português, ainda assim, modificou mais ou menos, pois enriqueceu de adagios nacionaes e de reflexões moralisticas os epimythios[1]. Este compilador, que infelizmente não revelou o seu nome[2], sería ecclesiastico, a julgar de alguns dos epimythios, especialmente dos das fabulas XXXIV e XLV, tão cheios de uncção religiosa. A referida dissolução prosaica devia conter os factos que a pp. 94 e 97 citei como proprios do nosso Esopo, e não existentes em Walter. Fica implicitamente esta-

---

[1] É sabido que os traductores medievaes não costumavam ser fieis: ora ampliavam, ora resumiam, ora supprimiam.

[2] Os escritores medievaes occultavam muitas vezes o nome por modestia christã. Contentavam-se com trabalhar para o que elles suppunham ser o bem commum, e, em vez de gloria, só queriam a satisfação d'esse impulso da consciencia. Por tal motivo eram ás vezes as obras de uns postas a saque por outros; e ninguem se suppunha plagiario ou plagiado.

belecida a probabilidade de que o *Isopo Riccardiano,* e por ventura outros fabularios medievaes, assentarão do mesmo modo em redacções ou dissoluções prosaicas dos versos do poeta inglês, e não immediatamente nestes; taes redacções eram, como sabemos, muito numerosas, e deviam andar com frequencia nas mãos dos escolares. Ainda que a minha hypothese, não obstante explicar o accôrdo de certas particularidades d-*O Livro de Esopo* com as dos fabularios medievaes, e o desaccordo d'elle, nesse ponto, com o texto gualteriano, venha a ser rejeitada pelos philologos, e substituida pela de que o compilador português, em logar de utilizar um texto em prosa, traduziu livremente o poeta inglês, não se poderá negar que ao menos teve presente ao acto da traducção outros fabularios.

Reportando-nos outra vez, e por fim, ao prologo das nossas fabulas, do qual fiz proceder este estudo, verificamos que o compilador, quando affirmava que ellas provinham de Esopo, seguia uma tradição litteraria muito em voga na idade-media, embora, enunciada assim em absoluto, fosse inexacta. Digo *assim em absoluto,* porque, se muitas fabulas ascendem de facto a Esopo, por intermedio de Walter, Romulo e Phedro[1], outras tem diversa origem, e mesmo as que ascendem, modificaram-se na longa viagem.

*

Para que o leitor possa num relance ver a relação em que estão entre si os fabularios que mais tenho citado até aqui, apresento-lhe o seguinte quadro genealogico:

---

[1] Lê-se neste poeta, liv. I, prologo:

Aesopus auctor quam materiam reperit,
Hanc ego polivi versibus senariis.

Derivados de Phedro....

- 1. *Fabulae antiquae* (desfiguramento em prosa, verso a verso, de Phedro), ms. de Leiden, dos secc. x–xi, publicado por Nilant em 1709; vid. Hervieux, i, 242–266, e ii, 131.
- 2. *Aesopus ad Rufum* representado por....
  - *a*) ms. (sec. x, em prosa) de Weissenburg, hoje em Wolfenbüttel; vid. Hervieux, i, 268 sqq., e ii, 157.
  - *b*) *Romulus primitivus*, prosa, hoje perdido (Hervieux, i, 306); d'elle resta...
    - *A*) *Romulus ordinarius* ou *vulgaris* (Hervieux, i, 330, e ii, 195)...........
      - edições........
        - de Steinhöwel, em Ulm (sec. xv), base de todas as edd. posteriores. D'ahi provém as traducções e edd. hespanholas (*Isopete historiado*, 1.ª ed. 1489).
      - derivados latinos
        - prosa: *Romulus* de Beauvais; *R.* de Munich; etc.,—em latim.
        - verso: *Anonymo* de Nevelet, ou Walter, em latim (sec. xii). Com tradd. e derivados: *Ysopet* i de Paris, *Yzopet* de Lião (sec. xiii–xiv); varios fabularios italianos (*Per uno da Siena, Riccardiano, Accio Zuccho, Apologhi Verseggiati, Tuppo;* vid. sobre isto Brush, *The Isopo Laurenziano*, p. 31–34); O Livro de Esopo, em português.
        - verso: Alexander Neckam, em latim, sec. xii (Hervieux, i, 668), d'onde provém o *Ysopet* ii de Paris e o *Ysopet de Chartres* (vid. G. Paris, *Litt. Fr.*, 3.ª ed., § 80).
    - *B*) *Romulus* de Vienna.
    - *C*) *Romulus* de Florença.
    - *D*) *Romulus* de Nilant. D'aqui provém, em parte, as Fabulas de Marie de France (sec. xii), e d'estas provém muitos fabularios italianos (*Isopo Laurenziano* i e ii, *Palatino* i e ii, *Rigoli*; vid. Brush, *The Isopo Laurenziano*, p. 46).
    - Etc.)

*

O Livro de Esopo destinava-se evidentemente á edificação moral dos leitores, como o provam a 2.ª parte do prologo e os epimythios, ás vezes muito desenvolvidos. De fabulas de origem pagã, —tão vária e tão remota—, pretendia tirar-se ensinamento christão para a vida usual.

Não foi esta a unica vez que obras antigas se adaptaram a intuitos novos,—obras pertencentes de mais a mais a civilizações que a propria Igreja combatia. Sem sair da nossa propria litteratura, lembrarei o *Orto do Esposo,* manuscrito alcobacence do sec. XIV[1], onde ha contos que correspondem a contos indianos. Particularmente notavel a este respeito é a lenda de Barlaam e Joasaph, tambem relacionada com o Oriente, e de que temos em português uma redacção do mesmo seculo com o titulo de *Vida do honrrado iffante Josaphat*[2]. A *Historia do cavalleiro Tungullo* e o *Conto de Amaro,* ambos igualmente do sec. XIV[3], desenvolvem themas que na origem são extranhos ás crenças do christianismo. Assim como as superstições pagãs se transformavam de modo insensivel em práticas piedosas, tambem as lendas experimentavam incessantes metamorphoses.

Afasta-se, porém, *O Livro de Esopo* das obras religiosas que mencionei agora, e de muitas mais que poderia mencionar, sobretudo vidas de santos, meditações, traducções biblicas[4], porque, se é certo que em alguns epimythios ha ideias mysticas, as fabulas propriamente ditas mantém a sua independencia artistica, e formam como que um oasis em meio da aridez e insipidez da litteratura do tempo, absorventemente devota.

---

1 Isto é, originario da Livraria do Real Mosteiro de Alcobaça. Está contido no cod. n.º 266, que existe hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa.—Deu extractos d'elle Th. Braga nos *Contos tradicionaes do povo port.*, II (1883), 38 sqq.; cfr. as notas de p. 132 sqq. O Sr. J. Cornu, professor da Universidade de Praga fez uma copia do ms., e o Sr. F. M. Esteves Pereira, a quem a *Revista Lusitana* deve já a publicação de importantes textos portugueses antigos, está fazendo outra.

2 Vid. supra, p. 66.

3 Vid. supra, p. 66.

4 Vid.: Th. Braga, *Curso de hist. da litterat. port.* (1885), p. 112-116; D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Geschichte der portug. Litterat.* (no *Grundriss der rom. Philol.*, II-2, p. 212).

*

O Fabulario vem preencher uma lacuna na nossa litteratura dos secc. XIV–XV, e fazer que Portugal se relacione neste sentido com as litteraturas medievaes, visto que ellas possuiam *Isopetes,* e na portuguesa não se sabia da existencia de nenhum. De *Esopo,* isto é, *Esope,* tiraram os franceses o deminutivo *Ysopet* (*Isopet, Esopet*), que umas vezes significa o nome do fabulista, outras uma collecção de fabulas. Fallando do *Ysopet I* e do *Ysopet-Avionnet*[1], diz Robert: «J'ai conservé à ces fables le nom d'*Ysopet,* où l'on retrouve celui du père de l'apologue, et que l'on donnoit, dans ces anciens temps, à toutes les collections de fables traduites en françois, parce que l'on en regardoit tous les sujets comme fournis par le Phrygien: c'est ainsi que Marie de France avoit nommé *le Dit* ou le *Livre d'Ysopet,* le recueil qui contenoit les siennes»[2]. Tambem G. Tardif, traductor das *Facecias* de Pogge (sec. XIV–XV), diz a proposito da facecia 79.ª (*o gallo e a raposa*): «En la facétie ensuyvante, aulcuns ont attribué à Ysopet et avecques la translation des fables de Ysopet l'ont mise»[3]. Da França passou a palavra *Isopet* para a Peninsula Iberica, onde tomou a fórma *Isopete* ou *Ysopete* em hespanhol, e *Isopete* em português. Em 1489 publicou-se em Çaragoça o *Isopete historiado;* e em 1496 em Burgos o *Libro del ysopo famoso,* cujo *explicit* sôa assim: «libro del *ysopete* ystoriado»[4]. Pelo que toca ao português, lê-se em João de Barros, *Ropica Pnefma:* «leyxarás Luciano, Homero, *Isopete.* Quando eu cuido em tanta fabula..»[5], onde *Isopete* significa o nome do fabulador; em Camões, no começo da *Comedia del rey Seleuco,* lê-se tambem: «porém diz o Autor que usou nesta obra da maneira de *Isopete*». D'aqui se vê que eu podia dar ao nosso Fabulario o nome de ISOPETE PORTUGUÊS, no que ia de acordo com usos medievaes; mas não ousei isso, por tal expressão não constar claramente do texto.

---

1 *Avionnet* é deminuitivo correspondente a *Avianus,* nome de um fabulista romano do sec. IV ou V, tambem muito lido na idade-média. Formou-se como *Ysopet.*

2 Vid. *Fables inédites des* XIIe, XIIIe *et* XIVe *siècles,* vol. I, p. *clxiv,* nota.

3 Apud Robert, *ob. cit.* na nota antecedente, vol. I, p. *lxxxiv.* Esta traducção de Tardif é posterior a 1483.

4 O povo castelhano tambem pronunciava *Guisopete:* vid. Morel-Fatio; in *Romania,* XXIII (1894), p. 563, n.º 2.

5 Pag. 289, da ed. do Visconde de Azevedo, Porto 1869.

A essas e analogas allusões ás fabulas esopicas, e a um ou outro apologo intercalado em obras de caracter geral, se limita o que a antiga litteratura portuguesa nos deixou sobre o assunto[1]. É preciso chegarmos ao comêço do sec. XVII para encontrarmos um fabulario completo[2]; d'ahi em deante ha mais, que todavia não importa agora ao meu assunto especificar.

---

[1] Com relação ao sec. XV, cita a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, na sua *Geschichte der portugiesischen Litteratur* (no *Grundriss der roman. Philol.*, II-b), p. 229, entre as obras que então se liam em Portugal, como provenientes da França, o *Isop* (não sei onde ella colheu esta noticia; talvez em algum passo de escritor antigo). Com relação ao sec. XVI, lê-se, por exemplo, em João de Barros (sec. XVI): «.. segues a ignorancia do cão do fabulador», *Ropica Pnefma*, ed. de 1869, p. 112; «o povo ch[r]istão foy como a gralha de Isopo fabulador, vestiu-se das penas de todalas fermosas aves: mas o pavam, vendo que o precedia em fermosura, ouvelhe enveja, e fez com as aves que cada hũa pedisse sua pena, por ficar em pior estado», *Ropica Pnefma*, p. 185-186; «outros, como Isopo, querendo chegar a cousas materiaes e fameliares a nós, composeram fabulas», *Dialogo com dous filhos*, ed. de 1869, p. 314. Foi a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que me chamou a attenção para estes tres passos.—A mesma illustre Senhora, na sua ed. das *Obras* de Sá de Miranda, Halle 1885, a proposito de uma fabula d'este, allude a Diogo Bernardes: *ob. cit.*, p. 772.—Cfr. tambem Jorge Ferreira, *Eufrosina*, ed. de 1786, p. 14.—Num raro opusculo, *Collecção de algumas fabulas em verso e prosa*, Coimbra 1823, que possuo por dádiva do meu erudito amigo o dr. Sousa Viterbo, transcrevem-se trechos de Sá de Miranda, etc.: vid. o que Sousa Viterbo escreveu sobre o assunto n-*A Tradição*, V, 130-132, onde reproduz alem d'isso um trecho de Fernão López (fabula da raposa e do corvo).—Da fabula da bilha de azeite, que vem em Gil Vicente, tratou o Dr. Vasconcellos Abreu no seu opusculo *Os contos, apologos e fabulas da India*, Lisboa 1902.—Nenhuma das fabulas referidas tem porém nada com *O Livro de Esopo*.—Vê-se do que fica dito que as fabulas esopicas eram muito apreciadas pelos nossos quinhentistas. Este aprêço manifestava-se mesmo fóra do ambito da litteratura, no da arte propriamente dita. Nas *misericordias*, ou pequenos apoios, do côro da igreja de Santa Cruz de Coimbra, o esculptor figurou «facecias anecdoticas, algumas tiradas das fabulas de Esopo»: vid. *Arte e Natureza em Portugal*, n.º 28; e cfr. o cit. artigo de Sousa Viterbo (n-*A Tradição*). O distincto artista o Sr. A. Gonçalves informou-me de que entre as anecdotas figuradas no côro de Santa Cruz está a fabula da raposa e da cegonha (os dois episodios) e a da raposa e das uvas. Incidentemente notarei que o gôsto de representar fabulas esopicas em obras de arte ascende já á antiguidade classica.

[2] *Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo*, por Manoel Mendes, da Vidigueira, Evora 1603. Cfr. *Dicc. Bibl.* de Innocencio da Silva, VI, 59.—Esta obra nada tem tambem com *O Livro de Esopo* (nem com o *Ysopete* hespanhol de 1489, reproduzido em edd. posteriores, como se disse a p. 98 e 106).—Espero publicar ulteriormente, o que não faço agora aqui em appendice, por falta de tempo, uma nota sobre o fabulario de Manoel Mendes.

*

Apesar de o nosso Fabulario constituir, como acabo de dizer, certa novidade na litteratura portuguesa dos secc. XIV–XV, parece que foi pouco divulgado, pois não me consta que haja allusões a elle em obras portuguesas contemporaneas ou posteriores, nem que exista outra cópia manuscrita, senão a de Vienna.

Quanto a esta, a primeira menção, que eu saiba, é estrangeira, e do sec. XIX: encontra-se no Catalogo da respectiva Bibliotheca, ou *Tabulae codicum manu scriptorum praeter Graecos et Orientales in Bibliotheca Palatina Vindobonensi asservatorum,* publicação feita pela *Academia Caesarea Vindobonensis,* vol. II, Vindobonnae («Vienna») 1868, p. 247. Essa menção é assim concebida: «3270 (Philol. 291) ch. XV, 46, 4.º AESOPUS, Fabulae in linguam Lusitanam versae. Incip.: *Segumdo diz o liuro* .. Expl.: *empeeçem mays que peçonha. Explicit liber Exopy cum alegorijs*»[1]. Foi por este Catalogo que tomei conhecimento do manuscrito, quando, em 1900, estive na Bibliotheca de Vienna.

Em 20 de Março de 1902 dei noticia d'elle ao público português, em sessão da segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa: vid. o respectivo *Boletim,* I (1903), 235. Depois d'isso tornei a referir-me a elle, em 1904, em um artigo inserido na *Revista Pedagogica,* I (n.º 25, de 22 de Maio), pp. 388–390.

Até á publicação que faço agora, o manuscrito jazeu enterrado, e, por assim dizer, esquecido na rica Bibliotheca de Vienna de Austria. Apesar da indicação já ministrada pelas *Tabulae* em 1868, ninguem, tanto quanto pude averiguar, o utilizou ou compulsou: nem F. Wolf, que era viennense, e foi funccionario da propria Bibliotheca, e a quem tamanho carinho mereceu a nossa litteratura[2]; nem Reinhardstoettner, que ahi copiou outro precioso monumento, a *Demanda do santo graall*[3]; nem O. Klob, que tirou nova copia do mesmo monumento[4]; nem Hervieux, que buscou por toda a parte, e lá mesmo, elementos para a sua obra[5]; nem finalmente Keidel, no seu recente artigo *Notes on Æsopic Fable Literature*

---

1 O *explicit* consta de mais alguma cousa, como se viu supra, p. 151.
2 Cfr. os meus *Ensaios Ethnographicos,* II, 297–300.
3 Começado a publicar em 1887 (Berlim); ainda não acabado.
4 Vid. *Rev. Lusitana,* VI, 332 sqq.
5 *Les fabulistes latins,* que tantas vezes tenho citado.

in Spain and Portugal during the Middle Ages[1]. Mas, como pondera o autor do *Espelho de Casados,* 2.ª ed., fl. VIII-*v*, traduzindo um texto biblico, tambem aproveitado n-*O Livro de Esopo,* fab. XLV: nam ha cousa tam secreta, que se nam descubra.

Ao concluir aqui o meu trabalho, não me despeço ainda d'elle, pois em occasião mais opportuna, que talvez não se demore muito, tenciono refundi-lo e publicá-lo de novo.

Lisboa, Bibliotheca Nacional, Março de 1906.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

[1] Na *Zeitschrift für roman. Philologie,* XXV (1901), 721-730. O que porém diz a respeito de Portugal é pouco mais de nada.

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

1) CRAVOS DE FERRADURAS

«Quando na quinta feira, depois da procissão de *Corpus Christi,* recolhia S. Jorge, seguido de todo o seu estado, para a antiga igreja dos Paulistas, onde tem moradia certa, ao chegar ao Largo de S. Paulo embargaram-lhe o passo alguns mestres ferradores, d'aquelle sitio, e num abrir e fechar de olhos desferraram o cavallo em que o santo ia montado, e tornaram a ferrá-lo de novo, deixando em seguida caminhar o prestito livremente.

Reparámos que guardavam religiosamente os cravos que haviam tirado das ferraduras, e perguntando o motivo d'aquelle acto, respondeu-nos uma velhinha com ares de versada em assuntos de antiguidade: — Ai, filho, aquillo é um santo costume, muito antigo! Deus o livre de ter algum dia sezões, mas se as tiver, não ha remedio melhor, nem mais pronto. Peça um cravo d'aquelles, ponha-o em brasa *ao lume,* depois deite-o em agua... em vinho é melhor... e foram-se de uma vez as sezões. É como se as deitasse a um poço».

(*O Transtagano*[1], n.º 12, de domingo 10 de Junho de 1860).

2) BENÇÃO DE MAÇÃS

«Na sexta feira ultima (dia 17), fez-se, segundo o costume annual, a festa religiosa a S. Mamede, na sua igreja parochial de Evora, que lhe é dedicada, e da qual é orago.

Na tarde do dia antecedente ao da mesma festa, se cantaram vesperas solemnes em honra do santo; e foi então que vimos benzer uma grande porção de maçãas, que no fim da festa se distribuiram pelos rapazes.

O reverendo parocho d'aquella freguesia costuma tambem mimosear os seus amigos com varias offertas d'aquellas mesmas maçãs, escolhendo para isso de todas ellas as mais mimosas.

---

[1] Este jornal publicou-se em Elvas, de 1860 a 1863.

Tivemos a curiosidade de perguntar a origem d'esta pratica; e só nos souberam dizer que ella era antiquissima.

Houve alguem que então quis assegurar-nos de que S. Mamede fôra apedrejado, e que em commemoração d'isso se espalham maçãas pelo povo e pelos rapazes, no dia da festa do mesmo santo...

Mas todavia devemos confessar que não nos consta que S. Mamede fosse apedrejado com maçãas...».

(*O Transtagano*, n.º 33, de quinta feira 23 de Agosto de 1860).

3) TERRA DE ENFORCADOS. OSSOS DE ENFORCADOS

«Teve logar, na quinta feira de tarde, a procissão e officios que, desde tempos immemoraveis, costuma fazer no dia de Todos os Santos a Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, e a que é obrigada pelo seu compromisso.

Saiu da igreja da Santa Casa e dirigiu-se ao baluarte, vulgarmente denominado *da forca,* onde estava armada uma eça, e onde se cantou um responso pelas almas dos fieis. Seguiu d'ali para a ermida do antigo cemiterio, proximo á da Senhora das Dores, onde se cantou outro responso, e voltou á Misericordia, para ali assistir ao sermão commemorativo d'aquelle dia.

O povo denomina esta procissão —*dos enforcados*— e a lenda popular diz que no baluarte da forca se colhia *terra de enforcados,* a qual se trazia para a igreja na tumba, e sobre ella se rezavam os *mementos*. Não é admissivel esta crença do vulgo; no entretanto, o aspecto da procissão, com a tumba e o crucifixo, o qual á saida vae atrás, e no regresso vem na frente, mais parece de um acompanhamento de enforcado, do que de um officio annual pelas almas dos fieis».

(*Ibidem*, n.º 54, de domingo 4 de Novembro de 1860).

«Apparecendo, no periodico *Jornal do Commercio* n.º 2:133, um notavel artigo do *Transtagano,* em que se mostram desejos de conhecer a origem do acto religioso que pratica a Santa Casa da Misericordia de Elvas, indo em dia de Todos os Santos, talvez de noite, ao baluarte da Forca, e cantar-se ahi um responso pelas almas dos fieis; havendo tradição de que se tirava uma porção de terra para a tumba, e com ella se marchava em procissão para a igreja... e ahi se cantava outro responso, etc. Vou, do modo possivel, satisfazer aos bons desejos do illustre articulante, apresen-

tando a origem de um costume analogo, que ainda conserva a Santa Casa da Misericordia da minha mui nobre e sempre leal villa (Santarem).

Esta Santa Casa (a segunda em Portugal, fundada por Fr. Martinho de Moline, logo depois da fundação da de Lisboa por Fr. Miguel de Contreiras em 1498) conseguiu de nossos reis a mercê de, em a noite do dia 1.º de novembro, irem processionalmente ao Oiteiro da Forca, ou a outro qualquer logar patibulario, para descerem dos cadafalsos os corpos ou restos dos corpos d'aquelles padecentes, que tinham sido condemnados a ficarem pendentes e insepultos, até que as aves de rapina e a intemperie das estações os consumissem.

Ia, pois, nessa noite, a irmandade descê-los devotamente, prestar-lhes, como restos dos nossos irmãos, as primeiras honras e suffragios, depois os transportava com os canticos funebres para a sua majestosa igreja, e ahi se prègava o sermão dos Ossos dos Enforcados, e concluia o acto religioso com os responsorios respectivos e decente sepultura ecclesiastica dentro da mesma igreja.

Desde que deixou de haver patibulos em Santarem, e a Misericordia, desarmando a justiça, tem acabado com o barbaro costume da detenção dos cadaveres nos patibulos, vae a Misericordia processionalmente, em todos os annos, na mesma noite, ao seu cemiterio, denominado *O Laranjal,* onde se aparcelam para a sua tumba uma indistincta porção de ossos, que ahi mesmo recebem as primeiras honras funebres e suffragios: e d'ali transportados processionalmente para a igreja da Santa Casa, tem logar o chamado Sermão dos Ossos, seguindo-se os solemnes responsorios, que terminam com o decente enterramento da ossada fraternal, que oxalá seja de justos, que um dia resurjam gloriosamente!...

Tunc exultabant ossa humiliata.

Folgo, portanto, em verificar, que se conservam santos usos semelhantes, em duas antiquissimas povoações, que por seculos foram côrtes dos nossos monarchas, e que estas venerandas Casas da Misericordia d'est'arte demonstrem, que, tendo prestado todos os auxilios á gemebunda humanidade, no tempo da miseravel vida, e além da morte, ainda encontram nos secos, mirrados e desconhecidos ossos, com quem se irmanam, um precioso objecto digno de veneração e de respeito religioso.

Santarem, 9 de Novembro de 1860.—*João Antonio Pereira,* Prior de S. Nicolau».

(*Ibidem*, n.º 57, de quinta-feira 15 de Novembro de 1860).

4) A MARRÃ DO NATAL

«Quando em um dos numeros d'este nosso jornal fallámos sobre as dezoito marrãs, que em outro tempo se distribuiam pelos dezoito capitulares da santa sé de Elvas, em a noite do Natal, esqueceu-nos dizer que semelhante offerta era proveniente de um legado deixado ao mesmo cabido de Elvas, com a obrigação de que os conegos da mesma santa sé de Elvas, depois da missa da meia-noite, no fim de *laudes* cantariam — *Gloria in excelsis Deo*. E, segundo as disposições do tal legado, só ganhavam os conegos, que assistiam. Se algum conego faltava, sua marrã era dividida pelos collegas que tinham estado presentes, porque estes tinham o *jus accrescendi*».

(*Ibidem*, n.º 65, de quinta-feira 13 de Dezembro de 1860).

5) A RONCA

«Apesar de que a noite se achava bastante tempestuosa, não deixou de haver muita concorrencia de fieis a ouvir *a missa do gallo*, que se cantou na sé d'esta cidade.

O que não agradou foi a lembrança de quem, proximo ao momento de se cantar *laudes*, se entreteve a tocar *ronca*, na igreja, ou tão proximo dos guarda-ventos, que parecia sê-lo no proprio templo.

É um costume tolerado, se não admittido, entre os nossos vizinhos de Badajoz, mas que entre nós é completamente reprovado por todos, que entendem que a igreja de Deus é uma casa toda de recolhimento e devoção».

(*Ibidem*, n.º 69, de quinta-feira 27 de Dezembro de 1860).

6) SENHORA DAS CANDEIAS

«O dia 2 de Fevereiro sempre foi, entre os elvenses, dia de regozijo e enthusiasmo; havia e ha o costume de ir a uma igreja fora da cidade, na distancia de meia legua, onde se veneram as imagens da Senhora das Candeias e de S. Brás; saíam muitas familias em carros, cavallos e burros, até a igreja e depois dirigiam-se aos pomares de Varge.

Nos jantares e folguedos sempre appareciam scenas curiosas de homens vinolentos, que entretinham os pacificos que de proposito iam desfrutar estas excellentes representações.

Ao regressar para a cidade, grupos de homens tomavam as avenidas, e quando, por desgraça, começavam a passar os da festa, com vaias e insultos perguntavam-lhes:

Donde vens,
E p'r'á onde vás?

a que respondiam com chufas e algazarra:

Venho das Candeias,
E hei de ir p'ra S. Brás.

Nestes ultimos tempos notava-se consideravelmente a frieza em que todos estavam com a ida a S. Brás; porém este anno reappareceu o enthusiasmo, e houve muita concorrencia».

(*Ibidem*, n.º 186, de domingo 9 de Fevereiro de 1861).

7) O JUDAS NA PROCISSÃO DE PASSOS

«Ainda este anno appareceu, na procissão de Passos, a caricatura ridicula do farricoco da trombeta, e os garotos lá se apresentaram no seu posto fazendo a assuada do costume. Que alegria para os amadores das velhas usanças!... Que burla tão bem pregada á autoridade administrativa, que teve a lembrança de reclamar contra a continuação d'este velho escandalo!...

Sabemos que os illustres mesarios tinham promettido ao sr. administrador que o farricoco não sairia, e que queriam cumprir a sua palavra. Porém o sacristão ou thesoureiro do Collegio dispôs o contrario, e, vestindo a tunica ao estafermo, pô-lo á testa da procissão.

Para outra vez tome a autoridade administrativa á sua conta o *meliante*, e dê-lhe uma lição que aproveite».

(*Ibidem*, n.º 198, de domingo 23 de Março de 1862).

8) AS CARPIDEIRAS NA PROCISSÃO DO ENTERRO DO SENHOR

«... A procissão do enterro do Senhor, ia majestosa, adeante iam as irmandades das Chagas e do Santissimo; atrás d'estas ia a communidade da Sé, entre esta iam *duas carpideiras* pranteando a morte do Salvador; a mulher da veronica cantou repetidas vezes o *ó vos omnes*... a communidade respondia com os *Heus* de *cantochão*, e estes eram succedidos por outros de musica...».

(*Ibidem*, n.º 206, de domingo 20 de Abril de 1862).

9) MEDICINA POPULAR ALEMTEJANA (ELVAS)

A castanha da India, torrada, pisada e *bebida* em vinho branco, dissipa a dor de colica.

Os caldos da carne de mocho são bons para abrir o appetite aos doentes.

Quem come carne de grou vive muito. «Aquelle comeu carne de grou», dizem dos homens avançados em idade.

Um pombo vivo, aberto pelas costas e posto em cima de uma dor, é cura certa.

A boca do cão é sagrada; em o cão nos lambendo as feridas, cura-as.

Quando se applica qualquer fomentação, deve applicar-se tres vezes e dizer no fim: Seja em louvor da Santissima Trindade.

Para a cura do sarampo, deve envolver-se o doente em um cobertor de baêta encarnada.

Quem bebe agua em jejum, corta a *corla* de uma catarral.

A pelle da cabra, torrada ao lume num testo novo, moida, e depois peneirada e *bebida* (uma pequena porção) num copo com aguardente, cura a espinhela.

A espinhela é um ossinho, como o rabo de uma lebre, na boca do estomago; se se volta para dentro, não tem remedio, mas se se volta para o lado direito, ou esquerdo, então tem cura; póde *endireitar-se*. Uma colher de mel bebida em jejum é uma *solda*. *Solda* como um pingo numa chocolateira. É como nas quebraduras o unguento de solda, unguento que vem da Hespanha. Cá tambem o ha, mas não pega.

Para a cura da brotoeja, varre-se o corpo do enfermo, e ás avessas, com uma vassoura nova de palma; ou veste o doente, sendo homem, uma camisa de mulher ainda quente do corpo, e sendo mulher uma camisa de homem.

Para as crianças de mama, que se queixam, é bom untar-se-lhes a barriga com azeite cru, em que se tenha frito uma laranja azeda.

Não se deve vestir roupa branca sem ser engommada, por causa do *cobro*. O *cobro* é uma molestia de pelle, que curam os ferreiros. Leva-se-lhes trigo romano, que elles queimam na forja, resultando um oleo negro. Escreve-se primeiramente, e com tinta preta, uma Ave-Maria, ás avessas, no corpo do doente, e depois é applicado o oleo sobre a molestia.

Para matar as lombrigas: comer alhos em jejum.

Para curar as queimaduras: depois de se applicar o unto de rato (ha-o nas boticas), polvilha-se a inflammação com a cinza do feto.

As *luadas* curam-se correndo um pente ás avessas sobre os peitos. Tambem se curam por meio de bençãos das *mulheres de virtudes*.

Para sair a cobra da boca de qualquer pessoa que bebeu leite, abre-se ao meio um pão bem quente, acabado de vir do forno, e applicando-se essas duas metades, comprimindo-as, e puxando a cobra com toda a força, as escamas abatem, e ella sae.

Uma sardinha, posta a secar durante um anno e depois desfeita em pó, este peneirado e deitado na comida a um bebedo, é cura certa; fica com um aborrecimento ao vinho, que nunca mais torna a bebê-lo.

Para a cura do *terçol:* applicar-lhe uma passa de uva aberta, olhar para o sol, e dizer:

Sol, sol,
Toma lá tres só.

Ou ainda: Faz-se um embrulho de uma mão cheia de palha de enxergão, põe-se no meio da casa e arrima-se-lhe um *fófre,* e passa o enfermo por cima da fogueira e abaixa a cabeça para receber o fumo, que ha de queimar o *estirasol.* Depois chega á porta da rua e diz tres vezes:—Aqui d'el-rei! quem acode ao *estirasol,* que está a arder! Ao fim do terceiro dia está consummido. Para se livrarem do cieiro nas mãos, lavam-nas com mijo. Para curar a inflammação dos olhos: uma pitada de farinha de trigo romano dissolvida em cinco réis de aguardente, e deitam-se algumas pinguinhas d'este liquido dentro do olho inflammado.

Para vedar o sangue que se soltou pelo nariz a qualquer pessoa: pôr-lhe, ás escondidas, umas palhinhas em cruz sobre as costas.

Para a cura das impingens: applicar-lhes o summo da raiz da abrotea, esfregando as impingens ao de leve com essa raiz, depois de aberta ao meio e macerada. Tambem usam cobri-las com tinta de escrever.

Para a cura do mal de figado: beber pela manhã, em jejum, o cozimento da erva chamada marroios, e dar depois um bom passeio.

Para a cura do *sol* (insolação):

Á crescença do dia, das 8 para as 9 horas, o doente põe-se com os pés ao sol, mas só com os pés, colloca-se-lhe sobre a cabeça um guardanapo dobrado e sobre este um copo meio de agua

e com a boca para baixo. Passado algum tempo, a agua ferve no copo e o doente fica curado.

Quando se dá um baque e se *torcem os lombinhos*, as *mulheres de virtudes* curam o mal da maneira seguinte: Untam os *lombinhos* com azeite virgem e *levam-nos ao seu logar*, depois untam-nos com mel e polvilham-nos com pimentão, applicam-lhes uma porção de estopa e ligam-na em volta da cintura. Em esta *virma* despegando, está a cura feita.

Para a cura do cholera-morbus receitam: o chá do *cardo coroado;* para as anciedades: o chá da casca de laranja azeda; para a dor de colica: o chá da castanha da India.

Para a cura das inchações: panos molhados no cozimento da erva chamada *douradinha*.

Para fazer desapparecer as manchas da cara, provenientes da doença de figado, esfregam essas manchas com o sangue da pata direita de um kagado, que, para esse effeito, deve ser roubado.

Para a cura das sezões fazem uso do chá da macella; para as constipações, do cozimento da erva das sete sangrias; e para debellarem as febres tambem usam da erva chamada *biquinho de passarinho*, ou erva *moliana*.

Para facilitar o parto, collocam nas costas da parturiente *a planta do pé do Senhor* (uma medida, de pano, do pé de alguma imagem de Christo); ou a cingem com os cordões de S. Francisco, ou da Senhora do Parto; ou lhe collocam no seio a cobertura de seda de um calix de missa. Para facilitar a saida das secundinas, lançam nas costas da mulher umas pedras de sal, sem ella o saber; ou mette esta os seus proprios cabellos na boca, ou sopra com grande força em garrafa de vidro.

Quando são mordidos por cães damnados, ainda recorrem ás benzeduras das *mulheres de virtude*.

Para evitarem as dores de cabeça, comem cinco bagos de uva quando se levanta a hostia na missa da noite de Natal.

Nos domingos da Pascoa comem em jejum, ou ao almoço, toucinho assado, como perservativo contra a sarna.

Para evitar a transpiração dos pés, deitam nos sapatos uma pequena porção de vinho e uma porção de farellos.

Cortam as unhas dos pés nos dias de segunda-feira, *para evitarem as dores de dentes*. E não se devem cortar junto do lume, porque, se saltam para elle e são queimados, *dão accidentes*.

As mulheres, em seguida ao primeiro parto, para evitarem as *dores tortas* dos partos futuros, comem algumas talhadas de ci-

drão; e, para evitarem as dores de cabeça, collocam um trapo sujo do parto debaixo do travesseiro da cama, e ahi o deixam estar por alguns dias.

Quando teem um pé dormente, fazem-lhe uma cruz com o dedo molhado em saliva.

10) SINO-SAIMÃO

No *Almanach de Lembranças* do anno de 1875, vem, a p. 272, uma tradição sobre o sino-saimão, que, me parece, ainda não foi recolhida em nenhuma revista de *folk-lore*. É a seguinte:

«Dizem alguns que no caminho em que estiver traçado (o sino-saimão) não poderão passar feras, nem animaes nocivos».

11) COSTUME DE VILLA BOIM

Os homens da povoação de Villa Boim (concelho de Elvas) são enterrados (ricos e pobres) com a cabeça coberta; usam o gorro (barrete) ponteagudo, preto, ou vermelho, peculiar dos homens da Corsega, e vão para a sepultura com esse gorro na cabeça.

12) PRELIMINARES DA PROCISSÃO DE «CORPUS CHRISTI» EM VILLA VIÇOSA

«As $4^3/_4$ da tarde appareceram 3 rapazes trajando capas encarnadas, e chapeos desabados, tocando pifano, clarim e tambor á frente do mordomo de S. Jorge, vindo aquelle vestido d'alferes reformado; acompanhava o Santo, o seu pagem, 6 cavallos enfeitados, e uma força de 13 cavallos commandada por um official; a este tempo quando entravão no Terreiro do Paço já alli se achava formado na sua maxima força o regimento de cavallaria n.º 3; o Santo passou á face da tropa a titulo de revista, e dalli foi acompanhado pelo regimento 3 (a pé já se vê) e este levava á frente a banda marcial da terra».

(*A Voz do Alemtejo*, n.º 145, de 25 de Junho de 1862).

Elvas.

A. Thomaz Pires.

NOTAS PHILOLOGICAS

I

SYNTAXE POPULAR

1.º—PRONOMES PESSOAES

Em *A Revista*[1], do Porto, tratámos já das fórmas dos pronomes da 1.ª e 2.ª pessoas *mim* e *ti*, que actualmente na lingua litteraria só se empregam como complementos, mas que em certos casos se usaram, e na linguagem popular ainda hoje se usam, como sujeitos. Alem de exemplos como *elle é mais alto ca mim* ou *ca ti, elle é coma ti*, e outros, estudámos tambem a expressão familiar *se eu fosse a ti*, na qual *ti*, segundo o nosso modo de ver, representa um nominativo.

Aqui mencionaremos a fórma do pronome da 3.ª pessoa que no português moderno se emprega como sujeito, mas que em outro tempo ás vezes servia tambem de complemento. Do fragmento da DEMANDA DO SANTO GRAAL, publicado nesta Revista, vol. VI, p. 341, transcreveremos o seguinte exemplo: «En tal guisa como vos eu conto matou Rei Artur Mordaret e Mordaret chagou *ele* aa morte».

No português do Brasil é esta construcção ainda hoje frequente. A fórma do pronome sujeito é geralmente usada em ambos os generos e numeros como complemento. Assim, dizem: «eu vi *elle*», «eu tenho *ella*», «eu vi *elles*», etc. Imitando esta pratica, costuma até formar-se por gracejo a seguinte frase: «Pelas senhoras não lhe pregunto, porque *vi-ellas* na praça». Camillo, reproduzindo o fallar brasileiro, escreve, no seu romance *A Corja*, p. 103, o seguinte: «Se ella sair, nem mais um pataco, o que se chama um pataco, o amigo entende? Quem der-lhe dinheiro perde *elle*».

2.º—CIRCUNSTANCIA DE LOGAR

O logar p a r a o n d e exprimia-se em latim pela preposição *in* e o accusativo, e o l o g a r o n d e com *in* e ablativo, ou, para desi-

[1] «Notas sobre syntaxe popular», XIII, no vol. III, p. 89 e sqq.

gnar proximidade, com a preposição *ad* e accusativo, sem fallarmos dos casos em que a determinação de logar se exprimia sem preposição. Nas linguas romanicas ficaram estas preposições, e ainda outras usadas para o mesmo fim no latim vulgar[1], mas deram-se confusões no seu emprego.

Em português o logar onde continuou a ser expresso por *in;* v. g.: «estar *em* Roma», «estar *em* Portugal», «estar *em* casa». Mas quanto ao logar para onde, ou termo de movimento, estabeleceram-se duas correntes. Uma d'ellas, com a preposição *a* (= *ad*) e *para* (com a ideia accessoria de demora ou destinação), v. g.: «ir *a* Lisboa», «ir *a* França», «ir *a* casa», «ir *para* Londres», «ir *para* casa», «mandar colonos *para* o Brasil». A outra corrente emprega a preposição *em*. Assim encontram-se exemplos antigos como: «passar *em* Africa», «sairam os mouros *na* ilha», «saiu *em* terra», «caiu *no* laço» (cfr. *Diccionario* de Moraes, s. v.), «voou *em* hũa arvore», «ir *em* parayso» (cfr. *Fabulario Português,* publicado pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, notas, § 38, preposição *em*), «nesta ponte do Canaueal está hũa muito boa fonte, e por conhecença tem em cima um monte alto; e a jente dos nauios thomam aly muitas uezes auguoa; mas quem neste luguar *for em* terra, ponha sua atalaya, por que como os Halarues aly veem cristaãos loguo trabalham por os matar» (*Esmeraldo: De situ orbis,* p. 59, da esmerada edição do Sr. Epiphanio Dias), «lemos que d'esta cidade foy Santo Agostinho natural e d'aquy se *pasou em* Italia, honde aprendeu as latinas letaras e linguoa latina e por graça do esprito santo se fez christaão» (*Ibid.*, p. 60).

A primeira construcção predominou, e é hoje a usual, tanto na lingua litteraria como na popular: todavia a segunda permanece no português do Brasil, que diz, por exemplo, «ir *em* Braga»; e conserva-se ainda em algumas expressões como as mencionadas acima: «cair *no* laço», «sair *em* terra»; bem como com o verbo *entrar,* e os que significam deixar entrar, como *admittir, receber,* e os que tem a significação de fazer entrar, como *deitar, lançar, metter,* v. g.: «entrar *na* cidade», «receber *em* casa»[2]. Cfr. expressões latinas como: *intrare in hortum, in tabernaculum, in portum, in sensum et*

[1] Veja-se o excellente capitulo relativo a este assunto na *Grammaire des langues romanes,* do Sr. Meyer-Lübke, vol. III, 433 e sqq.

[2] O notavel philologo Sr. Epiphanio Dias, no seu excellente tratado de syntaxe (*Grammatica portuguesa elementar,* § 156, *b*), dá outra explicação para a construcção d'estes verbos, dizendo «que o pensamento, por uma antecipação

in mentem; se recipere a pabulo in stabulum, a cena in lecticulam, in portum; e figuradamente: *recipere aliquem in ordinem senatorium, in numerum amicorum, in fidem, in deditionem, in amicitiam, in jus ditionemque, in parem juris libertatisque conditionem.*—Comparem-se outras linguas romanicas, como o rumeno, que diz: *întrâ în gloată* (entrou na multidão), *porniră-se in ʒboriste* (precipitaram-se para o theatro), etc.

3.º—PARTICIPIO DO PRESENTE E GERUNDIO

O participio activo do presente latino acha-se hoje representado em português geralmente só por adjectivos e substantivos, mas no periodo archaico da lingua tinha ainda o seu valor de fórma verbal, funcção de participio. Vejam-se alguns exemplos reunidos na *Theoria da conjugação em latim e português,* do Sr. Adolpho Coelho, como: «os quaes *tementes* nostro señor», «palavras ociosas e riso *moventes*». O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, nos *Estudos de philologia mirandesa,* t. I, p. 367, nota, menciona tambem exemplos archaicos[1] e vestigios do participio do presente no português moderno, como na frase «*tirante* isso», a que podemos accrescentar «não *obstante* isso[2]». E, por informação do Sr. Gonçalves Vianna, cita ainda a expressão «*temente* a Deus», em que *temente* é ainda participio. Com valor semelhante ha mais algumas palavras, como «*dependente* de», «*adherente* a», «mal *soante*», bem *fallante*», etc. O que todavia é verdade é que a funcção dos parti-

---

ou prolepse, considera não o movimento a que se referem aquelles verbos, mas o estado que se segue áquelle movimento». Nós preferimos integrar esta pratica na tradição do emprego da preposição *em* (= lat. *in*) para exprimir o termo do movimento, como expusemos no texto.

[1] Daremos ainda um exemplo mencionado por Viterbo no seguinte artigo, que transcrevemos: «DANTE. Dada ou datada. *Dante em Santarem, Dante em Obidos,* etc. Era o estilo das Cartas Reaes dos secc. XIII, XIV e XV».

[2] Em Antonio Ribeiro Chiado apparece tambem «*salvante* se»:

Não falleis em despachar
com quaesquer officiaes.
Quanto mais importunaes
é lançar agua no mar,
salvante se vós peitaes.

(P. 22 da edição do Sr. Alberto Pimentel.—Veja-se outro exemplo a p. 76 da mesma edição).

cipios do presente latinos é actualmente expressa, na syntaxe do português popular, por uma oração relativa e ainda por outros modos, como veremos adeante, mas não por meio de um participio.

O gerundio latino que tinha tres fórmas (v. g.: *amandum, amandi, amando*) conservou-se em português com o seu emprego verbal mas com uma só fórma, em virtude do desapparecimento dos outros casos, cujas relações passaram a exprimir-se com o infinito precedido de preposições.

Em francês deu-se a confusão da fórma do participio do presente, que ao principio só variava em numero, com a do gerundio, de modo que, por exemplo, *aimant* significa «amando», do latim *amando,* e «que ama» do latim *amante.* D'esta confusão nasceu a necessidade de estabelecer regras para os casos em que, segundo o sentido, esta fórma deveria ter flexões, variar em genero e numero, vindo por fim a prevalecer a que formulou a Academia em 1679, e que determinava que a fórma em *-ant* deveria ser invariavel quando designa acção e variavel quando exprime estado.

De se haver conservado o participio presente em francês, resultou ser muito mais extenso naquelle idioma o uso das fórmas verbaes em *-ant* do que no nosso o das fórmas do gerundio, pois que na boca do povo, pelo menos, o participio do presente, como acima se disse, desappareceu de todo, se exceptuarmos as fórmas, mais ou menos estratificadas, de que se fez menção. Mas em virtude da leitura dos nossos jornaes, que em grande parte reproduzem noticias e assuntos tratados em jornaes franceses, cuja traducção, ou pela escassez de tempo ou por descuido das redacções, é muitas vezes atabalhoadamente escrita, e ainda pela leitura de livros traduzidos pouco esmeradamente do francês, ou de obras originaes portuguesas cujos autores se deixam arrastar pelos usos d'aquella lingua, succede que modernamente se manifesta grande tendencia para largo emprego abusivo das fórmas do gerundio.

Assim, a cada momento se poderão ler frases como a seguinte: «uma casa *tendo* o n.º 40», correspondente á expressão francesa «une maison *portant* le nº 40». Frases como estas serão expressas no português popular ou familiar, ou na linguagem litteraria não imbuida ainda da construcção francesa, do seguinte modo: «uma casa *que tem* o n.º 40» ou «uma casa *com* o n.º 40».

Citaremos os seguintes passos de Eça de Queiroz:

«Não sabem o que são os *Browninguistas?* Uma vasta associação *tendo* por fim estudar, commentar, interpellar, venerar, preparar, illustrar, divinizar as obras do poeta Browning».

«Deixa assim de ser um espirito *fallando* a espiritos, passa a ser apenas um manipanso terrorisando supersticiosos».

Cartas de Inglaterra, p. 18.

«A litteratura de *Yacht* é vasta—e William Black, o autor das *Azas brancas*, do *Nascer do Sol*, da *Princeza de Thule*, o seu romancista official: um paisagista maravilhoso, de resto, *tendo* na sua penna todo o vigor do pincel d'um Jules Breton».

Ibid., p. 19.

«É que o europeu d'Alexandria considerava o fellah como um ser de raça infima, incivilisavel, mero animal de trabalho, pouco differente do gado; e se tivesse o estylo de La Bruyère, descrevel-o-hia como La Bruyère descrevia os aldeãos do tempo de Luiz XIV, «vultos escuros, curvados sobre a terra e *tendo* a vaga apparencia de seres humanos...»

Ibid., p. 151.

«Eu não direi como Lord Beaconsfield que «no mundo só ha de verdadeiramente interessante Pariz e Londres, e todo o resto é paysagem». É realmente difficil considerar Roma como um ninho *balouçando-se* no ramo de um ulmeiro, ou ver apenas no movimento social da Allemanha um fraco regato que vae cantando por entre as relvas altas».

Echos de Pariz, p. 1.

Vimos acima, que em certos casos a fórma do gerundio é substituida na linguagem do povo por uma oração relativa ou por uma determinação precedida da preposição *com*; mas em outros, como no exemplo precedente, pode ser representada pelo verbo no modo infinito regido da preposição *a*. Em vez de «um ninho *balouçando-se* num ulmeiro» dir-se ha «um ninho *a balouçar-se* num ulmeiro». A lingua popular tem pois estes tres processos para exprimir a funcção do gerundio nos casos de que fallámos, e nunca emprega nesses casos a fórma do gerundio.

*

O gerundio em latim era regido de preposições. Em português é precedido ainda, em alguns casos[1], da preposição *em*, e antigamente de *sem*, como no seguinte exemplo da *Chronica de D. Pe-*

[1] Cfr. *Grammatica portuguesa elementar*, por Epiphanio Dias, § 240, *b*.

dro I, por Fernão Lopes: «Em tres cousas asijnadamente, achamos pella moor parte, que elRei Dom Pedro de Portugal gastava seu tempo, a saber, em fazer justiça e desembargos do Reino, e em monte e caça de que era muj querençoso, e em danças e festas segumdo aquel tempo, em que tomava gramde sabor, que aadur he agora pera seer creudo; e estas danças eram a soom dhumas longas que estonce husavom, *sem curando* doutro estormento posto que o hi ouvesse, e se alguma vez lho queriam tanger, logo se enfadava delle, e dizia que o dessem oo demo, e que lhe chamassem os trombeiros».

Não attentando nesta construcção, Viterbo no seu *Elucidario*, s. v. SEM, attribue á preposição *sem* o valor do adverbio *não*: «SEM. O mesmo que *não*: *Tirou suas testemunhas nesta cidade sem declarando onde queria fazer sua prova*».

*

O gerundio adjectivo (*gerundivum*), tambem chamado participio do futuro passivo (v. g. *amandus*), desappareceu na lingua portuguesa, deixando apenas ligeiros vestigios sem valor verbal. Taes são, por exemplo, os adjectivos *venerando, reverendo,—oriundo, gemebundo*. A não ser em fórmas estratificadas como estas, nem a lingua do povo nem a litteraria conhecem aquelle gerundio. No entanto, um dos nossos mais notaveis publicistas emprega por vezes esse adjectivo, formando-o até de verbos portugueses pelo processo da grammatica latina, como nos trechos seguintes:

«Não foi, entre os portuenses, tão só este o *notando* dos epicos menores; outro houve como elle digno de boa nota no conciliabulo dos mais superciliosos criticos».

«Com que odio este padre foliculario falou dos *tripeiros*, enforcaveis e *enforcandos*, enforcados e para enforcar!»

Sem duvida, fórmas como estas, que são hoje completamente inintelligiveis para quem não conhecer a conjugação latina, como seria por exemplo *notaturos* ou *enforcaturos*, participio do futuro activo, que igualmente se perdeu, difficilmente serão adoptadas por maior que seja a autoridade de quem pretender introduzi-las.

*

Para exemplificar o emprego da preposição *com* em circunstancias em que o francês empregaria o participio terminado em *-ant*,

isto é, nas expressões do typo «une maison portant le nº 40», de que fallámos, acrescentaremos um trecho de uma carta escrita por um homem de Trás-os-Montes, e que é interessante por abundar em termos curiosos d'aquella provincia:

«O americano atampou muito cedo e ficou muito forte, porque a terra teve muita seção todo o ano, por ter habido chubas. Parece ter dois annos. Andaba muito descontante por desaparecerem tantas coisas mas agora vae aparecendo tudo, o *caneco com o carito* estava desfeito debaixo da pipa que se escouçou e outras coisas apareceram na pilheira do armazem, as pousas ficaram caras porque se deu muito trabalho ao vinho que custou muito a dar a proba: O saibramento sopre bem porque se faz um sucheio no fundo da baleira. Á beira da estrada ade se fazer um bardo».

«O caneco *com* o carito» equivale a «o caneco *que tem* o carito», e seria na syntaxe afrancesada, de que tratámos: «o caneco *tendo* o carito».

II

VOCABULOS TRASMONTANOS

Explicaremos algumas das palavras do trecho transcrito, nenhuma das quaes occorre ainda nos diccionarios ou na fórma ou na significação que alli tem.

Amaricano está por americano por influencia do *r*. É empregado como substantivo para designar as vides americanas, de que entre nós se fazem viveiros, para adquirirem raizes a fim de se transplantarem e serem depois enxertadas com as differentes castas da vide europeia, principalmente com as nacionaes.

Atampar está por atempar, segundo a pronuncia local do *e* nasal. *Atempar* é derivado da palavra *tempo,* e significa portanto: *concluir o seu tempo, chegar ao tempo da maturação, amadurecer*. Do mesmo modo, e com o mesmo sentido, formou-se em francês o verbo *aoûter* do substantivo *août* = agosto, o mês das ceifas, ceifa. É bem conhecido o passo de La Fontaine: «Remuez votre champ dès qu'on aura fait l'août». O nosso verbo *atempar,* que se applica especialmente ás varas da vinha que vingaram e amadureceram, não occorre ainda nos diccionarios com esta accepção, mas simplesmente com significação juridica, como se lê, por exemplo, no *Elucidario* de Viterbo: «Atempar. Conceder tempo para as appellações se remetterem ao Juizo Superior. He termo de pratica forense.

Atempada a Appellação, se o Appellante for negligente a levar o feito aos Superiores, na mór alçada, se dá o despacho ao appellado pelo dia de apparecer. Orden. L. III, t. 69, Cap. V».

BARDO. Renque de vides ligadas por varas, canas ou arame. É uma especie de ramada com disposição vertical, e pouco elevada. Esta applicação da palavra *bardo,* que os diccionarios ainda lhe não attribuem, resulta da significação de *sebe* que os lexicographos dão a este termo, bem como á fórma *barda.* Em Moraes lê-se: «BARDA. Tapigo, sebe basta de ramos e espinheiros ou silvas».—«BARDO. Sebe de balseiro ou silvado, com que se atalha a entrada nas defesas ou devesas e cerrados». Assim em Trás-os-Montes, um *bardo* é, por assim dizer, uma *sebe de vides,* que todavia não é destinada a fazer vedações, mas sim á producção de uvas. Alem de *sebe,* a palavra *barda* tem ainda a significação de «pranchão com que se faz tapigo de curral, *com que se cobre casa rustica, parede para que a chuva não a desmorone*» (Moraes),—e antigamente significava tambem «armadura feita de folhas de ferro que se collocava no peito do cavallo» (*Diccionario contemporaneo*). Ao hespanhol *barda* dão os diccionarios o mesmo sentido: «El arnés ó armadura de vaqueta ó hierro, ó de uno y otro juntamente, con que en lo antiguo se guarnecian el pecho, los costados y las ancas de los caballos para su defensa en la guerra y en los torneos». A semelhança de sentido do português, hespanhol e italiano *barda* e francês *barde,* fez que se lhes desse como etymo a palavra germanica *bardi* «escudo», considerando-se o objecto designado por aquelles vocabulos como um escudo para cavallos. Mencionam-se ainda como derivados de *barda:* italiano *bardella, bardellone, bardotto,* provençal *bardels,* francês *bardelle, bardot* e *bardeau.* Cfr. Körting, *Lat. Rom. Wörterbuch,* 2.ª ed., n.º 1237, e Diez, *Etym. Wörterbuch,* s. v. *barda.* Não discutiremos aqui se a palavra *albarda* deve ter a mesma origem ou representar o arabe *al-bard'ah;* trataremos esse ponto em outro logar. O que pretendemos foi estabelecer a serie de significações pelas quaes se chegou á accepção do vocabulo trasmontano. Vê-se que o sentido primitivo de *barda,* que procederia talvez de uma palavra que designasse um escudo, era o de armadura, uma especie de escudo de cavallos; depois passou a exprimir de um modo mais geral a ideia de protecção, de defesa, como quando se refere a um «pranchão ou parede com que se protege uma casa rustica»; em seguida, da ideia de defesa derivou-se facilmente para a de vedação, *sebe,* dando-se tambem á palavra a fórma masculina. E do sentido geral de *sebe* transitou-se

para a significação mais restricta de sebe de vides, pois que o *bardo* se formava principalmente nas orlas dos campos ou vinhas, e perdeu-se de vista a ideia accessoria de vedação.—De *dardo* formou-se o verbo *embardar* (= dispôr em bardos), cujo participio é frequentemente empregado, dizendo-se, por exemplo: *uvas, videiras* ou *vinhas embardadas,* isto é, dispostas em bardos.

Carito. Pequeno furo ou buraco em um caneco, ou vasilha de lata, para marcar a medida de um almude. O liquido, chegando á altura d'esse furo, extravasa por elle, e d'este modo reconhece-se que a medição está completa. Arriscaremos uma explicação por ventura temeraria. Será a origem d'esta palavra *o buraquito,* por metathese *o bucarito,* como *cadabulho* por *cavadulho,* e depois *o carito?*

Dar trabalho ao vinho designa o facto de pisar as uvas ou o mosto. Ha em geral entre os lavradores do Douro e Trás-os-Montes a preoccupação de que o vinho não póde fermentar sem se lhe *dar muito trabalho,* isto é, sem que os homens occupados nesse serviço passem muito tempo no lagar, dizendo que o vinho *não dará prova,* não desdobrará sufficientemente o seu açucar em alcool, sem que permaneçam nelle durante longo tempo os pés dos trabalhadores, quasi sempre pouco limpos. Mas não os incommoda esta falta de asseio, porque tem para isso uma explicação que os satisfaz, e é: *que o vinho é muito limpo, que deita fóra todas as immundicias.* Desconhecendo a theoria da fermentação alcoolica, suppõem que ella não se póde realizar sem esse trabalho, o qual, depois de bem pisadas as uvas, só poderá servir, quando muito, para arejar e aquecer o mosto, resultado que todavia se poderia obter por outros meios, se fosse necessario.

Escouçar. Despejar de uma pipa ou tonel algum resto de liquido; esvaziá-los. Deriva de *couce.*

Pilheira. Especie de nicho ou abertura na parte interior das paredes dos armazens para ahi se *empilharem* e guardarem pequenos objectos empregados no serviço d'elles.

Pousas. Periodo em que se costuma dividir o tempo que os homens do lagar empregam em pisar o mosto. Cada *pousa* dura 4 horas. Assim, fazer este serviço durante quatro, oito ou doze horas diz-se *dar uma pousa, dar duas pousas, tres pousas.* E o pagamento d'esse serviço faz-se igualmente por pousas, cujo preço varia, segundo as necessidades do trabalho, entre 120 a 300 réis. Esta palavra é formada do verbo *pousar.*

Seção. Humidade, frescura. Será *sitionem**, derivado do latim *sitis,* o etymo de *seção?* Phoneticamente é possivel; mas a signi-

ficação é exatamente a contraria. No entanto a semantica offerece-nos exemplos de igual evolução de sentido. Para o caso presente póde comparar-se a expressão «dar uma sede de agua», isto é, «dar a agua sufficiente para apagar a sede».

Sopre. Sobre este verbo veja-se o que dissemos em *A Revista*, vol. III, p. 93.

Sucheio. Ao fazer-se a surriba (*saibramento, esbouça*) para a plantação de bacello, costuma abrir-se no fundo da valla (*valleira, corte*), que tem de profundidade de 1m,30 a 1m,60, uma escava do lado da terra ainda não movida, para que esta, por lhe faltar o apoio da base, a um forte impulso de ferros caia facilmente sobre a valla, movendo-se d'este modo prontamente uma faixa de terreno da largura de 50 a 60 centimetros. É essa escava que se chama *sucheio* ou *socheio*, vocabulo formado de *su* ou *so* por *sob* (de *sub*) e *cheio* (de *plenus*).

Julio Moreira.

DUAS POESIAS POPULARES

EM PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

A poesia popular portuguesa é geralmente lyrica, se não erotica, estando assim em pleno acordo com a sentimentalidade da raça. É ella só cultivada pelos adolescentes e pelos adultos em communidade de ideias com os primeiros. O mais longe, fóra do lyrismo, a que o povo póde ir, é á injuria e á allusão mais ou menos disfarçada, isto é, ao odio, outro pólo da sentimentalidade. A politica internacional, a defesa da patria opprimida pelos despotas, e os acontecimentos de varia especie que impressionam os contemporaneos educados, não despertam no povo o sentimento poetico. Facilmente se acha o motivo psychologico de tal proceder. O português é extremamente sensivel, extremamente amoroso sem excluir o egoismo: tudo o que não cae dentro d'este terreno lhe é indifferente e incomprehensivel. Sem pensar na homosexualidade, o português só é levado pelas sympathias e pelas antipathias; são estes sentimentos os unicos moveis do seu procedimento. Poderá ir assim conscientemente contra os seus interesses, mas a fatalidade tem de a cumprir sem reacção, porque é incapaz de se assenhorear de si proprio, de abstrahir e de objectivar. A que será devido este estado? Pensar que seja qualidade innata da raça, é illusão perigosa, porque tolheria a probabilidade de modificar a educação. Mas pensar que seja de origem remota a actual sentimentalidade, não prejudica, antes facilita, a resolução do problema.

O meio descuidoso em que Portugal se formou, não o climaterico, geographico ou physico, mas o politico, sob a protecção leonesa e depois inglesa, explica o phenomeno da falta de educação da vontade.

Evidentemente o lyrismo é producto da ociosidade, do bem-estar, da desordem e de certa depravação de costumes, emfim; na luta rigorosa pela existencia não ha tempo de agradar e de se fazer agradar, por isso que todo elle se aproveita noutras lucubrações do espirito. Estas lucubrações vibram na poesia, maneira antiga de expressão, como productos epicos ou narrativos, em que os heroes tem de vencer innumeras difficuldades e de desenvolver

portanto a intelligencia. Ora em Portugal, exceptuando D. Sebastião e em grau menor D. Affonso Henriques, nenhuma outra figura historica, entre as quaes não se devem contar os heroes da superstição ou santos, logrou atrahir a attenção popular, porque —forçoso é dizê-lo— nenhuma d'ellas o mereceu nem incutiu a admiração nos contemporaneos; umas por serem muito brandas, outras por muito espectaculosas e anti-naturaes. É necessario, tambem, observar que o português, occupando-se com factos miudos, ridiculos e accessorios, perdendo, portanto, a noção geral do objecto e do intuito que tentam alcançar as individualidades caracteristicas, não tem a capacidade precisa para comprehender a parte espiritual ou intellectual que as guiava. É a cultura dos sentidos o que mais occupa a população, de preferencia á cultura do intellecto. Os romances que ainda correm de boca em boca pertencem a themas internacionaes; mas se a intensidade com que elles são mais conhecidos numas regiões do que noutras de Portugal poderá servir para tirar alguma inferencia ethnica, nada se póde dizer.

Na falta de cantos epicos e laudatorios de occasião, de origem popular, o que póde substitui-los são as rimas difamatorias e de maldizer que encontramos a cada passo em todas as epocas. De umas, os proprios alvejados ou as autoridades civis tomariam conta aos autores; de outras, que tratavam de assuntos religiosos, os tribunaes ecclesiasticos infreariam a propagação.

É na inexgotavel fonte dos archivos inquisitoriaes que colhi os dois documentos que se seguem. No primeiro em que desgraçadamente se não completa a *chançoneta* incriminada, revela-se a veia satirica e sceptica dos christãos-novos, obrigados a seguir a religião dominante; no segundo, o meio em que se fizera o successo é inteiramente popular e tambem de caracter religioso.

Neste ultimo documento, datado de 1676, julgo que se encontra uma das mais antigas referencias ás cantigas de desgarrada.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

I

Aos quinze dias do mez de Junho de mil seiscentos settenta e tres annos em Lisboa nos Estaos, e caza primeira das audiencias da Santa Inquisição, estando ahi em a de tarde o Senhor inquisidor Bento da Beja de Noronha mandou uir perante si da sala a hum homem por pedir audiencia e sendo presente disse a pedira para

denunciar nesta meza couzas a ella pertencentes, pelo que lhe foi dado juramento dos Santos Euangelhos em que pos a mão, sob cargo do que lhe foi mandado dizer uerdade, e ter segredo, o que prometteo cumprir, e disse chamar-se João Marques Correa, que uiue de sua fazenda, natural da Villa de Santarem, onde he morador, de quarenta e cinco annos de idade e denunciando.—Disse que hauerà quinze dias que a elle Denunciante lhe disse Garcia Lopez Calheiros x. velho escriuão do judicial da ditta Villa de Santarem, que nella era publico que hũas mulata e negra, cattiuas de Antonio Montes Cid christão nouo, ouriues, morador na ditta villa na Rua direita andando uarrendo hũa caza do ditto seu Senhor, acharão debaixo de hum estrado hum Senhor Crucificado (não sabe de que era, nem de que forma), e que espantandosse daquella nouidade uiera sua senhora molher do ditto Antonio Montes Cid, a que não sabe o nome, e de alcunha lhe chamão a Malicia, e he christãa noua, e lhe dera algũas pancadas por bolirem no estrado sem ordem sua, de que hauia grandissimo escandalo na ditta villa, por se entender tinhão o ditto Christo naquelle Lugar pelo desprezar, principalmente, sendo aquella caza aonde se ajuntão todos os Christãos nouos da ditta villa, em que tambem se fas grande reparo, e deste particular do ajuntamento pode elle Denunciante dar muito bõa rezão por hauer sido uizinho seis mezes do ditto Antonio Montes Cid, e uer ir os mais das noites os principaes xx. nouos daquella villa á ditta caza.

Disse mais que hauerá dous annos na Igreja dos Padres da Companhia da ditta villa de Santarem estando o Senhor exposto pelo cazo que sucedeo em Odiuellas, foi a ditta Igreja sua molher Dona Marianna do Valle Corte Real, em companhia de Angela Correa Irmãa delle Denunciante, e de Maria de Oliueira molher do Lecenceado Manoel Gonçalues Auogado, e de Maria da Motta sobrinha do ditto Manoel Gonçalues, e estando na ditta Igreja, uirão que nella assistião tambem Izabel Mendes, christãa noua molher de Duarte de Bairros x. nouo Auogado, e Antonia de Bairros Irmãa do mesmo, e a molher de Antonio Montes Cid, a que não sabe o nome, e de alcunha lhe chamão a Malicia, e outras Christãas nouas de que não he lembrado, e só o está de que tambem assistia hũa christãa noua, may de João Antunes x. nouo, a quem não sabe o nome, e todos são moradores na ditta villa, e repararão que achandose a ditta Igreja despejada em forma que podia sahir quem quisesse sem trabalho algum a ditta may de João Antunes se desproueo nella, com grande escandalo das pessoas que se acharão

prezentes, e a ditta sua molher, e a mais companhia o vierão contar a elle Denunciante, de que deu conta ao Commissario da ditta villa Manoel de Oliueira para auizar a esta meza, ou proceder como lhe parecesse.

Disse mais que hauera noue dias que achandose elle Denunciante na igreja do Sitio dos frades terceiros da ditta villa de Santarem à Ladainha que se fazia, ouuio cantar hũa Chançoneta o estribilho da qual era: *que a Fé he ponto de quetilque* e perguntando quem compuzera ou fizera a ditta Letra, se disse publicamente que fora Estevão Nunes de Bairros x. nouo Auogado, cazado com hũa filha de Antonio Montes Cid, e filho de João Antunes de Bairros x. nouo reconciliado, e por ser este o Autor se reparou na ditta Chançoneta, e deu grande escandalo a todos os que se acharão prezentes.

Disse mais que he notorio na dita villa, e elle Denunciante o sabe muito bem pelo ver, que Estevão Nunes de Bairros, e Duarte de Bairros ambos Auogados xx. nouos e entre si primos paternos, nos publicos se deshonrão de palauras afrontozas, e em sendo noite se communicão com grande amizade, e se ajuntão em caza hum do outro, ou de Antonio Montes Cid, sogro do dito Esteuão Nunes de Barros, e se entende que he para effeito de que se forem prezos, se possão contraditar hum ao outro, cautella que se dis uzarão já outros xx. nouos da ditta villa, e as mesmas infamias dizem da familia huns dos outros, o que deue ser para o mesmo fim. E o Prior de São Martinho da dita Villa disse a elle Denunciante que hum Manoel Pirez, vestimenteiro lhe dissera que Esteuão Nunes lhe hauia ditto que queimassem a Duarte de Barros que elle lhe daria as culpas, porque era hum fino Rabino, e sobre esta materia escreueo o ditto Prior hũa Carta por elle Denunciante, que logo, que chegou a esta Cidade entregou ao Secretario do Conselho Geral Diogo Velho. E que estas são as cousas de que tinha que dar conta nesta meza, e o fas para descargo de sua consciencia, e entender que era a isso obrigado, e não por outro respeito algum. E mais não disse. Perguntado que pessoas poderão dar rezão das couzas que tem refferido alem das que tem nomeado?

Disse que no tocante ao acharse o Christo debaixo do estrado, poderão dar rezão o Lecenceado João Duarte de Aguiar, Auogado, hum leigo dos Agostinhos descalços, a que não sabe o nome, e he filho de hum ourives do ouro desta cidade aonde se dis assiste agora doente e fará diligencia pelo seu nome com cautella, e segredo, e auizará a esta meza, João da Cunha cirurgião moradores

em Santarem. E no tocante a se deshonrarem os ditos Esteuão Nunes, e Duarte de Barros de dia, e á noite se ajuntarem, dará rezão o ditto João Duarte e Manoel de Auellar Camello, Auogado, e Miguel Teixeira que uiue de sua fazenda, e Manoel Tauares Roldão Escriuão do hospital moradores todos na ditta Villa. E al não disse, e ao costume nada. E sendo-lhe lida esta sua denunciação, e por elle ouuida, e entendida disse que estaua escritta na uerdade, e assinou aqui com o ditto Senhor Inquisidor. Manoel Martins Cerqueira o escreuy=*Bento de Beja de Noronha*=*M. João Marques Correa.*

(Caderno n.º 51 do Promotor da Inquisição de Lisboa, fls. 70 a 72).

II

Illustrissimos Senhores.—Em Mugem creou o P.e Fr. Antonio das Chagas alguns Terceyros; e como pouco bastava para que a devação, que varão tão Apostolico acendeo no peito de alguns, se ateasse no coração de quazi de todos, com hũas praticas que na Quaresma lhes fiz, todo aquelle povo aspirou a tomar o habito da ordem terceira de N. P.e São Francisco. Este fervor despertou no P.e Fr. Manoel Valente (carmelita calsado e morador nessa Cidade) o dezejo para que fizesse tambem alguns Terceiros do Carmo; e porque em algũas praticas na Igreja lhes disse que só erão verdadeiros filhos de N. Senhora os que trazião o seu bentinho, começou nesses seus poucos Terceiros a nacer (não sey se por emulação, se por jactancia) huns desprezar os nossos, tendo-os em menos, e asy em maiz. O que sey he que d'aqui se originou que a noite de S. João por toda a villa com discante andou huma Maria Pastana molher de Domingos Lopes cantando per desgarradas:

Nossa Senhora do Carmo
ha se de por no altar,
e o Beato S. Francisco
não ha la de ter lugar.

Nossa Senhora do Carmo
ha de se pôr na tribuna
e o Beato S. Francisco
ha se de deitar na rua.

Nossa Senhora do Carmo
ha de ir na procissão,
e o Beato S. Francisco
arrastado pelo chão.

Nossa Senhora do Carmo
calsa sapatos de ouro
e o Beato S. Francisco
calsa sapatos de coyro.

Nossa Senhora do Carmo
calsa sapatos de prata
e o Beato S. Francisco
calsa sapatos de vaca.

Nossa Senhora do Carmo
calsa sapatos, e meyas
e o Beato S. Francisco
calsa-os de pelles de ovelhas.

Andar, andar, que temos que estudar
que na ordem terceira
Caens e gatos podem entrar.

Todo o povo a ouvio, specialmente Manuel da Veyga, Antonio Roiz, Anna Nogueyra, Mariana Gomez, Mariana Gonsalves, Maria Bernardes, Maria Roiz escandalizou isto tanto a todos, que me disse hũ Antonio da Costa, que intentara o juiz Manuel Alvares Raphael tirar devaça; e se assim se doião os de fora, cõ mais rezão me chegou a mim ao coração para fazer esta queixa a V. S.as Illustrissimas, esperando que cõ o zelo que tão santo Tribunal custuma emende ou ignorancia tão bruta, ou liberdade tão escandaloza. Guarde Deos az pessoas de V. S.as Illustrissimas cõ eternas felicidades para credito da religião christãa etc. Cartaxo 5 de agosto de 676.— Humilde orador de V. S.as Illustrissimas=*Fr. Manoel da Madre de Deos.* (Caderno 53 do Promotor da Inquisição de Lisboa, fl. 131).

TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

(Vid. *Rev. Lusitana,* VIII, 239)

II

TESTAMENTO DA INFANTA D. LEONOR AFFONSO

Entre os filhos naturaes de D. Affonso III cita La Clede (*Histoire de Portugal,* vol. II, p. 258) D. Leonor, filha de Elvira Esteves, senhora nobre da villa de Santarem, com quem nunca foi casado, no dizer do autor da *Historia Seraphica,* Fr. Manoel da Esperança. Diz ainda La Clede que D. Affonso construiu para esta sua filha o convento de Santa Clara de Santarem. Foi neste mosteiro que D. Leonor Affonso entrou depois da morte do pae, onde por algum tempo permaneceu no estado de secular, vindo depois a professar em 1293. O P.e Ignacio da Piedade e Vasconcellos, na sua *Historia de Santarem edificada,* vol. II, p. 227, diz que ella se tornou notavel por suas virtudes e prodigios, accrescentando que existira em tempos antigos um livro manuscrito da sua vida, o qual depois veio a desapparecer. Sobre o anno da sua morte divergem os autores, dizendo uns que falleceu em 1302 e outros que em 18 de novembro de 1319. Foi sepultada primeiramente no meio do coro, mas em 1634 trasladada para o fundo do mesmo.

Ha pouco, por occasião de ser cedido o convento de Santa Clara ao Ministerio da Guerra, transferiram para a igreja da Graça o tumulo em que repousavam os restos da infanta e que era formado por quatro pedras, collocadas verticalmente com outra sobreposta, as quaes formavam uma especie de urna, que tinha na frente a seguinte inscripção: «S.a da infanta D. Leonor A.o, f.a del-rei D. A.o terc.o deste rino (*sic*) que fundou este convento e o dotou cõ largas rendas e o enobreceo cõ sua real p.ça e vertudes». No alto tem a corôa real e a data de 1634.

Dentro encontraram-se os ossos em estado de conservação relativamente perfeito, e pela pequenez das tibias via-se que a infanta fôra de pequena estatura. Aos peritos ouvimos que não parecia ter morrido velha, a julgar pelas suturas do cranio, o que nos leva a admittir para a data da sua morte antes a de 1319 que a de 1302.

Afóra os ossos existiam na sepultura uns fragmentos de pano de linho, mas a desfazerem-se, os quaes provavelmente serviram de involucro aos ossos por occasião de serem trasladados da antiga sepultura para esta. Antes de professar, fez a infanta o seu testamento, no qual deixa ao mosteiro as suas herdades de Mortagua, Azambuja e Toureira. Existe ainda um testamento, que é escrito numa tira de pergaminho de $0^{m},33$ de comprimento e $0^{m},16$ de largura, com a bella calligraphia do seculo XIV, tendo na parte inferior uma pequena dobra de $0^{m},02$ de largura, com um sêllo de cera pendente por fios de seda, no qual se vêem umas armas, que nos pareceram as de Portugal, e uma legenda que não conseguimos ler. Devido á amabilidade e gentileza de S. Ex.ª o Conselheiro Matos Beja, digno delegado do thesouro, pudemos copiar o dito testamento, que é mais um dos monumentos da linguagem do tempo e, por isso, digno de se ajuntar a outros que a *Rev. Lusitana* tem publicado. Transcrevemo-lo com as abreviaturas do original, i. é, q̃ = *que*, e a nasal representada por um til.

«In dei ññe amẽ. Eu dona Leonor affonsso noviça na ordem de sca Clara do moesteyro de Sãtarem. filha do moy nobre Rey don Affõsso de Port. e Algarue temẽte o dia e a ora nõ...[1] de mha morte en mha saude e cõ meu ẽtendimẽto faço e ordiõ meu testamẽto ẽ esta maneyra antes do tẽpo q̃ ey a fazer profison. e primeyramente offeresco a mha alma a deos e a sca maria sa madre mãdo meu corpo soterrar no moesteyro de sca Clara de Sãtarem. e mãdo a esse moesteyro ho meu herdamẽto de mortaaagua q̃ o aia depos mha morte. e mãdo q̃ as rrẽdas e os novos[2] e os fruytos desse herdamẽnto de mortaaagua desse ano todo ẽ que eu morrer q̃ a Abadesa q̃ polo tẽpo for ẽ esse moesteyro de sca Clara e o Convẽto desse logar q̃ nõ filhẽ ende nada. mais todo o dem por missas cãtar por mha alma. e de polo ano fiq̃ a elas livremẽte e en paz. It mãdo q̃ o herdamẽto da Azãbuja q̃ foy de meẽdentrida q̃ sse El-Rey achar q̃ o deue a auer de dereyto segũdo a carta q̃ eu tenho de sseu padre q̃ o aia. e se achar que o eu deuo a auer mãdo q̃ fiq̃ ao dco moesteyro. It mãdo o meu herdamẽto da Toureyra q̃ foy delvyra migueez q̃ seia pera a mha Capela q̃ eu q̃ro

[1] Ha aqui uma palavra illegivel por estar gasto o pergaminho; será «sabedor»?

[2] Ainda hoje no Algarve se dá o nome de *novidade* aos frutos das terras, como figo, uva, etc.

fazer en sca Clara en q̃ cante hũu Capelã cada dia por mha alma pera todo sẽpre. pera a qual Capela faço hũa uestimẽta daljoufar. e mãdo q̃ esta uestimẽta seia pera a dca Capela e mãdo q̃ nẽ per coyta. nẽ per lazeyra. nem per pobreza. nẽ per outra cousa q̃ seia q̃ o moesteyro aia q̃ nũca possam apenhorar. nẽ uender nẽ alẽar essa uestimenta nẽ caliz nẽ nẽhũa cousa dessa Capela e se pela uentura en algũu tẽpo acaecer q̃ a Abadessa e as donas mj nõ temerẽ o Capelã assi como dco é ou filharem a dca uestimẽta ou caliz ou algũa das cousas dessa Capela por cousa q̃ seia daqlas q̃ o fezerẽ ou o cosẽtirem q̃ aiam a maldiçõ de deos padre poderoso pera todo sẽpre e a ssa alma lazare porẽ no inferno. ca este é o q̃ eu meto por meu juiz e por uéédor ãtre mĩ e elas. e pagado o Capelam de ssa soldada ẽ cada hũu ano da rrẽda do dco herdamẽto aq̃lo q̃ ende ficar mãdo que o aiam as donas desse moesteyro. E mãdo e q̃ro q̃ a Abadessa q̃ polo tẽpo for ẽ esse moesteyro e o cõuẽto desse logar dê[1] ende ẽ cada hũu ano aos ffrades meores de Sãtarẽ cinq[i] moyos de trjgo pela medida de Sãtarẽ cõuẽ a saber, o quarteyro de quinze alq̃yres. so tal cõdiçõ[2] q̃ o Gardiam e os ffrades desse moesteyro de Sã ffrãcisco uenhã fazer hũu aniversayro ẽ cada hũu ano na mha capela e cãtar hũa missa. e sair sobre mĩ. e cada hũu dos ffrades do dco moesteyro de sã ffrãcisco digã todos en seu moesteyro senhas missas ẽ cada hũu ano por mha alma pera todo sempre. e se o Gardiã e os ffrades esto non q̃serẽ fazer ou cõprir[2]. mãdo q̃ a Abadessa e o Conuẽto desse moesteyro q̃ lhy non dẽ esse pam. e q̃ o aiam pera si. e mãdo q̃ a Abadesa q̃ polo tẽpo for ẽ esse moesteyro de sãta Clara faça adubar e ualar o dco herdamento da Toureyra. ẽ tal g[i]sa q̃ sse cõpra[2]. desse herdamento aq̃sto q̃ eu mãdo fazer. E reuogo a mãda q̃ eu fiz q̃ tem ffrey Affõsso rodrigiz meu tyo. e todalas outras mãdas q̃ eu fiz ãte que entrasse ẽ ordem. e reuogo essas todas. e mãdo que nõ ualhã saluo esta q̃ fiz seendo nouiça[3] q̃ outorgo. E q̃ aq̃ste meu feyto aia moor firmidoyn e nõ possa despoys uirar en douida fiz ẽde fazer aq̃ste testamẽto per mão de Dg.[us] martĩjz[4] publico Tablliõ de Sãtarẽ. e seelar do meo Seelo. ffeyto ffoy este eno moesteyro de suso dco de sãta Clara xx dias de março. Era de mil e trezẽtos e trijnta e hũu ano. E presẽtes forõ.

---

[1] O original tem *de*.

[2] No original falta o sinal de nasal, achando-se *codiçô, copra,* como atrás *cosetirem*.

[3] Diz o original *novica*.

Johã miguééz vigayro raçoeyro[1] de marvila. Pedro uéégas uogado. Salvador diaz Tabllion de Sãtarem. Johã steuééz sobrĩo desse Pedro ueegas. E eu Domĩgos m^a^jz. pblico Tablion de Sãtarem a rogo da dca dõa Leonor ao estabelecimẽto e ao pblicamẽto do dco testamẽto presẽte foy e aq̃ste stromẽto ẽde screuj e presente si ☩ nal meu ẽ ele pugj ẽ testemoyo desta cousa».

*
* *

No reverso do testamento encontram-se as seguintes notas postas alli por mãos differentes: «Testamento da Senhora D. Lianor, f.ª de D. Aff. 3 em que deixa as Erdades de Mortagua, Azambuja e Toureira para a sua capela que fez no d.º convento. Testamento da infanta Dona Leonor Affonso».

A proposito da herdade de Mortagua, lê-se no testamento de D. Affonso III no dizer de Fr. Manoel da Esperança (*Historia Seraphica*, p. 527), a seguinte referencia: «Mando D. Aleonor, quã habui de Elvira Stephani, hereditatem meam de Morta agua», e da denominada da Azambuja diz o mesmo autor que o rei a comprára a Mem Pires, *o intrida*.

J. J. Nunes.

---

[1] No original lê-se *martijz* e *racoeyro*.

POETAS POPULARES PORTUGUESES

(Vid. *Rev. Lusitana,* VIII, 45)

IV

O PÔTRA

D. Frey Manuel do Cenaculo, Bispo de Beja, vulto de alta sciencia, encyclopedico mesmo, era eximio poeta e amantissimo por tudo concernente á poesia. Havia nessa epoca, nas cercanias de Beja, um pastor, poeta campestre de grande fama,—e justa fama.

Este vate, sem cultura, fazia versos a tudo e a todos que lh'os pediam, mediante a mesquinha retribuição de *meio quartilho de qualquer liquido vermelho*... Só aos domingos e dias santificados apparecia na cidade. Depois de ouvir missa, jantava, e rodeado de amigos, começava a improvisar estrophes maravilhosas, cujo chiste prendia a attenção de todos que tinham o gosto de o ouvir recitar. Não havia ninguem em Beja, e até mesmo no concelho, e talvez no districto[1], que não fizesse empenho em escutar as bellezas da musa do grande bardo,—o «Pôtra»!

Cenaculo, tão sabio, como bondoso e popular, constando-lhe que vagueava pelas ruas da cidade um pobre pastor analphabeto, que improvisava trovas admiraveis... não acreditou; porém, um bello dia em que se reuniram, no Paço Episcopal, os sacerdotes mais illustrados da diocese, de que era mui digno prelado, depois de se haver fallado em diversos assuntos, veio a proposito tratar-se de poesia, *ipso facto* de ser a veia favorita de Sua Excellencia reverendissima que, depois de sublime prosaico, era poeta de vulto.

Continúa a palestra com referencia a tudo que é bello e util; e, um dos clerigos mais afeiçoado do Bispo, desejando tornar-se-lhe agradavel, passou a informar Sua Excellencia das novidades locaes, e mais recentes,—*sine qua non*..., em que enthusiasticamente frisou a geral admiração que corria de boca em boca, por toda a Pax-Julia, a respeito do poeta Pôtra, — o versador insigne, —

[1] Ha aqui um anachronismo administrativo desculpavel.

o pastor inspirado, emfim!—Isto, depois de calorosamente corroborado por todos os presentes, moveu a curiosidade de Sua Excellencia, o Bispo, a convidar o Pôtra a vir ao Paço, a pretexto de qualquer cousa. Passados uns cinco dias, apparecia o pastor e seus collegas, tambem de cajado tortuoso enfiado no braço, andando vagarosamente em direcção á Igreja do Salvador, a fim de alli ouvirem missa.

—Alli vae elle, Sr. Bispo. É aquelle, mais baixo e grosso, que tem uma hernia intestinal, ou rotura; e, eis d'onde lh'aventaram o ***annexim*** de «Pôtra...»[1].

—Que suba; desejo fallar-lhe.

Feita a intimação, o humilde camponês hesitou um pouco em subir aquella enorme escadaria, pois que o que via quotidianamente era o gado que lhe estava confiado para o apascentar, serras, matos, cães, lobos, e, nada mais...

Finalmente, o homem subiu, e Cenaculo não se fez esperar.

—Como te chamas, pastor?

—Pôtra, servo de su'incellencia!

—Tu é que és o tal Pôtra que faz versos a torto e a direito?...

—Começam tortos, mas acabam drêtos, ás vezes, como s'acostuma dizer.

—Muito bem; mandei pedir-te para vires aqui, pois desejo ouvir-te; fazes-me um verso?

—Ora, mê sinhor? Su'incellencia está-se a adevertir comigo... mas por ser a prumêra coisa que me pede... vá lá, venha mote?

Cenaculo, fita-o de frente, e com certo sarcasmo diz-lhe:

—«Nós ambos somos pastores».

Pôtra, de improviso:

Senhor meu, batei as palmas,
Pois nós não somos iguaes:
Eu, sou pastor de animaes,
E vós sois Pastor das almas!
Soffro frio e soffro calmas,
Sinto do tempo os rigores;
Vós brilhaes entre os doutores,
Servindo aos sabios d'exemplo,
Eu, no prado, e vós no Templo,
Nós ambos somos pastores.

---

1 [Palavra que tem essa significação.—J. L. DE V.].

Superfluo será dizer, qual o assombro de que foi accommettido o erudito e grande cultor da poesia, que ouviu e pasmou ao ver realizar tão proficientemente o que, ha bastante tempo, se lhe affirmava! O Bispo, então, abraçando-o, commovido, deu-lhe uma peça de 6$400 réis, e disse-lhe, que quando viesse á cidade, desejava vê-lo, pois que muito se alegrava todas as vezes que abraçava os *collegas*...

Outro improviso do Pôtra:

Em uma loja de bebidas, em Lisboa, estavam diversos cavaheiros, e, entre elles alguns *fidalgotes,* que, ao ouvirem fallar em Pôtra, desataram a rir, e mofando d'elle, lhe pediram uma decima, mas de improviso.

—Venha mote.

—Lá vae, disse um dos tres, zombando do pobre camponio:

MOTE

«Conde, Duque e Marquês»

DECIMA

—Com penna de pato ou *pirum*
Sendo ella bem aparada,
Faz uma letra delicada,
Sem ter defeito nenhum.
Tres vezes sete, vinte e um,
E *nó's* fóra, ficam tres;
Trinta dias tem um mês,
Tres oitavas o natal,
Tres diabos tem Portugal:
Conde, Duque e Marquês[1].

(Transcrito da revista litteraria d-*O Seculo,* de 25 de Janeiro de 1904).

---

[1] [Sobre o uso das decimas no nosso povo, principalmente no Sul, vid· *Rev. Lusitana,* VIII, 47, e *Ensaios Ethnographicos,* III, 337.—J. L. DE V.].

DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DO NORTE

O dialecto indo-português do Norte ou «português dos Norteiros», como é geralmente conhecido na India, occupa, depois do de Ceilão, o primeiro logar entre os crioulos indianos, assim pelo numero dos que o falam, como pela área que abrange, e não menos pela variedade de subdialectos que apresenta.

As palavras *Norte* e *Norteiro* tem aqui significação muito restricta e singular. Tomando Goa como centro, a região que lhe fica ao norte é simplesmente *Norte*, na linguagem popular e mesmo na official; assim como é *Sul* a que lhe fica ao sul, havendo até em concani o composto hybrido *sul-kar*, que em português corresponderia a *Suleiro* ou *Sulista*, termos, que eu saiba, nunca usados nem na India[1].

Alem d'isto, só as terras setentrionaes que estão ou estiveram sob o dominio de Portugal é que tem a denominação de *Norte*, como são Bombaim, Taná, Baçaim, Chaul, etc. Ainda hoje Damão e Diu são, em terminologia governamental, «as praças do Norte»[2].

Mas o termo *Norteiro*, como é ao presente entendido, tem sentido muito mais circunscrito. Não comprehende todos os habitantes do *Norte* indistinctamente, mas tão sómente os que adoptaram a religião e a lingua dos dominadores, isto é, os que são christãos e falam português, embora não sejam, como não são na sua maioria, descendentes de Portugueses. O governo de Bombaim denomina-os, collectivamente, *Portuguese community*, «communidade portuguesa»; e elles ha pouco arrogam a si, como mais airoso, posto que menos adequado, por ser *latius patens*, o epitheto de *East-Indians*, «Indios orientaes».

Como se vê, pois, o *habitat* do português norteiro, mesmo com exclusão dos dialectos de Damão e Diu, que lhe são subordi-

---

1 No Brasil está em voga o derivado *nortista*, e designa o habitante da região setentrional da Republica.

2 Baçaim honrava-se outr'ora com o pomposo titulo de *Côrte do Norte*.

nados, mas sobre que já ha trabalhos especiaes[1], estende-se por grande superficie, abrangendo Bombaim, Mahim, Bandorá, Baçaim, Curla, Taná, Andheri, Morol, Govai, Manori, Malvan, Versová, Chaul.

O número, porém, dos que o usam como lingua materna não está em proporção com a sua área e com a população, pois orça, salvo erro de informação, por 5:000[2]. Ha muitos christãos, especialmente de classes ou castas inferiores, que o desconhecem, e falam um *patois* do maratha, assim como ha alguns pagãos em serviço de familias christans que o aprendem no convivio, como acontece tambem em Ceilão.

Não ha escolas de crioulo; mas ha-as, e muitas, de português genuino; nem é usado na igreja, a não ser no confessionario pelos penitentes. Reza-se e catechiza-se em português, e prega-se em linguagem facil e simples, ao alcance dos ouvintes[3]. Tambem não ha nenhum livro ou impresso em crioulo. Os que sabem ler servem-se de devocionarios portugueses.

As classes illustradas manifestam desamor á sua lingua materna, pela consciencia e pejo que tem da sua corrupção, e procuram descartar-se d'ella, servindo-se ou do português legitimo ou do inglês, lingua official, principalmente em Bombaim e nos suburbios. O norteiro tende, portanto, a restringir-se á proporção da extensão do inglês, e é natural que venha um dia a desapparecer da cidade, supplantado pelas duas linguas europeias, não porém na provincia, onde o inglês não póde esperar converter-se em lingua materna, nem por longo decurso de tempo.

Se bem que mais de uma vez estive em Bombaim, e tive occasião de ouvir falar o crioulo, não me dei ao trabalho de o estudar detidamente no logar, por lhe não ligar então muita importancia. A maior parte dos materiaes que fazem objecto do presente estudo foi-me ministrada, com cativante amabilidade e interesse, pelo Sr. Pascoal Rebello, natural de Tecelaria, no districto de Taná, e professor de inglês no Collegio de S. Francisco Xavier, de Bom-

---

[1] O meu sobre o de Damão, publicado na revista lisbonense *Ta-ssi-yang-kuo*, e o do Dr. Schuchardt sobre o de Diu, *Kreolische Studien*, III.

[2] Bombaim e Mahim 2:000, Bandorá 1:000, Taná 500, Baçaim 50, Curla 100, outros logares 1:000. O *Relatorio da nova diocese de Damão*, pelo seu 1.º Bispo D. Antonio Pedro da Costa, Bombaim 1892, que dá esclarecimentos interessantes e menciona o numero de fregueses e de escolas, é omisso neste particular.

[3] Prega-se igualmente em maratha dialectal, que é o idioma indigena.

baim. Elle proprio elaborou, com o concurso de sua esposa, mais sabedora do crioulo, os dialogos em diversos sub-dialectos, traduziu de inglês alguns contos e ministrou-me importantes apontamentos[1]. Pena é, porém, que em alguns textos tenha havido palpavel tentame de *aperfeiçoar* o dialecto, tornando-o, assim, semi-crioulo[2].

Observa o meu correspondente que o dialecto fallado, com exclusão de outra lingua, pelos trezentos habitantes da sua freguesia, differe notavelmente dos das outras partes e se aproxima muito do de Damão. Tambem nota que a fala das mulheres em Bombaim é mais crioulizada que a dos homens, mas não indica a differença: deve naturalmente ser ao mesmo tempo lexica, phonetica e morphologica[3].

Pelo exame dos espécimes dos subdialectos se deprehende que o de Bombaim e suburbios conserva algumas flexões nominaes e verbaes, tem menos alterações phoneticas e se resente mais da influencia do inglês, não só na lexicologia, mas até na morphologia, devendo, por isso, considerar-se como misto e hybrido. O de Tecelaria e os de outras localidades distantes, deixados á livre evolução, sem grandes pressões estranhas, desenvolveram-se espontaneamente em crioulo propriamente dito, com algumas peculiaridades individuaes, de pouca monta, que se não generalizaram, ou por motivo de isolação, ou por antagonismo de fórmas preexistentes.

A entoação do dialecto norteiro é accentuadamente marathizada: muito modulada, um pouco aflautada, e ao mesmo tempo rapida. Quem facilmente comprehende o crioulo no escrito não o perceberia, sem grande difficuldade, sendo falado[4].

A) PHONOLOGIA

A caracteristica mais saliente do dialecto norteiro consiste na eliminação de phonemas iniciaes, mediaes e, sobretudo, finaes, praticada em larga escala, não só em obediencia ás leis de brevidade

---

[1] Não reproduzo essas traducções e algumas das peças poeticas, por serem de somenos valor dialectologico, e por não me fazerem mingua.

[2] As peças poeticas, como são em geral literarias e tradicionaes, não admira que conservem, em parte deturpados, muitos vestigios grammaticaes da lingua-mãi.

[3] Creio que esta observação póde tambem applicar-se a outros logares.

[4] A proposito: conta-se que tendo um europeu ido visitar um individuo de Bombaim, as filhas, que o receberam na ausencia do pai, disseram a este, quando voltou, que tinha vindo um português, que falava tão mal a lingua, que nada lhe entenderam, nem elle dava sinaes de as perceber.

e do menor esforço, mas particularmente pela influencia do maratha, que lhe serve de substrato, e que é, como os outros idiomas neo-aricos, quasi oxytono[1].

APHERESE:

a) de *a* atono em syllaba independente, em especial nos verbos[2]: *bobra* = abobora, *marello* = amarello, *safran* = açafrão; *cabá* = acabar, *caflá* = acafelar, *cordá* = acordar, *marrá* = amarrar, *panhá* = apanhar, *parcê* = apparecer, *pontá* = apontar.

b) de *v* (= *w*) antes de vogal labial (por assimilação): *ós* = vós, *ocê* ou *oscê* = você.

c) de *es* em grupo consonantico: *tá* = está, *garvitá* = esgaravatar, *tul* < ingl. *stool* = banquinho.

d) de syllaba: *Bastião*[3] = Sebastião, *cê* (em enclise) = você.

SYNCOPE:

1. de vogal atona em polysyllabos:

a) de *a* pretonico: *launtá* = levantar, *marvilh* = maravilha, *buzruc* = bazaruco (moeda); de *a* postonico em esdruxulos: *pasr* (tambem *pastr*) = passaro, *Lazr* = Lazaro.

b) de *e* pretonico: *caflá* = acafelar, *boftiá* = bofetear[4]; *com'ptê* = competir, *parcê* = parecer, *bringalo* = beringela.

c) de *i* postonico: *matera* (tambem *matér*) = materia.

d) de *o* postonico em esdruxulos: *bobra* = abobora, *parabl* = parabola.

e) de vogal atona em hiato: *álòs* = áloes, *rundad* = ruindade.

2. de consoante: de *r*: *boba* (tambem *bobra*) = abobora, *culata* = culatra; de *d*: *ganeiro* = granadeiro (?), *tanan'* < *tá* + *andan'* = andar (por assimil.); de *t* em *tanin'* < *tantinho* = tantito (por dissimil.); de *v* em *outrêz* ou *utrêz* = outra vez.

3. de syllaba; *mucêd* = muito cedo, *fifis* < *filh-filh* = filhos.

APOCOPE:

1. de vogal atona simples oral, antecedida de consoante simples: *caz* = casa, *filh* = filho ou filha, *mach* = macho, *dev* = deve.

---

[1] Supprime-se, na linguagem popular, a vogal breve atona dos vocabulos sanscriticos, e não se admittem os proparoxytonos. Exceptua-se o singalês.

[2] Phenomeno commum a todos os crioulos.

[3] [Póde ter vindo do Continente, pois essa fórma era cá usada no sec. XVI.— J. L. DE V.].

[4] Em *atquê* = até que, o *e* supprimido é aberto.

2. de vogal antecedida de outra, tonica: *di* = dia, *rupi* = rupia, *ti* = tia, *pessô* = pessoa, *rú* = rua, *naví* = navio[1].

3. de nasal simples postonica: *hom'* = homem, *ord* = ordem, *virj* = virgem. Mas *corágè* = coragem.

4. de duas vogaes em palavras proparoxytonas: *históṙ* = historia, *poliç* = policia, *Russ* = Russia; *fem'* = femea; *ag* = agua, *leg* = legua; *palaç* = palacio, *princip* = principio, *remed* = remedio, *rusar* = rosario. Em *prop* = proprio, cae a consoante antecedente.

5. de vogal junto com a liquida da consoante composta: *palav* = palavra; *liv* = livre, *pob* = pobre, *sëmp* = sempre, *alhof* = aljofre; *dent* = dentro; *fer* = ferro, *tor* = torre.

6. de consoantes:

a) de *r* nos infinitivos verbaes, em geral: *tumá* = tomar, *lê* = ler, *oví* = ouvir.

b) de *s* thematico, ás vezes com a vogal antecedente: *doi* (tambem *dóz*) = dois, *dipoi* = depois; *ant* = antes, *simpl* = simples.

7. de syllaba consonantica:

a) nos esdruxulos: *lampa* = lampada, *cam'* = camara, *muz* = musica, *temp* = tempêro (por intermedio de *tempr*), *arb* = arvore.

b) nos paroxytonos: *pa* = para ou pode, *dé* = deve, *mim* ou *mi* = minha, *ló* = logo, *frech* = fresta, *pés* < *p'ést* = para este (por assimil.).

Excepção: na poesia e na emphase conserva-se a vogal final.

Epenthese: de *a* ou *o* em *nigarinha* ou *nigorinha* = negrinha (suarabacti); de *b* em *cambrão* (< **cam'rão*) = camarão; de *g* em *cardamungo* = cardamomo; de *r* em *aprendré* = aprender; de *t* em *pastr* = passaro; de *as* em *orasbalha* = orvalho.

Paragoge: de *a* em *anela* = anel, *amora* = amor, *traça* = atrás; de *i* em *tai* > *tá* = está, *bam' balhai* (na poesia) = vamos bailar.

Metathese: em *pirmêr* = primeiro, *sanscriti* = sacristia.

Assimilação:

Nota-se em particular: *rosso* = rosto (tambem *rosto*), *pominh* = pombinho; *tamem* = tambem, *Bomaim* = Bombaim, *chua* = chuva, *toz* (< *tods*) = todos, *cadóra* = cada hora.

---

[1] *Io* ditonga-se algumas vezes: *tiu* = tio, *gintiu* = gentio; *meu* = meio, *veu* = veio.

ATTENUAÇÃO:

1. de vogal atona simples oral:

a) de *a* (medial) em *e*: *seramp* = sarampo, *fezê* (pouco usado) = fazer; (final) *cóbrè* = cobra, *ródè* = roda; em *i*: *curitiv* = curativo, *chicota* = chacota (por infl. de *chicote*), *marivilhá* = maravilhar, *garvitá* = esgaravatar (por dissimil.), *responsibilidad* = responsabilidade (infl. do ingl. *responsibility*); em *o* surdo: *bringalo* = beringela, *dúvido* = dúvida; em *u*: *mudrugado* = madrugada (por assimil.), *buzruc* = bazaruco (por assimil.).

b) de *e* em *i*: *isprá* = esperar, *ispinh* = espinho[1]; *illót* = elles outros, *dipoi* = depois, *manijá* = manejar; *pidí* = pedir, *bibé* = beber, *minin'* = menino, *sinhor* = senhor[2]; em *u*: *dupois* = depois.

c) de *o* em *u*: *ulhá* = olhar, *ucé* = você, *usot* < *ós-ót* = vós outros, *susseg* = sossego, *cubrir* = cobrir, *buião* = boião.

2) de vogal tonica:

a) de *a* em *e*: *sobréda* = sobrado, *pé* (talvez de *pera*) = para; em *o*: *bom'* < *bam'* = vamos; em *i*: *ji* = já (tambem us.); em *u*: *pu* = para.

b) de *e* em *i*: *ergui* ou *irguí* =erguer.

c) de *o* em *u*; *cardamungo* = cardamomo.

3. de vogal simples nasal:

a) de *ã* tonico em *ẽ*: *diamento* = diamante.

b) de *ẽ* inicial e medial em *ĩ*: *insiná* = ensinar, *inzvelh* = em joelhos; *gintiu* = gentio, *pindurá* = pendurar, *sintid* = sentido.

c) de *õ* em *ũ*: *lumbrig* = lombriga, *respundé* = responder, *cum* = com.

4. de grupo vocalico:

a) de *io* em *e*: *crenç* = criança.

b) de *ua*, antecedido de *q*, em *a* ou *o*: *catr* = quatro, *corent* = quarenta, *coresm* = quaresma.

c) de *oão* em *ão*: *Jão* = João.

5. de *rr* dobrado: *arós* = arroz, *bariga* = barriga, *garaf* = garrafa, *curé* = correr, *mará* = amarrar, *fer* = ferro, *tor* = torre, *mur* = murro[3].

---

[1] *Es* inicial degenera facilmente em *is*, como no Continente.

[2] A labial e a sibilante inicial attenuam, de ordinario, o *e* seguinte atono.

[3] *Rr* dobrado é mais brando que no Continente.

SIMPLIFICAÇÃO DOS DITONGOS:

a) de *ai* em *a*: *compaxão* = compaixão.

b) de *ei* em *é*[1]: *mérinh* = meirinho; *cadêr* = cadeira, *estér* = esteira, *oitér* = oiteiro, *respêt* = respeito; em *i*: *bijá* = beijar, *dixá* = deixar (infl. da palatal).

c) de *ou* em *ô*[2]: *cóz* (tambem *coiz*) = cousa; *ovi* = ouvir, *dótor* = doutor; em *a*: *lavor* = louvor; em *u*: *pusá* = pousar, *rubá* = roubar, *utréz* = outra vez. Mas *dóz* (tambem *doi*) = dous.

DESENVOLVIMENTO:

1. de vogal atona oral:

a) de *e* medial em *a*: *launtá* = levantar (infl. da liquida); de *e* final em *a*: *ada* < *ade* = adem, *betla* = betle, betel, *dota* = dote, *hoja* = hoje[3].

b) de *o* em *a*: *mêda* = medo.

c) de *i* em *e*. *felecidad* = felicidade; em *ei*: *deizer* = dizer.

2. de vogal tonica oral:

a) de *a* em *ai*: *tai* < *tá* = está; em *au*: *cauz* = caso.

b) de *e* em *ei*: *treis, trei* = tres, *carreit* = carreta, *bezeir* = bezerro.

c) de *o* em *a*: *ás* < *ós* = vós, *pá* = pode, *voltiá* = voltear.

d) de *u* em *o*: *custóm'* = costume (talvez por infl. do inglês).

3. de vogal nasal:

a) de *ẽ* em *ã*: *santá* = sentar-se, *açandê* = accender, *excellánci* = excellencia.

b) de *ĩ* em *ẽ*: *emperador* = imperador, *enchaç* = inchaço.

c) de *ũ* em *ã*: *randá* = *rundá* (< *rundad*): ralhar.

4. de *r* em *rr*: *arredor* = ao redor, *arrê* < *arê*: oh, *irrado* = irado, *perderrei* (na poesia) = perderei.

NASALIZAÇÃO:

1. de *a* medial atono: *sanscriti* = sacristia[4]; *messangeiro* = mensageiro, *passangeiro* = passageiro (infl. da palatal ou do ingl. *messenger, passenger*); de *a* final: *nã* = na.

2. de *e* inicial: *enrado* = errado; de *e* medial atono: *començá* = começar (infl. da nasal precedente ou do ingl. *commence*), *finchá* =

[1] Phenomeno commum.

[2] Tendencia geral.

[3] Em maratha não ha *e* final surdo ou mudo.

[4] [Póde ter ido do Continente.—J. L. DE V.].

fechar (com attenuação da vogal); de *e* final tonico nos verbos: *açandẽ* = accender, *cumẽ* = comer (resonancia da nasal), *bibẽ* = beber.

3. de *i* medial atono: *grintá* = gritar, *simpai* = sipai, *Minguel* = Miguel; de *i* final tonico nos verbos: *vim* < *ví* = vir, *dormim* < *dormí* = dormir.

4. de *o* medial atono: *monstrá* = mostrar; de *o* final tonico nos verbos: *já tumom* < *já tumô* = já tomou.

5. de *u* final proclitico: *pum* < *pu* = para.

Desnasalização:

1. de vogal simples: *daçand* = dançando, *pessand* = pensando (por dissimil.), *nuc* = nunca, *vid* = vindo (formado normalmente de *ví*), *mi* < *mim* = minha, *palaquinha* = palanquim[1].

2. de ditongo: *ãi* em *ai: mai* = mãi (tambem us.); *ão* em *ai: pai* = pão, *mai* = mão[2]; e *ão* de *não* em *na, nu, ni*[3].

Palatização:

1. de *l* intervocalico: *alhi* = alli (tambem us.), *cavelho* = cabello, *cavalho* = cavallo, *balhá* = bailar.

2. de *lj: alhof* = aljofre.

3. de *c* guttural em *ch: rich* = rico (talvez infl. do inglês).

4. de *s* sibilante (*ç*) em *x: cox* = couce.

5. de *st* em *ch: frech* < *frest* = fresta.

6. de *ĩ* final: *palaquinha* = palanquim. Tambem *meninh* < *menin'* = menina.

Despalatização:

1. de *lh: fifis* < *filh-filh* = filhos.

2. de *nh* final: *mim* = minha, *tim* = tinha, *tanin'* = tantinho.

3. de *j* em *g; bringalo* = beringela; em *s: botiça* = botija.

4. de *x* em *s; pussá* = puxar.

Troca de consoantes:

1. de *v* por *b: arb* < *arv* = arvore, *bom'* = vamos, *barrê* = varrer, *barrão* = varrão, *persebejo* = persevejo, *orasbalha* = orvalho.

---

[1] O etymo é *pālkī*. A nasalização do *i* final tonico é normal na transição para o português. O *ã* medial *Hobson-Jobson* attribue-o á influencia de *palanque*.

[2] É singular a mudança de *ão* em *ai*.

[3] Na crase *não* reduz-se a *n: n'é* = não é, *n'ha* = não ha, *n'had* = não ha de.

2. de *b* por *v*: ***cavelho*** = cabello.
3. de *j* por *z*: ***zent*** = gente, ***inzvelh*** = em joelhos.
4. de *g* por *q*: ***equal*** = igual (talvez infl. do inglês).
5. de *n* por *l*: ***hervelad*** = hervanario.
6. de *r* por *l*: ***almar*** = armario (por dissimil., se não foi importado do continente); por *d*: ***hervelad*** < ***hervenar*** = hervanario, herbolario.
7. de *t* final por *d*: ***convid*** = convite, ***diamand*** = diamante.
8. de *s* sibilante por *z*: ***toz*** < ***tods*** = todos, ***dóz*** = dois.
9. de *d* por *n*: ***nona*** = dona[1].

Peculiaridades de phonemas:

Tenho de repetir o que está dito com respeito ao dialecto de Damão.

Ch conserva em todos os crioulos o som archaico, como no Norte de Portugal, sendo tambem tal o seu valor vernaculo.

J é explosivo, como em inglês, e não fricativo, como em português.

R inicial não é vibrante, sôa como o *r* medial.

V é semivogal, equivalente ao inglês *w*, e por isso facilmente vocalizavel[2].

S medial (não intervocalico) e final é sibilante, como o inicial. Sendo porém seguido de *m*, equivale a *z*: ***mezm'*** = mesmo.

Vocalização de *p* em *u*:[3] ***bautism*** = baptismo, ***bautisad*** = baptisado, ***Bautist*** = Baptista.

Dá-se consonantização de *o* em ***inzvelh*** = em joelhos.

Esdruxulos:

O crioulo norteiro, como os outros, não tem esdruxulos, que tambem são desconhecidos no maratha e no guzerathe.

Os esdruxulos portugueses (normaes) reduzem-se a paroxytonos ou oxytonos por apocope e syncope: ***vigar*** = vigario, ***bobra*** = abobora; ***arb*** = arvore, ***pasr*** = passaro.

Compostos:

Outra caracteristica do crioulo norteiro é a formação de compostos com particulas, nomes e pronomes. Neste processo dão-se

---

1 Influencia da nasal seguinte, se é que o etymo não é *senhora*.
2 Por ex.: *deu* < *dew* = deve, *launtá* = levantar.
Popular no continente.

muitos phenomenos phoneticos, como, por exemplo: *ellòt* ou *illòt* = elles outros; *pelôt* ou *pilôt* < *pa ellòt* ou *pa-illòt* = para elles outros; *parós* ou *p'ós* = para vós; *pu-su* = para seu; *pursòt* = para vós outros, *p'ês* = para este; *par-cê* = para você; *n'é* = não é; *n'ha* = não ha; *ni-qui* = não quer; *outrêz* ou *utrêz* = outra vez; *usôt* = vós outros.

NOMES HYPOCORISTICOS:

Os nomes caseiros, extensamente usados, tambem apresentam notaveis deformações phoneticas. Eis a lista dos mais vulgares.

Alux, Aleixo.
Anton', Antú, Antonio.
Banú, Bernardo.
Bastião, Bastú, Sebastião.
Batú, Bartholomeu.
Diogút, Diogo.
Dumux, Domingos.
Fanchú, Fanchút, Fancha, Francisco.
Guig, Guigut, Grègorio.
Inaç, Inacio.
Jão, João.
Jojút, José.
Lazr, Lazaro.
Lujút, Luja, Luís.
Manú, Manút, Manoel.
Mascút, Marcellino.
Nagút, Norberto.
Nicút, Nicolau.
Pacút, Paca, Pascoal.
Silú, Silút, Celestino, Silvestre.

(*Bai*) *Anjú,* Angelina.
Annú, Annút, Anna.
Calú, Carolina.
Catú, Catarina.
Cutú, Clotilde.
Dafút, Delfina.
Dumú, Duma, Domingas.
Faxút, Francisca, Feliciana.
Ilú, Helena.
Insú, Inacia.
Inú, Inês.
Isbú, Isabel.
Janú, Joana.
Julí, Julia.
Luzú, Luisa.
Macút, Monquim, Monica.
Marú, Maria.
Pasquin, Pascoela.
Quitú, Quiteria.
Rosú, Rosút, Rosaria.
Terú, Teresa.
Xepú, Serafina.

B) MORPHOLOGIA

Os textos em que se baseia o presente estudo apresentam muitas variantes de phenomenos morphologicos, não sendo, por isso, facil estabelecer regras geraes. Ás vezes conservam-se vestigios das flexões originaes; outras notam-se peculiaridades subdialectaes, outras houve, visivelmente, esfôrço para aproximação da lingua-mãi.

A doutrina que se segue é, portanto, susceptivel de muitas excepções, que se conhecerão nos proprios textos, que felizmente são copiosos.

1. SUBSTANTIVO

Os substantivos são, em geral, invariaveis quanto ao genero, como nos outros crioulos, por causa da quéda da vogal final atona: *filh* = filho e filha. Mas *irmão* e *irman*.

Quando seja necessario precisar o sexo, accrescenta-se a palavra *mach* ou *fem'*: *filh mach* = filho, *filh fem'* = filha. *O don' dc caz tinh trei filh fem'* = O dono da casa tinha tres filhas.

Indica-se, ás vezes, o feminino pela fórma diminutiva do nome: *noivinho* = noiva, *meninh* = menina; ou pela augmentativa, depreciativamente: *cafrona* < *cafre* = preta[1].

O plural é, ordinariamente, formado com *s* ou *es*: *irmãos, patrateiros, officials* (officiaes); *rapazes*.

Ha só dois exemplos de reduplicação para substituir o plural terminacional[2]: *fi-fis* < *filh-filh* (filhos e filhas) = filhos, *crianç-crianç* ou *crenç-crenç* = crianças (machos e femeas). Estes exemplos designam, como é obvio, ambos os generos, que, conforme a grammatica vernacula, não se exprimem collectivamente senão na fórma neutra, que não tem o português[3].

Dispensa-se porém, de ordinario, a flexão do plural nos seguintes casos[4]:

1.º Quando o nome é antecedido de numeral: *dóz camiz* = duas camisas, *treis pé* = tres pés, *set ovid* = sete ouvidos, *onz di* = onze dias[5].

2.º Sendo acompanhado de adjectivo quantitativo indefinido: *tant di* = tantos dias, *tod est rapaz* = todos (ambos) estes rapazes, *alguns pen'* = algumas pennas.

3.º O artigo indefinido *um* tambem serve para singularizar o nome: *soldad e um official* = soldados e um official.

---

[1] As terminações *o* e *a* não se julgam sufficientes para designar o genero.

[2] Em Macau é regra geral. Nos textos do crioulo de Diu, publicados pelo Dr. Schuchardt, occorre frequentemente.

[3] Veja-se o que está dito sobre o assunto no *Dialecto indo-português de Damão.*

[4] Exceptua-se o subdialecto de Bombaim, que observa com mais rigor o plural: *estas palavras, homens, ladrões.*

[5] Mas *tres olhos, dez arvores,* no subdialecto de Bombaim, *trei libras,* no de Mahim.

4.º Se o contexto claramente indica a pluralidade: *sapat no su pé* = sapatos nos seus pés; *nós sempr er amig* = nós sempre eramos amigos; *acompanhad de su convidad* = acompanhado dos seus convidados; *pu dá comer pu porc* = para dar de comer aos porcos.

Deminutivos peculiares: *nigarinha, nigorinha* = negrinha, *Borginh* < Borges; *meninh* e *noivinho*, com significação feminina.

Augmentativo formal: *cafrona* = mulher cafre.

Substantivo empregado por adjectivo: *metad* = meio. *Metad doid*, meio doido, *metad dispid*, meio despido.

Derivados peculiares: *nortér* = norteiro (do norte); *panniteira*, mulher que veste o pano segundo o costume do país; *ferado* = feroz, de *fera*.

2. ADJECTIVO

Os adjectivos tambem são geralmente invariaveis: *malcriad fem'* = mulheres mal-criadas, *pouco semanas* = poucas semanas, *est bom manêr é qui?* é por ventura boa esta maneira?

Diz-se regularmente: *mais mau* = peor.

Comparativo de *bom: mais melhor*.

A idade correlativa é representada por *grand* e *piquen'* (infl. indigena), ou por *maior* e *menor* (como no port. arch. e no latim), geralmente antepostos: *grand filh* = o filho mais velho, *piquen' irman* = a irmã mais nova; *maior irman* = a irmã mais velha, *de irmão maior* = do irmão mais velho.

Não ha superlativo formal, como o não ha nas linguas vernaculas; *muit, bom, fort, bastant* intensificam a ideia: *muit bastant* = muitissimo, *bem trist* = muito triste, *eu é bem velh* = eu sou muito velho, *éll é bem mau hom'* = elle é muito mau homem.

A reduplicação do adjectivo denota umas vezes a intensidade, outras a variedade, como nos idiomas indigenas: *quent quent* = muito quente[1]; *grand grand padres* = varios grandes padres.

Deminutivo peculiar: *tanin'* < *tantinho* = tantito. *Um tanin' ag* = um poucochinho de agua. Em regra, *pouç* diminue a significação.

3. NOME NUMERAL

Os cardinaes são: *um, dois, doi, dóz; treis, trei; catr, cinc, seis, set, ôit, nov, dez, onz, dóz, trêz, catórz, quinz, dizseis, dizset, dizôit, diznov, vint, vint-i-um, vint-i-doi, trint, corent,* etc.

[1] Cp. *caldo caldo*, em italiano.

Os ordinaes, pouco usados, não differem muito dos do português vernaculo: *pirmêr, segund, tercer*.

Cem e *mil* são antecedidos de *um*, quando denotam unidade da classe: *um cem pounds* = cem libras, *um mil rupí* = mil rupias[1].

4. ARTIGO

O artigo definido é pouco usado, mas talvez mais do que em alguns outros crioulos: *o juiz, a segund irmã, o noss lingua*. Occorre porém amiude em conjuncção ou contracção com preposições, especialmente na fórma feminina e singular: *ao men'* = ao menos, *tá balhand na chua* = dançava na chuva; *tem dor da cabeça; no meu companhia; eu n' é dign do nom' do filh* = não sou digno do nome de filho.

Frequentemente, os demonstrativos substituem o artigo, como acontece sempre nos idiomas neo-aricos, que não tem artigo. Tambem os artigos das linguas romanicas procedem da mesma origem.

O artigo indefinido emprega-se tão sómente na fórma masculina singular, até para designar a pluralidade: *um madam'* = uma madama (senhora), *um cafrona* = uma preta, *um pouc hor* = umas poucas horas, *depois di um pouc dí* = depois de uns poucos dias, *um pouco semanas* = poucas semanas[2].

5. PRONOMES

1. Pessoal.

Sujeitos: *eu, ós* (= vós, por *tu*), *éll, ella* ou *éll; nós, usôt* (= vós outros), vós, *ellôt* ou *illôt* (= elles outros, ellas outras), elles, ellas.

Regimens: *mim, ós* ou *ás*[3], *éll, ella* ou *éll; nós, usôt, ellôt* ou *illôt*.

Tu é desusado; substitue-o *ós*, para inferiores e iguaes. Houve, portanto, necessidade da admissão ou conservação de *vós outros*, muito usado outr'ora no continente, para representar o plural da segunda pessoa. Não se dando a mesma razão com o da primeira,

---

1 Cp. *one hundred pounds, one thousand rupees*, em inglês; tambem em maratha: *ek xembhar, ek hazár*.

2 O demasiado emprego de *um* deve attribuir-se á influencia do maratha e do inglês.

3 *Ás* é peculiaridade do subdialecto de Tecelaria. Não se emprega, porém, como sujeito

nós outros é desconhecido do crioulo norteiro. *Elles outros* é formado por analogia.

Oscê ou *ucê*, ás vezes *cê*, é *pronomen reverentiae* para ambos os sexos (e tem plural, *ucés*), e *bai* para mulheres[1]. *Bai* tambem é pronome honorifico (mas não *bab* para homens), bem como *senhor*.

2. Possessivo.

Minh, mim, mi = minha, meu; *vóss* = vossa, vosso, tua, teu; *su* = sua, seu; *noss* = nossa, nosso[2]. O subdialecto de Bombaim tem *meu*. Os *ss* de *noss* e *voss* distinguem-se pelo alongamento do som sibilante. *Su* toma a terminação do plural (não, porém, rigorosamente observada), quando se refere a mais de um, isto é, quando corresponde ao lat. *eorum*, franc. *leur* ou ingl. *their*: *tud sus camiz* = todas as camisas d'elles; *o bandêr de sus fortalêz* = a bandeira da sua fortaleza (da fortaleza d'elles); *dois cultivador com sus instrument* = dois cultivadores com os seus instrumentos; *querí tirá alguns pen' pum sus chapéo* = queriam tirar algumas pennas para os seus chapéos; *éll e su processão já principiô sus march* = elle e a sua procissão principiaram a sua marcha.

Oscê tambem se emprega como possessivo de respeito: *oscê e oscê filh* = você e seu filho; *oscê doi irmão* = seus dois irmãos; *de ocê prat* = do prato de você: do seu prato; *do cê Jão* = do seu João.

3. Relativo e interrogativo.

Qui está por *que* relativo e interrogativo[3]: *aquell hom' qui já deu par ás um rupí* = o homem que vos deu uma rupia; *aquell gat qui furtou um pasr* = o gato que furtou um passaro. *Qui lai?* (< de que laia?) = como?

Como se vê, o antecedente do relativo é determinado pelo demonstrativo e não pelo artigo.

Qui côz (ou *coiz*) está por *que* interrogativo e por *o que* relativo inanimado (< > lat. *quid, quod*): *éll qui coiz já falou par ás?* =

---

1 *Senhor*, neste sentido, apparece uma ou outra vez na poesia.

A proposito: um arcebispo de Goa mostrou-se muito resentido por ter recebido dos portugueses norteiros o tratamento de *oscê*, e foi necessario que um circunstante lhe significasse que não conheciam outro melhor.

2 A flexão feminina dos possessivos é preferida pelos crioulos, por ser mais ampla, segundo Schuchardt.

3 Em alguns crioulos *qui* é interrogativo e *que* é relativo e conjuncção.

que vos disse elle. *Dá par êll qui cóz êll quer* = dae-lhe o que elle quer.

Voga *cujo* interrogativo, como nos outros ramos indianos: *cuj camiz é est tud?* = de quem são todas essas camisas?

O emprêgo de *quem* e *qual* interrogativos é normal: *quem é aquell hom'? Qual cadêr ós quer?*

4. Demonstrativo.

Êst = este, esta, esse, essa, isso; *aquêll* = aquelle, aquella, aquillo.

5. Indefinido.

Tud, tod (empregados indifferentemente) = todo, toda, tudo; *tud, tóz* < *tods* = todos, todas, ambos. *Algum* = algum, alguma (*alguem* occorre só uma vez); *alguns* (plural excepcional) = alguns, algumas[1].

6. VERBO

Neste particular o crioulo norteiro differe muito dos outros, por conservar algumas das flexões dos verbos regulares, e até dos irregulares, sobretudo na poesia, bem como pela variedade de formações.

Cae, em regra, a consoante final do infinito — phenomeno commum: *marchá, escrevê, lê, vi, ri.* Mas *mandou fazer, had ir*[2].

Conserva-se porém o *r*, se o verbo é empregado substantivamente: *Despendeu tud su dinheir no comer-beber. Haví de comem comer do porc* = comeria o comer de porcos.

Póde a vogal final resentir-se da nasal antecedente; *tumã,* = tomar, *comẽ* = comer, *açandẽ* = accender. Em *bibẽ* = beber, deve admittir-se influencia da labial.

Como nos outros crioulos, alguns verbos são usados na flexão da 3.ª pes. pres. indic. pelo infinito; taes são: *vai* = ir (pouco us.), *tem* = ter. *Had vai jantá* = ha de ir jantar; *góst de vai pum cortá* = gósto de ir cortar; *eu tá vai* = eu vou; *pum tem compaxão* = para ter compaixão.

---

[1] *Tod est rapaz* = ambos estes rapazes; *tud su filh* = ambos seus filhos. *Alguns pen'* = algumas pennas; *alguns fem'* = algumas mulheres. Em *tôz zent* = toda a gente, *zent* é considerado como plural.

[2] Dá-se ás vezes mudança de conjugação: *erguí* ou *irguí* = erguer-se, *comp'tê* = competir. *Juiz num já creá* = o juiz não creu.

Cae a vogal, e ás vezes a syllaba final do participio do presente, tornando-se, neste caso, literal a nasal *n*: *comend, pensan', erguin'* = erguendo-se.

Igualmente, o participio do passado perde, pela regra geral, a vogal final. Em *vid* = vindo, houve tendencia para a normalidade.

O presente do indicativo representa-se, para todas as pessoas e numeros:

1.º, com a 3.ª pes. do sing., apocopando-se a vogal átona, na 1.ª e 2.ª conjugação: *import, preciz, pód, está, tem, quer; eu esper, eu entend, ôcê sab, mãe respond; eu nu góst* = eu não gosto, *eu niquer* = eu não quero, *océ num sab* = você não sabe, *eu num pód* = eu não posso[1].

2.º, com o simples infinito (raras vezes): *ést camiz pertencê* = estas camisas pertencem; *ganhá cinc e comê nov* = ganha cinco e come nove.

3.º, com o auxiliar *tá* (= está) e o infinito: *tá andá* = está a andar, anda; *eu tá gostá* = eu gósto; *tá vi* = vem, *tá vai* = vai; *eu nu tá comprá* = não compro.

4.º, com o auxiliar *tá* e o participio do presente: *tá marchand* = está marchando, marcha, *tá baten'* = bate, *tá irguin'* = ergue, *tá vin'* = vem; *eu nu tá compran'* = não compro, *éll nad nu tá compran'* = elle não compra nada[2].

No subdialecto de Tecelaria, *ni qui* = não quer, serve de auxiliar (por extensão) para o presente negativo, quando a natureza do verbo o admitta: *eu ni qui vi* = não quero vir: não venho; *nós ni qui andá* = não queremos andar: não andamos.

Ha vestigios do imperfeito formal de alguns verbos irregulares, com quéda da vogal final: *tinh* ou *tim* = tinha, *era* ou *er* = era, *haví* = havia, *podí* = podia, *querí* = queria, *estav* (p. us.) = estava.

O dos outros verbos forma-se periphrasticamente, com o auxiliar *tinh* e o participio do presente: *tinh dand* = estava dando = dava, *tim morand* = morava, *tinh fazend* = faziam, *tinh pertencend* = pertenciam.

Algumas vezes o infinito acompanhado de *haví* = havia de, representa o imperfeito, quando, aliás, devia ser condicional: *haví randá* = ralhava; *n'haví oví, mas haví tucá* = não ouvia, mas tocava.

---

1 Dão-se algumas excepções: *eu pós* (posso), *estão.*

2 Tambem no subdialecto de Bombaim: *eu não está negand* = não nego; *ocê não está lembrand* = você não está lembrado.

O preterito perfeito póde ser formal ou periphrastico. O formal, usado sómente na flexão da 3.ª pes. sing., é de ordinario antecedido de *já* ou *ji*, mas não nas orações incidentes de relativo; *passou, succedeu, subiu; nu comprou, nu oviu; ji deixou, já creu, ji matou aquell gato qui furtou um pasr* (passaro). Verbos irregulares: *já deu, já troux, ji fez, já veu, já foi* (de *ir*), *já diss; nu já veu* = não veio. Mas *já sabeu* = soube.

A desinencia da primeira conjugação condensa-se frequentemente em *ô*, o que é normal no dialecto de Damão; e póde até nasalizar-se: *lavô, tumô, já furtô, já principiô; já tumõ, nu já tumõ.*

Apparece outra variante d'esta conjugação em *-au*, o que é peculiaridade do norteiro: *mandau, mostrau, ji cabau* (= acabou). Tambem: *já fou* (= já foi, de *ir*), *tá perguntau, tá falau*. Tomou-se *u* como disinencia, e, por analogia com as outras conjugações (*succede* + *u*, *subi* + *u*), conservou-se o *a* da primeira: *fala* + *u*[1].

O perfeito periphrastico compõe-se de *já* ou *ji* e do infinito; mas é pouco empregado: *ji escondê* = escondeu; *illôt ji fazê* = elles fizeram.

O mais-que-perfeito, escassamente usado, é sempre periphrastico, como nos outros crioulos: *tinh dad* = tinha dado, *tim ficad* = tinha ficado, *tim servid* = tinha servido.

O futuro positivo não é formado com o auxilio de *logo* ou *ló*, como nos crioulos de Macau e Ceilão, mas com o de *had* ou *ha*: *had dá* = ha de dar, dará; *ha ficá* = ficará, *ha escrevê* = escreverá, *ha vi* = virá[2].

Do mesmo modo o negativo: *n'had ir* = não ha de ir, não irá; *n'ha comprá* = não comprará, *n'ha vi* = não virá.

O condicional tambem é periphrastico: *haví gostá* = havia de gostar, gostaria, *haví enganá* = enganaria, *haví dá* = daria; *deví casá* = casaria[3].

O imperativo é representado pelo infinito: *dá, pensá, erguí* (= ergue-te), *ví fór* (= vem para fóra); *nu churá* = não chores, *nu escondê* = não te escondas. Na poesia: *casae, levae.*

Emprega-se, em alguns verbos de uso commum, o presente do conjunctivo, sem a vogal final, pelo imperativo: *mand* = mande, *fic calad* = fique calado.

---

[1] No crioulo damanense *au* (< *av* < *ava*) é a flexão do imperfeito.

[2] Igualmente nos dialectos de Damão e Diu. Ha só um exemplo em contrario: *eu ló dá* = darei.

[3] Influencia do ingl. *should* no ultimo exemplo.

O presente do conjunctivo é expresso pelo infinito, ás vezes antecedido de *dev* = deve: *si qui eu cantá* = se quereis que eu cante; *tá desejando que eu dev voltá* = deseja que eu volte. Mas na poesia: *si quer que eu bebo.*

O imperfeito do conjunctivo não differe do do indicativo ou do condicional: *quand havi ficá* = quando ficasse; *si ocê podi* (= podia) *dá* = se você pudesse dar, *aquell quem pr'éll podi fazê rí* = aquelle que a pudesse fazer rir.[1]

O futuro representa-se pelo infinito ou pelo futuro do indicativo: *si Deus favorecê* = se Deus favorecer; *si por mim ficá filh mach* = se eu tiver filho; *si n'had ficá* = se não ficar; *si est had gostá* = se você gostar d'isto.

Não ha verbos pronominaes ou reflexivos; os transitivos sem regimen directo fazem as suas vezes: *erguí* = erguei-vos, *nu escondê* = não vos escondaes; *su rôp jà rasgô* = a sua roupa rasgou-se.

Os reciprocos são expressos por *um ao outr,* ou *um com outr: nós log ha encontrá um com outr* = nós logo nos encontraremos.

PARADIGMA DO VERBO REGULAR

Comprá = comprar; *comprand* ou *compran'* = comprando; *comprad* = comprado.

Presente indicativo: *Eu compr, eu comprá, eu tá comprá, eu tá comprand* = eu compro. *Eu nu compr, eu nu tá comprá* ou *comprand, eu ni qui comprá* = não compro.

Imperfeito: *Eu tinh* ou *tim comprand* = eu comprava. *Eu nu tinh* ou *tim comprand* = eu não comprava.

Perfeito: *Eu comprou* (*comprò, comprau*), *eu já* (ou *ji*) *comprou, eu já comprá* = comprei. *Eu nu comprou, eu nu já comprou* (*comprô*) = não comprei.

Futuro: *Eu had* ou *ha comprá* = comprarei. *Eu n'had* ou *n'ha comprá* = não comprarei.

---

[1] Mas: *si alguem pudess matá pr'ell* = se alguem o pudesse matar.
No subdialecto de Bombaim o verbo *devia* (correspondente ao inglês *should*) representa o imperfeito do conjunctivo: *Ell não queria que o juiz devia tomar* (tomasse) *este plano.*

CONDICIONAL: *Eu haví comprá* = eu compraria. *Eu n'haví comprá* = eu não compraria.

IMPERATIVO: *Comprá* = comprae. *Nu comprá* = não compreis.

PRESENTE CONJUNCTIVO: *Qui eu comprá, qui eu dev comprá* = que eu compre. *Qui eu nu comprá* ou *nu dev comprá* = que eu não compre.

IMPERFEITO: *Quand haví* ou *podí comprá* = quando comprasse.

FUTURO: *Si eu comprá, si eu had comprá* = se eu comprar. *Si eu n'had comprá* = se eu não comprar.

VERBOS IRREGULARES

O verbo *ser* (desusado no infinito) tem tão sómente o presente *é* e o imperfeito *era* ou *er*, para todas as pessoas e numeros: *eu é bom* = eu sou bom, *nós n'é feliz* = nós não somos felizes; *ést era doudís* = isto era doudice. O futuro é expresso por *ha ficá* = ficará, ou *n'ha ficá* = não ficará. *Ell ha ficá grand* = elle será grande; *nós n'ha ficá pobr* = nós não seremos pobres; *eu quand ficá freir* = quando eu for freira.

Tem = ter (estar, haver ou ser), além do presente tem só o imperfeito: *tinha, tinh, tim.*

Do verbo haver subsistem *had* ou *ha* e *haví,* como auxiliares do futuro e do condicional: *ha fazê* = fará; *haví enganá* = enganaria.

Poder, que não vejo empregado no infinito, tem *pód* (ás vezes *pó*) e *podí* = podia. Occorre uma ou outra vez *poss* e *pudess. Eu num poss dá; si alguem pudess matá.*

Querer tem mais flexões: *quer, ni quer* ou *ni qui; querí; quizer,* em *cóm' quizer.*

Vai = ir, conserva o preterito perfeito: *já foi.*

Ví ou *vim* = vir, tambem conserva o perfeito: *já veu.*

Andar (andar, ir), além do presente regular, tem outro peculiar a Tecelaria: *eu tanam* < *eu tá andand.* No perfeito e no futuro é substituido pelos de *vai*: *já foi, had ir.*

7. PARTICULAS

PREPOSIÇÕES: *par, pa, per, pê, pu, pum, pur* (*pur-sót*), *por* (*por-cê*), *pr-* (*pr-êll, pr-ocê*), *p-* (*p-ellót, p-ês*) = para; *a* (p. us.:

ao men' = ao menos); *na, nã* = em (p. us.: *em vão, em vez, em companhi*); *cum* = com (tambem us.); *assim* = cêrca de, perto de; *baix de* = abaixo de, debaixo de; *rib* = sobre, em cima de; *trás de* = atrás de, *pert de, desde de; a respêt de* = por causa de.

Adverbios: nã, *na, nũ, nu, nĩ, ni,* (*nim quer, ni qui* = não quer), *n-* (*n'é* = não é, *n'had* = não ha de) = não; *agor* = agora, ora; *sempr, semp* = sempre, *nuc* = nunca, *já, ji* = já, *log* = logo, *ant* = antes, *dipoi, dupois* = depois; *dent* = dentro, *fór* = fóra; *baix* = abaixo, *rib* = em cima; *cóm'* = como, *quilai* — como (interrogação); *ao men'* = ao menos; *qui* = porventura (interrogativo[1]), *inzvelh* = em joelhos, *outrez* ou *utrez* = outra vez; *ond* = onde, aonde, *alhi* (p. us.) = alli; *ultimament* = finalmente.

Os numeraes ordinaes são empregados adverbialmente: *primér* = primeiramente, *segund* = em segundo logar.

A reduplicação do adverbio intensifica a significação: *semp semp* = todo o sempre; *cada vez cada vez* = repetidas vezes.

Conjuncções: *qui* = que, assim que, logo que, quando; *parqui* = porque; *si* = se, *tamem* = tambem (igualmente us.), *mais* = mas (tambem us.), *quand* = quando, *atque* (p. us.) = até que.

Interjeições: *arê, arrê, rê* = ó: *respid de céo* = por respeito dos céos.

C) SYNTAXE

A syntaxe do norteiro denuncia a cada passo, muito mais que os outros crioulos, a influencia idiomatica da construcção indigena, que, como se sabe, differe notavelmente da das linguas europeias.

1. Sujeito.

A falta de flexões pessoaes dos verbos requere que o sujeito seja sempre expresso nos crioulos, salvo se as proposições forem conjuntas pela copulativa. *Porqui eu had ficá sentid? Eu tem fort na mim corp e ric na mi algibêr, eu num tem de fazê caz de algum cóz; eu tem juntad mi pagament de trei ann* = Porque hei de estar triste? Sou forte no meu corpo e rico na minha algibeira, não tenho de fazer caso de nenhuma cousa; tenho juntado a minha

[1] *Na caz qui tá encontrand temp qui?* = porventura tenho eu tempo em casa? O primeiro *qui* é redundante.

paga de tres annos. *Agor eu é ric e eu pod ulhá tud mund e had maravilhá mi intêr vid* = agora sou rico, posso ver todo o mundo, e hei de folgar por minha vida inteira.

O sujeito dos verbos *tem* e *ficá*, na accepção de posse, *achá* e *encontrá*, *gostá* e mais alguns, passa para regimen indirecto e antecede ordinariamente o verbo, á imitação do maratha. *Por'cês num tem pouc de vergonh?* = vocês não tem um bocado de vergonha?[1] *Si par mim ficá filh mach* = se eu tiver filho. *Pr'és rapaz jáchou um caz* = estes rapazes acharam uma casa; *pr'éll já achô um pat.* = elle achou um pato. *Pr'éll já encontrô um imp* = elle encontrou um pygmeu; *encontrou par'éll doz camiz* = ella encontrou duas camisas. *Si ést had gostá por'cê* = se você gostar d'isto. *Por mim tem sintind fort fom'* = sinto muita fome. *Mercê pu noivo capella de flor* = o noivo merece capella de flores.

A clareza e a ordem logica exigem que o sujeito preceda o verbo, excepto o caso da regra antecedente e a liberdade poetica.

2. OBJECTO.

O regimen indirecto, sempre, e o directo, sendo pronominal, são acompanhados da preposição *para*, diversamente modificada. *Dá par mim um piquen' pedaç* = dae-me um pequeno pedaço; *já deu pr'éll bunit pai* = deu-lhe um bonito pão. *Pum livrá pr'éll de perig* = para o livrar do perigo; *querí agor enganá par mi* = queria agora enganar-me; *si alguem pudess matá pr'éll* = se alguem pudesse matá-lo[2].

O regimen indirecto de pronome pessoal póde indifferentemente preceder ou seguir o directo. *Su mai já deu pr'éll um piquen' pedaç* = sua mãe deu-lhe um pequeno pedaço. *Si ocê podí dá tud aquéll par mi* = se você pudesse dar-me tudo aquillo.

O complemento objectivo póde antepor-se ao verbo, especialmente na linguagem espontanea. *Ell bom cuidad tá tomá* = elle toma bom cuidado; *Nicolau pé had lavá* = Nicolau ha a lavar (tem de lavar) os pés; *nós almoç fazend* = nós almoçando; *noss Inú bai fort febr tinh* = a nossa D. Inês tinha forte febre; *pr'éll toz zent haví randá* = toda a gente o reprehendia (ralhava com elle).

O mesmo tambem acontece com o objecto indirecto, particularmente sendo pronominal. *Por mim tinh dand ord* = davam-me

1 Em sanskrito e em parakritos o verbo *ser* (= *as*), com o sujeito em dativo, exprime a ideia de posse, como *esse* em latim (*est vobis verecundia*).

2 Nas linguas neo-aricas o dativo do pronome pessoal suppre o accusativo.

ordem. *Eu por'cê had dá tres gost* = dar-te-ei tres gostos (tres coisas de que gostas)[1].

3. Complemento circumstancial.

O complemento restrictivo (genitivo) póde ás vezes preceder o nome que o rege, como é de regra universal em maratha. *Já pegó d'est pat az* = pegou na asa d'este pato.

Geralmente, neste caso, a restricção é representada por *su,* que, embora exprima a ideia de posse, não é propriamente pronome possessivo da terceira pessoa, mas, sim, o reflexo da flexão do genitivo vernaculo, que é ao mesmo tempo adjectivo declinavel (*-chá, -chi, chem*). *Fula su cheiro* = o cheiro da flor (<> mar. *phuláchá paramal*). *Mim pai-tiu su filh* = o filho de meu tio paterno. *Pae-tiu su caz vae, qui?* = é a casa do tio paterno que vae?[2]

No seguinte exemplo do subdialecto de Chovay, a fórma plural, se não é errada, indica a concordancia com o nome collectivo, psycologicamente considerado como plural: *Mais noss caz sus pai* = mas o pae de nossa casa (familia).

Ha outro exemplo do subdialecto de Bombaim, em que, se não houve influencia do genitivo formal inglês, *su* fica reduzido a *s,* flexão apparente do plural. *Outr tod vocé's casa* = todos os outros de casa de você: todos os outros de sua casa.

4. Adjectivo.

O adjectivo qualificativo antecede commummente o substantivo, como sempre acontece nas linguas indigenas. *Um garaf de azed cervej* = uma garrafa de cerveja azêda.

5. Pronome.

Os pronomes *o* e *a,* referindo-se á pessoa, substituem-se por *éll éll,* com preposição; aliás, por *ést* e *aquell. Pum livrá pr'éll* = praa o livrar. *Já começô cortá aquêll* (arvore) = começou a cortá-la.

Océ e *d'ós* = de vós, empregam-se como possessivos e antepõem-se ao substantivo. *Na océ corp* = no corpo de você (no seu corpo); *com' você filh* = como filho de você. *Caz d'ós pae-tiu tanan'*

---

1 Nos parakritos os regimens sempre se antepõem ao verbo, que se colloca no fim da oração.

2 Cfr. no crioulo de Macau: *Maria são eu sa mãe* = Maria é minha mãe. *Cô ell sa terço no braço* = com o seu terço (contas) no braço.

qui ré (subdialecto de Tecelaria)? = então vae a casa de vosso tio paterno?

Quem e *qual* supprem amiude o relativo *que*. *Tôz quem had ovi* = todos os que ouvirem; *um imp, quem já perguntó* = um anão, que perguntou; *aquêll quem* = aquelle que. *Mas dois qual tim ficad pregad* = mas as duas que tinham ficado pregadas; *um clavin' qual had matá* = uma clavina que matará.

O pronome relativo desloca-se frequentemente, precedendo até o antecedente, por influencia indigena. *Tud eu qui pedí* = tudo que eu peço; *éll mezinh dentr qui tá pusá* = o que elle mette no medicamento. *Ós qui já deu anel* = o anel que vós déstes.

O mesmo se dá tambem com o interrogativo. *Ell qui coiz já faló?* = que disse elle?

6. Verbo.

É frequente a ellipse do verbo *ser*, que na linguagem colloquial dos parakritos é sempre subentendido[1]. *Quant hor?* = quantas (que) horas são? *Set hor* = são sete horas. *Aquéll tud bem virdad* = tudo aquillo é bem verdade. *Rosa um madam'* = Rosa é madama. *Eu mulher casada* = eu sou mulher casada. *Est bom manêr qui?* = é porventura boa esta maneira?

Emprega-se amiude o futuro pelo presente, quando se implique necessidade ou dever. *Pond agua sobre éll, éll had morrer* = deitando-lhe agua, morre. *Had ir par caz de nourí* = tem de ir a casa da noiva.

Os verbos *pedir* e *perguntar* regem complemento circunstancial em quasi todos os crioulos, por influencia indigena. *Tud eu qui pidi com alguem* = tudo que eu pedir a alguem. *Já perguntó com judeu* = perguntou ao judeu.

7. Particulas.

Suppressão da preposição: *Eu tanan' hospital* = vou ao hospital; *chegá caz* = chegar a casa; *mais noss caz est piquen' tem* = mas em nossa casa está este pequeno.

Posposição de preposição, por influencia indigena: *Ell mezinh dentr qui tá pusá* — o que elle mette no medicamento. *Cuj pert* = com quem. *Mim pai su pert nu tem bastant dinheir* = não ha com meu pae dinheiro sufficiente: meu pae não possue... *Parqui niqui*

1 Por parakritos entendo aqui os idiomas neo-aricos, e em particular o maratha, o guzerathe e o konkani.

vi mim comsigo?[1] = porque não quer vir commigo? *Casae minha junta* = casae commigo[2].

Preposição de quietação com os verbos de movimento, commum nos crioulos e no português brasileiro: *Tá vai no collegio* = vae ao collegio. *Tanan' nò caz* = vae a casa. *Mandò no su vargem* = mandou para a sua varzea.

Redundancia do adverbio negativo: *Ninguem num tem alli* = ninguem está alli. *Eu nad nu tá compran'* = eu nada compro: eu não compro nada.

O adverbio *não* final (elliptico) desempenha importante funcção na linguagem colloquial, não sómente como interrogativo de resposta affirmativa, mas tambem como verdadeira affirmação emphatica e incontestavel, sob a figura de interrogação. Enuncia-se sem pausa, como que fazendo parte da oração, segundo o estilo indigena. *Ella estav doent não?* = ella estava doente, não é verdade? *Ell tá vai muit cêd não?* = elle vae-se embora muito cedo, não é assim? *Já jantou qui, doi hor já deu não?* = quando acabamos de jantar, deram duas horas, não?[3]

Em alguns casos *não* é propriamente conjuncção e não adverbio. *Mais um olh si tira não, log quiet had ficá* = mas apenas que fecha um olho, logo tem de estar quieto. *Mais noss' caz est piquen' tem não, por ell muit tá custá par durmí* = como em nossa casa está este pequeno, custa-lhe muito dormir.

Ha outro reflexo do suffixo emphatico indigena *cha*, representado por *mesm* no fim da frase. *Crences nu tem saud mesm, doi dí bom, doi dí mal; semp semp tá padecend de lumbrig mesm* = as crianças é que não tem nenhuma saude, dois dias passam bem, dois dias passam mal; constantemente estão com effeito a padecer de lombrigas.

Transposição de adverbio: *Quilai succedeu assim* = assim como succedeu[4].

Adjectivo por adverbio: *Mará par mi fort* = amarrae-me fortemente.

Suppressão da conjuncção copulativa, particularmente entre adjectivos: *Vinh doce* = vinho e doce. *Comer beber* = comer e beber.

---

[1] Aqui, *comsigo* é tomado como preposição.

[2] *Minha* por *mim*. *Minha juntado:* no dialecto de Ceilão.

[3] Tambem em Goa se emprega muito o interrogativo *não* neste sentido e sem pausa, por influencia do konkani.

[4] Reflexo do maratha.

Bom fort comida = boa e forte comida. *Bom honest amigo* = bom e honesto amigo. *Qui mau cruel hom'!* = que mau e cruel homem!

A conjuncção *parqui* = porque, pospõe-se ao sujeito pronominal nas proposições interrogativas, como em maratha. *Ós parqui ji atirou fór?* = porque atirastes vós fóra? *Ucê parqui ni qui dá par mim mim livr?* = porque não me dá você o meu livro.

Ha uma conjuncção peculiar—*qui*, importada do maratha, que se emprega frequentemente na conversação, no fim da proposição, para ligar acções consecutivas. Corresponde a: *assim que, logo que, quando. Um pouc rót já tumó na mão qui, log já ficô quiet* = assim que se pegou na bengala, ficou elle quieto. *Um bebid já deu qui, log differenç had cai* = quando se deu (der) uma bebida, logo haverá differença para melhor. *Já ceou qui, nov hor já deu* = quando acabamos de cear, deram nove horas.

(*Continúa*).

SEBASTIÃO DALGADO.

VOCABULARIO ALEMTEJANO

(Continuação do vol. VIII, 298-300)

C

cabido, bem *cabido* com fulano: bem visto por elle; bem conceituado, etc.
çabola, cebola.
cabrunco, crabunclo: carbunculo.
caçaria, caçada. (Foi a uma *caçaria*).
cácerêro, carçarêro: carcereiro.
cachapim, chapim (pequeno passaro).
cachapo, caçapo.
cachola, guisado feito de fressura de porco.
cachorrêro, enxota-cães.
cacifre, cacifo.
cadavre, cadáver.
cágárrêta, homem baixo de estatura.
cagúlo, cogulo.
Caimões, Camões.
cainó, cousa de pequeno prestimo.
caisante, causador.
cálavêráda, tolice, asneira.
calaverna, caverna.
calclo, calculo.
cálduça, caldo mal temperado.
calerâme, caleramo.
calhembeques, calhembornios: trastes velhos.
calibre, predisposição. (É *calibre* do anno).
calitro, decalitro.
Calrros, Carlos.
camapé, ganapé: canapé.
cambóio, comboio.
cambra, camara.
Camília, Camilla.
campanilho, especie de chocalho dos bois.
campreste, campestre.
camuge, tamuge.
cana-flor, certa planta de jardim, de flores encarnadas.
cánâné, homem baixinho.
cancaro, cangro: cancro.
canéco, chapeu alto, de pêlo.
canêjo, homem de pernas tortas.
canelêjo, caleira suspensa da moéga, no moinho de agua.
canélias, canellas.
cangro, cancro.
canhonhêra, canhoeira.
canicalho, diminutivo de cão (em sentido pejorativo).
cantarista, cantador.
cante, canto.
canudilho, canudinho.
canudo, chapeu alto, de pêlo.

capaçorio, capazorio.
capêas, pedras grandes collocadas por cima das paredes.
capuchinha, especie de candeia.
caracomido, carcomido.
caractel, caracter.
carapintêro, crapentêro: carpinteiro.
carcerage (arch.), carceragem.
carcunda, corcunda.
cardina, aguardente, e tambem bebedeira.
carêdo! crêdo!
cargador, carregador.
cargar, carregar.
carnejão, carnicão.
çarrar (arch.), cerrar.
cárrego, cargo.
carreguío, carregação.
carretêra, caminho de carro.
carretêro, conductor da carreta alemtejana.
Carrolina, Carlina: Carolina.
carrônha, bexigoso.
carronquêra, constipação.
carruage, carruagem.
cartilha, carretilha.
carujar, chover meudinho.
cascaborrada, cancaborrada.
caspacho, capacho: gaspacho.
cassaca, casaca.
cassacão, casacão.
cassinê, cachinê: cachenez.
castelhanos, faiscas que saltam da lareira.
cástico, caustico. .
cásua, cáisa, cuaja: causa.
catadral, cathedral.
catagoria, categoria.
catalgo, catalogo.
cataplario, capitular (*Vagairo cataplario:* Vigario capitular).
câtâtáu, fazer *câtâtáu:* morrer.
câterizar, cauterizar.
catolco, catholico.
catrâfiar, catrafilar.
catrecentos, quatrocentos.
Catrina, Catherina.
catro, quatro.
cautelado, acautelado.
cautivar, captivar.
câvlaría, cavallaria.
cavlêritas, cavalaritas (*ás*): ás cavallinhas.
çavlhêrice, cavallariça.
cedade, cidade.
cêfõis, çafões.
celebral, sobral: cerebral.
celestre, celeste.
celindro, cylindro.
celitro, decilitro.
cementéro, cemiterio.
cencoenta, cincoenta.
centiêra, centeal.
centura, cintura.
centurão, cinturão.
cerangonha, cegonha.
cericá, sericaia.
cerilha, cérica, ou cerato.
ceriosa, cerieira (planta).
cérnes, queijo *cernes:* não olhado.
certeficar, certificar.
cesterna, ceterna: cisterna.
cevil, civil.
Cezilia, Cizila, Cizilia: Cecilia.
cezirão, cizirão.
chacinêro, sachineiro.

chafurdia, chafurda.
chalante, homem bem trajado, garboso, aprumado.
chalrratão, charlatão.
chamadêra, vara com que o carreteiro alemtejano guia a junta de bois.
chamas, ou **Gram-Bretanhas**: certa planta dos jardins, de flores encarnadas.
chantra, certa flor.
chaporrêrões, çapatos grandes e largos.
chapótas, os ramos inuteis decotados das arvores.
chàràfusca, chàfàrusca, sàràfusca: barulho.
chàrebão, char-à-bancs.
charépe, pequeno ceareiro.
chástre, mestre.
chefre, chefe.
cheganço, reprehensão. (Levou o seu cheganço).
chemela, compressa.
chenelo, chinelo.
chever, chover.
chiadura, chiadeira.
chibárras, chibarros.
chibatêro, guardador de chibatos.
chicanêro, homem dado a trapaças.
chicolate, chocolate.
chicolatêra, chocolateira.
chicotear, chicotar.
chicra, chicara.
chigadella, sova.
chigar, chegar.
chiláicas, çapatos largos.
chincalhada, ruido de chaves, que batem umas nas outras.
chincálhos, çapatos velhos.
chinita, pequeno copo. (Uma *chinita* de aguardente).
chito, fito. (No jogo do chinquilho).
choca, ardida. (Sala da choca).
choço, choça pequena que se construe para quando armam aos passaros.
chócos, çoccos.
choques-choques, chinelos velhos (onomatopeia).
choramingas, choramigas.
chòriço, chouriço.
chulêio, ponto de costura applicado na borda.
chumbar, guarnecer.
chum'né, chim'né, chem'né: chaminé.
chumo, çumo.
cico, cinco. (*Di cico rés*: dei cinco reis).
ciguêra, cegueira.
cimboiro (arch.), zimborio.
cinsurar, censurar.
cioso, ocioso.
1. **cipó**, certa trepadeira de jardim.
2. **cipó**, cacete.
cirio, silo. (*Cirios* de trigo).
cirmonia, cerimonia.
cirolas, cerolhas: ceroulas.
cirugia, surgia: cirurgia.
cisura, cesura.
cítula, raridade. (È uma cítula!).
clafetar, calafetar.
clâmencia, clâmença, cremencia: clemencia.
Clâmente, Clemente.
Clâmentina, Clementina.

clarêto, chloreto.
classia, classe.
clastro, claustro.
clàsura, clausura.
clergo, clerigo.
clisterio, clyster.
clómetro, kilometro.
clubio, club.
cluna, **queluna**: columna.
cobretor, **cobrotor**: cobertor.
côbro, cobrelo.
côcas, penitentes das procissões da quaresma, que vão vestidos com uma tunica, e capuz que lhes cobre completamente o rosto.
côcras, cocoras.
côida, codea.
côixo, coxo.
cólca, colica.
colecção, collação. (Trazer á *collecção*).
colejo, collegio.
colêrinho, collarinho.
cólhemêa, colmeia.
colhèrzinha, deminutivo de colhér.
colmear, colmeal.
coloaca, cloaca.
combalecença, convalescença.
comerço, commercio.
comestico, cosmetico.
cometiva, comitiva.
cómmado, commodo.
como a elle, como elle. (*Quinté* o cabo s'admira de saberem tanto *como a elle*).
compesitor, compositor.
compração, comparação.
comprativa, cooperativa.
comprêção, compleição.
comprender, comprehender.
Conçêção, Conceição.
concencioso, consciencioso.
concertío, concerto.
conciencia, **consoença** (arch.), consciencia.
conclussão, conclusão.
concovo, concavo.
concruir, concluir. Assimilação de consoantes.
condesça, condeça.
confortativo, facultativo.
confrimar, confirmar.
confromar, conformar.
conhocer, conhecer.
cónigo (arch.), conego.
conjectura, conjunctura.
conloio, conluio.
conrespondencia, correspondencia.
consemir, consumir.
considrar, considerar.
constança, constancia.
Constancia, Constança.
constoional, constitucional.
constuição, constituição.
consur, consul.
contino, continuo.
contrairo (arch.), contrario.
contráro, **contrairo**: contrario.
contrebução, contribuição.
convencente, convincente.
convlução, convulsão.
corage, coragem.
côrar, curar. (*Córar* a carne ao fumeiro).
corcefisso, **crucifisso**, **cursufisso**: crucifixo.
corcodilo, crocodilo.
cornel, coronel.

corólo, cróio: deposito de carbonato de calcio nos canos de aqueducto.
corredice, corrediça.
c'órrla, cholera.
corta-rama, homem encarregado da limpeza dos matos.
còrtel, soldada (quarta parte da).
cortozía, cortesia.
côvdo, covado.
cramello, caramello.
cramezim (arch.), carmezim.
crapir, carpir.
craqueja, carqueja.
crara, clara. (Santa Crara).
cravalho, carvalho.
cravão, carvão.
cravela, caravela.
cravoaria, carvoaria.
cravoêro, carvoeiro.
crecer (arch.), crescer.
crelezia, cleresia.
crelgo, clerigo.
creminoso, criminoso.
crepusclo, crepusculo.
crerezia (arch.), cleresia.
crerigo, clergo: clerigo.
Crestina, Questina: Christina.
creticar, criticar.
créto, credito.
crioso, curioso.
critiga, critica.
crôa (arch.), coroa.
croar, coroar.
croça (arch.), coroça.
croizidade, cruzidade: curiosidade.
cronha, coronha.
cróstomo, colostro.
cruja, coruja.
cuartina, cortina.
cuartinado, cortinado.
cuátela, cáitela, cáltela, cátela: cautela.
cubiclo, cubicalo: cubiculo.
cudado, cuidado.
cudar, cuidar.
culandrêjo—Estar de *culandrêjo* a criança: estar de colo. Não quer senão estar de *culandrêjo* a criança.
cunha, pedaço de pão.
curzidade, cruzidade: curiosidade.
Custantino, Constantino.
Cutildes, Clotides: Clotilde.
cuvilhal, pegulhal.
cuzápêra, anus.

D

dálila, dálida: dahlia.
damas-de-noite, certa planta de jardim, de flor branca.
darrama, derrama.
dátivas, dadivas.
dávidas, dadivas.
debotar, embotar. (*Debotam-se-lhe os dentes*).
debotar, desbotar. (O lenço não *debota*).
deboto, devoto.
debulgar (arch.), divulgar.
decendencia, descendencia.
decer (arch.), descer.
declinar, ver. (Não *declino:* não vejo).
decrarar (arch.), declarar.
defêssa, defesa.
defficil, difficil.

deffrença, differença.
deffrente, differente.
degòlado, desgàrgòlàdo: desgorjado.
Deladia, Adelaide.
delgadexinho, deminutivo de delgado.
delgado, delegado.
deluvio, diluvio.
demenuição (arch.), diminuição.
demenuir, diminuir.
demingo, domingo.
deminuir, diminuir.
demontre, demonio.
demòstrar, demonstrar.
dempé, de pé.
denhêro, dinheiro.
denjoêlhos, de joelhos.
dentes de cão, pontarelos.
deregir, dirigir.
derêto, direito.
dèrrés, dez réis. (Bolo *de dèrrés*).
derriçar, insistir, teimar.
desàbàgàchàdo, desabotoado.
desacraditar, desacreditar.
dêsagora, desde agora.
desalvorado, esvaecido do meolo, arvoado.
desalvorar, desarvorar.
desapreceber, desaperceber.
dês aquel'dia, desde aquelle dia.
desaranhado, homem de pouco prestimo.
desáre, desaire.
desàstinado, èxàstinado: desatinado.
desbàráte, despàráte: disparate.
desburçar, debruçar.
descabellada, despauterio. (Que *descabellada!*)
descandlizar, escandalizar.
desear, desejar.
desciplo, discipulo.
descorçoar, desacoroçoar.
desembagalar, desembalagar: desalagar.
desemparado, desamparado.
desemparo (arch.), desamparo.
desenfliz, infeliz.
desenquieto, inquieto.
desensoffrido, irado.
desentupár, desentupir.
desestrado, desastrado.
desfachatez, desfaçatez.
desfamar, diffamar.
desflorar, deflorar.
desinganar, desenganar.
desmaginar, desimaginar.
desmàrànhado, desmazelado.
desòrphado, desamparado.
despasse, traspasse.
despóis, dipóis, espóis, óspóis: depois.
despontar, divergir.
desposto, exposto. (O Senhor *desposto*).
destancia, distancia.
desvanada, desvairada, desmedida, excessiva. (De uma altura *desvanada*).
detriorar, destriorar: deteriorar.
devedir, dividir.
devêz, a par. (Cantavam a *devêz*).
dialgo, dialogo.
diciplina (arch.), disciplina.
di em diante, d'ahi em deante.

diente: deante.
difêto, defeito.
dinidade (arch.), dignidade.
diño (arch.), digno.
discedir, decidir.
discimular, dissimular.
discurso, decurso. (*Discurso* de tempo).
disfurtar, desfrutar.
disgosto, desgosto.
disgracia, desgraça.
disistir, desistir.
disnerar, degenerar.
dispête, despeito.
dispeza, despesa.
disporpoção, desproporção.
disporpositado, despropositado.
disprádo, **êxisprado**: desesperado.
dístigo, distico.
distino, destino.
distrübios, disturbios.
disvario, desvario.
ditriminar (arch.), determinar.
dízemos, dízimos.
dlegencia, diligencia.
doaire, donaire.
doído, dorido.
domonio, demonio.
donde, onde. (O espelho *donde* eu me via).
Donisio, Dionisio.
dôtôr, **dôitôr**: doutor.
drento, dentro.
drêto, direito.
drobo, dobro.
dromir, dormir.
dubda, duvida.
duboche, deboche.
dubrum, debrum.
ducrião, decurião.
Dulteria, **Durtea**, **Derrotéa**: Dorothêa.
Dulvina, **Duluvina**: Ludovina.
duza, duzia.

E

ebaporar, evaporar.
êceder, exceder.
êdéia, ideia.
Êfêmia, Eufemia.
êgiéna, hygiene.
1. **êguariço**, muar, filho de egua e burro.
2. **êguariço**, serviçal que trata das eguas e cavallos.
Êinocencio, Innocencio.
elevense, **olivense**: elvense.
Êlipio, Alipio.
Êlisia, Elisa.
êmanuense, amanuense.
embarulhar, embaralhar.
embêinhar, embainhar.
emberródias, hemorrhoidas.
embicado, habituado, viciado.
embição, **imbição**: ambição.
embicionar, ambicionar.
embicioso, ambicioso.
embirichado, zangado.
embracilho, embaraço.
embréchada, negocio complicado.
emburrial, hemorrhoidal.
Êmia, Emma.
Êmilia, **Enmilia**:
emmendar (arch.), emendar.
emmestrar, amestrar.
emmigrar, emigrar.
emmora, **imbora**: embora.
emmorgia, hemorrhagia.

empâlâgôso, impâlâgôso: rabugento.
emparador, imperador.
emparo, amparo.
empedir (arch.), impedir.
empergado, empregado.
empersão, impressão.
empertrivelmente, impreterivelmente.
empertunar, importunar.
empessiblidade, impossibilidade.
empestura, impostura.
empige, empigem.
empiolado, coelho *empiolado* (com as patas entrelaçadas, depois de morto).
emportancia, importancia.
empossivle, impossivel.
empôsto, imposto, exposto.
empovrecer, empobrecer.
emprasto, emplasto.
emprefèção, emprofèção: imperfeição.
emprehensão, apprehensão.
emprensa, imprensa.
empréstido (arch.), emprestimo.
emprial, imperial.
êna! eia!
ênágoa, inágoa: anagoa.
encante, encanto.
encapaz, incapaz.
encarcer, encarecer.
encarrapichado, encarrapitado.
ençarrar, encerrar.
encasalar, acasalar.
encasião, occasião.
encelencia, excellencia.
encellente, excellente.
encellentissimo, excellentissimo.
encenso, incenso.
encerilhar-se (a cabra): chagarem-se-lhe as mammas, em resultado de não serem bem mungidas.
encéto, excepto.
enchar, inchar.
encho, jogo de rapazes.
enciguèrado, atarefado.
encinho, ancinho.
enclinas, crinas.
enclisse, iclisse, sol cris: eclipse.
enclusivel, inclusive.
encluso, incluso.
encólito, encólto: incognito.
encolmia, incolmia: economia.
encombencia, incumbencia.
encombir, incumbir.
encommado, encomm'do: incommodo.
enconomico, economico.
enconv'niente, inconveniente.
encorrer (arch.), incorrer.
encospias, encospas. (Metter-se nas *encospias*).
encrivle, incrivel.
enculca, inculca.
encurtar, envergonhar.
endeficio, indeficio: edificio.
enderence, engenho ou machinismo complicado.
endevido, endovido: individuo.
end'frir, indeferir.
endorinhas, andorinhas.
endróminas, endrómas: androminas.

enducar, educar.
enfadarrilha, enfadamento.
enfantaria, infantaria.
enfaxe, enxoval das crianças de mamma.
enfectivamente, **infectivamente**, **affectivamente**, **affectivelmente**, **éffectivelmente**: effectivamente.
1. **enfectivo**, **infectivo**, **affectivo**, **éffectivo**: effectivo.
2. **enfectivo**, anno *enfectivo:* anno consecutivo, inteiro, ininterrompido (no trabalho, no serviço braçal).
enfernizar, enfrenesiar.
enferno, inferno.
enfêtos, enfeites.
enffêto, **inffêto**: effeito.
enfinito (arch.), infinito.
enfromar, informar.
enfrónho, criança de peito.
engenhóquêro, engenhoso.
engeróцáda, mal *engerócáda:* mal vestida, mal arranjada.
engina, angina.
englês, **enguelês**: inglês.
engnação, desejo, vontade.
engnorar, ignorar.
Engola, **Ingola**: Angola.
1. **engórra** (metter-se d'), metter-se de gorra.
2. **engorras**, chapeus velhos, que se cortam e depois se usam como polainas.
engóvído, **engrunhido**: encolhido com frio.
engratidão, ingratidão.
engrêja, **ingrêja**: igreja.
engresía, ingresia.
engual, igual.
enguento, unguento.
engulidêras, guelas.
enlegancia, **álgancia**: elegancia.
enlêger (arch.), eleger.
Enlias, Elias.
enlogio, elogio.
enl'rê, **inl'rê**: el-rei.
enlustrissimo, illustrissimo.
enmitar, imitar.
Ennacio, Ignacio.
ennaipar, separar as cartas de jogo pela ordem dos naipes.
ennemigos, inimigos.
enq'lino, inquilino.
enquisilar, fazer quisilia.
enquívoco, equivoco.
enrrigular, irregular.
ensaiados, mascarados.
ensarapantar, assarapantar.
ensarapulhar, trapacear.
enseberdinação, insubordinação.
enseportavel, insupportavel.
ensobrecer, ennobrecer.
enspiração, inspiração.
enstante, **istante**: instante.
enstromento, **estromento**, **estormento**: instrumento.
ensultar, insultar.
entalão, entaladura.
entarrar, enterrar.
entéi, **téi**, **bemté**: até.
enterter, **interter**: entreter.
entorrogar, interrogar.
entravancar, atravancar.
entrecâma, rodapé da cama.
entreduzir, introduzir.
entregosto, entrecosto.
entremedio, intermedio.
entrepetar, interpretar.

entrepicar, tropeçar.
entreromper, interromper.
entressêro, interesseiro.
entrevaes, intervallos.
entrigas, intrigas.
entrimettentes, intermittentes.
entrior, interior.
entrumphado, zangado.
entrumphar-se, zangar-se.
entutular, intitular.
envadir, **ivadir**: invadir.
enveja, inveja.
enventairo (arch.), inventario.
enverna, invernada.
envernadóro, invernadouro.
enviuzar, enviezar.
enzecução, execução.
enzecutar, **enzicutar**: executar.
enzegencia, **inzegencia**: exigencia.
enzegir, **inzegir**: exigir.
enzeminar, examinar.
enzemplo, exemplo.
enzercicio, exercicio.
enzército, **inzército**: exercito.
enzistir, existir.
enzol (arch.), anzol.
enzonices, enzonas.
êpedemia, epidemia.
Êpolyto, **Empolyto**: Hippolyto.
era, ara. (Pedra de *era*).
ermão, irmão. (Pl. *irmões*).
Erriquêta, Henriqueta.
errór, **rór**: (hor)ror, quantidade extraordinaria.
esbarrigado, de barriga para o ar.
esbarrunto, abundancia.
esberriar-se, embezerrar-se.
esborretear-se, borrar-se.
escaldados, escalfados (ovos).
escalête, esqueleto.
escalfamento, esfalfamento.
escálho, **'scalho**: chocalho.
escampado, descampado.
escancras (ás), escancaras.
escandlizar (arch.), escandalizar.
escandola, escandalo, offensa. «*Escandola* apárta amor».
escanga, escanganhar.
escanifra, homem magrissimo.
escaninho, cano de despejos.
escarduça, dentuça.
escarne, escarneo.
escarrapachão, queda desastrosa.
escominhão, excommunhão.
esconfiar, desconfiar.
esconforme, desconforme.
escópalo, escôpro.
escórcha, explorador.
escorgar, escorregar.
escorvar, ventejar.
escramócado, escalavrado.
escrevinhar, escrever.
escrupalo, escrupulo.
escupir, cuspir.
escupo, cuspo.
escurcer, escurecer.
esfalrripar, esfarripar.
esfrunhar, **esfurinhar**, esfulinhar.
esgadelhar, desgadelhar.

(*Continúa*).

A. Thomaz Pires.

MISCELLANEA

I

PRESENTES PELAS FESTAS

Apesar de modernamente os sentimentos religiosos estarem na apparencia muito reduzidos, o publico nem por isso deixa certos usos que datam de tempos remotos. Nas proprias cidades, onde a duvida, a descrença e a falta de obediencia aos preceitos da Igreja fazem grande numero de proselitos, os preconceitos continuam a florescer, demonstrando por esta fórma a pouca ou nenhuma cultura religiosa, não só do vulgo mas das classes elevadas. Na falta do ensino religioso, as superstições pagans, mais ou menos recobertas do verniz christão, continuam a ser tão seguidas como nos primeiros seculos do nosso millenio. O analfabetismo e portanto a falta de cultura do espirito não cessam de reinar em Portugal, o que faz que as multiplas conquistas da intelligencia individual sejam sensivelmente deturpadas. Em todas as classes predomina na pratica uma certa rudeza; verbalmente, porém, as theorias e as leis são quasi impeccaveis, o que não admira, por serem trabalho de homens de gabinete, ao facto do movimento europeu congenere da sua especialidade. O elemento com que um povo póde contar para manter a sua independencia e o seu direito, devido á pouca instrucção elementar, tambem não está na medida de aproveitar os progressos da technica da guerra.

É portanto muito facil encadear certos usos contemporaneos com outros mais remotos e de mais clara comprehensão. O uso facultativo moderno de pedir *boas-festas* e dar *boas-festas* pelo Natal e pela Pascoa, de pedir as janeiras e de festejar maio, com acompanhamento de brindes ou presentes (fazer presente, ou apresentar um objecto) não é mais do que o cumprimento voluntario de rendas ou foros que tem de se satisfazer em dias notaveis, determinados nos contratos antigos. Na qualidade de acto gracioso de reconhecimento por serviços prestados ou que tem de se prestar, como outrora um emphyteuta ao seu senhorio, o uso continúa hoje espontaneo e aduladoramente.

De entre muitos exemplos que poderia apontar, colhidos nos documentos, dos usos antigos, escolho o trecho seguinte que se encontra num documento de 27 de Julho da era de 1382 (1344), do Archivo da Torre do Tombo (*Collecção Especial,* caixa 89).

«E dedes dela de rrenda en cada hũu Ano Ao nosso Conrrééyro que pelo tenpo ffor Saséénta libras de Port[ugueses] dezymadas en paz e en saluo no dito Moesteyro por dya de natal E dedes en cada hũu Ano Ao priol do dito Moesteyro quando hy ffor no dito logar ou en na vyla de Syntra e aaqueles que cõ ele Andarem hũa colheyta de pam e de vynho e de Çeuada e de carnes e de pescados por qual dya ffor qual el mereçe. E esto séér todo hũu dya acabado e hũa duzeá de Çidras por Janeyras E outra duzea de Çydras por Mayas».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

II

VARIEDADES DE ALGUMAS PLANTAS E FRUTOS

(Segundo a terminologia alemtejana)

Alface: Farfalhuda — Crespadinha — De Lisboa.

Alhos: Castanhos — Porros.

Ameixa: Guadalupe — De França — Beijinhos — Abrunhos — Agostinhas — Reinol — Reinol preta — Regalona — Colhoal — Gostos da vida — Pessegal — De rei — De gallo — Babosa.

Amora: Branca — Preta — De silva.

Azeitona: Redondil — Cordovil — Cordovil nocal — Glosinha — Carrasquenha tinta — Carrasquenha branca (brava) — Conserva — Negrão — Massanilha — Verdeal — Bical — Judaica — Sevilhana — Tentelheira — Gallega ou Galleguinha.

Bagens: De Santa Catarina — Brancas — Amarellas — Frades — Carrapatas.

Castanha: Colherinha — Pilada — De Maranhão.

Cereja: Meuda — De saco.

Couve: Lombarda — Tronchuda — Repolho — Da Pascoa — Grenha — Murciana — Negrilha — Flor.

Ervilhas: Anôas — Acerias — Guisantes.

Figos: Verdeaes — Bacorinhos — De esteveira — De rei — Lampos — Rebaldios — Do diabo — Da India — Bêberas — Bêberas de rainha.

Laranja: Da China—Azeda.

Maçã: De craveiro—De S. João—Camoesa.

Malagueta: Redonda—Cornizo de cabra.

Melão: De Carvalho—De rã—De pera—De guarda.

Mogango: Branco—Amarello—Barrete de clerigo—De cheiro—Cabaça.

Nozes: Molares—De alfinete.

Pepinos: Portugueses—Franceses—De S. Gregorio.

Pera: Bojarda — Marquesa — Condessa — Soromenhos — De Santo Antonio—De agua—De pão—De pau—De pé de pombo.

Pimentão: Doce—Catalão.

Romã: Rosada—Caroçuda—Chafariz—Cagadinha—Ferral de Olivença.

Uva: Gêta—Corropio—Moscatel—Coração de gallo—Cachuda—Dona Brites—Ferral de Borba—Ferral de Tamara—Dedo de dama—Perola—De Galves.

PARREIRA MOURISCA: «... onde está hum azambugeiro no meyo da linda, e tem huma parreira mourisca abraçada comsigo...».

(A fl. 267 r do *Tombo da Provedoria da Comarca de Elvas*. Num auto (de 1562) da medição de uma propriedade rustica, dos arredores de Elvas).

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.

III

APPELLIDOS ITALIANOS EM PORTUGAL

Os appellidos portugueses tem variada origem, por isso que ao grupo primitivo d'elles vieram juntar-se gradualmente alguns não só peninsulares, mas tambem de outras regiões da Europa.

Sobre os appellidos de origem italiana um folheto publicado recentemente dá algumas informações interessantes. É autor d'elle o antigo cura do Loreto, em Lisboa, o Sr. Prospero Peragallo, e intitula-se: *Cenni intorno alla colonia italiana in Portogallo nei secoli* XIV, XV e XVI: *Studi di* PROSPERO PERAGALLO. Torino 1904, in-4.º, de 84 pag. (Estratto dalla *Miscellanea di Storia Italiana*, s. III, t. IX).

Apenas attentarei em vinte d'estes appellidos, introduzidos em Portugal, pela maior parte, nos sec. XV e XVI.

Entre os appellidos hoje extinctos contam-se: *Affaitati*, trans-

formado em Lafetá e Lafetat (l'Affaitati), familia de Cremona; *Corvinelli*, Corvinel (ainda existente?), de Florença; *Empoli*, de Florença; *Marchionni*, Marchone e talvez Marchão; *Mariscotti*, talvez Maracote; *Rainero*, Reinel; *Salvago*, de Genova; *Sernigi*, Cerniche, que talvez se encontre ainda hoje na quinta de *Charnixe* (Torres Vedras), de Florença; *Torriano*, de Cremona.

Os dois seguintes só se encontram hoje no Brasil: *Adorno*, de Genova; e *Cavalcanti*, de Florença.

Em Portugal, principalmente na Ilha da Madeira, temos: *Acciajuoli*, Achaioli, Achioli e Accioli, de Florença; *Cattaneo*, Catanho, de Genova; *Cotta*, já existente em Portugal ao tempo de D. Dinis (*Nobil. Portug.*, 1754, p. 266), é duvidosa a sua origem, de Milão; *Doria*, de Genova; *Girardi*, Geraldes, introduzido pelo florentino Lucas Girardi (Geraldes); *Lomellino*, de Genova; *Pallastrelli*, Perestrello, de Plasencia; *Passano* ou *Pessagno*, Pessanha, de Genova; *Spinola*, Espinola, de Genova.

A p. 11 do seu trabalho identifica o Sr. Peragallo judiciosamente o português *Amaro* com *Mauro*. Effectivamente o nosso *S.to Amaro* festeja-se em 15 de janeiro, dia em que os calendarios latinos commemoram *Maurus*, abbade de Glanfeuil. Já no sec. XV se dizia Amaro, como se vê do cod. 266 da Bibliotheca manuscrita de Alcobaça, ao passo que no rosto d'esse codice, em letra do sec. XVII ou XVIII, se escreveu ainda *Mauro*. Um doc. de 1293 (*Rev. Lusitana*, VIII, 45) refere-se a um individuo chamado *Mouro Domingiz*. Tenho já encontrado *Amauro* no principio do sec. XVII, fórma que julgo ser de tentativa etymologica, combinando para esse fim *Mauro* com *Amaro*.

Não temos ainda para os nomes allemães nenhum estudo semelhante ao acima mencionado. Do livro do Sr. Konrad Haebler, *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, Leipzig 1903, podem escolher-se os seguintes nomes do sec. XVI: *Jacob Holzbock*, Jacome Olizpoq, *Leo Ravespnurger*, Lleam Ravespurgher e *Johann Schmidt*, Joam Smidt (p. 31), *Ulrich Fugger* transformado em português em Rigo Fucar (p. 40), e *Ehinger*, no hespanhol (p. 42), em Dalfinger (del Ehinger). Notase naquelle trabalho que *urca*, nome de navio, vem do germanico *Ulke* (p. 11).

Como disse no começo, esta investigação é susceptivel de grande desenvolvimento, como mostram estes poucos exemplos.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

IV

COROA=TONSURA ECCLESIASTICA

Na nossa lingoagem corrente a palavra *coroa* tem o sentido de tonsura ecclesiastica. Diz Moraes, *Dicc. da ling. port.*: «COROA.. a parte da cabeça rapada, distinctivo de sacerdocio».—Em hespanhol diz-se tambem, segundo o *Dicc.* da Academia: «CORONA.. tonsura de figura redonda, que se hace à los eclesiásticos en la cabeza, rapándoles el pelo». — O mesmo em italiano: «CORONA.. la cherica che i preti portan segnata sopra la testa, radendone in cherchio quella parte»,—*Dict. ital.* de A. Antonini.

Pelo hábito não reflectimos geralmente no emprêgo de *coroa* nesse sentido; mas, reflectindo, veremos que tal accepção está em desaccôrdo com a primitiva de *coroa*, pois que a palavra *coròa* desperta a ideia de «cingir»: ramo de folhas ou de flores que cérca a fronte; grinalda; diadema;—e por extensão de sentido: resplandor na cabeça dos santos; ornato metallico e symbolico na cabeça dos reis e senhores; etc. Em contraste com isto tudo está a *coroa* sacerdotal, em vista da definição dada.



D'onde vem o contraste?

Vem de que, na origem, *coròa* não era a parte tosquiada na cabeça (tonsura), mas a porção de cabello que ficava em volta, e que, por a tonsura ser muito larga, apresentava effectivamente o aspecto de coroa, no sentido proprio, o que se vê do adjunto desenho, tirado de uma imagem de S. Francisco d'Assis. Depois applicou-se ao envolvido o nome do envolvente (*metonymia*), e começou a chamar-se *coròa* á tonsura, em vez de assim se chamar ao cabello deixado por esta.

Em francês, a expressão *couronne cléricale* tem ainda o seu sentido verdadeiro: «cercle de cheveux que laisse autour de la tête la tonsure»,—*Dictionn. génér. de la lang. franç.*, s. v. Todavia isto não é absoluto, pois que o *Dict. de l'Académie française* diz: «COURONNE.. la tonsure cléricale que l'on fait sur le haut de la tête des gens d'église».

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Tausend portugiesische Sprichwörter, von Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Separata do volume publicado em honra do Prof. A. Tobler pela *Berliner Gesellschaft für das Studium der neueren Sprachen* «Sociedade berlinense destinada ao estudo das lingoas modernas», Braunschweig 1905, 48 pag.

Este opusculo, embora pequeno em volume, é muito valioso, porque, alem de condensar o que sobre o assunto se tinha escrito entre nós, encerra muitas noticias novas.

Começa a illustre autora por dizer que o seu trabalho obedece a um plano de compilação do nosso adagiario; depois divide os proverbios em *geraes, peninsulares* e *nacionaes*, falla do modo como elles tem sido utilizados na litteratura culta e na popular, indica as diversas denominações que receberam (*rifão, exemplo, verbo, proloquio, verso, etc.*), o seu uso em todas as classes, o seu caracter de verdade. A estas considerações segue-se uma lista de 1:011 proverbios que começam pela letra A, uns extrahidos de obras litterarias, outros da tradição oral moderna, — a maioria em português, alguns em gallego (e em hespanhol).

A synonymia paremiographica se refere de relance Severim de Faria, quando ao tratar da riqueza da lingoa portuguesa diz: «Dos »nomes seja demonstração o nome *adagio*, que he o mesmo que »*proverbio, rifão, exemplo, sentença, ditado & anexim*, dos quaes »vocabulos os Latinos não tem neste sentido mais de dous ou tres»[1].

Um autor quinhentista que empregou muitos adagios foi o Dr. João de Barros no *Espelho de casados*, onde vem, por ex., estes que começam pela lettra A, e que a Sr.ª D. Carolina não traz, ou de que só traz variantes:

A cabra da minha vezinha — é mais gorda que a minha. Fl. xxxix-*v*. — Cfr. D. Carolina, n.os 50, 163 e 485.
A molher e a vaca — busca tras a casa. Fl. lviii-*v*.
Agro alheo que parece sempre mais fertil. Fl. xxxix-*v*.
Amor de moço he agoa em cesto. Fl. xxviii — Cfr. D. Carolina, n.º 671.
Amor de clerigo, jogo sem burla. *Ibidem*.
Amor de casado — he amor escusado. *Ibidem*.

---

1 *Discursos varios politicos*, Evora 1624, fl. 74-*r*.

Em vista da grande abundancia dos nossos adagios, não admira que mais alguns escapassem á autora; por ex.:

Arco da velha — por auga espera[1].
A gallinha que põe pela vindima — é rainha[2]. Fozcôa.
Anno de amendoa — cá nunca venha[3].
Ás terças e sextas feiras — Não cases a filha — Nem urdas a teia.
A boi ruim o corno cresce.

A importancia das velhas, como mantenedoras da tradição, (Vid. p. 23), já eu me tinha referido nos *Ensaios Ethnographicos*, I, 146. — A favor do etymo *senicus* para *sengo*, proposto por G. Paris, na *Romania*, XII, 412, e citado pela autora a p. 23, nota 6, accrescentarei que na Beira-Baixa *sengo* significa «enfèzado», «magro», e se emprega como adjectivo, ou adjectivo substantivado com o feminino *senga*, por ex.: *F. é muito sengo; sempre está uma senga! uma senguinha!* Conheço tambem o appellido *Senga*. — Com a expressão *sengo sabichoso* cfr. o seguinte passo de Fernão Lopes: «se boa cousa he tomar amizades e novas conhecenças, muito melhor he, *segundo diz o sabedor*, renovar e conservar as velhas»[4].

Farei agora umas breves annotações aos adagios, seguindo os numeros adoptados pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis:

159. «A frade não peças cama — e a *ua* mulher não faças ama». Deve emendar-se *ua* (erro typographico) em *má*.

163. A gallinha da minha vezinha, etc.». Cfr. n.º 485. «A vaca da minha vezinha, etc.».

172. Nas annotações que acima publico na *Rev. Lusitana*, 76, ao *Livro de Esopo* ou *Fabulario Português*, fabula XXI, junto alguns parallelos a este proverbio.

185. «A honra é de quem a dá» devia ficar antes do n.º 183.

256–257. «A mouro morto, gram lançada». «A mouro morto, matá-lo». Cfr. Phedro, *Fabul.*, V, 2, *Viatores et latro*.

267. «A mulher barbuda, de longe a sauda. Cfr. em francês: *Femme barbue — De loing la salue — Un baston à la main*, porque se acreditava na idade-media que uma velha com barba era bruxa; Roux de Lincy, *Proverb. français*, t. I, p. 222.

289. «A mulher e a meloa, só a calada é que é boa». Ha um trocadilho com o participio *calada*, que tem duas acepções.

294. «A mulher e a sardinha, a mais pequenina». Algumas pessoas accrescentam: «porque do mal o menos».

394. «A quem doe o dente, doe a dentuça». Ha allitteração.

452. «A S. André de Teixido, ou morto ou vivo» (gallego). Cfr. o que se diz da *estrada de S. Tiago* nas *Trad. Pop. de Portugal*, § 40.

---

[1] Vid. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 59.
[2] Porque poucas põem por este tempo.
[3] Vid. Athaide Oliveira, *Monographia do Algôs*, 1905, p. 98.
[4] *Chronica de D. Pedro I*, cap. X (*Ined. da Acad.*, IV, 27–28).

485. «A vaca da minha vizinha dá mais leite que a minha». Cfr. n.º 163: «A gallinha, etc.».

690. Se, ao transcrever um proverbio gallego, escreve *anadinha* com *nh,* segundo a orthographia portuguesa, tambem devia escrever *ũa,* e não *unha* (segundo a orthographia gallega); ou vice-versa.

720. «Antão era moleiro, e pescava caracoes». Cfr. *Antão era pastor.*

725. Cita-se Gil Vicente, mas o adagio não vem no logar indicado.

968. «Até a formiga tem catarro». Variante: *Já a formiga tem catarro.*

989. «Avuitor comestes, que adevinhades». Temos aqui allusão a uma superstição romana, segundo a qual os abutres adivinham, com antecedencia de tres dias, onde ha-de haver cadaveres que elles possam comer. Vid. os passos citados por A. Otto, *Die Sprichwörter der Römer,* Leipzig 1890, pp. 379–380; assim, por ex., em Plauto, *Truculentus,* act. II, sc. 39, lê-se:

> ..... quasi volturii triduo
> Prius praedivinant quo die esuri sient.

Na tradição portuguesa actual não conheço nada precisamente igual a isto.

NOTA SOBRE O ANTIGO PRONOME *che*

É bella a interpretação que a p. 16, n. 4, a Sr.ª D. Carolina Michaëlis dá de *avache* no proverbio *avache a ti, avache a ti, não ficará nada para mi* (n.º 984), onde explica *avache* por *ave-che,* i. é *ave,* imperativo de *haver,* e o pronome dativo *che* (ainda hoje usado em gallego); só entendo que não temos direito de mudar *avache* em *ave-che,* pois que *avache,* embora devamos accentuar *ávache*, é a fórma classica, o que se póde ver no *Dicc. da ling. port.* da Academia, s. v. «avache». Variante de *avache* é *avacha.*

Todavia a interpretação proposta pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis já não é nova, pois no *Dicc. da ling. port.* de Moraes se lê: «*ávacha*[1], *ávache,* ou antes *aveche,* palavra composta do imperativo *have,* etc.»; quanto ao *che,* se no artigo em que trata de *ávacha,* Moraes o explica inexactamente, no artigo em que trata de *che* tradu-lo bem, pois diz: «*ávache,* toma-te».

O pronome *che* encontra-se em muitas expressões estereotypadas da lingoa archaica (sec. XVI), exs.: «ao som de bem che farei»[2]; «dou-*che* lo vivo»[3]; «pagãose de *bemchequero*»[4]; «a bem *che* fa-

---

[1] A accentuação é do autor do *Diccionario.*
[2] Jorge Ferreira, *Aulegrafia,* fl. 20 (act. I, sc. 6).
[3] Id., *loc. laud.,* fl. 59 *v* (II, 6).
[4] Id., *Eufrosina,* ed. de Sousa Farinha, p. 259 (IV, 8).

rei»[1]; «mais val um *ávache,* que dous te darey»[2]. Outros exemplos da lingoa archaica são: «agora *che* sayrá a alma da carne» (sec. XIV)[3]; «amigo, eu *ch'*o direy» (sec. XIV)[4]; «eu *ch'*as darey» (sec. XIV)[5]; e vid. tambem os exemplos que reuni no meu opusculo *Uma Chronica de 1404,* Lisboa 1903, p. 5, n. 1. Sobre o uso de *che* na nossa poesia trovadoresca, vid. Diez: *Portugiesische Kunst u. Hofpoesie,* Bonna 1863, p. 123, e *Grammaire des lang. rom.,* II, 86, nota, onde elle se corrige segundo o que diz Mussafia no *Jahrbuch f. rom. u. engl. Lit.,* VI, 218 (anno de 1865).

Mussafia mostrou no trabalho citado que na expressão archaica *non cha direi* o *cha* está por *ch'a = che a,* isto é, *tja = te a,* onde *j = y* (semi-vogal) representa o som do *e* antes do *a,* som que hoje ainda pouco mais ou menos se póde ouvir na expressão *te-a* (ex.: *dou-te-a = dou-t'a*) em certas circunstancias, por exemplo, no canto. O *t* palatizou-se ao contacto d'essa semi-vogal, como actualmente acontece no Alemtejo em palavras dos typos de *pentear* e *parte-o,* que se pronunciam *pentiar, pártio* (ou *pentjar, pártjo,* conforme sería a notação de Mussafia)[6]. De *ch'a = che a* deduziu-se *che,* que se tornou independente. Facto analogo se deu com *lhe* (gallego *lle*), ant. *lhi,* que, segundo penso, deve o seu *lh-* á palatização do *l* de *le* em ligações taes como *le-a, le-o* (por ex.: *dei-le-a, dei-le-o*), pois que o lat. illi não podia dar immediatamente *lhe,* mas uma fórma sem palatal: *le* (<(il)li); a fórma *le* é corrente ainda hoje no nosso povo, e é a unica usada no hespanhol actual[7].

O uso de *che* foi geral, sem dúvida, na lingoa portuguesa dos primeiros tempos, que o tinha em commum com o gallego. Depois, porém, esse uso, que continuou na Galliza até hoje (a par de *te*)[8],

---

1 Id., *Eufrosina,* p. 44 (I, 2). O editor (Sousa Farinha) emendou *che* em *que,* mas na ed. de 1616, fl. 24 *v,* está *che.*

2 Id., *Eufrosina,* p. 61. Evidentemente a fórma primitiva da segunda parte do adagio foi «que dous *che* darey», mas o *che* foi depois traduzido por *te,* conservando-se na primeira parte por estar encorporado com o *ave-* (na fórma *ava-*).

3 Cornu, *Anciens textes port.,* p. 25.

4 Klob, *Conto de Amaro,* p. 7.

5 Klob, *loc. laud.,* p. 14.

6 Vid. *Rev. Lusitana,* IV, 24-25, e *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise,* p. 111.

7 Em antigo leonês ha tambem *ele,* conservado em certas circunstancias em castelhano antigo (*dió-ge-lo = *dió-ye-lo = **dió-lle-lo): vid. Menéndez Pidal, *Gramat. hist. española,* 2.ª ed., p. 168, § 94. A explicação do *ll-* hespanhol não póde ser a mesma que apresento para o *lh-* português, pois que alli o artigo-pronome não começa por vogal; mas a geminação -LL- do lat. illi dá normalmente *-ll-* em hespanhol, contrariamente ao que succede em português (foi por isso que para esta lingoa propus *le-a, le-o,* etc.). Entre o hespanhol antigo e o português litterario (e gallego) ha pois mera coincidencia, e não parallelismo phonetico. Esta coincidencia não é unica: assim, comquanto em português haja *pena* e *penha,* e em hespanhol haja *peña,* não é ao hesp. *peña* que corresponde o port. *penha,* mas sim o port. *pena.*

8 Vid.: Saco Arce, *Gramat. gallega,* pp. 55 e 58; e Valladares Nuñez, *Dicc gallego,* s. v. «che».

restringiu-se cá, e, nuns casos, ficou, por assim dizer, fossilizado em varias phrases, como as que mencionei, e noutros ficou circunscrito aos fallares da raia do Minho[1], não talvez sem nelle haver influencia gallaica.

Assim como no organismo humano existem orgãos atrophiados que revelam antigas phases que elle teve, assim tambem na lingoagem de todos os tempos apparecem locuções e palavras avulsas que foram de emprego commum noutras epocas, mas que nas de que se trata se empregam limitadamente, e destoam pois da prática ordinaria[2].

J. L. de V.

II

PERIODICOS

A **Revista**, Porto (1904-1905).—O Sr. Julio Moreira, que tinha já iniciado aqui a publicação de um interessante estudo sobre a linguagem de Camillo (cfr. *Rev. Lusitana*, VIII, 229), inicia agora outro, não menos interessante, sobre syntaxe popular. Eis um resumo da doutrina exposta, ao qual juntarei uma ou outra observação:

I. Emprego dos pronomes relativos.—Cita o uso erroneo de *cujo* no sentido de «que», e dá exemplos de frases como «o homem que eu fui *com elle*» por «o homem com quem eu fui», e de *onde* no sentido de «com o que».

II. Concordancia.—*a*) do verbo *haver*, com o complemento, *b*) de *gente* com o verbo no plural, *c*) *lesa-patriotismo* por *leso-patriotismo*. O Sr. Moreira condemna, como era natural, o dizer-se *haviam homens* por *havia homens*, e dá, com os proprios elementos da grammatica pratica, a demonstração cabal de que *homens* é o complemento directo, e *havia* é verbo impessoal: cita um feliz exemplo, que é *ha-os*, onde *os*, pronome accusativo, não podia de modo algum ser sujeito. O exemplo *elle ha marotos*, que tambem adduz em favor d'esta demonstração, não me parece tão bom, pois que póde dizer-se familiarmente: *elle vêem-se coisas, elle existem homens*, onde *elle* se refere ao sentido total e não em especial ao verbo.—Quanto a *gente*, cita o emprêgo d'este vocabulo no sentido de *nós*, com o verbo no singular, ex. *a gente vae;* ao uso de *gente* com o verbo no plural, 1.ª e 3.ª pessoa, a que tambem se refere,

---

[1] Assim em S. Gregorio (Melgaço) os velhos dizem ainda *che* «te», por ex.: *dei-che*. Observei lá eu proprio este facto.

[2] No meu curso de philologia portuguesa, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, consagrei a este assunto algumas lições no anno lectivo de 1904-1905, como se verá quando publicar na *Rev. Lusitana* a respectiva súmmula.

me referi no opusculo *O Texto dos Lusiadas*, Porto 1890, p. 31–33.—No 3.º ponto, o Sr. Moreira mostra que, assim como em lat. se dizia *laesum ius*, tambem deve dizer-se *leso-patriotismo*, e não *lesa*, pois que *leso* e *lesa* são adjectivos, lat. laesus (partic. de *laedo*). Já tambem Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, dá *leso* como adj., e cita *lesa-majestade*, embora não traga exemplos do masculino.

III. Imperativo.—Emprêgo do presente do conjunctivo negativo; emprêgo do proprio imperativo em orações negativas no Brasil (*não come* «não comas»); imperativo em *-aide*. Sobre o ultimo cfr. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, p. 138.

IV. Negação e affirmação.—O Sr. Moreira chama a attenção para o uso que ha em português de, em vez de se dizer *não* ou *sim*, se empregarem certas expressões, *eu sei lá, não mas sim*[1].

V. Subordinação das orações.—*a*) repetição da conjuncção *que*; *b*) emprêgo erroneo de *que* para representar uma circunstancia anterior (imitação do francês).

VI. Orações optativas.—Emprêgo de *assim* em expressões como «*assim* Deus me ajude».

VII. Comparação.—Uso de *que, do que* e *ca* (tambem popularmente se diz *do ca*).

O Sr. Moreira, como bom latinista que é, parte quasi sempre do latim quando tenta explicar o português. Outra vez recorre ás demais lingoas romanicas.

—Varios jornaes, de caracter não litterario, inserem de tempos a tempos nas suas columnas artigos philologicos. Aqui darei noticia de um. O **Regional**, de Monção, inaugurou no n.º 120 (de 23-VIII-1903) uma serie de artigos com o titulo de *Registo de provincialismos usados no concelho de Monção*. Estão publicados tres até o presente. São assinados por «João da Eira», pseudonymo de um moço intelligente e estudioso (o Dr. Antonio de Pinho). Os trabalhos d'esta natureza, quando feitos com exactidão, tem muita importancia, porque concorrem para que pouco a pouco se vá completando o lexico português. Entre alguns termos mais curiosos, cito: pés-d'agua, «divisão popular muito commum do direito ao uso de certas aguas entre os seus comproprietarios», expressão documentada com textos do sec. xviii; carabunha «caroço», que tambem se usa em gallego; fasqueiro, «agulha de pinheiro»; leivoa «aduela de pipa»; mantela «avental de lã»; bebericho «berbigão». Muitos dos provincialismos estavam já publicados. No fim de grande colheita, vale a pena coordenar alfabeticamente tudo o que fôr mais importante, e sobretudo o que fôr inedito.

---

[1] Provavelmente *não mas sim* foi na origem uma interrogação, seguida de resposta adversativa, isto é: «não? mas sim!» (o nosso *mas sim* neste caso corresponde ao adverbio fr. *si*, que se contrapõe a uma negação). Depois estes elementos fundiram-se em uma unica locução, que é a actual.

—No **Boletim da Sociedade de Geographia,** 1903, pp. 297 sqq. e 325 sqq., publica o Sr. Dr. O. Nobiling um artigo intitulado «Albanês e português» (com um prologo do Sr. Gonçalves Vianna), em que, partindo da hypothese de que as lingoas que pertencem a territorios romanos colonizados ou conquistados contemporaneamente e postos nas mesmas relações com Roma, devem apresentar analogias entre si, busca no albanês palavras semelhantes a algumas nossas; mas as unicas palavras que elle encontra como exclusivas das lingoas albanesa e portuguesa são: alb. *khepor,* port. *caibro,* do lat. *capreu; alb. *diemən,* port. *demo,* do lat. daemon; alb. *rrótulə,* port. *rolha,* do lat. rotula; alb. *vietərə,* port. ant. *vedro,* do lat. vetere-, veteru-. Estas palavras, no meu entender, nada provam: quanto a *caibro,* temos em francês *chevron,* que o proprio A. cita, e que pertence á mesma familia, e temos em provençal moderno *cabrioun;* quanto a *vedro,* o proprio A. cita paralellos noutras lingoas romanicas, hesp. *Murviedro,* ital. *Castelvetro;* quanto a *rolha,* o etymo rotula é mero deminutivo de rota; quanto a *demo,* essa palavra é ecclesiastica, e portanto relativamente moderna.—Palavras de que dá a etymologia: TENDA, substantivo verbal de tendere; CAIBRO, de *capreu, como já vimos, derivado de *capra;* ESPOJAR(-SE), de *expodiare, derivado de spodium «cinza»; ILHARGA, de *iliarica, derivado de *ilia* (esta ultima porém já explicada na *Rev. Lusitana,* II, 268).

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

Em vista do atraso em que tem estado a *Rev. Lusitana,* e da falta de tempo com que sempre luto, ainda não dei noticia de muitas publicações que pertencem ao quadro da mesma *Revista.* Começo agora a preencher essa lacuna. De alguns dos trabalhos que vou indicar espero occupar-me mais ou menos detidamente noutros fasciculos.

—**Vita e poesie di Bonifazio Calvo,** por Mario Pelaez, Torim 1897. O trovador genovês Bonifacio Calvo é autor de duas poesias em português, que vem a pp. 73–75.

—**Macias, o Normando,** por H. Bennert, Philadelphia 1900, 64 pag. + 6 innumeradas.

—Trabalhos de F. Adolfo Coelho:

a) **O ensino historico, philologico e philosophico em Portugal até 1858,** Coimbra 1900, 22 pag. (Separata d-*O Instituto,* XLVII).

b) **Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das lingoas,** I, Coimbra 1901, 114 pag. (Separata d-*O Instituto,* XLVII–XLVIII).

—**Cancioneiro gallego-castelhano**, por Henry Lang, vol. I, Nova-York 1902, XIX–284 pag.

—**Le latin d'Espagne d'après les inscriptions**, por A. Carnoy: 1.ª parte, Lovaina 1902, 119 pag.; 2.ª parte, ibidem, 1903, 227 pag.; 3.ª parte, ibidem, 1906.—Com a palavra *Espagne* o autor quer significar *Hispanie* ou *Ibérie*, isto é, Hespanha (*Espagne*) e Portugal, cujo conjunto constitue a *Hispania* ou *Iberia* da litteratura classica.

—**Portugiesengräber auf deutscher Erde**, por M. Grunwald, Hamburgo 1902, 160 pag.—Contribuição para a historia dos Judeus Portugueses da Allemanha.

—**As «villas» do Norte de Portugal**, por Alberto Sampaio, Porto 1903, 172 pag. (Separata da *Portugalia*, I).

—**Die Nasalvokale im Portugiesischen**, por O. Nobiling: artigo publicado em *Die Neueren Sprachen*, Junho de 1903, pp. 129–153.

—**Beiträge zur portugiesischen Lautgeschichte**, dissertação inaugural (Universidade de Leipzig) por Fritz Behr, Halle 1903, 50 pag.

—**Ortografia nacional** (simplificação e uniformização sistematica) por A. R. Gonçálvez Viana, Lisboa 1904, XVI–454 pag.

—**Selecta literaria para o ensino elementar da historia da lingoa portuguesa**, por A. A. Cortesão, 1.º fasciculo, Coimbra 1904, 1–224 pag., 2.º fasciculo, Coimbra 1905, 225–448 pag.

—Trabalhos de F. M. Esteves Pereira:

a) **Vida de S. Paulo de Thebas**, Coimbra 1904, 16 pag. (Separata d-*O Instituto*, LI).

b) **Historia de Vespasiano, Imperador de Roma**, conforme a edição de 1496, Lisboa 1905, 115 pag.

—Trabalhos de Julio Moreira:

a) **Factos de syntaxe do português popular**, Nova-York e Paris 1905, 10 pag. (Separata da *Revue Hispanique*, XIII).

b) Varios artigos philologicos n-*A Revista* do Porto (1905–1906).

—Trabalhos de Pedro de Azevedo:

a) **Os de Vasconcellos**, Lisboa 1904, 22 pag. (Separata d-*O Archivo Historico*, vol. II).

b) **Dois fragmentos de uma vida de S. Nicolau, do sec. XIV, em português.** Halle 1905. (Separata dos *Bausteine zur Romanischen Philologie*).

c) Varios artigos na *Revista Pedagogica* e noutras revistas que se citam adeante.

—**O Archivo da Torre do Tombo**, por Pedro de Azevedo & Antonio Baião, Lisboa 1905, 222 pag.

—**André de Resende, Lucio?** por A. F. Barata, Evora 1905, 19 pag.

—**Farsa chamada «Auto da India» por Gil Vicente**, edição para o povo por L. Callado Nunes, Lisboa 1905, 36 pag.

—**Romanische Sprachwissenschaft,** pelo Dr. Adolf Zauner, 2 vols., Vienna 1905 (Sammlung Göscher). A lingoa portuguesa é tambem, e naturalmente, ahi tratada.

—**Duarte Galvão e a sua familia,** por Sousa Viterbo, Lisboa 1905, 95 pag. (Memoria apresentada á Academia das Sciencias).

—**Dom Francisco Manoel de Mello,** por Edgar Prestage, Manchester 1905, 35 pag. (com um fac-simile).

—**Esmeraldo De situ orbis de Duarte Pacheco Pereira,** ed. critica annotada por A. Epiphanio da Silva Dias, Lisboa 1905, 176 pag.

—Trabalhos de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos:

a) **A Infanta D. Maria de Portugal (1521–1577) e as suas damas,** Porto 1902, 123 pag., com uma estampa.

b) **Lucius Andreas Resendius Lusitanus,** Lisboa 1905, 22 pag. (Separata d-*O Archivo Historico,* vol. III).

c) **Lucius Andreas Resendius inventor da palavra «Lusiadas»,** Coimbra 1905, 16 pag. (Separata d-*O Instituto,* LII).

d) **Obras de Luis de Camões: Os Lusiadas,** 1.º fasciculo, Estrasburgo, s. d. (faz parte da *Bibliotheca Romanica*).

e) **Pucaros de Portugal,** artigo no *Bulletin Hispanique,* vol. VII. (Separata sem paginação especial, só com frontispicio).

f) **As capellas imperfeitas,** Porto 1905, 14 pag. com estampas.

g) **Cancioneiro da Ajuda,** Halle 1904, 2 vols.: vol. I, XXVIII–924 pag., vol. II, 1101 pag.

h) Varios artigos de linguistica e historia litteraria na *Zeitschrift für Romanische Philologie.*

—**Ordenações de El-rei D. Duarte,** ms. do sec. XV, pertencente a S. M. El-Rei, noticia por Alberto Girard, Lisboa, 1905, 16 pag.

—**Grammatik der portugiesischen Sprache,** por J. Cornu, Estrasburgo 1906. (Separata, sem paginação especial, e só com frontispicio e indice, do *Grundriss der romanischen Philologie,* vol. I, 2.ª ed., pp. 916–1037.

—**Consolação ás tribulaçoens de Israel,** por Samuel Usque, ed. de Mendes dos Remedios, I, Coimbra 1906, LV pag.

—**Recherches sur les Juifs Espagnols et Portugais à Bordeaux,** por G. Cirot, Bordeus e Paris 1906, 20 pag. (Separata do *Bulletin Hispanique,* VIII).

—**A Tradição,** vol. IV, n.os 4 a 12; vol. V, n.os 1 a 12 (1903); vol. VI, n.os 1 a 6 (1904). Cfr. *Rev. Lusitana,* VIII, 230.

—**Archivo Historico Portuguès,** vols. II e III, e n.os 1 a 6 do vol. IV.—Cfr. *Rev. Lusitana,* VIII, 236, e *O Archeologo Português,* X, 158.

—**Portugalia,** fasciculo 4.º do vol. I, e 1.º e 2.º do vol. II.—Cfr. *Rev. Lusitana,* VII, 158. D'este periodico sairá n-*O Archeologo Português* noticia desenvolvida (já no prelo).

—**Boletim da Sociedade Archeologica «Santos Rocha»**, n.ºs 1 a 3, Figueira 1904–1906. Cfr. *O Archeologo Português*, IX, 142.

—Varios artigos e notas de H. Schuchardt na *Zeitschrift für Romanische Philologie*.

As noticias bibliographicas concernentes especialmente ás tradições populares, até 1905, acham-se consignadas nos meus *Ensaios Ethnographicos*, II, Esposende 1903, p. 287 sqq. e III, Lisboa 1906, p. 335 sqq. Escuso de as repetir aqui.

—Pela minha parte publiquei, alem do precitado vol. III dos *Ensaios Ethnographicos:*

a) **Crioulos portugueses**, I, II, e III (artigos bibliographicos) in *Rom. Jahresbericht* de Vollmöller, em varios volumes.

b) **A proposito de «El honrado hermano» de Lope de Vega** (lenda do juiz de Barrellas), na *Zs. für rom. Philologie*, XXX, 332–333.

c) **A «rola viuva» na poesia popular portuguesa**, nos *Modern Language Notes*, XXI, 33–34.

d) **Religiões da Lusitania**, vol. II, Lisboa 1905, XX–375 pag., com estampas, e gravuras no texto.

e) **Dois textos portugueses da idade-media**, Halle 1905, 8 pag. (Separata dos *Bausteine* em honra de Mussafia).

f) **Formas verbaes arcaicas no «Leal Conselheiro»**, Erlangen 1906. (Separata, sem paginação especial, só com capa-frontispicio, dos *Mélanges* em honra de Chabaneau).

g) **O Archeologo Português**, vols. VII a IX, e está no prelo o vol. X. Com a collaboração de muitos investigadores.—Cfr. *Rev. Lusitana*, VII, 80.

*

No *Bulletin of Yale University* (em New-Haven, Estados Unidos da America), n.º 5, Abril de 1906, vem, a p. 8, a noticia de um curso de lingoa portuguesa professado naquella Universidade pelo Sr. Dr. H. Lang:

This course is offered to those who need a practical command of the language as a preparation for the consular service or for commercial purposes. Stress will be laid on the acquisition of a good pronunciation and on practice in translating English into Portuguese. Students should not take this course in the same year with Elementary Italian or Spanish.

O Sr. Dr. Lang conhece bem a nossa lingoa, tanto antiga como moderna, e já esteve uma vez no nosso país. Cfr., sobre os seus trabalhos a respeito de Portugal, a *Rev. Lusitana*, IV, 280–281, e VIII, 223–225. A propria *Rev. Lusitana* lhe deve varias referencias e observações, publicadas ultimamente na *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXIX, 254 sqq., 379 sqq. e 500 sqq.

J. L. DE V.

NECROLOGIA

ADOLFO MUSSAFIA

Em 7 de Junho de 1905 falleceu em Florença o notavel philologo Adolfo Mussafia, que escreveu livros, opusculos, dissertações e artigos sobre todas as lingoas romanicas.

No districto da philologia portuguesa publicou em especial, alem da nota a que acima me referi sobre o arcaico *cha* = *ch'a* (em 1865), de uma noticia bibliographica a respeito de traducções camonianas de W. Storck, inserida na *Zeitschrift für österr. Gymnasien*, XXXIV, 441-443 (em 1883), e de varias observações historico-litterarias appensas á ed. das *Cantigas* (gallegas) de Affonso o Sabio, impressa em Madrid em 1889, o seguinte trabalho: *Sull' antica metrica portoghese, —osservazioni—*, Vienna 1895, 36 pag. (separata das Actas da Academia Viennense, vol. CXXXIII).

No proprio anno da sua morte lhe haviam os seus amigos e admiradores dedicado e offerecido um grosso volume de XLVIII-717 pag., intitulado *Bausteine zur romanischen Philologie, Festgabe für Adolfo Mussafia zum 15. Februar 1905*, onde, de Portugal, collaboraram a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos[1], o Sr. Pedro de Azevedo (vid. supra) e o que escreve estas linhas (vid. supra).

Mussafia era de origem italiana, e fôra professor da Universidade de Vienna. Escrevia ora em italiano, ora em allemão. Possuo d'elle algumas cartas, que me escreveu, em italiano.

Em 1905, quando estive em Florença, poucos dias antes de elle morrer, fiz-lhe uma visita, que porém durou só alguns momentos, porque já o encontrei muito doente, e não o quis fatigar; ainda assim fallou-me de Portugal com muita sympathia, especializando os trabalhos da Sr.ª D. Carolina Michaëlis.

J. L. DE V.

---

[1] O seu trabalho intitula-se: *Zum Sprichwörterschatz des Don Juan Manuel*. Ed. em separado: Halle 1905, 16 pag.

ERRATAS D'ESTE FASCICULO

Pag. 75, linha 9.ª, leia-se *entra a couces* em vez de *entre a coices*.
Pag. 82, linha 3.ª, leia-se *marteyro* em vez de *mosteyro*.
Pag. 87, linha 1.ª da nota 2, leia-se *Bologna* em vez de *Bologne*.
Pag. 105, linha 4.ª da nota 1. O Sr. Cornu quando fez a cópia do *Orto do Esposo*, era professor em Praga; hoje é-o em Graz.

DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DO NORTE

(Conclusão de pag. 142–166)

D) TEXTOS

PARABOLA DO FILHO PRODIGO

Crioulo norteiro

Um cert hom' tinh doi filh.

O pequen' ji falou por su pai: Pai, dá par mim mim heranç. Su pai já deu par êll su heranç.

Depois d'algum dí o pequen' filh juntand tud que tinh pertencend par êll, já foi fór da terr, e alli despendeu tud su dinheir no comer, beber, etc.

Depois d'êll despender tud, alli já caiu um fort fom' naquêll terr, e êll ji ficou bem pobr.

Então êll já foi e ji ficou serv num caz d'um rich hom' daquêll terr. E êll ji mandou no su vargem pu dá comer pu pôrc.

Tant er fom' daquêll rapaz, que êll até haví de comẽ comer do pôrc.

Crioulo de Damão

Um hom' tinh doi filh.

Já falô pa su pai aquêll mai piquinin' qui dá-cá su quião que tá pertencê a êll. E êll já repartiu pa tud doi filh tud quant tinh.

Dupoi de passá algum temp fez um imbrui de tud su fat aquêll rapaz piquinin', e já foi ficá num terr bastant lonj e estranh, e alli já deu cab de tud, e já ficô bastant miserav, e foi serví um sinhor pa guardá pôrc.

No mei de mat desert tinh sentind muit fom' e querí comer de mesm comid de porc, mas nem aquêll achav e tava morrend.

Mas êll pensand em si mesm ji falou: Quant serv no caz do meu pai tem bastant pu cumẽ e bebê, e aqui eu tá morrend com fom'.

Eu ha erguí, had ir perto do meu pai e ha falá: Pai, eu ji peccou contra céo e contra voscê.

Eu n'é dign que voscê considerá par mim com' voscê filh: díxi ficá par mim no caz com' um serv.

Então êll ji erguiu e já foi pert do su pai. Su pai ji olhou par elle de lonj e tinh su grand compaixão, e êll ji correu ond tinh su filh, caiu sobre su pescoço e ji beijou par elle.

Mas su filh ji falou: Pai, eu ji peccou contra céo e contra voscê, e n'é dign do nom' do filho.

O pai ji falou por su serv: Trazê log o primeir vestiment e pusá sobre êll, trazê anel e pusá no su ded e sapat no su pé.

Trazê aqui um gordo bizeir e matá e bom' (= vamos) nós comê bebê, e ficá alegr.

Parqui est mim filh par quem tinh consider como mort, ji ficou viv outra vez; êll er perdid e jáchou.

Agor su grand filh tinh no vargem, e quand êll já vêu pert do caz, elle ji ouviu muz e danç.

Hê, ji gritou par un serv do caz, e ji perguntou qui coiz tinh no caz.

E assim nest estad começô lembrá de caz de su pai, ond tud é fartur, ond tud criad tinh bastant pa comê, e êll agor tinh morrend de pur fom'.

Ficô bastant rependid de su conduct, e log já resolvê voltá caz de su pai pa pedí perdão.

Começô caminhá pa caz, e su pai, quand ulhô de lonj e conheceu su filh, saiu diant com muit pressad, e com grand amor abraçô e bijô su filh.

E ês filh butou injoelh no su pé; e falou pa su pai que êll tinh fêt grand peccad e tinh perdid o nom' de filh, e queri fica caz com' criad.

Log su pai deu vestí fat ric, butou anel de grand valor na ded, deu calçá sapat.

Mandô depoi matá um boizinh e fez grand fess pa chegad de su filh, que êll tinh dad pa mort.

Quand butô mêz, su filh grand vêu de varj e ficô muit zangad, parqui su pai fez tamanh fess pa su filh piquinin', e nam queri entrá dentr de caz, e su pai vêu buscá par êll.

O serv ji falou por êll: Voscê irmão já vêu, e voscê pai tem matado um gordo bizeiro, parqui êll ji voltou salv.

Est filh, ouvind êst, ji ficou zangad e ni querí entrá dentr do caz. Su pai por iss já vêu fór e començou fazê su *cuxamat*.

Mas êll ji respondeu por su pai: Pai, eu tant temp tá servind por voscê e sempre ji obedeceu por voscê, mas voscê nunc já deu aind um pequen' cabrit par fazê fest com mim amig.

Mas log que voscê filh já voltou, que ji despendeu tud voscê dinheir, voscê ji matou a respeit d'êll um gord bizeir.

Mas o pai ji respondeu; Filh, ós sempr tem commig e tud que eu tem é par ós. Aind er prop que nós dev ficá content, parqui est ós irmão nós já tinh considerad com' mort, e ji ficou outra vez viv; êll já tinh perdìd, mas ji encontrou outra vez.

E su filh fez grand sentiment, falan' que nenhum dí deu a êll um cabritinh pa cumê com su amig, saben' que é su filh obedient.

E agor que chegô su filh que deu cab de tud na vid estragad, deu comê noss boizinh qne nós tinh.

Antão su pai falô qui, filh, você tá ficá commig e tud noss bem é por óss.

E su irmão tinha perdid, e agor é bom que nós fique content, parqui que êll já vêu voltad.

CONTOS

I.—Pat de oir[1]

Alli tinh um hom' cuj pert tinh trei filh[2]. Ultim' filh elôte tinh chamand Doming, e sempr pr'êll elôte tim gritand metad-doid, e

[1] Este conto e o seguinte deu-m'os o meu amigo conego Augusto da Piedade Lisboa, que, ha muitos annos, os obteve, escritos, de um rapaz de Mahim (suburbio de Bombaim), chamado Jerome Fernand.

[2] Havia um homem que tinha tres filhos.

pr'êll tôz zent de casa haví randá [1]. Agor um dí qui já ficô [2], grand filh um dí já tumom na su cabeç pum vai [3] na montanh pum cortá lenh; e su mai já deu pr'êll bunit pai (= pão) e um garraf de vinho pum levá comsig, pum refrescá quand haví ficá cansad de su serviç. Quand êll já entrô nã montanh, um curt (= baixo) velh já pusô «bô tard» pr'êll e já falô: «Dá par mi um piquen' pedaç de carn de ocê prat e pouc vinh de ocê garraf, parqui par mi tem sintind (= porque sinto) fort fom' e secur». Mas est capaz rapaz já respondeu: «Muit obrigad, senhor; eu num poss dá por'cê e murrê de fom'». Elle já principiô cortá lenh agor; mas quand tinh cortand, já falhô um pancad, e já cortô su pé. Est era doudís (= maleficio) de aquelle velho.

Segund (= em segundo logar) já foi segund irmão pum cortá lenh, e su mai tambem já deu pai e vinh; e mesm velh já encontrô e já pediu algum côz pum cumê e bebê, mas recebeu mesm refusal (= recusa). Est velh com su mater (= sortilegio) já cortô su pé, como elle tinh cortad de irmão maior.

Emfim Doming já falô: «Papá, eu tem grand gôst de vai pum cortá lenh». Mas su pai já respondeu: «Ocê doi irmão tem cortad sus pé; e ocê pum vai nã montanh é um tolíç, com' ocê num sab de aquell serviç». Mas Doming com' quizer já tumom licenç; e su mai já deu pr'êll um pedaç de ap de trei dí e um garaf de azêd cervej.

Quand est já entrô na montanh, aquell mesm velh já encontrô e já falô: «Dá par mi pouc pum bebê e comê». E Doming já falô: Eu tem pouc sêc ap e azêd cervej; e si êst had gostá pr'cê, ocê é bem vind, e nós doi had santá e comê êst mim pobr cumid. Assim elôte já santou; e quand noss rapaz já tirô su sac, elle já ficô bem chei de admiração, quand elle já ulhô em vez de ap sêc e azêd cervej, qual elle tinho, ric pai e bem doce e deliciôz vinh. Elôte já comeu com grand gôst e felecidad, quant podí tant [4], e quand elôte já cabô (= acabaram) de cumẽ, aquell velh já falô: «Com' ocê tem na ocê corp um benign coração, eu had mandá um benção sobre ocê cabeç. Alli tem um arb (= arvore); cortá aquêll,

---

[1] Ao filho mais novo chamavam-lhe Domingos, e sempre o tratavam por meio doido, e toda a gente de casa ralhava com elle.

[2] Ora em um certo dia.

[3] Resolveu-se a ir. Idiotismo indigena.

[4] Tanto quanto podiam.

e por'cê had achá algum coiz na raiz». E tumand licenç de rapaz já foi.

Doming já começô cortá aquêll arb, e quand êst já caiu, pr'êll já achô na raiz um pat com pennas de oir. Elle já tumom est, e com' tinh cansad, já foi na um piquen' *mess* (= estalagem) na lad de rú pum durmí.

Agor, o don' de caz tinh trei filh fem', e quand elôte tôz já ulhô est pat, elôte querí ulhá de qual mod est pastr (= passaro) era, e querí tambem tirá alguns penn pum sus chapéo. Ultimament, maior irman já falô: «Eu priciz e had tirá um penn ao men'». Assim elôte já isperô até que Doming já foi pum durmim; e depois já pegô d'est pat az [1]; mas pum grand admiração d'éll, éll já ficô pregad, e éll num podí movê nem su ded ou su mão.

Depois vêu a segund irman; mas ella tambem já ficô pregad de mesm mod pum pescoç de primeir. Ultimamente já vêu tercêr irman, e ella tambem querí penn, mas dois qual tim ficad pregad já falô pr'éll não pum tocá [2]; mas em vão; e ella tambem já ficô pregad. E elôte tôz pricisão passá [3] tôd noit nã frio em companhí de pat.

Segund dí de muit cêd, Doming já irguiu e já tumom aquell pat na su braç, já começô su passaj pum caz, e ell num já tumom notiç de fem' de don' de caz. Assim ond elle já foi, filh de don' já ficô obrigad pum vai, com' tod elôte tim ficado pregad pum pat de penn de oir.

Na mei de canteir um padre já encontrou p'elôte, e quand elle já ulhô êst prucissão, elle já falô: «Por'cês num tem pouc de vergonh, mal criad fem', pum currê atrás de um moço hom' na varj? Est bom manêr é qui?» Faland êst, ell já pegô mão de piquen' irman; mas log que ell pegô su mão, então ell já ficô pregad, e já ficô, de mod de fem', obrigado pum currê na processão.

Com pouco hor já parceu merinh de igreja, e quand ell já ulhô noss padre vigar curend trás de fem', já falô: «Então! noss reverend vigar ond tá vai tão log? Nós tem um bautizad». E noss merinho já curreu e já pegô noss vigar de sutan'; mas ell mesm já ficô pregad com noss digno padre vigar. Na mod que est cinc tim curend um trás de ôtre, elôte já encontrou dois cultivador com

[1] Na asa d'este pato.
[2] Mas as duas que estavam pregadas disseram-lhe que não tocasse.
[3] E todas ellas tiveram de passar.

sus instrument de cultivá na costa. Quand noss digno padre já ulhô p'elôte, já principiô gritá p'elòte pum tem compaxão sobre elle e pum livrá pr'ell de perig de vai curend trás de filh fem' de don' de hotel. Mas log que elôte tim pusad mão pum livrá noss digno vigar, então elôte tamem já ficô pregad, e assim tôz já ficô set, tôz curend trás de Doming e su pat.

Agor, noss Doming já tumom na su cabeç de ulhá principal cidad antes de chegá caz; assim ell e su proçessão já principiò sus march até elôte chegá alli. Agor, aqui tem morand rei e su únic filh fem', e éll era tão chei de pensament, que éll nuc haví de rí; e rei tinha dad de sabê qui aquell quem pr'éll podí fazê rí deví casá com éll. Quand noss rapaz já oviu d'est, ell já foi pert de éll com su processão, e quand éll já ulhô êst, éll num podí ficá sem rí. Então Doming já casô com éll, e já ficô rei depois de mórt de su pai-sogro.

II. — Um judeu nã espinh

Um obedient serv tim servind su senhor com grand fidelidade; mas su mestr era um grand miséro, e num tim pagad dinheiro de su serviç.

Ultimament, éll já pensô de soltá emprêg e buscá outr. Antes de saí ell já foi pert de su senhor e já falô: «Eu tim servid pr'ocê pum muit temp sem recebê pagament. En had confiá na ocê justiç e had tomá qui ocê dá pum mi trabalh. Mas algum côz eu quer, e sem aquell eu n'had saí ou serví.

O senhor era bem grand miséro, e já deu trei libras pum su serviç de trei ann. Noss pobre hom' já pensô que aquell era um grand somm de dinheiro e diss': «Agor eu é ric e eu pód ulhá tud mund, e had maravilhá mi intêr vid» [1]. Faland êst, ell já pusô dinheir na su bôls e já começô su march nã montanh e desert.

Quand ell tinh andand na varj, cantand e dansand, pr'ell já encontrô um *imp* [2], qui já perguntô pr'ell qui parqui ell tinh tão content e jovial. Então ell já respondeu: «Parqui eu had ficá sentid? Eu tem fort na mim corp e ric na mi algibêr, eu num tem

---

1 Hei de folgar por toda a minha vida.

2 *Imp*, inglês, significa «diabrete» («a little demon, a young or inferior devil», Webster); mas o autor do conto dá *dwarf* = «pygmeu», como seu equivalente.

de fazê caz de algum côz; eu tem juntad mim pagament de trei ann». «E quant aquell é?» — já perguntou imp. «Trei intêr libr». «Eu haví gostá muit si ocê podí dá tud aquell par mim; eu é bem pobre» — já falô imp. Então noss bom hom' já tumom compaxão rib de imp [1], e já deu pr'ell tud que ell tinh. Agor imp já falô: «Com' ocê tem um benign e limp coração, eu par'cê had dá trei gôst, cada um pum um libra; assim qual por'cê had gostá, par mim falá» [2]. Então noss amig já respondeu: «Eu tá gostá muit coiz melhor da qui richêz: primêr, eu quer um clavin' qual had matá tud pum qui eu had pontá; segund, um rabec qual had fazê dansá pum tôz quem had oví mi tucá; na tercêr lugar, eu quer um gôst, qual si tud eu qui pidí com alguem, elôte dev dá par mim» [3]. Imp já falô qui su gôst ell had fazê, e já deu pr'ell um clavin' e rabec e já foi.

Noss amig agor já principiô su march. Pr'ell já achô no caminho um velh judeu. Pert de lugar de encontr tinh um arb, ond tinh santad e cantand um passarinh. «Oh! qui bunit passarinh!» — já gritô velho judeu. «Eu haví dá mil rupí, si alguem pudess matá pr'ell.» «Si aquell é tud», já respondeu noss amig, «eu had fazê aquell serviç». Depois tumand su clavin', já trouxe passarinh baix de rib de arb. Judeu já pensô depois de tumã passarinh haví enganá pum noss amig; assim ell já pusô su dinheir na algibêr, e já entrô na espinh pum tirá passarinh. Mas log que ell tinh entrad na mei de ispinh, então noss amig já principiô tucá rib de su rabec, e judeu já principiô dansá e saltá alt e alt, tant qui tud su rôp já rasgô, e carn tamem, e tud sangue já principiô vazá de tud lad. Então ell já grintô: «Respid de céo! Tem compaxão sobre mim e esperá de tucá... de tucá... de tucá! Qui eu tem feit qui ocê deu (= deve) tratá par mim d'est mod?» «Qui ocê tinh feit?» — já perguntô noss amig. «Parqui ocê tinh rubad tud pobre gent, e querí agor enganá par mim; e est é ocê prem' de tud ocê miseravel gratificação?»

Assim noss amig já continuô tucá e tucá. E judeu já principiô rezá e pidí misericord, e emfim já falô qui haví dá muit dinheir pum ficá livr. Noss amig já isperô de tucá e já tumom um grand

[1] Teve compaixão do pygmeu.

[2] Diga-me quaes são os gozos que gosta de ter.

[3] Quero um dom, isto é, se eu pedir a alguem qualquer cousa, que elle m'a dê.

somm de dinheir. Entretanto judeu já vêu fór de ispinh metad-dispid e na miseravel condição, e já principiô pensá com' ell podí tumá satisfação de noss amig. Emfim elle já foi com juiz de terr e já falô pr'ell churand qui um ladrão já furtô tud su dinheir depois de sacudí pr'ell, e aquell ladrão tem um clavin' e rabec. O juiz já creu êst, e já mandô *simpai* pum pegá est ladrão ond elôte podí pusá mão rib de ell. E assim noss amig log já foi agarrad e trazid diant de juiz. Judeu já principiô falá su histór, e falô qui ell (noss amig) já furtô pr'ell. «Já furtô!» — já falô noss amig. «Qui ocê já deu par mi com mi *fí* (= paga) de insiná par'cê pum dançá e saltá!». Mas juiz num já creá est (=creu isto), e já commendô pr'ell pum matá pindurad. Mas quand elôte tim pusad cord no su pescoç, ell já falô pum juiz: «Ocê excellénci fazê um favor de dá par mi permissão pum pidí algum côz?». «Tud, mas não ocê vid». «Não, eu ni quer mim vid, mas pouc quer tucá um dans nêst rabec pum últim vez» — já falô noss amig. «Oh! não! não! não! Por amor de Deus, não, num oví pr'ell, senhor juiz», — já exclamô judeu. Mas juiz já falô qui ell num podí refusá. E assim noss amig já principiô tucá na su rabec. Então judeu já gritô: «Mará par mi fort! mará par mi fort!

Desde de primêr solf juiz, letrad, simpai já principiô dansá contra sus gôst ou não. E elle aind fort e fort já principiô tucá, e elôte aind mais fort e alt já começô saltá. Tud sus réz (= reza, rogo) pum isprá de tucá ja foi na vão; noss amig n'haví oví, mas haví tucá sem isprá. Emfim noss amig já perguntô na alt voz com judeu: «Falá, voz mal criad, dond ocê já trouxe tud est dinheir, senão eu had tucá e had fazê por'cê pum dansá e pum ôtre pum marivilhá». «Eu já furtô» — já respondeu judeu diant de tôz — «e ocê já ganhô». E já deu tud dinheir pum noss amig; e juiz já mandô pindurá judeu em vez de noss amig.

III. — Historia de dóz irmãos

Um rei tim dóz filh, e todos elles tim estimação um ao outro muit bastant. Um dí o rei falau pu su mulher rainha: «Si nós tem dóz filh, é certo; e agora ultima si ficar filh mach, tem bom; e se ficá filh fem', então tod est rapaz had murrer». Então est rei mandou logo fazer dóz caixa de morte, e pusou dent dêst caixa tud sus camiz, e deixou finchad no um quart, e deu o chave par su mulher.

Um dí o ultimo rapaz, que é muit piquen', falau pu su mãi, que ucê parqui tem tant trist. Então êst mãi tomou chave e abriu o quart, e mostrou par elle dóz caixa de mórt, e falau que êst é par'ós e par'ós irmão; si no caso par mi ficá filh fem' [1], usôt tod had murrê e had finchá dent dêst caixa.

Um dí est rapaz falau pu su mãi, antes de vir aquell temp, que nós tod had fugí bem longe, e nós tod had ir nu oitêr, até quant que par nós parcê o tôr de noss fortalez. Então êst mãi tumou coragc e falau par'ell: «Muit bom. Si par mi ficá filh mach, branc bandêr ha mustrá pur'sôt tod, c log usôt tod dė ví caz [2]. Si par mi ficá filh fem', então virmelh bandêr ha mustrá, e tod usôt fugí bem longe, e Deus ha vigiá pur'sôt, c eu ha rogá pê Deus pê dá saud pur'sôt tod.

Então êst mãi deu bens pê tud su filh, e tod est rapaz foi no oiteir, e illôt tod subiu no different arvore cada dí pê ulhá o bandêr de sus fortalez.

Onze dí passou e já veu o dever de Benjamim de ver o bandêr, e parceu par ell virmelh bandêr, que é o signal que elles tod ha murré.

O pirmêr rapaz, que é grand, ficou bem trist e irritad e falau por si: «A respêt de filh fem' nós agor tod preciz murrê». Então illôt tod conslhou e já foi bem longe no oitêr, e falau p'illôt tod: «Si nós ulhá alguns fem', nós ha matá e ha tirá su vid».

Dipoi de algum temp p'ês rapazes j'achou um casa no oiteiro, e illôt tod ficou alhi ao espaço de dez annos, mas nu oviu algum noticia da caz.

Est minin' foi crescend e ficou grand. Um dí já fou no quart e encontrou par'éll dóz camiz, e falau pu su mãi, que cuj camiz é êst tod? Não had servir para mi pai, e é muit piquen'. Então êst rainh ficou bem trist, e falau par su filh fem': «Amad filh, êst camiz pertence para seus irmãos, que está espalhado no oitêr. «Quand êst fem' ouviu a palav que êst camiz pertence para seus irmãos, ella já deu um grit, e diz: «Ond estão todos elles?». A mãi rcspond: «Deus had saber onde estão tod elles».

Um dí esta mãi levou par su filh no quart, e mustrou par éll dóz caixa de mórt e falou que êst é par'ós irmão, e falou par

---

[1] Se eu tiver filha.

[2] Ambos vós deveis vir para casa.

éll tudo histór desde princip até fim, que quilai succedeu assim [1].

Aquêll fem' então já falou pu su mãi, que ucê nu chura, e eu had ir e ha buscá pê tod mi irmão no oitêr. Andand no oitêr, ella ficou bem cansad, e parceu par éll um grand luz dent duma casa, e foi bem pert e bateu a port.

Uns dos rapaz que tinha dentra daquêll casa respondeu par éll: «Quem é ucê?». E dá parcend p'ês rapaz um menino bem rico e da vestid bem rico, e no su cabeç tinha um estrell de diamand.

Outro vez tá perguntou est rapaz para aquêll menin'. Então êst menin' respondeu que eu é filh de um rei, e tinha vid pê buscá mi dóz irmão.

Tod estes rapazes quand ouviu ella falar assim, elles pensaram que êst fem' deve ser a filh de noss mãi, e todos elles abraçaram e beijaram uns aos outros [2].

Dialogos

I

Subdial. de Tecelaria

Rosa. Bai Marí, você quilai tem? Você crianç crianç quilai tem?

Marí. Qui ha falá por'cê e qui ha fazê? Tá ficad enfadad e borecid com crianç crianç. Um tem com seramp, outr, com obr, outr tem com toss, e assim vai pas-

Subdial. de Chevai

Rosa. Bai Marí, você com' tem? Você crianç crianç com' tem?

Marí. Que couz had falá por'cê? Um tem com seramp, outr, com operação, outr tem com toss, e assim vai passand. Estes não tem somno de noite, e sus pai

Subdial. de Bombaim

Rosa. Bai Marí, você com' está? Crianç com' está?

Marí. Qui coiz had falar a você. Um está com serampa, outr, com operação e outr, com toss, e assim vai passand. Estes não tem somno de noite, e Mr. Pe-

[1] Assim como succedeu.

[2] Este conto, em que evidentemente se nota empenho de *esmerar*, sem methodo, o crioulo, aproximando-o da lingua-mãe, difficilmente póde passar por espécime do subdialecto de Bombaim. Parece, antes, linguagem mixta ou intermedia, com pretensões de ser literaria.

sand. P'este de noite nu tem son'; e este hom' de noss casa tá ficand enfadad par cordá de noite.	tá ficand enfadad par cordar de noite.	ter (marido) está ficand enfadad par acordar de noite.
R. Você ni qui dá mezinh p'ellôt?	R. Você nu tá dá remed p'ellôt?	R. Você não dá remed a elles?
M. A respeit de seramp, nós ni qui dá remed. Nós tem dotor Lazro, ell tem bom mão sobre crianç crianç.	M. A respeit de seramp, nós nu tá dá remed. Noss doutor Lazr tá entendend bom da crianç crianç.	M. A respeit de seramp, nós não dá remed. Noss doutor Lazr entend bom a respeit de crianç.
R. Bai Marí, outr tod na casa tem bom, não?	R. Bai Marí, tod na caz tá bom, não?	R. Bai Marí, outr tod vocês casa está bom?
M. Eu tem bom; mas est hom' da nos caz tá fazend maravilh; um dí tem febr, outr dí tem dor da cabeç, algum vez tá doend corp, e assim vai passand.	M. Eu tem bom; mais noss caz sus pai algum vez tem febr, cabeç tá doê; algum vez tá doê corp, e assim vai passand.	M. Eu está bom; mas Mr. Peter algum vez tem febre e dor da cabeç; algum vez tem dor de corp, e assim vai passand.
R. Ond tanan' você?	R. Ond vai você?	R. Ond você quer ir?
M. Eu tanan' hospital. Est mi pequen' tá balhand na chua, tá marand bund, e agor tem febr e toss.	M. Vai par hospital. Mim rapazinh está com febre; ell tá dansand na chua, e tem febr e toss.	M. Eu quer ir hospital. Est mi pequen' tá dansand na chua, e agor ell está com febr e toss.

II

Subdial. de Tecelaria	*Subdial. de outras partes*
BAI CATÚ. Ós ond tanan', ré? Caz d'ós pai-tiu tanan' qui, ré? Parqui tanan' caz d'ós pai-tiu, ré?	BAI CATÚ. Ond tá vai, ré? Pai-tiu su caz tá vai, qui? Parqui tá vai pai-tiu su caz, ré?

Peter. Sim, bai. Dumush, filh do mim pai-tiu já vêu de Puná. E eu tanan' encontrá par ell.

B. C. Dumush tim andad pa passá exam' de *enjiner* na Puná; ji passou qui?

P. Sim, bai. Agor par ell ha encontrá bom emprêg e ha comê grande pagament.

B. C. Ós ni qui andá no collegio?

P. Pert de mim pai nu tem (= meu pai não tem) muit dinheir pu mandá par mim no collegio. Nós é gente pobre, e eu tem mais dois irmão, qui tanan' pa escol de Bombaim pa aprendrê inglês.

Peter. Sim, bai. Dumush, mim pai-tiu su filh já ví da Puná, não? Eu tá vai encontrá par ell.

B. C. Dumush tinh andad par passá exam' de *enjiner* na Puná: ji passou qui?

P. Sim, bai. Agor par ell had encontrá bom emprêgo e had comê grand pagament.

B. C. Ós nu tá vai no collegio?

P. Mim pai su pert nu tem bastant dinheir pu mandá par mim no collegio. Nós é gente pobr; eu tem mais doi irmão, qui tá vai pu escol do Bombaim par aprendrê inglês.

III

Subdialectos, com exclusão dos de Bombaim e Tecelaria

Bai Ilú. Bai Quitú, ocê com' tem? Em caz crences com' tem?

Bai Quitú. Eu tem bom; crences nu tem saud mesm; doi dí bom, doi dí mal; semp semp tá padecend de lumbrig mesm. Mim Jão nu tá gosand muit bom saud; comsig dá crences tirand tirand [1], tá ficá bem enfadad, doi dí nu tem saud.

Bai Ilú. Nu tá levand par ell pert do doutor?

Bai Quitú. Cada vez cada vez [2] quant had levá pert do doutor. Agor assim com' Deus dexá, assim had ficá [3]. Na caz qui tá encontrand temp qui? Desd de muced fazend fazend almoç [4], até que vai Niculau e su pai nu tá encontrand nad temp. Até que elles andá, nós almoç fazend (= almoçando), nove hor já deu. Est part, aquell part, dupois bazar já vêu; dupois já ficou hor de fogão [5].

[1] É obscuro o sentido d'esta proposição.
[2] Repetidas vezes, frequentemente.
[3] Agora será como Deus quiser.
[4] Almoçando ora um, ora outro.
[5] Horas de accender lume no fogão.

Peixe had limpá, temp had mòê, aròs had cozinhá [1], dôz já deu; e depois um pouc hor had volteá [2]; dupois um hor já deu, nós had vai jantá. Dupois já jantou qui, doi hor já deu, não? Dupois had santá custurá, e até cinc hor n'had launtá do custur. Cinc hor já deu qui, had vai pert do fugão. Dupois chá had fazê, chá had bebê, *khoi* had pusá, apa had fezê, had assá; dupois ag had pusá rib do fugão. Até alli mim Nicolau já vêu du Bomaim; Nicolau pé had lavá; dupois su pai tamem já vêu; dupois had vai pa rezá. Já rezou qui, dupois cêa no mêz preciz. Já ceou qui, nov hor já deu. Mim Nícolau dupois mais nu pod esperá; par ell cam' preciz pu durmí; parqui ell tá vai muit cêd, não? Mais noss caz est pequen' tem, não? Par ell muit tá custá par durmí; mais um olh si tirá [3], não? Log quiet had ficá; si n'had ficá, um pouc rót já tumô na mão qui [4], log já ficou quiet.

Bai Ilú. Doutor qui já falou a respeito do'cê Jão. Est noss doutor Paes tem bom mão pu crenç crenç. Um bebid já deu qui, log differenç had caí, mas bom regiment preciz deixá [5].

Bai Quitú. Eu tambem tá ovid a respeit do doutor Paes; mais gent tá falá doutor Fernandes é muit mais melhor de que doutor Paes. Ell bom cuidad tá tomá do doent, e muit *charj* nu tá fazend do mezinh. Quant gent tá vai su pert! [6] Tod dí tá trabalhá; ell um pouco temp nu tem, aind pu cumê. Noss Inú bai ann passad fort febr tinh; um doutor já trazê, outr doutor trazê; já ficou enfadad. Dupois já trazê pu doutor Fernand; ell não um bebid já deu qui [7], log febr já baixou. Ell mezinh dentr qui ta pusá, Deus sabe [8]; qui bom cheir tá dá!

Bai Ilú. Sim, sim, bai, ell bastant curitiv tá fazê. Nu falá pars, nu falá gintiu, nu falá banian' [9], noss gent norteir e goan' nu preciz

---

1 Emprega-se o futuro pelo presente na narração, conforme o estilo do maratha, para indicar o que se tem de fazer.

2 Tenho de tomar sesta (dar voltas na cama) por pouco tempo, por alguns minutos.

3 Se fecha um olho.

4 Assim que pegou na bengala.

5 Apenas que deu (= der, infl. indigena) uma bebida, logo haverá differença para melhor; mas é preciso observar bom regime.

6 Vae perto d'elle, recorre a elle.

7 Mal tinha acabado de dar uma bebida.

8 Deus sabe o que elle mette no remedio.

9 Não falemos dos parses, não falemos dos gentios, não falemos dos baneanes.

falá mesm, tud tá corrê pert de doutor Fernand. Ocê tá ovid qui su pai, quand tinh (= quando vivia), tud mezinh da hervelad tinh fazend [1]. Ocê sab, bai, gent parqui tant tá corrê su pert? Parqui ell tambem mezinh da hervelad tá fazend. Est noss *ala-palá*, est noss *gaunti* [2] é mais melhor que mezinh do Europ.

IV

Subdialecto de Bombaim

Pedro. Bom dí, senhor Piment. Tod em casa com' está? Mãi com' está? Ella estav doent, não? Ficou bom, o que? [3] Cuitad, quant temp está padecend!

Piment. Minh mãi ainda não está bom; doutor tem falad que ella logo n'had ficar bom. Ella tem febr, cansaç, toss, enchaç do mai e pé, etc. Ouviu alguma coisa a respeito de Bastú?

Pedro. O que tem havido? O que succedeu?

Piment. Ell está de tisica; doutor falá que ell n'had ficar bom.

Pedro. Qui doutor está attendend a elle? Gente diz que doutor D'Souza é bom doutor, e tem curad doença d'esta sorte. Porque não quer chamar a elle para examinar ao Bastú?

Piment. Bastú tem grand fé no doutor Fernandes; ell tem ovido que seu pai curava perfeitamente esta doença por meios de medicina hervelada. Alli está o noss amig Caetan', que com esta doença estava reduzido a osso e pelle. Já tinha largado toda esperança; mas logo que chamou ao pai do doutor Fernandes, ell foi melhorand, e agora está feito bem gordo. Tenho ouvid que o seu filho tambem sabe o sigredo do seu pai, e faz uso do mesmo, e é por esta razão que muita gente vai com elle e faz boa opinião d'elle. Ámanhã vou chamar o doutor Fernandes a respeito do meu irmão.

Pedro. Muito bem; não dilatá mais, chamá a elle logo, e deixo o seu irmão ficar bom; está bem reduzido, cuitado. Dê a elle bom forte comida. Estou certo que doutor Fernandes ha de curar com raiz a seu irmão. Adeus, então. Cumprimentos em casa; recados a todos.

---

[1] Fazia todos os remedios de hervas.

[2] Palavras marathas.

[3] *O que* por *qui* dubitativo: porventura, por acaso...

V

Do jornal *Estrella do Norte,* 1862 [1]:

BAI JULI. Mas Sinhor Borginh, vosses nim quer dá cov par mi na sanscriti?

BORGINH. Vosse já ficou doud qui? Par grand grand padre e bisp num ja enterrou na sanscriti, e porsê qui lai had dá logar ali?

BAI JULI. Qui lai had dá! Vosses olho tem quebrad? [2] Eu num tem feito benefis par igrej, eu num tem cuzid roup de padre, op de confrari, num tem guardad cont de vinh, num tem olhad barrê igrej, num tem tirad careir de merinh e sipai [3], num tem manijad armação de altar, num tem ovid tres tres quatr quatr miss cada dí [4], num tem rezad inteir ruzar, num tem enxutad gralh que tá vi bebê agua bent?

BORGINH. Aquell tud bem virdade, bai Juli, mas num tem no noss poder par dá porsê lugar no sanscriti.

BIA JULI. Então vosses quem he? syndico, fabriqueir, ou barbeir?

BORGINH. Mas vosse parqui tá ficá raiv comig? eu um só nad pod fazê.

BAI Juli. Então vai vosses tud par diab, en ta vai agor par Mangalore par encontrá par Fré Miguel, e eu had ensiná dalli porsê.

BORGINH. Vai, bai, vai, e num fazê disesprad par nós.

BAI JULI. Tem bom, tem bom, sinhor Borginh, eu quand ficá freir vosses had senti. Arre merinh! mand log minh *tul* (= banquinho) e estár par cêz, eu na had entrá mais nest igrej.

MERINHO. Fic calad, sinhor Borginh! *zaun de tila, zail amchi ec piddá saitan doccrine bezar corun taiclaim amaná* [5].

Maximas e proverbios

Cova alheia cova par si.
Não tem ganh sem trabalho.
Tomá cuidad de *ardi* e *rupi* had tomar cuidad por si.

---

1 Emprestado pelo Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos para o eu copiar.

2 Traducção literal de locução vernacula, empregada para indicar grande inveja.

3 Não tenho poupado caminhadas ao sacristão e ao servente?

4 Reflexo do maratha: «Não ouvi tres a quatro missas todos os dias?»
Palavras marathas.

É melhor ficar um só do que no mau companhia.
Amigo fals é mais mau do que inimig.
Pensá muit e fal pouco.
O noss lingua é espad de dois fio.
Amigo de temp de figos.
Largá de mão e palpá no chão.
O passaro na mão é igual a dois no oiteiro.
Estendê pé conform' você cama.
Ná pá (= não se pode) fazê vid, si ganhá cinc e comê nove.

Adivinhas

Tem um hom' que tant si ell comê [1], su barrig nunc ha carregá ou enchê.— *Garrat* (= mó de moinho).

Tem um hom', que par ell noite e dí nu tem succg.— *Relogio.*

Tem um hom', par ell tem set ovid.— *Candeia* (= candieiro de bronze).

Tem um buião, alli tem dois sort de manteig.— *Ovo.*

Tem um hom', par ell tem treis pé; ell tá comen' palh e tá beben' agua.— *Fogão* (formado de tres pedras).

Tem um hom', ell é redond com' sombreiro e altur (= alto) com' palmeir.— *Poço.*

Tem um hom', ell assent ou tá santand como tigre e salt ou tá saltand como leão.— *Frog* (= ran) [2].

Eu pod ulhar tud, mais não pod ulhá par mim.— *Olhos.*

Mãi está dormid e filh está voltiand (= volteando-se).— *Stone for grinding curry* (= pedra e cylindro de moer o tempêro de caril).

Erguind muito cedo tá correndo atrás de cafre.— *W. C.* (retrete).

Quent quent mareludo, quem vai primeiro levá tudo.— *Night soil* (= despejo de noite).

Que coisa é gallinha de um pé?— *Bringalo* (= beringela).

Tem um hom' que ell é tão feroz, que ninguem pod tocar mão par su corpo, e pond agua sobre ell, ell had morrer.— *Fire* (= lume).

---

[1] Ha um homem que por mais que coma.

[2] Algumas das soluções são dadas pelo meu correspondente em inglês. Traduzo-as em português normal.

Menin' pendurad com lenç nu bols.—*Padlock and key* (= cadeado e chave).

Tem um hom', su *langoti* bem comprid.—*Needle and thread* (= agulha e linha).

Gallinh branc e ovo preto.—*Custard apple* (= ata, fruta do conde, *Anona squamosa*).

Filho já nasceu, mãi ji morreu; si quer saber, vai perguntar par mãi-tia.—*Figueiro* (bananeira).

Tem um rapariga tud branco, em vez de crescer vai ficando pequeno.—*Wax-candle* (= vela de cera).

Taboa tabellada, rapariga tem bem formada.—*Mirror* (espelho).

Alanç [1] balanç no mei do lanç, noit e dí nu tem soceg.—*Clock* (= relogio de parede).

No mei mar e arredor terr.—*Cocoa-nut* (= côco).

Eu tem um forte supporte par velh e *langrá* (coxos); é terrivel na bulha, e patrateiros gostá a mim.—*Money* (= dinheiro) [2].

Como é, assim eu fico: eu é moço, moço eu fico; eu é velho, velh eu fico; eu tenh olhos, mas não está vend; eu tenh ovidos, eu não pod ouvir; tenh boca, mas não fal.—*Statue* (= estatua).

Tem um hom', que elle não tem ossos.—*Tongue* (= lingua).

No meio do mar tem espad.—*A long flat fish with shining skin* (= peixe espada).

Sem mim nenhum *gentleman* está jantand; quando acabar jantar, eu não é su cuzinheiro, e está fugind longe.—*Brandy or liquor* (= cognac ou licor).

Eu fico no escuro, quand está lum'; eu está quent, quand é frio; e quando é quent, eu fico frio, (subdial. de Bombaim).—*Caverna.*

Está um hom', ell tem 10 arvores e no pont tem 10 rochas (*idem*).—*Finger-ends* (= pontas de dedos).

Está um hom', que durant dia fic nu e vest de noit (*idem*).—*Bedding* (= cama).

Está um homem, ell tem tres olhos (*idem*).—*Cocoa-nut* (= côco).

---

[1] Palavra sem significação.

[2] Parece que *bengala* seria melhor solução.

Erguind muit cêd pôi mão nu burac (*idem*).— *Fogão*.

Eu não tem pennas, ainda eu está voand sem difficuldad; eu èstá fugind do sol, eu gostá noit escura (*idem*).— *Bat* (= morcego).

Está um sapateiro que faz sapat sem pell (*idem*).

Mãi detad («*hull*»), pai em pé («*captain*») e filh tá bulind mão e pé («*propeller*»).— *Sailing vessel* (= embarcação).

Poesia (Chicotas)

I.— *Que-lá-lé*

Que lá lé, que lá lé, que lá lé,
Qui quer dizer nigarinha na cozinha?
Senhor, com su prepar de almoço.

Já foi a passeara, Senhor,
Na horta de *malí;*
Ai! *val-paprí* bafada, Senhor,
Comp'tê aquentada.

Ai! Caetan' tem bebido, Senhor,
Pascal tem ferado;
Ai! quem faz a justiça, Senhor,
Doid (?) e mallogrado.

Ai! Bastião tem bebido, Senhor,
Onde foi a dormir!
Ai! trás de ribeiro, Senhor,
Lodo foi a cubrir.

Ai! folhas entre folhas, Senhor,
Folhas de pimento,
Ai! aqui neste rancha, Senhor,
Pascoal é um bulhento.

Ai! manilha de oiro, Senhor,
Obra de pepino;
Ai! horto de João, Senhor
Cercado de espinho.

Ai! anel de oiro, Senhor,
Todos falá cobre;
Ai! todo mundo sabe, Senhor,
Eu sou filha de pobre.

Ai! finchá aquella porta, Senhor,
Finchá com preguinho;
Ai! se pode eu abrir, Senhor,
Com meu dedinho.

Ai! já está meia noite, Senhor,
Já saiu devota;
Ai! rosario na mão, Senhor,
Cantando a chicota.

Ai! já açandeu a candeia, Senhor,
Com azeite margosa;
Ai! noivo com noivinho, Senhor,
Na cama mimosa.

Ai! folhas entre folhas, Senhor,
Folhas de safrona;
Ai! aqui nesta rancha, Senhor,
Maria é um cafrona.

II. — *Dopina*

Dopina, Dopina, Dopina,
Côr de rosa, Dopina,
Escolhá e tirae, Dopina,
Qual é mais formosa, Dopina.

Rosa na roseira, Dopina,
Chave na cadeira, Dopina;
Rosa já deu grita, Dopina,
Eu já deu carreira, Dopina.

Anel de oiro, Dopina,
Já caiu na escada, Dopina;
Si quer anela, Dopina,
Coxo (= coice) e bofetada, Dopina.

Já nasceu luar, Dopina,
Fronte de janella, Dopina;
Noivo com noivinho, Dopina,
Já trocou anela, Dopina.

Finchae aquella porta, Dopina,
Finchae mal finchada, Dopina;
Si pode passar, Dopina,
Corpo delicada, Dopina.

Hoje é um dia de segunda feira, Dopina,
Primeiro dia de semana, Dopina;
Largae a de custura, Dopina,
Pegae a de rabana, Dopina.

Rosa tem vestida, Dopina,
Um vestido amarello, Dopina;
Já ficou gordinha, Dopina,
Comendo farelo, Dopina.

Folhas entre folhas, Dopina,
Folhas de alos, Dopina;
Aqui nesta rancha, Dopina,
Caetan' é um gallo, Dopina.

Folhas entre folhas, Dopina,
Folhas de *badama,* Dopina;
Aqui nesta rancha, Dopina,
Catharina é um madama, Dopina.

III.—*Bai Monquim*

Bai Monquim tá vi, tá vi,
Bai Monquim tá vi, santá
Minha perto, bai Monquim;
Contá novidade.

Eu vi vossa casa, bai Monquim,
Vós virá vosso rosso (= rosto).
Tomá vosse casa, bai Monquim,
Mará com pescoço.

Os qui já deu anel, bai Monquim,
Anel já caiu no poço;
Eu não tem fortuna, bai Monquim,
Par casar com vosso (= comvosco).

Lampa encarnada, bai Monquim,
Lampa pindurada.
Merece pu noivo e noivinho, bai Monquim,
Palaquinha pintada.

Anel do oiro, bai Monquim,
Sete pedra junta;
Si quer anel, bai Monquim,
Casae minha junta (= commigo).

Papagaio verde, bai Monquim,
Biquinho de chumbo;
Levae esta carta, bai Monquim,
E pinchae no mar fundo.

Papagaio verde, bai Monquim,
Perto de botiça (= botija);
De noite bebo vinho, bai Monquim,
E de dia na justiça.

Eu não bebo vinho, bai Monquim,
Eu não tomo cheiro (= rapé);
Si quer que eu bebo, bai Monquim,
Um garafo inteiro.

Já veio um senhor, bai Monquim,
Já puxou cadeira;
Traça de cadeira, bai Monquim,
Vinha de Madeira.

Já foi passeio, bai Monquim,
Bazar Canería;
Já foi comprar, bai Monquim,
Fula de mogaría.

Fula de mogaría, bai Monquim,
Espalhá na mesa,
Sinhora d'esta casa, bai Monquim,
Já ganhou um fortaleza.

Esta vossa cantiga, bai Monquim,
Não tem reposta;
Pegá de cestinho, bai Monquim,
Mandae trazer bosta.

IV.—*Raminho, Raminho*

Raminha, Raminha, pegá na mão,
Quem tiver amor largá na chão.
Ó de manhã nigarinha mandá panhá
Orasbalha (= orvalho) de manhã.

Eu vós agradece, Raminha,
De vossa chegada, Raminha
Eu vis (= visto?) de ganeiro, Raminha,
Fogo na bomborda, Raminha.

Mistiça castiça, Raminho,
Sangue misturado, Raminho,
Maldita no céo, Raminho,
Um ponto errado, Raminho.

Cantando, cantando, Raminho,
Quatro cantadeira, Raminho
Menino (-na) de *gagrá*, Raminho,
Outra panniteira, Raminho.

Panna *chola* fin', Raminho,
Chinela de coiro, Raminho
Calquinada de jambo [1], Raminho,
Roquinha de flor [2], Raminho.

Marchando marchando, Raminho,
Já saltou chinela, Raminho,
Traça (= atrás) da janella, Raminho,
Menina donzella, Raminho.

---

[1] Calcanhar encarnado, da côr de jambo.
[2] Bico bordado de flor.

Cobrè de veneno, Raminho,
Já vêu de repente, Raminho,
Alli já morreu, Raminho,
Pobre innocente, Raminho.

Casa sobreda, Raminho,
Janella de vidro, Raminho;
Minha pominha branca, Raminho,
Já perdeu amigo, Raminho.

Na minha janella, Raminho,
Tem tres pominho, Raminho:
Branco, preto, verde, Raminho,
Não sei qual é minho, Raminho.

Areca cortada, Raminho,
Betla concertado, Raminho.
Quem vai para Bengala, Raminho,
Leva minha recado, Raminho.

Hoje nesta casa, Raminho,
Grande alegria, Raminho,
Com favor de Deus, Raminho,
Da Virgem Maria, Raminho.

Folhas entre folhas, Raminho,
Folhas de *kismís,* Raminho;
Aqui nesta rancha, Raminho,
Caetan' é um mistiç, Raminho.

Cadóra (= cada hora), cadóra, Raminho,
Qui quero commigo, Raminho?
Eu mulher casada, Raminho,
Aqui tem marido, Raminho.

Na minha quintal, Raminho,
Tem cavado um poço, Raminho;
Todos lavá rosso (= rosto), Raminho,
Caetan' lavô rabo, Raminho.

V.—*Mana, Mana*

Mana, Mana, cunhad já vêu,
Manda trazê vinh, bom, (= vamos) nós divertí.
Rapaz de Martinh já foi trazê vinh,
Ja veiu no caminh, já quebrou frasquinh.
Vinha de Colonh vinha muito forte,
Amor de cunhad durai até morte.

São Pedro, São Paulo, São Christo, Igreja
Já foi panhá fula, já quebrou bandeira.
Bandeiro dourado com lenço de bico (= de rendas),
Olhae, minha nona, que bonito brinco!
Carreto cavallo corrê rua de China,
Mulher de Bengala ladrão de gallinha.

Pedro Paulo, corrê, vi, nona tá pedí saud vida.
Gagrá de Madrás fula su cheiro,
Enganá mancebo dinheiro dinheiro.
Copo taxinho (?) com doce de China,
Sai (= saia) marello com lenço pintado,
Bom' balhá naquell quatro juntado.

E) VOCABULARIO

Açandē, accender. Cp. *santá* e *cumē.*

Achar, (subst.) conserva de vinagre ou de salmoira. Commum a todos os crioulos orientaes.—Do persa, geralmente usado nas linguas indigenas.

Ada, < adem: pato. Dial. damanense: *ad. Ade:* comm. —Port. ant. na significação.

Ag, agua. Dial. dam.—Dial. coch., ceil., mac., mal., caboverd. *ago.*

Alá-palá, (subst.) remedios caseiros de ervas e plantas; hortaliça.—Do maratha.

Alhi, ali (mais us.)

Alhof, aljofre.

Almar, armario. Comm. *Almario:* pop. no continente.

Alos, aloes ou alhos?

Amora, amor. Na poesia.

Andá, andar, por *ir*.
Anela, anel. Dial. ceil. Por causa da rima.
Ant, antes. Dial. dam.
Ap, apa, pasta de farinha assada. Comm. — Dravidico.
Aprendrê, aprender.
Aquel, aquelle; aquillo.
Arb, arvore. Dial. dam. *arvr*. Dial. mac. *árvi*. *Arbe*, *arve:* dialectaes no continente.
Ardí, moeda de cobre, equivalente á duodecima parte da tanga ou anná. — Mar.
Arê, arrê, (partic. voc. prep.) ó. Cp. *rê*.— Mar. *ārê*.
Arôs, arroz. Dial. ceil. e mal.— Cp. *curê*.
Arredor, ao redor.
As. (p. us.) = *ós*, vós. Em caso obliquo.
Assim, assim; cêrca, perto de. *Assim ás oit hor* = cêrca das oito horas. Comm.
Atquí, até que.
Attendê, assistir, servir, tratar.— Do ingl. *attend*.
Avan', abano: leque. Comm.
Badam', amendoeira, amendoa.— Do pers. por mar.; sansk. *bātāma*.
Bafad, abafado.
Bafada, (subst.) carne abafada, estufada. Comm.— Dial. div. *bafid*.
Bai, donzella; senhora, dona. Dial. dam., div., mang.— Do mar. e konk.
Baixa, abaixo, debaixo.
Balhá, bailar. Dial. dam.— *Balhar* é pop. no continente.
Bandêr, bandeira.
Banian', camisola. Comm. (menos em Ceilão).— Indigena.
Bariga, barriga. Dial. ceil.
Barrão, varrão. Comm.
Barrê, varrer. Dial. ceil.— Dial. mac. *barê*.
Bat, arroz com casca. Comm. (*bate*).— Mar., guzerathe.
Bautisad, baptisado.— Port. ant. e pop.
Bazar, mercado. Comm.— Pers.
Benefís, beneficio.
Betla, betle, betel. Dial. dam. *bet*.— Do malayalam.
Bholá, (adj.) sincero, simplorio.— Mar., hindustani.
Bibẽ, beber. *I* em logar de *e* por dissimilação A nasal por influencia da labial.

Bijá, beijar. Comm.—Cp. *dixá.*
Bizeir, bezerro.
Bobra, boba, abobora. Mar. *bhopḷa. Bòbra:* comm.
Bobré, (subst.) «babaré», rebate; boato. Dial. dam —Do konk.
Bofteá. bofetear, esbofetear.
Bom', vamos. Dial. dam. *bam'.*
Borecid, aborrecido. Dial. mac. *borecido.*
Borginh, diminutivo de Borges.
Bô-tard, boa tarde.
Botiça, botija.
Brandy, cognac. Comm.— Ingl.
Bringalo, beringela.
Brush, escova.— Ingl.
Buzruc, Buzrucada, «bazaruco» (antiga moeda); dinheiro. Dial. dam. *bazruc.* Dial. div. *busurucam.* Vid. Fr. João de Sousa, *Vestigios da lingua arabica em Portugal,* e *Hobson-Jobson.*
Cabá, acabar. Comm.
Cacad, gargalhada. Comm.—Do konk.
Cadora, cada hora; amiude.
Caflá, acafelar, emboçar. Comm.
Cafrona, mulher cafre, preta. Dial. ceil.: *cafrana.*
Caixa de mört, caixão mortuario.
Calão, bilha de barro ou cobre. Comm.—Sansk. *kalaxa.*
Calção, calças. Comm.—Extensão do significado.
Calquinada, calcanhar; salto de sapato. Dial. ceil. *calquinha.*
Cam', camara. Por intermedio de *camr.* Cp. *temp.*
Cambrão, camarão. Comm.
Candêa, candeia; candieiro.
Carandiça, (bot.) *Carissa carandas.*—Mar.
Cardamungo, cardamomo. Em singalês *karda-múngu. Múga* em mar. (sansk. *mudga*) é *Phaseolus mungo.*
Careir, carreira: andada.
Carí, caril. Dial. dam. coch. e ceil.—O etymo não tem *l;* mar *kaḍhī,* dravidico *kaṛi.*
Cariá, formiga branca. Comm.
Carreita, carreta; carruagem. Comm. na significação.
Catôrz, quatorze.—*Catorze:* pop. no continente.
Cauz, caso.
Cavalho, cavallo.
Cavelho, cabello. Dial. ceil. e de Coromandel.
Cê, abreviatura de *ocê,* você.

Cheiro, cheiro; rapé.
Charj, taxa, conta.— Ingl. *charge.*
Chicota, chacota. «Autrefois c'était le nom d'une sorte de danse et de chanson». J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une dial. port.*, onde cita varios textos de Gil Vicente. Na primeira syllaba talvez tenha havido infl. de *chicote.*
Chola, corpete de mulheres— Do mar.
Chua, chuva. Dial. mac.
Chumaço, travesseiro. Comm.— Port. ant.
Chunam', cal. Comm. — Malayalam *chuṇṇāmbu,* mar. *chuná,* sansk. *chūrṇa.*
Cô, com (mais us.)
Cobrè, cobra.
Comē, cumē, comer. Infl. da nasal antecedente. *Comē pagament,* ter grosso ordenado.
Començá, começar. Infl. da nasal antecedente.
Commandá, ordenar.— Do ingl. *command.*
Com nös, comnosco.
Compaxão, compaixão.
Comp'tê, competir. Dial. ceil. *competê.*
Conslhá, consultar. Port. ant. *conselhar.*
Convid, convite.
Cop, copo; chicara, chavena.—Infl. do ingl. *cup* na segunda accepção.
Coraj, coragem. Dial. ceil. *corage.*
Cordá, acordar. Comm.
Corent, quarenta. Dial. dam.— *Corenta:* pop. no continente.
Coresm', quaresma. Dial. dam.—Dial. ceil. *coresmo. Coresma:* pop. no continente.
Córner, canto, esquina.—Ingl.
Côrte, tribunal. Dial. ceil.—Port. ant., se não é aportuguesamento da palavra seguinte.
Court (pron. *côrṭ*), tribunal, juizo. Comm. na India inglesa. *Court-martial,* conselho de guerra.—Ingl.
Côx, coice.
Côz, cousa. Dial. dam.—Dial. div. *couz.*—Dial. ceil. e mac. *cusa.*
Crenç, criança. Dial. singap. *crença.*
Crences, crianças.
Cuj pert, com quem, em poder de quem.
Culata, culatra. Dial. dam. e div. *culat.*
Cum, com (t. us.). Dial. ceil.

Curê, correr.
Curitiv, curativo.
Curto, curto; baixo. Comm. na segunda accepção.
Custóm', costume. — Infl. do ingl.?
Custurá, coser. Tambem em Goa: *costurar*.
Cuxamat, contentamento, satisfação. — Persa, por intermedio do maratha.
Daçand, dansando. — Por dissimil.
Dandy, janota. — Ingl.
Dé, deve. Em proclise: *dé vi,* deveis vir.
Deizer, dizer.
Dent, dentro. Dial. dam.
Deprived, privado. — Ingl.
Dêta, deitar.
Dev, **deu**, deve. Dial. dam. *dev*.
Dí, dia. Dial. dam. Cp. *tí*.
Diamand, diamante. — Infl. do ingl. *diamond?*
Diamento, diamante.
Dipoi, depois. Tambem *dupois*. *Dipois* é dialectal no continente.
Disesprad, desesperado.
Dixá, deixar. Dial. dam. Cp. *bijá*.
Doc, doca, dique. — Ingl. *dock*.
Doi, dois. Dial. dam.
Dormẽ, **durmĩ**, dormir. Infl. da nasal antecedente.
D'ós, de vós, vosso. Dial. dam.
Dota, dote.
Dotor, doutor (t. us.).
Doudiç, doudice; maleficio.
Dóz, dous, dois.
Dupois, depois. Dial. dam. *dupoi*.
Ellôt, elles outros, elles. Dial. div. (tambem *ellotres*); dial. ceil. *ellotros*. Vid. *illôt*. Formado por analogia com *nós outros* e *vós outros*.
Emperador, imperador. Dial. ceil. — Port. arch. — Tambem em hespanhol.
Enchaç, inchaço.
Enjiner, engenheiro. Comm. na India inglesa. — Do ingl. *enjineer*.
Equal, igual. Dial. ceil. — Infl. do ingl.?
Erguí, erguer-se, levantar-se. *Erguind,* erguendo-se.
Est, este; isto.

Estêr, esteira.
Excellénci, excellencia.
Extraordinar, extraordinario.
Falá, dizer. Comm. — Port. arch.
Fat, fato: fazenda, bens, moveis. Comm. — Port. ant.
Felecidad, felicidade.
Fem', femea. Dial. dam. — Dial. ceil. *fémè*.
Ferado, feroz. — Derivado de *fera*. Cp. *nortêr*.
Fezê, fazer.
Fí, esportula, honorario. — Ingl. *fee*.
Ficá mêd, ficar com medo. *Ficá raiv*, ficar zangado. Comm.
Filfís, filhos. Dial. dam., div., ceil. — Por reduplicação (filhos-filhas).
Filh fem', filha. *Filh mach*, filho. Dial. div. *fi-fem'*.
Fig, banana. *Figuêr*, bananeira. Comm. Vid. *Dial. indo-port. de Ceilão*, s. v.
Finchá, fechar. Dial. ceil., mac., caboverd. *fichá*. *Fichar* é dialectal no continente.
Fôg, **fogo**, fogo; lume. Comm. na segunda accepção.
Frech, fresta. Quéda de *ta* e palatização de *s*.
Fujão, (fig.) cobarde. Comm. *Fujão de regiment*, desertor.
Fula, flor. Comm. Dial. mac. — Neo-aric., sansk. *phull*, verbo (desabrochar).
Gagrá, saia curta. Dial. div. — Do hindustani.
Ganeiro, granadeiro? O Sr Marques Pereira (*Ta-ssi-yang-kuo*), referindo-se a *ganéro*, diz: «Informam-me que era logar abaixo de despenseiro nos barcos da praça de Macau».
Garaf, **garafo**, garrafa.
Garrat, moinho de mão.
Garvitá, esgaravatar; esquadrinhar. Dial. ceil. e mac. *gavertá*.
Gaunţí (adj.), do país, caseiro. — Maratha.
Gentleman, cavalheiro. — Ingl.
Gintiu, gentio. Cp. *tiu*.
Grand, grande; mais velho. Infl. indigena. *Grand grand*, muito grande.
Grintá, gritar. Cp. *finchá*.
Haví, havia. Partic. do condicional.
Hervelad, herbolario, hervanario. Tambem em Goa.
Histór, historia. Dial. dam. — Dial. ceil. *istòri*.
Hoja, hoje. Na poesia.
Hom', homem. Dial. dam. e div.

Hombre, hombro.
Ice (pron. *aiç*), gelo. Comm. na India inglesa. — Ingl.
Illôt, elles outros: elles. Dial. dam. — Dial. mac. *ilótro.*
Immediatment, immediatamente.
Imp, pygmeu. — Ingl. (diabrete).
Insiná, ensinar.
Inzvelh, em joelhos, ajoelhado. Dial. dam. *injoelh.* Dial. ceil. *injoelho, injuvelho, injevejo, injivejo.* Dial. mal. *injubel, injabel.* Dial. singap. *injilhá,* ajoelhar. Tambem em malaio: *injeolar,* ajoelhar. *Pusá inzvelh,* ajoelhar.
Irguí. Vid. *erguí.* Dial. ceil. e mac.
Irrado, irado.
Isér, ceroilas. Em Gôa *isarra.* — Do pers.
Isperá, isprá, esperar. Dial. ceil. *isperá.* Dial. mal. *isprá.* Dial. dam. *esprá.*
Isperto, experto.
Ispinh, espinho. Dial. ceil. *ispinho.*
Já, já (mais us.)
Justá, ajustar. Dial. ceil. — *Justar* pop. no continente.
Khol, (*h* aspirado), fermento. — Mar. *khaḷ,* sansk. *khala.*
Kismis, passa de uva. — Pers., por mar.
Lampa, lampada. Dial. ceil. *lampo.*
Langotí, langotim, tanga. — Pers.
Langrá, coxo, aleijado. — Mar. *lāngḍā.*
Laque, (subst.) cem mil. — Mar. *lákh,* sansk. *laksha.*
Launtá, levantar-se. Dial. dam. — Dial. div. *lavantá.* Dial. ceil. e de S. Thomé: *lantá.*
Lavor, louvor.
Leg, legua. Dial. dam. — Dial. ceil. *lego.*
Letrad, advogado.
Licenço, licença
Liv, livro. Cp. *pob.*
Lò, logo. Usado uma só vez nos textos como partic. do futuro.
Luchagueri, improbidade, trapaça, fraude. — Hind.
Lumbrig, lombrigas.
Mai, mãe. — Por analogia com *pai* se não por infl. indigena (*máy,* sansk. *má*). Dial. ceil., de Mahé, caboverd. — Tambem em mirandês.
Mai, mão. Cp. *pai.*
Mainat, lavadeiro. Comm. — Indigena.
Mãi-tí, tia materna. Dial. dam. — Tambem em Goa. Cp. *pai-tiu.*

Maior, mais velho.—Port. ant.

Mais, mas. Dial. dam. (tambem *mai*). Dial. div. *mai*.—Port. ant. e pop.

Mais mau, peor.

Mais melhor, melhor.

Malí, jardineiro.—Sansk.

Manêr, maneira.

Manijá, manejar; dirigir, governar.—Infl. do ingl. *to manage*.

Mará, amarrar. Dial. ceil. e mac.

Marello, amarello. Dial. ceil.

Marellado, amarellado.

Margosa, (bot.), *Melia azaderachta*. *Nim'* ou *nimb* nos neo-aric. Garcia d'Orta chama-lhe *amargoseira*, de *amargoso*. *Margosa* quer dizer «arvore armargosa». Cp. *margoso* = amargoso, dial. ceil. Tambem em indo-inglês: *margosa*.

Marivilhá, maravilhar; folgar, divertir-se.

Marvilh, maravilha. Dial. ceil. *marvilha*.

Mate, terra vegetal, barro. Comm.—Dial. mac.—Tambem em Goa.—Mar.; sansk. *mṛithikā*.

Matér, **matera**, materia; maleficio, feitiço.

Meda, medo. Na poesia.

Medicina hervelada, remedio de herbolario.

Mei, **meu**, meio. Cp. *veu*.

Men', menos.

Meninh, menina.

Merinh, meirinho: sacristão. Comm. na significação.

Mess, estalagem, pousada.—Ingl.

Messangeiro, mensageiro. Dial. ceil.—Infl. do ingl. *messenger*.

Metad, metade; (adj.) meio. *Metad-doid*, meio doido.

Mezinh, mezinha: medicamento, remedio. Dial. dam. *mizinh*. Comm. na significação e pop. no continente. *Mezinh da hervelad*, medicamentos de herbolario.

Minh, **mim**, **mi**, minha; meu. Cp. *tim*. *Minha junta*, commigo. *Minha perto*, perto de mim, ao pé de mim.

Misericord, misericordia.

Miséro, miseravel, sovina.—Talvez por infl. do ingl. *miser*. Dial. dam. *miserav*.

Mistiç, mestiço.

Monstrá, mostrar. Infl. da nasal antecedente. Tambem *mustrá*

Mucêd, muito cedo. Dial. dam.

Mudrugad, madrugada.—Por assimilação.

Mungê, mongê, minha.— Mar.
Mur, murro.
Muz, musica. Em konk. *muzg.*
Na, nã, na, no: em.
Nã, na, não. *Nã:* dial. dam. e algarv.
N'had, n'ha, não ha de. Partic. do futuro negativo. Comm.
Naví, navio.
N'é, não é.
Nigarinha, nigorinha, negrinha; filha, menina (tambem em Damão e Diu). Dial. div. *niguerinha.* Suarabacti.
Nimquer, niquer, niqui, não quer. Dial. dam., mang. e coch. *niquer.* Dial. ceil. *ninquer.*
Noivinh, noiva. Cp. *meninh.*
Nona, dona, senhora. Dial. ceil., div., mac., mal. e singap.— Tambem em malaio *nona, nonya, nyonia, nyora;* javanês *nhonha;* sundanês *nona.* O Sr. Dr. Fokker acha mais provavel que a palavra venha do chinês que do português. Vide *Revista Lusitana,* VIII, 1.
Nortêr, norteiro, do norte.
Nourá, noivo. **Nourí,** noiva. — Mar.
Nuc, nunca. Dial. dam.— Dial. ceil. e coch. *nuca.*
Num, nu, não. Talvez por intermedio de *nom.* Dial. dam. e ceil. *num. Num tem nad,* é o mesmo, não importa. Tambem em Goa: *não tem nada.*
Oitêr, oiteiro.
Ord, ordem. Dial. dam.
Ós, vós; vosso. Dial. dam. e div. *oss.* Em hespanhol *os.*
Oscê, você. Vid. *ucê.*
Outrêz, outra vez. Tambem *utrêz.*
Ví, ouvir. Dial. ceil. e coch. Dial. dam. e mac. *uví. Ovid,* ouvido.
Pa, para. Dial. dam. Tambem *pur, pum.*
Pa, póde.
Pad, padre. Em proclise. Dial. dam. Tambem em Goa.
Pai, pão. *Pão > pam > pá > pai.*
Pai-tiu, tio paterno. Dial. dam. e div. — Tambem em Goa. *Pai-sogro,* sogro. *Pai* neste caso é honorifico.
Palaç, palacio.
Palaquinha, palanquim.
Palav, palavra. Dial. dam. *palau.*
Pan', folha de arvore.— Mar.; sansk. *parṇa.*
Panchad, desgraça, ruina. — Hind.

Panhá, apanhar. Comm.
Pannitelra, mulher de *panno* (especie de traje, chamado *panno-paló* em Goa). Cp. *ferado, norteiro.*
Parabl, parabola. Dial. dam. e div. *parab.*
Parcê, parecer; apparecer. Dial. ceil.
Par'ós, para vós.
Parqui, para que; porque. Dial. dam., div. e ceil.
Partner, parceiro. — Ingl.
Pasr, pastr, passaro. Dial. ceil. e mac. *pastro.*
Passalá, passar. Na poesia.
Passaj, passagem. Cp. *coraj.*
Passangeiro, passageiro. Dial. ceil. Infl. do ingl. *passenger.* Cp. *messangeiro.*
Patec, melancia. Comm. (*pateça*). — Port. ant. — Do arab.
Patrateiro, patarateiro, patarata.
Pê < *per* < *pera,* para. *Pelöt, pilôt,* para elles outros: para elles.
Pera, goiaba. *Perêra,* goiabeira. Comm.
Persebejo, persevejo.
Perderrei, perderei. Na poesia.
Perto de doutor, ao doutor, ao medico.
Pessand, pensando. — Por dissimil. Cp. *daçand.*
Pessô, pessoa. Dial. dam. e coch. — Dial. ceil. *pesson.*
P'êst, p'ês, para este.
Pinchá, atirar, deitar, lançar. Comm.
Pindurá, pendurar. Dial. ceil.
Piquen', pequeno; mais noivo. Comm.
Piquen' filh, filho mais novo. Infl. indigena.
Pirmêr, primeiro.
Piscôç, pescoço. Dial. ceil.
Pobr, pob, pobre. Dial. dam. *pob.*
Pôc, pouco. Dial. dam. — Dial. ceil. *póco.*
Poliç, policia.
Pominh, pombinho. — Por assimil. Cp. *tamem.*
Pont, ponta; ponto.
Pontá, apontar. Dial. ceil.
Por'cê, pr'ocê, para você.
P'ós, para vós, para vosso.
Pound (pron. *paund*), libra esterlina. Dial. ceil. *paun'.* — Ingl.
Preciz, priciz, precisar.
Prêll, para elle. Dial. dam.
Princip, principio. Cp. *palaç.*

Processão, prucissão, procissão.
Prop, proprio. Dial. ceil. *própi. Propio:* pop. no continente.
Prospect, perspectiva, futuro. — Ingl.
Prossu, para seu. *Pursôt,* para vós outros.
Pu, pum, para. Dial. dam.
Pusá, poisar; pôr (desus.). Dial. dam. e mal. *Pusá bô tard,* dar «boa tarde». Cp. *rubá.*
Pussá, puxar. Dial. ceil.
Qui, que. Dial. dam. e coch. *Qui côz?* que coisa? que?
Qui, quer. Usado quando é antecedido de *ni* ou *si.*
Qui (conj.), logo que, assim que, sendo que. — Mar.
Qui (partic. interrog. final), acaso, porventura.
Qui-lai, como. Comm. — De *que* e *laia.*
Qui-tant, quanto; por mais que. Dial. ceil.
Rabana, atabales. Comm. — Malaio.
Ramada, barracão feito de ramos de palmeira. Dial. dam. — Tambem em Goa.
Ranch, rancha, rancho.
Randá, ralhar. Dial. ceil. *rondá.* — De *rundad.*
Rê, (part. vocat. posp.). Dial. dam. Tambem em Goa. — Mar., konk, sansk.
Receito, recibo. — Do ingl. *receipt.*
Refusal, recusa. — Ingl.
Regiment, regimento; regime.
Reméd, remedio. Dial. ceil. *remédi.*
Reportá, relatar, informar. — Do ingl. *to report.*
Respêt, respid, respeito. *A respêt de,* por causa de. *Respid de céu,* por respeito, por amor dos céus.
Responsibilidad, responsabilidade.
Respundê, responder.
Retórna, retorno, regresso. Dial. ceil. e coch.
Retorná, retornar, voltar; regressar. Dial. ceil.
Réz, reza; rogo, súpplica. *Rezá,* rezar; rogar.
Rich, (t. us. *ric*) rico. Dial. ceil. — Infl. do ingl. — *Richêz,* riqueza.
Ródè, roda.
Rôp, roupa. Dial. dam. e div.
Rosta, rosso, rosto.
Rót, rota, rotim; bengala. Comm. — Mal. *rotang.*
Rú, rua. Cp. *su.*
Rubá, roubar. Dial. ceil. e mac.

Rundad, ruindades; insultos, pragas. Dial. dam. e div.—Dial. ceil. e mac. *rondade.*
Rupí, rupia.
Rusar, rosario. Dial. dam. Cp. *vigar.*
Russ, Russia.
Sabão, sabonete (desus.). Comm.
Saffrona, açafrão.
Saguat, «saguate», presente, offerta.—Persa, por hind. *saughát.*
Sanscrití, sacristia.
Santá, sentar-se. Comm.
Secur, secura, sêde. Comm. *Sède* é inusitado nos crioulos.
Semp, sempre. Dial. dam.
Seramp, **serampa**, sarampo.
Shop, loja. Dial. ceil. *chap.*—Ingl.
Simpl, simples. *Simple:* dial. ceil. e mac. e pop. no continente.
Sinhor, senhor. Comm.—Port. pop.
Sintí, sentir. Comm.
Sipai, **simpal**, soldado; homem de recados.—Pers.
Sobréda, sobrado.
Soccedido, succedido.
Sombrêr, guarda-sol, guarda-chuva. Dial. dam.—*Sombreiro* é comm. e port. ant.
Sutan', sotaina.
Su. sua, seu. *Su perto*, junto d'elle, ao pé d'elle, para elle. *Sus*, seu: d'elles (*leur, their*).
Tá, está. Partic. do presente. Dial. dam., div. e mac.—*Tai*, estou (p. us.).
Tabellada. emmoldurada.
Tamem, tambem. Dial. mac. e pop. no continente.
Tanan', andar. De *tá* = está, e *andando.*
Tanin', tantinho, tantito, poucochinho. Dial. dam.—Dial. mal. *taninu.*
Tem, ter; estar. Antecedido de *alli,* significa «haver»: *alli tem,* ha; *alli tinha*, havia. De *estar* só subsiste *tá* como particula.
Temp, tempêro. Dial. dam., mac. e mal. *tempra.*
Tercêr, terceiro. Dial. dam.
Tí, tia. **Tiu**, tio. Ditongo.
Tifin', lanche. Comm.—Indo-ingl.
Tim, tinha. Dial. dam.
Tique, picante, acre (comida ou bebida). Tambem em Goa.—Mar.; sansk. *tīkshṇa.*

Toz, todos. Assimil. de *d* (to[d]s).
Trabalhoso, trabalhador.
Traz, **traça**, atrás.
Trei, **treis**, tres.
Trimê, tremer.
Tud, tudo, todo.
Tul, banquinho, escabello.—Do ingl. *stool*.
Ucê, você. Dial. dam.
Ulhá, olhar; ver (desus.). Dial. dam.
Usôt, vós outros (port. ant.). Dial. ceil. *vossotros*.
Utrêz. outra vez.
Vai, ir. Comm. Cp. *tem*.
Vaitiá, Vid. *voltiá*.
Val-pāpri, (bot.) *Dolichus lablab*.—Mar.
Varj, varzea. Dial. dam. e mang.
Veiá, consogro. **Vení**, consogra.—Mar.
Veu, veio.
Vid, vindo.
Vigar, vigario. Dial. dam.
Vi, **vĩ**, vir. *Vi no sintid,* occorrer á mente.
Vinha, vinho.
Virj, virgem.
Virmelh, vermelho.
Voltiá, voltear; dar voltas na cama, tomar sesta.
Vossè, vosso.
Zent, gente.

SEBASTIÃO RODOLPHO DALGADO.

TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

VILLA REAL

Villa Real de Trás-os-Montes, cuja região era conhecida no principio da nossa monarchia pelo nome de «Terra de Panoias» [1], foi fundada por D. Denis em 1288, e teve foral em 1289, que foi reformado em 1292. É sem duvida, pela sua situação e importancia, a primeira das villas de Portugal. Occupa um planalto terminado ao sul, no cabo da villa, pela confluencia dos dois pequenos rios, o Córgo e o Cabril, e de todos os seus pontos se gozam bellissimos panoramas de montanhas e valles, que os seus naturaes gostam de emparelhar com os da Suiça.

O povo em geral é habil, corajoso e franco, fazendo sob qualquer d'estes aspectos notavel differença do do Minho. Devo todavia confessar que nunca vi povo mais franco que o de Bragança. Em qualquer parte que o encontreis, no comboio, no carro, na hospedaria, um homem de Bragança conta-vos para onde vae, quanto dinheiro leva no bolso, emfim todos os segredos da sua vida, como se fôra a um amigo de 10 annos.

Ha ainda outras qualidades que avultam bastante no caracter moral dos Villarealenses: uma, commum a todo o povo, é o *espirito satyrico* ou tendencia para tudo ridiculizar, e em todos pôr defeitos, sendo a este respeito uma das terras mais originaes do país, porque é raro encontrar uma pessoa que não tenha a sua alcunha ou *nome de guerra,* derivado de um defeito qualquer, real ou supposto [2].

---

[1] Cf. o indice do volume «Inquisitiones» dos *Portugaliae Monumenta Historica,* pag. 9.

[2] Eis, a titulo de curiosidade, uma lista que lá me offereceram das principaes alcunhas: *Barão da cabeça ancha, Cabaço, Cavallo sem rabo, Falacha, Fava-sêca, Floripeda, Foguête, Garrano, Graziote, Gomes Sementes, Habilidades, Latagôas, Macho Farello, Mendes Pinez, Napoleão Pequeno, Papóla, Papa-arroz, Pepino, Pera d'anho, Pilha-ratos, Pombinho, Rá-rá, Rei preto, Salta-pocinhas, Trai-trai, Trebelho, Tripa-rota, Toquerineu.*

Outras, a que antes chamarei vicios, são somente privativas das chamadas classes preponderantes: a *philaucia* ou *basofia,* popularmente fallando, isto é, a pretensão demasiada de que só elles tem merecimento, de que em politica e em instrucção, etc., estão a par do Porto e Lisboa e de outros grandes centros; a *usura,* da qual ouvi contar casos vulgarissimos em que se fallava de dinheiro mutuado a juro de 20, 30, 40 e até 50 por cento, casos que á força de quotidianos já ninguem estranhava; e, por ultimo, a *corrupção eleitoral:* esta villa já de ha muito é conhecida pela terra classica das tricas politicas, das violencias e vinganças partidarias, a tal ponto que em tempo de eleições e de quedas de ministerios é impossivel ali viver.

*

Do material que hoje publíco, grande parte foi colleccionada no triennio de 1898–1901, em que lá residi como professor effectivo do Lyceu. Confesso-me reconhecido a todas as pessoas que se esmeraram em ministrar-me elementos ou dar-me explicações, sobretudo á Sr.ª D. Candida da Soledade Botelho, que me ditou as dez primeiras orações, e aos Srs. Dr. Henrique Botelho e Joaquim Ribeiro da Costa, Padres Luis Pereira, Pinheiro e Dr. Candido Augusto Jacinto. A outra parte (*Cancioneiro de Villa Real, Quadras dos namorados,* etc.) foi-me ditada aqui no Porto pela criada Albina de Barros, natural de Gravellos, uma legua ao norte de Villa Real.

*

Elenco d'este trabalho:

PARTE I: Tradições populares.

I. Textos em verso:

a) Orações, 28 numeros;

b) Versos: 1) *Janeiras,* 2) *Reis,* 3) *Maio moço,* 4) *Versos na dança da roda,* 5) *Versos ao Pia-milhos*, 6) *Quadros dos namorados,* 7) *Quadras ao desafio*, 8) *Dialogo entre a linhaça e o centeio;*

c) Cancioneiro de Villa Real, 1:200 canções.

II. Narrativas.

III. Costumes.

IV. Superstições.

PARTE I

TRADIÇÕES POPULARES

I. TEXTOS EM VERSO

a) ORAÇÕES

1

Creio em Deus Padre
E na Virgem sua Mãi;
Creio naquella bella cruz,
Que é a bandeira de Jesus.
Jesus, Jesus, tres vezes Jesus,
Que em Roma foi nado e criado,
Lá foi seu corpo sepultado
P'ra que *mos* livre do diabo.
Morto e por nascer
Que vão todos em geral
Até vá o *moiral*.
O que peço ao padre S.[to] Antonio
Que *mos* livre do demonio.

2

Oração do Senhor do Conforto

Senhor do Conforto,
Fostes preso e morto,
Perdoasteis a vossa morte,
Que foi cruel e tão forte:
Perdoai-me os meus peccados
Que são muito prolongados,
Que eu não os sei confessar
D'reitamente ao confessor.
Confesso-me a vós, Senhor.
Que sois juiz da verdade:
Eu vos entrego a minha alma,
Della tende piedade.

P. N.

3

Padre nosso pequenino

Padre nosso pequenino,
Quando Deus era menino
E andava pelo mar,
Sete andorinhas lá viu star;

Uma santa pastorinha
Outra santa Leonor
Onde navegam as andorinhas.
Meu Senhor, que ahi stais,
Pois por isso nos vejais
E a mim primeiramente,
Filho de Deus omnipotente.
S. João stava no berço
Embalando S. José,
Pelas montanhas de Christi
Gloria tibi Dominé.

4
Oração do Calvario

Subi ao Calvario,
Achei uma cruz,
Cabeceira e cama
Do nosso Jesus;
Deitei-me nella,
Pus-me a considrar
Que faria p'ra me salvar:
Veio um anjo do ceu,
Trouxe-me uma guia
Que fosse devoto
Da Virgem Maria.
Ave Maria.

5
Sonho de Santa Helena [1]

Santa Helena,
Rainha de Sena,
Moira fostes
A christã vos *tornasteis,*
Ao caminho vos deitastes,
As onze mil virgens encontrastes,
P'ra vossa casa as levastes,
Com ellas pão e peixe ceastes;
Na vossa cama vos deitastes,
Com a cruz de N. S. J. C. sonhastes
Que tres cravos lhe tirastes:
Um botaste-lo ao mar,
P'ra que sagrado ficasse;
Outro deste-lo ao vosso filho Constantino,
P'ra que a batalha vencesse;
Outro em vosso seio mettestes [2].
Portanto vo-lo peço emprestado
Que me declareis isto.. [3] em verdade,
Ou em agua clara,
Ou roupa lavada,
Ou jardim de flores.
E se assim não fôr,
Em agua turva,
Ou em roupa suja.
Por isso vos rezo um P. N. e A. M.
Em vosso santo louvor.

6
Justo Juiz divinal

Justo Juiz divinal
Filho da Virgem Maria,
Que nascestes em Belem,
Nos valles da Lazaria,
Peço-vos, Senhor meu,
Pelo vosso santo dia
O corpo de F.
Não veja preso nem morto,
Nem em seu sangue envolto:
Se seus inimigos forem p'r'ó prender,
Olhos tenham e não vejam,
Pernas tenham e não o alcancem;
Com as armas de N. S. J. C. vá armado
Com o leite de V. Maria seja *barrejado.*
Irão e virão,
Por caminhos desertos andarão:
Os doze apostolos em sua seguida irão.
Pelas tres vestiduras do altar,
Pelos tres calis benditos
Que *consagrasteis* ao terceiro dia,
Lhe depareis uma santa companhia
Desde os portais de Belem
Até Jerusalem:
Do qual fica por fiadora
a Virgem Nossa Senhora.
P. N. e A. M.

[1] Outras versões tem já sido publicadas: por exemplo, na *Revista do Minho*, II, 59 (por A. Th. Pires), etc. Vid. tambem a nota seguinte.

[2] Sobre a lenda dos cravos e outras particularidades d'este responso, vid. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, III, 208–209 e 400–401.

[3] Aqui deve dizer-se o que se deseja saber.

7
Oração dum homem
que esteve 30 annos sem se confessar

Accuso-me, Senhor,
De todos os meus peccados,
Esquecidos e lembrados,
Que eu fiz e consenti,
Desde a hora em que nasci.
Eis-me aqui estou presente,
Me accuso gravemente.
Assim como o Senhor sabe,
Assim lhe peço perdão,
E ao confessor a absolvição.

8
Oração de Santa Susana
tentada para dançar

Ó minha Virgem *escarolida,*
Que na terra fostes escolhida
Para amparo e remedio
De toda a alma perdida,
Sejeis minha advogada
Nesta hora attribulada,
P'ra que o inimigo não tenha
Que fazer á minha alma.

9
Oração da Cruz

A Cruz do ceu se desça
E se vire para mim;
Christo, que nella nasceu,
Vivo responda por mim.
Valha-me o bom Jesus,
E á hora em que morreu,
E á hostia consagrada,
E á Cruz em que morreu!

10
Oração para levedar a massa[1]

S. Mamede
Te levede,
S. Vicente
Te accrescente,
S. João
Te faça pão
E ti dê sua benção.

11
Oração ao deitar[2]

Com Deus me deito,
Com Deus me alevanto:
Com a graça de Deus
E do divino Esprito Santo:
Deus me cubra com seu manto,
S'eu com elle coberto for,
Não terei medo nem temor,
Nem de coisa que d'este mundo for.

11-A
Outra oração ao deitar

Na sepultura me deito,
Não sei se me erguerei:
Jesus me perdoe
Quantas vezes eu pequei.
A tres santos me entrego,
Jesus, José e Maria;
Valei-me na vossa ultima hora
Da minha agonia.

12

Graças a Deus, ja stou deitada,
De sete anjos acompanhada,
Tres ós pés, quatro á cabeceira,
Jesus Chtisto na dianteira;
Jesus p'ra me salvar,
Os anjos p'ra m'acompanhar;
Fallará meu coração,
Dirá tres vezes: Jesus,
Jesus, Jesus, p'ra me salvar.

13

Bemdita e louvada seja a luz do dia,
Bemdita seja quem *na* cria,
Bemdito o santo ou santa deste dia,
Santo ou santa do meu nome,
Todos os santos da minha companhia[3].

---

[1] Cf. Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*, pp. 229-232.
[2] Cf. outra versão publicada na *Zeitschrift für rom. Philolog.*, III, 193, por F. Ad. Coelho.
[3] Vid. outra versão na cit. *Zs. f. rom. Philolog.*, III, 194 (por Ad. Coelho).

14

Virgem Senhora do Rosario,
Ouvi minha confissão,
Lembrai-vos da minha alma,
Ponde-ma da vossa mão;
Até aqui andei errada
Com tão grande desatino,
Desatino, me perdi,
Peço-vos, Virgem Maria,
Que vos alembreis de mim,
Quando m'eu vir attentada
Da tentação do peccado e do inimigo.
Virgem, espertai os meus sentidos,
Vós sois uma arca aberta,
Porta da misericordia,
Rei do ceu, rainha da gloria.

15

Levantei-me de madrugada
Ó cantar do perdigão,
Encontrei nossa Senhora
C'um ramo d'ouro na mão:
Pedi-lhe um boccadinho,
Ella disse-me que não,
Tornei-lho a pedir
Ella deu-me o seu cordão.
Ó meu padre São Francisco,
Desate-me este cordão,
Que mo deu Nossa Senhora
Na manhã de São João.
S. João estava á porta
Com sua capa devolta,
— Perguntando ó menino
Se sabia a oração do *pelingrino*.
Quando Jesus era pequeno,
Que andava pelo mar
Com seu sangue a pingar.
Tata, tata, Madalena,
Não lho queiras alimpar,
Qu'isso são nos tormentos
Que Jesus tem p'ra passar.

16

Quando o sacerdote vem
Da sacristia para o altar,
Representa Jesus Christo
Para o horto a caminhar.

17

Quando o sacerdote vem,
Principia á confissão,
Representa Jesus Christo
No horto em oração.

18

Quinta feira de Endoenças,
Sexta feira da Paixão,
Sabbado d'alleluia,
Domingo da *surreição*.

19

Fallou a Virgem com Christo,
Oh! que linda consolação:
— Ó meu filho, ó meu filho,
Não vás a Jerusalem;
Lá stão os Judeus todos,
Todos juntos nũa nau.
— Qu'hei d'eu fazer, minha mãi?
S'eu nasci p'ra ser coroado
C'ũa c'roa de espinhos,
Outra de juncos meirinhos[1]!
Co'ella m'arrastarão,
E ó Calvario me levarão.
Quem esta oração disser
Um anno de dia a dia,
De boa morte morreria,
Nem fogo nem raio
Em sua casa cairia.

20

Oração para qualquer perigo

Sangue de Deus vivo,
Soide commigo:
Mettei-vos em mim,
Livrai-nos de todo o perigo.

21

Anjo da minha guarda,
Semelhança do Senhor:
Nascestes p'ra minha guarda,
P'ra ser meu guardador[2].

---

[1] Decerto por *marinhos*.
[2] Vid. outra versão mais ampla na cit. *Zs. f. rom. Philolog.*, p. 194.

22
Peço-vos anjos bemditos
Por vossa graça e poder:
Que dos laços do inimigo
Me *quereis* defender.

23
Salve rainha,
Rosa divina,
Cravo d'amor,
Mãi de Nosso Senhor.
Dai-me o devido entendimento,
P'ra receber o Santissimo Sacramento.

24
De *varão* nasceu a vara,
Da vara nasceu a flor,
Da flor nasceu Maria,
De Maria o Redemptor.

25
Padre Nosso pequenino
Pelo monte vai rugindo
Com as chaves do Paraiso
Quem nas deu quem nas daria,
Foi o filho da Virgem Maria.
Cruz no monte,
Cruz na fonte,
Nunca o demo
Commigo s'encontre,
Nem de noite nem de dia,
Nem á hora do meio dia,
Jesus, Ave Maria[1].

26
Ó entrar da igreja,
Peccados, ficai cá fora:
Qu'eu quero entrar la dentro,
Eu quero ficar bem
Co'o divino Sacramento.
O divino Sacramento,
Eu quero ouvir a vossa missa,
Não vireis p'r'á minha alma
Vossa vara de justiça.

27
Agua benta me lave,
Jesus Christo me salve,
Ficai aqui, peccados meus,
Emquanto eu vou fallar com Deus.

28
Minha cara lavo,
Meu rosto lavo:
Minha cara de surro,
minha alma de peccados,
Para dar gostos a Deus
E bofetadas no diabo.

b) VERSOS

1. Janeiras[2]

1
As janeiras não se cantam,
Não se cantam aos fidalgos:
Cantam-se aos lavradores,
Que são homens mais honrados.

2
Quem diremos nós que viva
Entre cravos e mais rosas?
Viva o senhor desta casa
Que tem acções generosas.

3
Quem diremos nós que viva
Debaixo dum cobertor:
Viva o senhor d'esta casa
E mais o seu lindo amor.

4
Quem diremos nós que viva
Entre cravos e confeitos?
Viva o senhor desta casa
Que tem honras e respeitos.

---

[1] Cf. o n.º 3 d'esta collecção. — Estão já publicadas varias versões do Padre Nosso pequenino, por ex. nos *Ensaios Ethnographicos*, de Leite de Vasconcellos, III, 206 e 240.

[2] Sobre as *janeiras* vid.: Ad. Coelho na *Rev. de Ethnologia*, p. 50 sgs.; Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, III, 261 sgs.; Th. Braga, *Canc. Pop.*, p. 153 sgs. e *O Povo Portuguez*, 253 sgs.; Dias Nunes, n-A *Tradição*, I, 8.

5
Esta casa é tão alta
Forrada de papelão:
Viva o senhor desta casa
Que nos dá um salpicão.

6
Esta casa é tão alta
Forrada de cortiça:
Viva o senhor d'esta casa
Que nos dá uma linguiça.

7
Quem diremos nós que viva
Entre cravos e jasmim?
Viva a senhora d'esta casa
Mais seu lindo Joaquim.

8
Quem diremos nós que viva
Entre cravos e medronho?
Viva a senhora d'esta casa
E mais seu lindo Antônho.

9
Quem diremos nós que viva
Debaixo d'uma sé?
Viva a senhora d'esta casa
E mais seu lindo José.

2. *Os Reis (moda antiga)*[1]

1
Venho-vos dar as boas festas,
É-*u*-a nova que nos trago:
É nascido o Deus menino,
'Stá o mundo resgatado.

2
Venho-vos dar as boas festas
E tambem pedir os reis
Por uma noite muito escura
Favorecei-nos, se podeis.

3
Vinde ver a barca nova
Que fizeram *nos* pastores:
Nossa Senhora vai dentro,
Os anjos são remadores.

4
Deitae os olhos ó ceu,
Lá vereis uma cruz:
Cabeceira e cama
P'ró menino Jesus.

5
Nossa Senhora 'stá dizendo:
Filho meu, que te farei?
Não tenho cama nem berço,
Nos braços te criarei.

6
Santissimo Sacramento,
Do sacrario pequenino:
Si a morte me der de noite,
Valei-me ó Jesus Divino.

7
Santissimo Sacramento,
Vinde ó meio da igreja:
Qu'eu vos quero adorar
Onde tudo o mundo veja.

8
Debaixo do pallio verde
Grande thesoiro s'encerra:
Quando dizem: santos, santos,
Desce Deus do ceu á terra.

9
Já o sacrario 'stá aberto,
Já o Senhor 'stá lá dentro:
É quem devemos adorar,
É o divino Secramento

[1] Sobre os cantos dos *reis* em geral, vid.: Th. Braga, *Canc. Pop.*, p. 154 sgs.; Ad. Coelho na *Rev. de Ethnologia*, p. 50 sgs.; A. Th. Pires, *Estudos Elvenses*, VI, 31 sgs.; Dias Nunes, n-A *Tradição*, I, 8.

10

Ó divino Sacramento,
Que stás nessas alturas:
Alumiae á minha alma,
Não me deixeis ás escuras.

11

Não me deixeis ás escuras
Em tão grande desamparo:
Ficamos cobertos de *nubas*
Falta-nos o sol mais claro.

12

Os tres reis do Oriente
Tiveram um sonho profundo:
Sonharo' qu'era nascido
O alto Deus, o rei do mundo.

13

Incenso, ouro e mirrha
Offereceram ó Senhor:
Não lhe offereceram mais nada,
Porque era o Redemptor

14

Donde vão as tres Marias,
De noite pelo luar,
Em pr*a*cura de Jesus Christo,
Não no *podero* achar.

Foram dar co'elle em Roma,
Revestido no altar:
C'um calix d'ouro na mão
Missa nova quer cantar.

3. *Maio-moço*[1]

1

Este maio-moço
É um troca-burras:
Vendeu umas meias
Trouxe-me umas luvas.

Estribilho:
Elle lá vae, elle lá vem
Pelas hortas de Santarem:
Vivò, vivò, vivò,
Passe muito bem.

2

Este maio-moço
Chama-se João:
Anda na campanha
Lindo capitão.

Elle lá vae, etc.

3

Este maio-moço
Chama-se Francisco:
Anda na campanha
A varrer o cisco.

Elle lá vae, etc.

4

Este maio é de lirios
E o vosso é de assobios

Elle lá vae, etc.

5

Este maio é de rosas
E o vosso é de cordas.

Elle lá vae, etc.

4. *Versos na dança da roda*

1

Olha a triste viuvinha,
Ella diz que quer casar,
Ella não tem que vestir
Nem tampouco que calçar.

[1] Sobre o *maio-moço*, vid. Leite de Vasconcellos, *As Maias*, 2.ª ed., p. 7 sgs.

2

Quer's casar commigo? — Não.

Um cabaço[1] já levaste,
Dois ou tres has de levar:
Está sujeito quem namora
A cabaços apanhar.

3

Quer's casar commigo? — Não.

Dois cabaços já levaste
Tres ou quatro has de levar:
Está sujeito quem namora
A cabaços apanhar.

4

Quer's casar commigo? — Não.

Tres cabaços já levaste,
Quatro ou cinco has de levar:
Está sujeito quem namora,
A cabaços apanhar.

5

Quer's casar comigo? — Quero.

Olha a triste viuvinha
Que já achou com quem casar:
Ella não tem que vestir,
E elle que calçar.

5. *Versos ao Pia-milhos*

Estribilho:
Naquella roseira vejo um botão,
Já não descanso sem o ter na mão!

1

Baila o bailarico,
Baila o bem bailado:
Que o descasca-milhos
Já cá vae roubado.

Naquella roseira, etc.

2

Baila o bailarico,
Baila o bem bailado,
Qu'o descasca-milhos
Já vem casado.

6. *Versos dos namorados*

É chegada a occasião
De encontrar quem eu queria:
Como estás, Mariquinhas?
Ha dias qu'eu te não via!
Agora que te encontrei
Já tenho mais alegria.
— Sempre é bem impertinente,
Passe bem ou passe mal,
Meu corpo é que o sente;
Olhe não lhe caia algum dente.
— Eu gósto tanto de ti,
Porque não gostas de mim?
Se souberas o que eu te quero,
Não me fallarias assim:
Dá-me cá a tua mão
P'ra secula sem fim.
— Ahi vem outro, e eu sem pau
P'ra me livrar de tal.
Tenho duas; se dou uma,
Então é qu'eu fico mal;
Fico maneta d'um braço,
Posso ir para o hospital.
— Não é isso qu'eu te digo,
És falta de entendimento;
É um laço que se dá,
Quando é d'um casamento:
Dás-me a tua, dou-te a minha
P'ro nosso *arrecebimento*.
— Com essas trocas e baldrocas
É preciso ter cautela;
Tenho duas, se dou uma,
De certo fico sem ella:
Cada qual fique com a sua,
Qu'essa é a minha tabella.
— Senta-te aqui, Mariquinhas,
Senta-te aqui a meu lado;

[1] *Levar um cabaço:* ser deixado pela namorada ou namorado.

D'aqui por pouco tempo
Serás minha esposada.
— Com licença, meu senhor,
Aqui me vou sentar,
Tanto dá a agua na pedra,
Que a faz amollentar.
— Eu protesto que te fiz
Toda a minha chalaça:
Tu gostastes de mim,
Eu te caí em graça.
— A mulher é parte fraca,
Com pouco é convencida:
Vamos ao nosso tratado.
Seguiremos nova vida.
— Na tua terra ha centeio,
Malha-se a muita pancada:
Tambem tu precisas d'ellas,
Por seres desconfiada:
Ainda te doe' as pernas,
Depois de estares assentada?
— Já me falla em pancadas,
Ah! ah! ah! deixa-me rir:
É fazenda que eu não gosto,
Então deixa-me fugir:
Eu ainda as cá não tenho,
Já-*u*-as 'stou a sentir
— Assim te vais embora, Mariquinhas,
Deixas-me nesta solidão!
Nunca cuidei que tinhas
Tão mau coração!
— Tinha o passaro na mão,
Não o deixara escapar:
Se estiver arrependido,
De certo se ha de salvar.
Vou-me embora, não me illudam
Os janotas da cidade:
Os rapazes cá do campo
Devem-me toda a amizade:
São serios, não pedem beijos,
Só se lh'os dão de vontade.

7. *Quadras ao desafio*

— Na minha terra havia um home',
Varias vezes acontecia,
O homem punha-se a chorar
Quando a mulher lhe batia.

— Tu és a minha Maria,
Eu sou o teu Manel:
Diz-me se esse home' era de estopa,
Ou se era de papel.

— ....
Elle era de carne e osso,
Tinha nove palmos de altura,
Nunca vi homem tão grosso.

— Eu se *num* puder de força
Espero-te á falsa fé:
Tu ainda has de saber
Quem a tua mulher é.

Bem sabes o qu'eu te digo,
Estás-me a fugir á rezão:
Num falles com outras mulheres,
Nisso dás-me grande paixão.

— Eu julgo cá para mim
As mulheres são iguaes:
Nem ellas são mais que tu
Nem tu menos que as mais.

8. *Dialogo entre a linhaça e o centeio*

Ó meu poisão
Qu'estás nove meses no chão:
— Ó tu, minha arrebitada
Aos tres dias stás nada[1].

[1] Vid. outro dialogo dos cereaes (num. ms. ant.) publicado por Ad. Coelho na cit. *Zs. f. rom. Phil.* III, 198.

c) CANCIONEIRO DE VILLA REAL [1]

1

Lamas d'Ôllo, Lamas d'Ollo
Lamas d'Ollo, terra fria!
Entre Lamas e Favaios
Raparigas de Alvadia.

2

Que lindos arredores
Tem nosso S. Martinho,
Paços e Fermentões
Celeirós e Villarinho!

3

Eu sou aquella que disse
Encostada ao serpão:
É bem tola, é bem doida
Quem por homem tem paixão.

4

A sepultura se me aibra,
Se eu tenho de ter má sorte:
Antes quero soffrer
Os tristes golpes da morte.

5

Toda a moça para ser boa
Ninguem lhe deve pôr a mão:
Deve ser como a toupeira
Que anda debaixo do chão.

6

Ó José, ó Josèzinho,
Acode á tua querida:
Ella está nas ansias da morte [2]
Dando combates á vida.

7

Ó José, o teu nome é joia
O teu nome joia é:
Quando me fallam em joia,
Lembra-me sempre José.

8

Fui *ó* soito ás castanhas,
Pus o pé no pinheirinho:
Estes rapazes d'agora
São todos marcados no focinho.

9

O trolha cheira á cal,
O carpinteiro á madeira:
Cada qual no seu officio,
Eu tambem sou lavradeira.

10

Todo o bem que eu te quero,
E o que t'hei de vir a querer,
Cabe na folha d'um tojo
E *num na* ha de encher.

11

Eu tenho na minha janela
Pedras dum alto preço:
Tu cuidas que mais vales,
Eu cuido que mais mereço!

12

Que tu eras cantador
Tenho *ouvisto* dizer:
Já estudei a maneira
Como te hei de responder.

---

[1] Na disposição d'este cancioneiro não sigo ordem methodica; transcrevo as cantigas como m'as ditaram. — Abstenho-me de estabelecer comparações com as cantigas já publicadas.

[2] Verso com uma syllaba de mais. Ficaria certo, supprimindo-se-lhe *ella* (que poderia ser substituido por *que*). Tanto aqui, como noutros casos que o leitor notará adeante, não altero porém o texto popular. — A par de versos com syllabas de mais, ha versos com syllabas de menos.

13
Meu pae cuida que me tem
Debaixo do seu pé direito:
Cuida qu'eu estou na cama,
Sabe Deus quando m'eu deito!

14
Eu quando nasci chorei,
Chorei por nascido:
Parece que adivinhava
A sorte que tenho tido.

15
Carvalho que dá *balota*,
Porque não dá coisa boa?
Cada qual dá o que tem,
Igual á sua pessoa.

16
A folha do castinheiro,
De amarella cae no chão:
Muita gente se perde
Pela sua presunção.

17
Amores d'ó pé da porta
Hé damau-os[1] a todo o risco:
Antes que a boca *num* falle,
Os olhos se lhe *impisco*.

18
Quem me dera um pau podre
Para fazer o jantar!
Quem me dera um *home* velho
Para cortiço do sal!

19
Amores d'home casado
Quem me dera siquer um:
Para calço d'uma panela,
Que não tenho lá nenhum.

20
Perdi um bem qu'eu tinha,
Não no posso restaurar:
Tenho pena e sentimento,
Meu allivio é chorar.

21
A oliveira pequena
Tambem tem pequena sombra:
Toda a moça qu'é bonita,
Pequeno dote lhe bonda.

22
Eu gosto de ouvir cantar
Ao menos quem canta bem:
Ora quem canta mal
Não dá gôsto a ninguem.

23
Debaixo d'esta ramada
Videiras dão aneis:
Por via de ti, menina,
Soffro penas crueis.

24
Roxo .. é sentimento,
Eu bem sentida estou:
Não me ajuda o coração
A amar a quem me deixou.

25
A hortelã é crueza,
Menina, não seja crua:
Seu pae não a mette freira,
Acceite quem *na* procura.

26
O *lòreiro* é quasi verde,
Dá-*u*-a[2] baga preta:
Da fama ninguem se livra,
Na obra ninguem se metta.

---

[1] «Hei d'amá-los»
[2] «Dá-a».

27
O *reixinol* é vadio,
Faz a cama onde quer:
É como o rapaz solteiro,
Emquanto não tem mulher.

28
O *reixinol* é vadio
Tem *no* cantar solitario:
Como ha de ter juizo
Quem toda a vida foi vario!

29
Fiz a cama na nogueira,
Cabeceira em teu peito:
Se me perdes a amizade,
Eu perco-te o respeito.

30
Eu hei de ir ao teu quintal,
Se topar a porta aberta:
Porque a rosa de Alexandria
Onde está, logo penetra.

31
Tenho em meu peito
Um cravo roxo a abrir:
Ninguem sabe o meu intento
Nem *quaes* eu hei de seguir.

32
Se os passarinhos vendessem
As pennas que Deus *lhe* deu,
Eu tambem vendia as minhas,
Que ninguem tem mais do que eu!

33
Oliveira do adro,
Não assombres a igreja:
No tempo em que estamos
Ninguem logra o que deseja.

34
Se passar's p'lo cemiterio
Tira o chapeu á cruz:
O meu amor é mordomo
Da bandeira de Jesus.

35
Se passares pelo cemiterio
No dia do meu enterro,
Diz á terra que não coma
A trança do meu cabello.

36
Que passarinho é aquelle
Que anda naquelle telhado?
Anda de telha em telha,
Se cair arrecadae-mo.

37
As telhas do teu telhado
São vermelhas, tem virtude:
Passei por ellas doente,
Logo me deram saude.

38
Dei um ai que fez tremer
As quinas á tua sala:
Se estás a dormir acorda,
Se estás acordado falla.

39
Quantas estrellas tem o ceu,
Quantas pancadas t'eu dera:
Se não fora arrecear
Por tão pouco perder a terra.

40
Já lá vae pelo mar fóra
Quem cá não ha de tornar:
Quem cá fica, fica-se a rir,
Quem lá vae, vae a chorar.

41
Já deitei ao mar sagrado[1]
Lagrimas de sentimento:
A agua me respondeu:
Nada cura como o tempo.

42
Pus-me a chorar saudades
Ao pé do verde sargaço:
A flor me respondeu:
Não chores por quem t'é falso.

---

[1] A respeito do *mar sagrado* vid. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, p. 82.

43

As ondas do mar são brancas,
No meio são amarellas:
Coitadinho de quem nasce
P'ra morrer no meio d'ellas.

44

Se o mar fosse de leite
E as ondas de requeijão,
Não faltava quem comesse
As ondas do mar com pão.

45

No mar se geram as *onduas*,
No campo as novidades,
Das conversas os amores,
Dos brincos as liberdades.

46

O cardo é o que pica,
Que me picou numa mão:
Tambem a maldade pica
Aos homens no coração.

47

Meu lenço de cercadura,
Eu de tudo estou cercada:
Só da vista dos teus olhos
Me vejo desamparada.

48

Mal haja o pae dos ratos
E a mãe das formigas,
Que me rataram o livro
Onde eu estudava as cantigas!

49

Eu quero dar a *espedida,*
Quero dá-la *com seis centos!*
Tenho uma pulga parida
Com vinte e cinco *jimentos*.

50

Se eu tivesse, não pedia
Coisa nenhuma a ninguem:
Assim, como não tenho, peço
As filhas a quem *nas* tem.

51

Bem sei a quem *dissestes*
Que me havias d'enganar:
Se Deus quiser e *ás* almas santas
Disso não te has de gabar.

52

Fostes fallar mal de mim
A um bem que me adora:
Se muito me queria,
ainda mais me quer agora.

53

Debaixo da agua se criam
Coisas que sabem bem:
Eu tambem me criei
Para emparo *di* alguem.

54

Assubi ao altar-mór
A accender velas ao trono:
É bem tolo quem se mata
Por amores que já tem dono!

55

O limão é fruta azeda
Que se vende na botica:
Ama-se, quem é de gosto,
Quem não é de gosto, fica.

56

Não se me dá de ser cruz,
Tendo o Calvario ao pé:
Pouco me importa morrer,
Sabendo por quem é.

57

Não se me dá de morrer
S'eu para morrer nasci:
Só se me dá de passar
Caminhos qu'eu nunca vi.

58

A manha do mentiroso
Mente uma vez, mente sempre:
Ainda que falle verdade,
Sempre dizem: elle mente.

59

Se a minha mãe bem soubera
P'ra que sorte me criava:
Quando vim do bàtismo,
Por sua mão me matava.

60

S'eu, quando nasci, morrêra,
Feliz era a minha sorte:
Não arreceava a vida,
Nem arriscava a morte.

61

Chorae, olhos, chorae,
Qu'o chorar não é desprezo;
A Virgem tambem chorou
Quando viu seu Filho preso.

62

Tenho dentro no meu peito
Um tanque d'*auga*, mette medo;
Abre-te, meu coração,
Vamos regar o arvoredo.

63

O cantar é dos anjos,
O bailar dos variados,
A alegria dos solteiros,
A tristeza dos casados.

64

Eu se canto estou doida,
Se não canto, tenho brio:
Não sei como hei de viver
Neste mundo tão vadio.

65

Não me falle de arremêço,
Qu'eu não sou sua mulher:
Eu ainda estou solteira,
Serei sua, s'eu quiser.

66

Perguntais d'onde eu sou,
Donde é a minha geração:
Eu sou filha das minhas obras,
Por ellas me julgarão.

67

Minha terra, minha terra,
Eu mal d'ella não direi:
Eu sei onde nasci
Mas não sei onde acabarei.

68

Chamais ao preto feio,
Elle é uma linda côr:
O preto é com qu'eu escrevo
Cartas ao meu amor.

69

A penna com que t'eu escrevo
Não na tirei ao pavão:
A tinta sae-me dos olhos
A pena do coração.

70

Aquella rebeca pede,
Qu'eu bem na oiço pedir
Pede uma boa cama
P'ra o patrão dormir.

71

Quando o sol deixar de dar
Na c'rôa do alto freixo:
Então t'ei d'eu dizer
A razão por que t'eu deixo.

72

Olha, amor, o qu'eu te digo,
Repara e considera:
Depois qu'o mal stiver feito
Pouco vale o «*s'eu soubera*».

73

Triste de quem tem amores,
Triste de quem os não tem:
Todas as vidas são tristes,
Melhor é não ter ninguem.

74

Coração das tres asas,
Dai-me uma, quero voar:
Quero subir ao ceu,
Em vindo torno-*tá* dar.

75

Quem tiver dois corações
Dê-me um, que bem no emprégo:
Eu tinha um só e dei-o
A que m'o agora nega.

76

Teu coração é commoda,
Tem dezoito gavetinhas:
Fecha-se com duas fallas,
Abre-se com penas minhas.

77

Meu coração é vidro,
È vidro na tua mão:
Se te queres vingar d'elle,
Deixa-o cair ao chão.

78

Quem namora um estudante,
Faz dois peccados mortaes:
Falta aos estudos
E rouba o dinheiro ós paes.

79

O senhor quer ouvir
Um caso extravagante,
Onde o pardal fez um ninho
Nas barbas d'um estudante?

80

A capa dum estudante
É um vaso de flores:
É um romendo sobre um romendo,
Cada um de varias côres.

81

Desgraçada rapariga,
Que d'um estudante se namora:
Em tocando o sino vai p'rá aula,
Adeus, minha, vou m'imbora.

82

Quem falla de mim, quem falla,
Quem falla, quem é?
Não é capaz de ser sola
P'ra sapato do meu pé.

83

Tendes o pé pequenino,
Do tamanho d'um vintem:
Pode calçar de prata
Quem tão pequeno pé tem.

84

O amor é uma albarda,
Que se põe a quem se quer bem:
Eu p'ra não ser albardada
Não quero bem a ninguem.

85

Passei pela tua porta,
Pus a mão na fechadura:
Não m'a viestes abrir,
Coração de pedra dura!

86

Eu quis e tu não *quisestes*,
Tivestes opinião:
Agora queres tu, não quero eu,
Tenho minha presunção.

87

Já cortei o meu cabello,
Já lá vai a minha gala:
A culpa tive-a eu,
Deixar lá fallar quem falla.

88

A nogueira é segredo,
Guarda o segredo na noz:
chamais-me tola, doida,
Não endoideço por vós.

89

O meu amor de zeloso,
Chora de noite na cama:
Chora que já foi amado,
E agora que ninguem *no* ama.

90

O meu amor coitadinho
Cuida qu'eu *qui* o adoro:
Cuida qu'eu choro por elle,
Sabe Deus por quem eu choro.

91
Não ha coisa que mais custe,
Que mais chegue ao coração:
Tê'lo amor vencido
E ve-lo em segunda mão.

92
Olhos requerem olhos,
Os corações requerem corações:
Tambem as boas palavras
Requerem boas acções.

93
Os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça tem:
Já os tenho reprehendido
Que não chorem por ninguem.

94
Áque d'el-rei, quem acode
A quem não sabe nadar:
Ás meninas dos meus olhos,
Que se afogam a chorar.

95
As meninas dos meus olhos
Choram por oitras meninas:
Por *oitras* maiores
Qu'as minhas são pequeninas.

96
Tendes um cravo na boca,
Os dentes são as folhinhas:
Tendes dois olhos na cara
Que já foram prendas minhas.

97
Tendes dois olhos na cara
Que parecem dois ladrões:
Postos nas estradas,
A roubar corações.

98
A minha terra é Falperra,
O meu officio é roubar:
Hei de roubar os teus olhos
Onde quer qu'os encontrar.

99
Tendes olhos de matar,
Sobrancelhas de ferir:
Tendes a côr demudada,
Isso é de não dormir.

100
Da minha janela rezo
Á Senhora das Candeias:
Que me guarde o meu amor,
Que anda por terras alheias.

101
Da minha jinela rezo
A Senhora da Saude:
Que me tire do sentido
Quem quis lograr e não pude.

102
Senhora da Saude
Eu est'anno lá não vou:
Á falta de dinheiro
Muita gente cá ficou.

103
O Senhor diz que me não quer,
Diga-me a razão porquê:
Diz qu'é por eu ser pobre,
Que riqueza tem você?

104
Diz que me não quer,
Que seu pae qu'é muito rico:
A riqueza qu'elle tem
Leva-a um melro no bico.

105
O senhor diz que me não quer,
Pense nessa palavra:
O pouco com Deus é muito,
E o muito sem Deus é nada.

106
O senhor enjeitou-me por eu ser pobre
Eu ó *s'nhor* por ser judeu:
Veja a differença que vai
Do meu sangue para o seu.

107
Dae-me uma pinguinha d'agua,
D'aquella ardente mais fina:
Para lavar uma nodoa
Que tem aquella menina.

108
A minha nodoa é gordura,
Com qualquer agua se lava:
E a do senhor é de judeu,
Só pela morte se acaba.

109
Acabamos com isto,
Deitamos terra na lama:
Bem rico era meu sogro,
Bem pobre me deu a dama.

110
O amar é um regalo
P'ra quem se sabe avir:
Prometter muito e não dar nada,
Ser libaral e pedir

111
Ó rio, que tanto zôas,
Bem podias ir calado:
Amor, que eras tão firme,
Vejo-te tão demudado!

112
Lindos olhos tem a truta,
Quando olha de repente:
Lindos amores tinha eu,
S'elles fossem para sempre!

113
Ondas do mar abrandae,
Qu'eu quero caçar um peixe:
Eu quero deixar o mundo,
Antes que o mundo me deixe.

114
Aqui tens o meu coração,
Retalha-o como o marmello:
Dentro nelle has de achar
O bem e o mal que t'eu quero.

115
Aqui tens o meu coração,
Se o queres matar, podes:
Se estás dentro d'elle,
Se o matas tambem morres.

116
Senhora dos Remedios,
O seu menino vai pedir:
Vae pedir aos bemfeitores
Que lhe arranjem que cobrir.

117
Senhora dos Remedios,
Vinde abaixo, dae-me a mão:
Sou romeiro novo,
Abafo do coração.

118
Senhora dos Remedios,
Vinde ao meio do soito:
Dae-me o vosso menino,
Que do céu vos virá oitro.

119
Senhora dos Remedios,
Vae pelo Doiro acima.
Com a cestinha no braço
Fazer a sua vendima.

120
Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado:
Ganhei molestia no peito
De andar ao pau encostado.

121
Quem diz que o amar que custa,
É certo que nunca amou:
Eu amei e fui amada,
Nunca o amar me enfadou.

122
Indo eu por aqui abaixo,
Ouvi cantar e chorei,
Pela minha mocidade,
Que tão mal a empreguei!

123

Esta noite, á meia-noite,
Meia-noite seria:
Ouvi cantar uns anjos
No coração de Maria.

124

As telhas do teu telhado
Deitam agua sem chover:
As meninas dos meus olhos
Não *choro'* sem causa ter.

125

Já lá vae o verão qu'é quente,
Tempo qu'amadura a fruta:
Se queres ouvir meus ais,
Vem de teu vagar, escuta.

126

Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós andará mais:
Eu como sol vou andando,
E vós como sombra ficaes.

127

Não sei que mal fiz ao sol,
Que não dá na minha rua:
Hei de me vestir de luto,
De branco anda a lua.

128

Eu já disse ao sol
Que não tornasse a nascer:
Se não dava na minha rua,
Que vinha o sol cá fazer?

129

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil côres:
Quando o sol promette prendas
Que fará quem tem amores?

130

Oliveiras, oliveiras,
Quero dizer — olivaes:
Tenho o coração mais negro
Qu'á azeitona que vós daes.

131

Amor com amor se paga,
Nunca vi cousa mais justa:
Paga-me com teu corpo,
Amor, pouco te custa.

132

Amor com amor se paga,
Ja que *oitra* paga não tem:
Quem com amor não paga,
Não diga que não paga bem.

133

Pega lá que te dou eu,
Será tua fortuna:
Uma mão cheia de nada,
Outra de coisa nenhũa,

134

Dá-me do que levas
Na mão direita fechada:
Se a levasses aberta,
Já te não pedia nada.

135

Passeae, andae ao largo,
Deitae cartas p'lo seguro:
Andae por onde quiserdes,
O dinheiro paga tudo.

136

De vermelho encarnado,
Vae meu amor á missa:
Fica á porta-travéssa,
Fica-me ao correr da vista.

137

Adeus que me vou embora,
Adeus que não ha remedio:
Se te ficam saudades,
Eu tambem as levo.

138

Saudades são securas,
Ellas de mim *reverdece'*:
Causá-las, quem quer as causa,
Triste de quem *nas* padece!

139
Saudades de oito dias
Passo-as eu lindamente:
Desde que vae para os quinze,
Já meu coração não consente.

149
S'eu tivera que dar, dera,
Não tenho que dar, acceito:
Acceito penas e ais
Causadas a teu respeito.

141
O muito cantar enfada,
O pouco parece bem:
Val' mais o muito cantar
Do que fallar de ninguem.

142
Fallaes de mim, fallaes *d'oitro,*
Não olhaes p'ra a vossa casa:
Quando a minha fumega,
A tua está em brasa.

143
A silva rodeia as paredes,
A *aradeira* os quintaes:
Eu bem rodeada ando
Dos teus susplros e ais.

144
Ó raparigas, ó moças,
Olhae lá por onde andaes:
A honra é como o vidro,
Se quebra, não solda mais.

145
O meu amor é um vadio,
Elle o pago já m'o deu:
Ninguem me falle mais nelle,
Diga-me qu'elle já morreu.

146
Já lá vae o sol, já
E lá vem *na* minha alegria:
P'ra fallar ao amor,
Que não lhe *póde* fallar de dia.

147
Aqui tens meu coração
E as chaves para o abrir:
Não tenho mais que dar,
Nem tu mais que pedir.

148
Pessegueiro abanado,
Aqui está quem t'abanou:
Se queres algumas cousa,
Falla com quem me criou.

149
A flor da amendoeira
É-*u*-a primeira do anno:
Eu era muito novinha,
Fintei-me nos teus enganos.

150
Tendes os olhos pretos,
Indàgora reparei:
S'eu tivesse reparado,
Não amava a quem amei.

151
Meijaricão redondo,
Já te podes ir secando:
Já morreu quem te regava,
Eu já me vou enfadando.

152
Quem quiser que a agua corra,
Faça-lhe o rego ao jeito:
Quem quiser o amor firme,
Traga-o fechado no peito.

153
O mentrasto é cuidoso,
Vós, menina, bem cuidaes:
Ha tantos annos qu'eu te amo,
Cuidei que querias mais.

154
O tempo que t'eu amei,
Melhor fôra estar doente:
Tempo tão mal empregado,
Dado de tão boamente!

155
A salsa por entre o milhão
Foge que desapparece:
Quem dá credito a rapazes
Muito castigo merece.

156
Menina, se ha de ser minha,
Ponha o pé na segurança:
Ha de me andar tão direitinha
Como o ouro na balança.

157
Nem roxo como o lirio,
Nem verde como o loureiro,
Nem vermelho como o cravo,
Nem amor como o primeiro.

158
As grades d'el-rei são fortes,
Inda o amor é mais seguro:
Para os ferros inda ha limas,
P'ro amor só a morte.

159
Presos que estaes na cadeia,
Porque não limaes as grades?
Bem falla quem está lá fora
Com toda a liberdade.

160
Fui ao Porto, fui a Braga,
Dei a volta ao Limoeiro:
Não achei amor mais firme
Qu'a bolsa do dinheiro.

161
Senhor Jesus do Calvario,
Senhor da Cerca tambem:
S'os meus olhos vos offendem,
Minha alma que culpa tem?

162
S'os meus olhos vos offendem,
Mandaremo-los tirar:
Não quero qu'os meus olhos
Negra vida te vão dar.

163
As esquinas do Calvario,
Já se não chamam esquinas:
Chamam-se confissionarios
De confessar as meninas.

164
Sant'Antonio da Carreira
Tem os sapatos brancos,
P'ra passear as ruas
Domingos e dias santos.

165
Relogio do Calvario,
Eu peço-te por caridade,
Que *deias* as onze mais cedo
E o meio-dia mais tarde.

166
O meu amor é Antonio,
Antonio é que s'elle chama:
Não é quem o mundo cuida,
O mundo tambem s'engana.

167
O meu amor é Antonio,
O sobrenome não no digo
Onde quer que *chigar*,
P'ra não ser conhecido.

168
O meu amor é Domingos,
Domingos e dias santos:
Como t'ei d'eu defferençar,
Dominguinhos, entre tantos?

169
Cheguei á cruz de te amar,
Calvario do meu martyrio:
Se vês qu'eu te não mereço,
Não *inores* o meu sentido.

170
O alecrim é rei das ervas,
O ouro rei dos metaes,
O meu coração rei das penas...
Vós, menina, m'as causaes.

171
Aqui estou á tua porta,
Aqui 'stou, aqui 'starei:
A casa é tua,
Mas a rua é d'*irrei*.

172
Estou á tua porta
Com um feixe de lenha:
Estou á espera da resposta
Que da tua mão me venha.

173
Dae-me o sim e dae-me o não,
Com tudo me contentaes:
Dae-me um *sim* que me não quereis,
Um *não* que me não deixaes.

174
Mandastes m'aqui vir ter
Debaixo d'esta ramada:
Eu vim e tu não *viestes*,
És de pouca palavra.

175
Cuidaes que não é peccado,
Enganar uma donzella,
Prometter-lhe casamento
E depois não casar com ella!

176
Ó penas, não vinde juntas,
Vinde de poucas a poucas:
Vinde mais compassadas,
Dae logar umas ás outras.

177
O penas, não vinde juntas,
Que não quer o meu coração:
Vinde mais compassadinhas,
Dae logar ás que cá 'stão.

178
Meu amor, dá-me a vida,
Dá-me a vida ou me mata:
Ou m'ajuda a sentir
A ausencia de quem se aparta.

179
Meu amor foi-se e disse
Que eu por elle não chorasse:
Qu'eu lhe não causasse penas,
Que o não mortificasse.

180
Ó triste segunda-feira
Da semana que ha de vir:
Quaes serão os tristes olhos
Que vos hão de ver partir?

181
Tendes coração de açucar,
Que na agua se derrete:
Dae-me um bocadinho d'elle
Para o meu que se me seca.

182
Tendes fallas que dão vida,
Dae-me uma qu'eu estou á morte:
Uma falla não é nada
P'ra quem stá *dêsta* sorte.

183
Ó amor, ó desamor,
Que tão mal pago deixaes:
Primeiro tudo são gostos,
Depois suspiros e ais.

184
Cuidavas em me deixares
Qu'eu por ti deitava dó:
Bem fraco é o navio
Que tem uma barra só!

185
Cuidavas em me deixares
Qu'eu cortava o meu cabello:
Eu penteio-me e enfeito-me,
Visto-me de vermelho.

186
Não sei que me quer o Brasil,
Que tanto chama por mim:
Foi p'ra lá o men amor
E eu nunca mais o vi.

187
Tenho cinco-reis a juros,
Tenho muito dinheiro:
Tenho o dote ganho
P'ra casar c'um brasileiro.

188
Tenho cinco-reis de meu,
Guardados ha tanto tempo:
P'ra mercar de sardinhas
No dia do meu casamento.

189
Tenho cinco-reis de meu,
Para comprar uma figa:
P'ra dar ás chocalheiras,
Que lhe importa a minha vida.

190
Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não quero mais:
P'ra que quero amores,
S'elles me não são leaes?

191
Qu'atrevido pensamento!
Onde vaes, que vaes errado?
Onde levas o sentido
Está o logar occupado.

192
Menina toda doida,
O peccado t'attentou:
Stavas como o peixe na agua,
O mimo te derramou.

193
Atrevido pensamento,
Onde vaes, ó vario louco?
P'ra que amas tanto
Quem de ti faz tão pouco?

194
Menina, não seja varia,
Reprehenda o seu pensamento:
Olhe qu'o amor dos homens
É leal por pouco tempo.

195
Amei e não reparei
O que vinha a acontecer:
Cuidava que tudo eram rosas
Qu'ao jardim s'iam colher.

196
Ó mães que tendes filhos,
Dai-lhes boa educação:
Se a minha assim fizera,
Não matava meu irmão.

197
Meu collete de linho
Feito detrás das paredes:
Quem escuta sempre ouve
Fallar de si muitas vezes.

198
Tenho quatro colletes,
Todos quatro mal talhados:
Tenho quatro amores,
Mas tres vivem enganados.

199
Tenho quatro colletes,
Todos quatro sem cordão:
Tenho quatro amores
Só um é do coração.

200
Nem no mundo ha dois mundos,
Nem no ceu ha dois senhores:
Tambem não ha coração que possa
Ser leal a dois amores.

201
Coração qu'a dois ama,
Eu nelle tenho pouco fé:
Se o teu amor é partido,
Pois o meu inteiro é.

202
Meu amor, ama, ama,
A quem trazes no sentido:
Não se te *deia* de ficares
Em falta p'ra commigo.

203
Passas por mim, não me fallas,
Nem o teu chapeu me tiras:
De certo que te disseram
De mim algumas mentiras.

204
Passas por mim, não me fallas,
Guardas respeito a alguem:
Pode (*sic*) passar e fallar
E respeitar a quem quer bem.

205
O meu amor é de longe,
Não vem cá todos os dias:
Choro lagrimas de sangue,
Que me servem de sangrias.

206
As lagrimas qu'eu por ti choro
Lavam um cesto de roupa:
A maior pena qu'eu tenho
Tu numa terra e eu noutra.

207
Ó meu amor da minh'alma,
Da minh'alma meu amor:
S'eu te não tivesse amado,
Não tinha pena nem dor.

208
Meu amor, se te fores,
Leva-me podendo ser:
Quero ir acabar
Onde tu fores morrer.

209
Aprendi a tecedeira,
Donde estou arrependida:
Passa o amor na rua,
E eu na prisão mettida.

210
Menina, vós sois a neve,
Vosso pae é o calor:
O vosso pae derrete a neve,
E vós derreteis o amor.

211
Menina, diga a seu pae,
Se o eu vir eu lh'o direi:
Que não falle mal de mim.
Qu'em casa lhe cairei.

212
Menina do amarello,
Diga-me quanto lhe custou:
Que me quero vestir d'elle,
Já que tanto m'agradou.

213
Menina da saia branca,
Collete da mesma côr:
Diga a seu pae qu'a dote,
Qu'eu serei o seu amor.

214
Não me ponha o pé na saia,
De longe diga o que quer:
Você não perde porque é homem,
Mas perco eu que sou mulher.

215
Não me ponha o pé na saia,
Nem *na* mão na minha cinta:
É crime de mão cortada
Quem com amor doutro brinca.

216
O amarello debota,
O vermelho perde a côr:
Tambem tu, minha menina,
Me perdeste o amor.

217
Eu tomei amores com o vento,
Não sei se faria bem:
O vento é muito vário,
Varía por hi alem.

218
Senta-te aqui, Antonio,
Tu numa pedra e eu noutra:
Aqui choraremos ambos
A nossa fortuna pouca.

219
Amor, vamos ambos
Ás '*moras* pelos caminhos:
P'ra cegarmos os olhos
Áquella nossa vizinha.

220
Da minha janella á tua,
Do teu coração ao meu,
Deve andar um barquinho
E o navegante ser eu.

221
Senta-te aqui, Antonio,
Na mesa do meu tear:
Enche-me aqui as canelas
E o mundo deixa-o fallar.

222
O mundo falla de mim,
E o mundo que tem commigo?
Eu não sou mulher casada,
Que dê penas ao marido.

223
A entrada d'esta rua
Dei um ai que nunca o dera:
Recolheram-se as estrellas,
Saiu o sol á janella.

224
Lisboa é praça d'armas,
Coimbra é dos estudantes,
O Porto dos mercadores,
Villa Real dos amantes[1].

225
Tenho corrido meio mundo,
Outro meio está prohibido:
Muitos cães me teem ladrado,
Mas nenhum me tem mordido.

226
Videira, dá-me um elo;
Elo, dá-me um *inleio:*
Menina, dê-me um desengano,
Qu'eu vivo em arreceio.

227
Eu bem vi a morte negra
Depennar um cacho d'uvas.
Vae-te d'ahi, morte negra,
Desamparo das viuvas!

228
Apartar, apartar
O cacho preto do branco:
Tambem m'a mim apartaram
De quem eu queria tanto.

229
Chamaes-me moreninha,
Da côr do alvarelhão:
Eu sou morena do rosto
Mas sou leal do coração.

230
Chamaes-me moreninha,
Isto é do po da eira:
Vos me vereis ao domingo
Como *á* rosa na roseira.

231
Dá-me da pera a ametade,
Da maçã um bocadinho:
Da laranja um só gomo,
D'essa boca um beijinho.

232
O cego que nasceu cego,
Nem sua vista logrou:
Nunca pode ter tanta pena.
Com'*ó* que viu e cegou.

233
O cego que nasceu cego
Leva a vida a cantar:
Eu que nasci com vista
Levo a minha a chorar.

234
Passarinhos que cantaes
Em ramos dependurados:
Cantae vós, qu'eu chorarei
Os meus dias desgraçados.

---

[1] Variante: «tratantes».

235
S'ouvis cantar um triste,
Ouvi, não no repreliendais:
Quando um triste canta
Então é qu'elle pena mais.

236
Quem me *á* mim ouvir cantar,
Que dirá? — e tem razão!
Dirá qu'eu estou alegre...
Sabe Deus minha paixão!

237
Quem me *á* mim ouvir cantar,
E souber a minha pena,
Dirá: — Ó triste coitado,
Inda t'o cantar alembra!

238
Eu quero bem á desgraça
Que sempre m'acompanhou:
Tenho odio á fortuna,
Que tão cedo me deixou.

239
Fechei a porta á *desgracia,*
Entrou-me pela janella:
Quem nasce parà *desgracia,*
Não póde fugir a ella.

240
Dos filhos de meu pae,
Dos qu'a minha mãe criou,
Eu fui a mais desgraçada,
Que Deus ao mundo deitou.

241
Coitadinha da rabaça,
Tanto está na frescura!
Coitadinho de quem nasce
Para o mundo, sem ter ventura!

242
Ó *acipreste* dos valles,
Retiro dos passarinhos,
A quem destes os abraços
Dá-lhe tambem os beijinhos.

243
Dubaixo do verde cedro
Se derrete a neve pura:
Para quem não tem vontade
O ateimar é loucura.

244
S'o amar fosse no fim,
Assim como é no começo,
Eu dizia a minha mãe
Que me casasse *dês* o berço.

245
De Lisboa me mandaram
Pau preto para um berço:
Agora anda na moda,
Se te vir não te conheço.

246
De Lisboa me mandaram
Um presente com seu môlho:
O coração d'uma pulga
E as asas d'um piolho.

247
Defamaram-me comtigo,
Sem ter nenhuma *assistencia;*
Agora estou *defamada,*
Peço a Deus paciencia.

248
Defamaram-me comtigo,
Eu não sei a tua cama:
Peço a Deus perdão
P'ra quem comtigo me *defama.*

249
Ó neve da Serra da Estrella,
Tu has de ser derretida:
A minha fama sem obras
Ha de ser restituida.

250
A morrer e a cantar
P'ra te não dar vingança:
Sempre desejastes de ver
O meu coração numa ansia.

251

Nesta terra não ha moças,
Qui as levou a geada:
Só alli escapou uma
Debaixo duma ramada.

252

Já que me destes a pera,
Dá-me tambem a navalha:
Bem sabes qu'eu não como
Pera sem ser aparada.

253

Uma pera, duas peras,
Tres peras num raminho:
Estou presa dos teus agrados
Como das mãos do meirinho.

254

A laranja quando nasce,
Logo nasce redondinha:
Tambem tu, minha menina,
Nascestes para ser minha.

255

Pus o pé no junco verde,
Fi-lo andar ao redor:
Não ha cousa que mais custe
Qu'àpartação do amor.

256

A silva que me prendeu
Saiu do arco da fonte:
Nunca silva me prendeu,
Tendo o meu amor defronte.

257

Tanto chorei ont'á noite,
Qu'amolleceu o sobrado:
Coração que tanto chora,
Deve estar magoado.

258

Onde vaes, lindo amor, onde vaes?
Espera ahi, qu'eu tambem vou:
Eu vou pagar ao alfaiate,
Qu'a obra boa ficou.

259

O cravo depois de sêco
Foi-se queixar ao jardim:
A rosa lhe respondeu:
— Por tempo tudo tem fim.

260

Chove e o rio cresce,
Elle vae de monte em monte:
Menina, se quer passar,
Dos meus braços faça ponte.

261

Menina, se quer saber
Como se ganha o dinheiro,
Deite navios ao mar
Qu'eu serei o seu marinheiro.

262

Perguntei ao sol se viu,
Á lua se percebeu,
Ás estrellas se encontraram
Amor firme com'ó meu.

263

Passarinho voante,
Fazes-me tu um favor?
Leva-me nas tuas asas
Uma carta ao meu amor.

264

Alem-Doiro, Alem-Doiro,
Terra do meu Manoel:
Todo o caminho são cartas,
Barato vae o papel ..

265

O nome de Manoel
É um nome afidalgado:
Primeiro se chama *mano*,
Depois *Manoel*, meu cravo.

266

Manoel é pano fino,
Que se vende no mercado:
Raparigas, comprae d'elle,
Qu'é pano desenganado.

267
Manoel por via das moças
Fez uma ponte de prata:
As moças não passam nella,
Manoel todo se mata.

268
Coitadinho de quem cria
Uma filha para o fado:
P'rà ver de canto em 'squina
Aos pontapés dum malvado.

269
S'eu tivera que dar, dera,
Que sempre estivera a dar:
Beijos até morrer,
Abraços até cansar.

270
Antre o trevo nasce o trevo,
Antre o trevo florido:
Eu não sou trevo e me atrevo
A tomar amores comtigo.

271
Sameei, não recolhi,
Bem podia recolher:
Sameei os teus agrados,
Não me quiseram nascer.

272
Nunca vi figueira preta
Dar os figos na raiz:
Nunca vi rapaz solteiro
Ser constante no que diz.

273
O meu amor de chieira
Não assenta o pé no chão:
Assenta, meu amor, assenta,
Que a chieira não dá pão.

274
Namorei-me da bonita,
Não me lembrei da fazenda:
Quero comer, não *no* tenho...
Bonita não me lembras!

275
Namorei-me da bonita,
Não me lembrei da riqueza:
Quero comer, não o tenho...
Bonita, põe na mesa.

276
Bota a rede ao mar,
Põe-*no* pé na areia:
Ao romper da aurora,
Canta a sereia.

277
Eu pedi a morte a Deus,
Agora já estou doente:
Quem quiser viver, que viva,
Qu'eu não posso viver sempre.

278
Já pedi a morte a Deus,
Elle disse que m'a não dava:
Que pedisse a salvação,
Que a morte certa m'estava.

279
Ó morte, qu'andas pelo mundo,
Não sabes a minha porta:
Levas os paes de familia,
Deixas-me a mim que sou orfa.

280
Ó morte, qu'andas pelo mundo,
Não sabes a minha casa:
Levas quem faz tanta falta,
Deixas-me a mim que sou uma desgraçada.

281
Ó morte, para que levas
Quem faz gosto de viver?
Morte, leva-me a mim,
Qu'eu resolvo-me a morrer.

282
Ó morte, ó tyranna morte,
Contra ti dou mil queixas:
Quem has de levar não levas,
Quem has de deixar não deixas.

283
S'eu tivera a liberdade
Qu'o cravo vermelho tem:
Entrava dentro do teu peito
Sem pedir licença a ninguem.

284
Ó *arcipreste* verde-triste,
Cheio de ternura:
Quem é firme é desgraçado,
Quem é falso tem ventura.

285
O *arcipreste* vira a ponta,
Quando mais não quer crescer:
Tambem tu viras os olhos,
Quando me não queres ver.

286
Foi coisa qu'eu nunca vi
Passarinhos a nascer:
Quem não souber namorar,
Faça como vir fazer.

287
Assubi á amendoeira,
Corria-a de nó em nó:
Tu fallas para quem queres,
Eu fallo p'ra ti só.

288
Eu bem sei quem falla de mim,
Quem *na* minha saia arredonda:
Calle-se lá *su* (seu) *bràjeiro,*
Para mangação já bonda.

289
Doe-me a barriga com fome,
Desejo comer uvas:
Eu morro por teus affectos,
Como ó gato por leitugas.

290
O meu coração é teu,
E o teu de quem será?
O meu morre pelo teu,
E o teu por quem morrerá?

291
Já te quis um bem na vida,
Já te catei na cabeça:
Agora destes-me o pago,
É bem que t'o mereça.

292
O mar tambem é casado,
Tambem tem sua mulher:
Está casado com a areia,
Dá-lhe abraços quando quer.

293
P'ra que me chamas ingrata,
E me tratas com rigor?
Eu porventura obriguei-te
A que me tivesses amor?

294
Eu bonita não *no* sou,
Riqueza não *na* herdei:
Diga-me, ó menina
De que lhe agradei.

295
Hei de amar a cerejinha,
Que todas as côres tem:
É branca e vermelha
E verde no pé tambem.

296
O meu amor é tão lindo,
Ninguem m'o namora:
É branco com'ó carvão,
E córado com'ũa amora.

(Continúa)

A. Gomes Pereira.

DOCUMENTOS PORTUGUESES

DO

MOSTEIRO DE CHELLAS

Depois que João Pedro Ribeiro em 1810 publicou a Dissertação v intitulada *Sobre o Idioma, Estylo e Orthographia dos nossos Documentos e Monumentos* (vid. *Dissert. Chronolog.*, t. I, p. 176 ss.), nada, ou muito pouco, se tem escrito e encontrado relativo aos nossos mais antigos documentos portugueses. Quão falha foi neste ponto a investigação do nosso primeiro diplomatista, póde avaliar-se pela menção dos cartorios, todos de Entre-Doiro e Minho, em que elle encontrou primitivos documentos na lingua vulgar; são apenas: Arnoia (1255), Ave-Maria do Porto (1262), Bostello (1267), Pendorada (1262), Refoios de Basto (1275), Reriz (1268) e Vairão (1192). Mesmo assim a sua investigação não foi tão profunda, que o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos não encontrasse na Torre do Tombo um documento inedito de 1193 do cartorio de Vairão, e outro tambem inedito, de 1262, do da Ave-Maria[1]. No livro I da Chancellaria de D. Affonso III encontrou tambem Ribeiro varios documentos portugueses a começar em 1255, mas esqueceu-lhe mencionar as inquirições de 1258, hoje impressas nos *Portugaliae Monumenta Historica*, e o tombo de D. João de Aboim, actualmente em publicação no *Archivo Historico Português*[2].

A tarefa que a si impôs João Pedro Ribeiro foi particularmente fatigante, devida a ter elle de percorrer um a um os cartorios ecclesiasticos, que hoje na maior parte se acham recolhidos no Archivo Nacional da Torre do Tombo. Todavia, alguns até dos examinados pelo Dr. Ribeiro desappareceram completamente, ou porque foram destruidos por incendio, ou porque jazem em pa-

[1] Ambos foram publicados recentemente nos *Textos Archaicos* do mesmo autor: vid. *Rev. Lusitana,* XIII, 190 e 191.

[2] O documento mais antigo é datado de 1257, e o mais recente de 1284.

radeiro ignorado. Importantes cartorios tambem não chegaram a ser vistos pelo autor de que estou tratando, e entre estes principalmente os da Beira e da Estremadura.

Existe, pois, importante lacuna entre 1193 e 1255, periodo dentro do qual não citou documentos João Pedro Ribeiro. Este espaço é imperfeitamente preenchido por um diploma de D. Affonso II com data de 1214 que publiquei na *Revista Lusitana*, VIII, 82. Uma *carta* de 1236, que publiquei no vol. VII, 75, por ser leonesa, fica de fóra do nosso dominio linguistico, posto que não territorial, segundo julgo.

É este o estado em que actualmente se encontra o capitulo dos mais antigos documentos escritos em português, mas exclusivamente referente ao norte do Mondego, porque para o sul do rio nada ha feito. Devo, porém, advertir que conto como pertencentes ao norte todos os diplomas da chancellaria real até certo limite chronologico que não posso todavia indicar.

Tendo no meio das minhas variadas occupações examinado todos os documentos do mosteiro de Chellas, nos arredores de Lisboa, que estão no Archivo Nacional, encontrei uma serie d'elles, que copiei, por serem os mais antigos (na maior parte) que ali ha em português. Num documento em latim, datado de 1221 (doc. I), achei as seguintes palavras em vulgar: *auriuiz* (ourives), *casas dos galegos* e *o alfageme*. A este segue-se outro de 1260 com phrases latinas e portuguesas. Noutro de 1263, totalmente em latim, transcreve-se uma curta carta em português. Em seguida ha documentos desde 1266 até 1299. Comparando estas datas com as dos documentos do norte que já apontei, chegamos á conclusão, ainda provisoria, que no seculo XIII as duas partes de que se compunha Portugal, o norte neo-visigotico, e o sul amauritanado, mantem-se a par. Mas no seculo XII o norte affirma a sua superioridade, apresentando documentos que difficilmente será possivel achar no sul, em consequencia de serem aqui os estabelecimentos religiosos de fundação mais recente que os do norte.

O exame d'estes documentos parece demonstrar a existencia, já no seculo XIII, de alguns dos principaes caracteristicos dos dialectos meridionaes: confusão de *ʃ*-z e s-ç, condensação do ditongo *ei* em *ė*. Um documento (IV) de Cintra, datado de 1266, mostra-nos *compozisom*, outro (XIV) de Azambuja, com a data de 1293, dá-nos *prezença*, finalmente os documentos IV, VI e X offerecem-nos *mez*. Inversamente, um (XV) de 1299, de Chellas, dá-nos as duas fórmas: *tresentos*, *uesĩho*. Um (X), de Loulé, de 1277,

dá-nos *susesores,* como outro (XIII) do mesmo logar nos dá *synqy* = cinque. As fórmas mais interessantes são as do documento XII, de Chellas, datado de 1296: *gera* (geira?), *outeru, mostero* e *primero.*

A consciencia da origem latina de muitas palavras vulgares era tão viva, que até se manifestava na orthographia. Algumas vezes essa tendencia promovia o apparecimento de fórmas quasi latinas, quando não falsas. Entre as primeiras contam-se: *auctorgamus* (II), *adeca, et* (IV), *vicayro, loco* (VI), *una, sospectos* (VII), *mouiles, cũ, sum, una* (VIII), *segelo* (IX), *este* = est. (XI); entre as restantes: *heu* (VIII), *he* = é (X), *erdamentho, ẽprazamentho, estrumentho* (XI), *chanthada* (XII). Recorrencias do latim medieval quando ainda era desconhecido o uso do ç são: *conuzuda, pezas, fazades* (III), *forza, doazõ* (VI), *dõazõm, oufizio* (XI), *Decenbro* (IV), *facer* (XII). No documento III encontram-se estas fórmas singulares: *seruiczo, ffaczo, faczades,* e *peczo,* que se encontram tambem no provençal[1] e em quatro documentos latinos autographos pertencentes ao convento de Moreira e publicados nos *Port. Mon. Hist.*, «Dipl. et Chartae». O mais antigo é de 991 (p. 100, doc. 161) e traz: *faczerem* e *aczessum;* os outros tres são de 1044 e 1047 (pp. 202, 217 e 220, docs. 331, 355 e 359) e trazem; *aczebimus, aczesit, aczesum.* Estes tres ultimos foram escritos por um certo *Vidisilu;* o primeiro ignora-se por quem. A antiga orthographia portuguesa com as terminações em *u* apparece só num documento de 1269 (XII): *damus, canpu, nosu, auemus, Malapadus, comu, d'Outeru, cadanu, capũ.*

O emprego de varios sinaes para representar o mesmo som produzia alterações orthographicas e confusões, como por exemplo no uso das nasaes. Onde, porém, a indeterminação apparece mais notavel é no emprego do *g;* assim achamos nos documentos: *haga, agamos, cuga, sega, Tareyga, Mygel, outorgedes, Gilelme, portugueses, gysa, entregej, rogej.* Ao mesmo tempo que o *g* tomava, contra o uso moderno, o valor de *j,* e se podia escrever deante do *e* e do *i* sem *u,* achamos o *i* e o *y* desempenhando tambem o emprego do *j* como em: *yohanes, iohanes, Azãbuya, Azãbuia, iuyzes, aiades, ayam, iaz, ia.*

Entre os documentos agora publicados, o que apresenta pela primeira vez a graphia *lh* é o n.º v, datado de 1269 e escrito em

---

[1] Vid. Leite de Vasconcellos, *Canção de Sancta Fides de Agen*, na *Romania*, XXXI, 178.

Avis, o qual tem a par de *moler* e *les* as fórmas *navalha* e *concelho*. Todos, porém, acceitam *l* com o som de *lh*, exceptuando o XI, escrito em Loulé, no Algarve, que adoptou a graphia castelhana de *ll*. Comtudo ás vezes o escrivão, por ignorancia do valor exacto da graphia recentemente introduzida, transportava-a indevidamente para outras palavras, como succede nos documentos XI e XV, escritos na Azambuja e Alemquer, nos quaes vemos *seelho, segelho* e *coyrelha*, etc.

O *n* intervocalico apenas se encontra em *una* = uma, nos documentos VII e VIII, e em *bona fe*, *bona uia* e *convenente*, nos documentos II e IX, o que bem póde ser por influencia litteraria. Em todos os outros logares em que o *n* apparece, representa *nh*, como em *conuzuda* (II), *cunucuda* (IV, V, IX), *conucuda* (XII) e *conoscam* (XIII), e tambem em *vina* = vinha (III e VII), *Martino* (IV), *testimonia* (IV), *uena* = venha (VI), *dineyros* (VII), *quinoeyro* (VIII), *componã* (X), *antrelynada* (XI), *senor* (XI). Outras vezes o *n* é substituido pelo til como em *marĩas* (II), *testemõyo* (V, VIII), *stephãya* (VII), *steuãia* (X), *estrãya* (X), *testemũyas* (XI), *meyrĩo* (VIII), *vỹas* (XIII); ou nem mesmo apparece, como em *testemuo* (IV), *testemoyo* (IV, XII), *ordyamos* (X), *uizijas* (X), *lyaça* (X), *Esteuaya* (XII). Outras vezes, mas com raridade, encontramos *ni* a fazer as vezes de *nh*, como em *vinia* (III), *steuania* (VIII), *lynia* (XI). O *i* póde ser substituido pelo *h* e temos *vinha* (VII, IX), *uinhos* (VIII), *tenhã* (XI), *uenha* (XI), como é hoje normal. Póde tambem neste ultimo caso o *n* ser representado pelo til, como nos documentos XIII, XIV e XV: *vĩha, sẽhor, uesĩho*, ou mesmo sem o til: *uiha* (XV). Muito mais raro, e entre estes documentos só no X, de Loulé, em que tambem se adoptou *ll* por *lh*, e no XIII em *peñorar*, succede encontrar-se *ñ*, como em *señor* e *compoñamos*. Para demonstrar a difficuldade que os escrivães tinham de representar o som *nh*, basta apontar, alem das fórmas, que já ficam registadas, de *testemunho*, as seguintes: *testemuhũo, testemhũo* (XI), *testemũyhas*. O documento XII em logar do *nh* emprega *nd*, como em *vinda* = vinha, *tenda* = tenha, o que é singular.

No *Archivo Historico Portuguès*, III, 5 a 25, em 23 documentos datados de 1299 até 1331, que ali publiquei, encontram-se algumas fórmas que é necessario citar. Entre estes documentos, só um, datado de 1309, escrito em Albufeira, no Algarve, conserva o valor archaico do *l* e do *n* nas seguintes palavras: *esbulades, ffilou, Conselo, lj, las* = lh'as, *conucudas, penorẽ, teno, Senor*. Fórmas de transição apparecem num documento de Silves, datado

de 1308, as quaes são: *uilha, lher* = ler, *todalhas;* noutro, de Lisboa, de 1303 só *assinhaado,* e igualmente *Coyrelhas* num de 1312, e *tinhas* = tinas num de 1311. Mais vulgares e mais modernas são *vizĩo, ordĩo* em 1309, *vĩa* em 1311, *vĩas* em 1312, *dĩeyros* em 1315, *vĩo* e *tĩas* = tinas, *tĩja* = tinha, *almoĩja* = almoinha em 1325. Fórmas ainda mais modernas são *vĩhas, vĩho* em 1321, e *Antonĩho* e *sobrĩho* em 1331, fórmas que já tenho encontrado nos principios do seculo XV. Finalmente aponto *Jũyho* = junho num documento de 1311, *testemõio* em 1309, 1312 e 1313, *testimõio* em 1309, *testimõyo* em 1312, *testimõia* em 1303, *testemũyo* em 1308, e *testemũyas* em 1309[1].

O mais antigo uso de *lh* que se nota nos documentos publicados agora é datado de 1269, e apparece numa *carta* de Avis, no Alemtejo. Nos «Documentos antigos da Beira» (*Rev. Lusit.*, VII, 59; e VIII, 35) só se encontra *lh* em 1292. O *nh* apenas apparece em 1273, num documento escrito em Chellas, um anno antes do mais antigo uso de *nh* dos documentos da Beira[2]. Apesar de tudo o que fica apontado, ainda é prematura qualquer decisão a respeito d'estes factos.

Seguem-se agora os documentos. São em número de quinze.

Lisboa, Outubro de 1906.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

---

[1] O sr. Braamcamp Freire no *Archivo Historico Português*, IV, 171 a 190, publicou varios documentos portugueses de 1287 a 1306 dignos de estudo. Entre estes conta-se um, escrito em Lisboa por ordem de João Fernandes de Lima, fidalgo da Galliza, que tem varios galleguismos.

[2] A maior difficuldade que se apresentava aos notarios para escreverem em português consistia na representação dos sons que não existiam em latim. Num documento do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de 1179 (Archivo Nacional, caixa 80 da *Collecção especial*), acho «coniouso», em que o *i* foi o som que se encontrou mais proximo de *ch*, para o poder representar. A palavra é *conchouso* ou *quinchoso*.

I.—Carta de venda de uma casa em Lisboa. Novembro de 1259 (1221)

In dei nomine hec est karta uenditionis et firmitudinis quam iussimus facere. Ego Sadurninus petri uobis Gunsaluo *auriuiz* et uxor tua Dona iusta de quarta de una casa quam habuimus Vlixbona in collatione sancti nicholay et isti sunt termini eius. In oriente adega que fuit De dũ iulianus. et in aquilone Martinus iohanis *o alfageme* et in occidente *casas dos galegos* et in affrica Menendo buual. vendemos uobis quarta ipse Casa firmiter pro precio quod de uobis accepimus. Scilicet. v morabitinos quare tantum nobis et uobis bene complacuit et de precio apud uos nichil non remansit in debitum pro dare habeatis uos quarta ipsa Casa firmiter et omnis posteritas uestras. Sed si aliquis homo uenerit. uel nos uenerimus tam de nostris quam de extraneis qui hoc factum nostrum frangere uoluerit et nos in concilio actorizare noluerimus aut non potuerimus tunc conponamus uobis quarta ipsa casa dupplata aut quantum fuerit melioratam. Domino terre aliud tantum. facta karta uenditionis et firmitudinis mense Nouenbris. Sub Era. M.ª CC.ª L.ª ix.ª Ego Sadornino petri uobis Gunsaluus *auriuiz* et uxor tua Justa pelagiz qui hanc kartam iussimus facere coram testibus manus nostras roboramus. Qui presentes fuerũ uiderũ et audierũ.

Martinus petri filio de uelio Dũ macias Domincus dugar (?) Petrus domincus	ts.	Petrus mendj	Iohanes petrine Dũ vicente Petrus Michael Paschal alfageme[1]	ts.

II.—Emprazamento de marinhas, feito pelo Convento de Chellas. 1 de maio de 1298 (1260)

H G F E D C B A

In dei nomine. Conuzuda. cousa. seia. a todos. aqueles. que este. prazo uiren. e léér. ouuiren. *quod Ego* Ausenda *petri*. prioressa. de Achallas. ensenbra. *cum conuentum eiusdem. loci. Damus. et* auctorgamus. a uos. *Martinus iohanis et uestre Mulier Stephania*. duas pezas. de campo. que hauemos. nas Marĩas. *In termino. Vlixbone in loco* que chamã mazzolas. *In termino de Sancto An-*

[1] Mosteiro de Chellas, maço 3, n.º 60.

tonio. Isti sunt terminis suis. In oriente. Michael iohanis. In occidente. Riu. *In aquilone.* Simeõ. *martinj In affrico Gunsaluus iohanis.* per tal. preyto. que uos fazades *ibj in ipsas* duas pezas de campo. Marĩas. *pro ad* fazer sal. *Et uos Martinus iohanis et uestra Mulier. et uestris filijs,* hauedes Aáuer *ipsas* Marĩas in toda uossa. uida. Et deuedes. a dar cada anno *in nostro conuentũ. uno modio de* sal nas. Marĩas. *Et de post uestra morte* e *de uestra Mulier. et de uestris filijs* Deue a ficar *ipsas* Marĩas. quites e *liberis. ad ordine* de Donas de achellas. *et in pace. Et isti* conuenente. deue áándar antre nos. et uos Abonafe. lealmente. *Et* quẽ quer. que este conuenente. falecer Anter *nos et uos pecte ad alia parte. quingentos solidos. Et* este preyto por séér *magis* firmado *et magis.* auctorgado. untre nos e uos fazemos ende fazer duas cartas partidas *per alfabetum. qui teneamus in testimonium. per manum. de Vincente* paez. de mandado de *Dominicus suariz farilius.* Tabelliõ de Vlixbone + *Facto* prazo. *primo die. Madij Era M.ª ccª lxxxxª. viijª. Quj presentes fuerunt Vincentius martini filius de Dõna Maria dominicj. Martinus Pelaiz zapatarius. ts*[1].

III. — Quitação da renda que o mosteiro de Chellas devia pagar a João Vivas. Lisboa. 1301 (1263)

IN nomine domini Amen. Nouerint vniuersi presentis scripture seriem inspecturi quod Ego Dominicus pelagij publicus Tabellio Cinitatis Vlixbone recepi quamdam literam Johannis uiuie fratris ordinis sancti Jacobi. per Vincentium uiuie fratrem eius que litera erat sigillata sigillo in quo erat sculptus quidam miles in equo. gladium habens accintum. nudatum tamen in manu dextera et in sinistra manu. uexillum in quadam lancea. et nomen eiusdem ex utraque parte interscriptum. Tenor autem Carte talis est. sed maius signum sigilli. est signum de vééyra in qua sunt sculpta omnia supradicta:

A uos Religiosas donas prioressa e Conuento dachelas. De my Joam uíuas saude et (= e) seruiczo. ffaczo uos saber qe Eu pola alma de mia madre e pola mia. (mya) mi uos quito da renda qe my soyades a dar. da vina (vinia) qe uos dei. (dey) Et rogo uos é peczo uos qe digades loogo (logo) missa de Conuento. por alma de mia madre. Desy qe ly faczades ãniuersario cadááno. e fazedea escreuer eno liuro dos aniuersarios.

Et ego predictus Dominicus pelagij Tabellio Cartam istam legi in presentia Priorisse et dominarum de achellis. et tam Priorissa

---

[1] Mosteiro de Chellas, maço 3, n.º 57.

qua maior pars dominarum tunc ibidem astantium. obligauerunt se et successores suas ad hoc ãniuersarium die statuta perpetuo faciendum. et statim in presentia mea in libro in quo scripta sunt ãniuersaria que debent facere. huius ãniuersaríj ãnuatim celebrandi. memorie titulum conscripserunt. Et mandauerint mihi predicto Tabellioni quod de hoc facerem duas Cartas per alfabetum diuisas. Quarum dicte domine unam penes se in Monasterio. et Vincentjus uíue frater dicti Johannis uiue aliam penes se debent tenere quelibet pars suam in testimonium huius rei. Sed Vincentius uíue uult quod sigillum predictarum dominarum in ipsa Carta quam ipsa debet tenere. penitus apponatur. Ideo Ego predictus. D. pelagíj de mandato et rogatu partium presentes Cartas propria manu scripsi et utramque illarum meo signo proprio consignaui quod patet inter nomina testium subscriptorum. Actum in Vlixbona mense Januaríj. íij°. kalendas ffebruaríj. Era. M.ª CCC.ª prima. + Qui presentes fuerunt. Gunsaluus menendi presbiter. Nunus petri procurator dominarum.

A B C D E F G[1]

IV. — Arrendamento de uma propriedade em Cintra, pertencente ao mosteiro de Chellas. Dezembro de 1304 (1266)

A B C D E F G H I

Cunuçuda cousa sega a todo áqueles que este prazo uirẽ *uel* ouuirẽ que eu Martino iohanes dito pessego ensenbra con ma Moler Maria mééndiz fezemos tal conpozisom con Nuno petriz procurador das Donas da Chelas. conuẽ a saber que eu Martino iohanes é ma Moler Maria meendiz deuemos á dar en cada anno .iij. marauedis. as donas da Chelas por uá adeca que foy de Petro gunsaluiz é por uá Casa con sua quintáá que foy de nosso padre é de nossa Madre que auemos en Ouliua na freguesia de santo Martino de sintra. conuẽ a saber que eu Martino iohanes é ma moler Maria mẽediz deuemos a lograr é pesoir e auer essa adeca é essa casa en todo tenpo de uossa uida danbos e qual quer que de nos primeiro morer o que ficar outro sy deue a dar en cada anno esses tres marauedis as donas da Chelas por essas casas e

[1] Mosteiro de Chellas, maço 6, n.os 119 e 120. Os dois instrumentos partidos por *ABC* encontram-se juntos no mesmo cartorio, pelo que se vê não ter sido entregue o que pertencia a Vicente Vivas, como tão pouco ter sido sellado. As variantes do n.° 119 vão entre parenthesis.

des pos morte danbos deuen a ficar essas Casas anbas quites en paz engeias (*sic*) con todas nossas dereituras que auemos e deuemos auer dessas casas. as donas da Chelas. Et que esta conpozisom enprazamento que eu Martino iohanes e ma Moler Maria meendiz fezemos con Nuno petriz procurador das donas da Chelas en todo tenpo firmidũui ouuese e a duuyda non ueesse e ualer podesse rogamos Johane meendiz pulbico Tabelliõ de sintra que fezesse antre nos este prazo partido per a. b. c. en testemuo eu Johane meendiz pulbico Tabelliõ per rogo é per chamamento das partes presente fuy é uy é ouy este prazo per ma móó fiz e meu sinal el pusi en testemoyo que tal e +. Feito no Mez de Decenbro. Era M.ª CCC.ª .iiij.ª Que presentes foró é uirõ é ouuirõ. Joham giraldiz. Domingos domingit fallido. Joham domingit ferradura. Egeas ferreiro Thome pelagy genro de Petrus feo [1].

V.—Desistencia de demanda que fizeram Domingos Peres e sua mulher em favor de Domingos Eannes e sua mulher. Avis, 13 de maio de 1307 (1269)

Cunucuda cousa seia a quantos esta carta uiren e ouuiren. Como heu Domingos periz e mia moler Domingas martijz fezemos demanda á Domingos ihoanes e a sua moler Maria domingit sobre auer que fora de meu sogro Martin martijz padre de mia moler Domingas martijz e sobresta demanda fomos chegados todos de consúú que fezemos nossos iuyzes Ruy naualha e Pero martijz. e Laurenço eanes assi en iuyzo come en auéénça e uiren por ben á nosso prazimento que Domingos ihoanis e Maria domingit sua moler dessen a nos .xx. marauedis e .vij. alqueires de trigo. e que os dessemos por quites de toda esta demanda. e nos Domingos periz e mia moler Domingas martijz per esta razon de suso dita a nosso prazimento dessaqui auante damos eles por quites de toda esta demanda que les nos faziamos por auer assi mouel come ray. (*sic*) de parte de meu sogro Martin martíjz padre de mia moler Domingas martíjz. e por isto fosse mais firme e non podesse uijr en duuida nos de suso ditos rogamos áos Alcaldes de Auis que dessen esta carta aberta séélada do séélo do Conçelho pendente á Domingos ihoanis que teuesse en testimonia daquesta cousa e heu fernandeanes publeco tabeliõ de Auis rogado danbalas partes esta carta scriuj e este meu sinal hy pugi en testemõyo daquesta cousa (*Signo Saimão e cruz de Aviz*). Feita esta carta feria .ijª. xiij. dias andados do mes de Mayo in Era .Mª. CCCª. vijª. [1]

---

[1] Mosteiro de Chellas, maço 2, n.º 38.
[1] Mosteiro de Chellas, maço 3, n.º 53.

VI.—Doação feita pelo vigario de S. Pedro de Cintra ao mosteiro de Chellas de um herdamento em Collaride. Setembro de 1310 (1272)

In dej nomine amen. Sabã todos áquelles que esta carta uiren *uel* ouuiren que eu Simõ gunsaluit vicayro de san pedro de Sintra en mha uida en meu bóó sem é sem forza é de meu plazer dej é dou entregej ou Moesteiro das donas de Achelas. todo meu herdamento que hauia en termo de Lixboa en loco que dizen Collaride. en rimento de mha alma é por que receberõ Eluira simoyz por seror e (= ẽ) esse dauã dito Moesteiro. E que esta doazõ deste herdamento que eu Simõ gunsaluiz dej e entregej a esse dauã dito Moesteiro en todo tenpo firmidũui haga e a duuida nõ uena nẽ denegada nõ sega rogej Jhoane mendiz pulbico Tabelliõ de sintrε que fezesse esta carta desta doazõ de suso dita. Eu Jhoane mendiz pulbico Tabelliõ per rogo das partes esta carta per mha maóó fiz e meu sinal ela pusy que tal e + feita no mez de Setrẽbro Era .M.ª ccc.ª x.ª Que presentes forõ e uirõ e ouuirõ. Giraldo ihoanes clerico de santo Martio. Steuã ihoanes de togeira. Pet.º suariz homẽ de Nuno petriz. Pelagio almograue. Nuno petri procurador das donas de Achelas e esse tenpo [1].

VII.—Aforamento de uma vinha em Valada. 10 de janeiro de 1311 (1273)

Sabiam quantos esta carta ujrem que Stephãya (Stephya) perez dona do Moesteyro das Chelas do Termio de Lixboa de mandado e doutorgamento de Maria sauhaschaes Prioressa e de todo o Cõuento desse Logar. dou e outorgo a uos ffernã yohanes Raçoeyro da Séé de Lixboa en uossa vida vna vinha que a mȳ ficou de parte de mha Madre en termio de Santaren en Logo que dizem ualada. a qual iaz antre a vinha que foy de Don yhoane da hũa parte. e a uinha do hospital da outra so tal preyto e tal condiçon que uos escauedes e cauedes e podedes e enpaedes essa uinha ben e Lealmente e metades y cada Ano. quatro Mergulhadores. e dedes a my en mha uida e na uossa en cada hũ Ano quinze libras da moeda uelha de Portugal primo dia de Mayo polo Renouo dessa uinha que a de uijr desse Ano que mas pagardes. E a uossa morte a dauandita uinha deue ficar cõ toda ssa melhoria a my sse uiuer sse nõ ficar ao dito Moesteyro da chelas Liuremente e en paz. E eu ffernã yohanes dauandito recebo a dauãdita

---

[1] Mosteiro de Chellas, maço 12, n.º 224.

vina so as condicoes dauãditas. E obligo me per quanto ey mouil e Rayz a pagar a dauãdita dona e Moesteyro os ditos dineyros ao termjo dauãdito. E sse nõ adubar a dauãdita uinha e nõ pagar os dauãditos dineyros assy como dito e a dauãdita Stephaina (Stephina) perez (*sic*) deue dar ssa uinha a quen quiser sabuda ante a uerdade per homéés bóós nõ sospectos en como a dita vinha for adubada. E nos dauãditas Prioressa e Conuento Louuamos e outorgamos todas estas cousas. E por esta séér mays firme esta carta seelamos dos nossos séélos e outra tal das quaes deve téér o dito ffernã yohanes hũa e a dita dona outra. ffeita foi esta .x. dias de Janeyro. Era .M.ª ccc.ª xj.ª [1]

VIII. — Instrumento de quitação e renuncia passado por Domingos Peres e sua mulher a Domingos Eannes. Avis, agosto de 1311 (1273)

Sabã todos aqueles que este strumento uiren e ouuiren léér. Que heu Domingos piriz e mha molher Domingas martijz quitamos e renuçamos a uos Domingos iohanis todalas cousas mouiles e nõ mouiles que auedes e ouuestes cũ Maria domingit madre di mj Domingas Mártijz e sogra di mj Domingos piriz. as quaes cousas nos eramos quinoeyros. nos uos quitamos e renuçamos todas esas cousas sobreditas saluo as vinhas Dauis que ia sum partidas. que as aiades e pussuyades pera todo sempre por una herdade que nos uos destes e que de uos reçebemos a qual herdade ẽ (*sic*) en termho Dauis en logo que chamã a ssayçeyra. e heu outrossi sobredito Domingos iohanis uos quito e renuço essa sobredita herdade por todas estas cousas sobreditas que a aiades e pussuyades pera todo sempre. e de mais outrossi uos quito .x. libras que mj diuiades cũ .x. soldos de pea cada dia. todo uos renuço e quito pera todo sempre por estas cousas [so]breditas que uos a mj quitastes e renuçastes. It. heu Domingos dalcana sóó fiador pera chegar a outrogamento (*sic*) desta sobredita herdade Steuania filha do sobredito Domingos iohanis e da sobredita .M. domingit quando ela for de reuora. e por aquisto séér firme e mais stauil pera todo tẽpo. mandamos ende fazer .ij. strumentos partidos per .a.b.c que tenhamos sen' (*senhos?*) en testemõyo daquesta cousa. feyto este strumento eno mes dagosto in Era .M. ccc.ª xj.ª anos. Que presentes forom en aqueste feyto. Joã martijz meyrĩo. Domingos godíjz. Pedreanes irmáo (*sic*) de Martin anes. Apariçe

---

[1] Mosteiro de Chellas, maço 14, n.º 274.

anes. Simhon periz e heu fernandeanes publeco tabelliõ Dauis en aqueste feyto fuj presente e aqueste strumento scriuj per mandado dos sobreditos e aqueste meu si + nal hy pugj pera testemoyo daquesta cousa.

A B C D E F G H I

IX. — Aforamento feito pelo mosteiro de Chellas de uma vinha a Pedro Garcia e sua mulher Flores Gonçalves. 26 de dezembro de 1311 (1273)

In nomine dominj amẽ Conuçuda cousa seia a quãtos esta carta uirẽ e leer ouuirẽ assj os presentes come os que am de uiir como eu Tareyia fagundit prioressa da Chelas cono Conuẽto desse logo damos hũu nosso cãpo que auemos en achelas á Pedro garcia e ssa moler fflores gunçaluit que o chantẽ e o ayam en ssa uida dãbos e dous e dẽ a nos o quarto do renouo que lis deus der é a morte deles fique a uiñha ou Moesteyro e os termhos deste cãpo estes son contra o auegro dona Maria moler que foy de bona uia aguion Martĩ freyre damos a uos e uossa moler este cãpo assj como o nos auemos é a morte đãbos fique ou Moesteyro. Que presentes forom. don Egas capelã da chelas. ffrey pedro frade desse logo. ffrey Domingos frade. váásco gũçaluit criado das donas. ffiiz gũçaluit. ts. ts. Era .M.ª ccc.ª xj.ª fferia iij.ª v. dias por andar de Dezenbro. e por seer mays firme mãdou o Conuẽto poer y seu segelo[2].

X. — Venda de um figueiredo em Loulé. Maio de 1315 (1277)

Esta he carta de vẽdiçon e de perdurauil firmidoe A qual eu Domĩgas paez e eu Esteuãia e eu Aldonça fillas que somos da dauãdita Domĩgas paez ẽcomẽdamos a seer ffeyta a uos Domĩgos iohanes beyçudo e A uosa moler Maria Martijz hũ noso ffigueyredo que Auemos ẽ termo de Loulle. do qual estes son os termos Asj como parte cõ j.º eanes mirala e como parte cõ uosco con-

---

[1] Mosteiro de Chellas, maço 10, n.º 194.
[2] Mosteiro de Chellas, pergaminho n.º 906 B.

pradores vẽdemos e outorgamos A uos este ffigueyredo. cõ sas entradas e con sas saydas e cõ todas sas pertẽeças que per dereyto deue A pusuir por preço que de uos reçebemos cõuẽ a saber. dez. marauedis de Portugal ca A tanto prougue A nos e A uos e do preço nõ fficou nimigalla. A uos por dar. Ajades uos ese ffigueyredo e todos uosos susesores pos uos daqueste dia por senpre e ffaçades delle que quer que A uos Aprouguer e se Alguẽ uéér da nossa parte. ou da estrãya que Aqueste noso ffeyto quiser britar. ou tentar non lj seia outorgado mays sóó pela tentaçõ quanto demandar tanto A uos ẽ dobro conponá e o señor da terra .C. marauedis e nos se ẽ conçello A uos este ffigueyredo. outorgar nõ quisermos ou non podermos conpoñamos A uos ele dobrado e quanto ffor mellorado. ffeito A carta No mez de mayo. Era .M.ª ccc.ª xv.ª e nos As sobreditas que aquesta carta mãdamos ffazer dauãte estes oms (homens) bõos ela reuoramos. que prezentes fforon Pay miges. Martin da ueyga. Pay pirez e eu Domingos iohanes Taballion de Loulle A rogo das partes esta carta escriuj e meu si ✝ nal hy pugy ẽ testimũo da verdade [1].

XI. — Emprazamento que o procurador do mosteiro de Chellas fez ao alcaide e senhor de Azambuja de um herdamento. 1330 (1292)

.... Era ⁝ Mª ⁝ cccª ⁝ xxxª ⁝ anos .xv. dyas andados do mes ..... estando frey ffernã ffruytoso. da ordim dos pregadadores (*sic*) ..... Daazãbuya. En logo que este Chamado Alpanpilel. E mostrou hũa Carta ẽ logo ..... Comtaua asy. era uerdade húú segelho era de Dona Tareyga ffagundijz ẽ este tempo ..... E outro era Do priol dos frades pre[e]gadores do cõuẽto De lixbóóa. O teor da carta.

..... esta procuraçom uyrẽ e ler ouuyrẽ que Nos Tareyga ffagundijz prioresa do mosteyro Dachellas ..... ordyamos estabellecamos (*sic*) e Conffyrmamos por nosso lydymo procurador. frey fernã fruytoso. portador desta nossa ..... aquel erdamẽtho que nos tẽ. forcado. Dom Roy fernandiz Alquayde Daazãbuya o qual erdamentho nos ..... molher. e pera Receber o pãm que dela ouue Des que nolo fylhou. pera demandar e Receber ẽ nosso nome ..... que a nos apertecem per dereyto. E damos ly lyure e Comprido poder de ffazer ẽprazamentho. Com el tanbẽ daquele erdamento ..... outro que y auemos a par delle. E de o meter ẽ possyssom. no nosso nome ẽ nosso poder E de fazer estrumento ou estrumentos e pera poer Comdycõ ou condycoes ssegundo

---

[1] Mosteiro de Chellas, n.º 1:138.

Como uyr que ffaz mester e de ffazer todas as outras quoussas que uerdadeyro lydymo procurador pode e deve ffazer e que nos farijamos se presentes ffossemos. e prometemos que nos agamos por ffirme e por estauel pera todo ssenpre que quer que ẽ jsto ffezer. Ou outro procurador ou procuradores se os el ffezer. E damos ly poder de ffazer procurador Domingos pirez patameyra. Ou mygel lourenco. Ou mygeel munijz ou a qual quer ou quays quer pera todas estas quoussas e de suso dytas ou per quada hũa delas. Rogamos dom frey gijl prior dos fr[ades pregad]ores de lixbóóa. de Cuga ordijn nos somos sogeytos que uos jsto outorgedes e dedes Lecença ao dyto frey ffernã fruytoso de Reçeber Esta procuraçom. Eu dyto priol Rogado da dita prioressa e do comuẽto Do mosteyro dachelhas outorgey e outorgo Lecença ao dito ffrey fernã ffruytoso De receber esta procuraçom ẽ ssy e douly poder de ffazer lyuremẽte todas as quoussas de suso dytas e quada hũa delas e outorgo. E comcenço na dyta procuraçom. E pera Nom uijr poys ẽ duuyda. ffaço esta. Carta segelhar Do segelho do meu ouffyzijo. Do. danaudjto priorado. e nos de susso dytas prioresa E comuẽto. possemos aquy os nossos segelhos. E por esta procuraçom ser firme e Estauel por todo senpre. Os quays forom pressentes frey domingos dyto bóó. Steuãm hyanes. Vasquo uycente. feyta a procuraçom. En achelas. oyto dyas andados do mes de Julho ⁝ Era ⁝ Mª ⁝ ccc ⁝ xxxª anos.

A procuraçom perleuda sáá e salua nõ borada nẽ antrelynada. nẽ grossada nẽ Rapada. Este frey ffernã ffruytoso polho poder da procuraçom. E estando ẽ esta herdade ẽ esta ora ẽ este díja. ffez logo entrega do dyto erdamentho que as Donas dachelhas ·y· auyam perante my ·A· Roy fernandijz. Alquayde e senor Daazãbuya. Comuẽ a ssaber O qual erdamento Este chamado o cõchusso uelho das donas e o cõchusso nouo. o qual ualou por sseu das donas dom bernaldo e toda outra erdade de qual antrelas e o alquayde auyam Comtenda. De que ..... ante partijo. Dyzendo e comfessando dantemỹ. dante o tabellijom e dante as testemhũyas que adeante ssom escritas que ..... contra deus e Contra ssa alma. e que era das donas dachelhas. Entom foy esta erdade toda entregada quanta ·y· as donas dachelhas auyam no termho Daazãbuya. Eno logo que este Chamado alpanpilel. Con entradas. e Com ssaydas. e Com todas ssas pertenças que as donas ·y· auyãm e de deRevto deuyam auer. Com estas cõdycooes que adeante som escritas. Comuẽ a ssaber que o alquayde. Roy ffernãdijz. senor Daazãbuya tenhã todo este erdamento ẽ ssa uyda sso tal. Comdyçom que el a mande lauorar e pauygar (?) e tapar assy. Como ssas uyzijas nõ lo tolendo tenpo (?) E deuẽ a dar a este moesteyro dachellas a quarta parte de todo bẽm que deus. y der ssaluo ·x· alqueires de lyaça. que deue ..... deue a mandar a ssemear pora sseara. En quada húú ano. E a ssa morte deste alquayde Roy ffernandijz deue .... Esta erdade deue a ffyquar liure mẽte. toda de ssuso dyta Com ssa bẽm ffeyturíja. sen contenda nẽ húúa ao dyto moesteyro dachelhas.

E se o alquayde este erdamētho per ssa culpa ou per ssa negalha ou por embargo que aga nõ poder ou nõ quysser este erdamento lauorar ou ssemear ou tapar asy Come de ssuso este dyto ou nõ der seu dereyto nẽ a guardar estas pusturas < nem a gurdar (*sic*) estas pusturas > que em este estrumentos (*sic*) ssom escritas o moesteyro < o moesteyro > deue a ffylar o erdamētho. cõ toda ssa bẽm ffeyturija sen contenda Eu Roy fernãdijz Alquayde e senor Daazambuya outorgo todas estas posturas que som escritas ẽ estes estrumentos a telas e a guardalas ẽ toda mha uida. E daquy adeante ẽquouto este erdamentho de ssuso dyto pera todo senpre ẽ toda mha uyda e depos mha morte e dos meus ffylhos ..... e daqueles que da mha lyna fforẽ que nõ ssegam tã oussados que Naquel erdamentho nẽ en sseus omẽs nẽ ẽ todas asas quoussas que do erdamentho fforẽ trouẽ (?) nẽ Constrengam por guissa que nõ ffaçam se os ante nõ pedyr a dereyto ao procurador dachellas ou a prioresa. E o alquayde e os aluazijs ou o mayordomo ou o senor da terra deuem assynar dija ẽ que uenha esse procurador a dalhos ao dereyto. a fforo e a costume dazãbuya. e sse os dar nõ quysser ..... des dy adeante ou o senor da terra deues a constranger que ffaçãm dereyto. E mãdo e outorgo sse algúú omẽ ou algúúa molher quysser dar ou doar por ssa alma alma posyssoes ou oniuessayros ao mosteyro dachellas que os possam dar sem Comtenda. E dou bençõm os meus ffylhos e os meus netos e aquelles que despos my ueerẽ que esta mha pustura e meu enquoto teuerẽ ou aguardarẽ agã a beençom de deus e a mya pera todo ssenpre. e sse o ffazer nõ quysserem. e nõ agardarẽ a mha postura ẽ na mha dõazõm. Agã a maldyçõ de deus e a mya por todo senpre. E a mha pustura e a mha dõaçom e o meu ẽquouto ualha De todo ẽ todo por todo senpre. Eu frey ffernã ffruytoso procurador de susso dyto. Eu Roy ffernandijz Alquayde Daazãbuya En testemuhũo desta quousa mãdamos em ffazer Dous estrumentos partydos por .A.b.c. e prometemos e outorgamos que sse estes estrumentos que nos mãdamos ffazer Comtra disserẽ que nõ ualhã nẽ podem teer que o ffeyto da erdade se torne ao da primeyra como quando ffoy o alquayde Cytado por carta del Rey a demandar quada hũu sseu dereyto. Eu Johã paiz. plubyco Tabelliom Daazãbuya ..... a mandado das partes de susso dytas a esta quoussa presente fuy e estes estrumentos per mandado destes anbos de suso dytos Com mha mão propia esCreuy e meu ssynal y pusi que tal. E + En testemhũo da uerdade. ffeyto Naazãbuya Tal dya e de tal era ẽ tal mes Como de ssuso este escrito quaes (?) fforon presentes. Johã giraldijz. Rodrygo hyanes escudeyro guyã (?) pirez tente ẽ logo dalquayde Afonsso martijz Caualeiro. ffernã hyenes passarijo. Pedro Rodrigijz e ffernã Rodrygijz ffilos deste Alquayde. affonsso fernandijz dyto. peyse [1].

---

1 Mosteiro de Chellas, n.º 1:498.

XII. — Doação feita pelo mosteiro de Chellas ás Emparedadas de um olival em Malapados, 1 de julho de 1334 (1296)

Conucuda cousa sega a cantos esta carta virẽ e léérena que Dõna Esteuaya Donna priuresa do mostero de Chelas ĩsenbra cono convento dese logo damus. A uicente criado das inparedeadas de scam vicẽte ho tal nosu canpu con seu holiuar quí auemus ĩ malapadus. asi comu parte cõ scam vicente. ho mostero de fora. Agyom. ho sol leuante. cõ moryria. ho abrego cõ santa marya douteru. que hele que chante aquelela (*sic*) vinda que esta ĩ canpu e houtro si holiuar qui ho *cã hee* (chanthe?) ho melor que ele poder y facer. bua vinda e bũu holiuar asi come costome de nosa terra. e se ele per uentura esta uinda nõ fur chanthada e holiuar bẽ nõ for a cabo de tres anos que ho lagar. e hoo(?) bẽ bẽ (*sic*) feyturia que hey for que se tornẽ ho mostero. e que ele de cadanu as dõnas .C. sollos. de péèa. ele dar ho meo do futro que deus (*sic*) y der. It. dar cadanu · j · capũ. e j.ª gera cadanu. E nos Dõna esteuaya priuresa do mostero da chellas ĩ senbra con no cõuento mandamus duas cartas facer per a b c ĩ testemo (*sic*) que ele tenda úúa carta e nos houtra. in testimoyo e sua carta séér selada do selo da priuresa ĩ testimoyo estas cartas forum feytas in no mostero da chelas. primero dia de Julo. Era .Mª. CCC.ª xxxª iiij Anos.

A B C D E F[1]

XIII. — Aforamento de propriedades em Valada e Alvisquer. Chellas, 27 de dezembro de 1334 (1296)

Conoscam todos quantos esta carta virẽ e leer ouyrẽ que eu dõna Stephaỹha dominguiz prioresa do moesteyro dachelas ensenbra cõ o couẽto e cõ Domỹgos pirez noso proqurador dãmos e outorgãmos a uos fuas gilelme e a uosa Moler Ousenda mendjz a nosa vĩha que auẽmos en Valada a par do resyho o qual vos de nos tragedes a uosa Mãho e outro sy vos dãmos os dous talos de vĩha que auẽmos en Aluisqer ẽno logo que chamã leyte coyto que vos por nos laurades dãmos e outorgãmos a vos e a vosa moler

---

[1] Mosteiro de Chellas, pergaminho n.º 906 C. Pessoa piedosa no sec. XVII ou XVIII pretendeu mudar, nos dois logares em que apparece, *con no* em *con ho*.

Ousenda Mendiz as sobredytas vỹhas que as ayades por en toda vosa vyda danbos e que dedes ende a nos ou a noso proqurador en cada hũ ãno vĩte e synqy libras de Portugeeses por dia de Natal e se nolo vos en ese dia nõ derdes a nos ou noso proqurador que nos seiãmos tẽudos a toler vos esas nosas vỹas se qysermos e peñorar vos por os drs (*dinheiros*) do ãno pasado e uos nõ deuedes ser qulpado se uos nos nõ demãdarmos ao dia nẽ pẽado e uos deuedes a lauorar esas vỹas ben e dereytamente cõme sas vyzỹas fforẽm en gysa que seia uosa prol e a nosa e que des pos vosa Morte danbos posam séér as vỹas Meloradas e que fiqen ao Moesteyro lyures e sem enbargo nẽ hũ e se per ventoyra vos nõ lauorardes esas vĩhas asy como fforem sas uyzỹas que nos seiãmos poderosos de volas toler e por esta cousa ser mays firme e nõ vỹr en dubea dãmos ende a uos esta carta aberta selada cõ nosos selos pendentes. feita a carta no moesteyro vỹte e sete dyas de Dezenbro na Era .M°. CCC^a^. trinta e quatro [1].

XIV. — Testemunho dado pelo tabellião de Azambuja da falta de comparencia de certos inqueridores. 22 de fevereiro de 1336 (1298)

Sabhã todos como .xxij. dias de ffeuereyro Era .M^a^. CCC^a^. xxx^a^ vj. anos en prezença de mjn Dyago eanes Tabelyõ da Azãbuia. e das testemũyhas que adeante son escritas. Martin domingiz. dito queixada enqueredor polas donas Dachelas e presente. Rodrigo procurador. dessas Donas. o dito Martin queixada. mostrou e fez leer per mjn dito tabelyõ hũa carta de nosso sẽhor el Rey aberta seelada do seu seelo uerdadeyro en que Recontaua. que Affonso martijz patameyro e Jhoã giraldiz enqueredores polo Alcayde da Azãbuia. e Meen pááez Alcayde de Saluaterra de magos. pera escreuer polo dito Alcayde. e Martin domingiz queixada e Steuã eanes crerigo enqueredores polas donas dachelas. e Gonçalo eanes priol dalCabrichel. pera escreuer por essas Donas. o dito Martin queixada protestou. dizendo. perdante mjn dito Tabelyõ. que el prestes staua pera filhar o testemũyho. polas ditas donas asi como era conteudo. eessa carta del Rey. que o dito Martin queixada mostraua. E o Alcayde da Azanbuia. nen seus enqueredores nen seu escriuã. nẽ outrẽ por el. nõ ueerõ. nen pareçerõ perdante mjn. It. en outro dya Domjngo xxiij dyas deste mez. sobredito. ueo o dito Martin queixada. cõ esse procurador e protestou. despos misa de terça. asi como de susso dito he. mostrando essa carta. e steue ata iantar e ata meyo dya e o Alcayde

[1] Mosteiro de Chellas, maço 6, n.° 102.

da Azanbuia nen seus enqueredores nen seu escriuã. nen outren por el nõ ueo. e de todas estas coussas sobreditas. o dito Martin queixada. pedyo a mjn dito tabelyõ. hũu testemũyho. ffeyto no dya e na era sobre dita ts. Domingos iuyaez crerigo Jhoã rodrigiz e Jhoã boto e Saluador mantela e Domingos ihoanes aluazil. Martin domingiz e outros muytos omẽz (*sic*) boos ẽẽu Dyago eanes sobredito tabelyõ a rogo do dito Martin queixada ẽẽste feyto presente fuy ẽẽste testemũyho cõ mha mãao propria escreuj e meu sinal hi pugi en testemũyho de uerdade que tal + he [1].

XV. — Arrendamento feito pelo mosteiro de Chellas de umas vinhas em Valada e em Alvisquer. 18 de setembro de 1337 (1299)

In nomine dominj Amen Era de mil e tresentos e xxx. vij e xviij dias andados de setenbro Eu Maria sauaschaiz Prioresa da chelhas e o couento < o tragamos e damos aredamos a uos domigos bertolameu coreyro uesĩho de santaren > aredamos a uos domjgos bertolameu III coyrelhas de uiha hua ẽ ualada e duas ẽ aluisquẽr estremhos desta uiha de ualada agiõo domjgos bertolmeu auegro sancha pasquãl estes som os termhos daluisquẽr hua coyrelha que yaz a par delujra booha outra coyrelha a par de dõ filipe e domjgos ouger e uos domjgos bertolameu deuedes a dar a hordy cada ano xx e v libras e estas uĩhas deuedes bẽ adubar cõ todas sa[s] bẽfeytorias por seer estauil poemos os noso[s] seelho[s] do cõuẽto e da Prioresa ẽ cabydoo [1].

---

[1] Mosteiro de Chellas, maço 3, n.º 54.
[1] Mosteiro de Chellas, maço 4, n.º 62.

ROMANCEIRO TRASMONTANO

(Vide *Rev. Lusitana*, VIII, 71-80)

24. D. Anna

Naquella Villa Viçosa
Entrou a cavallaria;
Foi por uma rua abaixo
E virou por outra acima.
Viu-se estar numa *jinella*
Duas meninas *mum* lindas.
Disse o tenente *pró* alferes:
—Qual d'ellas é a mais linda?
—Oh! aquella d'azul claro
Essa é uma maravilha!
—Hei de *la* roubar á noite
Antes que me custe a vida!

Com vinte e cinco soldados
Foi p'ra sua companhia
E á meia noite em ponto
O tenente á porta batia.
—Oh! Quem bate á minha porta
Olhe que inda *num* é de dia!
Num é comsigo, D. Anna,
Mas é com a sua filha.
—Minha filha *num* 'stá cá,
Foi a dormir com a tia.

Entrou pela porta a dentro
Sem nenhuma cortesia!
Sete salas descubriram,
Sem acharem a menina;
Chegaram *ó* aposento
Onde ella estava dormida.

Levantou-se a mãe da cama
A dar conselhos á filha:
—Oh! filha faze pela honra
Que eu tambem fiz pela minha!

A desgraçada D. Anna
Em lagrimas *le dezia:*
—Honra as barbas de meu pae,
Que a minha já vae perdida!

Á saida do palacio
O tenente *le pré*curava:
Lá em casa de seus paes
Como ella se chamava.
—Em casa de meus paes
Chamava-se-me fidalga,
Agora por esses mundos
Serei infeliz, desgraçada!

Inda lá mais adeante
O tenente *le pré*curava:
Em casa de seus paes
Como ella era tratada.

—Em casa de meus paes
Comia gallinha assada,
Agora por esses mundos
Comerei sardinha salgada.

Inda lá mais adeante
O tenente a accomettia,
E ella como *des*creta
Respondeu-*le* que *num* queria.

Puxou por um punhal d'ouro,
Que o cavalleiro trazia,
Metteu-*lo* por um lado
E *ó* coração *le* saia.
Pegou nella em seus braços
E a sua mãe *lu*vou a filha
E assim fallou á D. Anna
P'ra maior tyrannia:
— Oh! D. Anna, ó D. Anna,
Eis aqui a tua filha
Honrada e virtuosa,
Mum bem *le* custou a vida!
— Justiça do ceu valei-me,
Que na terra nem a havia,
P'ra matar o cavalleiro
Que matou a minha filha!

(Maçores).

25. Lisarda

(Cfr. n.os 45, 60 e 80)

— Ó Lisarda, ó Lisarda,
Oh! Quem comtigo dormira
Uma noite, nada mais!
Que felicidade a minha!
— Dormiras uma noite e duas
Se te *num* fôras gabar
A mesa dos cavalleiros
Onde meu pae vae jogar.

Inda *num* era de dia
Nem o sol estava a raiar,
Quando a tia que o soubera
Logo a foi visitar [1].
Sua mãe que *lo* disseram
Logo a mandou fechar;
Seu pae tanto que o soube
Logo a mandou queimar.

— *Num* ha por ahi um criado
Que me venha consolar?
— Aqui estou, minha senhora,
P'ra aquillo que *le* prestar.

— Leva-me já uma carta
A Carlos de Montalvar:
Se o achares a jantar
Deixará-lo acabar;
Se o achares a dormir,
Deixará-lo acordar;
Se o encontrares a passear,
Então *la* has de entregar.
Foi tanta a sua sorte
Que o achou a passear:
— Novas te trago D. Carlos,
Novas de grande pesar!
Menina com quem *dormistes,*
Já a vão a queimar!
— Não se me dá que a queimem
Nem que a vão a matar!
Só me pesa o seu ventre
Que é de sangue real!
Alla! alla, meus soldados,
Meus cavallos a ferrar,
Com ferraduras de bronze
Que se *num* possam gastar!

Despiu o fato de principe
E o de frade foi tomar.
Foi ter a um caminho,
Onde ella havia de passar:
— Pára, pára, ó justiça,
Se não te farão ajoelhar!
Menina que vae á queima
Inda vae por confessar!
— Pois confesse-a, senhor frade,
Emquanto vamos jantar.
— Ajoelhe já, menina,
Comece-se a confessar;
No meio da confissão
Um beijo me ha de dar.
— *Num* permitta Deus do Ceu,
Nem a sua santidade,
Boca que beija D. Carlos
Num a beijou nenhum frade!
Pela sua voz parece
D. Carlos de Montalvar!
— Este mesmo sou, menina,
Que te venho a buscar!

1 Var. «mandou fichar».

Sube-te neste cavallo,
Vamos d'aqui a marchar.
Dize agora á tua tia
Que te venha cá fechar!
Dize agora a teu pae
Que te venha queimar!
Com a ponta da espada
O havemos de matar!

(MAÇORES).

26. Gerinaldo

(Cfr. n.º 77)

— Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Pagem d'el-rei mais querido,
Porque *num* me fallas d'amor
Quando te encontras commigo?
— Eu sou vosso vassallo
Sou vosso pagem querido!
— *Num* te engano Gerinaldo,
Vae-te á noite ter commigo:
Entre *las* dez e *las* onze,
Quando meu pae 'stiver dormido
Descalço de pé de penas
P'ra *num* sermos presentidos [1].

— Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Nós somos presentidos:
O punhal d'ouro de meu pae
Entre nós está mettido!
Levanta-te, Gerinaldo,
Vae-*le* a fallar humilde:
O castigo que te ha de dar
E de casares commigo.

— Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Alcança-me o meu calçado...
Ou Gerinaldo é morto,
Ou elle me é refalseado!

Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Alcança-me o meu vestido...
Ou Gerinaldo é morto
O elle me é pervertido!
Vou matar Gerinaldo:
Criei-o de *pequechinho*...
Para matar a princesa,
Fica-me o reino perdido!...

— D'onde vens, ó Gerinaldo?
— Venho da caça perdido:
Só achei uma garça
Dentro d'aquelle *castillo*.
— Essa garça, Gerinaldo,
Foi criada no meu trigo;
Ama-a tu como mulher,
E ella a ti como marido.

(MAÇORES).

27. O Soldado

— Tu que tens, triste soldado,
Que tão triste andas na guerra?
Ou te morreu pae ou mãe,
Ou são lembranças da terra!
— Não me lembra pae nem mãe,
Nem são lembranças da terra;
Lembra-me uma namorada
Que lá me ficou donzella!
— Sete annos te dou, soldado,
Para ires á tua terra.
Ao cabo dos sete annos,
Tornarás a vir para a guerra.

— Aonde vaes, triste soldado,
Onde vaes triste de ti?
— Vou ver minha namorada
Que ha bem que a não vi!

---

[1] Variante:

Não fôra eu seu criado
Que não mangara commigo!...
— Eu não mango, Gerinaldo,
Que eu bem deveras t'o digo.

Inda as dez não eram dadas
Gerinaldo ó caminho
Com os sapatinhos na mão
P'ra não haver rugido.
— Oh! quem bate á minha porta
Quem arromba o meu postigo?
— Sou Gerinaldo, senhora,
Não falto ó promettido.

—Tua namorada é morta,
Morta, que eu bem na vi!
—Dá-me os sinaes que levava
P'ra m'eu fintar em ti!
—Os sinaes que ella levava
Eu t'os digo já aqui:
Levava saia de nastro
E manto de carmesi!

—Dá-me de lá um adeus
D'esses teus olhos sinceros!
—Os olhos com que t'os dava
Já estão comidos da terra!
—Venderei o meu cavallo,
Tambem me venderei a mim,
Mando-te dizer cem missas
Para te tirar d'ahi!
—Não vendas o teu cavallo,
Nem te vendas a ti:
Toda a alma que aqui cae
É p'ra seculos sem fim!
Ninguem se perca por amores
Como eu me perdi por ti!

(Maçores).

28. D. Silvaninha

(Cfr. n.os 68 e 70)

Indo dona Silvaninha
Pelo corredor acima,
Tocando uma guitarra
(E bem que ella a *tenia!*),
Acordou seu papá
C'o estrondo que fazia:
—Que é isso, ó Silvaninha,
Ó Silvana, filha *mia?*
Bem puderas, ó Silvana,
Commigo brincar um dia!
—Brincara, meu pae, brincara,
Meu pae eu brincaria!
Mas as penas do inferno
Meu pae, quem nas soffreria?!
—O Padre Santo em Roma
Tudo nos perdoaria!
—Mas as penas do inferno
Meu pae, quem nas passaria?
—Por causa de ti, Silvana,
Passo-as eu cada dia!
Mando-te fazer uma torre
No alto á maravilha
Para metter-te, Silvana,
Silvaninha algum dia!
A dar-te pão por onças,
E agua por medida
E uma sardinha salgada
P'ra te tirar a vida!

Ao fim de tres dias
Silvaninha clamava;
Assomou-se na janela,
A uma janela mui alta,
Onde viu estar seus irmãos
A jogar o jogo da carta:
—Meus irmãos, que Deus me deu
Dae-me uma pinga d'agua!
Oh! que fomes, oh! que sedes
A Deus entrego minha alma!
—Minha mana dera, dera,
Se teu pae não no quitara:
Quem désse agua á Silvana
Teria mão cortada.

Assomou-se á *jinela*,
A outra *ji*nela mui alta,
Onde viu estar sua mãe
A coser numa almofada:
—Minha mãe, que Deus me deu,
Dae-me uma pinga d'agua!
Ai! que fomes, ai! que sedes,
A Deus entrego minha alma!
—Minha filha, dera, dera,
Se teu pae não no quitara!

Assomou-se a outra *jinela*,
A outra *jinela* mui alta,
Onde viu estar seu pae
A brincar c'uma ingrata:
—Oh! meu pae, que Deus me deu
Dae-me uma pinguinha d'agua,
Que d'aqui para o futuro
Serei sua namorada!

—Corram criados e criadas,
A dar agua á Silvaninha,
O primeiro que lá chegar
Terá uma prenda minha.

Inda lá não era chegada
Silvaninha amortalhada;
Nossa Senhora a vestia
D'anjos estava cercada;
Uma fonte á cabeceira
Que rios d'agua botava.

(Maçores).

29. O Lavrador

(Cfr. n.º 95)

Um ditoso lavrador,
Que da sua arada vinha,
C'o seu rosario na mão
Resando o que podia,
Lá meio do caminho
Encontrou um pobrezinho,
O pobrezinho lhe disse:
— Leva-me nesse burrinho.

O lavrador se desceu,
E o pobrezinho se *sumbiu*.
Venturoso lavrador
P'ra sua casa o conduziu!
P'ra sua casa o levou
P'rà melhor sala que tinha;
Mandou-le fazer ceia
Do melhor manjar que tinha.
Assentaram-se ambos á mesa
Nem um nem outro comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam.
Mandou-le fazer a cama
Da melhor roupa que tinha:
Por baixo camellão roxo,
Por cima cambraia fina.
Lá pela noite adeante
O pobrezinho gemia;
O lavrador se levantou
A ver lo *prove* que queria,
Achou-o crucificado
Numa cruz de prata fina:
— Oh! quem soubera, meu Deus
Que em casa vos tinha,
Que vos dera um manjar
Que em minha casa nem havia!
— Tres cadeiras estão no ceu
P'ra ti estão escolhidas:
A primeira é para ti
Que é quem mais a merecia;
A segunda para tua mulher,
E a terceira para tua familia.

(Açoreira).

30. A Marinheira

Gritos dava a marinheira,
Gritos que se afundava,
O diabo *le* respondeu
D'um cabeço d'onde estava.
— Quanto deras, marinheira,
Quem das aguas te tirara?
— Dava te um navio d'ouro,
E outro de prata lavrada!
— Não quero teu navio d'ouro,
Nem o de prata lavrada;
Quero á hora da tua morte
Escriptura da tua alma!
— Oh! Maldito sejas tu
Mai-la tua palavra,
Minha alma é de Deus
Mais da Virge' Sagrada,
Meu corpo é dos peixes,
Mais da agua salgada!

(Maçores).

31. O Caçador

(Cfr. n.os 37, 46 e 75)

Indo um caçador á caça,
Caçando com maravilha;
Seus perros iam cansados,
Seus falcões perdidos iam.
Arrumou-se a uma arvore
Das mais altas que lá havia,
Onde viu então estar
Uma mui linda donzilha:
— Que fazes ahi, donzella,
Que fazes ahi menina?
— Sete fadas me fadaram
No ventre de madre mia,
Que estivesse aqui sete annos,
Sete annos e mais um dia;

Hoje se acabam nos sete annos
Amanhã se acaba o dia.
Esperae, esperae, cavalleiro,
Eu comvosco ir queria,
Ou na sella ou na anca,
E na vossa companhia.

— De que se ri a donzella,
De que se ri a menina?
— Rio-me do cavalleiro
E da sua bizarria:
Achou Anninhas no monte
E guardou-lhe cortesia!
— Atrás, atrás, meus cavallos,
Até á fonte d'agua fria,
Ficou-me lá uma espada
Mettida *ne-la* bainha!

— Adeante *mi* cavallo
Que atrás não volveria!
Se tua espada é d'aço,
Meu pae d'ouro t'a daria;
Eu sou filha d'um prateiro,
O melhor que tem Sevilha:
Sou filha d'El-Rei de Hespanha
E da rainha Constantina
— Se tu me fallas verdade,
És uma *hermana* minha.

— Abram-se esses palacios,
Abram-se com alegria;
Pensei que traria esposa
E trago uma hermana *mia*.
Se ella é minha nora,
Que entre por esses palacios;
Se ella é minha filha,
Bota-me aqui nos braços.

(Maçores).

32. Iredia

(Cfr. n.os 61 e 62)

Estando eu á janella
Coser na minha almofada,
C'uma agulha d'ouro
E um dedal de prata.
Veio um cavalleiro
Pedindo-me pousada;
Meu pae que lh'a dera,
E eu fôra a culpada.
Pelo meio da noite
Deu volta á sala;
De sete que eramos
Só a mim me levara!
Pelo meio do caminho
Elle então me procurava
Eu na minha terra
Como me chamava:
— Eu na minha terra
Sou Iredia estimada,
Por estas serras medonhas
Serei sempre desgraçada.
— Por estas fallas que déstes
Detrás do outeiro,
Serás degolada
Assim como um carneiro!

— Perdoa-me, Iredia,
Meu amor primeiro,
Servirei-te um anno
De joelhos inteiro!
— Como te hei de perdoar
Cruel, carniceiro,
Que me degolaste
Como a um carneiro?!
— Perdoa-me, Iredia,
Meu amor primeiro,
Servirei-te um anno
A serrar o pinho
Para uma capella
O verbo divino!

(Maçores).

33. O cavalleiro

— Tu, cavalleiro, não amas
A filha *ó* teu senhor;
É novinha, põe-te fóra
Que tu morres com amor.

Cavalleiro descoroçoado
Longe terra foi casar;
A menina foi crescendo
Tambem deu em considerar.

Andou de terra em terra,
De logar em logar,
D'onde foi pedir pousada
Á casa d'onde ella estava.
Procurava pela senhora,
Se ella alli iria cear.
A menina, p'ra bem dizer,
Ainda ia sem jantar.
Estavam nesta conversa,
Cavalleiro a chegar.
—Que faz por aqui, menina,
Menina d'esta idade?!
—O amor d'um cavalleiro
Ao que me fez chegar!
—O teu amor, donzella,
P'ra mim não vae prestar,
Que tenho a mulher nova
E os filhos para criar!
—Se tens a mulher nova,
Deus t'a deixe conservar,
Se tens *los* filhos pequenos,
Deus t'os deixe criar.
Cavalleiro, abre os braços,
Que eu nelles quero findar!
—Dize, mulher, que hei de fazer
Numa noite tão pesar?
—Pega-lhe pelos cabellos
E vae-a deitar ao mar.
Se tu lá não queres ir
Eu lá a vou botar!
—Eu quero-lhe tanto bem,
Não lhe quero tanto mal;
Mandarei vir pedrarias
De Castella a Portugal;
Mandarei fazer uma ermida
Toda de pedras de cristal.

Um morre pelo almoço,
Outro morre ao jantar;
Um enterra-se no altar-mór,
Outro no altar de cristal.
No mór nasceu *olivia*
Como não ha igual;
No altar de cristal
Nasceu um videiral.
A *olivia* dava azeite
P'r'ó Senhor alumiar;
O videiral dava vinho
P'r'a no *cales* consagrar.
Na mais alta galhadinha
Lá se foram abraçar.
—Se eu soubera, donzellinha,
Que me vinhas descasar,
Inda tinha doze irmãos
P'ra te mandar matar!

(Lousa).

34. A Bella Infanta

(Cfr. n.os 51, 83, 94 e 99)

Estando a Bella Infanta
No seu jardim assentada
C'um pente d'ouro na mão
C'o seu cabello penteado,
Baixou os olhos ao mar
Viu vir uma rica armada.
Capitão que nella vinha
Trazia a bem guiada

—Diga-me, ó meu capitão,
Diga-me por sua alma,
Se o amor que Deus me deu
Se ahi vem na sua armada.
—Esse homem lá o vi
Esse homem lá estava,
Com tres chagas abertas
Cada uma era mortal.
Por uma cabia o sol,
Por outra o bello luar;
Por outra tambem cabia
Linda bola de bilhar.
Diga-me, ó minha senhora,
O traje que elle levava:
«Que levava cavallo branco
Cavallo branco levava».
—Diga-me, ó minha senhora,
O traje que mais levava?
—Levava sellim de prata
Selim de prata levava.
—*Canto* dera, minha senhora,
A quem *lo* trouxera aqui?
—Dera ouro, dera prata,
Dera perolas e marfim.
—Quanto dera mais, senhora,
A quem *lo* trouxera aqui?
—Tres moinhos que eu tinha
Todos *los* dera a si:

Um é de moer canela,
Outro moe o papelim,
Outro tambem moia
Lindo ouro *de* marfim.
— Quanto dera mais, senhora,
A quem *lo* trouxera aqui?
— Tres filhas que eu tenho
Todas *las* dera a si:
Uma era para o calçar,
A outra para o vestir;
A outra tambem *lá* dera
P'ra comsigo dormir!
— Quanto dera mais, senhora,
A quem *lo* trouxera aqui?
— Não tenho mais que lhe dar
Nem o senhor mais que pedir!
— Dê-me o seu corpo gentil
Para commigo dormir.
— Olha o ladrão o que pede!
Preso a quatro cavallos
O hei de mandar partir!
— Mostra-me o anel d'ouro
Que partimos no jardim;
Mostra-me a tua ametade
Que a minha vê-la aqui!
— Se tu eras o meu homem
Fazias pouco de mim!
Juro-te que estes tres dias
Não has de ter poder em mim!

(Ligares).

35. A Ermida

Lá cima naquella serra,
Or valha-me Deus,
E a Virgem Maria!
Lá cima naquella ermida
Uma vizinha da porta
Falso testemunho erguia:
Ella que andava de amores
C'um sacerdote de missa!
O sacerdote anojou-se,
Mas ella magua não a tinha.

— Confessa-te, peccadora,
Que te quero tirar a vida.
— Que me mates, que me deixes
Eu confessar-me queria!
Ó homem, se me matares,
Enterra-me na ermida
Ós pés de Nossa Senhora,
Virada p'ra Virgem Maria.

Ó cabo de nove meses
Um doce cantar se ouvia:
Abriram na sepultura
Acharam-na lá parida
C'uma menina nos braços
Que se chamava Cezilia!
Os anjos eram padrinhos
Nossa Senhora madrinha.

— Perdoa-me tu agora,
Serva da Virgem Maria!
— Como te hei de perdoar
Se tua alma está perdida?
A minha já está nos ceus
Dos anjos *mum* bem querida!

(Urros).

36. Os pastorinhos irmãos

— Deus te salve, Rosa,
Meu claro serafim!
Linda pastorinha,
Que fazes por aqui?
— Busca do meu gado
Porque o perdi
— Teu gado, Rosa,
T'o trago aqui.
Á beira do rio
Mum bem repastado;
Eu venho aqui, Rosa,
Para teu criado.
— Criado tão nobre
Com meias de seda!
Olhe não as rompa
Por essas estevas!
— Meias de seda rompo
E tudo romperei;
Pela pastorinha
Minha vida darei.
— Vá d'ahi, homem,
Não me dê mais pena;
Logo vem meus amos
Trazer-me a merenda.

— Que venha seu amo,
Isso quero eu,
Para que saiba
Que a namoro eu.
— Vá-se d'ahi, homem,
Por entre tormentos;
Não *lo* posso ver
Nem por pensamentos!
— Olha o que é d'ingrata
E de impertinente!
Os homens são lobos
Que comem a gente?!
— Ora venha cá homem,
Or venha correndo,
Que o amor é cego
Já me vou rendendo!
Ó gente da aldeia
Acudi ao gado
Que foge a pastorinha
C'o seu namorado!
Hoje acabam os annos,
Amanhã acaba o dia;
Aguarda ahi cavaleiro
Vem em minha companhia!

O cavalleiro lhe procurou
Onde queria ir montada
Ella respondeu que queria
Ir na sella por ser fidalga.

— Um abraço te dou eu,
Não com má tenção,
Para que tu saibas
Que sou teu irmão.

(Ligares, 1895).

37. A filha do Rei de Hespanha

(Cfr. n.os 31, 46 e 57)

Andando El-Rei á caça
Lá numa escura nontilha,
Olhara para cima
Viu estar uma donzella.
— Que fazes por aqui, donzella,
Que fazes por aqui, menina?
— Sete fadas me fadaram
Nos braços de minha madrinha,
Por sete annos e um dia.
Lá no meio do caminho
A menina se ria.
Elle lhe perguntou:
— De que se ri, donzella,
De que se ri, menina?
— Rio-me do cavalleiro
E da sua bizarria,
Que achou Anninhas
E guardou-lhe cortesia.
— Atrás, atrás, meus cavallos,
Que adeante não iria!
Na fonte onde bebemos
A espora me ficaria.
— Adeante meus cavallos
Que atrás não voltaria!
Se a espora era de prata
Meu pae d'ouro lh'as daria.
— Quem era a menina
Que tanto dinheiro tinha?
— Filha do rei de Hespanha
E da rainha Catharina!
— Se a menina verdade falla
É uma hermanha minha!
Abram-se as portas em terra,
Abram-se com alegria,
Pensei que trazia esposa
Trago uma hermana minha!

— Se ella é minha filha
Bota-m'a aqui nos braços;
Se ella é minha nora
Que passeie por esses palacios.

(Ligares, 1895).

37-a. Rosa branca

— Menina, dê-me licença,
Dê-me licença inteira,
Para lançar um barquinho
Na sua fresca ribeira.
— A licença dá-la Deus,
Mais la Virgem Maria,
Quem me dera de saber
Se vinha por outra via!
— Pela via em que eu venho
Eu vo-lo digo, na verdade:
Venho por passar o tempo
D'esta minha mocidade.

— A resposta está bem dada,
Magano vó la dissestes;
Se não sabes o caminho
Toma por d'onde viestes.
Caminho bem o sei,
Bem o vejo d'aqui;
Mas espero de levá-la
Rosa Branca, ao par do reino!
— Rosa Branca ao par de ti,
Magano, não levarás;
Torna cá outro dia
Que resposta levarás!
— Não torno cá outro dia
Nem rompo solas em balde,
Que eu não costumo fazer
Coisas sem ser de vontade.
— A cobra vae pela herva,
Corre que ninguem a vê;
Todos homens são nescios
O maior d'elles é você!
A cobra vae pela herva,
Corre que desapparece;
Quem se fia nas mulheres
Grande castigo merece!
— A hortelã é cortesia,
Menina não seja crua:
Seu pae não na mette freira
Case com quem a procura.
A hortelã é crueza,
Que se coze na panela;
Oh! quem tão cruel não fôra
Que taes fallas lhe não dera!

(Ligares, 1895).

38. **O Mouro**

— Ó Mouro, se vaes á caça
Traz-me uma criada cativa,
Que não seja de lavrador
Nem de gente de villania,
Seja de condes e duques,
De gente de grande valia.
— Aqui tens tua criada,
Tua criada captiva,
Que não é de lavrador
Nem de gente de villania:
É de condes e de duques,
Gente de grande valia.
— Aqui tens, minha criada,
Chaves de minha cozinha!
— Eu as acceito, senhora,
Não é com muita alegria;
Inda hontem era condessa,
Hoje moça de cozinha!

A ama era pejada,
A moça pejada vinha;
Quis Deus e Nossa Senhora
Que dessem ambas á luz num dia;
Nas mãos das parteiras
Se lhe trocaram as crias;
Deram a femea á *reina*
E o macho á bizarria!
A ama de seus cuidados
Levantou-se mais um dia,
Foi a ver sua criada,
Sua criada captiva:
— Como estás minha criada,
Como estás, criada minha?
— Eu de hoje mais em deante
Já vou estando mais melhorzinha.
— Se estivesses em *tu* terra
Como chamavas a Anilhas?
— Chamava-lhe mar de flores
Mar de flores de Castilha,
Que assim era uma hermana,
Uma hermana qua eu tinha,
Que a roubaram os Mouros
D'um pomar que meu pae tinha,
Andando a colher rosas,
Rosinhas d'Alexandria.
— Tu agora se a visses
Inda a conhecerias?
— Eu não a conheceria
Que inda era pequenina;
Pelos sinaes que ella tinha
Ainda a conheceria:
No seu peito direito
Uma rosa branca tinha.
— Pelas novas que me dás
Sois uma *hemana* minha;
Hermana como hermana
Vamos nós para Castilha?
— Como me hei de ir sem o conde,
Sem a sua bizarria?!

— O conde já está no Ceu
Permitta a Virgem Maria.

— Venhas embora, ó Mouro,
Boa seja a tua vinda!
A criada que trouxeste
Foi uma hermana minha.
— Se ella é nossa hermana
Tratae-a com alegria;
Se ella quiser ser casada
Eu tambem a casaria,
Ou se quiser ser freira
Eu tambem a metteria.
— Ella não quer ser casada
Não tambem freira mettida
Só quer que vós a leveis
Á sua terra de Castilha.
— Todas as vontades vos faço
Só essa vos não faria!

(Maçores, 1897).

39. Dom Martinho

(Cfr. n.º 65)

Dom Martinho vindo da guerra:

— *Malo* hajas tu, mulher,
E *maila* tua condição!
Sete filhas que tivemos
Nenhuma saiu varão!

A filha mais velha:

— Cale-se lá, ó meu pae,
Não nos bote a maldição;
Que eu irei para a guerra
A servir de capitão.
Tendes lo cabello grande,
Filha, vos conhecerão!
— Dê cá uma tesoura,
Verá-o cair *ó* chão!
Tendes los olhos fagueiros
Logo vos conhecerão!
— Quando olharem para mim
Lançarei-os ó chão!
— *Tendes lo* peito grande,
Filha, logo vos conhecerão!
— Dê-me cá uma casaca
Do mais fino camellão.

Na guerra, um official:

— Os olhos de D. Martinho,
Ó minha mãe, matar-m'hão;
O corpo de homem parece,
Os olhos de mulher são.
Roga-a tu, ó meu filho,
Para ella ir á tenda;
Se ella mulher for,
Ha de inclinar-se á renda.

Á donzella (D. Martinho):

— Oh! que facas e pistolas
Para um homem batalhar!
Oh! que fitas para damas
Quem lh'as pudera *luvar!*

— Os olhos de D. Martinho,
O minha mãe, matar-m'hão;
O corpo de homem parece,
Os olhos de mulher são.
— Roga-a tu, ó meu filho,
Para ella ir *ó* pomar;
Se ella mulher for,
Logo ha de arregaçar.
— Os olhos de D. Martinho,
O minha mãe matar-m'hão;
O corpo de homem parece
Os olhos de mulher são.
— Roga-a tu, ó meu filho,
Para comtigo dormir;
Se ella mulher for,
Não se ha de querer despir.
— Os olhos de D. Martinho,
O minha mãe, matar-m'hão;
O corpo de homem parece,
Os olhos de mulher são.
— Roga-a tu, ó meu filho,
Para ir comtigo nadar,
Se ella mulher for,
Logo se ha de arrecear.

D. Martinho, nadando:

— Sete annos andei na guerra
Servir o rei meu senhor;
Agora querem que eu nade...
Toca o potro, Leonor!

(*Depois casaram*).

(Maçores, 1898).

40. D. João

Estando D. João doente,
Com penas da sua amada,
Mandou chamar o barbeiro
Para que o desenganasse.
— Quatro horas tens de vida:
Uma já vae acabada;
Uma é de testamento,
Deixa bem por tua alma;
Outra é de sacramentos,
Hora tão bem empregada;
Outra é de despedida
Da tua querida amada.

Estando com estas razões
Sua mãe que chegava:
— Que tens D. João, meu filho,
Que estás nessa cama deitado?
— Estou n'esta cama deitado
Minha mãe não me doe nada;
Só me doe D. Isabel
Que a deixo enganada.
— D. Isabel, ó meu filho,
Com dinheiro se lhe paga.
— Deixo-lhe mil cruzados
Para que seja morgada.
Lá lhe deixo outro tanto
Para que seja casada;
Lá lhe deixo outro tanto,
Que a honra nunca é paga.

Estando com estas razões
D. Isabel que chegava.
— D'onde vens, D. Isabel,
Retrato da minha amada?
— Venho de rezar á Virgem
Que te *alga* d'essa cama.
— Se d'esta cama me erguer
Minha roseira abanada...

Agora tem trunfas d'ouro,
Calça trunfas douradas;
Assim que lhe ouviu aquillo
Puxou pelas suas galas.
— Deixa estar as tuas galas
Emquanto a hora acaba
Que te não chames viuva
Sem tu seres casada!

Virou-se para a parede
A alma a Deus entregava.

(Carviçaes).

41. Frei João

(Cfr. n.º 87)

Frei João se levantava
Um dia de madrugada;
Foi ás portas de Maria
Tocando numa guitarra:
— Abre-me as portas, Maria,
Abre-me as portas coitada!
— Como te hei de abrir as portas
Se eu já sou mulher casada?
Tenho meus filhos no collo
Meu marido está na cama!
— Teus filhos deita-os na cama,
Teu marido que vá á caça,
Que não ha melhor coelho
Que é o da madrugada!

Levantou-se seu marido
Foi para a sua caçada;
Em se o homem fora (*sic*)
Logo se ella asseava!
Calça sua meia fina,
Sua chinela dourada,
Suas ligas de seda
Que até perna lhe estalara.

Frei João quando a viu
Não corria, que saltava,
Pegou-lhe da sua mão
P'ra sua cella a levava.
Lá lhe dava pão leve,
Doces e marmellada,
Tambem lhe dava vinho
Do que ella muito gostava.
Depois que se enfadou d'ella
Mandou-a para a sua casa.
Lá no meio do caminho
Seu marido encontrava.
— D'onde vens, minha mulher,
Donde vens tão asseada?

— Venho de ouvir missa nova
Que Frei João a cantava!
— Anda cá, minha mulher,
Anda commigo para casa;
A missa de Frei João
Ha de te sair amargada...
— Eu não me temo da morte,
Todos hemos de morrer;
Só me temo dos meus filhos
Que outra mãe não podem ter!
— Se tu fosses boa mãe,
Como devias de ser,
Tu guardaras lealdade
A quem a havias de ter!
Lá te vae, minha mulher,
Direita ao coração,
Para te não tornar a ver
Nos braços de Frei João!

Passados alguns dias
Lá p'r'ás bandas de Hespanha
Morreu Frei João
Com pena da sua mana!

(Maçores).

42. A Fonte do Salgueirinho

Minha mãe mandou-me á fonte,
Á fonte do Salgueirinho;
Mandou-me lavar o jarro
Com a flor do rosmaninho.
Eu lavei-o com areia
E quebrei-lhe um bocadinho!
— O minha mãe não me bata
Com varas de marmelleiro;
Eu estou, doente na cama
Mande-me chamar o barbeiro!
— O barbeiro já lá vem
Co'a lanceta na mão,
Para sangrar a menina
Na veia do coração.

Má-lo hajas tu, barbeiro,
E mai-la tua picada,
Que sangrastes a menina
Na veia mais delicada!

— Anda cá, perra traidora,
Onde tinhas o sentido?
Não n'o tinhas na roca
Nem tampouco no sentido,
Tinha-lo naquelle mancebo
Que anda d'amores comtigo!

Minha mãe mandou-me á fonte,
etc.

(Baçal).

43. O Rouxinol

Indo-me eu por ahi abaixo,
Em busca dos meus amores,
Encontrei um laranjal
Carregadinho de flores.
Eu deitei-me á sombra d'elle,
Que me não queimasse o sol;
Levantei-me espavorida
Ao cantar do rouxinol.
— Rouxinol que tão bem cantas
Onde foste aprender?
— No palacio da rainha
Onde o rei estava a escrever.

O rei estava na varanda
E a rainha no quintal
Atirando-se um ao outro
Com pedrinhas de cristal.
Estava vendendo laranjas
Do seu rico laranjal;
As do fundo a vintem
E as do meio a real;
A do cimo alto preço,
Ninguem lhe pode chegar.

(Baçal).

44. As duas donzellas

Indo-me eu a passear
Pela tarde ás duas horas
Vira estar numa janela
Duas donzellas formosas:
Uma era muito branca,
Da sua côr melindrosa;
Outra era mais morena,
Morena graciosa.
Namorei-me da morena,
Da sua feição graciosa;

A branca desde que o soube
Logo se mostrou queixosa.
— Cale-se, senhora branca,
Não seja tão invejosa;
De preto são os cavallos
E as mullinhas corredoras.
De preto veste El-Rei
E o Padre Santo em Roma;
De preto são os ornatos
Com que a Igreja se adorna;
D preto era o manto
Da Virgem Nossa Senhora.

(Baçal).

45. Albaninha

(Cfr. n.os 25, 60 e 80)

— Albaninha, Albaninha,
Filha do Conde Alvar;
Quem te dera, Albaninha,
Tres horas ao meu mandar!
— Tres horas não era nada,
Se te não fosses gabar!

P'r'ó outro dia de manhã
O jogo se foi gabar:
— Eu dormi com uma menina,
Eu dormi com uma donzella.

Diz um irmão p'r'ó outro:
— Quem seria, oh! quem era!
Era a nossa Albaninha
Que não havia outra na terra!

Hoje lhe cortam a lenha,
Manhã a vão queimar;
— Quem me levaria uma carta
Ao Conde de Mont'Alvar?
Quem dera um passageiro
Ou um irmão que fosse leal!
— O irmão aqui o tens
Para o que quiseres mandar;
Escreve-lhe tu uma carta
Que eu lh'a vou levar!
— Tu és mui pequenino,
Não lhe saberás fallar!

— Ensina-me tu, Albaninha
Como lhe hei de fallar.
— Se estiver a comer,
Deixara-lo acabar;
Se estiver a dormir,
Dexara-lo espertar;
Se estiver a jogar,
Começarás de lhe fallar:
«Deus os ajude, senhores,
E ao Conde de Mont'Alvar».

— D'onde é esse cavalleiro
Que tão bem sabe fallar?
— Sou irmão da Albaninha
Que carta lhe venho dar:
Hoje lhe cortam a lenha
E amanhã a vão queimar.
— Não se me dá que a queimem
Nem que a vão queimar;
Tenho pena de seu ventre
Que era de sangue real!
Oh! mal-o haja taes homens
Que as sabem perder
E não as sabem resgatar!
Mal-o haja taes mulheres
Que em taes homens te vão fintar!

— Vós, como sois minha mãe,
Algum conselho me haveis de dar!
— Veste-te tu de frade
E faz a que a vaes confessar!

— Alto! alto! cavalleiros,
Que eu comvosco quero fallar:
D'onde vae essa donzella
Que inda vae por confessar?
— Ella já vae confessada
De curas e frades do logar!
— Um peccado que ella leva
A mim m'o ha de confessar.

Agarrou-a pela mão,
Levou-a para o pé do altar;
— Tens dormido com alguem
De gosto ou de gozar?
— Sómente foram duas noites
Com Carlos de Mont'Alvar:
Uma fôra do meu gosto
E outra de meu gran pesar!

— Dá-me um beijo, Albaninha,
Que eu te queria beijar!
— Ou vós sois meu amor,
Ou não sabeis confessar!
— Eu sou o teu amor,
Da morte te vim livrar.

— Quedem-se com Deus, senhores,
Justiça d'este logar;
Que a donzella era minha
Eu com ella quero casar!
— Se a levais bem levada
Vem cá que t'a hei dotar;
Se a levaes mal levada
Deus não t'a deixe gozar!

Oh! paes que queimaes as filhas,
Bom dote lhe quereis dar!

(Baçal).

46. O caçador

(Cfr. n.os 31, 37 e 75)

A caçar vae o caçador,
A caçar onde *solia,*
Seus perros leva cansados,
Seu falcão perdido ia.
Arrumou-se a um roble
Dos mais altos que 'hi havia;
Vira estar uma donzella,
Vira estar uma menina:
— Que fazes ahi, donzella,
Que fazes ahi, menina?
— Estou cumprindo sete fados
Que me deitou minha madrinha!

O pêlo da sua cabeça
Todo o roble cobriam;
Os olhos da sua cara
Todo o mundo relumbriam;
Os dentes da sua boca
A alva neve pareciam:
Hoje se cumpriram os annos
E amanhã se acaba o dia.

— Baixa-te d'ahi, donzella,
Baixa-te d'ahi, menina,
Levar-te-hei no meu cavallo
Ou nas ancas, ou na cilha.
— Nas ancas não, cavalleiro,
Porque é gran descortesia;
Na cilha sim, cavalleiro,
Que é honra tua e minha (*mia?*).

Lá no meio do caminho
A *ninha* se lhe sorria.
— Porque te ris, ó donzella,
Porque te ris, ó menina?
— Rio-me do cavalleiro
E da sua cobardia,
Achar a *ninha* no monte
E guardar-lhe cortesia!
— Volta, volta, meu cavallo
Que a espada se me olvida.
— Não voltes não, cavalleiro
Não uses de tyrannia,
Que se a espada era de prata,
Meu pae d'ouro t'a daria?
— Quem era esse teu pae
Que tanto ouro tenia?
— Meu pae é um rei mouro
Minha mãe é Constantina.
— Pelas novas que me dás
Tu és uma *hermana mia!*

— Abra-me as portas, meu pae,
Abra-m'as com alegria
Cuidei de trazer uma esposa
Trago uma hermana mia.

(Baçal).

47. O valdevinos

(Cfr. n.º 14 [1])

Quedos, quedos, cavalleiros,
Que El-Rei vos mandou contar!
— Aqui falta Valdevinos
Com seu cabello [2] real.

---

[1] Na *Rev. Lusitana*, VIII, 76.
[2] Na outra versão (n.º 14): «cavallo».

Não o achastes vós menos
Nem á ceia nem ao jantar?
Achaste-lo agora menos
Em parte de mau pesar[1].

Sete sortes lhe botaram
Para o ir buscar;
Todas sete lhe tocaram
Ao velho de seu pae.
Tres lhe tocaram de sorte
E quatro de falsidade.

— Deus vos guarde! ó almas brancas,
Viste-lo aqui passar?
— Esse cavalleiro, senhor,
Morto está no areal;
Tres chagas tem em seu corpo,
Todas tres de homem mortal:
Por uma *le* entra o sol,
Por outra o luar.
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar,
Com as asas estendidas
Sem as ensanguentar!

Por mandado do senhor,
Cavallo, has de fallar;
Pedi-lhe sopas de vinho
E elle não m'as quis dar;
Cebada não a havia
Nem logar de no-la dar;
Eu guardei o, resguardei-o,
Não n'o pude resguardar
Até que ao sangue dos mouros
Nos viemos a afogar.

(Baçal).

48. O Moirito

Moirito, se vaes a França,
Mouro, traz-me uma captiva;
Nem parenta nem irmã,
Nem gente que seja minha.

O conde e a condessa
Ambos vão de romaria
A pedir ao Deus do Ceu
Que lhe desse filho ou filha,
Para que herdasse sua fazenda,
Que herdeiros não os tinha;
Puseram-se a descansar
Á sombra d'uma oliva.
A condesa, como nova,
Logo se ficou dormida;
Levantou-se a condessa
Logo mui despolvorida:
— Que a ti te matam os Mouros
E a mim me levam captiva.

A palavra não é dita
Brincavam Mouros em cima.
— Por Deus vos pido, ó Mouros,
Por Deus ou Santa Maria,
Que não me mateis o homem
Nem a mim me leveis cativa.

Ou por Deus ou pela Virgem
Ambas pariram num dia:
A escrava traz um menino,
A rainha uma menina.
As parteiras eram falsas
E trocados os traziam.
Levantou se a rainha a vê-la
De tres dias parida.
— Porque choraes, minha escrava?
Porque choraes escrava minha?
— Choro pela Fé de Christo
Para baptizar a menina!
— Se estiveras na tua terra,
Que nome lhe porias?
Havia de lhe pôr
Branca Flor d'Alexandria.
Chama-se assim minha mãe,
E uma irmã que eu tinha,
Que a captivaram os Mouros
Dia de Pascoa florida,
Estando colhendo rosas
Para a Virgem Maria.
— Pelos sinaes que me dás
Tu és uma irmã minha.

---

[1] Variante: «açar» (i. é, «azar»).

— Perro Mouro, perro Mouro,
Perro mouro da perraria,
Tu mataste meu cunhado
Trazes minha irmã captiva.
— Se matei a teu cunhado,
E porque não o sabia;
Se captivei tua irmã
Porque não a conhecia!

(Baçal).

49. Romance da segada

— Quem me dera naquelle monte,
Naquelle monte ou naquelle valle!
Quem me dera mais acima
Nas casinhas de meu pae!
— Se isso é, ó minha filha,
Pega na capa e vae-te.
— Em vindo meu marido
Quem lhe porá de jantar?
— O teu marido em vindo
Eu lhe porei de jantar;
Da caça que elle trouxer
D'ella te hei de guardar;
Da perdiz um bocado,
Do coelho a metade.

— Onde foi minha esposa
Que não me põe de jantar?
— Tua esposa, meu filho,
Foi para casa de seus paes
A mim me chamou perra velha
E a ti filho de mau pae.

— Vinde aqui, ó meus criados,
Aquelle que for mais liberal,
Apparelhe-me o meu cavallo,
Aquelle que melhor andar
Aperta a cilha mestra
E alarga o peitoral.

— O cavallo do meu Lourenço
Já o ouço rechinar.
Vae tu, ó irmão mais velho,
Vae o á porta esperar.

— Novas tenho, meu cunhado,
Novas tenho para te dar:
Tendes um filho varão,
Vêde como lhe haveis de chamar?
— Para os gostos que eu tenho nelle,
Quer o tenha quer não;
A mulher que o pariu,
Ou o criará ou não.

O menino de tres dias
Começou a fallar:
—A mim me chamem Umbelino,
Eu ainda estou por batizar!

— D'onde está minha mulher
Que a quero levar?
— Parida de tres dias
D'onde a quereis levar?
— Paridinha de tres dias
Assim a hei de levar.
— Cale-se lá, ó minha mãe,
Termine de se calar,
Que a mulher que é bem casada
Faz o que seu homem lhe mandar!

— Arruma-me aquella ermida,
Que me quero confessar;
O cavallo era branco
E agora branco já vae.
. . . .

(Baçal).

50. Manhanas de S. João

Manhanas de S. João,
Pelas manhãs do alvor,
Todos os criados vão
Visitar o seu senhor;
Só eu sou um triste coitado
Que aqui estou nesta prisão:
Não sei quando é dia,
Nem quando arraia o sol;
Se não são 3 passarinhos,
Que me cantam no alvor:
Uma era a calhandrinha,
Outra era o rouxinol;
Outra era o pintasirgo,
Que inda canta melhor.

(Vinhaes).

51. Dona Francisquinha

(Cfr. n.os 34, 83, 94 e 99)

Estando D. Francisquinha
No seu balcão assentada,
Fiando e torcendo seda
Viu vir um cavalleiro
Áquella serra de Estrella
Atreveu-se a précurar-le:
—Que vae de novo na guerra?
—Menina que tal précura
Alguma coisa trae nella.
—Trago lá o meu marido
Ha sete annos que anda n'ella.
—Diga-me, ó minha senhora,
Que senhas elle levava.
Levava cavallo branco
Com sua sella amarella,
Na ponta da sua espada
Rica bandeira de guerra.
—Esse sujeito, senhora,
Lá o vi morrer na guerra;
Trás d'uma trovisqueira
Sete facadas lhe deram.

—Vinde cá, ó minhas filhas,
De luto vos vestirei.
Pois veio-me á noticia
Que vosso pae tinha morrido!

—Quanto *dérein*s, vós senhora,
A quem vo-lo aqui trouxera?
—Dava-vos tantas ovelhas
Como no ceu ha de estrellas,
—Não quero as vossas ovelhas,
Não me pretendem a mim;
Que sou soldado de El-Rei
Ande d'ahi para alli!
Quanto dereins, vós senhora,
A quem vo-lo aqui trouxera?
—Tres moendas que eu tenho
Todas tres vo-las eu dera:
Uma era de moer cravo,
Outra de moer canella,
Outra de moer pão alvo
Para o reino de Castella.
—Não quero as suas moendas
Que não me pretendem a mim;
Que sou soldado de El-Rei,
Ande d'ahi para alli.
Quanto dereins vós, senhora
A quem vo-lo trouxera aqui?
—Tres filhas que eu tinha
Todas tres vo-las eu dera:
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
E a mais bonita d'ellas
Para comvosco casar!
—Não quero as vossas filhas
Que não me pretendem a mim,
Que sou soldado d'El-Rei,
Ande d'ahi para alli.
Quanto dereins vós, senhora,
A quem vo-lo trouxera aqui?
—Já não tenho mais que dar
Nem vós mais que me pedir!
—Ainda tendeins mais que dar
E eu mais que vos pedir:
Tendes o vosso corpo gentil!
—Cavalleiro que tal diz
Deve de ser arrastado
Ao rabo do meu cavallo
Ao redor do meu jardim!
—Não farieins não, senhora,
Que terieins dó de mim!

—Levantem-se os meus criados
Vamos-lhe fazer assim.
—O anel de sete pedras,
Que partimos no jardim,
Mostra-me a tua ametade,
Que a minha vede-la aqui!
—Já me não finto em vós
Nem no que ides a dizer;
Vou chamar minha sogra
Que vos venha a conhecer!

(Ligares, 1898).

52. Dona Alvorea

Á porta de dona Alvórea
Nasceu uma herva mui má;
Dona Alvórea buliu nella,
Logo se sentiu pejada.

—De que mira meu pae,
De que tanto me mirava?
—Miro-te, ó minha filha,
Que me pareces pejada.
—Não é isso, ó meu pae,
É a saia mal talhada.

Mandou chamar dois alfaiates
Em que elle mais confiava.
—Digam-me, ó senhores mestres
Que erro tem esta saia?
—Esta saia não tem erro,
Nem tão pouco mal talhada,
A menina que a *trái*
Nos parece pejada.

—Que levas ahi, sobrinho,
Na ponta da tua capa?
—Levo peras e maçãs
Para dar ás desejadas.
—Dera-las a tua prima
Que tambem as precisava.

—Que levas ahi, sobrinho,
Falsete da minha casa?
—Não é isso, ó meu tio,
E um mulo que relinchava.

(LIGARES, 1888).

53. **Bernardo Francês**

(Cfr. n.º 59)

—Oh! quem bate á minha porta,
Oh! quem bate, oh! quem está ahi?
Se elle é Bernardo Francês,
As portas lhe vou a abrir;
Se elle é outro magano,
Já se pode d'ahi ir.
—Esse mesmo sou, senhora,
Se lh'as quer mandar abrir.
—Levanta-te, minha criada,
As portas lhe vae a abrir.

—Levante-se a senhora
Com elle vem a dormir!
—Quem me apaga *mi* candil
Melhor me matara a mim!
—Não a matara, não, senhora,
Que lhe quero mais que a mim.

Agarrou-le pelo braço
E deitou-o ao par de si.
—Olá Bernardo Francês
Oh! triste nunca de mim!
É meia noite em ponto
E tu sem te virares para mim!
Se tens medo a meu pae,
É velho, não vem aqui;
Se tens medo a minhas irmãs,
Embarcaram ó Madril;
Se tens medo a meu marido,
Foi a uma romaria;
As balas lá o trespassem
As novas me venham a mim!
—Não tenho medo a teu pae,
Que é velho, não vem aqui;
Nem tão pouco as tuas irmãs,
Que são cunhadas minhas;
Tão pouco a teu marido,
Que o tens ao par de ti!
—Se elle é o meu marido,
Quero-lhe mais que a mim;
Se elle é o meu marido,
Oh! desgraçada de mim!
—Cal'-te lá, perra cachorra,
Não me enganes tu a mim;
Deixa la vir amanhã,
Deixa-la vir, sim, sim[1]...

—Olá Bernardo Francês
Oh! triste nunca de ti!
A tua dama é morta
É morta que eu bem na vi!
—Como isso póde ser,
Se eu inda honte le escrevi?
—As sanhas que ella luvava
Eu t'as digo já aqui:

[1] Variante:
La virá de madrugada,
Que tu dirás: ai de mim!

Vestiu-le[1] saia de seda,
Casaco de carmesim,
Gargantilha colorada,
Porque o causou assim.
O caixão que ella levava
Era de pau de marfim;
Os padres que le cantavam
Eram mais de trinta mil;
As velas que le alumiavam
Não tinham conto nem fim;
As damas que le choravam
Todas le diziam assim:
«Lá vae dona Francisquinha,
«A melhor flor do jardim!»[2]
— Onde se vae a enterrar?
— Ao convento de Sendim.

— Voa, voa, meu cavallo,
Quanto puderes voar;
Ao convento de Sendim
Havemos de ir descansar!

— Abre-te lá, copla d'ouro,
Abre-te, copla dourada,
Que eu quero entrar lá dentro
A ver a minha namorada!
Dá-me uma falla, Francisca,
Que é o que espero de ti!
— Bocca com que te beijava
Já não tem gosto em si;
Braços com que te abraçava
Já não tem forças em si!
As filhas que tu tiveres
Ensina-as melhor que a mim!
Que se não morram por homens
Como eu me morri por ti;
Agora estou em penas eternas
Tudo por amor de ti!

(LIGARES, 1898).

54. O Canario

Certo dia fui á caça
Lindo canario cacei;
Fui-o levar de presente
Á filha do nosso rei.
Ella ficou contente
Que nem uma brasileira;
Mandou-le fazer a gaiola
Da mais fininha madeira.
Depois da gaiola feita
O seu canario metteu dentro,
Quer de dia, quer de noite,
Era o seu advertimento.
O canario adoeceu
Com grandes constipações;
Ella mandou-le formar uma junta
De vinte e um cirurgiões.
Os cirurgiões eram velhos,
Nenhum *le* deu com cura;
Ó fim de vinte e quatro horas
O canario foi p'ra sepultura.
Morreu o triste canario
Já lá vae para o deserto!
Coitadinho do canario
Levava o bico aberto!

(LOUSA, 1898).

55. O Rei e a donzella

Por aquella serra acima
Vae uma linda donzella:
Vestido leva de seda
Forrado de primavera;
Sapatos leva de prata,
Por cima linda fivela;
Leva touca alemtejana,
Á moda da sua terra.
El-rei assim que a viu
Levantou-se e foi trás d'ella.
— Mal me parece, senhora,
Sózinha por esta serra
— Mais mal parece a el-rei
Levantar-se e vir trás d'ella;
Indas que que eu venho sózinha
Meu marido atrás queda.
— Não teme mouro nem moura
Nem teme a paz nem *na* guerra.

[1] Variante: «levava».
[2] [Allusão ás *choradeiras*: cfr. as *Trad. Pop. de Portugal,* p. 243 sgs. — J. L. DE V.]

—Tu és rei dos teus vassallos
E elle é do ceu e da terra.

(VINHAES).

56. **Cruelvento**

Cruelvento, cruelvento,
Ó roubador maioral,
Tu roubastes tres milhões
Ó reino de Portugal;
Tu roubastes tres donzellas,
Todas de sangue real;
Matastes um padre de missa
Revestido *ó* altar.
—Se roubei os tres milhões,
Inda os tenho para os dar;
Se roubei as tres donzellas,
Tenho dote para lhes dar;
Se matei padre de missa,
Deus me queira perdoar!
—Vae-te embora, Cruelvento,
Lá para essas ondas do mar.

(VINHAES).

57. **O Padre Sacrilego**

Lá no alto d'aquella serra
Vive um rico lavrador;
Tem uma filha mui linda
Linda é como o sol!
Namorara-lh'a um crelgo
Um crelgo lh'a namorou.
Sete annos andou com ella
E nem um se confessou.
Ó cabo de sete annos
Para a igreja caminhou.
—Que fareis ahi, sacerdote,
Que fareis ahi, peccador?
—Estou para dizer missa,
Para consagrar, senhor!
Nem estás p'ra dizer missa
Nem para consagrar, senhor;
Estás para ir para o inferno
Para lá te manda o Senhor.

(VINHAES).

58. **O Conde Anninho**

Lá se vae o Conde anninho,
O seu cavallo vae banhar;
Emquanto o cavallo bebe
Armou-lhe um rico cantar:
«*Bibe, bibe,* meu cavallo,
Deus te defenda do mal,
Dos perigos do mundo
Ou das areias do mar».

—*Recordae,* bella infanta,
Se quereis ouvir cantar:
Ou são *nos* anjos no ceu,
Ou a serena no mar.
—Nem são *nos* anjos no ceu,
Nem *na* serena no mar.
«Pois se elle é o Conde Anninho,
Eu o mandarei matar!
—Se mandais matar *lo* Conde,
A mim mandae-me degolar;
Quando eu for para a igreja
A mim vinde-me a buscar.

Um enterrou-se nas portas
E o outro ó pé do altar.
D'um nasceu um *arcipreste,*
Do outro um pinheiral.
Um cresce e *ó* outro cresce,
Ambos se vão a beijar.
Quando o rei ia p'ra missa
Não *no* deixaram passar.
O rei que aquillo viu
Logo os mandara cortar;
Um botava leite escrito (*sic*),
E *ó* outro sangue real;
D'um nasceu uma pombinha
Do outro um pombo trocal;
Um voa e *ó* outro voa
Lá p'r'á outra banda do mar.
—Malo hajas tu, ó rei!
Que par mandastes matar!
Nem na vida nem na morte
Se puderam apartar!

(VINHAES).

59. **João de França**

(Cfr. n.º 53)

— Valha-me Nossa Senhora
E *ó* milagroso São Gil;
Que cavalleiro é este
Que me não deixa dormir?
— João de Franca sou, senhora,
Que aqui ficara de vir!
— Se tu és o João de França,
As portas te eu vou abrir!

Chegou *ó* meio da escada,
Apagou-se-lhe o candil;
Pegara-lhe pela mão,
Ajudara-o a subir.
Levara-o para o seu quarto,
Ajudara-o a despir;
Deitara-o na sua cama,
Ajudara-o a cobrir.
Deitara-se *áo* par d'elle
Para ambinhos dormir.
— João de França, João de França,
Tu não eras assim;
Meia noite vae andada
Sem te virares para mim:
Se tens medo *ós* meus criados,
As chaves tenho aqui.
— Não tenho medo *ós* teus criados,
Que não são homens p'ra mim!
— Se tens medo *ó* meu marido,
Largas terras está d'aqui.
— Não tenho medo *ó* teu marido
Que o tens *ó* pé de ti!
— Se tu és o meu marido
Mata-me já aqui!...
— Eu matar não te mato,
Que te mate quem te criou;
Vou-te levar *ó* teu pae
Que veja a filha que me *dar!*
— Que culpa terá meu pae
Os males que a filha causar?
Emquanto fui de meu pae
Muito bem me regulou
Dès que vim p'r'á tua mão
O mimo me derramou.

(VINHAES).

60. **A Palombinha**

(Cfr. n.ºs 25 e 45)

— Palombinha, ó Palombinha,
Que mal soubestes a palombar!
Hoje te cortam a rama
E amanhã te vão queimar.
— Tanto me dá que me cortem,
Como que me vão queimar!
Só me dá por meu ventre,
Nelle anda sangue real!
Quem me dera aqui um primo,
Ou um parente real,
Que me *levasse* uma carta
Ó conde de Mont'Alvar!
— Primo aqui o tens
Onde o *queredes* mandar?
— Mas tu és muito nòvinho,
Não lhe saberás fallar!
— Pois eu por ser novinho
Hei de lhe saber fallar.
— Se o achardes jantando,
Deixarei-*lo* vós jantar;
Se o achardes dormindo,
Deixarei-*lo* vós descansar;
Se o achardes jogando,
Deixarei-*lo* vós ganhar;
Se o achardes com damas,
Deixarei-*lo* conversar;
Se o achardes passeando,
Principiae de lhe fallar:
«Deus *lo* guarde, senhor,
«E *lo* queira guardar!»

— D'onde *era lo* menino
Que é tão cortês no fallar?
— Sou primo de Palombinha,
Carta venho a entregar.

Principiou de ler a carta,
Começara de chorar,
Chamou pelos seus criados,
Por aquelle mais liberal.
— Apparelha-me o cavallo,
O mais forte no andar;
Jornadinha de tres dias
Em tres horas se ha de andar!

Chegou á borda do palacio,
Já a levavam queimar.

—Pare ahi a Justiça
E as varas da irmandade.
Essa dama, que ahi vae,
Ella vae por confessar.
—Ande, ande *la* justiça
E as varas da irmandade,
A dama que aqui vae
Ella não vae por confessar;
Já a confessou um frade
E *ó* cura d'este logar:
Ande ser *los* seus amores,
Que a querem resgatar.
—Pare, pare *la* justiça
E á vara da irmandade,
O peccado d'essa dama
A ninguem *no* pode confessar;
Eu, que sou um sacerdote,
Tenho de lhe fallar!

Pegou esporas *ó* cavallo
Adonde ella pôde chegar;
Pegara-lhe pela mão,
Pousara-a no cavalgar;
Olhos que a viram vir
Não na viram cá voltar!

(VINHAES).

61. Historia de Santa Helena

(Cfr. n.os 32 e 63)

Por aquelles campinhos
Linda romeira *venia;*
Sua saia leva baixa
As hervas a reprehendiam.
Veio por alli um cavalleiro
De amores a pretendia:
—Peço-te, ó bom cavalleiro,
Por Deus e Sancta Maria
Que me deixes ir honrada
A cumprir a romaria!

Sete leguas a levou
Nenhuma falla lhe dizia;
Ó cabo de sete annos
O cavalleiro lhe *prèguntou:*
—Como se chama a menina
Como se chama a minha alma?
—Em casa de meu pae
Chamo-me Helena estimada;
Nas mãos de ti, cavalleiro,
Sou Helena desgraçada.

Lá no meio do caminho
O cavalleiro a commettia;
Ella como mui discreta
Dissera-lhe que não queria.
Puxou por um punhal de ouro,
O coração lhe partira.
Ó cabo de sete annos
O cavalleiro por alli tornara.
Vira estar uma ermida,
Vira estar uma orada.
Encontrou um pastorzinho
Que o seu rebanho guardava:
—Quem fez esta ermida,
Quem fez esta orada?
—Senhora Santa Helena
Que um cavalleiro matára!

—Meus amores primeiros,
Perdoae-me a vossa morte
Que eu serei vosso romeiro.
—Como te perdoarei eu,
O lobo, ó carniceiro,
Que fizestes á minha cabeça
O que o lobo faz *ó* carneiro?
Vae-te para trás do altar
Servirás de candieiro.

(VINHAES).

62. Um cavalleiro

Estando eu á minha porta
Cosendo e lavando seda
Vira vir um cavalleiro
Junto á Serra Morena.
Atrevi-me e prèguntei-lhe:
—Cavalleiro, vem da guerra?
—Da guerra venho, senhora.
Vós a quem trazeis nella?

— Trazo lá o meu marido;
Sete annos ha que anda nella;
O cavallo era branco
E *á* sella verde amarella,
O cavallo era branco
E *á* crina d'uma donzella.
— Esse soldado, senhora,
Morto ficara na guerra.
— Malohaja o cavalleiro,
Que taes novas me trouvera;
Vae para minha casa
Cerrar portas e *jinelas;*
Eu me vou vestir de luto
E *ás* minhas filhas de terra;
Eu lhe vou fazer por alma
O que elle por mim fizera.
— Ande cá, minha senhora,
O seu marido este era!
— Se tu és lo meu marido
Para que me dás tanta guerra?
— Pois eu inda vim a buscar
A quem deixei nesta terra;
Porque a honra das donzellas
Anda de terra em terra;
É comò copo de vidro:
D'onde bate logo quebra.

(Vinhaes).

63. A rica Armada

(Cfr. n.os 32 e 61)

Estando eu á minha porta,
No meu jardim assentada,
Botei os olhos *ó* longe
E vi vir uma rica armada.
Capitão que nella vinha
Muito bem a commandava.
— Marido que Deus me deu,
Se virá naquella armada!
— Dae-me uma *sina,* senhora,
Que eu vos direi d'onde estava.
— O cavallo era branco
A sella verde dourada;
Nos copos da sua espada
O seu retrato levava.
— Este soldado, senhora,
Morto na guerra ficara!
Malohaja o cavalleiro
Que tão ruins novas me *dava!*
Eu me vou para minha casa
A fazer-lhe bem por alma.
— Ande cá, minha senhora,
Seu marido aqui está!
— Se tu eras meu marido
Porque tanta guerra me dava;
Pois eu nunca me esqueci
De quem nesta terra deixara.

(Vinhaes).

64. Historia do velho

Da igreja vem o velho
Da igreja de rezar;
Seus filhos leva pela mão
E a mulher vem de enterrar.
Da igreja até casa
Não cessava de chorar.
Respondeu-lhe a filha mais velha:
— Calemos meu pae, calemos,
Dou a Deus tanto chorar!
Eu criarei meus irmãos
Como os devo de criar:
Uns irão a servir *ó* rei,
Outros passarão no mar;
Eu serei como *á* maçã
Que fica no *maçanal;*
Um tira e *ó* acto tira
Sem na poderem pinchar.

(Vinhaes).

65. Dom Martuchinho

(Cfr. n.º 39)

— Triste de mim que estou velho
As guerras me acabarão!
Malohajas tu, *ó* Helena,
E *mai-la* tua geração!
Sete filhas que tivestes
Sem sair nenhuma varão!

Respondeu-lhe a filha mais velha:
Como mulher de razão:

— Calemos, meu pae, calemos,
Não deite tal maldição
Que eu irei servir *ó* rei
Entre França e Aragão.
— Tendes *los* olhinhos pretos,
Filha, te conhecerão.
— Os olhinhos, ó meu pae,
Inclinam-se para o chão.
Tens *los* peitinhos grandes,
Filha, te conhecerão.
— Fazem-se as fardas mais largas,
Que ellas me encubrirão,
Tendes o pé pequenino,
Filha te conhecerão.
— Fazem-se as botas mais largas,
Que ellas me encubrirão.

Sete annos andou na guerra
Camarada de um capitão.
O cabo de sete annos
Desconfiou o capitão.

— Minha mãe, minha mãezinha,
Minha mãe do coração,
Os olhos de Martuchinho
De mulher são, que de homem não.
— Convida-*la,* ó meu filho,
Para um dia ir jantar:
Põe-lhe bancos altos e baixos
P'ra ver onde se vae sentar.

Preparou-se *ó* jantar,
Convidou-a para se sentar.
E ella como discreta
Ós altos se foi sentar.
O capitão não satisfeito
Continuou a desconfiar:
— Minha mãe, minha mãezinha,
Minha mãe do coração,
Os olhos de Martuchinho
De mulher são, que de homem não.
— Convida-*la,* ó meu filho,
Para ir passear á praça
A ver *las* joias de lá;
Pois ella se mulher for,
Ás joias se ha de inclinar.

Logo para o outro dia
Se foram a passear,
Mostrou-lhe joias e espadas
E lindos ferros de engommar.
Andando e passeando;
Tratavam de passear:
— Oh! que lindas joias de ouro
P'ra damas se assear!
Aqui ver tão lindos ferros
Para damas engommar!
— Oh! que lindas espadas fortes
Para cá mouros brigar!

Recolhera-se para casa
Muito triste, sem fallar:
— Minha mãe, minha mãezinha,
Minha do coração,
Os olhos de Martuchinho
De mulher são, que de homem não!
— Convida-*la*, ó meu filho,
Para *ó* rio ir nadar,
Pois ella se mulher for,
Logo se ha de acobardar.

Logo *ó* dia seguinte
Trataram de ir passear;
Chegaram para o rio
Trataram de ir nadar.
O capitão, como fino,
Mandava-a desfardar.
— Entre lá, meu capitão,
Que tem no primeiro logar;
Eu, como seu camarada,
Tenho de o acompanhar.

O capitão desfardou-se
E trata de ir a nadar;
O camarada ficou-se
E queria-se desmaiar.
O capitão saiu do rio,
Teve que o levantar;
Vieram-se para casa
E trataram de se deitar.
— Minha mãe, minha mãezinha,
Minha mãe do coração,
Os olhos de Martuchinho
De mulher são, que de homem não!
— Convida-*la,* ó meu filho,
Para ambos ir dormir,
E tu não deixes tomar o somno
Sem ver o que d'alli sair.

Deitaram-se par em par
E não puderam dormir.
Logo *á pela manhã*
Tratar de se despedir
— Adeus, ó meu capitão,
Eu já o não posso servir;
Vou-me para minha casa
A guerra não posso resistir.

(VINHAES).

66. O Conde de Allemanha

(Cfr. n.º 79)

Casae-me, meu pae, casae-me,
A idade me requeria;
Pois as outras do meu tempo
Homens e filhos já tinham.
— Pois nesta terra não ha
Homem de tanta valia!
— Pois esse Conde de Allemanha
Muito bem me serviria.
— Mas esse Conde de Allemanha
Filhos e mulher já tinha!
— Mandae-m'o chamar, meu pae,
Para vir jantar um dia.

Inda no meio do jantar
A princesa se sorrira:
—Não te lembras tu, ó Conde,
Dos brinquinhos de algum dia?!
— Se isso é, ó minha filha,
A tua honra está perdida!

— Conde, matae a condessa,
Casae com minha filha!
— Como a hei de matar,
Se a morte m'a não merecia?
— Se tu isso não fizeres
A vida te custaria.

Fôra-se o Conde para casa
Mui triste de sua vida;
Puseram lhe de comer
Com a pena não comia,
Com as lagrimas nos olhos,
Onde a voz a amollecia.

— O que me dás de tristezas
Podes-me dar de alegria.
— Como t'a daria eu,
Esposa da minha vida?
El-Rei manda que te mate,
Eu que lhe case co'a filha!
— Esse ladrão d'esse rei
Rixas traz com gente minha;
Já mandou matar meu pae
E a um *hermano* que eu tinha!

Deu uma volta á sala
E voltou pela cozinha:
— Adeus moças, adeus aias,
A quem eu tanto *lo* queria!
Mandae chamar um barbeiro
Que me abra uma sangria,
Para me *estinhar* o sangue
Antes que amanheça o dia.
Anda cá, ó meu menino,
Mama o leite da amargura;
Amanhã já estarei morta,
Já me levam á sepultura!

Caiu uma carta do ceu,
Por Deus fôra escrevida;
O rei já era *mórto*
E a princesa sua filha.

(VINHAES)

67. O conde de Torres

(Cfr. n.os 82 e 93)

Lá se vae o Conde de Flores,
C'os Mouros vae batalhar;
A condessa era mui nova,
Não cessava de chorar.
— Se eu tardar por aqui sete annos,
Tornarás-te a casar.

Sete e sete são quatorze,
Lembra-lhe de se casar.
Tambem lhe lembrou *ó* Conde
Para a sua terra voltar;
Chegou *ó* meio da serra
Encontra uma vacada;

Chamou pelo pastor d'ella,
Respondeu-lhe o azagal:
— De quem é esta vacada
Que de golpe tem o sinal?
— Ella era do Conde de Torres,
Deus me *lo* deixe voltar!
Agora é do Conde de Flores,
Deus m'a não deixe gozar!
— Que te fez *el* Conde
Que lhe rogas tanto mal?
— Soldadinha de sete annos
Não me *la* quer pagar.
— Guarda tu, ó partorzinho,
Que eu t'a hei de pagar.

Á entrada de uma villa,
Á saida de um logar,
Vira estar tres lavadeiras
Num ribeiro a lavar:
— Deus as guarde, senhoras,
Deus *las* queira guardar!
— D'onde é o cavalleiro,
P'ra tão cortês nos fallar?!
— Eu sou filho da do meio
E das outras primo carnal.
— Se tu eras o meu filho,
Uma signa me has de dar!
— Que é das minhas bolas de ouro
Com que aprendi a jogar?
— As tuas bolas, meu filho,
Guardadas te hão de estar.
— Que é *lo* meu lindo cavallo
Onde eu ia a passear?
— O teu cavallo, meu filho,
Na estrebaria ha de estar!
— Que é *la* minha esposa linda
Que se chama Guiomar?
— A tua esposa, meu filho,
Hoje se vae a casar!
— Adeus, adeus, miha mãe,
Que eu a vou resgatar!
— Não vás lá, ó meu filho,
Que te poderão matar!
— Matar a mim não me matam,
Que lhe hei de saber fallar!

Chegou á porta da igreja,
Estava para se casar.
— Onde está a minha esposa,
Que se chama Guiomar?
Aqui vem *no* seu marido,
E vem para a *luvar*,
Pois tem a pose antiga
E ninguem m'a pode tirar.

(VINHAES).

68. A Delgadinha

(Cfr. n.os 28 e 78)

— Delgadinha, Delgadinha,
Delgadinha, *la* Delgada;
Queres tu, ó Delgadinha,
Ser a minha namorada?
— Não permitta Deus do ceu
De eu ser sua namorada!

Mettera-*la* Delgadinha
Lá numa torre fechada.
A comida que lhe dava
Era sardinha salgada;
A *bubida* que *le* dava
Era agua de pescada.
Delgadinha co'a sêde
Subiu-se a uma *ventana;*
Vira estar um seu irmão
Na praça jogando espada.
— Ó meu irmão, se o *sondes*,
Dae-me uma pinguinha de agua!
— Muito te daria eu
Se meu pae me não ralhara!

Delgadinha co'a sêde
Subiu-se a outra *ventana;*
Vira estar a sua mãe
Cosendo numa almofada:
— Ó minha mãe, se o *sondes,*
Dae-me uma pinguinha de agua!
— Muito t'a daria eu,
Se com ella te matara!

Delgadinha co'a sêde
Subiu-se a outra *ventana,*
Vira andar seu pae
Passeando pela praça:

— Ó meu pae, se o sondes,
Dae-me uma pinguinha de agua!
— Muito t'a daria eu,
Se fosses minha namorada!
— Não permitta Deus do ceu,
De eu ser sua namorada![1]

Fôra-se El-Rei para casa
Dar parte *os* seus criados.
— O que de vós for mais ligeiro,
Leve agua á Delgadinha
Que está na torre fechada.
O primeiro que lá chegar...

(Vinhaes).

69. D. Thomasia

Dois filhos tenia o rei,
Ambos lindos como a prata:
O mais novo d'elles todos
Dom Basinho se chamava.
Querendo elle tomar amores
Com sua propria *hermana,*
Pela não poder vencer,
Fez-se doente de cama.
Madrugou seu pae a vê-lo
Numa doce *manhana.*
— Como estás, ó Dom Basinho,
Ó filho da minha alma?
— Que estou muito doentinho[2].
Doente sem comer nada!
— Que comeras, Dom Basinho,
Que comeras, que eu t'o *dara?!*
— Comera um guisadinho
Feito por mãos de Thomasia;
Thomasia que me *lo* guise,
Thomasia que me *lo* traga.
Em companhia de Thomasia
Não venha nenhuma alma.

Lá se vae dona Thomasia
Por essas salas douradas.
Numa *mão,* leva o guisado,
Na outra alvas toalhas.
Pegara no guisadinho
P'ra trás do leito o botara.
Pegara-lhe pela mão,
Em cima do leito a deitara;
Atara-lhe as suas mãos
C'uma fita encarnada;
Tapara-lhe a sua boca
C'um lenço, que ella levava;
Fizera-lhe o que elle quisera
E na cara lhe escarrava.
Justiça de Deus, justiça
Da terra não vale nada!

(Vinhaes).

70. Ditosa Donzella

Oh! ditosa da donzella!
O meu Deus tal fôra a *mia!*
Ella rezava o seu rosario
Duas e tres vezes *ó* dia.
Uma rezava-o de noite,
Outro era pelo meio dia;
Outro pela meia noite
Emquanto a gente dormia.
Estando ella rezando
Pareceu-lhe a Virgem Maria:

---

[1] O romance aqui está estropiado. Cfr. o n.os 28 e 78 neste passo.

[2] [Neste verso dá-se um curioso phenomeno syntactico, que não só se encontra noutros textos populares portugueses, mas se manifesta noutras lingoas romanicas: é ser introduzido por *que* o discurso directo. O mais natural sería: «Estou muito doentinho», ou «Disse que estava muito doentinho». Cfr. Diez, *Gram. des l. rom.*, III, 307, nota; Meyer-Lübke, *Gram. der rom. Spr.*, III, § 579; Tobler, *Mélanges de gram. fr.*, Paris, 1905, p. 331 sgs.; Vidossisch nos *Bausteine* em honra de Mussafia, p. 158. Este phenomeno é corrente em grego (com ὅτι): vid. Curtius, *Gram. della ling. greca,* § 526 nota — J. L. de V.]

— Reza o rosario, donzella,
Que bem pago te seria.
Queres tu, donzella,
Ires na minha companhia?
— Deixe-me ir a despedir
De meu pae, que já dormia.
Recorde[1] lá, ó meu pae,
Recorde com alegria;
À porta da minha cella
Está a Virgem Maria.
Ella quer que eu vá para o ceu,
Para a sua companhia.
— Deus vá na vossa companha
E fique tambem na *mia*.

(Vinhaes).

71. O Mouro

(Cfr. n.º 91)

— Canta Mouro, canta Mouro,
Canta pela tua viola!
— Como cantara, senhora,
Se eu em ferros não podia?!
— Canta Mouro, canta Mouro,
Que eu t'os alargaria.
— Se m'os alargaes, senhora,
Commigo a levaria.

Levara-a sete leguas;
Nem uma falla lhe dizia;
Ó cabo de sete leguas
Altas torres *relumbriam*.
— Dize-me tu, ó perro mouro,
Dize-me pela tua vida,
Quem são aquellas torres
Que *d'ó* longe *relumbriam*.
— Umas são de minha mãe,
Outras de uma tia minha;
Outras são de miha esposa
A quem eu tanto *le* queria.
— Dize-me tu, ó perro mouro,
Dize-me pela tua vida,
Se me levas por esposa,
Se me levas por *amiga*.
— Nem te levo por esposa,
Nem te levo por amiga;
Levo-te por minha escrava
Da sala e da cozinha.
O pão te darei por onças,
E *á* agua por medida;
Hei de te fazer a cama
D'onde o cavallo dormia.
Hei de te dar de soldada
Sete tundas cada dia!
— Ó Virgem Nossa Senhora,
Se me valeis algum dia!
Tornae-me este perro mouro
Ás prisões que meu pae tinha.

As palavras não são ditas,
Mouro para trás voltaria.
Chegou á entrada do palacio,
Seu pae muita pena sentira.
— D'onde vens, ó minha filha,
D'onde vens tão *spalvorida?*
— Venho da banda de alem
De cumprir a romaria;
Este ladrão d'este Mouro
Foi na minha companhia.
Lá no meio do caminho
Fez-me uma descortesia.
— O pão *le* hei de dar por onças
E *á* agua por medida.
Hei de *le* dar por soldada
Sete tundas cada dia.
Hei de o cargar de ferros
Antes que amanheça o dia!

(Vinhaes).

72. D. Oucidres

Bem se passeia Moirito
De calçada em calçada,
Olhando para Valencia
Como está de amuralhada:

---

1 «Acorde»

— Ó Valencia, ó Valencia,
De fogo sejas queimada!
Pois quando eras dos Mouros
Eras de prata lavrada;
Agora, sois de christãos,
Sois de pedra mal talhada!
Se minha espada me não quebra,
Minha *sustancia* me não falta,
Antes de vinte e quatro horas
A Mouros serás tornada.
A filha de El-Rei D. Oucidres
Já foi minha *cautivada*.
Agora tem a mais nova,
Que será miha namorada.

Ouvira El-Rei D. Oucidres
De altas torres d'onde estava:
— Levanta-te, ó minha filha,
Pega na tua almofada;
Vae, vence-me aquelle Moirinho
De palavra em palavra!
As palavras sejam poucas
E de amores bem tocadas.

— Bem vindo sejas, Moirinho,
Bem vinda a tua chegada;
Sete annos ha, ó Moirinho,
Que eu por ti não lavei cara!
— Ha outros sete, senhora,
Que eu por si não fiz a barba!
— Vae-te d'ahi, ó Moirinho,
Não digas que te fiz falla;
A *Babeca* de meu pae [cavallo]
Ella trepa na calçada.
— Não se me dá pela *Babeca,*
Nem por quem na cavalgava;
Se a Babeca corre muito
O meu cavallo voava.

Botou por um valle abaixo,
Não corria, que voava;
O valle estava lavrado,
O cavallo se lhe atolava.
— Malohaja *las* lavradas
E *ós* touros que as lavraram!
— Estas lavradas, Moirinho,
Foram lavradas em maio
Quando os touros engrossam
E *ós* mancebos adelgadavam[1].

(Vinhaes).

73. O capitão

Lá se vae o capitão
Com seus soldados á guerra;
Na deanteira de todos
Vae lindo cabo de guerra;
Seu coração leva triste
E *ós* olhos postos em terra.
Indo ao meio do camiho
O capitão reparara:
Porque vaes triste, meu cabo,
Porque vaes triste para a guerra?!
Se vaes triste por dinheiro,
Muito dinheiro te eu dera.
— Não vou triste por dinheiro,
Muito dinheiro eu levo.
— Se vaes triste por cavallo,
Lindo cavallo te eu dera!
— Não vou triste por cavallo,
Lindo cavallo eu levo.
Vou triste por minha esposa
Que inda não dormi com ella.

---

[1] [N ãoposso deixar de juntar uma breve nota a este importante romance. Pertence ao cyclo do Cid, que foi estudado pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na *Zeitschrift für romanische Philologie,* vol. xvi: ed. em separado com o titulo de *Romanzenstudien,* i, Halle 1891, 51 paginas. — No romance trasmontano, *Oucidres* é deformação de *Cid*, e *Babeca* é-o de *Babieca,* nome do cavallo do heroe; num romance hespanhol do mesmo cyclo, em Duran, *Romancero General,* i, 546, diz-se mesmo: .. *del caballo Babieca bien oigo la patada.* — O nosso romance foi ouvido a um velho em Nozedo de Cima, concelho de Vinhaes. Não é esta a unica versão trasmontana; ouvi e copiei tambem uma, em 1902, em Parada de Infanções (Bragança). — J. L. de V.]

Inda hontem me casei
E já hoje vou para a guerra.
— Torna para trás, ó meu cabo,
Torna para adonde ella.

Ó cabo de sete annos
Não tinha acabado a guerra.
O cabo apresentou-se
Junto *ó* seu capitão:
— Aqui estou meu capitão
Pronto para ir á guerra!

Puxou por um cordão de ouro,
Entre as mãos lh'o mettera.
— Aqui tem meu capitão,
Os mimos da minha terra.
— Torna para lá, *ó* meu cabo,
Até que se acabe a guerra.

(VINHAES).

74. A candeia dourada

Eu bem sei quem no mar anda:
É a flor de uma laranja.
Deita-te d'ahi abaixo,
Minha roseira florida,
Que eu te levarei nos braços,
Ou nas mangas da camisa.
Eu te levarei além,
Além àquella ermida,
Onde estão os anjos todos
E mais a Virgem Maria,
Que te alumeiem a alma
.... [1]
C'uma candeia *doirada*,
C'uma candeia *dourida*.
Deita-te d'ahi abaixo,
Minha roseira granada,
Que eu te levarei nos braços
Ou nas mangas da *delgada*.
Eu te rezarei alem,
Além aquella *orada*,
Onde estão os anjos todos
E mais a Virgem Sagrada
Que te alumeie na vida,
Que te alumeie na alma
C'uma candeia doirada,
C'uma candeia dourada.

(VINHAES).

75. O caçador

(Cfr. n.os 31, 37 e 46)

A caçar vae cavalleiro
A caçar como *solia;*
Seus gozos leva cansados
E o falcão perdido ia.
Escurecera-lhe no monte
Numa espessa montina.
Arrumou-se *ó* pé de um *robe,*
Formoso na maravilha.
Quando chegou á maravilha
Botou olhos para cima,
Vira estar uma donzella,
Vira estar uma menina:
— Que fazes ahi, ó donzella,
Que fazes ahi, ó menina?
— Estou cumprindo uma fada
Que me deu *mia* madrinha:

[1] [Aqui ha falha. Creio que deve ser assim (cfr. os vv. finaes):

Que te alumeiem a alma,
Que te alumeiem a vida,
C'uma candeia doirada,
C'uma candeia doirida...

A assonancia atèqui (exceptuando os dois primeiros versos) é *i-a;* agora começa a assonancia *a-a*. A expressão *doirida* é pedida pela rima, como em varão-*varela-varunca* em Freire da Cunha, *Adivinhações curiosas,* Lisboa 1798, p. 74; em branco-*brancal* nos *Ensaios Ethnogr.*, II, 257. A respeito de *dourida* = *doirida,* cfr. tambem *Rev. Lusitana,* II, 117. — J. L. DE V.].

Sete annos morar com lobos
Sete annos a mais *de um* dia.
Hoje cerram-se os sete annos
E amanhã se acaba o dia.
— Que comias, minha filha,
Que comias, minha vida?
— Eu comia c'os lobos,
Comia do que elles comiam.
— Que vestias, minha filha,
Que vestias, minha vida?
— Vestia os *peis* dos carneiros
E tambem das cordeirinhas.
— Pelas sinaes que me dás
Tu eras *hermana mia*;
Bota-te d'ahi abaixo,
Vem na minha companhia!

— Abra-me as portas meu, pae!
Abra-m'as com alegria!
Acudei a buscar esposa
E encontrei a *hermana* minha.
— Se trouxesses esposa,
Muito bem t'a traria;
Se trazes *hermana* tua,
Muito mais t'a traria.

(VINHAES).

76. Manhaninhas de S. João

Manhaninhas de S. João,
Pelas manhãs da alvorada,
Jesus Christo se passeia
Ó redor da fonte clara.
Por sua boca dizia,
Por sua boca fallava[1]:
— Bem ditosa da donzella
Que á fonte for buscar agua!
Ouvira a filha de El-Rei
D'altas torres d'onde estava.
Pegou em cantaro de ouro
E á fonte foi buscar agua;
Atreveu-se e *prèguntou-lhe,*
Se havia de ser casada.
— Casadinha haveis de ser
Muito bem afortunada;
Tres filhos haveis de ter,
Todos de banda e espada:
Um será bispo em Roma,
Outro cardeal em Braga;
O mais novinho de todos
Servo da Virgem Sagrada.

(VINHAES).

77. Gerinaldo

(Cfr. n.º 26)

— Ó Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Pagem de El-Rei mais querido,
Queres tu, ó Gerinaldo,
Dormir á noite commigo?
— Como sou vosso criado,
Estaes a *bulrar* commigo!
— Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Olha que eu deveras t'o digo!
— Diga lá, minha senhora,
A que horas hei de ir *ó* postigo.
Irás das 10 para as 11,
Quando el-rei estiver dormindo.

Inda não eram *nas* 9,
E Gerinaldo *ó* postigo.
— Quem *ó* meu postigo bate
Pode ser bem atrevido?
— Sou o moço Gerinaldo,
Não falto *ó* promettido.

---

1 Variante:
Bem ditosa da irmã.
Bem ditosa da camarada;
Vestiu vestidos de seda,
Calçou sapatos de prata;
Lá no meio do caminho
Co'a Virgem se encontrou:
—D'onde vaes, filha do rei,
Tanto pela madrugada?
Venho por vos ver, senhora,
Por beber da vossa agua:
Tambem venho por saber
Se tenho de ser casada.

El-rei tivera um sonho,
Que bem certo lhe saira:
Ou lhe dormiam com a filha,
Ou lhe roubavam *no castilho.*
Foi á cama da princesa
A ver o que por lá ia:
Achou-os ambos deitados
Como mulher e marido.
— Para matar Gerinaldo,
Crei-o de pequenino...
Para matar a princesa
Fica o meu reino perdido...
Metto-lhe a espada no meio,
Que lhe sirva de *testigo;*
Eu aceitarei-os a ambos
Como mulher e marido.

(VINHAES).

78. Silvaninha

(Cfr. n.os 28 e 68)

— Silvana, ó Silvaninha,
Silvana, ó minha filha,
Bem puderas tu, Silvana,
Brincar commigo um dia.
— Brincára, meu pae, brincára,
Brincária! Se brincaria!
Mas as penas do inferno,
Meu pae, quem nas passaria?
— Por via de ti, Silvana,
Passo as eu cada dia!

Mandou fazer um castello
Mui alto, á maravilha,
Para metter a Silvana,
Silvaninha sua filha;
Dava-lhe pão por onças
E *á* agua por medida;
Uma sardinha salgada,
Que lhe acabe co'a vida.

Assomou-se a uma janela,
A uma janela mui alta,
D'onde estavam seus irmãos
Jogando o jogo das cartas:
— Meus irmãos, que Deus me deu,
Dae-me uma pinguinha de agua;
Que se me arranca a vida
E o coração co'a alma!
— Dera, dera, Silvaninha.
Se teu pae não me quitara:
O primeiro que t'a der
Tem pé e mão cortada!

Assomou-se a outra janela,
A outra janela mais alta,
Onde estava sua mãe
Cosendo numa almofada:
— Minha mãe, que Deus me deu,
Dae-me uma pinguinha de agua;
Que se me arranca a vida
E o coração co'a alma!
— Dera, dera, minha filha,
Se teu pae me não quitasse:
Primeiro que t'a desse
Tem o pé e mão cortada!

Assomou-se a outra janela,
A outra janela mais alta,
D'onde estava seu pae
Brincando c'uma criada.
— Ó meu pae, que Deus me deu,
Dae-me uma pinguinha de agua;
Que d'aqui por deante
Serei sua namorada!

Corram moços e mocinhas
Dar agua á Silvaninha;
O primeiro que *la* der
Terá uma prenda minha.

Inda a agua não era chegada
Silvaninha amortalhada;
Uma fonte á cabeceira
Em rios de agua botava;
Nossa Senhora a vesti-la
E os anjos a acompanhá-la.

(VINHAES)

79. Dona Silvaninha

(Cfr. n.º 66)

Indo Dona Silvana,
Por um cerrado acima,

Tocando numa guitarra,
Que grande estrondo faria.
Asçordando seu pae,
Dum somno que dormiu:
—Tu que tens Dona Silvana,
Tu que tens ó filha minha?
—Tres manas que nós eramos
Estão casadas, tem familia;
Eu por ser a mais formosa,
Eu ainda estar solteirinha.
— Só sendo com o Conde Alberto,
Mas tem filhos e tem familia.
—Mande-o, meu pae, chamar
Da sua parte e da minha.

Inda não era madrugada
Já o Conde Alberto ali estava.
— Que quer Vossa Majestade?
— Que quer Vossa Senhoria?
Quero que mates a condessa
E cases com sua filha.
— Eu condessa não na mato,
Que ella a morte não merecia.
— Mata conde, mata conde,
Senão eu tiro-te a vida!
Has de me trazer a cabeça
Nesta dourada bacia.

Indo o conde para palacio,
Muito triste que elle ia;
Manda vestir seus criados
De luto á maravilha;
Manda fechar seus palacios,
Cousa que nunca faria!
Mandou pôr a sua mesa
Para fingir que comia;
Mandou fazer a sua cama
Para fingir que dormia.
— Tu que tens, ó Conde Alberto,
Tu que tens, ó vida minha?
Conta-me a tua tristeza,
Que eu conto a minha alegria!
— Mandou-me chamar o rei,
Por causa da Silvaninha,
Que te matasse a ti
P'ra lhe casar co'a sua filha.
— Espera, espera, Conde Alberto,
Que isso remedio teria:
Metterás-me num convento,
Serei freira arrecolhida;
Darás-me pão por onças
E a agua por medida;
Darás-me uma sardinha salgada
Que me acabe co'a vida.
— O rei mandou-me chamar,
Quer que lhe case co'a filha;
Quer que lhe mande tua cabeça
Nesta maldita bacia.
— Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cozinha:
«Mama, mama, meu menino,
Este leite de paixão,
Amanhã pela *manhã*
Ja estarei no meu caixão.
Mama, mama, meu menino,
Este leite de amargura,
Amanhã por estas horas
Já estarei na sepultura.
Mama, mama, meu menino,
Este leite de pesar;
Amanhã por estas horas
Já me estarão a enterrar».

Tocam-se os sinos na Sé
Ai! Jesus! Quem morreria?
Morreria Dona Silvana
Pela traição que comettia?
Apartar os dois casados,
Cousa que Deus não queria!

(Carviçaes).

80. **Albaninha**

(Cfr. n.º 25, 45 e 60)

— Albaninha, ó Albana,
Filha do Conde de Albar,
Quem te caçara, Albana,
Tres horas ao meu mandar!
—Tres horas não era nada,
Se te não fosses gabar!

Ainda não era manhã
Á praça se foi gabar:
— Esta noite, ó cavalleiros,
Eu dormi c'uma donzella;

Nos dias da minha vida
Eu não vi cousa tão bella!

Disseram uns para os outros
—Qual seria, oh! qual era?
Seria a nossa Albaninha
Pois não ha outra como ella?

Disseram uns para os outros:
—Irmãos, vamos a matá-la?

Respondeu o mais novinho:
—Irmãos, vamos a casá-la?
Muito ouro e muita prata
Temos nós para lhe dar;
Co'a fama de um grande dote
Alguem a ha de acceitar.

(VINHAES).

81. O Conde da Allemanha

Já lá vem clara noite,
Já lá vem claro dia;
Já o Conde da Allemanha
Com a rainha dormia.
Não *no* sabia El-Rei
O que no palacio havia;
Sabia-o Dona Bernarda,
Filha da mesma rainha.

—Se o sabes, minha filha,
Não no queiras descobrir;
Que o Conde é muito rico,
De ouro te ha de vestir!
—Eu não quero vestidos de ouro,
Cá os tenho de damasco;
Ainda meu pae era vivo
Já me queria dar padastro!
As mangas d'este vestido
Não as chegue eu a romper:
Em vindo meu pae da missa
Já tenho que lhe dizer.

—Venha embora, meu pae,
Boa seja a sua vinda!
Que eu tenho que lhe contar
Uma grande maravilha:

Estando eu no meu tear,
Tecendo seda amarella,
Veio o Conde da Allemanha
Tres fios me tirou d'ella!
—Cal'-te lá, ó minha filha,
Não queiras duvidar;
Que o Conde é rapaz novo,
É menino, quer brincar!
—Malohajam os seus brincos
E mais tal brincar!...
Que me puxou por a mão,
Á cama me quis levar!
—Cal'-te lá, ó minha filha,
Não o queiras duvidar;
Nas cordas d'esta guitarra
Eu o mando enforcar!

—Assome-se, ó minha mãe,
Á janella do pomar,
Se quer ver o senhor Conde
A morte que vae *luvar!*
—Malohajas, minha filha,
O leite que mamaste!
Um conde tão bonito
A morte que lhe causaste!
—Cal'-se lá, ó minha mãe,
Não o ouçam lá na rua;
Que a morte do senhor Conde
Devia de ser a sua!

(CARVIÇAES).

82. D. Fernando

(Cfr. n.° 93)

—Que cavalheiro é este
Que á minha porta rondeia?
—Sou das partes do mar,
Venho das partes da Beira!
Que é d'ellas as minhas guitarras
Com que eu sabia tocar?
—Essas guitarras, cavalheiro,
Por esses quartos hão de estar.
—Se tu fôras lo meu filho
Outros sinaes me havias dar.
—Dera, dera, madre minha,
Que tenho para vos dar:

Que d'elle as minhas bengalas
Com que eu saía a passear?
— Essas bengalas, cavalheiro,
Por esses cantos hão de estar.
— Qu'é d'elle as minhas bolas d'ouro.
Com que eu sabia jogar?
— Essas bolas, cavalheiro,
Por essas caixas não de estar.
Se tu fôras lo meu filho
Outros sinaes me havias dar.
— Dera, dera, madre minha,
Que tenho para vos dar!
Qu'é d'elle os meus cavallos russos,
Que eu deixei a engordar?
— Esses cavallos, cavalheiro,
Por essas *côrtes* hão estar!
Se tu fôras o meu filho,
Outros sinaes me havias dar.
— Dera, dera, madre minha,
Que tenho para vos dar:
Que d'elle a minha esposa,
Minha esposa Guiomar?
— Tua esposa, meu filho,
Fracas novas te vou dar,
Que hoje se correm os banhos
Amanhã se vão casar!
— Bote-me a sua benção,
Que me quero lá chegar.
— Não chegarás não, meu filho,
Que te hão de lá querer matar,
— Não me matarão, minha mãe,
Que eu hei de lhe saber fallar.

— De quem é esta bezerrada
Que o número traz misturada?
— Atèqui de Dom Fernando,
Agora do cardeal [1]:
— Aguardae-a bem, ó meninos,
Que eu hei de vos saber pagar!

— Guarde-a Deus, senhores,
E mai-lo seu jantar!
— Guarde-o Deus, *ó* senhor,
Já que o senhor nos quer guardar!
— Diga-me, ó minha esposa,
Minha esposa Guiomar,
Se queres os amores velhos,
Ou se queres a do cardeal?
— Eu quero os amores velhos,
Não quero os do cardeal!
Tate! tate! cavalheiro,
Não hajas de o matar!
Que eu quero os amores velhos
E não quero os do cardeal!
— Se é por causa das prendas,
Inda as tenho para t'as dar;
E se é pelo jantar,
Meu pae t'o manda pagar.

(Maçores, 1900).

83. **Rosa Branca**

(Cfr. n.° 34, 51, 94 e 99)

Estando a Bella Infanta
No seu jardim assentada,
C'um pente de ouro na mão
Seu cabello penteava.
Lançou os olhos *ó* mar
Viu vir uma grande armada.
Cavalheiro que vem nella
Deve-a trazer bem guiada.
— Diga-me, ó cavalheiro,
Se viu meu marido na guerra?
— Diga-me a senhora
Os sinaes que elle levava?
— Levava cavallo branco
Com sua sella amarella.
— Esse soldado, menina,
Morreu lá na guerra.
— Ai de mim! triste viuva!
Ai de mim! triste coitada!
Tres filhas que eu tenho
Só uma será casada!
Outra metterei-a freira,
Outra ficará-me em casa,
— Quanto dera você, senhora,
A quem lo trouxera a casa?

[1] Variante: «duque real».

— Dera ouro, e prata, e tudo
Quanto em minha casa tivera!
— Eu não quero o seu ouro,
Que me não pertence a mim,
Que eu sou soldado da guerra,
Ando d'aqui para alli.
— Tres filhas que eu tenho
Lá dentro em meu jardim:
Uma cose lindos damascos
E outra lindos carmesins;
Outra faz alvas camisas
Para o rei e para mim.
— Eu não quero as suas filhas,
Que me não pertencem a mim,
Que eu sou soldado da guerra
Ando d'aqui para alli.
—Tres moendas que eu tenho
Lá dentro em meu jardim:
Uma moe ouro e prata,
Outra moe canella,
Outra alvas farinhas
Para o rei e para mim.
—Eu não quero as tuas moendas,
Que me não pertencem a mim,
Que eu sou soldado da guerra,
Ando d'aqui para alli.
—Tres cavallos que eu tenho
Nas córtes do meu jardim:
Entra e escolherás,
Escolherás o mais gentil.
— Eu não quero os teus cavallos,
Que me não pertencem a mim,
Que eu sou soldado da guerra,
Ando d'aqui para alli.
—Eu não tenho mais que lhe dar,
Nem você mais que me pedir.
— Inda tem mais que me dar,
E eu mais que lhe pedir.
Inda tendes esse corpo,
Esse corpo tão gentil.
— Cavalheiro que tal me diz,
Que tal chega a dizer.
Deve ir para a guerra
E o navio onde elle for
Eu o irei a infundir[1].

— Anel de ouro, anel de ouro,
Que em meu jardim reparti;
Mostra-me a tua metade,
Pois a minha vê-la aqui.
— Se tu eras o meu marido
Para que querias zombar de mim?

(Maçores, 1900).

84. Manhã de S. João

Na manhã de S. João
Levantou-se a Virgem Sagrada,
Pegou no seu cantarinho
Foi á fonte benzer agua.
Ouviu-a a filha do rei,
Nas altas torres onde estava;
Vestiu vestidos de seda,
Calçou chinelas de prata.
Pegou no cantarinho de ouro
Foi á fonte buscar agua.
Lá no meio do caminho
Com a Virgem se encontrava.
— Diga-me aqui, Senhora,
Se tenho de ser casada?
— Casadinha has de ser
Muito bem afortunada;
Quatro filhos has de ter
Todos de capa e espada.
Um bispo, outro *cebispo,*
Outro cardeal em Braga;
O mais novinho de todos
Ficará para tua guarda.

(Poiares, 1902).

85. O Cavalheiro

—Apeia-te, ó cavalheiro,
Que haveis de merendar!
—Tu que tens, ó D. Eugenia,
Guardado para me dar?
—Tenho vinho de sete annos
Para te dar a provar!

---

[1] «Afundar».

—Eu que sei, ó D. Eugenia,
Será muito guardar...
Dá-me cá um copo d'elle,
Que t'o quero provar.

Lá no meio da bebida
Começou-se a agoniar.
—Que me deste, ó D. Eugenia,
Que me fez tanto mal?
—Dei-te sangue de uma cobra
Envolta c'um rosalgar.
Já que me enganaste a mim,
A outra não has de enganar!
Coitados dos meus meninos
Que ficam sem meu abrigo!
—Coitada de minha mulher,
Que fica sem seu marido!
—'Spira, 'spira, ó cavalheiro,
Acaba de suspirar;
Que eu inda tenho dinheiro
P'ra a tua morte pagar!—

(Vimioso.)

86. A Morena

Levantei-me a passear
Pela tarde ás duas horas;
Vi estar numa janela
Duas donzellas formosas:
Uma era muito branca,
De sua côr melindrosa;
Outra era mais morena,
Morena e graciosa!...
Namorei-me da morena,
Por ser a mais graciosa;
A branca, dês que o soube,
Logo se mostrou queixosa.
Cale-se lá, senhora branca,
Não se mostre tão queixosa,
Que em breve tempo direi
O que o moreno me importa.
Morenos são os cavallos
E as mullas corredoras;
Morenas são as abelhas
P'ra seus donos proveitosas.
Moreno era o manto
Da Virgem Nossa Senhora;
De preto veste o rei
E o Padre Santo em Roma;
Morenos são os ornatos
Com que as igrejas se adornam;
Olhe lá, senhora branca,
O que o moreno me importa!...

(Vimioso).

87. Frei João

(Cfr. n.º 41)

Abre-me a porta, morena,
Morena, linda casada,
—Como te hei de abrir a porta
Ó Frei João da minha alma?
Tenho meus filhos nos braços
E meu marido á ilharga!

—Com quem fallas tu mulher,
Com quem dás as tuas fallas?
—É á filha da forneira
Que vinha a ver se amassava;
Que amassasse pão de ló,
Que lhe deitasse pouca agua.
—Levanta-te, ó mulher minha,
Vae aviar a tua casa;
Duas filhas que tu tens
Ellas serão bem mandadas:
Uma vae accender o lume,
Outra vae a buscar agua;
Para mais aviamento
Eu te barrerei a casa!
—Alevanta-te, ó meu marido,
Chama os cães e vae á caça;
Não ha melhor coelho
Que é o da madrugada!

Dês que seu marido saira,
Asseou-se mui asseada;
Foi á porta do convento
Por Frei João perguntara:
Agarrou-a pela mão,
A sua cama a levava;

Lá lhe dera pão de ló
E bocados[1] de marmelada.
Fez d'ella o que *quiso,*
P'ra sua casa a mandara.
Lá no meio do caminho
Seu marido encontrara.

—D'onde vens, ó mulher minha,
D'onde vens tão asseada?
—Venho de ouvir missa nova
Que Frei João a rezara.
—A missa, que tu ouviste,
Ella te será bem paga;
Toma lá esta adagada,
Que te chegue ao coração,
Não te tornes a ver
Nos braços de Frei João!

(Vimioso).

88. O Conde

Preso vae o Conde, preso,
Preso vae a bom recado;
Não vae preso por ladrão
Nem por homem que ha matado:
Por dormir c'uma donzella
Caminho de Santiago;
Não bondou dormir co'ella,
Senão dá-la ao criado!
A donzella, como discreta,
Ao rei se fôra queixar;
O rei lhe dera um conselho
Melhor que nem um letrado:
Ou ha de casar com ella,
Ou morrer degolado!
—Mais quero morrer com honra
Que viver envergonhado;
Nem por mim toquem sinos,
Nem subam ao campanario;
Nem me enterrem na igreja,
Nem tão pouco em sagrado;
Enterrem-me naquelle valle verde,
Onde pasta o meu cavallo;
Deixem-me a cabeça de fora
E o meu cabello entrançado;
Que digam nos passageiros:
«Deus te perdõe, desgraçado!
Nem morreu de garrotilho,
Nem tão pouco constipado;
Morrera de mal de amores
Que é um mal mui desgraçado!».

(Maçores, 1901.)

89. O Romeiro

Alta vae a lua, alta
Mais que o sol ao meio-dia;
Lá se vae aquella senhora
A cumprir a romaria.
Cavalheiro vae trás d'ella,
Alcançá-la não podia;
Alcançou-a descansando
Debaixo da verde *oliva*.
—Por Deus te peço, romeiro,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes ir honrada
A cumprir a romaria!

Cavalheiro, como *malo,*
Disse-lhe que não queria.
Foram de braço a braço
A ver o que mais podia:
Romeira, como mais fraca,
Logo de baixo caira.
Botou mãos a um punhal,
Que elle no seu bolso trazia,
Mettera-lh'o por um lado,
Ao coração lhe saira.
—Por Deus te peço, romeira,
Por Deus e Santa Maria,
Que não no vás dizer a *tu* terra
Nem te vás gabar á minha,
—Hei de o dizer *tu* terra
E hei de me gabar na minha:
Que matei um cavalheiro
Co'as armas que elle trazia.

(Maçores, 1901).

[1] Variante: «queijinhos».

90. A Donzella

Casei c'uma donzellinha,
Filha é d'um lavrador;
Gastei o meu e o seu,
Quanto nos deu o Senhor.
Agora por meus peccados
Aprendi a podador.
A minha já 'stá podada,
'*Svidarei-la* meu amor!
Tenho dedos delgadinhos
Não são p'ra *'svidar*, não.
Ó meu amor se te fores
Lá para a feira de Aragão,
Trarás-me agulha e seda
P'ra bordar um *pendão:*
Na ponta porei a lua,
Na outra porei o sol,
No meio d'ellas porei
A Jesus Christo Redemptor!

(CARVIÇAES).

91. O Mouro

(Cfr. n.º 71)

—Canta, Mouro, canta, Mouro,
Canta pela tua vida!
—Como cantarei, senhora
Aqui na prisão mettido?
—Vamos, Mouro, vamos, Mouro,
Vamos para a Mouraria!

Lá no meio do caminho
Ricos palacios lá vira.
—De quem são aquelles palacios
Que tanto estrondo mettiam?
Um era de minha mãe,
Outro era de minha tia,
Outro da minha mulher,
O que mais estrondo fazia!
—Dize-me, Mouro, dize-me, Mouro,
Dize-me pela tua vida,
Se me levas por mulher,
Se me levas por amiga.
—Nem te levo por mulher,
Nem te levo por amiga,
Levo-te por uma escrava,
Escrava de toda a vida.

«Minha senhora da serra,
Que estaes lá tão mettidinha;
Tendes *la* coroa de prata,
Meu pae de ouro vo-la daria,
Se me levasses o Mouro
Á prisão que meu pae tinha!»

Palavra não era dita
Mouro na prisão estaria!
Podias comer bom pão
Melhor que El-Rei comia;
Agora comes da palha
Que meu cavallo não queria!
Podias beber bom vinho
Melhor que El-Rei bebia;
Agora bebes da agua
Que meu cavallo vertia!
Podias dormir *boa* cama,
Melhor que el-rei bebia;
Agora *drumes* na córte
Preso á estrebaria!

(MAÇORES).

92. Rosa Branca

Rosa que estás na roseira
Recostada ao craveiro,
Rosa tu has de ser minha,
Ou d'este meu companheiro.
—Rosa, nem hei de ser tua,
Nem d'esse teu companheiro;
Que me tem meu pae guardada
Para um lindo çapateiro.
—Çapateiro sou, senhora,
Da nobre çapataria;
Faço çapatos de prata,
Para vossa senhoria.
—Se você m'os faz de prata,
Meu pae de ouro m'os faria:
Uns para os dias santos,
Outros para todos os dias.
—Mais quero ser rosa branca
Enxertada na borragem,
Que casar c'um çapateiro
Que é de tão baixa linhagem.

—Mais que ser cravo roxo
Enxertado na raiz,
Que casar com rosa branca
Que já foi de quem na quis!
—Cala, cala, galantinho,
Não deites fallas ao vento;
Ou has de casar commigo;
Ou pagar meu casamento.
—Nem hei de casar comtigo,
Nem pagar teu casamento,
Menina, metta-se freira,
Vá-se metter no convento,
Que eu sou soldadinho novo
Vou-me p'ra o meu regimento.

(Felgueiras).

93. Conde de Flores

(Cfr. n.os 67 e 82)

Lá se vae o Conde de Flores
Por capitão general;
Sua mulher deixa mui nova,
Do que leva grã pesar.
—Se eu por lá tardar sete annos,
Tratarás de te casar.

Tardara sete e outros sete,
E ella sempre a guardar.
Ao cabo dos quatorze annos
Tratou de se casar;
Tambem o Conde de Flores
Tratara de se marchar.
Lá no meio do caminho
Encontrara uma vacada.
Chamou pelo pastor,
Fallara-lhe o zagal.
—De quem é essa vacada,
Que na testa traz o sinal?
—Era do Conde de Flores,
Deus lh'o ha de perdoar;
Agora é de D. Francisco,
Deus *la* não deixe gozar!
—Que mal fez esse homem,
Que lhe rogas tanto mal?!
—A soldada de sete annos
Ainda não m'a veio pagar!
—Guarda a vacada, pastor,
Guarda a vacada, zagal;
As soldadas d'esses annos
Eu t'as mandarei pagar.

Ás portas de sua mãe
Lá se foi a passear.
—D'onde é esse senhor
De tão grave passear?
—Seu filho sou, minha mãe,
Vossemecê não m'o hade negar!
—Vossemecê para ser meu filho
Outra *sanha* me ha de dar.
—Sim *las* darei, minha mãe,
Sim tenho para *las* dar;
Onde está a minha espada
Com que eu ia a batalhar?
—A sua espada, senhor,
Lá para dentro ha de estar;
Vossemecê para ser meu filho
Outra *senha* me ha de dar.
Sim *las* darei, minha mãe,
Sim tenho para *las* dar;
Onde estão as minhas bolas
Com que eu ia jogar?
—As suas bolas, senhor,
Lá dentro hão de estar;
Vossemecê para ser meu filho
Outras *senhas* me ha de dar.
—Sim *las* darei, minha mãe,
Sim tenho para *las* dar;
Onde está o meu cavallo
Com que me eu ia banhar?
—O seu cavallo, senhor,
Na estrebaria ha de estar;
Vossemecê para ser seu filho
Outras sanhas me ha de dar.
—Sim *las* darei; minha mãe,
Sim tenho para las dar:
Onde está minha mulher
Que aqui lhe havia de deixar?
—A tua mulher, meu filho,
Tratara de se casar;
Hoje se fazem as bodas
Amanhã se vão casar.
—Deixa lá, ó minha mãe,
Que eu a vou a resgatar.
—Não vás, não, meu filho,
Que elles te hão de matar!

—Não matam, não, minha mãe,
Que eu hei de saber-lhes fallar;
Sete annos andei por terra,
Sete annos andei por mar.
Olhe lá, ó minha mãe,
Se lhes saberei fallar!

—Guarde Deus estes senhores,
Que lhe aproveite o jantar!
Com essa senhora do meio
Com ella quero fallar.

Alevantou-se D. Francisco
Com tenção de o matar.
—Alto, alto, D. Francisco,
Alto, não faças tal;
Olha que os amores primeiros
São custosos de deixar!

(Felgar).

94. A Bella Infanta

(Cfr. n.os 34, 51, 83 e 99)

—Porque não cantas, Helena,
Á sombra d'essa nogueira?
—Morreu-me meu pae ha pouco,
Meu marido está na guerra!
—Quanto deras tu, Helena,
A quem t'o aqui trouxera?
—Dava-te a minha vacada,
Que anda na Serra Morena.
—Quanto deras mais, Helena,
A quem t'o aqui trouxera?
—Tres moendas que eu tenho
Dava-te a escolher nellas:
Uma moia cravos,
Outra cravos e canela;
Outra moia o pão alveiro
Para o rei de Castella.
—Quanto deras mais, Helena,
A quem t'o aqui trouxera?
—De tres filhas, que eu tenho,
Dava-te a escolher nellas.
—As tuas filhas, Helena,
Não nasceram para mim;
Para mim nasceste tu,
Meu cravo, meu seraphim.
—Vá-se d'ahi, ó magano,
Não esteja a mangar em mim;
Mando chamar meus criados,
Que o matam já ahi.
—Meu anel de sete pedras
Em dois bocados o parti;
Mostra-me a tua metade,
Pois a minha vê-la aqui.
—Se tu eras o meu homem
Para que mangavas em mim?—

(Maçores, 1891).

95. O Lavrador

(Cfr. n.º 29)

Oh! ditoso lavrador
Que da sua arada vinha,
Rezando no seu rosario
A cavallo na sua burrinha.
Lá no meio do caminho
Encontrou um pobrezinho
—Bem puderas, lavrador,
Levar-me nessa burrinha!

O lavrador se descera
E o pobrezinho subira;
Levara-o para sua casa
Para a melhor sala que *ell'* tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia
De gallinhas e capones,
Que outra cousa não havia,
Da melhor cousa que *ell'* tinha;
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que *ell'* tinha:
Por baixo lençoes de *londa*[1],
Por cima de *londa*[2] fina.
Lá pela meia da noite
O pobrezinho gemia.

[1-2] Do hesp. *blonda*.

Levantou-se o lavrador
A ver o pobre que tinha;
Achara-o disciplinando-se
Com rigorosa disciplina.
— Oh! meu Deus! Quem tal soubera,
Que em casa vos tinha!
Cala-te lá, ó lavrador,
Que nenhuma falta havia;
Lá no reino de Deus Padre
Cadeiras de ouro havia:
Uma para a tua mulher,
Outra para a tua familia;
A tua, bom lavrador,
Ao par da Virgem Maria.

(Vimioso)

96. **O Marinheiro**

Vozes dava o marinheiro,
Vozes dava que se afogava;
Respondeu-lhe o mau Demonio
Da *a outra* banda de agua:
— Quanto deras, ó marinheiro,
Quem da agua te sacara?
— Dar-te-hia os meus navios
Carregados de ouro e prata.
— Eu não quero os teus navios
Nem teu ouro, nem tua prata;
— Eu só quero, em tu morrendo,
Que me deixes a tu alma.
—Eu te arrenego, mau Demonio,
E essa tua má palavra;
A minha alma é p'ra Deus,
P'ra Deus a tenho guardada!
O coração é para a Virgem
E o corpo para os peixes de agua;
E a cabeça para as formigas,
Que d'ella façam morada;
E as tripas são para os cegos
Para cordas das guitarras;
E as pernas são para os coxos
Que d'ellas façam jornadas.

(Vimioso).

97. **Helena**

Quem me dera naquelle monte,
Naquelle monte ou naquelle valle!
Quem me dera de estar agora
Em casa de meu pae
— Se tu queres ir, ó Helena,
O caminho ahi vae,
— Meu marido, foi á caça
Que lhe hei de pôr de jantar?
— O teu marido, ó Helena.
Eu lhe porei de jantar;
Da caça que elle trouxer
Eu t'a mandarei guardar.

— Aonde está a minha Helena,
Que me não põe de jantar?
— A tua Helena, meu filho,
Foi para casa de seu pae;
A mim me chamam *róim* sogra
E a ti filha de meu pae!
— Preparem lá o meu cavallo
Que a quero ir buscar;
A jornada de tres dias
Em tres horas se ha de andar.

Lá no meio do caminho
Encontrara seu cunhado.
— Novas te trago, cunhado,
Novas te trago, irmão;
Que pariu a nossa Helena,
Temos um filho barão.
Essas novas, meu cunhado,
Quer as tragas tu, quer não;
Onde está a minha Helena
Que a quero já levar?
— Paridinha de uma hora
Adonde a queres levar?

— Cale-se lá, ó minha mãe.
Que bem se pode calar;
Que a mulher com seu marido
Vae p'ra donde a levar.

Lá no meio do caminho
Helena dera um ai.
— Porque suspiras, Helena,
Porque dás tão grandes ais?
— Repara para o meu cavallo,
Se queres ver como elle vae,
Todo alagado em sangue
Que d'este meu corpo sae.

Leva-me àquella ermida,
Que me quero confessar.
— Naquella ermida, Helena,
Nem confessor lá ha;
Confessa-te a mim, Helena,
Que Deus te ha de perdoar,
D'esses peccados maiores
Dos *soutros* não ha vagar.
A quem deixas o teu fato
Que *hagas* tu de *tragar?*
— A minha irmã mais *veilha,*
Que bem lhe ha de pintar.
— A quem deixas o teu ouro
Que has de tu de trazer?
A minha irmã mais nova,
Que bem lhe ha de parecer.

(Vimioso).

98. Conde de Flores

Declarou-se uma guerra
Entre França e Portugal,
Convidaram Conde Flores
P'ra capitão general.
— Por quantos annos vaes conde,
Conde, por quantos vaes?
— Vou por sete, minha condessa.
Vou por sete, nada mais.
Se *ós* oito não vier
Condessa, podes casar.

Já os oito eram passados
E os nove iam a andar.
Uma manhã de Pascoa
O pae a mandara chamar.
— Que me quereis, meu pae,
Meu pae, que me quereis dar?
— Nada te quero dar, filha,
Se te queres casar!
— Não por certo, meu pae,
Não por certo em verdade;
Que me deu na cabeça
Que é vivo o Conde D. *Blás?*
Deite-me a sua benção
Que o quero ir a procurar!
— A minha benção te deito
Mais a soledade (?);
Vae a tua mãe que t'a deite
A ver se vale mais.

Foi-se para sua casa,
Saltou a desnudar-se;
Vestiu-se de peregrina.
E foi-se a peregrinar,
Sete annos andou por terra
E outros sete no mar.
Á entrada de *Barcelones*
Se pusera a merendar.
Viu vir um rapazito
C'uns cavallos a passear.
— Dize-me aqui, ó rapazito,
Não me negues a verdade,
De quem são esses cavallos
Que os conheço por sinal?
— Estes cavallos, senhora,
São do Conde D. *Blás.*
Hoje se alegram as bodas
E amanhã se vae casar.
— Pois dize-me aqui, ó rapazito,
Não me negues a verdade,
Onde mora esse senhor,
Onde mora, onde está.

Indo toda a rua adeante
Não lhe pudera fallar;
Sete voltas ao palacio
Sem olhar por onde entrar.
Ao cabo de sete voltas
Numa *ventana* o viu estar.
— Dae-me uma esmola, bom Conde,
Dae-me por necessidade!
— Pois perdoa, peregrina,
Que não tenho que te dar!
— Algum dia, bom Conde,
Algumas tinhas que me dar!
— Pois d'onde é a peregrina.
De que terra, ou de que cidade?
— Sou de França, meu senhor,
Um pouquito mais *acá.*
— Dize-me, ó peregrina,
Que se conta por ahi lá?
— Por ahi lá nada se conta.
Senhor Conde D. *Blás*
Deixou sua mulher só,
Sua mulher o anda a buscar!

Mette a mão ao seu bolso
Um real de ouro lhe dá;
Ella prometteu ao seu,
Levantar o *benairá* (sic).
— Esse *vrilá* (sic) era meu,
Me custou *uno siodá*[1] (sic).
— Como pode ser, senhor Conde,
Como pode ser verdade?
Deu-m'o meu marido
Quando nos fomos casar!
— Fique com Deus o palacio
(*conhecendo-a*)
E a gente que nelle está,
E Anninha fica *borrada*
De abracinhos e beijinhos,
Não a posso remediar,
Se minha mulher fosse má
Não na vinha procurar.

(POIARES, 1902).

99. D. Francisquinha

(Cfr. n.os 34, 51, 83 e 94)

'Stando D. Francisquinha
No seu jardim assentada
C'um pente de ouro na mão,
Lançou os olhos ao mar
Viu vir uma grande armada.
Capitão que nella vinha
Vinha muito bem preparado.
— Deus te salve, cavalleiro,
Deus te salve a tua alma!
Vistes por lá meu marido,
Por essas guerras passadas?
— Bem o vi, bem o conhecia.
Diz'-me as sanhas que levava
— Levava cavallo branco
Com sua sella amarella
E na ponta da sua espada
Uma bandeira de guerra.
— Por as sanhas que me dás
Esse mesmo lá o vi,
Encostado á muralha
Com vinte e cinco feridas;
A mais pequena d'ellas
Ha a cabeça cortada.
— Ai de mim, triste viuva,
Ai de mim, triste coitada!
De tres filhas que eu tenho
E nenhuma me ficar casada!
— Quanto dereis vós, senhora,
A quem vo-lo trouxera aqui?
— Dava-vos tanto dinheiro
Que nunca tivera fim!
— Não quero vosso dinheiro,
Que não me pertence a mim;
Sou criado do rei
Não posso viver aqui.
Quanto dereis vós, senhora,
A quem vo-lo trouxera aqui?
— Dou-vos as telhas do telhado,
Que são de ouro e de marfim.
— Não quero as telhas do telhado,
Que não me pertencem a mim;
Eu sou criado do rei
Não posso viver aqui.
Quanto dereis vós, senhora,
A que vo-lo trouxera aqui?
— Dou-vos tres moinhos que tenho:
Um é para moer chá,
Outro para moer café,
E outro para moer trigo
Do que hoje á mesa comi.
— Não quero os vossos moinhos,
Não me pertencem a mim;
Eu sou criado do rei
Não posso viver aqui.
Quanto dereis vós, senhora,
A quem vo-lo trouxera aqui?
— Dou-vos tres filhas que tenho:
Uma para te vestir,
Outra para te descalçar,
E a mais bonita de todas
Para comtigo casar.
— Não quero as vossas filhas,
Não me pertencem a mim;
Eu sou criado do rei,
Não posso viver aqui.

[1] = *Una ciudad?*

Quanto dereis vós, senhora,
A quem vo-lo trouxera aqui?
— Não tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que pedir!
— Queria o corpinho da senhora
Para commigo dormir!
— Oh! ladrão, que tal és,
Só merecias ser arrastado
Á roda do meu jardim.
— Pois isso era o que eu queria
Que eu sou o teu marido!
Meu anel de sete pedras
Em duas metades o parti;
Mostra me a tua metade,
Pois a minha vê-la aqui.

(Carviçaes, 1902).

100. **Silvana**

Como passeia a Silvana
Pelo corredor acima!
Cantares que ella cantava,
Dizeres que ella dizia:
—Casae-me, meu pae, casae-me,
Que a idade me *requeria*.
—Não tenho conde nem rei
Que mereça a minha filha;
Só o Conde de Alvar,
Mas esse tem mulher e filha.
— Mande-o chamar, meu pae,
A um jantar de gallinha,
Que no meio do jantar
De amores lhe fallaria.

Veio o Conde de Alvar:
— Que quer vossa majestade,
Que quer vossa senhoria?
— Que mates *la condeza*,
Que cases com minha filha;
Que me tragas a cabeça
Nesta dourada bacia.

Foi o Conde de Alvar
Mais triste que a maravilha
— Que tens Conde de Alvar,
Marido da minha vida?
— Manda-me fazer a ceia
Que no fim eu t'o diria.

Já a ceia era feita,
Nem um nem outro comia;
As lagrimas eram tantas
Que pela mesa corriam.
— Que tens Conde de Alvar,
Marido da minha vida?
— Manda-me fazer a cama,
Que no fim eu t'o diria.

Já a cama era feita
Nem um nem outro dormia;
As lagrimas eram tantas,
Que pela cama[1] corriam,
— Que tens Conde de Alvar,
Marido da minha vida?!
— Manda-me o rei que te mate,
Que case com sua filha.
— Não me mates com adagas,
Nem ferros que façam f'ridas;
Mata-me com toalha
Ao uso da fidalguia.
Oh! como corre o meu leite
Por esta camisa fina!
Como andareis, meus filhos,
De vizinha em vizinha!
Oh! como corre o meu leite
Por esta camisa alva!
Como andareis, meus filhos,
De madrasta em madrasta![2]
Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cozinha.
Adeus, minhas criadas,
Adeus jardim, adeus cozinha,
Onde me eu divertia.
Mette-me num travesseiro,
Servirei de fronha tua!

[1] No rascunho está *meza*, mas deve ser *cama*. O narrador confundiu-se.
[2] [É interessante a alternativa das assonancias *i a* e *a-a* em *camisa fina* e *camisa alva*, como nas célebres canções de Rebordainhos. Cfr. tambem o romance n.º 74. — J. L. de V.].

— Como isso poderá ser
Sendo tu *condeza* minha?
— Mette-me naquella coberta
Ao pé de minha tia.
— Como isso poderá ser.
Sendo tu *condeza* minha?
Dá-me uma sangria solta
Ao uso da fidalguia!
— Como isso poderá ser,
Sendo tu *condeza* minha?
. . . .
Dubram-se os sinos em Braga
Ai! Jesus quem morreria?
Morreu o ladrão do rei
E a infanta sua filha.
Disse logo o conde de Alvar:
— Tape-se essa sangria,
Que em comendo gallinha,
Logo se o sangue cria.

(Poiares, 1902).

102. A Romeirinha

Antes que eu da festa venha[1]
Não direi quem ficou nella;
Ficou uma romeirinha,
Linda como uma estrella.
Baixou-se o rei á janela,
Baixou-se a fallar com ella.

— Mal parece, romeirinha,
Sozinha nesta terra!
— Eu só não venho, não,
Antes sozinha viera!
Meu marido ficou atrás,
Lindo como uma donzella!

Recolheu-se o rei p'ra casa,
Assentou-se á sua mesa.
Cada bocado que come
Da romeirinha se lembra.
Chamou pelos seus criados
P'ra que fossem saber d'ella.
— Nem por ouro, nem por prata
Vos venhaes aqui sem ella!

Chegou-se ao meio da festa
Logo se encontrou(?) com ella:
— Manda dizer o rei
Que lhe vá assistir á mesa.
— Não vou ao *chamo* do rei,
Nem lhe vou servir á mesa;
Se elle é rei dos seus vassallos,
Eu sou rainha do ceu e da terra!
— Perdoae-me, minha Senhora,
Que não sabia quem era!
— Perdoado estás, ó rei,
Que isto dado aos homens era!

(REBORDELLO).

NOTA. — No romance n.º 11, *A Serrana*, publicado na *Rev. Lusit.*, VIII, 75-76, complete-se o 3.º verso com *vive*, isto é: *Vive lá uma serrana;* e no verso 12.º substitua-se *vives* por *vires*, isto é: *Vires commigo para a serra.*

No romance n.º 20, *Rev. Lusit.*, VIII, 78-79, no penultimo verso, deve ser *Mourama* no singular, isto é: *Entre Mouros e Mourama.*

ABB.E JOSÉ AUGUSTO TAVARES.

[1] O original tinha «feira».

NOTAS PHILOLOGICAS

I

SYNTAXE POPULAR

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA SYNTAXE HISTORICA

§ 1.º

Artigo

Actualmente, tanto na lingua litteraria, como na popular, a palavra *um* na expressão *um e outro* não é precedida do artigo, ao contrario do que succede em francês (*l'un et l'autre*).

Todavia no português archaico encontram-se exemplos em que apparece com artigo, como se vê no seguinte passo de uma lei de D. Affonso III (anno de 1261): «Primeiramente estabeleceo nosso senhor el-Rei aos rricos homens que nom voom a cas del-Rey senon por duas cousas *a huma* he se elRey mandar por eles e *a outra* he se ouverem que endereçar em cas del Rey»[1].

No Cancioneiro *Colocci-Brancuti*, fragmento de Poetica, verso 194, occorre o plural: *das hũas e das outras*.

Ainda muito mais tarde achamos exemplo d'esta pratica, como em Sá de Miranda[2], p. 52:

Fica-se porem julgando
Entre *a ũa* e outra sorte,
Se dais vida dando a morte
Que fareis a vida dando?

Este uso deveria ter certa extensão, e d'elle ficaram ainda vestigios no fallar do povo e no familiar, na expressão *á uma — e á outra*, com o sentido de: *por uma parte — e por outra; por um*

---

[1] *Port. Mon. Hist.*, «Leg. et Cons.», vol. 1, p. 202.

[2] Citamos sempre a edição da illustre romanista Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

lado — e por outro; primeiramente — depois. Nesta locução *á* é a crase da preposição e do artigo, valendo portanto *á uma* o mesmo que *a a uma*, como *á outra* vale por *a a outra*.

De uma carta escrita por um trasmontano transcreveremos o seguinte trecho, em que se encontra um exemplo d'este facto acompanhado de muitos vocabulos do fallar de Trás-os-Montes.

«Não escrebi á mais tempo *á uma* porque tenho andado bastante adoentado e á outra porque não tinha grandes nobidades para dar. Baise labrar o campo já se fez o cadabulho, se V. consentir da-se o roço de meias como nos mais anos já o teem bindo pedir, mandei limpar as gateiras foi um bom serviço que se fez porque o tempo está de treboadas, uma pipa de muscatel remelava, parece que estaba aluida quando se encheu, já se compoz e agora está boa, como está encomendada a pedra para os canteiros é preciso tambem alguma madeira para os malhaes. Informo a V. que o trabalho do saibramento agora sopre mais porque não se encontra tanta pedra. Está-se a tratar os leitões que estabão com tinhó».

No *Vocabulario* que adeante publicaremos, são explicadas algumas das palavras do trecho transcrito.

§ 2.º

Numeraes cardinaes

A linguagem popular emprega geralmente os numeraes cardinaes da lingua culta, mas prefere muitas vezes dizer *dois centos, tres centos, cinco centos,* etc., e *dois milheiros, tres milheiros*, etc., a usar os numeraes *duzentos, trezentos, quinhentos, dois mil, tres mil*. Já por este processo a lingua havia formado alguns dos cardinaes que designam as centenas, como *quatrocentos, setecentos,* etc., em vez de transformar phoneticamente os numeraes latinos *quadringenti, septingenti,* como transformou *ducenti* em duzentos, e *trecenti* em trezentos, devendo-se notar todavia que estas formas ficaram sendo adjectivos, ao passo que em *dois centos, tres centos,* a palavra *centos* é um substantivo.

Parece não existir hoje na lingua popular o numeral *cento* como adjectivo, que apparece em textos antigos e que foi a forma primitiva geralmente empregada, da qual resultou em virtude de proclise o adjectivo *cem,* que a substituiu, como *são* proveio de *santo* pelo mesmo processo. Garrett (*Dona Branca*) diz ainda «adens cento». Só em *cento e um, cento e dois,* etc., a palavra *cento* conserva o seu valor de adjectivo.

Milheiro resulta do substantivo *miliarium,* que alem de marco miliar significava tambem um milhar (de passos), de modo que *milheiros* vem a corresponder ao plural latino *milia,* que desappareceu, ficando apenas a forma *mil,* de *mille,* e o deri-

vado analogico *milhenta*, e *milhentas* que se usou popularmente, e que apparece ainda algumas vezes em expressões como «são mais ca *milhentas*», «já lh'o disse *milhentas vezes*». Veja-se adeante *Numeraes proporcionaes*.

Milhar é empregado apenas pela lingua culta e representado por *milheiro*, como vimos, na linguagem do povo, que desconhece tambem os numeraes *milhão, bilião*, etc. Todavia na designação de dinheiro emprega a palavra *conto*, comquanto prefira ás vezes dizer, por exemplo, *quinze centos* em logar de *um conto e quinhentos mil réis*. Dizer, por exemplo, *tres centos* em logar de *trezentos mil réis* é frequente, sobretudo no Minho.

É frequente o emprego da combinação *ambos dous* (dois) e *ambos os dous* (dois), (em espanhol *ambos dos*), como no exemplo seguinte extrahido do *Monge de Cister*, de Herculano, vol. 1, p. 99 da 6.ª edição: «O certo é que *ambos os dous* monges caminhavam juntos». Mas na linguagem popular ha ainda *ambos e dous, ambos a dous* e *ambos de dous*.

Esta ultima locução vem já de longe, como se vê pelos seguintes exemplos:

> Nós viemos praticando
> *Ambos de dous*

Autos de Antonio Prestes, p. 153 da edição de 1871, feita por Tito de Noronha[1].

> D'*ambos de dous* a fronte coroada
> Ramos não conhecidos e herva tinha.

Lusiadas, IV, 62.

> Tal lh'a derão
> Que logo fora as pugerão
> Ambos fora do ixido,
> A esposa e o marido,
> Por qu'*ambos de dous* comêrão
> Do que lh'era defendido.

Pratica de tres pastores, publicada pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, p. 22.

Em Camillo, *Corja*, p. 43, encontra-se este passo: «Quebradas tivesse eu as pernas *ambas de duas*, quando casei com este moinante».

---

[1] É a edição que citaremos sempre. Veja-se todavia a critica feita a respeito d'ella pelo Sr. Epiphanio Dias nesta *Revista*, vol. 1, p. 86 sqq.

Em certos logares do pais occorre ainda a expressão *amos* por *ambos,* como *amos dois* e *amos de dois.*

*
* *

Roquette, no seu *Diccionario de synonimos,* falla da expressão *ambos de dous* e condemna-a nas seguintes palavras: «Temos por incorrecta a locução *ambos de dous,* porque não ha nada que justifique a particula *de,* e só tem logar a conjuncção *e* e o artigo *os.* Nem nos demove da nossa opinião o ler-se assim em bons autores, porque nem tudo que escreveram é correcto».

Devemos notar que nesta expressão a forma *de* não é propriamente a preposição, que Roquette designou pela palavra *particula.* Ella representa um caso de phonetica syntatica. Foi a influencia do *d* do numeral *dois* que fez apparecer junto da conjuncção uma articulação igual, concorrendo talvez para fixá-la e conservá-la a analogia com a preposição *de.* É uma prolepse phonetica, isto é, a antecipação de um phonema seguinte[1].

*
* *

Em uma comedia intitulada *Isidoro o Vaqueiro,* de Joaquim Augusto de Oliveira, em que se imita o fallar dos Saloios, acha-se tambem a locução *todos dois* (cfr. o francês *tous les deux)*:

É por ella que largando
Minhas vacas e mê bois
Ajoelho e peço a Deus
Que nos una a *todos dois.*

A expressão *de dois em dois dias,* usada na linguagem familiar e que na lingua culta concorre com a locução *em dias alternados* (correspondente ao latim *alternis diebus, alterno quoque die*), é tambem representada no fallar do povo por *um dia sim (e) outro não.*

Uma locução muito usada, *ás duas por tres,* cujo sentido originario deveria ser *duas vezes em tres, nos dois terços dos casos,* tomou a accepção mais geral de *muitas vezes, frequentemente, a cada passo, inesperadamente:* «*ás duas por tres,* quando mal nos precatamos, ahi o temos nós».

---

[1] Démos pela primeira vez, segundo cremos, a este facto o nome de *prolepse phonetica* na *Rev. Lusitana,* vol. I, p. 68. Esta denominação foi depois empregada tambem por Epiphanio Dias na sua primorosa edição das *Obras* de Christovão Falcão, p. 105.

§ 3.º

Numeraes ordinaes

Os numeraes ordinaes são pouco empregados pelo povo, excepto os primeiros e os que entram em expressões petrificadas, como *sexta-feira*. Cf. *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, do Dr. Leite de Vasconcellos, p. 127.

Na propria lingua litteraria o seu uso tende a restringir-se, sendo quasi desusados os que derivam de numeros que designam centenas, como *quadringentesimo, quingentesimo*, etc. Empregam-se em logar d'elles os cardinaes. O mesmo succede em alguns casos ainda com os outros numeros; assim, diz-se: «seculo *vinte*», etc.

§ 4.º

Numeros fraccionados

As expressões que designam numeros fraccionarios são muito limitadas na linguagem popular. Quasi só se empregam fracções em que o denominador tem apenas mais uma unidade do que o numerador, mas sem se usarem os numeraes ordinaes, que são substituidos pelo substantivo *partes*. Assim, diz-se *duas partes, tres partes, quatro partes*, etc., em logar de *dois terços, tres quartos, quatro quintos*.

Esta pratica vem já do latim, que dizia igualmente: *duae partes agri* = «$\frac{2}{3}$ do campo»; *tres partes* = «$\frac{3}{4}$», etc. A lingua popular conservou-a sem alteração alguma.

Em virtude d'este uso, para indicar as differentes partes de um todo ou de um mixto, diz-se tambem, por exemplo: *tres partes* de vinho e *uma parte* de agua, isto é, $\frac{3}{4}$ de vinho e $\frac{1}{4}$ de agua.

Outras fracções, como *tres quintos, cinco setimos, sete nonos*, etc., não se encontrarão no fallar do povo.

Só na fracção e na palavra *terça-feira* se usa o ordinal *terço* ou *terça*; fora d'ahi emprega-se *terceiro*, do latim *tertiarius*, derivado de *tertius*, assim como se diz *primeiro* (de *primarius)* e não *primo* (de *primus)*. Este só occorre na expressão arithmetica *numeros primos*.

§ 5.º

Numeraes proporcionaes

Os numeraes proporcionaes *duplo, triplo, quadruplo*, etc., não pertencem á linguagem popular, que suppre a falta do primeiro e do segundo empregando ás vezes as palavras *dobro* e *tresdobro*,

mas preferindo usar as expressões *dois tantos, tres tantos,* e para os outros numeraes proporcionaes *quatro tantos, cinco tantos,* etc.

Em Gil Vicente acham-se até locuções como *sete tanto* e *dez tanto,* estando *tanto* no singular, de forma que *sete tanto* está abreviadamente por sete vezes *tanto.* E cumpre notar que estas expressões —*sete tanto, dez tanto*— representam a construcção primitiva, correspondendo ás locuções latinas *septies tantum*, *decies tantum* ou *septies tanto* e *decies tanto,* compostas com o adverbio multiplicativo. Compare-se o espanhol *siete tanto, diez tanto, dos tanto,* etc. Depois viu-se na palavra *tanto* um substantivo a que seria necessario dar a forma do plural por estar precedido de um numero que o designa, e passou-se por consequencia a dizer *sete tantos, dez tantos,* que são as expressões actuaes, tendo desapparecido a antiga construcção, que se conserva ainda em espanhol.

Olhae, flores, não me espanto
Que me digaes *sete tanto.*

Vol. 1, p. 267, da edição de Hamburgo, que sempre citaremos.

Oh! e tu gabas-te e fazes-te santo?
Juro-te, amigo, que hypocrita és,
Torna-te monge, descalça esses pés,
E serás fino nessa arte *dez tanto.*

Ibid.

A explicação que damos para as nossas expressões *dois tantos*, *tres tantos,* etc., parece-nos a mais plausivel em razão dos exemplos citados de Gil Vicente, e da construcção espanhola; todavia nos escritores latinos, ao lado de frases como «*bis tanto* pluris», «*ter tanto* pejor», «*quinquies tanto* amplius»; «*bis tanto* amici sunt inter se quam prius», etc., encontram-se tambem expressões analogas, embora com differente funcção syntactica, formadas com numeraes cardinaes e o plural *tanta* ou *tantis*: «*sexcenta tanta* (seiscentos tantos, seiscentas vezes tanto) reddam, si vivo, tibi»; «*tribus tantis* (tres tantos) illi minus (*frumenti*) redit quam obseveris» (Plauto).

Do mesmo modo se explica *milhenta*, de que fallámos acima, no seguinte exemplo da *Pratica de tres pastores,* p. 30, onde está por *milhentas vezes*:

Por peccadores,
Dou-vos eu, senhor, loivores
E graças *milhenta mil*,
Que fazeis tantos favores
Aos proves dos pastores
Neste dia tão gentil.

Com a significação de triplo empregava-se antigamente tambem a palavra *atrenado*, recolhida por Viterbo no *Elucidario*

(Supplemento) e que deve resultar do distributivo latino: «ATRENADO. Tres vezes em dobro. *Mandamos que o paguem atrenado, a saber, tres vezes quanto montar em esse dampno, que assy fezerem*. Cod. Alf. L. V. Tit. 45, § 14».

A definição que Viterbo dá para este termo, «tres vezes em dobro», representa mais um processo que ainda hoje nos offerece a lingua popular para designar estes numeraes, ao lado de «tres vezes tanto» e «tres tantos». Diz-se tambem «dobrado tres vezes».

§ 6.º

Numeraes distributivos

Os numeraes distributivos do latim desappareceram no português (como em geral nas linguas romanicas), mas não sem que ficassem vestigios d'elles. Perdendo o valor e o emprego de adjectivos numeraes, transformaram-se quasi sempre em substantivos, como *novena, dezena, centena,* etc.

De *singulos* ficou-nos *senhos,* que se usou muito no português archaico e ainda posteriormente. De um testamento de 1314, mencionado por Viterbo, s. v. CHUMAÇO, daremos o seguinte trecho, em que apparece repetidas vezes aquelle distributivo: «Mandamos os nossos corpos serem soterrados na Sé de Lamego, e mandamos hi comnosco *senhas* almucelas, e *senhos* chumaços, e *senhas* colchas brancas, e *senhos* moyos de vinho, e *senhos* quarteiros de pão: e mandamos por quitamento de nossas dizimas *senhos* puçais de vinho e *senhas* teigas de pão quartado».

Mencionaremos ainda um exemplo de Gil Vicente, vol. II, 412:

E irão suas criadas
Num lagar d'azeite todas
Sem crenchas[1], descabelladas,
Como selvagens pasmadas
De tão altissimas vodas.
E sahirão ás janellas
Com *senhas* tochas de palha
Debrũadas amarellas,
Se não olharem par'ellas
Não lhes dará nemigalha.

Do distributivo latino *terni* resultou o substantivo *terno*, que geralmente se usa na significação de grupo ou conjunto de tres

[1] *Crenchas* significa «tranças de cabello», ou talvez simplesmente o «cabello penteado e separado por uma risca», pois *crencha* em espanhol significa «risca do cabello». Representa um deminutivo latino *crinicula,* de *crinis; descabelladas* equivale aqui a «desgrenhadas»; tem pois aproximadamente o sentido de *sem crenchas.* Nesta accepção não occorre ainda nos diccionarios.

pessoas ou cousas, mas que na linguagem popular de Trás-os-Montes tem ainda o sentido de *talhões, glebas*. De uma carta reproduziremos este trecho: «Não entendo como possa fazer a plantação como v. quer. Aqui ninguem planta em *ternos* separados, é tudo junto branco com tinto e outras especes, porque as sementes vem sempre calabreadas». Os diccionarios ainda lhe não dão este significado.

Sementes é o nome com que designam os «garfos da enxertia». Não occorre nos diccionarios com este sentido. *Calabreados* significa «misturados»[1].

Ainda com outra applicação se emprega esta palavra, como se vê no seguinte exemplo: «Estão na escola de tiro recebendo a instrucção ao alvo os reservistas de infantaria 6, na força de 8 officiaes e 250 praças e respectivo *terno* de tambores e cornetas».

§ 7.º

Pronomes pessoaes

O fallar do povo emprega ás vezes os casos obliquos dos pronomes pessoaes como nominativos, isto é, com funcção de sujeito.

Assim, é frequente ouvir dizer: *é mais alto ca mim; sou mais pobre ca ti;* em logar de: *é mais alto do que* EU; *sou mais pobre do que* TU. Compare-se o francês: *il est plus grand que* MOI. Outros exemplos: *elle é coma mim; eu sou coma ti;* em vez de: *como eu; como tu.*

Em Gil Vicente abundam os casos d'esta construcção. Transcrevemos o seguinte trecho (vol. III, p. 391 — SEPULTURA DE GIL VICENTE):

O gran juizo esperando,
Jaço aqui nesta morada;
Tambem da vida cansada
Descansando.

Pergunta-me quem fui eu,
Attenta bem pera mi,
Porque tal fui *coma ti*
E tal has de ser com'eu.
E pois tudo a isto vem,
O lector, de meu conselho,
Toma-me por teu espelho
Olha-me e olha-te bem.

---

[1] O trecho transcrito revela bem o atraso dos processos da nossa viticultura. Em uma extensa zona da região viticola duriense um feitor de uma quinta respondia ao proprietario, ha poucos annos ainda, que não achava possivel plantar uma vinha enxertando em talhões separados as differentes castas de vides, pois que não encontrava exemplo d'isso nas propriedades vizinhas. E assim é que muitas vezes se torna necessario percorrer alguns hectares de vinhedo para colher por entre as uvas tintas aquellas que hão de produzir uma ou duas pipas de vinho branco.

Parece que em tempo este uso deveria ser bastante extenso e que frequentes vezes, quando o pronome não precedia immediatamente o verbo, tornando-se proclitico, se empregavam as formas tonicas, mais emphaticas, de complemento, como succede em francês. Daremos mais um exemplo, de Gil Vicente, vol. I, p. 167:

AMANCIO. Compadre, vas tu á feira?
DINIS. A' feira, compadre.
AMANCIO. Assi,
Ora vamos eu e *ti*
Ó longo d'esta ribeira.

Em Antonio Ribeiro Chiado[1], p. 189, encontra-se tambem este exemplo: «Quem mais saido que *ti*?

Sabe-se que em gallego o nominativo do pronome da segunda pessoa é *ti*. Da forma *tu* apparecem apenas raros vestigios. Ao contrario o antigo aragonês empregava *tú*, forma do nominativo, precedido de preposição, dizendo *á tú, con tú,* o que succede tambem no catalão e no antigo provençal. No aragonês e provençal modernos e no valenciano o nominativo do pronome da 1.ª pessoa é tambem usado como complemento regido de preposição: *con yo, pa yo;—per yeou;—à yo.*

Ainda em outra expressão occorre a forma de complemento, que deve ter a mesma explicação. É na frase *se eu fosse a ti,* que quer dizer: «se eu estivesse no teu logar, se eu estivesse no teu caso, se isso fosse comigo».

A oração *se eu fosse a* TI resultaria de *se eu fosse* TI, por *se eu fosse* TU; e depois, como a forma *ti* costuma ser precedida de preposição, passar-se-hia, por analogia, a dizer *a ti* em logar de *ti*, para o que tambem concorreria a circunstancia de se considerar *fosse* como forma do verbo *ir,* a que se deveria juntar a preposição *a* para exprimir o termo do movimento.

A expressão *se eu fosse a ti* é já antiga. Encontra-se, por exemplo, em Gil Vicente, vol. I, p. 318, no seguinte passo:

Oh como cantas tão doce, pastor!
Quanta doçura que nasceu comtigo!
Conselho-te, irmão, senhor e amigo,
Que te estimes muito: pois és tal cantor.
Bem he que te prezes.
Tu és mais formoso que teu pae mil vezes:
E *se eu a ti fosse,* deixaria o gado,
Que andas nos matos mui mal empregado,
Mancebo disposto: e não te desprezes
De ser namorado.

[1] Citamos a edição do Sr. Alberto Pimentel. Veja-se a respeito d'ella a critica publicada pelo Sr. Epiphanio Dias na *Zeitschrift für romanische Philologie,* vol. XV, p. 550 sqq.

Por analogia com esta formula diz-se tambem: se eu fosse *a ella,* se eu fosse *a elle,* se eu fosse *a você,* etc.; *se fosse a vós,* encontra-se em Ribeiro Chiado, p. 72:

PERO. Eu não m'entendo comigo
Sempre estou neste marteiro,
Tem me já morto esta tosse.
VELHA. Curar-me-hia eu *s'a vós fosse!*
E enforcasse-se o dinheiro.

O sentido d'estas frases mostra que effectivamente a construcção primitiva não deveria ter preposição. Está em harmonia com ella o seguinte exemplo, que extrahimos do *Fausto,* traducção de Castilho, p. 242:

Eu, *se fosse a senhora,* atirava paixões
p'ra trás das costas.

O mesmo succede no seguinte trecho de Gil Vicente, vol. III, p. 239:

Se Portugal desejais,
Sendo vós, eu o tomaria.

Neste passo, *sendo vós* equivale a: *se eu fosse vós, se eu estivesse no vosso caso.* Está, como no exemplo anterior, construido tambem sem preposição.

*
* *

Sobre as formas *elle, ella, elles, ellas,* empregadas como complementos directos veja-se o que dizemos nesta *Revista,* vol. IX, p. 119.

*
* *

O pronome *comsigo* deixou de ter na linguagem popular o emprego que lhe resultou de ser um composto com o pronome reflexo. Raro é ouvir dizer ao povo: «Levou o filho *comsigo*». Dirá de preferencia: «Levou o filho *com ella* ou *com elle*».

Comsigo passou a ser empregado quasi exclusivamente como palavra de tratamento, com a qual se dirigem á pessoa com quem fallam, como: «Nós vamos *comsigo*», isto é: «nós vamos *com você*» ou «*com o senhor*».

*
* *

Tambem as formas *comnosco* e *comvosco* são pouco usadas pelo povo. Em vez de «nós vamos *comvosco*», diz-se «nós vamos *com vocês*». Em logar de «venham *comnosco*», ouvir-se-ha «venham *com nós*» ou «venham com *a gente*». Cf. *Orações impessoaes*.

§ 8.º

Pronomes pessoaes empregados emphaticamente

O Sr. Epiphanio Dias referindo-se a um emprego que tem os pronomes pessoaes na linguagem familiar, explica-o do seguinte modo: «No estilo familiar, a lingua portuguesa junta muitas vezes ao verbo um pronome pessoal na forma do complemento indirecto, nas expressões de admiração ou censura, nas recommendações e instancias e nas interrogações acêrca de alguem, para significar que a pessoa designada pelo pronome pessoal tem interesse na acção: *Porque não me estuda? Não me saia d'aqui.*» (*Grammatica portuguesa elementar,* § 131).

Este uso corresponde ao chamado *dativo ethico* dos latinos, como em: *Hic* mihi *quisquam misericordiam nominat?* (Sallustio). Cf. *Grammatica latina,* de Madvig, § 248.

Daremos alguns exemplos que representam a falla popular do seculo XVI, e em alguns dos quaes a ideia de interesse está um pouco apagada notando-se principalmente o valor emphatico do pronome.

FERNÃO. Todavia é fallecido seu marido
Que Deos haja?
VIUVA. Em Cananor.
FERNÃO. Havia muito que era ido?
VIUVA. Tempo ha e bem comprido.
FERNÃO. Se deixou, é menos dôr.
VIUVA. Morrêra-me o seu herdar,
Tivera-o vivo e são,
Que bens cá hão de ficar,
São como ondas do mar,
Ei-las vem, e ei-las vão.
FERNÃO. Choraste-lo bem, senhora,
PRIMAVERA. *Olhae-me* esse perguntar.

Autos de Prestes, p. 389.

MARGARIDA. Não he cousa que pel tenha.
MADANELLA. Mas sabeis que he leitão,
Que tem couro e não tem pelle?
MARGARIDA. Leitão? isso *vos* era elle.

Gil Vicente, vol. I, p. 141.

Dizião a mi lá d'elles
Que quem casa por amores
Não *vos* he nega dolores.

Ibid., p. 128.

Assim como vo-lo eu rezo
Esta *vos* he Anna Diz.

Ibid., vol. III, p. 178.

Que culpa *te* tẽe teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

Camões, *El-Rei Seleuco*, prologo.

§ 9.º

Pronome possessivo

Na linguagem familiar é frequente ouvirem-se frases como: *Fulano é boa pessoa, mas tem seus defeitos.* Aqui o pronome *seus,* por uma facil evolução de sentido, perdeu evidentemente o seu valor possessivo, para adquirir significação partitiva, equivalendo portanto aos pronomes indefinidos, *alguns, uns, certos. Tem seus defeitos* vale, pois, aproximadamente o mesmo que *tem uns defeitos, tem alguns defeitos, tem certos defeitos.*

*
* *

Modernamente nem a lingua culta nem a popular dão aos pronomes possessivos um emprego que antigamente se usou muito no fallar do povo. Precedidos do artigo, funccionavam como substantivos com a significação geral de «*o que pertence* a alguem», «as suas soldadas», «os seus haveres», etc., como se vê nos seguintes exemplos:

As ovelhas reganhárão
As cabras engafecêrão
Os carneiros se afogárão
E os rafeiros morrêrão.
Payo Vaz, se queres gado,
Dá ó demo essa pastora:
Paga-lh'o *seu*, va-se embora
Ou ma-ora[1],
E põe *o teu* em recado.

Gil Vicente, vol. I, p. 115.

[1] Observaremos que ao espirito dos quinhentistas estava ainda presente, na expressão *ir-se embora,* o sentido originario da palavra *embora,* que é composta de *em boa hora,* e á qual portanto no penultimo verso do trecho trans-

FIDALGO. Mas olhae esse fallar
Como vae bem martelado!
Folgo não vos ter pagado,
Por nos ouvir martelar
Marteladas de avisado.

OURIVES. Senhor, beijo-vo-las mãos,
Mas o *meu* queria eu na mão.

Ibid., vol. III, p. 209.

Isso é com que m'eu mato.
Quem te manda procurar?
Attenta tu polo *meu*,
E arrecada-o muito bem,
E não cures de ninguem.

Ibid., p. 221.

FIDALGO. Faze por teres amigos,
E mais tal homem com'eu,
Porque dinheiro he hum vento.

PERO VAZ. Dou eu já ó demo os amigos
Que me a mi levão o meu.

Ibid., p. 222.

Agora merecia eu
Hum par de trochadas boas
Porque fiar nas pessoas
Nunca outro fructo deu.
Bem vi eu que o guimeu
Me vio tudo aqui leixar;
Mas o seu negro prègar
Me levou a mi *o meu*.

Ibid., p. 249.

---

crito se contrapõe a locução *má-ora* (=hora). Note-se tambem o seguinte passo de Camões, *Filodemo,* acto I, scena V:

SOLINA. Porque parece já mal
Estar aqui ambos sós.
E mais vou vestir agora
A quem vos dá tão má vida.
Ficae-vos, Senhor, *embora.*

FILODEMO. *Nessa* ide vós Senhora,
Que já vos tenho entendida.

A palavra *embora* perdeu completamente o seu valor etymologico, empregando-se hoje meramente como adverbio.

Não sejaes esperdiçado,
Não deixeis perder o *vosso.*

Autos de Antonio Prestes, p. 111.

Hoje este emprego talvez só occorra em frases feitas como «dar *o seu* a seu dono».

* * *

Ainda outro emprego tinha antigamente o pronome possessivo, precedido da proposição *por:* equivalia a *por causa d'alguem, por amor d'alguem,* como se vê no seguinte passo, em que o seu valor está perfeitamente determinado, valendo a expressão *pelo vosso* o mesmo que *por vossa causa, por amor de nós:*

CAPELLÃO. Ora pois veja, senhor,
Que he o que m'ha de dar,
Porque alem do altar
Servia de comprador.

FIDALGO. Não vo-lo hei de negar
Fazei-me hũa petição
De tudo quanto requereis.

CAPELLÃO. Senhor, não me prolongueis,
Qu'isso não traz concrusão,
Nem vejo que a quereis.
Porque me fiz *polo vosso*
Clericus et negociatores.

Gil Vicente, vol. III, p. 20.

Vejam-se outros exemplos a p. 136 do *Livro de Esopo,* publicado pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos.
Modernamente não se usa este modo de dizer.

§ 10.º

Pronomes relativos

A linguagem do povo português construe as orações relativas de um modo muito differente da lingua litteraria. Esta, como é sabido, possue os pronomes relativos *que, quem,* invariaveis, *o* (*a*) *qual* e o plural *os* (*as*) *quaes* e *cujo* e *quanto* com flexões para o genero e para o numero. De todas essas formas o português

popular, em rigor, só conhece *que*, empregando tambem algumas vezes *quem*, mas quasi só quando *quem* está com o valor de *aquelle que*, como nos seguintes exemplos: «*quem* fizer isso será castigado»; «dá-se um premio a *quem* fizer isso».

Será raro encontrar no fallar do povo esta forma referida a um antecedente, como: «o homem a *quem* eu entreguei o livro».

A forma *cujo* apparece uma ou outra vez, todavia usada apenas por pessoas de limitada leitura e pretensiosas. A sua construcção, porém, afasta-se da que é ensinada pelos grammaticos. Perdeu completamente o valor possessivo, passando sempre de adjectivo a substantivo, e ficando a equivaler ao pronome *que*, como na frase *os homens cujos eu vi*, em vez de *os homens que eu vi*. Quasi sempre aquella forma se reforça juntando-se-lhe o antecedente ou o demonstrativo *este*, ou ainda outras palavras, por exemplo: *os homens cujos homens eu vi* ou *cujos estes eu vi*.

O romancista Camillo Castello Branco attribue a um pretendente ao cargo de vereador do municipio portuense trechos como os seguintes, em que frisa este vicio de construcção: «Trabalhe V. S.ª com os cartistas, que Barão eu o farei logo que estejam em cima o meu particular amigo José Bernardo e o mano Conde, *cujos* são meus intimos, e a minha filha Baroneza vae tomar chá com a condessa de Thomar»[1]; «Tens razão, mas lembra-te que uma familia respeitavel como nós estamos sendo nesta cidade do Porto, devemos evitar escandalos *cujos* possam affectar a nossa sociedade»[2]; «Minha filha, se não quer contratos com a Felicia, é porque é honrada, *de cujo* eu muito a louvo»[3].

Tal construcção occorre até, de certo por descuido, em escritos de pessoas que devem suppor-se illustradas. Assim no *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, vol. v, p. 40, o autor escreveu: «O seu officio (*dos meiorinos*) se exprimia pela palavra *tenens*, que vem de *tenementum*, *cuja* palavra, na infima latinidade, significava *territorium seu destrictus alicujus loci*».

No *Codigo do bom tom*, de J. J. Roquette, Paris, 1845, p. 247, é já notado este emprego de *cujo*. Faremos uma transcripção um pouco extensa, porque o autor revela nesse passo ter conhecido o fallar do povo das nossas provincias, comquanto nem tudo esteja exactamente exposto: «Espero que nunca mudareis o *b* em *v* e *vice-versa*, como fazem os minhotos, nem direis *ũa, bõa*, por *uma, boa*; nem *precurar, preguntar* ou *pròguntar* por *procurar, perguntar*, *frol* por *flor*, *pirola* por *pilula*, *gazula* por *gazua*, *antre* por *entre*, *rezão* em logar de *razão*, *alzebeira* por *algibeira*, *ginella* por *janella*, *lavarinto* por *labyrintho*, *tal e quejando* por *tal e qual*, *titor* por *tutor*, *percissão* por *procissão*, *socresto* por *seques-*

---

[1] *A Corja*, p. 13.
[2] *Ibid.*, p. 62.
[3] *Ibid.*, p. 114.

tro, alinterna por *lanterna, avoar* por *voar, estrever-se* por *atrever-se, crelgo* por *clerigo, esnoga* por *synagoga, contrairo* por *contrario, probe, proveza* por *pobre, pobreza; maninconia* por *melancolia, melancolico, maninconio, surgião* por *cirurgião, vigitar* por *visitar, prantar* por *plantar, mei pae, meis amigos* por *meu pae, meus amigos; «o cujo»* por *o qual.* Nem direis nunca *a senhora mãi* em logar de *a senhora sua mãe,* nem *perguntar alguem* em vez de *procurar alguem,* não usareis tampouco da ellipse mui frequente na provincia do Alemtejo, *ir á de* fulano, isto é, *ir a casa* de fulano.—Quando vos noto estes defeitos de pronunciação e vicios de linguagem (quantos outros se poderiam apontar!) mais frequentes entre os provincianos, não quero por isso dizer que os não ha na capital. É muito frequente entre a gente ordinaria de Lisboa mudar o *e* em *a* nalgumas palavras: dizem *panha, lanha* por *penha, lenha;* tambem costumam inverter o *r* depois das vogaes, e dizem: *cravão, cravalho, crocunda* ou *caracunda,* por *carvão, carvalho, corcunda.* Ajuntam ás vezes um *n* onde não devem, dizendo *menza* em logar de mesa, etc.»

*
* *

Como acima dissemos, *cujo* designa posse, equivalendo portanto a *do qual, dos quaes, de quem;* mas em um trecho da linguagem popular imitada por Gil Vicente, vol. II, p. 506, apparece com uma relação differente da possessiva, a de origem ou proveniencia, que tambem costuma exprimir-se pela preposição *de:*

Eu sou o mor namorado
Homem, que nunca se achou;
Porem hum excommungado
Que o diabo excommungou,
Nunca foi tão desamado.
A dama *cujo* nasci,
O maior prazer que sente,
He dizer-me mal de mi:
Se venho, foge d'alli,
Se me vou, fica contente.

Cujo, aqui, significa *do qual, de quem,* e a sua syntaxe neste logar resulta da analogia com outra construcção, hoje caida em desuso, como seria por exemplo *a dama cujo sou,* como no exemplo seguinte, do mesmo escritor, volume citado, p. 493:

E com esta concrusão
Vamo-lo empresentar
Porque se devem de dar
As cousas a *cujas são.*

Isto é: Devem-se dar *áquelle cujas são,* ou *áquelle de quem são, a quem pertencem.*

*
* *

Nas orações relativas em que o relativo deveria ser precedido de uma preposição, omitte-se frequentemente essa preposição, que é depois empregada com um pronome pessoal, para exprimir a mesma relação, no meio ou no fim da frase. Ouvem-se a cada passo construcções como as seguintes: «O homem *que* eu fui *com elle*», em lugar de «o homem *com quem* eu fui»; «este é o vestido *que* eu hei de andar agora sempre *com elle*» em vez de «o vestido *com que* eu hei de andar»; «o navio *que* ella veio *nelle*» em vez de «o navio *em que* ella veio»; «as pessoas *que* elle tem confiança *nellas*», por «as pessoas *em quem* elle tem confiança»; «o menino *que* eu *lhe* dei um livro», em lugar de «o menino *a quem* eu dei um livro».

Neste ultimo exemplo desappareceu a preposição, porque a relação que ella exprimia está representada pelo caso do pronome.

Do *Auto da Ave-Maria,* de Antonio Prestes, p. 28, transcrevemos o seguinte exemplo:

Sempre nestes choupos ha
Um rato *que* o queijo é *d'elle.*

Observaremos que esta construcção da nossa linguagem popular é a construcção regular da lingua arabe. Se tivessemos de traduzir para este idioma a frase: «o homem *de quem* nós fugimos», seria necessario dar-lhe a ordem seguinte: «o homem *que* nós fugimos *d'elle*».

Não queremos de maneira alguma dizer que este modo de formar as orações relativas no arabe, lingua que se fallou no nosso país durante seculos, fosse a origem da construcção popular do português, pois concebe-se sem difficuldade que independentemente d'essa influencia a rigorosa precisão das proposições relativas se quebrasse por uma tendencia para a simplificação e generalização, tendencia que resultaria de ser muito mais frequente o emprego do pronome *que* como sujeito e como complemento directo, isto é, não precedido de preposição. E para fixar essa construcção concorreria ainda a circunstancia de ser mais emphatica do que a litteraria. De resto o exemplo das linguas semiticas mostra que ha no espirito uma disposição para facilmente a acceitar. Compare-se tambem a syntaxe de orações relativas em inglês como as seguintes: «*the house* that *I live* in»; «*a place* which *we*

have long heard and read of»; «*this is a thing I cannot account* for»[1].

*
* *

Pratica semelhante com o pronome *quem* e o possessivo *seu* encontra-se em Gil Vicente, vol. I, p. 109:

Justo he que imagine eu,
E que estê muito turbada:
Querer *quem* o mundo he *seu*,
Sem merecimento meu
Entrar em minha morada.

«Quem *o mundo é* seu» equivale a «*aquelle* que *o mundo é* seu» ou «*aquelle* que *o mundo é* d'elle», e está portanto em vez de «*aquelle de que* ou *de quem* o mundo é».

*
* *

Os adverbios relativos *onde, aonde* e *donde* substituem muitas vezes nestes casos o pronome relativo, sem terem de exprimir circunstancia de logar, e referindo-se mais ao sentido de uma oração do que a uma determinada palavra. De uma carta vamos transcrever um trecho em que occorrem exemplos do que affirmamos: «Parteçipo a V. que onte de tarde para aqui esteve uma treboada junta com uma tempestade de bento *aonde* meteu um furacão de bento pela emxertia de bastardo e depois foi a quinta aonde deitou a bidraça de cima da porta do armazem grande toda inteira pela sala adeante ficou apenas tres bidros inteiros e as outras estiverão tambem a suseder-lhe o mesmo *onde* (=com o que, em virtude do que) a M. ficou cuaijo morta».

De textos antigos citaremos o seguinte passo das *Cantigas de Maria:*

et dentro do seu corpo cuydaua e creya
que tragia coobra *donde* (= do que) nos espantamos

e um trecho de um fragmento da *Demanda do Santo Graal* publicado pelo Dr. Otto Klob na *Revista Lusitana,* vol. VI, p. 340:

1 Veja-se o que dizemos a este respeito na *Grammatica da Lingua Inglesa,* 5.ª edição, § 288, 2, *c.*

«E rei Artur o er fez tam bem aquel dia, que todolos seus filharom en fazanha, e nunca mais cansava de ferir despada, *unde* Lucan que estava preto del e que via as maravilhas que fazia, dise a Giflet».

*
* *

Os relativos *o* (*a*) *qual, os* (*as*) *quaes* e *quanto* (*a, os, as*) não são empregadas na linguagem popular, que só usa aquellas formas como pronomes interrogativos.

§ 11

Pronomes interrogativos

O fallar do povo serve-se dos mesmos pronomes interrogativos que a lingua culta.

O interrogativo *cujo,* muito usado outrora (v. g. *cujo* és?), desappareceu completamente da linguagem popular, e actualmente é raro encontrar-se na lingua litteraria.

§ 12

Pronomes demonstrativos

No vol. VIII d'esta *Revista* fizemos notar que o povo emprega em geral os mesmos pronomes demonstrativos que a lingua culta, excepto *outrem;* e que alem d'esses usa tambem a expressão *os mais, as mais,* quer como substantivo, quer como adjectivo, com o sentido de *os outros, as outras,* v. g.: «eu hei de fazer isso, porque *os mais* tambem assim fazem». A lingua litteraria emprega ás vezes *os demais,* que as grammaticas não mencionam, com a mesma accepção, como o espanhol *los demás.* Citámos o seguinte exemplo de Sá de Miranda, que reproduz o fallar do povo do seu tempo:

Olha bem, olha o que fais,
Tinhas tantos de bons modos
Cos iguais e não iguais,
Dás que em ti fallem *os mais*
Quando estavas bem com todos.

Aqui trataremos de um facto semelhante. A palavra *um* é ás vezes empregada com o sentido de *o mesmo,* em frases como: «isso e o que eu digo é tudo *um*», quer dizer é «o mesmo» é «a mesma cousa».

De Camões transcreveremos um trecho, em que apparece esta forma com igual valor:

Oh cousa para espantar!
Que ambos a ferida tem
D'*hum* tamanho, em *hum* logar!

Os Amphitriões, acto v, sc. 1.ª

Isto é: «do mesmo tamanho e no mesmo logar».

Esta accepção representa simples evolução da significação que tinha já em latim aquelle vocabulo: *um só*. «De um tamanho, em um logar», passou a querer dizer «do mesmo tamanho, no mesmo logar», por intermedio de uma accepção primitiva «de *um só* tamanho, em *um só* logar».

Semelhantemente no exemplo mencionado: «isso e o que eu digo é tudo *um*», *um* significou primeiro «uma cousa só» e depois «a mesma cousa», «o mesmo». Ainda no proverbio «honra e proveito não cabem *num* saco», *num saco* quer dizer *em um só saco, no mesmo saco*.

*
* *

Em Gil Vicente encontra-se o demonstrativo *isso* seguido de *tal*, o que hoje não se usa, comquanto se diga *esse tal, essa tal*:

Senhor, alli vem o fato,
E está á porta o almocreve:
Vêde quem lhe ha de pagar
Isso tal que se lhe deve.

Vol. III, p. 220.

§ 13

Pronomes indefinidos

A lingua popular emprega geralmente os mesmos pronomes indefinidos que a lingua culta, e alem d'esses usa tambem certas expressões equivalentes a esses pronomes, como são *um homem, uma pessoa, a gente*, em frases como «*a gente* vae», «*a gente* foi lá», «*a gente* não pode agora tratar d'isso», «*uma pessoa* não sabe se isso é verdade ou não», «está *um homem* manso e quieto e veem desinquietá-lo».

Antigamente empregavam-se com o mesmo valor as palavras *ome* ou *home* e *homem*, bem como *pessoa*, sem artigo, mas já no

tempo de Camões se usava tambem a formula *uma pessoa*, como se vê, por exemplo no *Auto de El-Rei Seleuco:*

MOÇA. I-vos asinha, que vem
O Principe a se deitar.

PORTEIRO. Nunca *hũa pessoa* tem
Hũa hora para fallar.

Acêrca d'estas expressões veja-se o que dizemos em ORAÇÕES IMPESSOAES.

*
* *

Outra locução que em tempo se empregou muito com igual valor era *delles, dellas,* como no seguinte exemplo de Gil Vicente, vol. I, p. 114.

PAYO. E as minhas trinta vitellas
Das vacas que te entregárão?

MOFINA. Creio que hi ficárão *dellas*
Porque os lobos dezimárão,
E deu olho mau por ellas,
Que mui poucas escapárão.

Vejam-se mais exemplos, e o que dizemos sobre a origem d'esta expressão, em PARTITIVO.

*
* *

Tambem ás vezes o pronome possessivo *seus, suas,* se usa em uma accepção semelhante á do pronome *uns, alguns, certos,* v. g.: «Fulano é boa pessoa, mas tem *seus* defeitos». Cf. PRONOME POSSESSIVO.

*
* *

Notaremos que o pronome *cada* está sendo muito usado sem substantivo, ou em logar de *cada um*. Isto succede principalmente na linguagem commercial, que diz por exemplo: «Estas gravatas custam cinco tostões *cada*». É uma imitação do emprego que no mesmo meio tem o pronome francês *chaque* em vez de *chacun*, v. g.: «Ces chapeaux ont coûté vingt francs *chaque*».

Em Gil Vicente apparece o pronome *cada* seguido do adverbio *sempre* no seguinte verso do vol. II, p. 32:

Cada sempre és garredinha.

Ainda hoje se diz «para todo o sempre», expressão em que *sempre* está substantivado e precedido do artigo, que não se emprega depois de *cada*.

Tambem em antigos textos apparece a locução *cada que* em logar de *cada vez que*, como nos trechos seguintes[1]: «Item, Marina de Varzea recebeu Petro Ouriguiz por filo et deu li una casa in que pousa *cada que* y vem».

Antigamente *cada* juntava-se tambem a pluraes, como nos seguintes exemplos, citados por Gonçalves Vianna no seu precioso trabalho *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, I, p. 194: «*cada huns* tinham seu senhor» (*Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, Lisboa 1861, p. 37);—«gentes darmas que *cada hũus* dariam» (Rui de Pina, *Chronica de El-Rei D. Affonso V*, vol. I, cap. LX).

Como se sabe, *cada* provém da preposição grega κατά, e do seu valor originario de preposição resulta a sua invariabilidade.

*
* *

O português litterario emprega ainda ás vezes o antigo pronome substantivo *algo*, e no estilo elevado ou poetico os pronomes *quem-quem*, *qual-qual*, como nos seguintes versos de Camões:

Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual c'os penachos do elmo açoita as ancas.

Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita prontamente.

O fallar do povo desconhece esta pratica.

*
* *

Sobre *ambos* veja-se o que ficou dito a respeito de *ambos de dous* e *ambos e dous* em NUMERAES CARDINAES.

---

[1] Citados pelo Sr. Alberto Sampaio nas *Villas do Norte de Portugal*; transcritos de *Portugaliae Monumenta Historica*. V. *Portugalia*, vol. I, pp. 780 e 783.

§ 13

Comparação

Depois de um comparativo o segundo termo da comparação exprimia-se em latim ou por um ablativo ou por uma oração introduzida pela conjuncção *quam: doctior Petro* ou *doctior quam Petrus,* «mais sabio do que Pedro».

Comquanto o português, actualmente, represente aquellas duas construcções simplezmente por uma expressão introduzida pela conjuncção *que* ou *do que,* por exemplo: *é mais sabio que Pedro,* ou *do que Pedro,* sabe-se que a antiga lingua reproduzia tambem a primeira d'ellas, o ablativo, por meio de um substantivo regido da proposição *de,* como no exemplo: *louvar mais de merecido* (do *Cancioneiro Geral*). E é provavel que tivesse certa extensão essa pratica, limitada hoje apenas a frases em que entra um numeral, como: *são mais de quatro horas; uma armada de mais de vinte navios; menos de metade.* Note-se ainda o seguinte exemplo, de Gil Vicente, vol. III, p. 148:

Vós não haveis de mandar
Em casa somente um pello;
S'eu disser isto é novello,
Havei-lo de confirmar.
E mais quando eu vier
De fora, haveis de tremer.
E cousa que vós digaes
Não vos ha de valer mais
D'àquillo que eu quiser.

Neste passo *d'aquillo* é o segundo termo da comparação introduzido simplezmente por *de,* equivalendo portanto a *do que aquillo.* Ainda no fallar actual occorre construcção semelhante com os pronomes demonstrativos *o, a, os, as, aquillo, aquelle, aquella, aquelles, aquellas,* seguidos de oração relativa, v. g.: «O que não significa que d'ahi lhe venha mais responsabilidade *da* que lhe pudesse advir do facto de pôr a sua assinatura nesses diplomas». Outras expressões construidas do mesmo modo são: «maior *da* marca», isto é, «maior *do que* a marca», e «não digo *menos d'isso*».

Em francês ainda pelo meado do seculo XVI se encontram exemplos d'este emprego, fora dos casos em que apparecem os numeraes, como: *homme de moy plus grand* (Marot); *nul mieux de toy* (du Bellay). No antigo espanhol tambem apparece o uso da preposição *de* com este valor: *de mi mucho mejor; de la qual ninguna cosa hay mas digna.* O moderno espanhol ainda a emprega uma vez ou outra, mas talvez só no estilo elevado: *que mayor desdicha puede ser de aquella que aguarda la muerte* (Cer-

vantes); *mas hermosa de aquel coro de ninfas fue la diosa* (Calderon). O mesmo succede com o provençal: *non es lo sers maier de so senior*. Em italiano é corrente o emprego da preposição, tanto como o da conjuncção *che: l'uno ha più forza dell' altro; la terra é più grande della luna*.

Vê-se, pois, que em differentes idiomas romanicos o segundo termo de comparação umas vezes é introduzido pela conjuncção *que* e outras é regido da preposição *de*. Ora no português e no espanhol dá-se ainda a particularidade de a conjuncção poder ser *que* ou *do que, de lo que*. Meyer-Lübke[1] não explica as expressões *do que* e *de lo que*, e a explicação que Diez nos dá não é talvez satisfactoria. Parece-nos que se deveriam considerar como representando um cruzamento, uma fusão das duas construcções, a da preposição *de* e a da conjuncção *que*, e que sobre esse cruzamento actuaria ainda a confusão com as orações relativas. Assim ás expressões latinas *doctior Petro* e *doctior quam Petrus* corresponderiam em português *mais douto de Pedro* e *mais douto que Pedro*, e da promiscuidade d'estas resultaria *mais douto de que Pedro*, e depois, por analogia com a proposição relativa, *mais douto do que Pedro*. Em outras linguas romanicas occorrem tambem exemplos de construcção semelhante, como em italiano: *ella fessi lucente più assai di quel ch'ell'era*[2].

No português popular ha ainda outra conjuncção que serve para introduzir o segundo termo de comparação. É a palavra *ca*, que representa directamente a conjuncção latina *quam*. Diz-se tambem *do ca*.

Ouve-se dizer com frequencia: *é mais alto ca ti; é mais velho ca mim* ou *do ca mim*; etc. Na lingua archaica apparece tambem esta forma em exemplos como: *mais quero que mates mim ca o veer matar ante mim* (Santo Graal).

Faremos ainda as seguintes observações:

a) Em certos casos o povo não vê no comparativo organico um verdadeiro comparativo e por isso emprega uma periphrase formada com elle, dizendo, por exemplo: *ella está mais melhorzinha*.

b) Não se emprega o comparativo organico mas o periphrastico, quando se comparam duas qualidades no mesmo individuo. Assim diz-se: *é mais bom do que mau*, e não: *é melhor do que mau; é mais mau do que bom*, e não: *é pior do que bom*.

c) Os superlativos organicos *optimo e pessimo* são em geral desconhecidos do povo, e, se uma ou outra vez apparecem, são

---

[1] *Grammaire des langues romanes*.

[2] Cfr. Diez, *Grammaire des langues romanes*, 3.ª ed., vol. III, p. 365 sqq., d'onde transcrevemos parte dos exemplos citados.

empregados como positivos, v. g.: «Nunca vi cousa *mais pessima*». Ainda outros superlativos ou por desconhecimento da sua funcção ou por emphase occorrem como positivos. Exemplo d'isso encontra-se no seguinte passo de Gil Vicente, vol. II, p. 412:

E irão suas criadas
Num lagar de azeite todas
Sem crenchas, descabelladas
Como selvagens pasmadas
De *tão altissimas* vodas.

§ 14

Concordancia

a) O verbo «haver»

Sabe-se que as grammaticas ensinam que o verbo *haver*, na significação de *existir*, é empregado impessoalmente, sempre no singular. Effectivamente, em frases como *ha homens* o substantivo *homens* não é sujeito, mas sim complemento directo. A grammatica pratica da nossa lingua não pode entrar em minudencias ou desenvolvimentos a este respeito, limitando-se a consignar o facto da invariabilidade d'aquelle verbo; mas a falta da respectiva demonstração e a circunstancia de apparecerem, ainda nos mais esmerados escritores, devidas a descuido, construcções erroneas em que o verbo *haver* occorre no plural, tem levado muitos outros a suppôr que taes construcções representam a melhor syntaxe, aquella que devem preferir, tanto mais que são ainda arrastados a essa conclusão pela força da analogia.

Sem recorrermos ao auxilio de estudos historico-comparativos, poderemos demonstrar ser complemento directo a palavra que parece ser sujeito naquellas frases. Dentro da propria lingua, na sua phase actual, ha elementos para essa demonstração.

As palavras que não tem forma differente para distinguir do sujeito o complemento directo, podem desempenhar ambas estas funcções sem que, de per si, determinem qual d'ellas exercem. Mas se com o verbo *haver* na accepção de *existir*, em logar de empregarmos algumas d'essas palavras, nos servirmos de uma que tenha ainda *casos*, isto é, formas distinctas para as suas diversas funcções no discurso, como são alguns pronomes, veremos que só a forma de complemento se poderá usar. Assim, ás orações como *ha homens, havia homens, houve homens, haverá homens,* correspondem as seguintes com o pronome: *ha-os, havia-os, houve-os, havê-los-ha*. E ninguem substituirá nestas proposições a forma do complemento por a de sujeito, *elles*. Isto prova que o substantivo *homens* da primeira serie de exemplos, o qual na segunda é repre-

sentado pelo pronome, não pode deixar de ser, como este, um complemento[1].

O mesmo succede, quando *haver* depende de outro verbo. Assim dir-se-ha: *deve-os haver,* ou *deve havê-los;—pode-os haver* ou *pode havê-los.* Igualmente se terá de dizer portanto: *pode haver homens, deve haver homens,* etc., e não: *podem haver homens, devem haver homens.*

Fica pois reconhecido que não ha razão para a concordancia do verbo com o substantivo que o acompanha, visto não ser este o seu sujeito; mas é frequente encontrar-se essa concordancia na linguagem popular e familiar, e ainda, como acima dissemos, em escritores menos cautelosos, bem como uma ou outra vez, certamente por lapso, nos mais primorosos prosadores.

Na boca do povo ouvem-se muitas vezes até expressões como *hão dois, hão muitos.*

Mas em certos casos, pelo contrario, conserva a mesma linguagem o verbo no singular, fazendo-o concordar com um sujeito que lhe junta, o pronome pessoal *elle* (cfr. em francês *il y a*). Isto succede principalmente em formulas que se deseja tornar emphaticas. De um engraçado passo de Camillo Castello Branco (*Corja,* p. 24), extrahimos o seguinte exemplo, que recordará ao leitor outros identicos, que de certo ha de ter ouvido:

«O canalha que me pilhou passante de quatrocentos mil réis de emprestimo!—dizia, batendo na coxa vasta, como se batesse nas costas do seu infame devedor Crispim.

«Não que *elle ha* marotos muito grandes na tropa!—obtemperou o padre João da Eira, rancoroso inimigo das armas sem que fosse notavel partidario das letras».

Os exemplos em que entra o pronome na forma de complemento, de que acima fallámos, mostram bem que, apesar da tendencia contraria da analogia, não se obliterou ainda a consciencia da primitiva e regular construcção do verbo *haver* e portanto da sua invariabilidade quanto ao numero.

b) O sujeito «gente»

Occorre com frequencia no fallar do povo e ainda no familiar a palavra *gente* precedida do artigo e empregada como sujeito da oração, equivalendo ao pronome *nós.* Assim dizem: *a gente vae,* por *nós vamos; a gente vinha,* em logar de *nós vinhamos.* Ás vezes nestas expressões tem-se em vista uma certa indeterminação do sujeito, como nas orações passivas formadas com o pronome *se,*

[1] Diez notou que no antigo francês e no provençal se reconhece ser complemento o substantivo que acompanha o verbo *haver.* Como mostrámos, o português actual tambem prova que effectivamente aquelle substantivo é regime e não sujeito.

correspondendo, portanto, o substantivo *gente* ao pronome *on* do francês. Nota-se isso, por exemplo, na seguinte frase: «quanto mais *a gente* trabalha, menos aproveita», isto é, «quanto mais se trabalha, menos se aproveita». Com o mesmo valor é tambem muito usada a expressão *uma pessoa*: «quanto mais *uma pessoa* trabalha, menos aproveita». Cfr. ORAÇÕES IMPESSOAES.

Como o substantivo *gente*[1] é um collectivo, o verbo apparece ás vezes no plural, principalmente se aquella palavra fica já um pouco afastada do verbo. D'este emprego encontram-se exemplos até na lingua litteraria. Citaremos os seguintes, de Camões:

E disse assi: Ó Padre a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta *gente*, que busca outro hemispherio
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que *padeçam* vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és Juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

Lusiadas, I, 38.

D'est'arte *a gente* força, e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes *cavalgam* de Neptuno
Brandindo e volteando arremessões:
Vão correndo e gritando á boca aberta
Viva o famoso Rei, que nos liberta.

Ibid., IV, 21.

Mas o que é mais para notar é que muitas vezes, pelo menos em algumas regiões do país, esse plural não é o da terceira pessoa mas da primeira. Assim dizem: *a gente imos* ou *vamos*, etc. Cfr. tambem Dr. J. Leite de Vasconcellos, *O Texto dos Lusiadas*, pp. 31–33.

c) «Lesa-patriotismo» em vez de «leso-patriotismo»

Temos lido por vezes nos jornaes as frases: *crime de lesa-patriotismo* e *crime de lesa-sentimento*. Quem as emprega, por uma

---

[1] Notaremos que a palavra *gente* se emprega no Brasil com a significação de *familia*, como se vê no seguinte trecho extrahido do romance *Esaú e Jacob* do escritor brasileiro Machado de Assis, 2.ª edição, p. 91: «A *gente* Baptista conheceu a *gente* Santos em não sei que fazenda da provincia do Rio. Não foi Maricá, embora alli tivesse nascido o pae dos gemeos; seria em qualquer outro municipio. Fosse qual fosse, alli é que se conheceram as duas *familias*».

inexacta analogia com as locuções *crime de lesa-patria, de lesa-majestade,* suppõe encontrar nestas o verbo *lesar* e os complementos *patria* e *majestade,* vendo portanto nellas a mesma construcção que nos compostos *guarda-chuva, para-raios, busca-pé, pesa-mosto, porta-voz, cava-terra*[1] e outros. Mas é sabido que a palavra *lesa* é o participio lat. *laesus* (= ferido, offendido, violado), do verbo *laedere,* em concordancia com o substantivo a que está junto. Assim, eram combinações frequentes em latim *laesa pietas, laesa dignitas, laesa majestas, laesa fides;* e com substantivos de outro genero, *laesum jus, laesum foedus,* etc.

Dizer ou escrever *crime de lesa-patriotismo* ou de *lesa-sentimento,* é, pois, commetter uma incorrecção de linguagem, um erro de syntaxe. O que uma rigorosa analogia ensina é a construcção *leso-patriotismo, leso-sentimento,* com o adjectivo *leso* a concordar com o substantivo *patriotismo* ou *sentimento.*

Aquelle adjectivo é ainda empregado em certas expressões no sentido de *paralytico, tolhido;* por exemplo: *Ficou leso de um braço* ou *tolhido de um braço.* E com a significação contraria, de *não ferido, salvo, incolume,* usa-se o composto *illeso* (do *lat. illaesus,* de *in* e *laesus*).

§ 15

O partitivo

Sobre a significação geral dos usos do genetivo latino, transcreveremos a exposição de Madvig: «A connexão designada pelo genetivo pertence em geral a uma de tres especies: ou é uma connexão immediata entre duas ideias expressas por substantivos, uma das quaes é considerada como pertencente á outra e determinada por ella (*patria hominis*), *genetivo conjunctivo* e *possessivo;* ou se manifesta na direcção de uma actividade ou qualidade para um objecto e em um esforço dirigido para elle e operação exercida nelle (*studium gloriae, studiosus gloriae, oblivisci rei, studium nostri*), *genetivo objectivo;* ou se subordina por meio d'ella uma cousa a outra como ao seu todo (*pars rei, pars nostrum*), *genetivo do todo, genetivo de genero e genetivo partitivo.* A estas categorias principaes ligam-se algumas applicações particulares»[2].

Todos estes empregos foram em geral substituidos nas linguas romanicas pelo substantivo regido da preposição *de.* Já esta preposição se empregava na melhor latinidade em logar do genetivo partitivo, como no exemplo: *aliquis de heredibus, aliquis de diis.*

---

[1] *A cava-terra* é o nome com que em Trás-os-Montes, pelo menos no concelho de Penaguião, o povo designa a toupeira.

[2] *Grammatica latina,* traducção de Epiphanio Dias, § 279, obs.

Tinha esta pratica bastante extensão, e foi constantemente aumentando, auxiliada ainda por outros usos d'aquella particula, até que predominou e ficou a exprimir a relação do genetivo.

D'estas relações a que nos interessa agora é a ultima das categorias a que acima nos referimos, pois que resultou d'ella uma construcção muito usual em francês, que tambem está representada na nossa lingua, e á qual se costuma dar o nome de *partitivo*. Com effeito, a proposição francesa *je mange du pain* é uma expressão elliptica, equivalente a *je mange une partie du pain, un peu de pain*, e correspondente ao latim *edo partem panis, edo aliquid panis*.

Em português, actualmente, esta syntaxe é rara. Só occorre em alguns casos como: *dê-me d'isso; venda-me d'esse queijo*, etc. Antigamente, porem, era mais frequente, pelo menos na linguagem popular, como se vê pelos seguintes exemplos, cujo numero poderiamos aumentar consideravelmente.

Quero ora metter á vela
E deitar a prancha fora,
E arrumar a caravella
E deitar *do junco* nella,
Se vier qualquer senhora.

Gil Vicente, vol. I, p. 249.

Cortae *d'essa* rama, fazei a pousada,
E vá Adão cavar:
Semeae *das favas*, que haveis de suar;
Comei *d'essa fruta* amargosa, montesa,
E fie *da lan* a primeira princesa,
Até qu'essa morte vos venha chamar...
E muito depressa.

Ibid., p. 317.

Tu come *das papas*, não terás denteira.

Ibid., p. 347.

Queres tu *do pão*, Fernando?

Ibid., p. 137.

Deixárão-te os teus passados
Do gado e vinhas de renda.

Poesias de Sá de Miranda, p. 172.

Comem trigo e nós *d'avea*.

Ibid., p. 389.

Este gado meu parceiro
Me fartará do seu leite
De um até outro janeiro
Sem que o compre nem peite.
Acho *do pão* onde quer
A troco ou d'outra maneira;
Levo isca e pederneira;
Vinho não-no hei mister.

Ibid., p. 397.

Em Ribeiro Chiado, p. 129, encontra-se até este partitivo precedido da preposição *com:*

Brasia Machado, mandae cá
Um copo *com d'esse vinho.*

*
* *

D'esta ellipse resultou ainda uma formula que se empregava como pronome indefinido; era *d'elles, d'ellas,* com a significação de *alguns*; — e de *uns-outros, estes, aquelles;* v. g.:

PAYO. E as minhas trinta vitellas
Das vacas, que te entregárão?
MOFINA. Creio que hi ficárão *dellas,*
Porque os lobos dezimarão,
E deu olho mau por ellas,
Que mui poucas escapárão.

Gil Vicente, vol. I, p. 114.

Dizião a mi lá *delles*
Que quem casa por amores
Não vos he nega dolores.

Ibid., p. 128.

«E he cousa marauilhosa como a grande natureza proueo a todalas cousas necessarias porque sendo este deserto d'area, a qual corre muito com a força dos uentos, nelle estão hũas ilhas de penedos com algũa terra a tres e quatro leguas hũas das outras, e *d'ellas* mais longe».

Esmeraldo — de situ orbis, p. 76, da ed. de Epiphanio Dias.

Não fica por lh'o prégar,
Não fica por lh'o dizer,
Não fica por lh'o rogar;
Mas não querem acordar,
Com pressa de adormecer.
Delles fazem que não ouvem,
E elles ouvem muito bem;
Delles fazem que não vem,
E delles que não entendem
O que vae nem o que vem.

Gil Vicente, vol. I, p. 121.

*
* *

Antigamente usava-se até esta syntaxe depois das palavras *muito, pouco, tanto, bem,* etc., correspondente ao emprego de genetivo latino depois de palavras de valor identico, e á pratica ainda hoje seguida em francês em expressões como *peu de, tant de, beaucoup de*, *bien de.* Notaremos que formas do plural e do genero feminino, por analogia com as formas do singular masculino, tiveram a mesma construcção, que algumas ainda conservam. Assim diz-se geralmente: «uma pouca d'agua» e «uns poucos d'homens», como se diz «um pouco de vinho». Daremos alguns exemplos:

Quero ir levar
Minha breve vida a quem m'ha de matar
E assi entregar a minha cabeça
Á cruel c'roa, porque ella padeça
Com *tanto de sangue*, que quem me olhar
Que não me conheça.

Gil Vicente, vol. I, p. 340.

Olha bem, olha o que fais.
Tinhas *tantos de bons modos*
C'os iguais e não iguais.

Sá de Miranda, p. 161.

ANNA DIAS. Lembra-me que fallei eu
A hũa filha do Cetem.
ESCUDEIRO. Essa me custa a mi *bem*
Do alheio e do meu.

Gil Vicente, vol. III, p. 178.

*
* *

Em latim o genetivo de *genero* podia tambem ser o da parte neutra de um adjectivo da segunda declinação, empregado como

substantivo, v. g.: *aliquid pulchri, nihil boni; quod pulchri erat.* Esta construcção passou tambem para português, sendo o genetivo representado, como dissemos, pelo substantivo regido da proposição *de: alguma coisa de bello; nada de bom; o que havia de bello.*

É para notar, porem, que alguns escritores procuram evitar esta syntaxe, por supporem que seja impropria do nosso idioma, considerando-a como importada da lingua franceza, que a emprega correntemente; e supprimem a preposição, substituido o substantivo pelo adjectivo, como: *nada bom*; *alguma coisa bella; o que havia bello* (*de coisas bellas*), etc.

Mas não ha duvida de que tal pratica é bem portuguesa como todas as que resultaram directamente de construcções latinas correspondentes. A linguagem familiar e popular provam a nossa asserção, em locuções como: *que ha de novo? que dizes de novo;— não sei nada de novo.* Nestas e noutras frases semelhantes aquella linguagem emprega sempre a preposição. Cfr. ainda a expressão «*o que* ahi vem *de gente*».

De uma carta escrita por um homem do povo, natural de Trás-os-Montes, transcrevemos um trecho que, alem de nos ministrar um exemplo do facto que acabamos de expôr, nos dá ainda conhecimento de varias palavras do interessante vocabulario d'aquella provincia, algumas das quaes todavia se usam tambem em outras regiões: «Lebantei-me pra escrever porque os mouchões não me deixabam dormir. Mas não tinha *nada de novo* para dizer. A obra está bastante adiantada, tem-se poupado muito gramasso porque se fez muito maxicote, na feira de domingo precisemos de comprar algumas coisas sobretudo cestos bendimos, saiba V. que ando muito triste porque a minha netinha está muito mal, tenho muita pena porque é muito crendeirinha pra mim».

Adeante, no VOCABULARIO, explicaremos algumas das palavras empregadas no trecho transcrito.

§ 16.º

Orações impessoaes

Formam-se por varios modos, nas linguas romanicas, orações impessoaes ou com sujeito de forma indeterminada.

Em português popular moderno, alem das orações formadas pelos verbos propriamente impessoaes, como *chove, troveja*, etc., e o verbo *haver* na significação de «existir», ha outras a que se dá um sujeito vago, indefinido. Este sujeito é alguma das expressões *a gente, uma pessoa, um homem,* que dão, ás proposições em que entram, um valor equivalente ao que teriam se fossem formadas com os pronomes *se* ou *nós*.

A expressão *a gente* é de uso constante na linguagem familiar e popular como sujeito indeterminado, como nas orações seguintes: *a gente vae; a gente foi lá; a gente não pode agora tratar d'isso; a gente não sabe se isso é verdade ou não.* Estas proposições equivalem aproximadamente a: *nós vamos; — nós fomos lá; — nós não podemos* ou *não se pode agora tratar d'isso; — não se sabe se isso é verdade ou não.*

A locução *uma pessoa* é igualmente empregada como sujeito indeterminado. Assim dir-se-ha, substituindo *a gente* por *uma pessoa* em um dos exemplos mencionados acima: *uma pessoa não sabe se isso é verdade ou não;* ou *quanto mais uma pessoa trabalha menos aproveita.*

Em Gil Vicente, vol. II, p. 448, encontra-se a palavra *pessoa*, sem artigo, com o mesmo valor:

Já tudo leixão passar
Já tudo leixão por fazer
Sem *pessoa* perguntar
A este mesmo pesar
Que foi d'aquelle prazer.

Quanto ao sujeito *um homem*, é tambem frequente o seu uso, como na frase seguinte: *está um homem manso e quieto e veem desinquietá-lo,* que equivale a *está a gente mansa e quieta, etc.*, *ou está uma pessoa mansa e quieta, etc.*

Esta pratica representa uma revivescencia do processo psychologico pelo qual dos substantivos latinos *persona e homo* resultaram os pronomes franceses *personne* e *on,* e o emprego de *pessoa* em português, como no exemplo referido de Gil Vicente, e bem assim das formas *ome, home* ou *homem* da lingua archaica, e que ainda se encontram em Sá de Miranda, Gil Vicente, Antonio Prestes, Camões e outros, como se vê nos seguintes exemplos:

O meu mal pude o soffrêr;
Este, porque todo é vosso,
Que vos não doa, não posso.

Mas passai-lo alegremente;
Mal hajão os maos sinais,
Que então são eles mortais
Quando *homem* seu mal não sente.

Sá de Miranda, p. 30.

Emquanto de ũa esperança
Em outra esperança andais,
Trazer vos quero á lembrança
Como é leve e não se alcança
Que sempre ha diante e mais.
Cuida *homem* que é já com ela
Quando mais assi parece,
E quer já lançar mão d'ela
Mete remos e mete vela
Num ponto desaparece!

Ibid., p. 225.

Foges a toda a companhia
E murmurão os pastores.
Não sei quem me ora tal dia
Disse que isso eram amores.
Não sei que seja, que não seja
Mas o tempo agora é tal
Que se crê milhor o mal
Que outra cousa que *homem* veja!

Ibid., p. 383.

Comem trigo e nós d'avea
Eles bebem, *homem* sua,
Doi-lhes pouco a dor alhea,
Querem que nos doa a sua.

Ibid., p. 389.

Tudo nos daria a terra,
Somos maos de contentar:
Não vês quam clara da serra
Corre agua sem descansar?
As arvores nos dão lenha
E ás vezes do seu fruito,
A terra, em outro tempo, muito
Dá de que se *homem* mantenha.

Ibid., p. 397.

DIABO. Tornaste tu o mal levado?
LAVRADOR. Si, tornei.
E de tudo fiz aquesta,
Como *homem* diz, avantairo.

Gil Vicente, vol. I, p. 254.

Digo, senhor. que me espanto
que mandaes
pôr nos vossos tres portaes
Letra de oração tão sancta;
quanto *homem* vive vê mais [1].

Autos de Antonio Prestes, p. 32.

---

[1] O verso *quanto homem vive vê mais* é uma especie de sentença, ou frase proverbial, equivalente a «quanto mais se vive mais se vê», «aprender até morrer».

Mas o alto Deus que para longe guarda
O castigo d'aquelle que o merece,
Ou para que se emende ás vezes tarda
Ou por segredos que *homem* não conhece;

Se até aqui sempre o forte Rei resguarda
De perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe, que estava presa.

Lusiadas, III, 69.

O latim *homo* deu, pois, como dissemos, a algumas das linguas romanicas formas como *on, ome, homem,* etc., de que ellas se servem como pronomes indefinidos. Em outras apparecem tambem formas resultantes de *unus.* Caso semelhante occorre em idiomas estranhos ao grupo romanico, como por exemplo mostram o pronome allemão *man* e o inglês *one.*

*
* *

Observaremos que as formulas que acabamos de estudar como sujeitos indeterminados, são tambem empregadas como complementos. De uma carta escrita por um homem de Trás-os-Montes, transcreveremos o seguinte trecho, que offerece exemplo do que affirmamos, alem de outros factos curiosos da lingua popular: «Tibemos muita baga este anno, mas que boga, se dão por ella *á gente* uma tuta e meia».

Igualmente a palavra *pessoa,* sem artigo, a qual vimos acima empregada como sujeito por Gil Vicente, é pelo mesmo escritor usada como complemento com o valor do francês *personne*, num passo interessante em que nos revela um aspecto social do seu tempo, aspecto que não parece haver-se modificado sensivelmente até hoje.

Medraria este rapaz
Na corte mais que ninguem,
Porque lá não fazem bem
Senão a quem menos faz.
Outras manhas tem assaz
Cada hũa muito boa:
Nunca diz bem de *pessoa*
Nem verdade nunca a traz.

Gil Vicente, vol. III, p. 3 .

Alem das orações formadas por verbos propriamente impessoaes e d'aquellas cujo sujeito é indefinido, indeterminado, como acabamos de expôr, occorrem ainda exemplos de outras expressões impessoaes. Assim ouvem-se muitas vezes as frases: *como te vae? como me vae? como lhe vae?* Ouvimos até a seguinte: *onde te vae bem, é tua terra.* É um proverbio, que não sabemos se apparece já nos nossos adagiarios, e que representa o proloquio latino: *ubi bene, ibi patria.*

Esta expressão, que é frequente em espanhol e gallego, encontra-se tambem nos nossos antigos escritores, por exemplo em Gil Vicente, vol. II, p. 434: «Felipa, como te vae?», e vol. III, p. 283:

E acabae c'o sol meu pae,
Que me mande um messageiro,
Que me veja,
E saiba *como me vae;*
E pois he pae verdadeiro,
Me proveja.

*
* *

Usam-se constantemente entre o povo frases como: «*diz que* está a sair a procissão», isto é, «alguem diz», «diz-se»; — «*diz* que sim» por «dizem que sim» ou «diz-se que sim»; — «*diz* que foi assim» em logar de «diz-se que foi assim».

*
* *

É frequente ouvir dizer em algumas regiões: «*Consta-se* que morreu», em vez de «*consta* que morreu». O emprego do pronome pode resultar da analogia com expressões *conta-se que* ou *diz-se que.*

*
* *

Antigamente usava-se no mesmo sentido *soa-se,* como no exemplo seguinte de Camões, *Os Amphitriões,* acto V, scena IV:

Isso quero eu ir saber,
Pois que tal cousa *se soa.*

*
* *

Nas orações impessoaes o francês emprega um sujeito grammatical, como *il pleut,* chove; *il est dix heures,* são dez horas, etc. Entre nós não se usa na lingua culta esta pratica, mas a lingua popular diz frequentemente: «*elle* chove», «*elle* agora não chove»; e assim por deante com outras expressões impessoaes. Com a indicação das horas usa-se até familiarmente o pronome *isto*, dizendo se: «*isto* são horas»; «*isto* são horas de ir para casa». Já no seculo XVI assim se dizia tambem, como se vê no seguinte passo de Antonio Prestes, p. 125:

Quando hei de ir á audiencia?
Isto são dez horas já.

§ 17.º

Orações optativas

Em latim formavam-se orações que exprimiam um desejo, um voto para que alguma coisa succedesse, ou um protesto, um juramento de que certo facto se tinha dado, empregando-se nessas orações os adverbios *ita* e *sic,* na prosa ordinariamente o primeiro e na poesia o segundo. Estas orações resultaram de uma comparação, em que se formulavam votos para que uma coisa acontecesse, como era certo que outra havia acontecido; mas appareciam frequentemente empregadas de modo absoluto, sem a oração comparativa, como nos seguintes exemplos de Cicero: «Sollicitat, *ita vivam* (= assim eu viva, isto é, tão certo como eu desejar viver), me tua valetudo»; «saepe, *ita me di juvent* (= assim os deuses me ajudem; é tão verdade como eu desejar que os deuses me ajudem), te auctorem consiliorum meorum desideravi».

Em alguns casos todavia, por uma facil evolução de sentido, as proposições formadas com *sic* exprimiam não tanto uma comparação como o desejo de que uma *recompensa* acompanhasse uma determinada acção. Citaremos um exemplo de Vergilio, Ecloga X, 4:

Extremum hunc, Arethusa, mihi concede laborem:
Pauca meo Gallo, sed quae legat ipsa Lycoris,
Carmina sunt dicenda: neget quis carmina Gallo?
Sic tibi, cum fluctus subterlabere Sicanos,
Doris amara suam non intermisceat undam:
Incipe; sollicitos Galli dicamus amores.

Na nossa edição annotada das *Obras de Vergilio*, em commentario a este passo, fizemos sentir a ideia do desejo de uma *recompensa*, que estas orações adquiriram, na seguinte nota: «Vergilio deseja, em recompensa da inspiração pedida, que as aguas de Arethusa, ao atravessarem o mar que separa a Grecia da Sicilia, não lhe tomem o amargor».

Pouco antes, em um passo de construcção semelhante[1], haviamos explicado como estas orações optativas resultavam de uma comparação.

Tal pratica era seguida não só no latim litterario mas tambem na lingua do povo, ainda com o sentido de compensação, como se deprehende da inscripção de um vaso de Pompeia, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, IV, 2776: *presta mi sinceru(m): sic te amet que custodit ortu(m) Venus*.

Ambas estas accepções chegaram até nós em orações introduzidas pelo adverbio *assim* (que resulta de *sic*[2]), principalmente na linguagem popular. A cada momento se ouvem expressões como as seguintes: «*Assim* Deus me ajude», para confirmação de que é verdade o que se disse; «*Assim* nosso Senhor o ajude», frequente na boca dos mendigos para agradecerem as esmolas, pe dindo por esta forma uma recompensa para quem os soccorre.

---

[1] Ecloga IX, 30:

Sic tua Cyrneas fugiant examina taxos,
Sic cityso pastae distendant ubera vaccae:
Incipe, siquid habes.

Mencionaremos, de entre muitos outros, mais um exemplo d'este caso, extrahido das *Odes* de Horacio, I, 3:

Sic te diva potens Cypri,
Sic fratres Helenae lucida sidera,
Ventorumque regat pater
Obstrictis aliis praeter iapiga,

Navis, quae tibi creditum
Debes Vergilium: finibus Atticis
Reddas incolumem precor,
Et serves animae dimidium meae.

[2] Talvez da combinação *aeque sic*, e igualmente o italiano *così* e o francês *ainsi*; como de *aeque tanto* e *aeque tale* proviriam os pronomes italianos *cotanto* e *cotale*. Cfr. Diez, *Wörterbuch der romanischen Sprachen*, v. I, *vv. cosí, cotale* e *cotanto*, e Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, 2.ª ed., n.os 314 e 315. Na *Rev. Lusitana*, vol. IV, p. 269, apresentámos uma hypothese que explicaria tambem a locução portuguesa *outro que tal*, em frases como *elle é outro que tal*, pelo etymo latino *alteru(m) aeque tale(m)*.

Na linguagem litteraria encontram-se tambem, comquanto mais raramente, os dois sentidos. Do segundo citaremos um exemplo extrahido dos *Lusiadas*, III, 1:

> Agora tu, Calliope, me ensina
> O que contou ao Rei o illustre Gama;
> Inspira immortal canto e voz divina
> Neste peito mortal que tanto te ama.
> *Assi* o claro inventor da medicina,
> De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
> Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe[1],
> Te negue o amor devido, como soe.

Camões invoca a musa Calliope, para que o inspire, e em recompensa d'este serviço deseja-lhe que Apollo lhe não recuse o seu amor para o conceder a qualquer das nymphas que amou, Daphne, Clycie ou Leucothoe.

§ 18.º

Orações prohibitivas

No latim da melhor epoca era raro o emprego da 2.ª pessoa do presente do conjunctivo em prohibições, isto é, em orações imperativas negativas[2].

---

[1] A accentuação d'este nome é *Leucóthoe*, segundo a prosodia latina (*Leucothŏe*). Camões, todavia, alterou-a, o que fez ainda em outras palavras, principalmente em vocabulos não muito conhecidos. No entanto essas alterações não foram tão longe como suppõem muitos que explicam por *licenças poeticas* alguns casos de accentuação que lhes causam estranheza mas que representam a verdadeira pronuncia. Em alguns pontos, até, os modernos leitores dos *Lusiadas*, por ignorancia d'essa pronuncia, chegam a estropiar todos os versos em que occorrem certas palavras, como por exemplo o nome geographico *Quiloa*, que geralmente lêem *Quilóa*, errando a medição e o rithmo do verso. A pronuncia d'aquelle nome era *Quíloa*, que os ingleses escrevem *Kilwa*. Já em 1882 Richard F. Burton, *The Lusiads*, vol. IV, p. 577, notou como alguns liam erradamente este nome, dizendo a respeito do verso 8.º da estancia XCIX do 1.º canto: «Mac. (*Macedo*) stigmatises this line:

> *Quilŏă* (*Kilwá*) mui conhecida pela fama

as an *erradissimo verso*. It is, however, etymologically correct as usual. Fanshaw, Musgrave and Quillinan euphonically mispronounce it Quilóa». Vid. tambem *Os Lusiadas*, edição annotada por F. Salles de Lencastre, 1.º canto, e o bello estudo de Gonçálvez Viana, *Ortografia Nacional*, p. 232.

[2] «A 2.ª pessoa do presente do conjunctivo encontra-se nas prohibições que se dirigem a um sujeito simplesmente supposto: *Isto bono utare, dum absit: cum absit, ne requiras* (Cic., *Cat. M.*; não reclameis — não se reclame); fora d'aqui só raras vezes: *Verum ne post conferas culpam in me* (Ter., *Eun.*, 2, 3)». Madvig, *Grammatica latina*, traducção de Epiphanio Dias, § 386, obs. 1.

Na prosa usual usava-se o futuro perfeito do conjunctivo: *ne feceris*, não faças; *ne dixeris*, não digas.

No entanto esse emprego, ao principio muito restricto, alargou-se pouco a pouco e ficou predominando no fallar da Peninsula Iberica, servindo de base ás formulas correspondentes dos idiomas romanicos d'esta região[1].

No português diz-se, por exemplo: *não cantes, não digas, não faças*.

Mas no português do Brasil temos notado frequentemente orações prohibitivas com o imperativo, como em francês. Assim ouvimos dizer por vezes: *não come, não bebe*, em logar de *não comas, não bebas*.

Do *Codigo do bom tom*, de Roquete, Paris 1845, p. 269, transcrevemos o trecho seguinte: «A lingua portugueza, seguindo o uso quasi geral da prosa latina, não admitte imperativos com negação, e em seu logar usa do presente do subjunctivo, o que não acontece na franceza, na qual se diz: *faites, ne faites pas*, etc., sendo que em portuguez é mister dizer: *fazei, não façais*. Não vos faria esta observação, meus filhos, se não lesse na Grammatica portugueza de um lexicographo moderno, que desdenha de todos e não deixa o seu credito em mãos alheias, este solecismo imperdoavel: «*Não faze a outrem* o que não quizeras te fizessem a ti»: devia ao menos lembrar-se do axioma mui trivial do direito natural: *Alteri ne facias*, ou *ne feceris quod tibi fieri nonvis*.» Roquete allude a Moraes Silva, que era brasileiro e que ao redigir a frase criticada se deixou arrastar pelo habito da syntaxe popular do Brasil.

Quanto ao imperativo propriamente dito observaremos que na lingua popular ha formas como *estaide* por *estae, cantaide* por *cantae, andaide* por *andae*, como na frase: *estaide quedos*. A ultima syllaba d'estas formas é paragogica, por analogia com os imperativos *ide* e *vinde*. Cfr. tambem *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 138, onde estão mencionadas ainda outras formas populares do imperativo.

§ 19.º

Futuro e condicional

O Sr. Adolpho Coelho notou já nas *Questões da lingua portuguesa* que na boca do povo havia tendencia para substituir o condicional pelo imperfeito do indicativo. Essa tendencia, que se desenvolveu tambem na linguagem familiar e que se está manifes-

---

[1] Para as restantes linguas romanicas houve ainda outros typos, em que entraram formas do imperativo e do infinito. V. Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, vol. III, § 704.

tando até na lingua litteraria, representa uma como regressão a uma concepção anterior. Em latim exprimia-se por meio de tempos do conjunctivo a ideia que nós designamos com o condicional. Assim a frase: «Faltar-me-hia o tempo, se eu quisesse fazer a conta», corresponderá naquelle idioma a: «dies deficiat, si velim numerare» (Cicero, *Nat. D.*, 3, 32); — igualmente as orações: «Se Neptuno não houvesse cumprido a promessa que fizera a Theseu, este não *teria ficado* sem o seu filho», serão reproduzidas em latim por «Si Neptunus, quod Theseo promiserat, non fecisset, Theseus Hippolyto filio non esset orbatus» (Cicero, *Off.*, 1, 10); — «se soubesse diria» será naquella lingua «si scirem dicerem», etc.[1] Mas ao lado d'esta syntaxe do latim classico surgiu outra no latim vulgar. Assim como de expressões como *amare habeo* formadas com o presente do verbo *habere* resultou o futuro, *amarei*, assim de outras expressões formadas com o imperfeito d'aquelle verbo, como *amare habebam*, proveio uma forma, *amaria*, a que se deu o nome de condicional por se empregar principalmente no discurso condicionado, mas que propriamente é apenas um futuro em preterito[2], como se vê nos seguintes exemplos: «diz que *virá*», «disse que *viria*».

---

[1] Cfr. Madvig, *Grammatica latina*, § 347, e Epiphanio Dias no seu brilhante escrito de polemica philologica, *O latim do Sr. Alves de Sousa*, p. 67.

[2] Cfr., entre outros, Meyer-Lübke, que na sua *Grammaire des langues romanes*, vol. II, § 322, se exprime d'este modo: «Le futur du passé ou pour employer la dénomination habituelle empruntée à l'une de ses principales fonctions, le conditionnel». Este nome de *condicional*, que foi adoptado tambem para designar as formas correspondentes nas outras linguas romanicas, como *j'aimerais* em francês, passou igualmente a ser applicado a linguas estranhas ao grupo romanico.

Não é, pois, com fundamento, que no parecer com que o jury respectivo approvou em julho de 1895 a nossa *Grammatica da lingua inglesa* para uso dos lyceus, um dos vogaes exarou a seguinte declaração em separado: «Não deve admittir-se a exposição do *Verbo* como o faz o autor, abstrahindo por completo de um elemento capital d'elle, como é o modo potencial, genuinamente inglês, e trocado por um *condicional*, que não existe em inglês. As expressões conjunctivas do «seu» verbo, com que pretende ajudar-se para remediar a omissão, não attenuam o mal, aggravam-no».

Como é sabido, o indo-europeu commum, isto é, a lingua de que provieram os antigos idiomas aryanos, possuia quatro modos: indicativo, imperativo, conjunctivo e optativo. O sanscrito e o grego conservam todos estes modos. Em latim o conjunctivo comprehende formas das quaes umas pertenciam originariamente ao conjunctivo e outras ao optativo, o que resultou da semelhança de sentido que havia entre os dois modos e que facilmente os fazia confundir. Do germanico primitivo, que fazia parte da familia indo-europeia e de que procedem, entre outras linguas, o gotico, o baixo-allemão, o alto-allemão, o anglo-saxão e o inglês, estas linguas receberam apenas o indicativo, o imperativo e o conjunctivo, que morphologicamente é um verdadeiro optativo, pois que as suas formas correspondem a outras do optativo indo-europeu, com restos insignificantes do conjunctivo. Estes modos conservou-os o inglês até hoje; resta agora investigar se dentro d'esta lingua se formaram ainda outros e quaes elles sejam.

Hoje na linguagem popular o condicional é quasi desconhecido. Diz-se sempre: «elle *ia* se o mandassem» e não «elle *iria*». Na propria lingua litteraria, como dissemos, o imperfeito é tambem muitas vezes preferido, porque se tornou mais emphatico, adquirindo com elle o discurso um tom mais energico, mais vivo, como se vê no seguinte passo de Castilho, traducção do *Fausto*, p. 243, em que tres vezes apparece o imperfeito em logar do condicional:

> «Eu, se fosse a senhora, *atirava* paixões
> p'ra trás das costas; *punha* um lutosinho d'anno,
> por decencia, e entretanto *ia-me* piano piano
> buscando outra fortuna».

Mencionaremos ainda o proloquio: «Se a inveja fosse tinha, muita gente *era* careca».

O inglês, bem como todas as linguas teutonicas, deixou de herdar do indo-europeu, alem de outras formas temporaes, a do antigo futuro. Todas a substituiram pelo presente, e quando se fazia sentir a necessidade de determinar mais precisamente a ideia de futuridade, recorreram a formas periphrasticas. Assim, o gotico emprega para este fim o auxiliar *skal* ou *haba*, o anglo-saxão *sceal;* o antigo allemão serve-se de *sculan* ou *wellen;* o allemão moderno usa as periphrases formadas com *werden*, que apparecem desde o fim do seculo XIII, mas que ao principio tinham apenas valor inchoativo, v. g.: *er wart weinen* (= pôs-se a chorar, começou a chorar). No inglês a periphrase que designa o futuro é formada pelos verbos *shall* (= devo) e *will* (= quero) como: *I shall go*, eu irei; *he will go*, elle irá. Ora, assim como com o presente *shall* e *will* se formaram expressões verbaes que designam o futuro, assim tambem com os preteritos d'aquelles, *should* e *would*, se obtiveram outras que equivalem a um futuro em preterito, mas a que se costuma chamar condicional pelo mesmo motivo por que ás formas correspondentes das linguas romanicas se dá este nome, como explicámos no texto. Isto mesmo ponderámos no § 319 da nossa *Grammatica*: «Com os auxiliares *should* e *would*, preteritos de *shall* e *will*, juntos a um infinitivo, forma-se uma periphrase a que se dá o nome de condicional, por ser particularmente empregada no discurso condicionado, mas tal periphrase corresponde em rigor a um futuro em preterito». De resto, é o que fazem quasi todos os grammaticos. Veja-se, por exemplo, *A New English Grammar, logical and historical*, by Henry Sweet, 1892, p. 108 (§ 300 *a*): «The combination of *should and would* with the *infinitive* (*should see*, *would see*), when used in the principal clause of conditional sentences is called the conditional mood. The conditional mood has the same form as the future preterite tense». Na segunda parte da mesma *Grammatica*, SYNTAX, publicada em 1898, o autor continua a chamar a esta periphrase modo condicional.

Alguns grammaticos deram ás expressões formadas com os verbos *may* e *can*, seguidos de um infinitivo, o nome de MODO POTENCIAL, em virtude da significação d'aquelles verbos, cujo sentido é o de *poder*, em latim *posse* (de onde *potens* e *potentialis*). Na sua obra *Higher English Grammar*, Alexandre Bain, fallando de *can* e *may*, diz ainda que estes verbos formam o chamado modo potencial. É certo que as periphrases formadas com *may* substituem ás vezes o conjunctivo, equivalendo por consequencia a este modo e sendo em tal caso o verbo *may* um verdadeiro auxiliar por se attenuar, nessas combinações, a sua significação fundamental. É principalmente nas orações finaes, em que se empregam usualmente as locuções formadas com *may*, que a significação d'esto

Em certos casos, como depois do adverbio *talvez*, em logar do condicional ou do imperfeito do indicativo apparece o conjunctivo, estando em tal caso o conjunctivo na oração condicional e na condicionada como em latim no discurso hypothetico, de que acima fallámos; mas em português não influiu o facto de se formular uma condição, pois que independentemente d'ella a oração seria expressa pelo conjunctivo como nos seguintes exemplos: «talvez eu lá vá», «talvez elle estivesse doente».

Por ventura terá esta explicação o conjunctivo que se encontra depois da expressão *certo que* no seguinte trecho de Chiado, p. 4,

---

verbo mais se oblittera. Ed. Mätzner, *Englische Grammatik*, 2.ª ed., vol. II, p. 144, para mostrar a relação entre o simples conjunctivo e a periphrase com *may*, compara alguns passos do texto inglês da Biblia com a traducção anglo-saxonia, porque d'essa comparação resalta particularmente a analogia de funcções d'aquellas duas formas, simples e periphrastica, como: Bring it to me, that I *may eat* (Gen., XXVII, 4); em ang.-sax.: Bring me þät ic ete; — Honour thy father and thy mother... that thy days *may be prolonged*, and that it *may go* well with thee (Deuter., v, 16); em ang.-sax.: Arvura þînum fäder and þine môdur, þät þu *sî* langlîfe, and þät þu sî velig on þam lande». Não ha, pois, duvida de que se podem formar periphrases com o verbo *may* e um infinitivo que correspondem effectivamente a um conjunctivo. Foi o que nós dissemos, introduzindo *may* na lista dos verbos auxiliares (§ 88), dando como formas do conjunctivo *I may plant*, *I might plant*, etc., no quadro da conjugação (§ 90) e tratando especialmente da sua syntaxe nos differentes numeros do § 323. E tivemos ao mesmo tempo o cuidado de corrigir, ainda que somente de passagem, o erro d'aquelles que attribuem ao verbo *can* o mesmo valor syntactico do auxiliar *may* nas periphrases formadas com este para substituirem o conjunctivo; porquanto foi para evitar que tal erro continuasse a propagar-se que muito expressamente advertimos que o verbo *can* «não pode considerar-se como auxiliar» (§ 88). E não pode realmente. É tanto um verbo auxiliar como os verbos *poder* ou *saber* pelos quaes se traduz, como nos exemplos seguintes: he *can* go = elle *pode* ir; — he *can* read and write = *sabe* ler e escrever. Mas certos grammaticos, por uma imperfeita comprehensão das questões grammaticaes, formam um modo potencial com todas as periphrases em que entram os verbos *can* e *may*, e outros vão ainda mais longe, pois incluem nesse modo locuções formadas tambem com outros verbos, como Chambers, que diz, enumerando os modos: «The potential (mood), which expresses what is possible, probable or necessary, by prefixing *may*, *can*, *must*, *might*, *could*, *would* or *should*». Ora evidentemente não ha vantagens nenhumas e só inconvenientes em tal classificação, porquanto, alem de ella envolver desconhecimentos da noção de modo, como entre aquelles verbos ha profundas differenças de sentido e de funcção, o inclui-los todos em um modo especial, sob a mesma rubrica, dará logar a lastimaveis confusões, que nós tivemos todo o empenho em evitar.

Do que fica exposto deve concluir-se, ao contrario do que se affirma na declaração acima transcrita: 1.º) que não ha realmente um «modo potencial genuinamente inglês»; 2.º) que não trocámos esse modo pelo *condicional*»; 3.º) que não ha menos razão para admittir a existencia de um modo condicional em inglês do que, por exemplo, em allemão (v. g.: *ich würde loben*) ou ainda nas linguas romanicas; 4.º) que as expressões conjunctivas taes como *I may plant* estão perfeitamente no seu logar, equivalendo, como vimos, a um verdadeiro conjunctivo; 5.º) que não quisemos portanto remediar com ellas qualquer omissão, a qual não se deu; 6.º) que, por consequencia, o «mal que nós aggravámos quando procuravamos attenuá-lo», é de pura fantasia.

onde antes seria de esperar o condicional ou o imperfeito do indicativo, se não se preferir ver em *escolhesse* uma oração integrante dependente de uma proposição elliptica, o que parece menos natural.

...........Quem cuidasse
Ante que no paço entrasse,
O que ha de ser ao diante
Certo que *escolhesse* ante
Cousa com que se matasse.

Observaremos tambem que em logar do condicional ou do imperfeito se usa tambem uma periphrase como: «Se isso fosse comigo, *havia* de m'as *pagar*». Está *havia de pagar* em vez de *pagaria*.

*
* *

Assim como o condicional é substituido pelo imperfeito do indicativo, tambem o futuro tende a ser representado entre o povo pelo presente ou ainda por uma forma periphrastica. Em vez de se empregar, por exemplo, a forma *irei*, diz-se muito mais frequentemente *vou*[1] ou *hei de ir*, de modo que se volta de novo á expressão composta, depois de se haver perdido a noção de que *irei* (= *ir ei* = *ir hei*) era tambem originariamente uma periphrase[2].

Podemos formar o seguinte schema:

Futuro	**Condicional**
AMARE HABEO (lat. pop. em vez de *amabo*)	AMARE HABEBAM
| |	| |
amar *hei*	*amar* *hia*
amarei	*amaria*

[1] Relativamente ao presente a *Grammatica portuguesa elementar*, de Epiphanio Dias, § 205, *c*, observa: «Tambem se emprega ás vezes, principalmente no estilo da conversação, como futuro emphatico: *Volto já*»; — e com respeito ao preterito imperfeito, § 206, *b*: «Tambem se emprega, sobretudo no estilo da conversação, em logar do condicional presente, para exprimir certeza de realização da acção: *Se a apanhasse, esbofeteava-a*».

[2] Sobre a formação do futuro podem ver-se, alem das grammaticas comparativas de Diez e Meyer-Lübke, os seguintes trabalhos portugueses: Adolpho Coelho, *Theoria da conjugação em latim e portuguès*, p. 116, nota; — Dr. Leite de Vasconcellos, *As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo*, 2.ª edição, p. 35 sgs.; — e um artigo nosso publicado na revista *O Ensino*, do Porto, 1877, p. 19 sgs., com o titulo «Formação do futuro nas linguas romanicas».

Reconstrucção pelo mesmo processo

Hei de amar	*havia de amar*
em logar de *amarei*	em logar de *amaria*

Processo identico seguiu, por exemplo, o dialecto indo português do norte, que não usa as formas simples do futuro e condicional, mas somente as periphrasticas, formadas com *had* ou *ha* e *havi* (= havia), v. g.: *had dá* = dará; *ha ficá* = ficará; *ha escrevê* = escreverá; *havi gostá* = gostaria; *havi dá* = daria; *havi enganá* = enganaria. Cfr. p. 158 d'este volume, artigo do Sr. Sebastião Dalgado.

Como neste crioulo, tambem no português popular e na antiga lingua se omitte frequentemente a particula *de*. Aos exemplos colligidos pelo Dr. Julio Cornu, na sua notavel grammatica historica (*Grammatik der portugiesischen Sprache,* § 322 e nota 4.ª, p. 109, 2.ª ed., 1906), juntaremos os seguintes:

«Este só desgosto tẽe hum auto, que he como officio de Alcaide: ou *haveis deixar* entrar a todos, ou vos hão de ter por villão ruim».

Camões, *El-rei Seleuco,* prologo.

Havia-lhe perguntar:
Senhora, de que comeis?

Id., *Amphitriões,* acto I, scena III.

Esta formula, sem *de,* seria a primitiva, como mostra o latim *amare habeo* e o português *amar hei,* de que resultou *amarei* por agglutinação[1].

§ 20.º

Subordinação das orações

Ouvem se a todos os momentos na linguagem popular e familiar frases em que a conjuncção, que introduz uma oração integrante, se repete anacoluthicamente, quando á conjuncção não se segue immediatamente o verbo. Comquanto o facto seja tão frequente que todos o possam facilmente observar, se lhe prestarem um pouco de attenção, não deixaremos, todavia, de transcrever

[1] No presente volume d'esta *Revista,* p. 121 sgs., tratámos do Participio do Presente e do Gerundio.

aqui um passo em que o romancista Camillo Castello Branco reproduz aquella linguagem: «Pois você que cuidava, barão? Quando eu lhe disser *que* a burra *que* é preta, olhe-lhe para o cabello. Eu não lh'o dizia *que* entre o Macario e a Felicia *que* viesse o diabo e escolhesse.» *Corja,* p. 102[1].

Em Gil Vicente, que tão abundantes exemplos nos dá da lingua do povo, occorre frequentemente esta syntaxe. Mencionaremos alguns passos:

E David Ladainhas.................
Leixou assentado *que* vindo o Messias
Que as alcaçarias, não tendo ellas nada,
Que fossem vazias.

Vol. I, p. 351.

Não que elle dizia
Que essa herança *que* não se entendia
Senão que havemos de resuscitar.

Ibid., p. 352.

Tambem he bem de ordenar
Que as damas que ficão cá,
Que a vão acompanhar
Vinte leguas pelo mar.

Vol. II, p. 408

Dá-se tambem a repetição da conjuncção *que,* ainda quando não introduz uma oração integrante mas outro genero de orações. Citaremos um exemplo de uma oração consecutiva:

Quero ir levar
Minha breve vida a quem m'ha de matar,
E assi entregar a minha cabeça
A cruel c'roa, porque ella padeça
Com tanto de sangue, *que* quem me olhar
Que não me conheça.

Gil Vicente, vol. I, p. 340.

Esta pratica tem ainda logar com outras conjuncções, como se vê na repetição da conjuncção *se* do exemplo seguinte, extrahido do *Esmeraldo de situ orbis,* p. 124 da edição de Epiphanio Dias: «Veja *se* os graaos de ladeza em que se topar, quer sejam alem da equinocial quer aquem, *se* sam conformes, asy do luguar em que esteuer, como d'aquelle em cuja busca for».

---

[1] O Dr. J. Leite de Vasconcellos achou tambem esta construcção no mirandês. Cfr. os seus *Estudos de philologia mirandesa,* t. I, § 311.

Esta repetição resulta do desejo de precisar, de tornar bem clara a subordinação, e por isso apparece até na lingua litteraria, ainda nos mais primorosos escritores, quando, em virtude da extensão da oração, ou porque se intercalaram outras proposições, o verbo subordinante fica já bastante longe. Citaremos um exemplo dos *Lusiadas*, I, 55:

E já que de tão longe navegaes,
Buscando o indo Hydaspe e terra ardente
Piloto aqui tereis, por quem sejaes
Guiados pelas ondas sabiamente;
Tambem será bem feito que tenhaes
Da terra algum refresco e *que* o Regente
Que esta terra governa, *que* vos veja
E do mais necessario vos proveja.

Observaremos que já em latim apparecia esta construcção. Madvig, *Grammatica latina,* § 480, obs. 2, menciona o seguinte exemplo: «Verres Archagatho negotium dedit, *ut* quicquid Haluntii esset argenti caelati aut si quid etiam vasorum Corinthiorum, *ut* omne statim ad mare ex oppido deportaretur». (Cic., *Verr.,* 4).

*
* *

Ao mesmo principio da necessidade de precisar ou lembrar a subordinação é devido o facto de em uma segunda oração circunstancial se repetir em francês a conjuncção que introduz aquella a que está coordenada, ou se representar essa conjuncção circunstancial por meio de *que*[1].

Esta pratica não se usa em português nem no fallar do povo nem na lingua litteraria. Nas orações coordenadas á circunstancial ou se repete a conjuncção ou se omitte, o que é o mais vulgar, se não se quer dar a estas orações realce especial. Mas a leitura dos livros franceses tende a deixar no ouvido o habito d'aquella construcção, tanto mais que o espirito é naturalmente levado a acceitá-la pelo motivo exposto. Encontra-se por isso já muitas vezes em traducções do francês e até uma ou outra vez,

[1] Da excellente exposição de syntaxe francesa de Epiphanio Dias reproduzimos a parte relativa a esta construcção (§ 390): «Quando a uma oração introduzida por uma conjuncção composta em que entre *que* (*quoique, pendant que,* etc.) ou por *si, comme* ou *quand,* se coordena outra ligada por *et* ou *ou,* a pratica ordinaria é pôr aquella conjuncção unicamente na primeira oração e representá-la por *que* nas orações seguintes. Mas se as orações não estão unidas por *et* ou *ou,* de ordinario repete-se a conjuncção em cada oração, ainda que é permittido tambem substitui-la por um simples *que:* «Pourquoi goûtons-nous ici quelque repos, *tandis que* les enfants de Jésus-Christ vivent au milieu des tourments et *que* la reine des cités gémit dans les fers?» (Michaud).

em virtude d'aquelle habito certamente, em livros originaes de alguns dos nossos mais esmerados escritores. Assim, em uma obra recente de um illustre prosador, estilista insigne, lê-se o seguinte exemplo: «Tempos depois, já *quando* a tyrannia era um facto, e *que* todo o sangue derramado nessa heroica mas inutil guerra civil...»

Não será, portanto, impossivel que este uso, corrente em francês, venha tambem a generalizar-se na nossa lingua.

§ 21.º

Construcção de expressões que significam «chamar»

É bem sabido que os verbos que significam *chamar* ou *considerar, julgar tal* ou *tal*, se construiam em latim com dois accusativos, um d'elles empregado como complemento directo e o outro referido a esse complemento como seu nome predicativo, como nos seguintes exemplos: *Summum consilium reipublicae Romani appellarunt senatum. Cicero librum quendam Laelium inscripsit. Senatus Antonium hostem judicavit.*

Nas linguas romanicas essas duas palavras conservaram as mesmas funcções e portanto nenhuma d'ellas é em geral precedida de preposição. Todavia com alguns d'aquelles verbos o nome predicativo é regido de preposição ou acompanhado de conjuncção, como já succedia tambem em latim. Assim, em português diz-se, v. g.; considerar *alguem feliz* ou *como feliz;* ter *alguem por bom.* O verbo *capitular* na accepção de *classificar* exige sempre a preposição *de.* O mesmo acontece as mais das vezes com *qualificar.* O verbo *chamar*, porém, não se usa hoje com tal construcção nem na linguagem popular nem na litteraria, mas teve-a em outro tempo, do que se encontram exemplos, como no seguinte passo de Gil Vicente, vol. II, p. 435:

Se casasses com pàção [1].
Que grande graça seria
E minha consolação!
Que te *chame de* ratinha [2]
Tinhosa cada meia hora,
Inda que a alma me chora,
Folgarei por vida minha,
Pois engeitas quem t'adora.

---

[1] Se *pàção* tinha com effeito *a* aberto, como indica o accento grave, deve resultar directamente do latim *palatianus.* O *a* aberto de *pàção* representaria a crase dos dois *aa*, depois da syncope do *l* intervocalico, como em *Pàçô* de *Palatiolum.* Temos portanto *paço*, resultante de *palatium;* o antigo *pação* e o moderno *palaciano*, que procedem do derivado *palatianus;* e *Pàçô*, que provém do deminutivo *palatiolum.*

[2] A palavra *ratinho* era muito usada na linguagem da epoca para designar uma pessoa rude, simploria, lorpa, ás vezes com pretensões a distincta ou es-

Conserva ainda este modo de construir o verbo *chamar* o português do Brasil, onde se diz: *chamou-te de tolo; chamou-te de ladrão,* ao passo que em Portugal apenas se poderá dizer: *chamou-te tolo; chamou-te ladrão.*

O verbo *fazer,* na significação de *considerar, ter na conta de*, tem no português brasileiro a mesma syntaxe. Em um livro do escritor e diplomata Dr. Assis Brasil achámos a expressão *faz-nos de tolos,* á qual entre nós corresponde *faz de nós tolos,* com uma construcção muito differente.

*

* *

Com as locuções latinas *nomen dare, nomen dicere*, a palavra que representava a denominação ia para accusativo, em apposição a *nomen,* ou, o que era mais frequente, para dativo, por attracção para o complemento indirecto, v. g.: *Filius, cui Ascanium parentes dixere nomen; ei cognomen damus tardo.* Entre outras expressões, correspondem a estas, em português, *pór nome* e *pór o nome.* Quando a palavra *nome* é precedida do artigo, o vocabulo que designa a denominação está sempre regido da preposição *de,* tendo assim o valor de definição[1], como: *pós-lhe o nome de Antonio.* Mas se *nome* não tiver artigo, *pór nome* equivale precisamente a *chamar, denominar,* e portanto a palavra que deve representar a denominação, não leva preposição, como quando se emprega algum d'aquelles verbos. Esta construcção todavia não occorre na linguagem familiar ou popular, mas apenas na lingua litteraria.

Citaremos um exemplo dos *Lusiadas,* IV, 99:

Já que á bruta crueza e feridade
Puseste nome esforço e valentia.

Isto é: *puseste* ou *deste o nome de esforço e valentia, chamaste esforço e valentia.*

Cumpre notar que as edições dos *Lusiadas* trazem virgula depois de *nome,* mas as funcções differentes d'esta palavra e das se-

---

perta. O *Ratinho* constituia tambem um typo popular: «É principalmente o typo popular que Gil Vicente consegue fixar nos seus fundos traços nacionaes: o *Ratinho* ou o homem rude, trabalhador, dotado de uma ingenuidade lorpa e de uma sincera mas inconsciente alegria, a que modernamente se chama o *Zé!*». Theophilo Braga, *Gil Vicente,* p. 353.

1 Sobre o emprego da preposição *de* com este valor veja-se a excellente exposição de syntaxe na *Grammatica Portuguesa Elementar,* de Epiphanio Dias, § 154 e obs.; e quanto á construcção correspondente em latim consulte-se a *Grammatice latina,* de Madvig, § 286.

guintes, que não são coordenadas a *nome*, mostram que tal pontuação não é a mais conveniente.

*
* *

Syntaxe identica tinha tambem a frase *aver nome* (= chamar-se) do português archaico, segundo se vê pelos seguintes passos do fragmento da *Demanda do Santo Graal,* publicado na *Rev. Lusitana,* vol. VI:

«Fica aá manhãa ta lança en terra ali u quiseres que seia a batalha e ao sacar da lança nacerá hũa fonte e aquella fonte seerá de tam gram virtude, que todo homem que fôr chagado e dela beber logo seerá são; e por aquela virtude *averá nome fonte de guariçom*». P. 337.

«E fezerom os da linhagem del Rei por amor de Queiam hũa villa que *a nome Caiam.*» P. 339.

§ 22.º

Circunstancia de tempo

O tempo em que uma coisa succede, exprimia-se em latim geralmente por meio do simples ablativo, e em certas expressões com o ablativo acompanhado da preposição *in: hora sexta,* ás seis horas; *vigilia tertia*, na terceira vigilia; *initio aestatis,* no principio do verão; *in pueritia, in bello Alexandrino, etc.*

Esta pratica conservou-se em português, parecendo ter mais extensão antigamente o emprego do substantivo sem preposição e modernamente o da preposição, como se pode ver nos seguintes exemplos.

«Unde sabede, que eu quero accrescentar essa moeda e comezar-la-hei acrezentar *primeiro dia* de abril, este primeiro que vem». Documento de 1270, publicado em *Port. Mon. Hist.,* «Leg. et Cons.», vol. I, p. 219. Hoje dir-se-hia de preferencia *no primeiro dia de abril,* sobretudo na linguagem familiar.

«*Aquel dia* que os romãos foram vençudos veerom a Rei Artur hũas mui maas novas». Fragmento da *Demanda do Santo Graal,* publicado na *Rev. Lusitana,* vol. VI, pag. 339.

«E rei Artur o er fez tambem *aquel dia,* que todos seus filharom en fazanha, e nunca mais cansava de ferir despada». *Ibid.,* p. 340.

«E sabede que a estoria diz que en toda sa vida nom fez tanto en armas como *aquel dia* soo, cá elle por sas mãos matou VI companheiros da tavola redonda de que o conto do braado conta os nomes e os feitos». *Ibid.*

Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesus,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que é a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará hum pato,
E cada pato hum tostão,
Que passará de hum milhão
E meio a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por estes ovos de pata,
E *o dia* que for casada
Sahirei ataviada
Com hum brial d'escarlata
E diante o desposado,
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando
Assi dest'arte bailado
Esta cantiga cantando [1].

Gil Vicente, vol. I, p. 115.

Esta ave nunca sossega
He galante e muito oufana;
Mas *a hora* que não engana
Não he pega.

Ibid., vol. III, p. 119.

Esta nunca tem tristeza;
Sobe-se no ar *cada hora*,
E canta porque outrem chora.

Ibid.

Quem quiser *hoje este dia*
Ver mao pesar de seu feito
Não tarda hũa ave-maria.

Ibid., p. 163.

Minha mercê manda e ordena
Que tragais logo *essas horas*
Diante destas Senhoras
A Troiana Policena,
Muito bem ataviada
E concertada,
Assi linda como era.

Ibid., vol. II, p. 357.

---

[1] Démos maior desenvolvimento a esta citação por se tratar de um conto interessante, que La Fontaine reproduz tambem com o titulo de *La laitière et le pot au lait*. Mofina Mendes, cantando e dançando, deixa cair a bilha do azeite e vê assim perdidas num momento todas as suas esperanças de fortuna. Acêrca d'este assunto vejam-se os seguintes interessantes estudos: *Os Contos, Apologos* e *Fabulas da India*, pelo Dr. G. de Vasconcellos Abreu, e *Ensaios Ethnographicos*, do Dr. J. Leite de Vasconcellos, vol. II, p. 348.

Eu vou provar logo *essora*
Naquella casa dozena
Dos males que he malfeitora,
Ainda que tudo adora
Aquillo que Deos ordena.
Ibid., p. 398.

A hora de partir se vem,
Fazei cortes logo *essora*.
Ibid.

DRAGUINHO. Andae, andae, companheiros;
Cá vae o rasto de Legião
Por cima d'estes outeiros;
Proprios dous malhadeiros
São os pés d'este ladrão.
GAROTO. Ha muito?
DRAGUINHO. *Agora, est'hora*
Passou por esses penedos:
Ei-lo aqui fresco d'agora
D'agora não ha meia hora,
Nem creio que ha dous credos.
Ibid., p. 17.

Agora estora vae d'aqui
Gonçalo, que vem da corte.
Ibid., p. 427.

*
* *

Algumas expressões formadas pelos ablativos latinos converteram-se em adverbios de tempo nas linguas romanicas, como succedeu com a locução *hoc anno*, que deu o português archaico *ogano*, e com *hac ora*, de que resultou o adverbio *agora*, ainda vivo, mas que perdeu o rigor do sentido original, etymologico. E é interessante observar como nos ultimos trechos transcritos este adverbio vem seguido e reforçado por uma expressão temporal formada de duas palavras, que são por assim dizer a traducção da sua accepção primitiva ou a repetição dos vocabulos de que o adverbio *agora* é a transformação phonetica: *agora estora*. Em outro logar daremos mais exemplos d'esta categoria de factos, expondo desenvolvidamente o processo psychologico a que são devidos.

*
* *

De modo semelhante se encontra empregada a expressão *hoje este dia*, como no seguinte exemplo de Gil Vicente, vol. III, p. 163:

Quem quiser *hoje este dia*
Ver mau pesar do seu feito,
Não tarde hũa ave-maria.

Locuções pleonasticas do mesmo genero occorrem tambem em outras linguas, como *le jour d'aujourd'hui* em francês

popular e no seguinte passo de Lamartine, mencionado por Littré[1]:

L'univers est à lui (Deus)
Et nous n'avons à nous
Que le *jour d'aujourd'hui.*

Como se sabe, já o adverbio *aujourd'hui* é um pleonasmo formado de quatro palavras: *au jour d'hui.*

Entre nós diz-se tambem correntemente *hoje em dia*, com o sentido de *presentemente, actualmente, nos nossos dias.*

*
* *

Notaremos que certas expressões que primitivamente designavam outras circunstancias, passaram a exprimir a de tempo. Assim succedeu com a palavra *logo,* que provém do latino *locus* = *logar*, e que antigamente foi tambem empregada como substantivo. São ainda factos da mesma ordem o francês *sur-le-champ,* o allemão *auf der Stelle,* e o latim *extemplo.*

Quanto ao nosso adverbio *logo*, o seguinte passo dos *Lusiadas*, III, 12, 13 e 14, mostra como seria facil a transição da ideia de logar para a de tempo:

Entre o remoto Istro e o claro estreito
Aonde Helle deixou c'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde c'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indigno;
Boa injuria do grande Constantino!

Logo de Macedonia estão as gentes
A quem lava do Axio a agua fria;
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos da alta phantasia
Com quem tu, Clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas que por lettras.

Logo os Dalmatas vivem; e no seio
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que, cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada
Não menos nos engenhos, que na espada!

---

[1] *Dictionnaire de la langue française,* s. v. *aujourd'hui.*

§ 23

Circunstancia de logar

A respeito da determinação de logar tratámos ja nesta *Revista*, a p. 119. Aqui mencionaremos ainda o emprego da expressão elliptica «vou *á de* Fulano», por «vou a casa de Fulano». Esta construcção foi já notada, como usada no Alemtejo, pelo philologo Roquete. Veja-se o trecho transcrito em *Pronomes relativos.* Cfr. tambem *Esquisse d'une dialeclogie portugaise,* p. 146, onde, alem d'estas expressões, vem indicada tambem a seguinte, que se usa no Minho e Trás-os-Montes: «ir onde ó Sr. F.» = «ir a casa do Sr. F.»; «*ir onde a elle*» = ir a casa d'elle ou ir ter com elle.

§ 24

Algumas fórmas emphaticas empregadas como respostas

Em logar de responder com a negação absoluta (*não*) ou com uma oração negativa formada com o verbo da pergunta ou com outra, é corrente empregar a linguagem popular e familiar, como respostas, certas formulas exclamativas, mais ou menos emphaticas.

Assim á pergunta: «Isto será verdade?» responder-se-ha: «Eu sei lá!», ou «ágora é!», ou «qual verdade!», ou ainda «qual verdade nem meia verdade!», «qual verdade nem qual carapuça!»

No seguinte exemplo, de Camillo, *Brasileira de Prazins,* p. 130, occorre uma d'estas expressões a confirmar uma negação: «Nunca me emborrachei aqui onde me vê com cincoenta annos já feitos, mas se algum dia me emborrachar, que ninguem está livre d'isso, prego-me a dormir e não vou atirar-me ao Ave em Dezembro! *ágora* vou, se Deus quiser».

Uma formula semelhante lê-se nos *Autos,* de Antonio Prestes, p. 15:

CAVALLEIRO. E onde era!
MOÇO. *Eu que sei!*
Seria onde mesmo era.

Igualmente nas *Obras* de Antonio Ribeiro Chiado:

PAIVA. Lançae-vos logo á igreja.
FARIA. E que é da renda?
PAIVA. *Eu que sei!*

Esta exclamação é ainda usada em Mirandês; cfr. Dr. J. Leite de Vasconcellos, *Estudos de philologia mirandesa*, vol. I, § 312, g.

Uma expressão analoga, como nos lembra o Sr. João de Meira, é: «Eu sei-te!...», empregada por Camillo, para imitar a linguagem popular, na sua comedia *O Lobishomem*, p. 17:

1.º ENCAMISADO. — Os lobishomens não fazem mal a ninguem, não é assim, o Mariana?
MARIANA. — *Eu sei-te!...*

Este modo de dizer, que o Sr. Alberto Pimentel dá como vulgarissimo na provincia de Trás-os-Montes (cfr. o seu prefacio áquella comedia, p. XX), é elliptica e equivale a «eu sei-te lá dizer», «eu sei-te lá responder!»

Na secção do *Jornal de Noticias*, do Porto, intitulada *Raspão*, de 11 de maio de 1902, lê-se como frase negativa a seguinte, em que se pretende imitar o fallar do povo: «Á *má* conhecem», equivalente a «Á não conhecem».

Nunca vimos nem ouvimos a palavra *má*, a que se dá naquella expressão o valor de um adverbio que exprime a negação. Resultará essa palavra do adverbio *mal?*

Lembraremos que effectivamente este vocabulo se emprega ás vezes com tal sentido em orações como: «*Mal* sabem quanto se enganam![1]»

O mesmo succede com o adverbio *bem* em expressões affirmativas, a que todavia a ironia com que são proferidas, imprime sentido contrario, valor de negação: «Bem sabe elle lá d'essas coisas!», «*bem* sabe elle lá d'isso!».

Estas orações equivalem a: «não sabe nada d'essas coisas, não sabe nada d'isso».

Outras formulas que tem a mesma applicação são a expressão antiga «isso vos era elle» e a moderna «pois não foste!» ou «pois não fostes!» A primeira encontra-se, por exemplo, em Gil Vicente, vol. I, p. 141:

MADANELA. Mas sabeis que é leitão,
Que tem couro e não tem pelle?
MARGARIDA. Leitão? *Isso vos era elle!*

A segunda é vulgarissima no fallar do povo. Na *Rev. Lusitana*, VIII, p. 265, transcreve o Sr. Thomás Pires, da *Revista Illustrada*, o seguinte trecho, que descreve um uso excessivo d'esta frase:

«Uma d'essas modas populares reinava então (em 1846) com uma insistencia maçadora. Era o *pois não foste*. *Pois não foste* para

---

[1] Notaremos que em arabe nas orações negativas entre a particula de negação *má*. Não cremos, porém, que seja ella o vocabulo de que tratamos.

tudo, *pois não foste* por qualquer motivo. Fazia-se qualquer pergunta: a resposta sacramental era *pois não foste!*

*
* *

A uma pergunta como «você foi lá?» responde-se ás vezes emphaticamente «pudera!», ou ainda «pudera não ir!», para significar: *está claro que fui, não podia deixar de ir*. Uma oração negativa como «você não foi lá» confirma-se tambem com «pudera!» ou «pudera ir!», querendo dizer: *é claro que não fui*.

*
* *

Para tornar mais energica uma affirmação é frequente empregar o povo uma oração adversativa, de valor affirmativo; por exemplo: *não mas sim; não mas é; não mas vamos*. Este facto explica-se pela circunstancia de se responder com expressões d'esse genero a frases negativas, repetindo-se portanto a negação e contrapondo-se-lhe immediatamente a affirmação, para a qual resulta do contraste um tom mais vivo.

*
* *

Em Gil Vicente, vol. I, p. 226, occorre uma resposta emphatica formada pelos adverbios *não* e *si*, reforçados pelo prefixo intensivo *re*, que se encontra por exemplo em *revelho*:

DIABO. Embarca-te, eramá para ti,
Qu'ha já muito que te espero.
SAPATEIRO. Digo-te que *re-não* quero.
DIABO. Digo-te que si, *re-si*.

Observaremos que este prefixo era muito empregado naquelle tempo, como provam os compostos *remelhor, remás, remuito, retanto*, etc., que se encontram a cada passo em Gil Vicente, Antonio Prestes e Ribeiro Chiado. D'este ultimo daremos o seguinte exemplo (p. 16):

E mais o Imperador
é muito grande senhor;
nenhuma perda o espanta
Fará gente outra tanta
e *retanta* e *remelhor*.

Para designar que nos é indifferente, que não nos interessa que um certo facto se dê ou não, responde-se ás vezes com as palavras «melhor» ou «deixá-lo», como no exemplo seguinte: «Fu-

lano zangou-se com você». — «Melhor» ou «deixá-lo» ou «deixá-lo zangar».

§ 25

Expressões emphaticas

No vol. VIII d'esta *Revista*, p. 286, tratámos de varias expressões que a linguagem popular e familiar emprega emphaticamente. Aqui daremos noticia de mais algumas.

*
* *

Usa a expressão *vá*, ou *vá que não vá*, para indicar uma concessão, com o valor de *seja, admitte-se*, como no seguinte exemplo: «Que se diga que a fazenda é cara, *vá que não vá*, mas dizer-se que é ordinaria, isso agora tó rola». De Camillo, *Brasileira de Prazins*, p. 128, extrahimos este exemplo: «Arre diabo! lá que um homem uma vez por outra apanhe um pifão, *vá*, mas embebedar-se todos os dias é muito feio».

*
* *

Tem a locução *estar capaz*, que significa aproximadamente *estar quasi resolvido, estar disposto, ter vontade de*, como nos seguintes exemplos: «*estive capaz* de lhe bater»; «*estou capaz* de lá ir».

*
* *

Emprega a oração concessiva *por mais que me digam* em logar do simples adverbio *certamente* ou *sem duvida*. Neste caso *por mais que me digam* equivale a dizer *por mais que me digam em contrario*. Daremos um exemplo de Camillo, *Scenas da Foz*, p. 101 da 3.ª edição: «Vem todas as manhãs um homem do Porto trazer-lhe as compras; pouco se demora, e sae sem ver a senhora. Foi elle que me disse que nunca a vira, nem sabia quem era; mas que seu amo o mandava todos os dias trazer o mantimento, com ordem de não fallar a ninguem. Emquanto a mim — concluiu a informadora, pondo á cabeça o cesto da herva — emquanto a mim, anda aqui mandinga, *por mais que me digam*.

*
* *

Serve-se da palavra *agora* e ás vezes da locução *ora agora*, para introduzir uma oração de sentido adversativo. No seguinte

trecho, que transcrevemos de uma carta escrita por um homem de Trás-os-Montes, encontra-se um exemplo d'este facto: «Foi pena não se fazer mais aguapé, porque os trabalhadores quando bebem uma tarraçada d'ella ficam tão contentes como se ganhassem mais um bintem, mas não se fez mais por não aber envasilhas. Parece que era tempo de começar a enxofra, *ora agora* se v. entender que inda é cedo, espera-se mais algum tempo, porque tambem por aqui inda não aparece polmo».

No Vocabulario explicaremos algumas das palavras do trecho transcrito.

*
* *

Usa certas periphrases como designação de qualidade para substituir emphaticamente simples adjectivos empregados como epithetos. Tal é a expressão — *de não sei que diga* — no seguinte exemplo: «A apostar que lhe fizeram alguma os brutos cá da Foz! Eu sempre tive zanga a esta gente! Está tudo caro pela hora da morte! O carniceiro manda-lhe a gente pedir carne da cernelha e o berzabum *de não sei que diga* manda rabada, e quando Deus quer é cada osso que te parto!» Camillo, *Scenas da Foz*, p. 104 da 3.ª ed. Neste passo, o *berzabum de não sei que diga* como que equivale a *o maldito berzabum*, ou, como tambem diz o povo, *o berzabum de uma figa!*

*
* *

Tambem no mesmo trecho occorre outra expressão popular, que vale por um adjectivo. É a frase — *pela hora da morte* — que tem o sentido de *carissimo*: «Está tudo *pela hora da morte*».

No exemplo citado, todavia, a locução *pela hora da morte* modifica o adjectivo *caro*, fazendo d'elle uma especie de superlativo.

*
* *

Pertence ainda a esta categoria de factos a expressão — *que te parto* — do trecho transcrito. «Cada osso *que te parto*» está por *ossos muito grandes, ossos enormes.*

*
* *

O mesmo emprego tem a locução — *de alto lá com elle!* —: «É um homem teso, *de alto lá com elle!*» — «É uma mulher de *alto lá com ella*, com cabellinho na venta!» como quem diz, é uma

mulher terrivel. Veja-se ainda a expressão «raça *de mil diabos*» em um trecho de Camillo, citado adeante.

*

* *

Usa-se tambem com o sentido de *igual, exactamente* a frase — *sem tirar nem pôr:* «É a cara do pae *sem tirar nem pôr*» ou «é tal e qual, *sem tirar nem pôr*». Antigamente empregava-se a expressão mais desenvolvida — *sem nada tirar nem pôr* — como se vê pelo exemplo da *Pratica de tres pastores,* p. 30 da edição da sr.ª D. Carolina Michaëlis:

Neste chiqueiro
Onde estais como cordeiro
Ante seu trasquiador,
Feito homem verdadeiro,
Filho de Deus por inteiro
Sem nada tirar nem pôr.

*

* *

Quando alguem profere palavras ou narra factos que merecem a censura de quem escuta, é frequente ouvirem-se respostas de reprovação como estas: «*Quer não!* que fallas com muito juizo!» — «*Quer não!* que a fez bonita; pode limpar as mãos á parede!»

Nos *Autos* de Antonio Prestes ha dois passos em que se encontra a expressão *que não,* a qual parece ter o mesmo valor que a locução *quer não!* são os seguintes:

FERNÃO. E nos trunfos não falaes
Que furtastes?
GRIMANEZA. Desmaiaes?
Ninguem como eu vos entende!
VIUVA. *Que não,* que estará zombando.

P. 393.

AMO. Casar, eu!
Homem ha que capuz ponha,
Nem no sonha
Por molher.
FERNÃO. Oh! isso é meu,
Mas põe-no quem tem vergonha.
AMO. *Que não!* que é mais carantonha
Que sesudo; isso é sandeu.

P. 541.

«*Que não*» parece ser uma oração elliptica dependente de outra, como «digo ou *entendo* que não é» ou «*que não* é assim» ou «*que não* é isso», podendo subentender-se ainda qualquer outra expressão semelhante. As orações seguintes, introduzidas por *que,* parecem estar coordenadas a *que não,* e dependerem portanto do

mesmo verbo. A locução actual *quer não* será uma transformação de *que não,* devido a ter-se obliterado no espirito do povo o sentido da expressão primitiva, havendo talvez concorrido para essa transformação frases como *quer sim quer não?*

*

* *

Ouve-se muitas vezes a locução *para nunca mais* como equivalente a *para sempre*. Está ellipticamente em logar de «*para nunca mais* trabalhar», «*para nunca mais* servir», etc., segundo o sentido da frase. Daremos um exemplo de Camillo, *Brasileira de Prazins,* p. 123: «O sargento-mór de Rio Caldo contava passagens de caça no Gerez, com emphaticos arremedos, movimentados, da alteneria. Que o porco bravo viera direito a elle, e cortava mato, troncos de giestas como a sua coxa — e mostrava; — tinha apanhado de raspão a cadella, a Ligeira, raça de todos os diabos, que o atacava pela orelha, e ficou aleijada *para nunca mais;* e elle então cahira sobre a esquerda e trepara á fraga da Portella, e esperava o porco na clareira; e mal elle apontou, pumba! metteu-lhe tres zagalotes no quadril».

*

* *

Nas orações ou expressões de uma gradação, que na lingua culta são precedidas das locuções «muito menos», «quanto mais», correspondentes a *nedum* em latim, a linguagem familiar e popular emprega, alem d'aquellas locuções, ainda as expressões «*nisso não fallar*», «*nem fallar nisso*», *quanto a isso então nem fallar*» ou «*não fallemos*», ou tambem «*nisso nem fallar*». Sob o ponto de vista sematologico pode comparar-se em allemão o emprego de *geschweige,* do verbo *geschweigen,* que tem a significação de *callar-se, não fallar,* como neste exemplo: «Ich habe ihn nicht gesehen, geschweige gesprochen![1]» De uma carta escrita por um transmontano extrahiremos o seguinte exemplo: «Se no saibramento feito a jornal já á deficuldade, na empreita *então nem falar,* esta gente não obdece, não quer fazer as medidas, faz o que lhe parece. São uns areus, não os posso aturar estou morto por isto acabado, inda ó menos se fosse rechão mas é terra muito inclinada». Explicaremos no Vocabulario algumas palavras d'este trecho.

(*Continúa*).

Julio Moreira.

---

1 Sobre que forma grammatical seja *geschweige* veja-se *Précis de grammaire comparée de l'anglais et de l'allemand,* par Victor Henry, p. 170, nota 3.

MISCELLANEA

Reflexões ao «Livro de Esopo» ou «Fabulario Português»

A proposito da palavra **armuzello**, estudada na *Rev. Lusitana*, IX, 9-10, diz-me em carta de 31-X-906 o Rev. Cunha Brito (com cuja intelligente e prestimosa collaboração a *Rev. Lusitana* vae começar, dentro em pouco tempo, a honrar-se):

«Os pergaminhos de Ponte[1] tem um traslado de 152 capitu»los das côrtes de Santarem de 1434, e não de Lisboa, como traz »umas poucas de vezes o Viterbo[2]. É um vol. de 26 fls. com cêrca »de $0^m,28 \times 0^m,24$ de texto em cada pagina. Pus-me a folhear os »apontamentos que d'elle tirei para o trabalho destinado ao *Ar»cheologo*, trabalho em que me occupei grande parte do passado »verão, e no cap. 150 encontrei a passagem desejada. Ei-la:

> Ao pinçipe pteençe pueer seu pobõo de mãtim[tos] E pōq̃ mujtas uezes acōteçe q̃ algũus fazem canaaes ẽ Ryos puados q̃ nõ ssom cabedaaes E deitã p̃o elles couõos e nassas e pescam cõ sãtellos e ARMUZELLOS e tesõoes e tarrafas pa seus mãtim[tos] ..

»Como vê, não póde haver mais dúvidas de que deve ser »*armuzello*, e de que a citação faz sua differença da que vem no »Viterbo, s. v. *santello*».

Fica pois estabelecido que o *armazello* de Viterbo, o *armasello* de Fonseca & Roquete e o *armaselo* do Caturra, a que me referi

---

[1] [I. é, os pergaminhos do archivo municipal de Ponte de Lima. D'estes pergaminhos publicará o mesmo Sr. brevemente n-*O Archeologo Português* importantes extractos, que ja estão em meu poder. — J. L. DE V].

[2] [I. é: o frade Viterbo no *Elucidario*. — J. L. DE V.].

no citado passo da *Rev. Lusitana,* são palavras fantasticas, «ghost-words», que tem de se eliminar do nosso lexico.

*

Na *Rev. Lusitana,* VIII, 119, nota 5, escrevi a respeito da palavra *dinheiros* da fabula XXIII:

«No ms. está em breve: *drr*^{o}*s*, com *rr* (por *j*^{r}?)». Na mesma carta responde o Sr. P.^{e} Cunha Brito assim á pergunta: «Te»nho encontrado bastas vezes o mesmo *drr*^{o}*s* como abreviatura de »*dinheiros*. Não haja pois duvida sobre os dois *rr*. Creio que a »razão dos *rr* é para distinguir de *dr*^{o}*s*, abreviatura de *direitos* »ou *dereitos*».

*

Na fabula XL, linha 1, lê-se AMOESTRAMENTO, e na fabula LVII, linha 12, lê-se AMOESTRA. Nas erratas que juntei á separata que se fez do meu trabalho disse eu que devia emendar-se a primeira palavra em *amoestamento,* e a segunda em *amoesta.* Foi sem razão que o disse, pois no ms. aquellas palavras tem *r*.

Em apoio da exactidão d'essas fórmas com *r* vem AMOESTRÁRA, que se lê num documento do seculo XVI publicado pelo Sr. Braamcamp Freire no seu valiosissimo *Archivo Historico Portuguez,* vol. IV, p. 58.

Creio pois dever admittir-se que na nossa lingoa antiga, pelo menos no seculo XV, data do ms. d-*O Livro de Esopo,* e no seculo XVI, em vista do documento acabado de citar, se usou o verbo *amoestrar*, cujo *r* medial resultou do cruzamento de *amoestar* com *ameestrar* ou *amostrar*.

Accrescente-se pois **amoestrar** ao VOCABULARIO das *Fabulas.*

*

Na fabula XIV, num adagio, figura a palavra d o s s o «dorso», que por esquecimento não se incluiu no Vocabulario. Vem do latim d o r s u -, com asssimilação do *r* ao *s* no grupo RS, como em *vessu*, v e r s u - (vide esta palavra no VOCABULARIO).

*

A p. 159 da separata (ou *Rev. Lusitana,* IX, 105), nota 1, disse-se por equivoco que o codice alcobacence n.º 266 estava hoje na Bibliotheca Nacional, em vez de se dizer que estava na Torre do Tombo.

Este codice (pergaminho) é preciosissimo, por causa do grande numero de textos portugueses, do seculo XIV, que contém. Deu uma lista d'elles o Sr. J. Cornu na *Romania,* X (1881), 334-336. Na ultima folha-de-guarda do codice lê-se o seguinte em letra contemporanea da dos textos: *frey alũ deluas entrou em ſanta maria dallcobaça* XV *dias dante ſanta maria dagosto da era de mill e iiij*ᶜ *lxij. dš Oacabe em ſeu ſeruiço aamem*[1]. Esta nota não tem nada com os textos, foi mera curiosidade de um leitor, como outras *probationes pennae* que é frequente encontrar nos codices antigos (e neste mesmo ha mais); mas tem a importancia de mostrar, como o Sr. Pedro de Azevedo tambem viu, que o codice foi escrito antes da era de 1462. A pesar de serem originariamente do seculo XIV os textos, o codice data, quanto a mim, do seculo XV.

*

A p. 8 da separata (ou *Rev. Lusitana,* VIII, 102), nota 1, linha 7, saiu errado o nome do Sr. Balbino Ribeiro, Segundo Conservador da Torre do Tombo, pois ahi se lê *Bibeiro* em vez de *Ribeiro.*

*

A proposito de **gançar**, no VOCABULARIO, disse eu que do radical de que veio *ganhar* (origem germanica) deve ter provindo para as lingoas da Peninsula um verbo **ganar,* de onde viesse o

[1] A graphia *aamen* indica que a palavra *amen* se pronunciava *àmém,* i. é, com *a* aberto no principio, e nasal no fim. Hoje vulgarmente pronuncia-se *àmẽi* ou *àmãi*, embora a palavra se escreva *amen;* cfr. a frase *dar os améns.*

hesp. *ganar,* e o port. prehist.[1] **gãar*. Effectivamente creio que existiu este verbo **ganar*, mas, quanto ao seu etymo e ao de *ganhar,* eu devia ter remettido o leitor para o que dizem Diez, *Et. Wb.*, I, 155 e 175, e Körting, *Lat.-rom. Wb.*, n.os 4:149 e 10:337.

Um inedito de João Pedro Ribeiro

O meu parente e amigo o Engenheiro Luis Xavier Barbosa, de Vianna do Castello, que vota grande amor á nossa historia e litteratura, e possue selecta livraria de livros classicos, teve a amabilidade de me offerecer um papel do seculo XVIII em que se encontra, a par de dois bilhetes, uma nota manuscrita autographa, de João Pedro Ribeiro. Parecendo-me que mereceria a pena publicá-la, enviei o papel ao meu amigo e collega o Sr. Pedro de Azevedo para elle annotar o conteudo, o que elle fez de boamente. O artigo que se segue consta pois do conteudo do manuscrito e da annotação.

J. L. DE V.

I

a). «Ao Ex.mo S.r[2] João Pedro Ribeiro.
Pedese o fauor de dizer o seu voto sobre a seg.te pergunta.
Se hum D. Randulfo, que em Docum.to do Mosteiro do Paço de Sz.a da Era = 1032 se denomina = *Randulfus*] *Abba deo voto* .. seria, ou não Frade, ou so Familiar, ou Terceiro do Mosteiro,? e se o «Abba» significaria «Confessor», ou propriamente Abbade Regular? O motivo da duvida he dizer o d.o Randulfo = Deo voto = que parece escuzado se elle fosse

---

[1] Por *português prehistorico* entendo a nossa lingoa antes de fixada pela escrita. A fixação definitiva pela escrita começou no seculo XII, mas já em documentos latino-barbaros transparecem fórmas portuguesas. Como estes documentos datam do sec. IX, o *português prehistorico* é o que vae desde as origens da lingoa até o sec. IX. Cfr. sobre isto a minha *Esquisse d'une Dialectologie,* Paris 1901, pp. 9-10.

[2] [As palavras *Ao Ex.mo Sr.* foram cortêsmente riscadas por João Pedro Ribeiro].

verdadeiram.[te] Monge. Sua Ex.[a] porem fará o obsequio de dizer se ha exemplos de Abb.[es] Monges se appelidarem tambem = Deo votus = ».

b). «A f. 48 v.º Col. 2.ª do L.º das Doaçoens de Paço de Sz.ª achei e apontei a Doação de Randulfo Abba (unica q. me lembra junto Deo voto a Abba). Para significar Monge, ou Eremita sempre encontrei Confesso, q. se deue reputar como synonimo de Abba, q.[do] o contexto não obriga a entender Abbade p.[lo] Prelado Regular, ou em tempos mais modernos pelos Confessores».

c). «O Correio demorou; e eu tive occasião de fallar com o am.º [1] o qual deo em resposta haver já respondido, e me dice de bocca o que esta escripto. Posto deixar a meo filho ordem para remeter o que viesse a V. S.ª elle não teve tempo, porq. so no Correio de Domingo veio a Carta.

Estimarei V. S.ª adiante a sua obra, e se sirva da minha boa vontade para lhe obedecer como

Am.º affect.
ANTONIO D'ALMEIDA».

II

São sempre apreciaveis os trabalhos de João Pedro Ribeiro, o fundador da diplomatica portuguesa, ainda aquelles que não eram destinadas á estampa, como succede com a consulta que vae adeante impressa e que um anonymo dirigiu a João Pedro por intermedio de Antonio de Almeida.

Na meia folha que está em poder do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos encontram-se notas em tres letras que formam correspondencia: a de um anonymo, que marquei por *a*, a de João Pedro Ribeiro bem conhecida pelos seus grossos caracteres, que marquei por *b*, e a de Antonio de Almeida, marcada por *c*.

Os tramites que o pedido soffreu são faceis de reconstruir. Um amigo de Antonio de Almeida escreveu a este, sabendo que os

[1] (João Pedro Ribeiro).

dois (Almeida e Ribeiro) estavam em relações, uma carta, á qual juntou em outra folha a pergunta ou lh'a entregou pessoalmente; a forma é indifferente. Chegado o pedido ás mãos do Ribeiro, e lançado no papel o parecer do grande diplomatista, este remetteu-o logo pelo correio para a povoação em que habitava Antonio de Almeida, que então estava ausente, mas tinha deixado ordem a seu filho para o enviar immediatamente ao anonymo logo que o recebesse. Antonio de Almeida na sua viagem, talvez ao Porto, a patria de João Pedro Ribeiro, teve occasião de fallar com este sobre o assunto, e soube então que a resposta já tinha partido pelo correio. Quando Almeida voltou, ainda encontrou o papel, o qual então remetteu ao anonymo com as palavras que aproveitei para estes pormenores.

A correspondencia não é datada, nem nella se encontra nenhum synchronismo por onde se deprehenda o anno. A nota que adeante cito das *Observações,* publicadas em 1798, faz até certo ponto suspeitar que a consulta succedeu anteriormente áquella data, porque, se o pedido se tivesse dado depois, é provavel que Ribeiro remettesse o consulente para o seu trabalho.

Antonio de Almeida não é desconhecido nas letras. *O Diccionario Bibliographico,* de Innocencio da Silva, menciona-o no vol. 1, pag. 81. Era formado em medicina pela Universidade e socio da Academia Real das Sciencias, collega, portanto, de João Pedro Ribeiro. Falleceu em Penafiel em 1839, com bastante idade. Publicou varios estudos historicos, archeologicos, medicos e bibliographicos.

*

O documento que deu motivo á pergunta foi impresso por Herculano nos *Portugaliae Monumenta Historica,* a pp. 104 e 105, o qual se aproveitou para esse effeito de um apographo, que existe na Academia Real das Sciencias, em consequencia de não ter podido aproveitar o livro original, como era seu uso constante. Sempre que Herculano se referia naquella collecção a documentos do *Livro das Doações* do Paço de Sousa, juntava quaesquer palavras sobre o desapparecimento d'este. Eis alguns exemplos:

«Liber regestorum Monasterii Palatioli (Paço de Sousa) ex quo Riberius textum typis mandaverat, cum aliis diplomatibus scrinii ejusdem monasterii, incendio postea omnino periit». (P. 28).

«Hujus monumenti exemplum quod in Regae Academiae bibliothecae servatur nobis textum praebuit. Liber regestorun illius Monasterii qui tituli *Livro das Doações* do Paço de Sousa prae se ferebat, ex quo, hoc ineunte seculo, desumptum fuerat Academiae nostrae apographum, incendio periit». (P. 104).

«Codex ipse, cum aliis ejusdem coenobii monumentis, incendio periisse credimus». (P. 384).

A respeito da palavra *Abba,* sobre a qual, como vimos, versava o pedido a J. P. Ribeiro, fez elle uns reparos, ao tratar justamente do cartorio do Paço de Sousa, nas *Observações historicas e criticas para servirem de memorias ao systema da diplomatica portuguesa,* p. 18.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Inquirições

1. Comer a dois carrilhos

Esta locução proverbial não nos terá vindo da Hespanha? *Comer a dos carrillos* é um dos proloquios dos nossos vizinhos; e o vocabulo castelhano *carrillo* significa — «bochecha».

2. Pés de gallinha

Não andará corrompida esta locução? Não deverá ser — *pelles de gallinha?* Ás rugas na pelle, e especialmente às das palpebras inferiores abaixo do angulo externo dos olhos, chamam os hespanhoes — *pieles de gallina.*

3. Estar na berlinda

Este modismo provirá do vocabulo italiano *berlina* («picota»)?

4. Pescador de canna,
É mais a fome que a gana.

Corre estropeada esta phrase proverbial. Em hespanhol é: *Pescador de caña,* || *más come que gana* («ganha»), applicando-se

aos que, por não trabalharem, buscam exercicio de pouca canseira e pequena utilidade.

A. THOMAZ PIRES.

A rima infantil do «Castello de Xuxurumelo em 1729»

Thomás Pinto Brandão era um *clown* litterario, que em versos correctos [1], mas com espirito de inferior quilate, alegrava os nossos avós do seculo XVIII. Assim o seu fito, como elle proprio diz no trabalho de que vou fallar, constava do seguinte:

Ora, senhores Cegos, lá vay esta,
....
cantem tanto com ella
que até me chegue á bocca o eco della;
porque o Impressor, e eu tambem cantemos;
pois da impressão e o canto he que comemos.
Não haja mais Poetas,
do que os das Relações, e das gazetas;
disto se come? ah Christo
quem tivera mais cedo dado nisto!

Estes versos encontram-se num folheto que tem por titulo *Relação nova do fogo do Castello,* o qual pertence a uma collecção intitulada *Jornada Real,* onde tem a numeração de 53 a 63. A p. 53 é a do frontispicio, com sua gravura de madeira, tão grosseira como os versos. O folheto foi impresso em Lisboa, na Officina da Musica, em 1729.

Se o estro de Brandão é fraco, as referencias aos costumes e á cultura fradesca de Portugal são preciosas. Os commentarios e as interpretações dos passos interessantes demandam conhecimentos profundos d'aquelle tempo.

A leitura da relação mencionada offerece-nos uma referencia,

---

1 Innocencio, *Diccionario,* VII, 354.

creio que a mais antiga, á rima infantil do «castello de Xuxurumelo», a qual se encontra a p. 62, e é a seguinte:

Seja pois celebrado hoje em Lisboa
hum fogo duas vezes da Coroa,
que he grande Padre Mestre o feitor delle,
no qual teve mais ordens, que naquelle,
que era tambem Castello,
porem Castello foy Xuxurumello,
nome que lhe puzerão os rapazes,
que andárão nesse fogo pertinazes.

O fogo d'este Castello pertencia ao programma dos festejos celebrados por motivo dos consorcios dos principes reaes de Portugal e Hespanha com infantas das respectivas nacionalidades.

A troca dos futuras rainhas effectuou-se na fronteira dos dois reinos, junto do rio Caia, onde os dois monarchas se avistaram.

Vê-se, pois, pelos versos de Brandão, que os rapazes de Lisboa, impressionados pela grandeza do castello, lhe deram o nome de Xuxurumello, o que prova já a existencia da rima infantil e portanto a do respectivo jogo. A lenga-lenga hoje usada foi já recolhida e encontra-se transcrita, com a respectiva fonte, no vol. I, p. 322, do compendio do Sr. Theophilo Braga, *O Povo Portuguez*, 1885.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Ceivar os bois

Expressão que vem no *Thesouro da lingua portugueza* de Bento Pereira, onde a hauriu Moraes, que accrescenta: «soltá-los do jugo». Em gallego ha tambem *ceivar* «soltar» e *ceivo* «solto». O etymo não póde ser (e)mancipare, como quer Subak in *Zs. für rom. Philol.*, XXIX, 419, mas deve presuppor-se *caelibare, de caelebs «solteiro». Do participio *ceivado* saiu *ceivo:* cfr. *Rev. Lusitana*, IV, 133.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

1. **Die altportugiesischen Personennamen germanischen Ursprungs**, por Wilhelm Meyer-Lübke, Viena de Austria 1904, 102 paginas (Separata das *Actas das sessões* da Academia das Sciencias d'aquella cidade, vol. CXLIX).

2. Critica ao trabalho precedente, publicada por Th. R. von Grienberger na **Zeitschrift für deutsche Philologie**, vol. XXXVII, n.º 4, pp. 541-560.

Eis aqui dois trabalhos que de poucas pessoas serão conhecidos em Portugal, e que comtudo tem grande importancia para o estudo da nossa historia medievica. Julgo pois dever fallar d'elles nesta *Revista*, o que vou fazer em seguida.

1. No seu opusculo insiste o Sr. Meyer-Lübke na importancia do elemento germanico, isto é, visigotico, nos nomes portugueses medievaes de pessoas[1]. D'aqui a necessidade de o investigar. As suas fontes são os *Diplomata et Chartae* publicados no *Portugaliae Monumenta Historica*; os respectivos trechos vão do anno de 775 (ou melhor, 850) até o de 1100. Considerações sobre os *Livros de linhagem*, onde o elemento germanico recua pouco a pouco perante o christão; esses textos esclarecem o modo de formação dos patronymicos. Deixa de tratar dos nomes modernos de familia, porque isso é mais facil em Portugal que na Allemanha, e porque, no seu entender, pouca luz adviria d'ahi para a caracterização da parte germanica. O seu intuito não é fazer uma exposição da lingua visigotica, mas mostrar o que o português póde dar para o conhecimento d'ella. Referencia honrosa ao artigo do Sr. Pedro de Azevedo, *Nomes de pessoas e nomes de logares*, publicado nesta *Revista*, VI, 47 sgs. Critica do opusculo

---

[1] Como é sabido, a epoca germanica entre nós começa no sec. V. Sobrepõem-se aos Visigodos os Arabes no sec. VIII. A primeira reconquista do Norte e do Centro do nosso país começou em 739-757 (Affonso I das Asturias). Temos no sec. X-XI nova invasão arabica (Almançor), e consecutiva reconquista no sec. XI (D. Fernando I de Castella e Leão).

de Jungfer, do qual tambem se tratou na *Rev. Lusitana,* vii, 312-313. É difficil distinguir quaes os nomes que são communs aos outros ramos do germanico (e que podem por isso ser considerados primitivos), e quaes os que são especiaes ao gotico. Bibliographia que aproveitou.

Depois d'esta introducção, passa a occupar-se propriamente do onomastico. Divide o seu assunto em tres capitulos:

A) Primeiro membro dos nomes de radical duplo ou binario (i. é, de nomes compostos de dois), por ex., *adars* em *Atravarius, agr-* em *Agromirus, aldi-* em *Alderedus, ber* em *Berulfus, dags* em *Damirus, fraujis* em *Frojulfus, gavi* em *Goisenda, leuda* em *Loderigus, vilja* em *Vilifonsus,* etc.

B) Segundo membro d'esses mesmos nomes (ou de outros d'esse typo), por ex., *badus* em *Gundivadus, friþus* em *Gaudebredus, gunþi* em *Aldegundia, mêrs* em *Ranimirus, rêks* em *Argerigus, sinþs,* em *Tructesindus, wulfs* em *Astrulfus,* etc.

C) Nomes de um só radical (i. é, constituidos por um unico substantivo), — agrupados em tres secções:

I. Simples nomes, por ex., *Agio, Apa, Bretus, Fafo, Gonta, Ninna, Guidus,* etc.;

II. Nomes deminutivos em *-ila* (masc. *-ila,* fem. *-ilo,* fem. *-illi*) ou com outras vogaes, — como *Brandila, Teodiol, Astrilli, Egela;*

III. Nomes formados por suffixação, como *Bellengus, Minizus.*

Todas as fórmas citadas o estão alfabeticamente.

Por fim faz algumas considerações geraes sobre o vocalismo e o consonantismo, e sobre Visigodos e Suevos.

Defeito capital d'este livro, quanto á execução, é o não ter elle no fim indice alfabetico de todas as palavras citadas, o que, comquanto estas estejam, como disse, dispostas alfabeticamente nos respectivos capitulos, torna difficil e morosa a consulta.

Observações avulsas: P. 22. A proposito de *Danildus* = *Danildus,* nome de homem, tirado de Danus «Dinamarquês», lembrarei que o onomastico lusitanico-romano apresenta tambem varios nomes ethnicos tornados nomes de pessoas, como *Crovia* = Grovia, *Taporus, Vasconius, Vettonius:* vid. *Religiões da Lusitania,* ii, 74, nota 7, e *O Arch. Port.,* viii, 245. — Diz o A. a p. 25, que de se lerem nos nossos documentos do sec. x fórmas como *Freiseno* < Fraxinus, e *Ameixenéda,* do th. de damáscena, resulta que nesse tempo o -n- (intervocalico) se conservava ainda. Para estabelecer regras chronologicas como esta, é necessario usar de muita circumspecção, e examinar muitos documentos, pois que o -n- antes de se syncopar tornou-se resonancia nasal, e póde muitas vezes acontecer que onde o amanuense medieval escreveu *n* tenhamos propriamente aquella resonancia: assim, entre o lat. fraxinus e o port. mod. *freixo,* houve **fréixẽo;* entre **a-damasceneta* e o mod. nome topographico *Ameixeda,* houve **ameixẽeda* (cfr. o gallego actual *ameixenda* = *ameixẽda*). Parallela á historia

do -N- é a do -L-; se -L- latino nos apparece hoje syncopado em palavras portuguesas, como *soer*, < solere, *só*, < *soo*, < solu-, deve ter havido uma epoca em que esse som tinha o valor de ł (i. é, *l* gutturalizado, como o que se ouve no fim de syllaba, por ex., em *caldo* e *cal*); a queda do -L- não se fez subitamente, como bruscamente não se fez a do -N-: á resonancia nasal corresponde ł, i. é, a *lũa*, que fica entre luna e *lua*, corresponde **muła*, que fica entre mula e *mua*[1].

O trabalho do Sr. Meyer-Lübke, apesar da critica do Sr. von Grienberger, e de muitas das categorias nelle estabelecidas o estarem já no importante artigo do Sr. Pedro de Azevedo, citado a cima, lança luz no nosso onomastico, e servirá de séria base a estudos ulteriores.

2. Depois de algumas considerações sobre o valor linguistico dos nossos documentos, e de dar ideia do modo como o Sr. Meyer-Lübke coordenou o seu trabalho, cujo valor grammatical reconhece, mas a que faz vários reparos de caracter geral (latinização violenta de certos nomes, fórmas incorrectas, erros de numenação, etc.), começa o Sr. von Grienberger a discutir, quasi uma por uma, as categorias etymologicas estabelecidas pelo Sr. Meyer-Lübke, e a cada passo propõe novas explicações, ou melhora as já propostas. Comprehende-se o alcance de tudo isto, por ser germanista o Sr. von Grienberger, e haver feito dos nossos documentos estudo profundo.

A esta critica segue-se uma valiosa serie de considerações philologicas, que constituem como que uma grammatica do nosso onomastico medieval:

A) ORTHOGRAPHIA E PHONETICA, com quatro paragraphos;

B) DECLINAÇÃO, com treze paragraphos, ainda ás vezes subdivididos;

C) FÓRMAS PATRONYMICAS, em seis paragraphos;

D) ACCENTUAÇÃO.

No fim do cap. *C* procura o auctor resolver o problema dos patronymicos em -*z*: diz elle que o systema gotico **Liudareiks*[2] *sunus*[3] *Liudareikis*[4] se entrevê em *Leoderigus prolix*[5] *Leoderiquiz*, onde -*iz* soava -*is*, e que o -*i* da graphia -*izi*, que se encontra em muitos documentos, é mera vogal de apoio, ou tentativa para dar ao respectivo nome a fórma de um nominativo romanico em -*i*, baseado no accusativo -*em*. Objectarei que o *s* do

---

[1] O parallelismo de N e L, quanto ao tratamento phonetico que tiveram, manifesta-se em muitos outros casos: -NIA > -*nha*, como -LIA > -*lha*; -ANE > -*ã* (arc.), como -ALE > -*al*; -NN- > -*n*-, como -LL- > -*l*.

[2] Nominativo.

[3] Significa «filho». Corresponde-lhe o all. *Sohn*, e o ingl. *son*.

[4] Genetivo.

[5] Por *prolis*.

genetivo visigotico *-is* não podia estar representado no nosso suffixo patronymico *-iz*, porque *s* visigotico deu *s* (sonoro ou surdo), não *z* (ou *ç*), como se vê em *Ermesinde* e *Silvalde;* na phonetica portuguesa da idade-média havia perfeita distincção entre *s* (sonoro ou surdo) e *z* (ou *ç*). A ordem chronologica das fórmas do suffixo foi esta: -ICI, *-izi*, *-iz*, *-ez*, *-es*. A respeito de -ICI vid. J. Cornu in *Grundriss der roman. Philologie*, I, 2.ª ed., «Die portug. Sprache», § 222, e A. Carnoy, *Le latin d'Espagne* [et de Portugal], III, 20 sgs. A fórma *-iz* encontra-se até o sec. XIII, onde já começa *-ez*; de *-izi* ha ainda exemplos no mesmo seculo; *-ez* é corrente nos secc. XIV–XVI; depois apparece *-es*, em vista da alteração que se deu no Sul do reino na pronuncia do *-z* (*-ç*). Não me parece que *-i* pudesse ser vogal de apoio, porque na nossa phonetica mais antiga o som *-i* era muito nitido nos nomes d'esta natureza, e devia pois provir de *i* anterior; só de certa epoca em deante *-i* enfraquece em *-e*: cfr. hoje *Chorente* e *Chorence* [1], ant. *Chorenti* e *Chorenci* [2].

A estas notas poderia eu juntar ainda uma ou outra, de somenos importancia: P. 546 (dissimilação de *o–o* em *e–o*), *previsores* não me parece comparavel a *redondo*, porque naquella palavra talvez houveesse troca de suffixos (*pre-* por *pro-*); melhor seria citar *redor* e *fermoso*. — P. 551, em *Truitero* não creio que haja simplificação phonetica de *-eiro* em *-ero*, porque esse phenomeno não se dava ainda em português no sec. X. — P. 552, em *Leobele* por *-a*, diz o A. que teremos um exemplo da pronuncia portuguesa de *-a* por *-e*; mas tal phenomeno não se dá normalmente na nossa phonetica (só em condições especiaes).

Não me cansarei de recommendar aos estudiosos a leitura e meditação do artigo do Sr. von Grienberger, pois que, além das finas observações que contém, é, com relação ao opusculo do Sr. Meyer-Lübke, complemento não só notavel, mas indispensavel.

II

PERIODICOS

Zeitschrift für romanische Philologie. vol. XXVIII, Halle, Max Niemeyer, 1904.

Pag. 351: Zimmermann, origem dos suffixos romanicos *-attu(s)*, *-ottu(s)*, *-itta*.

Pag. 435: Schuchardt, sobre o lat. *h(epar)* em romanço.

---

1 Escrito erradamente *Chorense;* as fórmas antigas tem *c*.

2 Estas duas palavras parece virem ambas do lat. Florenti = Florentii, genet. de Florentius: uma d'ellas reflectirá a pronuncia *-ti*, outra a pronuncia *ci* (de -tius, -tii). As fórmas CHORENTI e CHORENCI vem nos *Port. Mon. Hist.*, Inquirições (vid. os respectivos indices). Se é verdadeira a minha explicação, o sentimento do latim estava ainda no amanuense medieval que escreveu FLORENTI, com *Fl-*, nas *Inquisitiones*, p. 421 — Cfr. gallego *Chorente*.

Pag. 385: D. Carolina Michaëlis, continuação das *Randglossen* ou «Cotas» ao Cancioneiro português medieval.

Pag. 97: Zimmermann, sobre os participios em *-utus*.

Pag. 192: Schuchardt, etymologia do hesp. *madroño*, e portanto do port. *medronho*, que, segundo o A., poderiam vir de *arbitroneus, deriv. de arbŭtum, explicação engenhosa, mas que não convencerá a todos[1].

Pag. 357: Subak, addições ao *Diccionario* de Körting.

Pag. 602: Meyer-Lübke, etymologia do port. *colaga* (archivado na *Rev. Lusitana*, I, 209); segundo o A., o etymo é *cloaca*, por intermedio de **colacla*, **colaca:* mas estas fórmas não podiam dar *colaga* em português, e deve admittir-se que a palavra, a ter esse etymo, veio do mirandês ou do leonês, onde -L- se mantem.

Pag. 121: artigo de W. von Vurzbach a respeito de *La leyenda del abad Don Juan de Montemayor*, de Menéndez Pidal.

Pag. 200: artigo de D. Carolina Michaëlis a respeito do *Cancioneiro Gallego-Castelhano*, de H. Lang. Muitas observações importantes, nas quaes o leitor português especialmente interessará.

Vol. XXIX (1905):

Pag. 418: Subak, novas addições ao *Diccionario* de Körting.

Pag. 513: Horning, lat. ambitus em romanço. No cap. III figura em especial o português com varios vocabulos (*andar*, *andadeiro*, etc.). Outros nomes em que o suff. *-aço* está junto a themas verbaes são, alem dos que cita Horning, *inchaço, andaço* e *cansaço*. — A proposito da figura do *landier* ou *Feuerbock*, representada a pag. 527, notarei que no Alemtejo se usam uns «cães de chaminé» com fórma animal, como póde ver-se nos exemplares existentes no Museu Ethnologico Português.

Pag. 607: D. Carolina Michaëlis, etymo do port. *inçar*, que estará em *indiciare, derivado de indicium. A pag. 614–615 refuta, com grande desenvolvimento, um etymo que ha 20 annos, no começo dos meus estudos philologicos, eu tinha dado de *endez*, e substitue-o por (ovum) indícii, substituição muito digna de apreço. — Observações varias: *ousão*, p. 613, n. 1, na expressão *boi ousão*, deve ser substantivo verbal de *ousar*, e não augmentativo

---

[1] O lat. arbŭtus — arbŭtum, i. é arbĭtu-, está ricamente representado em português: *èrvado* «medronheiro», a par de *ervideu* (*irv-*) e *ervideiro*, em Trás-os-Montes; *Ervideira*, *Ervideiras*, *Ervideiro, Ervededo, Ervedal, Ervedosa*, *Ervedoso*, *Ervedinho*, no onomastico, sobretudo das provincias do Norte e Centro do reino. Com *er-*, talvez por influencia da syllaba inicial de *(h)erva*. Cfr. tambem *Ervidel?* O onomastico gallego tem *Ervededo, Ervedeiro, Ervedello*. — Quanto a *medronho*, o onomastico do Sul tem: *Medronhaes*, *Medronhal, Medronheira*, *Medronheirinha*, *Medronheira;* no do Centro e Norte não o encontro representado, posto que ahi se conheça na lingua commum a palavra *medronho* e seus derivados (fórmas pop.: *madronho, modrenheiro* < *modronheiro, *madronheira*); na *Aulegrafia* de J. Ferreira (sec. XVI) fl. 95 *v*, *medronho* é a arvore, não o fruto, como o hesp. *madroño*, uuma das suas significações.

de *ouso* (ausus); em *maré inçante*, pp. 613–614, a fórma *inçante* não resulta de influencia de *inchar*, mas assentará em *inçar*, fórma popular de *içar*, por ex.: «*inçar* as velas do navio» [1]; o gallego *andego*, p. 615, não está bem accentuado, pois se diz *andégo*, e não *ándego*, pelo menos em Orense; o gallego *andexo*, ibid., não póde vir de indic'lum, pois -cl- daria *lh*. Outras palavras populares, synonymas de *endez*, que posso juntar ás que se citam neste valioso artigo, são: *èndre* (Fozcôa), *nieiro* (mirand.), *nialeiro* (id.).

Pag. 683: D. Carolina Michaëlis, continuação das *Randglossen*.

Pag. 337. A proposito de *chorar o coração*, num artigo de Schultz-Gorra, citarei a seguinte canção popular portuguesa do Baixo-Douro:

Tanto chorei ont' á noite,
E amolentei o sobrado:
Coração que tanto chora
Deve de estar magoado.

Nella, porém, *coração* está em parte por «amante», o que melhor se vê d'esta:

Coração, arriba, arriba,
Não queiras estar doente:
Põe-t'á janella p'ra veres
Teu amor, que está doente.

Da intima connexão entre o coração e as lagrimas fala esta bella cantiga:

O coração e os olhos
São dois amantes leaes:
Quando o coração tem penas
Logo os olhos são sinaes...

e foi d'ahi que se originou a metaphora. No *Cancioneiro Gallego-Castelhano*, de Lang, I, 3, lê-se tambem: *e con gran mazela chora o meu coraçon*. Na *Rev. Lusitana*, VIII, 301, publicou-se uma cantiga, ouvida pelo Dr. Antonio de Pinho no Norte, na qual se diz: *o coração a chorar*, e nella, como na do cit. *Cancioneiro*, é realmente o coração, e não o amante.

Pag. 218: Schuchardt, addição ao artigo sobre *madroño* e *medronho* (vid. supra).

Pag. 225: Schuchardt, nota a *colaga* (vid. supra).

Pag. 226: Schuchardt, *Ibero-romanico*. Allude a varios nomes antigos, como *Indibilis*, *Andobales*, *Endovellicus*, *Indercillus*, que compara com *Inderca* e *Andergus*. Ha realmente muitas palavras que começam por *and-*, *end-*, *ind-*, mas não basta só comparar entre si um elemento, é necessario explicar os outros. De *Endovellicus* tratei na *Rev. Lusitana*, VI, 231 sgs. Sobre *Andergus* vid. um artigo de Ad. Coelho na *Rev. Archeologica*, III, n.º 1-4, e cfr. *Rev. Lusitana*, II, 90.

Pag. 254, 379 e 500: H. Lang, artigos a respeito da *Rev. Lusitana*.

J. L. DE V.

[1] Temos pois duas palavras com a fórma *inçar*, independentes uma da outra: 1) *inçar*, de que a Sr.ª D. Carolina Michaëlis trata, e que significa «povoar de», etc.; 2) *inçar*, por *içar*, com a syllaba inicial nasalada.

INDICE DO VOLUME IX

Necrologia:

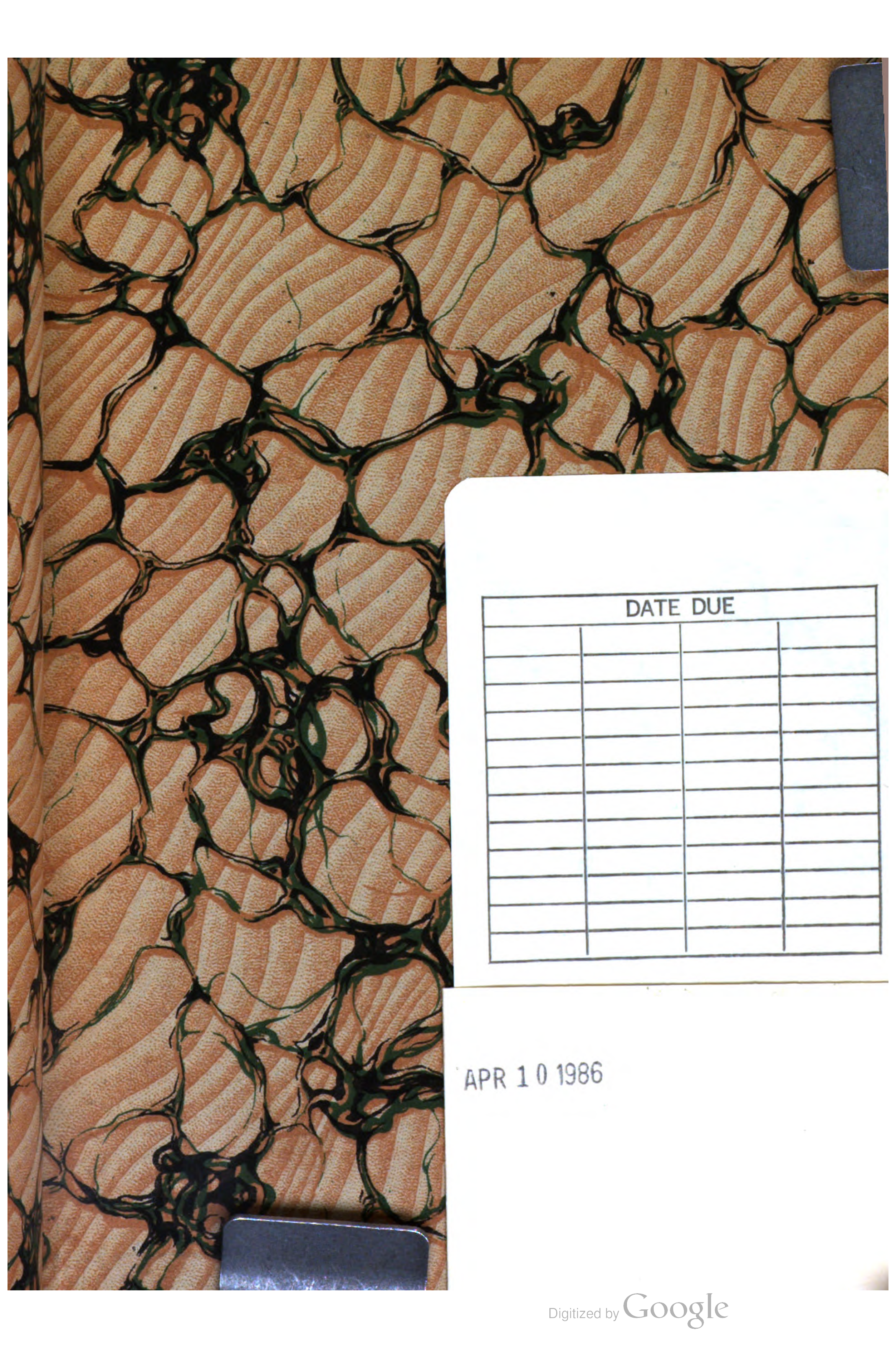
Bibliographia:

I. Livros:

II. Periodicos:

III. Varia quaedam:




DATE DUE
APR 10 1986

